Coleção Fortuna Crítica
vol.3

JMM

Fortuna Crítica de José Marques de Melo

Comunicação, Universidade e Sociedade

Clarissa Josgrilberg Pereira
Iury Parente Aragão
Osvando J. de Morais
Sônia Jaconi
(Orgs.)

INTERCOM
SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO

Fortuna Crítica de José Marques de Melo

Comunicação, Universidade e Sociedade

Coleção Fortuna Critica da INTERCOM
Consultoria: Adolpho Queiroz, Marialva Barbosa, Rosa Maria Dalla Costa
Coordenadores: Aline Strelow, Iury Parente Aragão, Osvando J. de Morais, Sônia Jaconi e Tyciane C. Vaz

Vol. 1 – *Fortuna Crítica de José Marques de Melo – Jornalismo e Midiologia*
Iury Parente Aragão, Osvando J. de Morais, Sônia Jaconi, org. (2013)

Vol. 2 – Fortuna Crítica de José Marques de Melo –
Iury Parente Aragão, Sônia Jaconi, Osvando J. de Morais, org. (2013)

Vol. 3 – Fortuna Crítica de José Marques de Melo –
Clarissa Josgrilberg Pereira, Iury Parente Aragão, Osvando J. de Morais,
Sônia Jaconi, org. (2013)

DIRETORIA GERAL DA INTERCOM 2011 – 2014

Presidente - Antonio Carlos Hohlfeldt
Vice - Presidente - Marialva Carlos Barbosa
Diretor Editorial - Osvando J. de Morais
Diretor Financeiro - Fernando Ferreira de Almeida
Diretor Administrativo - José Carlos Marques
Diretora de Relações Internacionais -Sonia Virginia Moreira
Diretora Cultural - Rosa Maria Cardoso Dalla Costa
Diretora de Documentação - Nélia Rodrigues Del Bianco
Diretor de Projetos - Adolpho Carlos Françoso Queiroz
Diretora Científica - Raquel Paiva de Araújo Soares

Secretaria
Maria do Carmo Silva Barbosa
Genio Nascimento
Jovina Fonseca

Direção Editorial: Osvando J. de Morais (Intercom)
Presidência: Muniz Sodré (UFRJ)

Conselho Editorial - Intercom

Alex Primo (UFRGS)
Alexandre Barbalho (UFCE)
Ana Sílvia Davi Lopes Médola (UNESP)
Christa Berger (UNISINOS)
Cicília M. Krohling Peruzzo (UMESP)
Erick Felinto (UERJ)
Etienne Samain (UNICAMP)
Giovandro Ferreira (UFBA)
José Manuel Rebelo (ISCTE, Portugal)
Jeronimo C. S. Braga (PUC-RS)
José Marques de Melo (UMESP)
Juremir Machado da Silva (PUCRS)
Luciano Arcella (Universidade d'Aquila, Itália)
Luiz C. Martino (UnB)
Marcio Guerra (UFJF)
Margarida M. Krohling Kunsch (USP)
Maria Teresa Quiroz (Universidade de Lima/Felafacs)
Marialva Barbosa (UFF)
Mohammed Elhajii (UFRJ)
Muniz Sodré (UFRJ)
Nélia R. Del Bianco (UnB)
Norval Baitelo (PUC-SP)
Olgária Chain Féres Matos (UNIFESP)
Osvando J. de Morais (Intercom)
Paulo B. C. Schettino (UFRN/ASL)
Pedro Russi Duarte (UnB)
Sandra Reimão (USP)
Sérgio Augusto Soares Mattos (UFRB)

Fortuna Crítica de José Marques de Melo

Comunicação, Universidade e Sociedade

Vol. 3 – Coleção Fortuna Crítica

Clarissa Josgrilberg Pereira
Iury Parente Aragão
Osvando J. de Morais
Sônia Jaconi
(Orgs.)

São Paulo
Intercom
2013

Coleção Fortuna Crítica Vol. 3 – José Marques de Melo -
Comunicação, Universidade e Sociedade

Copyright © 2013 dos autores dos textos, cedidos para esta edição à Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – INTERCOM

Direção
Osvando J. de Morais

Projeto Gráfico e Diagramação
Mariana Real e Marina Real

Capa
Mariana Real e Marina Real

Revisão
Clarissa Josgrilberg Pereira
Iury Parente Aragão
Sônia Jaconi

Ficha Catalográfica

Fortuna Crítica de José Marques de Melo – Comunicação, Universidade e Sociedade / Organizadores, Clarissa Josgrilberg Pereira, Iury Parente Aragão, Osvando J. de Morais, Sônia Jaconi. – São Paulo: INTERCOM, 2013.
Coleção Fortuna Crítica; vol. 3
626 p. ; 23 cm

ISBN: 978-85-8208-055-9
Inclui bibliografias.

1. Comunicação. 2. Comunidade. 3. José Marques de Melo. 4. Obras de José Marques de Melo. 5. Cultura. 6. História da Comunicação. 7. Crítica. 8. Biobibliografia. I. Pereira, Clarissa Josgrilberg, Aragão, Iury Parente, Morais, Osvando J., Jaconi, Sônia. II. Título.

CDD-079.09
CDD-302.23

Todos os direitos desta edição reservados à:
Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – INTERCOM
Rua Joaquim Antunes, 705 – Pinheiros
CEP: 05415 - 012 - São Paulo - SP - Brasil - Tel: (11) 2574 - 8477 /
3596 - 4747 / 3384 - 0303 / 3596 - 9494
http://www.intercom.org.br – E-mail: intercom@usp.br

Sumário

Introdução – Encontros e Diálogos 13
Clarissa Josgrilberg Pereira
Iury Parente Aragão
Osvando J. de Morais
Sônia Jaconi

Seção I – Disseminação científica

1.1 Iniciação científica em Jornalismo: o trabalho pioneiro 17
Fátima Feliciano

2.1 Ideologia e poder no ensino de Comunicação 25
Adriana C. Omena Santos
Mirna Tonus

3.1 Retratos de jornalistas: da convicção à ação 33
Alexandra Fante Nishiyama

4.1 O intervalo radical 45
Francisco Rüdiger

5.1 Impasses e desafios mais atuais do que nunca 53
Nair Prata

6.1 Cal e canto: O papel da comunicação para a integração Ibero-Americana 61
Ruth Penha Alves Vianna

7.1 Comunicação Mundo: Semelhanças e Diferenças na Midiologia 75
Betania Maciel

8.1 Propaganda e Sociedade: uma relação em construção 83
Maria Helena Almeida de Oliveira

9.1 Comunicação brasileira no contexto da América Latina 95
Ofelia Elisa Torres Morales

10.1 O pensamento comunicacional brasileiro no contexto da comunidade científica internacional 105
Monica Martinez

11.1 Diálogos entre teoria e prática da Divulgação Científica 115
Danielle Tavares Teixeira

12.1 Incentivo aos novos pesquisadores e preocupação com o resgate histórico 125
Doris Fagundes Haussen

13.1 Comunicação e América Latina: o protagonismo das instituições pioneiras 129
Sônia R. Schena Bertol

14.1 A Comunicação pela perspectiva do Centro-Oeste Brasileiro 137
Simone Antoniaci Tuzzo

15.1 Educomunicação: abordagem dos estudos de Mário Kaplún 145
Milena de Jesus Cardinal

16.1 Referência teórica na prática diária da generosidade 153
Felipe Pena

17.1 Mídia & Educação: espaços de cidadania 157
Helena Corazza

18.1 Do Sertão para o Mundo ao Mundo no Sertão 167
Rodrigo Gabrioti

19.1 Sobre liberdade, segurança, fragmentos e pluralidade 175
Marcos Paulo da Silva

20.1 Uma (re)visitada ao legado Beltraniano 185
Lawrenberg Advíncula da Silva

21.1 Uma obra de fôlego para a Disciplina Folkcomunicação 199
Guilherme Moreira Fernandes
Júnia Martins

22.1 Percepções acerca do livro Pensar e Comunicar a América Latina..... 211
Ricardo José Oliveira Ferro

Seção II - Gestão acadêmica

1.2 Para além das Formas e Conteúdos: a percepção do Jornalismo na análise de um estudioso pioneiro..... 221
Ana Carolina Rocha Pessôa Temer

2.2 Pioneirismo no jornalismo laboratorial..... 231
Clarissa Josgrilberg Pereira

3.2 Alicerçando o Jornalismo para edificar a Comunicação 239
Eduardo Meditsch

4.2 Desafio na década 'perdida': reconstruir – ECA-USP (1989) 249
Maria Cristina Gobbi

5.2 Ensino e mercado: uma união possível na formação jornalística 257
Mirella Arruda Pessoa

6.2 Freitas Nobre: o homem dos sete instrumentos 267
Paulo da Rocha Dias

7.2 Caminhos cruzados: ECA-USP e Marques de Melo..... 275
Maria Cristina Gobbi

8.2 Nuvens em remoto mês de agosto 283
Victor Aquino

Seção III - Organização didática

1.3 Perspectivas teórico-metodológicas dos estudos em jornalismo nos anos de 1960/70 295
Janete de Páscoa Rodrigues

2.3 E o que vai ficar na fotografia? 303
Ariadne Bianchi

3.3 A leitura de um povo, de um tempo 311
Kleber Mazziero de Souza

4.3 A Igreja rumo à vida, e vida com comunicação 319
José de Sá

5.3 O papel social do jornalismo na democracia contemporânea 329
Tyciane Cronemberger Viana Vaz

6.3 Um mestre, perguntas inquietantes, uma obra nascida em sala de aula 339
Maria Ataide Malcher
Fernanda Chocron Miranda
Suzana Cunha Lopes

7.3 A integração das pesquisas em Comunicação na América Latina 349
Alfredo Dias D'Almeida

8.3 Uma Comunicação para todos: revisitando o MERCOSUL dos anos 90 359
Maria Amélia Miranda Pirolo

9.3 Desafios do diálogo panamericano 367
Maria Alice Campagnoli Otre

10.3 Estratégias de escolha: a primeira pós-graduação em Comunicação Social de Mato Grosso do Sul 377
Cristina Ramos
Oswaldo Ribeiro

11.3 Entusiasta e guerreiro da construção do pensamento comunicacional brasileiro 387
Ariane Pereira

12.3 Vanguarda no Pensamento Comunicacional..... 395
Andréa Cristiana Santos

13.3 Beltrán e a democracia através da comunicação..... 403
Lana Cristina Nascimento Santos

14.3 O cenário paulista das pesquisas em comunicação no ano de 2004..... 407
Marcos Corrêa

15.3 Para construir uma Sociedade da Informação menos mercantilizada e mais cidadã..... 415
Virgínia Salomão

16.3 Pensamento comunicacional latino-americano na sociedade do conhecimento..... 423
Marília Saveri

17.3 Produções multiplicadas, saberes compartilhados..... 431
Luiz Alberto de Farias

18.3 Comunicação e Educação: o diálogo das gentes..... 437
Maria Tereza Mazziero de Souza

19.3 Camarões e lulas gigantes..... 447
Daniel Castro

20.3 Farol beltraniano para o ensino do jornalismo no Brasil..... 457
Francisco Rolfsen Belda

Seção IV – Supervisão Editorial

1.4 A diversão como gênero jornalístico..... 469
Francisco de Assis

2.4 Jornalismo no início da década de 70: reflexões pela renovação do ensino e da pesquisa acadêmica..... 485
Patricia Bieging

3.4 O Jornalismo de hoje, é o jornalismo de ontem adaptado..... 495
Tatiane E. M. de Carvalho

4.4 Cátedra UNESCO e a defesa das identidades culturais 501
Luís Erlin Gomes Gordo

5.4 A mídia em debate pelo Brasil afora 511
Eduardo Amaral Gurgel

6.4 Mídia regional na era da globalização 523
Tancy Costa Mavignier

7.4 Para entender a nossa sociedade digital 529
Francisco Machado Filho

8.4 O fim da mordaça, da síndrome que a nutriu e do raio que as parta para sempre 537
José Amaral Argolo

9.4 Um triênio catalisador na história da INTERCOM 551
José Carlos Marques

10.4 Televisão, história e sociedade em perspectiva científica 559
Roberto Gondo Macedo

11.4 O cenário da comunicação e das telecomunicações no Brasil 567
Priscila Kalinke da Silva

12.4 Por que estudar os gêneros jornalísticos? 577
Janine Marques Passini Lucht

13.4 O campo comunicacional brasileiro em rede 589
Juliano Ferreira do Carmo

14.4 Panorama comunicacional do Brasil e do Cone Sul 597
André Luiz Vasconcelos

Encontros e Diálogos

Clarissa Josgrilberg Pereira
Iury Parente Aragão
Osvando J. de Morais
Sônia Jaconi

INTRODUÇÃO

O volume III da coleção Fortuna Crítica de José Marques de Melo reúne textos críticos sobre a obra desse intelectual contemporâneo que pensa nas diversas interfaces da comunicação social. O discurso de Marques de Melo sempre foi o de motivar e promover o diálogo e a interação entre os diferentes grupos que formam uma sociedade. Estas são as características marcantes do perfil profissional do mestre José Marques de Melo: integrador e facilitador.

Marques de Melo conseguiu, nestes 50 anos de trabalho no campo da Comunicação, viabilizar o encontro e o diálogo entre sujeitos de comunidades díspares e singulares, sempre praticando não somente as ações do 'aprender a aprender' como também aquelas do 'aprender a fazer'.

O número de profissionais, estudantes e pesquisadores formados pelo Mestre Melo atuantes em diversas posições na área da comunicação social no Brasil e em outros países, permitiu a configuração de uma rede social que facilita os colóquios e o desenvolvimento dos estudos sobre a prática, o ensino e a teoria da Comunicação.

A comprovação desses encontros e diálogos fomentados pelo professor Marques pode ser vista nos volumes dessa coleção. Nos volumes I e II, encontra-se a crítica sobre a produção intelectual do pensador Marques de Meloas em áreas de jornalismo, da pedagogia da comunicação, da Midiologia, da

teoria da comunicação e de folkcomunicação. Esses textos críticos expõem, além da relevância da obra para o desenvolvimento do campo, o pensamento de Marques de Melo sobre a trajetória e o modo de fazer comunicação social no Brasil, e ao mesmo tempo exibem o seu perfil de empreendedor.

Agora, este volume III dá continuidade a esse trabalho de leitura crítica.

O livro está dividido em quatro seções temáticas. Assim, os textos que as formam trazem depoimentos e críticas das obras de Marques de Melo, ora assinadas como organizador ora como autor, que examinam e debatem as faces e interfaces da Comunicação, da Universidade e da Sociedade.

A primeira seção, "Disseminação científica", é composta por 21 textos que comentam a propagação da ciência comunicacional por meio das obras de Marques de Melo.

Na seção seguinte, "Gestão acadêmica" agrupam-se oito textos analíticos sobre as obras que revelam, de alguma forma, as experiências e o pensamento do autor Marques de Melo sobre o universo das instituições de ensino de comunicação do país, dos seus momentos, e da formação que oferecem à sociedade.

A terceira parte do livro traz a análise das obras que têm em seus perfis a formação e a organização didática dos cursos de comunicação e, mais uma vez, as experiências compartilhadas do autor, vividas nas salas de aula em universidades públicas e privadas do país. A resenha do livro "Curso de Jornalismo Comparado" mostra que esse livro é uma coletânea "composta a partir de obras de autores nacionais e internacionais com estudos na área de jornalismo, publicados entre os anos de 1952 e 1969" (RODRIGUES, 2013). Esses textos foram escritos a partir dos debates realizados em salas de aulas do professor Marques, quando professor da ECA/USP, da disciplina que deu título ao livro.

A última seção, "Supervisão Editorial", é formada por 14 textos. São resenhas críticas de obras do autor ou por ele organizadas que destacam a relevância do estudo dos gêneros jornalísticos, os debates sobre a prática do jornalismo em diferentes décadas, as inovações tecnológicas e a realidade das redes sociais, os feitos e efeitos da globalização no campo comunicacional. Além desses, há os textos que examinam os livros que têm como tema central o papel de instituições, como a Cátedra UNESCO de Comunicação e a INTERCOM, no que se refere à pesquisa, a divulgação e ao fortalecimento da comunicação social no Brasil e no exterior, ou cenário da comunicação e das telecomunicações em nosso país, escritos ou organizados por José Marques de Melo.

No total, a obra 'Fortuna Crítica de José Marques de Melo – Comunicação, Universidade e Sociedade' é apresentada ao público com 63 textos que analisam e comentam a produção intelectual do professor Marques de Melo ou daqueles que lhe deram devolutivas de seus ensinamentos teóricos ou práticos.

SEÇÃO I

DISSEMINAÇÃO CIENTÍFICA

Iniciação científica em Jornalismo: o trabalho pioneiro

Fátima Feliciano[1]

1.1 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José. **A crônica policial na imprensa do Recife.** Recife: ICINFORM, 1965.[2]

Em 1963, em Recife, Pernambuco, foi criado o primeiro centro de estudos teóricos em Comunicação e Informação de que se tem notícia no Brasil, o Instituto de Ciências da Informação (ICINFORM). Tratava-se de iniciativa pioneira de Luiz Beltrão de Andrade Lima, inspirada pelas ideias restauradoras e modernizantes do pós-guerra, geradas pela ONU e pela UNESCO.

O ICINFORM foi idealizado, basicamente, nos moldes dos cinco centros que a UNESCO implantara em todos os continentes, mas era intrinsecamente moldado pelo Centro Internacional de Estudos Superiores em Periodismo para a América Latina (CIESPAL), fundado em Quito, no Equador, em dezembro de 1959.

Beltrão, que se torna jornalista em 1936, tinha fixação pelo científico e após curso no centro equatoriano, em 1962,

1. Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo.

2. Separata da revista Comunicações & Problemas. v. 1. n 2. Recife: Instituto de Ciências da Informação, 1965, 12 p.

como professor-visitante da disciplina "*Metodos de la enseñanza de la tecnica del periodismo*" (mais tarde editada como livro), volta entusiasmado para Pernambuco, onde implanta, junto com alunos e professores, a semente que germinaria, a partir de então, como o início de toda a produção científica sistemática em Comunicação no País (FELICIANO, 1993).

Fundado em Quito, Equador, em 1959, mediante convênio assinado entre a UNESCO e o Governo do Equador, o CIESPAL (Centro Internacional de Estudiosos Superiores de Periodismo para a América Latina), dirigido por Jorge Fernandez, teve suas atividades iniciadas em 1960, com a realização do I Curso Internacional de Aperfeiçoamento em Ciências na Informação Coletiva. Tinha por objetivo formar pessoal docente, organizar estágios de aperfeiçoamento para os professores de jornalismo e para os jornalistas profissionais, bem como realizar estudo sobre os métodos de ensino e as técnicas de comunicação. Em 1962 o Professor Gonzalo Córdoba realizou uma série de visitas aos cursos de jornalismo, em diferentes cidades da América Latina, para conhecer de perto a realidade e as propostas de funcionamento das instituições. O trabalho desenvolvido por Luiz Beltrão empolgou o professor Córdoba, e da visita à Universidade Católica de Pernambuco resultou o convite para que ele ministrasse um dos módulos do 4º Curso Internacional de Aperfeiçoamento em Ciências da Informação.

Antes de concluir a implantação da sua proposta no Recife, Luiz Beltrão ministrou, em 1963, a disciplina *"Metodos de la enseñanza de la tecnica del periodismo",* tendo a direção do CIESPAL providenciado a imediata edição em livro das aulas proferidas. Além de projeção internacional, na área do ensino do jornalismo, o contato com o CIESPAL viabilizou a indicação de alunos bolsistas para os cursos seguintes, abrindo a perspectiva para a formação de pesquisadores. Luiz Beltrão indicou não apenas professores do curso da Universidade Católica, como também de outros estados, de cujos projetos acadêmicos ele havia participado. Dessa forma, contribuiu para que a proposta do CIESPAL fosse mais rapidamente absorvida pelos cursos de jornalismo, especialmente os do Nordeste (MARANINI, 1999).

Nesta empreitada, Beltrão tinha basicamente como apoio científico os professores e alunos do curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), dentre os quais nomes que mais tarde entrariam para história como pioneiros dos estudos da Informação e Comunicação, tais como José Marques de Melo, Gaudêncio Torquato, Roberto Benjamin, Tereza Lúcia Halliday, entre outros.

Passado o esforço concentrado da implantação do ICINFORM, surge a ideia da criação de um periódico com características similares a "*Communication Quarterly, Journalism Quarterly"* e publicações congêneres ligadas aos centros de estudos informacionais e comunicacionais da UNESCO no mundo. Em

1965, nasce a revista "Comunicações & Problemas", a primeira revista científica em Comunicação e Informação do Brasil e que foi, recentemente, tema de tese de doutoramento na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), realizada pela professora Rosa Nava, sob orientação do professor José Marques de Melo, de cuja banca examinadora tive a honra de participar.

Como Nava nos mostra em sua tese, a revista Comunicações & Problemas, do Instituto de Ciências da Informação da UNICAP, em sua primeira edição (março de 1965), publicaria vários textos científicos de envergadura, dentre eles "Imprensa e opinião", de Luiz Delgado, e "O ex-voto como veículo jornalístico", iniciando, com Beltrão, a pioneira linha de estudos folkcomunicacionais no País (NAVA, 2002).

Outros textos da mesma edição são: Liberdade da imprensa e o leitor livre, de Rod W. Horton, e, sintomaticamente, um Depoimento sobre o CIESPAL, de Sanelva de Vasconcelos e Zita de Andrade Lima (esposa de Beltrão).

Na seção Problemas da Região, enfocava a Produção de farinha de trigo e a conjuntura açucareira, temas que certamente entusiasmariam e inspirariam Thomaz Farkas e a sua famosa Caravana Farkas de Cinema.

O segundo número da revista, edição de julho de 1965, traria como destaques: "Jornalismo Político", de Nilo Pereira, "Subsídios para a história do rádio em Pernambuco", de Humberto Sodré Pinto, "Carta sobre o ex-voto", de Luís da Câmara Cascudo, além de "A crônica policial na imprensa do Recife", pesquisa do ICINFORM, sob a supervisão de José Marques de Melo, realizada por alunos do curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco, tratando-se, desta forma, do primeiro estudo de Iniciação Científica em Comunicação realizado no país, há exatos 40 anos, em 1963, mas somente publicada em 1965.

Os estudos científicos em Jornalismo no mundo e no Brasil

Com o final da Segunda Guerra Mundial, é criada a UNESCO e esta estabelece políticas informacionais e comunicacionais que balizariam, a partir daquele momento, não somente o comportamento dos cinco centros de estudos por ela criados no mundo, como, mais amplamente, os termos em que seriam levadas as pesquisas nas áreas, a partir de então. O que significa dizer que pretendia levar para os estudos de Comunicação e Informação (e os estudos de Jornalismo, particularmente) um caráter científico (FELICIANO, 1987).

Desta forma, a UNESCO contratou especialistas para dimensionar o panorama mundial da informação, tanto naquele primeiro período, quanto nas décadas subsequentes. Naquele momento, um dos primeiros a ser convidado é Jacques Kayser, que realiza uma pesquisa pioneira: "*Une semaine dans le Monde*"

(Uma semana no [jornal] Le Monde). Seguem-no: WilburSchramm, com *"One day in the world press"* (Um dia na imprensa do mundo), Wayne Wolf, com "*Image of the United States in the latin american press*" (A imagem dos Estados Unidos na imprensa latino americana), Paul Deutschmann, com "*News-Page content of twelve metropolitan dailes"* (Conteúdo editorial de doze diários metropolitanos), James Markham, com "*A comparative analysis of foreign news in newspaper of the United States and South America"* (Uma análise comparativa de assuntos internacionais nos jornais dos Estados Unidos e da América Latina).

Na França, teríamos Joffre Dumazedier, com "*Analyses de contenu de 23 magazines"* (Análise de conteúdo de 23 revistas), Francine Batailler, com "*Analyses de presse"* (Análises de imprensa) e Violette Morin, com "*Voyage de Khroutchev em France"* (A viagem de [Nikita] Kruchev pela França) (MARQUES DE MELO, 1972).

Coube, por outro lado, ao CIESPAL o papel de difusor das ideias de Jacques Kayser, na América Latina, ao editar alguns dos seus principais trabalhos, dentre os quais "*El periódico: estudios de morfologia, de metodologia y de prensa comparada*" e "*La prensa diária de la comunidad europea*", o que foi suficiente para que alguns pesquisadores latino americanos se sentissem inspirados a realizar estudos do mesmo quilate.

Partindo do princípio de que os estudos sobre a imprensa já vinham sendo realizados por sociólogos, psicólogos e educadores, com visíveis contribuições para as ciências sociais, Jacques Kayser preocupou-se com a realização de pesquisas que fizessem comparações não somente no plano internacional, mas também no quadro nacional, colocando em evidência, por exemplo, as características estruturais dos servir aos profissionais da própria imprensa, em sua atividade noticiosa.

Sua preocupação fundamental era a de que a metodologia concebida para a pesquisa de jornais de diferentes países pudesse servir de base a estudos ulteriores que permitam estabelecer diários de línguas diferentes publicados em um mesmo país.

A introdução dos estudos de Jornalismo Comparado na América Latina deveu-se ao próprio Kayser. Ministrando aulas nos cursos patrocinados pelo Ciespal, o eminente pesquisador francês lançou as bases, até 1963, ano de sua morte, de um esforço no sentido de aplicar a metodologia já experimentada em áreas desenvolvidas para o estudo sistemático do Jornalismo numa região dotada de condições econômicas, culturais e políticas diversas (MARQUES DE MELO, 1972, p. 18-19).

Estavam, desta forma, estabelecidas as bases para os estudos de Jornalismo Comparado e, por extensão, da Comunicação Comparada.

No Brasil, por circunstâncias históricas, muito embora Pedro Parafita de Bessa e Danton Jobim já tivessem realizado pesquisas importantes no campo

jornalístico, coube à equipe liderada por Luiz Beltrão, no ICINFORM, junto à Universidade Católica de Pernambuco, supervisionar estes primeiros estudos de caráter científico no campo acadêmico da Comunicação no Brasil, inspirados ao mesmo tempo pelo método morfológico de Jacques Kayser e pela linha de estudos jornalísticos e comunicacionais ditada pelo CIESPAL.

Assim, no campo da pesquisa jornalística, Beltrão inicia atividades sistemáticas em 1963, com um trabalho enfocando os reflexos da falta de jornais diários no Recife, durante a greve dos gráficos, que ocorrera no período entre 21 de março a 9 de abril de 1963, posteriormente publicado na revista "Comunicações & Problemas".

Estes estudos se iniciam em 1963, coordenados por Beltrão e com sua ida para a Universidade de Brasília (UNB), em 1966, ficam a cargo do professor José Marques de Melo, que os conduziria até sua transferência para São Paulo, onde daria continuidade a esta linha na Faculdade de Jornalismo Casper Líbero e, posteriormente, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), onde fundaria, em 1967, o Departamento de Jornalismo (CJE).

Contudo, ainda em Pernambuco, Marques de Melo coordenaria uma pesquisa em 1963 na Cátedra de Técnica de Jornal (regida por Beltrão) sobre a Crônica policial na imprensa do Recife. Este trabalho foi realizado por alunos da UNICAP, caracterizando-se, desta forma, como a primeira Iniciação Científica em Comunicação no país.

Essa equipe daria ênfase à análise que privilegiava, antes de qualquer coisa, a abordagem científica de temas, começando com um sorteio de datas, para o recolhimento do material jornalístico para análise e consequente início do projeto (como preconiza a Estatística), e seguia os rumos descritos por Kayser, ao realizar a mensuração do espaço físico das matérias, para, finalmente, conceber conclusões.

Esta mesma metodologia inspirada por Kayser foi empregada em outras pesquisas importantes de Marques de Melo e equipes, tais como as que registraram a presença da ciência nos jornais diários do Brasil, em "Quando a ciência é notícia" (ECA-USP, 1986), ou "O espaço ocupado pela universidade na imprensa brasileira", publicado pela Revista do CRUB, Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, em 1987.

Mais recentemente, podemos citar dois estudos realizados com a colaboração de equipes de todo o Brasil, para a UNESCO, e sob a supervisão de Marques de Melo, tais como "De Belém a Bagé: imagens midiáticas do Natal brasileiro" (UMESP, 1998), que relatou a maneira com que o Natal é visto na imprensa do Brasil, e a pesquisa congênere que privilegiava a análise do espaço e da representação jornalística do Carnaval no Brasil e na América Latina, denominada "Imagens midiáticas do Carnaval brasileiro" (UMESP, 2000).

Naquele texto sobre a crônica policial, já em 1963, Marques de Melo chegava a conclusões intrigantes. O público se interessava imensamente pelo noticiário policial, traduzido em crimes e escândalos. Isso ocorria não somente no Recife. Acontecia em São Paulo e no Rio de Janeiro, onde circulavam jornais que obtinham grande sucesso de vendas exatamente pelo destaque dado a tais ocorrências.

O fenômeno permaneceu na agenda intelectual de Marques de Melo, suscitando novos estudos, quando ele começa a atuar como pesquisador e professor.

Em 1969, por exemplo, ao organizar a I Semana de Estudos de Jornalismo da Universidade de São Paulo, dedicada ao Jornalismo Sensacionalista, ele buscaria a interlocução de figuras paradigmáticas da crônica policial paulista. Dentre elas, o bispo Paulo Evaristo Arns, então responsável pela pastoral carcerária na cidade de São Paulo, o radialista Talma de Oliveira, que dramatizava acontecimentos desse universo popular em programas de grande audiência, além do jornalista Ramão Gomes Portão, editor do famoso jornal Notícias Populares, hoje extinto.

Foi, aliás, em decorrência dessa precoce legitimação acadêmica do tema que Gomes Portão animou-se a escrever o livro "Criminologia da comunicação", publicado em 1980, com prefácio de Gaudêncio Torquato, então jovem integrante da equipe docente liderada pelo professor Marques de Melo na ECA-USP.

Em 1970, Marques de Melo faria uma alentada incursão no âmago dessa problemática, realizando estudo sob o título "A violência no jornalismo brasileiro". Trata-se de uma pesquisa de morfologia e conteúdo da imprensa diária do Rio de Janeiro e São Paulo, durante uma semana, que extrapolou as páginas da reportagem policial, para incluir todo o universo simbólico permeado pelas diferentes modalidades de violência: física, racial, social, econômica, política etc. Esse estudo foi originalmente encomendado pela UNESCO para ser apresentado em congresso mundial promovido em Paris (1970), sendo publicado posteriormente como capítulo do seu livro "Estudos de Jornalismo Comparado" (São Paulo: Pioneira, 1972).

Considerada, durante muito tempo, como temática menor pela academia (com a exceção natural dos centros de estudos jurídicos), a criminalidade inspira nos anos 90 o Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo.

Desde então, o panorama mudou, acarretando a migração do noticiário policial das páginas dos jornais e dos programas radiofônicos para a tela da TV. Hoje, sob os holofotes das redes midiáticas, helicópteros sobrevoam, em tempo real, as cenas dos crimes e do sensacionalismo. Sinal dos tempos, que o pesquisador iniciante captou antecipadamente.

Referências

COMUNICAÇÕES & PROBLEMAS. Recife, ICINFORM/UNICAP. nº 1 e 2, 1965.

FELICIANO, F.A. **Jornalismo:** a prática e a gramática. A influência do projeto pedagógico UNESCO/CIESPAL nos rumos do ensino de Jornalismo no Brasil. 1987. 267p. Dissertação (mestrado). Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

FELICIANO, F.A. **Luiz Beltrão:** um senhor do mundo. 1993. 191p. Tese (doutorado). Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

MARANINI, N.J.C. **A trajetória de um pioneiro.** Pensamento Comunicacional Latino Americano (PCLA), São Paulo. v. 1. nº 1. out./nov./dez. 1999. Disponível em: http://www.metodista.br/unesco. Acesso em: 28/02/03.

MARQUES DE MELO, J. **Estudos de Jornalismo Comparado.** São Paulo: Pioneira, 1972.

MARQUES DE MELO, J. **Folkcomunicação entre mídia e cultura popular.** Imprensa. São Paulo, s/d. Disponível em: http://www.uol.com.br/imprensa/colunista/campus20000917.htm>. Acesso em: 28/02/03.

NAVA, R. **Comunicações & Problemas.** O primeiro periódico científico em Comunicação do Brasil. 2002. Tese (doutorado), Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). São Bernardo do Campo.

Ideologia e poder no ensino de Comunicação

Adriana C. Omena Santos[1]
Mirna Tonus[2]

2.1 CAPÍTULO

FADUL, Anamaria; MARQUES DE MELO, José; LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. **Ideologia e poder no ensino de comunicação**. São Paulo: Editora Cortez & Moraes, 1979, 294p.

Desde sua apresentação, o livro Ideologia e poder no ensino de comunicação já diz a que veio: refletir sobre o ensino de comunicação em um momento em que findava a ditadura militar no Brasil e que evidenciava os problemas vividos pelos cursos universitários da área. Tal reflexão é feita a partir das inquietações apresentadas em Santos, em 1978, no I Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, evento realizado pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM), então recém-criada.

1. Doutora em Ciências da Comunicação, docente no curso de Comunicação Social e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: omena@faced.ufu.br.

2. Doutora em Multimeios, docente no curso de Comunicação Social e no Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: mirna@faced.ufu.br.

Em sua introdução, ao problematizar o ensino de comunicação frente à ideologia vigente e ao poder exercido no sentido de adequar os currículos de então ao "projeto educacional e político do governo", levanta questões que até hoje figuram nas discussões sobre os currículos dos cursos, como a questão da formação técnico-prática dos profissionais.

O livro divide-se em cinco partes, quais sejam: 1. Repensando o ensino de Comunicação numa sociedade dependente; 2. O novo currículo de Comunicação: documentos; 3. O novo currículo de Comunicação: elementos para a discussão; 4. A prática pedagógica nas escolas de Comunicação: contribuições para o seu exame; 5. Alternativas de conteúdo para as disciplinas básicas.

A primeira parte contextualiza a situação dos cursos de comunicação à época, bem como discorre sobre a implantação do currículo mínimo, seus impactos e paradoxos frente ao papel da universidade e dos cursos universitários, a importância da interdisciplinaridade, com ênfase de alguns autores para o fato de que o currículo mínimo não atenderia as necessidades postas pela área, pela formação e pelas profissões envolvidas.

O capítulo que abre a primeira parte, intitulado "A política educacional brasileira e os currículos de Comunicação", escrito por Carlos Eduardo Lins da Silva, também organizador da obra, coloca em discussão a drástica redução na oferta de vagas nas universidades públicas e o processo de despolitização e, ao mesmo tempo, burocratização, além de inserir na discussão o currículo mínimo, que, na visão de Darcy Ribeiro, "enjaulou" a universidade brasileira, segundo o autor, à medida que servia aos interesses capitais multinacionais. Ressalte-se que nesse cenário, a Comunicação era uma área que inspirava precaução nas classes dominantes.

Lins da Silva explica que, ao ter de restringir a habilitação em Jornalismo ao currículo mínimo, até mesmos seus autores ficaram perplexos, dadas a originalidade, a especificidade e a generalidade do Jornalismo. A afirmação de que as disciplinas gerais não deveriam ficar restritas àquela proposta, presente no documento mencionado pelo autor, revela a contrariedade ao currículo mínimo, que restringiria o percurso dos estudantes. Os currículos mencionados cronologicamente no texto oferecem uma noção de como a formação em Jornalismo, especificamente, e em Comunicação, a partir de 1969, quando se deu a divisão em habilitações – polivalente, jornalismo, relações públicas, publicidade e propaganda, editoração – se modificou, em um processo de tecnificação, alterado em 1977, com outro parecer, desta vez, mais crítico. Era o currículo refletindo o momento político mais uma vez.

O capítulo seguinte, "Poder, universidade e escolas de comunicação", de José Marques de Melo, também organizador da obra, parte do número de escolas de

comunicação à época, algo em torno de 60[3], apresenta as primeiras iniciativas nesse sentido e aborda como o poder então estabelecido ecoara na configuração dos cursos. De acordo com o autor, aos jornais não interessava, naquele período, empregar jornalistas graduados, oriundos de classes menos favorecidas. Bastavam os intelectuais da elite para preencher as páginas, obviamente, reforçando as relações de poder existentes.

O texto apresenta, ainda, discussões sobre questões curriculares e laboratoriais e aquelas referentes aos docentes, com uma visão crítica sobre a criação das universidades no país, um problema muito mais amplo e generalizado, que mudanças de currículo nos cursos de comunicação não conseguiriam alterar sozinhas. Entretanto, de maneira otimista, Marques de Melo já incentivava uma educação calcada no experimentalismo, valorizando o aprendizado em situações reais ou próximas à realidade em vez daquele que se dava somente por ouvir alguém dizer ou pela mera observação.

O terceiro capítulo, "Da cultura esquecida à prática política" (a formação humanística em comunicação), de J. Teixeira Coelho Netto, reforça a questão do laboratório, mas sob uma perspectiva diferente, qual seja a do laboratório político, no contato direto com a sociedade, no qual se concretizariam conceitos que, restritos às aulas, pouco serviriam. Esse "jogo dialético entre humanidades e tecnicidade" seria uma saída, na visão do autor, para aproximar o pensamento técnico-científico do cotidiano dos grupos sociais.

Interdisciplinaridade e relação dialética entre teoria e prática destacam-se no texto A ação pedagógica na escola de comunicação (notas para uma reflexão), de Anamaria Fadul, também organizadora da obra, como saídas apontadas pela autora para uma crise que, embora fosse da educação em geral, era extensiva aos cursos profissionalizantes, exigindo uma nova prática pedagógica. O texto, transferido para os dias de hoje, mostra algo que ainda se busca, inclusive no campo da educação. Mesmo frente a preconceitos contra abordagens pedagógicas fora dos limites da pedagogia, a autora assume o risco e coloca questões cruciais para se pensar o ensino em

3. Duas décadas depois, em 2010, segundo Jacques Mick, somente os cursos de jornalismo somavam 316, número revelado durante debate no 5º Encontro Nacional de Coordenadores, inserido no 14º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo. Em 2013, em consulta ao e-mec (site governamental responsável pelo registro de todos os cursos de ensino superior no país), o resultado foi 865 cursos em Comunicação (incluindo-se as diferentes habilitações), contudo, com repetições de instituições, fato que indica a necessidade de um estudo sobre o atual quadro da formação em Comunicação no país.

Comunicação, tendo como foco "a formação de sujeitos com possibilidade de ação na sociedade brasileira".

O último capítulo da primeira parte "A questão da interdisciplinaridade na escola de Comunicação", de Ana Mae Barbosa, apresenta uma confusão que até hoje perdura, entre inter e multidisciplinaridade, problema evidenciado quando da implantação do ciclo básico no currículo mínimo, que, para a autora, poderia tornar as propostas dos cursos no mínimo multidisciplinares. Para embasar a discussão, ela retoma a base conceitual sobre interdisciplinaridade, buscando significá-la sob o ponto de vista da integração do conhecimento a partir de um processo de análise-síntese. Para Ana Mae, a interdisciplinaridade exige níveis de cooperação conscientizados ou dialetizados pelos participantes e não um "agrupamento intencional de disciplinas onde as diversas contribuições são feitas em função de uma superestrutura, em geral autoritária [...]". É um capítulo que atende as ansiedades atuais, pois, didaticamente, oferece pistas rumo à ainda hoje desejada interdisciplinaridade.

Dados, documentos e reflexões

A segunda parte do livro "O novo currículo de comunicação (dados e documentos)" integra quatro capítulos que expõem documentos referentes a currículos para cursos de Comunicação, quais sejam: "A proposta da ABEPEC[4]", que incluía antecedentes, diretrizes e sugestão de estrutura para o currículo mínimo; "a crítica da UCBC[5]", manifestando-se contra o que se considerava uma reformulação de projeto, centrada na figura do comunicador polivalente; "Pareceres do CFE[6]"; e, finalmente, "O texto homologado pelo MEC", que integra a Resolução N. 03/78 e seus anexos. Trata-se, portanto, de uma seção basicamente descritiva da proposta elaborada e enviada pela ABEPEC, da principal crítica recebida pela proposta, bem como dos documentos que nortearam a implantação do currículo mínimo, a saber, os pareceres do CFE que, entre

4. Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Comunicação, fundada em 1972, em São Paulo, por pessoal da Universidade de São Paulo (USP).

5. União Cristã Brasileira de Comunicação Social, criada em 1969, em São Paulo, na Pontifícia Universidade Católica (PUC).

6. Conselho Federal de Educação do Ministério da Educação (MEC), correspondente ao atual Conselho Nacional de Educação (CNE).

outras informações, indicavam os integrantes das comissões/grupos envolvidos nas discussões e contribuições recebidas pelo CFE e que subsidiaram o texto final homologado pelo Conselho.

Partindo do novo currículo de Comunicação, a terceira parte da obra sugere elementos para discussão. Em seu primeiro capítulo "Questionamento teórico (o provisório e a utopia)", o autor Jaci C. Maraschin enumera aspectos referentes a formação e currículo, ora relacionados, ora isolados. Ao tratar da formação, apresenta o risco da deformação, mas também o potencial da formação profissional crítica diante do que ele, com base em Platão, considerava alienante: o mercado. Já na relação entre formação e currículo, o autor se apoia em Ivan Illich para analisar criticamente o posicionamento contrário ao currículo mínimo. Por fim, ao tecer suas considerações sobre a proposta curricular de então, vislumbra nas possibilidades deixadas ao currículo pleno o exercício da democracia no âmbito das instituições, ainda que fosse utópico. Por fim, deixa questões a serem respondidas e algumas afirmações, dentre as quais destacamos a que diz que "a formação resulta de um processo de abertura à sociedade e seus problemas". Uma formação profissional, neste sentido, permitiria romper com a alienação imposta pelo mercado.

No segundo capítulo da terceira parte "Leitura crítica (dificuldades e limitações)" a autora, Alice Mitika Koshiyama, faz duras críticas ao currículo mínimo implantado pelo MEC ao afirmar, que "reflete uma concepção não universitária de curso [...]" por compartimentar os conhecimentos e dificultar a intercomunicação das diferentes faixas do saber. Para a autora a proposta do currículo mínimo era uma perspectiva "doutrinária e acientífica" que não atendia aos objetivos de um processo educacional que possibilitasse, além da aquisição de informações, condições para que os alunos selecionassem e organizassem com lógica e coerência as informações disponíveis, mas conhecendo os condicionamentos e interesses inerentes a tais informações.

No terceiro capítulo desta parte "Análise ideológica: as tramas do imaginário" a autora Jeanne Marie, afirmava que os debates em torno do currículo mínimo eram sintoma da precariedade da(s) chamada(s) Teoria(s) da Comunicação, devido à ausência de um discurso que articulasse o conjunto de conceitos que fundam o campo teórico da Comunicação. Para a autora, o parecer que instituía o currículo mínimo viabilizava uma proposta desenvolvimentista, marcada por uma formação funcionalista, amparada em três áreas específicas (Sociologia, Psicologia e Antropologia) e deixando na imprecisão as habilidades técnicas instrumentalizadas pelas matérias (disciplinas) de natureza profissional.

A quarta parte do livro parte de uma discussão acerca da prática pedagógica nas escolas de comunicação e apresenta contribuições para o reexame dessa

prática com foco na possibilidade de um currículo pleno nas áreas, ou seja, na formação de jornalista, publicitário, relações públicas e cineasta, este último recentemente inserido na área da comunicação por ocasião da implantação do currículo mínimo. Vale ressaltar que as reflexões e propostas apresentadas atendem as especificidades da área até hoje.

Já no primeiro capítulo da quarta parte "Formação do Jornalista", Gaudêncio Torquato, alertava que "o nosso jornalismo, além de preocupar-se com as questões formais de apresentação de um acontecimento, alimenta o 'mito' da objetividade, distanciando-se da realidade social brasileira [...]". O autor apresenta uma proposta de disciplinas complementares com vistas ao currículo pleno (Ciência Política e Economia Política, História, História do Jornalismo, Jornalismo Regional, Tecnologia da Comunicação e Pesquisa em Comunicação), mas alerta que a implantação do currículo mínimo não diminuiria a intensidade e a gravidade dos problemas da fase tecnicista que antecedeu ao seu debate, quais sejam: despreparo de professores, falta de equipamentos, desintegração curricular, desarticulação laboratorial etc. Para o autor, persistindo a falta de fiscalização, o despreparo de professores, a desorganização pedagógico curricular e o sistema de ingresso nas Escolas de Comunicação, o currículo mínimo, mesmo com as tentativas de aperfeiçoamento, não influiria em nada para melhorar o nível do ensino na área.

Da mesma maneira, os capítulos seguintes "Formação do Publicitário", de Francisco Rocha Morel e Raul Fonseca e Silva; "Formação do Relações Públicas", de Marisete Pires Antunes Morel; "Formação do Cineasta", de Marcelo Giovanni Tassara e Maria Dora Mourão, ao apresentarem sugestões com vistas à elaboração de um currículo pleno para cada um dos cursos, indicam conhecimentos necessários ou disciplinas importantes e que deveriam fazer parte dos cursos. Merece atenção as críticas que os autores Tessara e Mourão tecem para o fato de o curso de Cinema sair da área das Artes sendo alocado na Comunicação, bem como para a ênfase no aluno-técnico-administrativo dada pelo currículo mínimo e que desconsiderava algumas das principais funções do cineasta como a reflexão e a apresentação de problemas da sociedade.

De maneira ainda mais detalhada, a quinta parte do livro apresenta propostas efetivas com alternativas de conteúdo e de bibliografia preliminar para as disciplinas básicas. Caracteriza-se, portanto, como um apanhado de indicações/sugestões do que deveria ser abordado em cada uma das Matérias de Fundamentação Específica do Currículo Mínimo – Teoria da Comunicação, Comunicação Comparada, Sistemas de Comunicação Social no Brasil, Estética e Comunicação de Massa –, além de duas Matérias de Fundamentação Geral Humanísticas – Cultura Brasileira e Problemas Socioculturais e Econômicos Contemporâneos.

Cabe ressaltar que, no primeiro capítulo "Teoria da Comunicação", Carlos Eduardo Lins da Silva questiona o entendimento dos autores do currículo mínimo, de que existe uma Teoria da Comunicação. Para o autor, as tentativas feitas na área, até o momento em que o livro fora publicado, não tinham conseguido adotar o rigor científico e, por meio dele, atingir a formulação conceitos e enunciados de forma a atender as características da ciência. O autor enfatiza a necessidade de carga horária de oito horas semanais para a disciplina, que, a seu ver, teria como tarefa apresentar as reflexões de autores que discutissem os fenômenos da Comunicação e da cultura de massa, além de "valorizar os poucos autores nacionais neste campo [...] e ao mesmo tempo, tentar criar um corpo teórico, consentâneo com nossa realidade nacional".

No segundo capítulo da quinta parte "Sistemas de Comunicação no Brasil", José Marques de Melo afirma que o objetivo principal da disciplina deve ser o de localizar o estudante dentro da engrenagem em que irá atuar diretamente ou com a qual estará relacionado. Apresenta uma proposta de conteúdo com maior ênfase para duas temáticas: Sistemas de Comunicação Cultural e Sistemas Brasileiros de Comunicação, além de extensa bibliografia subdividida em tópicos.

Da mesma maneira, os quatro últimos capítulos da quinta parte e do livro, "Comunicação Comparada", de Wilson Bueno; "Estética e Comunicação de Massa", de Ana Maria Fadul; "Cultura Brasileira", de Maria Nazareth Ferreira; e "Problemas Socioculturais e Econômicos", de J. S. Faro, apontam o objeto de estudo e conceituam criticamente cada uma das disciplinas, apresentam conteúdos e programas que devem estar contidos em cada uma delas, além de indicar a bibliografia preliminar para subsidiar os ensinamentos.

Algumas considerações

A melhor maneira de definir a obra analisada está registrada em sua apresentação, na qual se esclarece que é um livro pluralista, não unitário e que reflete tendências por vezes até conflitantes, haja vista os múltiplos enfoques teóricos dos diferentes autores.

Cabe ressaltar que as terceira e quarta partes do livro apresentam contribuições muito pertinentes e que atendem aos paradoxos da formação até os dias de hoje, haja vista que enfatizam a necessidade de disciplinas essenciais para uma formação universitária e que possibilitem ao estudante "a conquista de uma base conceitual necessária para efetuar uma análise das limitações e possibilidades de uso dos meios de comunicação no processo histórico de uma sociedade de classes – por exemplo, disciplinas como Economia Política e Filosofia da Comunicação".

É possível afirmar que uma das características marcantes da obra é a crítica à implantação do currículo mínimo. Nesse contexto, um dos fortes posicionamentos contrários é apresentado por Jeanne Marie, ao afirmar que:

> A participação: matérias de fundamentação geral humanística, matérias de fundamentação científica, matérias de natureza profissional encontram sua lógica na racionalidade que, isolando os campos do saber, evidencia os mesmos componentes da tecnoburocracia, neutra e infensa, como se nada tivesse a ver com as operações que a geram ou que gera. E nas escolas dá origem aos profissionais burocratas, e para seguir a atual ideologia da comunicação, os burocratas da informação.

O livro, apesar de estar relacionado com um momento específico do ensino de Comunicação no Brasil, mostra-se bastante atual diante dos enfrentamentos contemporâneos da área. Ressaltamos que, em um momento em que novas diretrizes curriculares se delineiam, embora ainda dependentes de homologação pelo Ministério da Educação, a leitura dessa obra leva a pensar no que disse Mahatma Gandhi: "Se queremos progredir, não devemos repetir a história, mas fazer uma história nova". Para não repetirmos seus erros, como disse Paul Preston, é preciso que a conheçamos. É isso que o livro oferece, conhecer a história do ensino de Comunicação por meio de quem o pesquisava – e praticava – à época.

Retratos de jornalistas: da convicção à ação

Alexandra Fante Nishiyama[1]

3.1 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José; SILVA, Carlos Eduardo L. da. **Perfis de Jornalistas**. São Paulo: FTD, 1981. 150p.

Nesta obra, José Marques de Melo e Carlos Eduardo Lins da Silva organizam textos que explanam sobre biografia e posicionamentos referentes a episódios marcantes da imprensa e da atuação profissional dos 20 mais importantes jornalistas até o início da década de 1990. Escrito em 1991, o livro expõe a motivação, o desejo de combater o regime militar, a consciência política e a convicção de que o jornalismo pode contribuir para a igualdade social. A censura e a discussão sobre a obrigatoriedade do diploma de jornalismo para o exercício da profissão já era pauta entre os profissionais da área.

1. Doutoranda em Comunicação Social Linha de Inovações Tecnológicas na Comunicação Contemporânea pela Universidade Metodista de São Paulo. Mestre em Comunicação Social Linha de Comunicação Midiática nas Interações Sociais pela Universidade Metodista de São Paulo. Especialista em Comunicação e Educação pela Faculdade Cidade Verde. Jornalista pela Faculdade Maringá. Membro fundadora do grupo de pesquisa Mídia Cidadã e pesquisadora do ComTec. E-mail: alexandrafante@yahoo.com.br

Em suma, as organizações desses depoimentos documentam a história da imprensa brasileira e objetivam fundamentar as bases do jornalismo nacional, permitindo a análise crítica da trajetória que construiu a comunicação contemporânea no País. A obra contempla os 20 mais importantes jornalistas brasileiros até 1991 - data da publicação o livro acima citado. Entre eles Alberto Dines, Aloysio Biondi, Antônio Carlos Fon, Caco Barcellos, Caio Túlio Costa, Eduardo Martins, Gabriel Priolli, José Freitas Nobre, José Hamilton Ribeiro, Luís Nassif, Marcos Faerman, Mino Carta, Oswaldo Peralva, Percival de Souza, PerselAbramo, Primo Carbonari, Renata Falzoni, Ricardo Kotscho, Roberto Godoy e Ziraldo.

1. Alberto Dines – Um jornalista em estado de graça

Apaixonado pelas produções cinematográficas, o jornalismo o permitira estar sempre por perto. Em 1952, Alberto Dines foi convidado por NahumSirotsky para integrar o time de repórteres da Revista Visão[2], em seguida passou a assistente de direção e secretário de Redação da extinta Rede Manchete[3], esteve a frente do segundo caderno do jornal carioca, A Última Hora, e em seguida, da edição matutina e vespertina. Dines também teve papel fundamental no Diário da Noite do Rio, além de passar pelo Jornal do Brasil, Folha de São Paulo e pelo Pasquim. Dines foi autor de livros de jornalismo, como "O papel do jornal", além de atuar no cinema, na criação de roteiros e produções. Mesmo não graduado em jornalismo, Dines foi professor na PUC-RJ e defendia os cursos.

O jornalista defende que é preciso o ensino do jornalismo sensorial na academia (exercícios de comunicação não verbal, expressão corporal, workshops de criatividade), além da necessidade de mestres preparados para desenvolver as percepções e preparar, eticamente, os futuros jornalistas para as redações. Para Dines, "no jornalismo a ética faz parte da técnica". Ele lamenta o marketing capitalista nas redações, que substitui o jornalismo de qualidade, pelo jornalismo simplista com uma linguagem rudimentar, em detrimento as grandes questões que envolvem a sociedade. "A baixa da qualidade é um bumerangue perverso: quando menos se espera, um jornal de qualidade está competindo com a imprensa popular" (1981, p.17).

2. A Revista Visão teve publicação semanal e circulou de 1952 a 1993. Passou por vários proprietários e editorias.

3. A Rede Manchete, fundada no Rio de Janeiro, permaneceu no ar de 1983 até 1999.

2. Aloysio Biondi – Eu nunca fui militante

"Apenas acho que a democracia só se fortalece com a opinião pública informada", afirma Biondi (1981, p.24). Esta frase reflete a postura do jornalista.

Editor do caderno de Economia da Folha de São Paulo, Biondi era considerado antidemocrático, pois se posicionava como contrário aos governos, ministros e economistas. Apesar de ter um posicionamento firme, o jornalista afirmava não pertencer a nenhuma agremiação e ser independente. Biondi dizia agir em defesa da opinião pública e isso explica seus textos. Enquanto o governo dizia trabalhar para melhorar a situação dos assalariados, segundo Biondi, "intramuros a conversa era capitalizar as empresas".

Contestado por ter aceitado o convite de chefiar o Shopping News, Biondi comenta durante a entrevista que ali pode fornecer dados, informações e perspectivas diferentes das que estavam nos meios de comunicação da época, o que permitia enriquecer os debates. Além do mais, escrevia para a classe média, um público no qual ninguém escrevia.

3. Antônio Carlos Fon – O que vale é a informação isenta

Ouvir a frase de que nunca seria jornalista, proferida pelo Padre Quevedo, em 1967, ao tentar uma vaga para o curso de Jornalismo da Faculdade de Filosofia de Santos, apenas fez com que Antônio Carlos Fon quisesse ainda mais tornar-se jornalista. A sensação de liberdade e o ideal de ser um "cavaleiro andante, defensor dos fracos e oprimidos", o fizeram decidir pelo jornalismo.

Para Fon, o decreto do AI-5, em 1968 fez com que os jornalistas se reunissem a favor da liberdade de imprensa. Para o jornalista, foi nesse período que surgiu o "tecnocrata da informação", aquele jornalista que só dava valor à informação vinda de fontes oficiais. Muitos jornalistas aderiram a essa postura.

Contudo, Fon sempre foi um defensor da ética. O desafio para os jornalistas, segundo ele "é refletir a realidade que o cerca, e não 'fazer a cabeça' das pessoas. [...] é manter o equilíbrio entre o seu papel de cidadão (que deve ter uma postura política) e o jornalista (que não pode ter nenhuma)".

Fon recebeu dois prêmios Esso e três vezes o prêmio Vladimir Herzog.

4. Caco Barcellos – Os correspondentes vão à guerra e ficam no hotel

In loco – Para Caco Barcellos é isso que diferencia os jornalistas. O "pé na estrada" fez com que, segundo ele, se tornasse jornalista, conhecendo de perto a vida das pessoas e suas rotinas, aprendendo, mas sem julgamentos. Barcellos lamenta a cultura no nosso país, ao constatar que grande parte da população não gosta de matérias com muito texto. Ao contrário, a TV tem um alcance muito maior e, no caso da Rede Globo, chega a milhões de casas, de graça, sem ter que pagar ou sair de casa para comprar o jornal.

Influenciado pelo jornalismo americano, Caco Barcellos logo se tornou um correspondente, *in loco*, para conhecer de perto a realidade e assim, fazer um jornalismo real. O fato dos jornalistas escreverem matérias ou mesmo cobrirem guerras sem sair do hotel é citado por ele como um jornalismo sem qualidade. A briga pelo lucro também influencia nesta postura. Afinal, para as empresas o custo é bem menor se tudo puder ser resolvido pelo telefone ou pelo computador com a ajuda da Internet, sem deslocamento. "Na briga pelo lucro, vale tudo, diz Caco. Até mesmo dar um jeito para que o diploma não seja obrigatório e os empresários possam gastar menos" (1981, p.39).

Para Barcellos, o jornalismo deve ser mais corajoso, mais combativo, mais forte.

5. Caio Túlio Costa – O sindicato não se preocupa com a qualidade do jornalismo

Para Caio Túlio da Costa, os meios de comunicação no Brasil estão presos a questões econômicas e partidárias, que são negadas. Diferente dos "nanicos"[4] que tinham uma postura bem definida referente às questões ideológicas, os grandes meios, por dependerem de acordos políticos e recursos dos governos, não cumprem muito bem o trabalho que deve ser baseado na independência e ética.

Quanto aos cursos de jornalismo, Costa diz que um curso ruim se baseia em professores, alunos e a estrutura que a instituição oferece e que, "os sindicatos são muito pequenos, corporativos e não se preocupam com a qualidade do jornalismo" (1981, p.45).

4. Chamados também de meios alternativos.

6. Eduardo Martins – O jornal tem uma cultura própria

Ao ser questionado sobre a obrigatoriedade do diploma, Eduardo Martins responde como sim e não. Ele considera o diploma uma conquista da classe e deve continuar a existir, contudo por não ter diploma e atuar desde os 24 anos, já como editor do Estado de São Paulo, não acredita que a graduação seja primordial. Para ele, "A técnica do jornalismo, tão enfatizada nas escolas de comunicação, nem sempre reflete a realidade do jornal. Além disso, essa técnica varia de jornal para jornal" (1981, p.49).

Ao ser questionado sobre a dependência e o vínculo comercial entre o Estado de São Paulo e anunciantes, Martins afirma que a dependência financeira pode sim influenciar o conteúdo, mas no caso deste veículo, a empresa buscou formar um grupo forte e diversificado para assegurar tal independência.

7. Gabriel Priolli – Os jornalistas me decepcionaram

Com um currículo extenso que passa pelos grandes meios de comunicação, Gabriel Priolli, que trocou a publicidade pelo jornalismo, diz ter se decepcionado com os profissionais da área ao afirmar que acha "o jornalista uma pessoa individualista, narcisista e até oportunista [...]" (1981, p.55). Ao analisar a pesquisa científica em comunicação e o mercado, Priolli comenta que ambas as áreas não têm vínculo, que falta ao mercado profissional aceitar a pesquisa teórica e que nos cursos também falta um vínculo maior com a prática.

Conforme Eduardo Martins, Priolli também defende a questão dos veículos serem independentes e não ficarem presos a interesses do Estado e de grupos econômicos. Assim como a imprensa sindical, partidária, dos movimentos sociais que não busca disputar mercado, mas ter uma relação intensa com aqueles envolvidos em tais segmentos. Contudo, ele alerta para o perigo do amadorismo, presente em grande parte da imprensa alternativa e a necessidade do rigor profissional.

8. José Freitas Nobre – Entre a política e o jornalismo

Pela sua história profissional, José Freitas Nobre considera um elo permanente a comunicação e a política. Responsável por grandes reportagens, o jornalista afirma que vivemos fases, ora de grandes reportagens, ora de reportagens leves, políticas etc. A questão é que o jornalista muitas vezes sabe o que fazer, mas está preso aos princípios do veículo que trabalha, "quem dá o tom da viola

é o dono, o empresário" (1981, p.63). Nobre afirma que "para cumprir sua responsabilidade social, o jornalista precisa do máximo de liberdade" (1981, p.64). Na mesma linha de Eduardo Martins e Gabriel Priolli, Nobre comenta a necessidade dos veículos de comunicação não estarem presos a interesses comerciais. Ao mesmo tempo em que a publicidade deve garantir certa independência financeira, não deve suprimir o espaço das notícias.

Em relação às reportagens políticas e as fontes, Nobre alerta para as possíveis negociações com políticos e com pessoas ligadas ao serviço público e a necessidade de se checar a informação com outras fontes, bem como analisar se a fonte é confiável.

9. José Hamílton Ribeiro – Os jornalistas não conhecem sua história

Jornalismo e literatura são as características do texto de José Hamilton Ribeiro, um jornalista que por se envolver com uma greve de estudantes, por questionar os professores da instituição que cursava, foi convidado a deixar o curso de jornalismo. Não graduado, ele foi trabalhar na Folha de São Paulo. Mesmo assim, Ribeiro defende a preparação dos profissionais nos cursos de jornalismo. Para ele, na faculdade "o estudante tem oportunidade de criar, inventar mudanças e crescer. Isso numa redação é impossível" (1981, p.70).

Ribeiro questiona a cobrança dos veículos no desempenho de várias ações por um só profissional como pauta, reportagem, edição, diagramação etc. E contesta tal postura dos meios de comunicação alegando que as reportagens se tornam rasas devido ao tempo de checagem de dados, da elaboração de um bom texto etc.

10. Luís Nassif – A vitória do jornalismo de serviço

Ousado, Luís Nassif inovou o jornalismo econômico. A escolha feita por haver menos censura durante a ditadura, fez com que ele se especializasse em matemática financeira e, através dos textos, ensinasse e discutisse temas que envolvessem o jornalismo econômico de serviços.

Com uma linha mais metódica e sistemática, o jornalista defende um modelo industrial nas redações com horários e regras rígidas, mas com criatividade industrial e comenta sobre a necessidade de estrutura e de um bom banco de dados para a produção de notícias.

Sobre a academia, Nassif acredita que os cursos de jornalismo devem estar mais próximos do mercado, sistematizando experiências reais com profissionais experientes.

11. Marcos Faerman – A reportagem está morrendo

"A grande reportagem, como todo grande texto, deve ter o dom de inquietar quem a lê" (1981, p.81). Marcos Faerman tem como postura profissional ouvir, aprender e conversar com os repórteres mais experientes para saber o que liam. Para ele, "quem não lê muito, não pode ser um bom jornalista" (1981, p.81). Saudosista, Faerman recorda no capítulo do livro os cadernos literários com publicações de peso e a contribuição de nomes relevantes de mestres, artistas e intelectuais. E sentencia que as redações de jornais têm medo de fazer grandes reportagens, com textos densos e não atrair a atenção dos leitores. Preferiram trabalhar com frases curtas e diretas, empobrecendo o conteúdo. Outra hipótese do jornalista seria o alto custo para produção de grandes reportagens, com maior dedicação de tempo e recursos.

Bacharel em direito, Faerman defende o curso de jornalismo e considera o canudo uma conquista da profissão. E afirma que, um grande repórter precisa ler sempre textos dos grandes mestres, seja da ficção ou da não ficção.

12. Mino Carta – A censura acabou sendo benéfica

Italiano, Mino Carta chega ao Brasil com a família aos 12 anos. Filho de jornalista, Mino se deixou levar pelo jornalismo e teve uma carreira consolidada pela criatividade e o sucesso.A originalidade é o que busca esse jornalista.

Para ele, o problema do jornalismo brasileiro é político. Os meios de comunicação defendem grupos minoritários e ficam presos a eles. E o que lhe deixa perplexo é a naturalidade em que os jornalistas se prostram diante dessa ditadura e às ordens dos seus patrões. Para ele, "ser jornalista no Brasil é uma batalha diabólica, porque você é obrigado a lutar contra o esquema de poder, o poder instalado dentro das redações e contra os seus colegas" (1981, p.90).

Sobre o diploma, o jornalista acredita que a obrigatoriedade é sinônimo de fascismo.

13. Oswaldo Peralva – O jornal é uma trincheira de luta

Ligado ao Partido Comunista, Osvaldo Peralva considera o jornalismo uma atividade pública. Entre grandes veículos e o jornalismo internacional, já na década de 1990 ele alertava que a imprensa escrita estava enfrentando uma crise decorrente da concorrência dos meios eletrônicos e cita como principal, a televisão. Peralva faz

um comparativo entre os jornais impressos nos Estados Unidos e no Brasil e uma avaliação sobre os custos e o fechamento de grandes veículos, gerando um cenário de monopólio de informação, já que poucos veículos conseguem permanecer, equilibrando as finanças à custa de medidas racionalizadoras, produzindo notícias.

14. Percival de Souza – Entre o crime e a fé

Especialista em reportagem policial, Percival de Souza defende que o jornalismo deve ser feito por repórteres e não por cronistas e articulistas. A rua, *in loco*, é o lugar onde o jornalismo acontece. Jornalista do impresso, ele saiu do papel e foi para o vídeo e o Rádio. O poder de síntese foi necessário para ajustar o tempo limitado da TV. Na linha policial, Souza incomodou com suas matérias, juízes e autoridades, sendo processado mais de 15 vezes, mas nunca condenado, por ter provas conclusivas daquilo que revelava em suas matérias. O jornalista também alerta para o cuidado com pequenos e grandes favores pessoais, o que pode suprimir a liberdade de falar sobre tudo.

Referente à formação em jornalismo, Souza comenta que "é uma idiotice ficar defendendo o diploma, só porque isso interessa a um grupo de profissionais que estão nas escolas de comunicação" (1981, p.100-101).

15. Perseu Abramo – Um mestre de resistência democrática

Professor e jornalista, ligado às questões políticas e defensor dos sindicatos, Perseu Abramo situa a discussão de que os meios de comunicação estão nas mãos de grupos dominantes e que as notícias divulgadas nos grandes centros urbanos irradiam na formação da opinião pública, se tornando fontes oficiais para a grande massa. Ele pontua também a possibilidade de distorções na produção da notícia nas redações, feitas tanto por jornalistas, quanto pelos patrões. O que só poderia impedir seria "a consciência da classe, profissional, ético-filosófica, político-partidária" (1981, p.107). Para ele os jornais são quase partidos políticos, "exigem uma fidelidade de seus trabalhadores semelhante à que um partido exige de seus militantes: quem não se adapta ao projeto do jornal acaba caindo fora" (1981, p.108). Abramo ainda afirma que não se deve haver neutralidade em ninguém, pois não há pessoas neutras. Ele afirma que o jornalista deve ser uma pessoa combativa.

> Quanto maior o seu engajamento à sua filosofia, à ética, a um partido, mais ele será capaz de observar a realidade, acuradamente, mais ele será

> capaz de descobrir, na realidade, os fatos importantes que podem ser apreendidos de forma objetiva. Não existe neutralidade em ninguém. Ninguém vive fora de seu tempo, de sua classe (1981, p.108).

Sobre a obrigatoriedade do diploma, Abramo é favorável, pois acredita que o jornalismo é uma profissão como qualquer outra. Sem o diploma, "aumentaria a subserviência ao patrão. Afinal quem é que vai definir quem é jornalista? [...] Se o patrão define quem é o empregado, define também qual é a composição social, política, cultural do sindicato a quem pertence" (1981, p.110).

16. Primo Carbonari – O cinejornal é o veículo mais censurado deste país

Na TV, a notícia. No cinema, o cinejornal. Entre as diferenças entre a notícia e o cinejornal está a forma de exibição, uma feita pela TV e outra pelo cinema; o tempo de duração de uma notícia é pequeno, enquanto do cinejornal pode ter até 15 minutos; e o conteúdo do cinejornal se faz com produção e podemos dizer, atualmente, marketing.

Primo Carbonari afirma que o cinejornal é "uma imagem viva de um acontecimento morto" (1981, p.114), isso porque o tempo de exibição do cinejornal chega a quatro anos após a produção, diferente da notícia.

Contratado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda – DPI, no governo Getúlio Vargas, o objetivo de Carbonari era criar cinejornais para transmitir os feitos do então presidente, para fazer o marketing político dele. Este canal era capaz de atingir vários públicos e ficava em exibição por muito tempo. Mesmo aliado do governo, suas obras eram analisadas durante a repressão, processo que levava em média 21 dias.

17. Renata Falzoni – O fotógrafo é tratado como jornalista de segunda classe

Para Renata Falzoni, a depreciação dos fotógrafos é notória frente aos jornalistas e ao conteúdo dos jornais, que priorizam textos ao invés das fotografias. A falta de um sindicato que defenda a categoria é um dos aspectos que enfraquece a classe.

Sem graduação de jornalismo, a fotógrafa acredita que "a profissão não pode ser aprendida nas escolas brasileiras, que têm baixo padrão" (1981, p. 123). Ela complementa dizendo que a proposta do diploma é exclusivamente política.

18. Ricardo Kotscho – Ninguém é dono da verdade. Jornalismo é discussão

Ricardo Kotscho defende a necessária independência dos meios de comunicação em relação ao governo. Essa dependência econômica acaba provocando a queda na qualidade das notícias.

Dono de um posicionamento de "jornalismo-arte e jornalismo-emoção", Kotscho se destacou pela ousadia em ver e sentir a notícia quando ela acontece. E sobre isso, ele pontua que os novos jornalistas são tímidos, presos a uma carga horária de seis horas diárias, se parecendo mais funcionários públicos do que jornalistas. E essa é a questão principal, não a do diploma. Para ele, fazer jornalismo é negociar, é lutar constantemente pela verdade, não num jogo sujo.

19. Roberto Godoy – Há uma crise de talento na imprensa

Roberto Godoy se tornou especialista em jornalismo ligado a assuntos que tratam de armamentos e tecnologia militar. Referência na área, o talentoso jornalista diz que os jornais se tornaram acadêmicos e mesmo com ganho na sofisticação tecnológica, "perdeu em sabor e em profundidade" (1981, p.135). Para ele houve o empobrecimento da notícia. A mídia eletrônica, no qual ele cita a TV, também chamou mais a atenção do que o papel. Para reconquistar os leitores, o jornal impresso deveria investir mais em reportagens investigativas, em reportagens de revelação e fazer a análise sobre os fatos, do ponto de vista de verdadeiros analistas. Ele afirma que os leitores mudaram e que os jornais também devem realizar mudanças.

Não diplomado, Godoy afirma que "Pessoalmente, sou contrário à exigência do diploma, embora não seja contrário às escolas de comunicação. Eu acho que a escola deve ser um canal, mas não o único canal de acesso à profissão" (1981, p.137).

20. Ziraldo – A imprensa não transforma o curso da história

Sem a necessidade de registro, autorização ou determinado por uma lei específica no Brasil para abertura de um jornal, surgiu o Pasquim. Ziraldo participou deste projeto, que revolucionou a imprensa brasileira, com uma linguagem moderna e coloquial voltada para o povo. O Pasquim foi, segundo Ziraldo, o primeiro jornal a ter uma linguagem popular e não elitizada. Porém, era apenas um meio de informação. Ziraldo não acredita que os meios de comunicação são

transformadores sociais, mas os enquadra apenas como parte do processo, assim como a escola, a família e os segmentos da sociedade.

No processo de mudança relacionado à comunicação no Brasil, ele pontua "a velha guarda e a turma nova". Para ele, antes o jornalista era empregado de "uma empresa romântica e tinha uma relação visceral com o patrão", agora o negócio é dar lucro e atender as exigências do dono da empresa. Há de se ponderar a verdade e a ética e também o compromisso do jornalista com a própria sobrevivência, afirma. A liberdade de expressão para ele seria possível nos pequenos jornais, onde as questões sociais tenham espaço para serem debatidas, "Mas eles nunca ultrapassarão a possibilidade de serem pequenos jornais de serviço, debate e reflexão, para pessoas que já estavam interessadas em discutir e refletir, mesmo antes da existência do jornal" (1981, p.147).

Comentário final

Observa-se no perfil destes jornalistas, ora um ora outro, a ligação pessoal e direta com questões sociais, políticas e sindicais. Nem todos com formação em jornalismo, a opinião pela obrigatoriedade do diploma, pauta desde 1991 (data do lançamento da obra analisada), se divide em a) oportunidade de preparação dos profissionais antes de entrar nas redações, b) interesse dos grupos econômicos, detentores da direção dos meios de comunicação pela não obrigatoriedade e assim, afastar os sindicatos da categoria e a exigência de piso salarial, carga horária etc., c) e, quase que unanimemente, a falta de preparação dos cursos de jornalismo e o distanciamento entre a teoria e a prática.

Os depoimentos e biografias comprovam que a paixão e os desafios moveram esses vinte jornalistas e formaram a base do jornalismo no Brasil.

O intervalo radical

Francisco Rüdiger[1]

4.1 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José. **Populismo e comunicação.** São Paulo: Cortez, 1982. 218p.

Quando sobreveio a escalada dos preços internacionais do petróleo ditada pela Revolução Iraniana de 1979, soou a hora final dos planos de converter o Brasil em potência mundial ainda alentados pelo Regime Militar instalado no comando do país em 1964. Inviabilizando-se os planos de reestruturação do modelo que, até a crise de 1973, havia tornado o país a 6ª economia do planeta, começou a ruir o bloco histórico que lhe conferia sustentação. Abriu-se um cenário de crise econômica, em meio ao qual foi crescendo a onda de protesto em favor da redemocratização levantada por diversos setores da sociedade civil. Os militares estavam, mais ou menos rapidamente, perdendo sua legitimidade política como estamento governante do país.

Ainda tensionado de dentro pela chamada linha dura, o regime, nesta conjuntura, todavia lançou uma cortina de fumaça

1. Doutor em ciências sociais pela Universidade de São Paulo, professor dos cursos de comunicação da Pontifícia Universidade Católica e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

sobre o jogo de cartas marcadas da sucessão presidencial, por voto indireto, de Ernesto Geisel, no comando desde 1974. Despertando furor na oposição e entre os setores mais intelectualizados da população, esboçou-se um simulacro de campanha eleitoral em busca de apoio popular para o candidato do sistema, o General João Baptista Figueiredo. Contrariando a circunspecção dos mandatários que o precederam, Figueiredo tentou se fazer popular indo às ruas e falando com o povo. Apareceu a tentativa de elaborar um novo tipo de legitimidade para o governo, em que pese seu fundamento autoritário. Apoiado pela mídia disponível e por sólida estratégia de propaganda, o general pôs de lado o discurso tecnocrático que, antes, fazia aquele papel e, buscando passar a imagem de homem do povo, se esforçou, de início ao menos, para ser aceito como presidente pela população que não o escolhera.

Convém que se leve em conta este contexto para se entender melhor a coletânea "Populismo e comunicação", então organizada por José Marques de Melo. Publicada pela Cortez em 1981, reúne a obra os trabalhos apresentados durante o Congresso nacional da INTERCOM do ano anterior. Quais eram as circunstâncias intelectuais específicas do campo? Naquela época, ainda era concentrada e pequena a comunidade brasileira de pesquisadores em comunicação. Fundada poucos anos antes, a INTERCOM engatinhava como instituição, mas possuía uma unidade acadêmica e identidade política que hoje, por força dos fatos, se perdeu. Os congressos e eventos acadêmicos ainda não tinham o gigantismo, dispersão e vacuidade verificadas na atualidade, podendo se dar ao luxo de definir uma pauta comum, mobilizar esforços convergentes e trabalhar com mais produtividade e resultado, desde o ponto de vista epistêmico, a temática escolhida pelo comitê organizador.

Principalmente, havia uma preocupação com a relevância histórica e o sentido político da pesquisa, se não o sentimento de existir um intelectual coletivo entre os interessados em desenvolver cientificamente o ensino e estudo da comunicação. Embora precária teórica e metodologicamente, como ainda hoje, a atividade acadêmica na área não se encontrava encapsulada na burocracia mecânica e esterilizante. O carreirismo intelectual e o oportunismo burocrático hoje reinantes ainda estavam por chegar, em uma área que recém começava a se ambientar na universidade brasileira. Queria-se pensar levando em conta a realidade mais ampla e, respeitando a especificidade intelectual da tarefa, intervir em seu movimento. Dados os sinais de abertura política no regime autoritário e mantendo em vista a perspectiva de sua superação que emergia de tantos sinais da sociedade civil organizada, à reunião acadêmica dos estudiosos do campo se impunha não a questão prática sobre o que fazer, mas a vontade de saber e de diagnosticar o que estava acontecendo desde o ponto de vista da comunicação.

Marques de Melo e seu grupo vislumbraram no populismo o conceito capaz de pensar a conexão entre comunicação e sociedade que à época se tramava, a categoria que permitiria elaborar o problema com que os atores históricos e sujeitos sociais, mas também os estudiosos da mídia tinham de se confrontar no início dos anos 1980.

Seguidor das teorias desenvolvimentistas do CIESPAL, o organizador da obra fora, no início da carreira, influenciado pelo paradigma empírico e descritivo da Escola norte-americana. Conhecedor da teoria funcionalista e dos métodos quantitativos de análise de conteúdo, seus primeiros estudos articulavam o estudo da comunicação via a análise e discussão dos problemas de nosso subdesenvolvimento capitalista. Prova disso está no relato de suas impressões sobre os problemas e limites da modernização das empresas e sistemas de comunicação em países submetidos a outros fatores de subdesenvolvimento que ele nos fornece em "Subdesenvolvimento, urbanização e comunicação" (1976).

Durante os anos da abertura política promovida pelo Regime Militar, Marques de Melo, porém, vivenciou uma fase de inflexão em seu pensamento. Radicalizou-se na conjuntura o conteúdo político de seu entendimento da comunicação. Fora o autor sensibilizado pelo interesse recém-aparecido no potencial transformador das práticas de comunicação popular e seu papel nos processos de construção de uma contra-hegemonia. Presente, por exemplo, nos vários escritos sobre liberdade de opinião, direito à informação e leitura crítica dos meios que publica nos anos 1980, este aspecto tem um de seus pontos altos em "Populismo e Comunicação".

Guarda o volume, apesar do cunho colaborativo, as marcas mais próprias da trajetória acadêmica de seu organizador e, no caso, referência intelectual. Entre elas, a principal, em termos epistemológicos, nos parece ser o viés historicista. No volume, como em sua obra, a reflexão teórica não está ausente, mas exerce função auxiliar e ocupa um lugar secundário. O principal sempre está no relato embasado no trabalho de documentação e no decorrente registro dos dados e informações. A perspectiva liberal informada pela doutrina social cristã que permeia ou articula teoricamente os estudos comunicacionais do autor, contudo, se revela menos na altura em que a obra em exame foi publicada.

Do final dos anos 1970 até meados dos anos 1980, isto é, até a redemocratização, esta visão parece ter sido tingida por cores mais fortes, em que, aparentemente influenciado pelo espírito do tempo que se havia cristalizado entre os intelectuais brasileiros, seu discurso incorpora o jargão e, por que não dizer, os estereótipos do repertório teórico da esquerda. A passagem seguinte caracteriza o projeto subjacente ao volume em foco e nos dá claro sinal disso, ao esclarecer que

> *Populismo e comunicação* representa uma busca do significado político da comunicação nos processos de manipulação das massas em governos que buscam legitimação para projetos reformistas destinados a neutralizar a ascensão hegemônica das classes trabalhadoras (MARQUES DE MELO, 1981, p. 16).

Valendo-se da contribuição paradigmática de Francisco Weffort à intelecção do populismo no Brasil, contribuiu o autor para elaborar o documento norteador das discussões reunidas na obra, observando que, em sentido estrito, o fenômeno estaria político e socialmente ultrapassado. Oriundo da Revolução de 1930, seu ciclo, entre nós, teria tido término com o esgotamento do modelo de substituição de importações via a indústria nacional no final dos anos 1950 e o golpe militar de 1964. Em resumo, o populismo corresponderia ao período de industrialização comandada pelo Estado, em que o estamento burocrático, à falta de uma classe ou fração de classe hegemônica, assume a liderança do processo político, para fazer as massas consentirem e se incorporarem ao desenvolvimento do capitalismo.

Recorrendo em seguida à obra de Ernesto Laclau, todavia observa o autor que o populismo também pode ser entendido em um sentido genérico, como fórmula através da qual o bloco no poder em uma sociedade dividida por conflitos de classe apela ideologicamente ao povo, seja para mantê-lo sob controle, seja para pô-lo a serviço dos interesses de uma ou outra de suas facções contra as demais. Típico das conjunturas de crise de governabilidade, o populismo seria, nessa perspectiva, um conjunto de práticas e discursos com que se disputa e tenta mobilizar o apoio das massas a um projeto alternativo relativamente à ideologia e, portanto, ao modelo de poder estabelecido.

Para Marques de Melo seria por esta linha que se deveria entender as estratégias de comunicação empregadas pelo Governo militar a partir da escolha e, em seguida, da posse do presidente João Batista Figueiredo, em 1979. Quis-se com a criação da Secretaria de Comunicação Social (SECOM) "mudar a imagem do governo e criar uma sensação pública de sua aceitação popular", mediante "a utilização de toda uma parafernália publicitária". Desejava-se romper o suposto isolamento do regime em relação ao povo, sem alterar a realidade social e econômica, "neutralizando o ímpeto da resistência popular, com a artimanha de participação abstrata das massas na vida política do país, orquestrada pela imprensa, rádio, televisão, cinema e outdoor" (1982, p. 13).

Partindo da premissa de que no país ainda não se atribuía grande interesse às conexões entre comunicação e política (1982, p. 15), situam-se numa perspectiva histórica, sobretudo, os estudos que o volume compila. Exagera-se nele ao afirmar seu texto referencial que, "exceção feita ao período do governo Médici",

em "nenhum outro momento de nossa história a comunicação social foi objeto de tratamento tão sofisticado" visando "popularizar um governo" (1982, p. 23). Basta ler os artigos nele impressos para concluir que, nem de longe, o pretendido neopopulismo dos estrategas de comunicação do regime militar concorreu com o aparato de propaganda do Estado Novo. Por outro lado, observa-se bem que, embora esforçado, este "aparatoso mecanismo comunicacional" não seria suficiente para fazer renascer o populismo no Brasil.

O projeto estaria envolvido em uma contradição de origem econômica, que seria a crise estrutural do modelo de acumulação do capital implementado pelos militares. A falta de alternativas para enfrentá-la, tanto quanto a manutenção de entraves à livre ação política, seguiriam mantendo as ansiedades e insatisfações da sociedade. "O que chamamos de neopopulismo – um projeto deliberado de legitimar o regime através da manipulação da comunicação social – nasce assim com um caráter extremamente debilitado" (1982, p. 24).

Para os organizadores do evento que serviu de base à obra, a sociedade não comportava mais lideranças impostas de cima para baixo, mesmo sendo paternalistas, e que, por isso, as "estratégias aparentemente mais populistas" (1982, p. 142) com que se tentava reanimar a opinião pública e o crédito no governo militar fracassariam. A estratégia não traria o resultado esperado, visto ser ela incapaz de promover as alterações substanciais nos planos político e econômico que o país precisava (1982, p. 22-24), seja porque o populismo seria uma prática política historicamente superada, corresponderia a período pertencente ao passado (1982, p. 14).

Apesar do esforço em comentar "as estruturas comunicacionais a que tem recorrido o populismo para atingir as massas, seduzindo-as com uma mensagem cativante e paternalista" (1982, p. 15), revela o livro, porém, clara dificuldade em explorar este aspecto. Os textos mais densos e propositivos são peças de historiografia política ou reflexão de ordem político-sociológica muito genéricas, em que se nota a falta de pesquisa especializada sobre os aspectos comunicacionais da problemática definida pela obra.

Artigos como os de Carlos Eduardo Lins da Silva, sobre o populismo na política do Rio Grande do Norte, e o de José Faro, que esboça comparação entre o DIP e a SECOM, em que pese o esforço, não logram aprofundar as particularidades midiáticas de suas temáticas. Peças como a da historiadora Maria Helena Capelato, sobre a influência do fenômeno na imprensa cotidiana paulistana pré-1964, são exceções, em meio a vários outros textos de pouca relevância epistemológica para o campo de estudos da comunicação. Quando o que foi chamado de neopopulismo pelos organizadores é enfrentado, o raciocínio a respeito se desenvolve com precariedade, associando-se àquele fenômeno trivialidades como "as possibilidades de uma utilização a nível pessoal de um meio

tão potente como a televisão [por parte dos políticos]", para citar a contribuição de Luis Fernando Santoro (1982, p. 142).

Considerado à distância, o principal problema com o volume é, na verdade, sua perspectiva norteadora, dependente de uma situação histórico-hermenêutica particularmente limitadora para a intelectualidade brasileira, em especial a dos pesquisadores em comunicação. Por volta de 1980, seria excepcional, em nosso juízo, ver que o populismo, analisado mais a fundo, não é um fenômeno de ordem exclusivamente política, nem está preso às situações em que o estamento técnico e burocrático assume a hegemonia no processo político societário, como defendiam Francisco Weffort e Octavio Ianni. Teria sido extraordinário observar que o populismo é, antes, uma feição mais ou menos intrínseca à democracia de massas e que seu sentido, em vez de ideológico, é cada vez mais mercadológico nas condições de desenvolvimento do regime social capitalista.

Marques de Melo e seu coletivo acreditavam que o populismo era uma categoria historicamente ultrapassada e, apesar de entreverem sua reatualização, só conseguiram ver nesta última um fenômeno político destinado ao fracasso, em meio a uma economia moderna sujeita às crises e a uma sociedade civil potencialmente organizável desde perspectivas pluralistas, se não populares e contra-hegemônicas. Paradoxalmente, no entanto, o grupo, à época, professava uma variante latino-americana do que foi chamado de "populismo cultural" por Jim McGuigan. Isto é, partilhava do "entendimento intelectual, feito por alguns estudiosos da cultura popular, de que as experiências e práticas das pessoas comuns são analítica e politicamente mais importantes do que a Cultura, com C maiúscula" (1992, p. 4; cf. Marques de Melo, 1980; Lins da Silva, 1982).

Havia no núcleo dirigente da INTERCOM e seu coletivo intelectual uma fé na capacidade das classes subalternas interferirem e, eventualmente, alterarem os projetos de hegemonia construídos de cima para baixo. Vivendo-se as circunstâncias da reativação da cidadania e da lenta abertura política do regime militar, apostava-se na comunicação popular como forma de resgatar a participação política e refundar a vida pública em termos democráticos. A cogitação de acordo com a qual o populismo também pode valer para as práticas e experiências de apelo popular exploradas pelos mercantilmente pelas agências da indústria cultural, de que é intrínseca a esta última a criação de seu próprio populismo, contudo, não fazia parte de seu horizonte.

Naquela conjuntura, a verdade estava próxima, mas ainda não havia chegado o tempo para se tomar consciência de que o Brasil se modernizara mais radicalmente do que esperavam as forças democráticas, fossem ou não progressistas. Agitados pelos movimentos pela redemocratização e as lutas pelo fim do regime militar, os ventos da política popular ainda eram fortes o bastante para encobrir

o fato de que essa política, mas também a comunicação popular e alternativa estava sendo silenciosamente eclipsada pelo advento da era apolítica do consumismo de massas e de uma indústria cultural que se convertera em sistema.

Em resumo, estava ainda por vir a hora de anotar que, apesar da estruturação sócio-econômica desigual e contraditória de nosso país, havia se desenvolvido entre nós um mercado de bens de consumo de massa dinâmico e de crescente magnitude, em que, via os novos sistemas de comunicações, estava se instaurando uma sociabilidade nova e específica, lastreada na mercantilização do consumo e em que surgiam novos hábitos, sonhos, desejos e frustrações, como deixará claro o estudo "A moderna tradição brasileira", de Renato Ortiz, publicado em 1988.

Destarte, Marques de Melo e seus colaboradores não tiveram como ver que "a emergência da indústria cultural e de um mercado de bens simbólicos organiza o quadro cultural em novas bases e dá à noção de popular uma nova abrangência" (ORTIZ, 1988, p. 164), ao promover um processo de despolitização da vida social que, conservadas as devidas condições econômicas, rompe a conexão entre cultura e política que, até o final dos anos 1960, sustentava um clima de utopia política entre os setores mais intelectualizados da população. Ainda estavam para serem postas as condições para se começar a pensar que o avanço do capitalismo ocorrido desde o final dos anos 1950 importara na criação de um novo regime social, urbano, massivo e mercadológico, cujos esquemas práticos, intelectuais e imaginários, promovendo o consumo, a moda e o lazer, acabaram deslocando para um segundo plano nossas preocupações com o desenvolvimento da cidadania, a formação cultural e a construção de uma ordem civil alicerçada na práxis democrática e republicana no Brasil.

Por isso, avalia-se melhor agora, o populismo não pode ser visto como fenômeno simplesmente datado, nem como excrescência eliminável da vida política moderna. Antes deve ser entendido como um aspecto mais ou menos intrínseco à política partidária, se não a todo governo na democracia de massas. Contudo, para apanhar o principal e avançar epistemicamente com o conceito entre as ciências da comunicação, é preciso ir além. O ponto que precisamos cogitar com mais profundidade é se, na era de mídia, este populismo, em vez de ser estratégia circunstancial da ação política, não é antes uma função do desenvolvimento da economia de mercado, da capacidade da atividade empresarial criar e distribuir renda para as pessoas consumirem bens e serviços em escala exponencial e massiva.

Quem sabe seu caráter mais ou menos aberto, desde o ponto de vista político, não deriva do maior ou menor desenvolvimento de um populismo mercadológico, enraizado nas condições da economia de alto desenvolvimento tecnológico. Será unicamente por meio da propaganda e de políticas públicas visando

o atendimento das camadas populares que ele precisa ser promovido? Ou nisso os partidos políticos e o estamos burocrático tendem, fora das horas de crise, a, cada vez mais, enfrentar a concorrência das tecnocracias empresariais?

Questões de atualidade como estas justificam, em nosso ver, a permanência das discussões sobre populismo e comunicação, propostas pioneiramente entre nós por Jose Marques de Melo em 1980.

Referências

LINS DA SILVA, C. E. (Org.). **Comunicação, hegemonia e contra-informação**. São Paulo: Cortez, 1982.

MARQUES DE MELO, José (Org.). **Populismo e comunicação.** São Paulo: Cortez, 1981.

MARQUES DE MELO, José (Org.). **Comunicação e classes subalternas**. São Paulo: Cortez, 1980.

MCGUIGAN, Jim. **Cultural populism**. Londres: Routledge, 1992.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

SORJ, Bernardo (Org.) **Sociedade e política no Brasil pós-64**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

Impasses e desafios mais atuais do que nunca

Nair Prata[1]

5.1 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José (Org.). **Ensino de comunicação no Brasil**: impasses e desafios. São Paulo: ECA-USP, 1987. 113p.

A minha primeira surpresa ao ler – de um só fôlego – o livro acima citado, foi perceber a atualidade dos temas em discussão, ainda hoje, 26 anos depois da publicação. Se no meu tempo de graduanda em Jornalismo, na UFMG, me chamava a atenção a profusão e a relevância das atividades do professor José Marques de Melo, hoje me impressiona a capacidade que ele tem de antecipar os principais movimentos e discussões em Comunicação no país.

Os textos deste livro foram produzidos durante o curso Pedagogia da Comunicação no Brasil, ministrado pelo professor José Marques e que pretendeu

1. Jornalista, doutora em Linguística Aplicada (UFMG), professora adjunta da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), diretora administrativa da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (Alcar) e coordenadora do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da INTERCOM. Autora do livro *Webradio – novos gêneros, novas formas de interação* e organizadora de seis outros livros, sendo cinco sobre rádio. nairprata@uol.com.br

> analisar a trajetória do ensino de comunicação no Brasil a partir das diretrizes pedagógicas hegemônicas. Buscou também oferecer aos docentes, que atuam ou se iniciam na área, um referencial teórico e metodológico para melhorar o seu desempenho acadêmico (1987, p. 11).

Os artigos apresentam-se como estudos de casos e a publicação teve o objetivo de "contribuir para fazer avançar a avaliação do ensino de comunicação e, consequentemente, para tornar mais nítida sua identidade político-pedagógica no confronto e coexistência com outras áreas do ensino superior" (1987, p.12).

O livro, de 113 páginas, apresenta, inicialmente, uma "Introdução" do professor José Marques e cinco outros artigos: "A questão curricular: do impasse à reinvenção", de Eduardo Meditsch e Aníbal Bragança; "Teoria e prática no Ensino de Comunicação: a didática e a questão do poder", de Alcina Lara Cardoso, Heitor da Silveira Neto e Silvia Pereira de Araújo; "Órgãos laboratoriais: da resistência aos novos caminhos", de Luiz Custódio da Silva; "Desafio gerencial: a defasagem entre o dinamismo dos processos de comunicação e a morosidade da burocracia universitária", de Mirian Rejowski de Carvalho e Antônio Gonçalves de Oliveira e "Um impasse curricular: teoria da Comunicação", de Isaac Epstein.

O professor José Marques abre o livro afirmando que uma de suas preocupações, como profissional dedicado ao ensino e à pesquisa da Comunicação, é contribuir para que as escolas e os cursos de Jornalismo encontrem a sua identidade. A seguir, traça uma breve trajetória do seu trabalho em prol deste objetivo. Lembra que o primeiro desafio surgiu no Recife, em 1965, quando foi convidado pelo diretor do Instituto de Ciências da Informação (ICINFORM), Luiz Beltrão, a ocupar o cargo de secretário-geral da entidade, quando teve a oportunidade de organizar cursos, pesquisas, publicações e intercâmbio.

Em 1966, foi obrigado a mudar-se para São Paulo, "como tantos companheiros da minha geração, em face das perseguições políticas dirigidas aos colaboradores do governo deposto" (1987, p.5) e se engajou em duas instituições universitárias: a fundação da Escola de Comunicações Culturais da USP e a modernização da Faculdade de Jornalismo da Fundação Cásper Líbero. Nesta última, realizou uma pesquisa para avaliar os 20 anos de fundação da entidade e, a partir dos resultados da investigação, foram introduzidas mudanças substantivas nas áreas pedagógicas e administrativas do órgão. E a convite do professor Luiz Beltrão, realizou uma pesquisa semelhante, utilizando o mesmo referencial teórico e metodológico, para conhecer o ensino de Comunicação Social das universidades católicas da América Latina.

Em fevereiro de 1968, o professor José Marques assumiu a direção do Departamento de Jornalismo da Escola de Comunicações da USP, mesmo sendo o mais

jovem entre os seus colegas. Lá realizou a IV Semana de Estudos de Jornalismo e, com a participação de professores, pesquisadores, convidados internacionais e estudantes, foram debatidos os rumos do tema central do evento: o ensino de Jornalismo. Em 1974, lançou "Pedagogia da Comunicação", livro que reunia material de apoio para jovens professores que ingressavam no magistério superior.

Buscou, então, no pós-doutoramento, aprofundar suas as pesquisas na área e passou um ano nos Estados Unidos estudando as experiências norte-americanas na pós-graduação em Jornalismo. Ao retornar ao Brasil, em 1974, foi surpreendido com a cassação política e o consequente afastamento das atividades acadêmicas na USP. Foi, então, convidado a trabalhar no Instituto Metodista de Ensino Superior, onde continuou as pesquisas acerca da pedagogia da comunicação.

A criação da INTERCOM, em São Paulo, em 1977, representou um caminho para a conquista da legitimidade acadêmica à ação dos pesquisadores e o primeiro ciclo de estudos promovido pela entidade, em Santos, em 1978, teve como tema central "Estratégias para o Ensino de Comunicação".

O documento publicado pela INTERCOM sobre a ideologia e o poder no ensino de comunicação serviu como instrumento para um movimento que pretendia esvaziar e, na prática, acabar com os cursos de Jornalismo no país. Movimento semelhante ressurgiria, mais tarde, com a campanha patrocinada pelo jornal Folha de S. Paulo, contra o diploma para o exercício da profissão de jornalista.

O professor José Marques assumiu, então, a liderança acadêmica em defesa do diploma de jornalista e, como ele diz, "uma batalha a ser travada em duas frentes" (p. 9): política e pedagógica. Nesta última, organizou o I Curso de Aperfeiçoamento para Professores de Jornalismo, que buscou melhorar o conhecimento dos professores de Jornalismo impresso. A partir deste curso, foram realizados outros em âmbito nacional e regionais.

Paralelamente a essas atividades, o professor passou a desenvolver cursos regulares e projetos de pesquisa sobre política educacional e metodologia do ensino em comunicação, levando para a sala de aula as iniciativas desenvolvidas na presidência da Comissão de Especialistas em Comunicação Social do Ministério da Educação. Os cursos, pesquisas e produções sobre a pedagogia da comunicação fomentaram investigações de mestrandos e doutorandos sobre o tema, além deste livro "Ensino de comunicação no Brasil: impasses e desafios".

O primeiro texto, "A questão curricular: do impasse à reinvenção", de Eduardo Meditsch e Aníbal Bragança discute questões ainda hoje pertinentes com relação aos desafios do currículo dos cursos de Comunicação brasileiros.

Inicialmente, os autores lembram que os problemas dos cursos de Comunicação não se resolvem no plano curricular, mas destacam a importância de uma reforma, defendida pelo professor José Marques de Melo, no sentido de eliminar

o currículo mínimo, obrigatório à época, dando liberdade às escolas para se adequarem às especificidades regionais.

A partir daí, o texto discute caminhos que se impunham aos cursos de Comunicação: "a orientação no sentido profissionalizante, para formar mão-de-obra especializada ou o caminho teórico-crítico, para formar agentes capazes de uma intervenção transformadora na realidade social" (1987, p.22).

A oficialização dos cursos de Jornalismo no país surgiu com o objetivo de diplomar os burocratas do serviço público que precisavam do diploma universitário para equiparar seus salários aos dos servidores com vencimentos mais altos e, "secundariamente, para atender a uma demanda da mão-de-obra por empresários que até então viam sua atividade como fonte principal do poder político" (1987, p. 23). Esta primeira fase dos cursos, chamada de beletrista, ou clássico-humanista, permaneceu até o golpe de 1964, rompendo com a hegemonia de uma visão literária, ético-jurídica e romântica do jornalismo, com poucas disciplinas técnicas no currículo.

A partir do golpe, houve uma transição da fase beletrista para a fase positivista, ou técnico-científica, com uma visão funcional-empiricista da comunicação. Para o professor Marques de Melo, "a modernização do currículo esbarrava na inércia da universidade brasileira que, na mesma época, dispensava ou imobilizava seus quadros progressistas pela perseguição política" (1987, p. 24). Veio, então, em plena ditadura militar, a fase positivista, com a reforma no ensino superior para articulá-lo ao sistema econômico, em possibilidade de politização.

O currículo mínimo de 1979 chegou numa fase de abertura política e de intensa mobilização universitária, sendo mal recebido nas escolas de comunicação, e "não recupera o humanismo perdido dos primeiros currículos, mas dá uma margem a uma maior generalização a partir das disciplinas da fase cientificista" (1987, p. 26).

Ao final, os autores trazem à luz os casos de duas instituições, a Universidade Federal Fluminense (UFF) e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com uma reflexão sobre os cursos de Comunicação oferecidos com o currículo mínimo em vigor à época.

O segundo texto do livro, "Teoria e prática no Ensino de Comunicação: a didática e a questão do poder", de Alcina Lara Cardoso, Heitor da Silveira Neto e Silvia Pereira de Araújo, é aberto com uma discussão sobre a dicotomia entre teoria e prática: "a incapacidade prática revela a impotência teórica e vice-versa, dado que teimamos em separá-las, quando a sua unicidade se impõe e, cegamente, não as penetramos" (1987, p. 41). Assim, o artigo se propõe a discutir essas questões a partir de um objeto específico: o curso de Comunicação da Escola de Comunicação e Artes (ECA), da Universidade de São Paulo.

Por meio de entrevistas com os professores do curso, os autores chegaram a algumas constatações, entre elas: os problemas que envolvem a didática ficam em segundo plano, as posturas pedagógicas diferenciam-se profundamente entre os componentes do corpo docente, não está claro como se dá a interligação entre a teoria e a prática, há um confronto entre as disciplinas técnicas e as de cultura geral, a questão política permeia a discussão em torno dos objetivos da escola e a concepção da ação pedagógica, como ação para a transformação, encontra pouca repercussão.

Segundo o texto, a falta de objetivos definidos é a questão que embasava as deficiências do processo pedagógico envolvendo alunos e professores da ECA: "esta ausência de diálogo entre membros da comunidade acadêmica produz isolamento entre professores e alunos e ainda impede o surgimento de uma consciência crítica em seu meio" (1987, p. 43).

A pesquisa realizada apontava que o professor não possuía formação didática específica para dar aulas e usava a improvisação no trabalho de transmitir conhecimentos e orientar os alunos. Os autores retomam as três conclusões principais de um encontro de Escolas de Comunicação, realizado em Caracas, em 1976 e que apontavam para as mesmas preocupações: pouca relação entre o produto das escolas e o mercado profissional, falta de prática dos estudantes e a natureza teórica da maior parte do ensino.

O texto discute ainda a questão do poder que permeia as relações entre teoria e prática, ao lembrar que esta dicotomia era um dos problemas estruturais dos cursos de Comunicação. Os autores levantam os principais impasses estruturais da ECA à época (currículos, entrosamento teoria e prática, objetivos definidos) e explicam que a solução para eles aponta para "disputas internas, cuja máscara pedagógica escamoteia preocupações políticas" (1987, p. 45). No entanto, lembram que "dentro da ECA, disputas pelo poder acadêmico-administrativo vêm, ao longo dos anos, reafirmando esta dicotomia e reforçando a fragmentação funcional do curso" (1987, p. 46).

Ao final, o texto aponta que ser professor de Comunicação exige características pessoais e um mínimo de competência profissional e comprometimento com a realidade e conclui que

> os aspectos técnicos e teóricos dos processos didáticos no curso de Comunicação teriam atenuado o seu divisor, não pela simples disposição e cumprimento sequencial das disciplinas no currículo em curso, nem pelo treinamento de técnicas didáticas, mas, sobretudo, por uma reflexão séria que contagie professores e alunos, apesar e graças às suas diferenças internas, para juntos estabelecerem os pontos comuns de uma política pedagógica do curso de Comunicação (CARDOSO; SILVEIRA NETO; ARAÚJO, 1987, p. 47).

O terceiro texto, "Órgãos laboratoriais: da resistência aos novos caminhos", de Luiz Custódio da Silva discute os desafios das práticas laboratoriais nos cursos de Comunicação, lembrando que havia "saldos positivos, mas também muitos desencontros pedagógicos" (1987, p.53). São relembradas iniciativas como a do empresário Cásper Líbero, que defendeu as práticas laboratoriais do curso de Jornalismo sendo realizadas nos meios de Comunicação existentes na própria organização e ainda os jornais Cobaia (de Luiz Beltrão), Marco (da Universidade Católica de Belo Horizonte), Campus (Universidade de Brasília) e Rugge Ramos (Instituto Metodista).

Após traçar uma breve trajetória sobre as práticas laboratoriais e sua presença nos cursos de Comunicação, o autor fala de uma nova realidade que se avizinhava, com a possível abolição definitiva do currículo mínimo por parte do Conselho Federal de Educação. Há ainda uma discussão sobre os aspectos positivos e negativos, nas escolas públicas e privadas, com relação aos equipamentos disponíveis para as práticas laboratoriais e também à dedicação docente, fundamental para a orientação dos alunos.

O texto trata também sobre os caminhos metodológicos na condução das experiências laboratoriais no âmbito das escolas de Comunicação e lembra o professor José Marques:

> Os órgãos laboratoriais têm um papel importante no processo de aprendizagem. Eu acho que eles são o espaço através do qual o ensino de Jornalismo adquire a sua própria vivacidade. Mas nós não podemos manter órgãos laboratoriais independentes da transmissão de conhecimento, nas disciplinas humanísticas ou nas próprias disciplinas de natureza profissional. Eu só entendo a existência de órgãos laboratoriais, em qualquer curso de Jornalismo, na medida em que eles estejam a serviço da teoria, eles estejam para permitir a aplicação prática de conhecimentos sedimentados e muitas vezes para negar a própria teoria, para produzir um conhecimento novo. Sem essa orientação, parece-me que esses laboratórios podem se tornar verdadeiros equívocos (SILVA, 1987, p.60).

Ao final do texto, o autor discute as experiências e atividades laboratoriais na Faculdade de Comunicação do Instituto Metodista de Ensino Superior de São Bernardo do Campo, traçando um breve histórico do curso e as práticas nele realizadas.

A título de conclusão, o artigo aponta elementos característicos de novas tendências e perspectivas para a solidificação das experiências laboratoriais: as mobilizações, conforme as recomendações do IV Encontro Nacional de órgãos Laboratoriais dos Cursos de Jornalismo, o trabalho de implantação do novo

currículo pelo MEC, os diagnósticos dos cursos de Comunicação Social no país, projeto Nova Universidade, a Constituição brasileira e a maior participação popular nos destinos do país, as novas perspectivas das questões salariais, a discussão e avaliação dos cursos de Comunicação feita pelos próprios coordenadores e a realização do Encontro de Chefes e Coordenadores de Cursos de Comunicação Social do Norte Nordeste, que dedicou amplo espaço às discussões sobre as atividades laboratoriais e projetos experimentais.

O penúltimo texto da coletânea, "Desafio gerencial: a defasagem entre o dinamismo dos processos de comunicação e a morosidade da burocracia universitária", de Mirian Rejowski de Carvalho e Antônio Gonçalves de Oliveira, tem o objetivo de discutir a morosidade da burocracia universitária, particularmente na Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo.

O texto é aberto com a fundamentação teórica sobre gerência e burocracia e, em seguida, uma síntese histórica da ECA insere o leitor no universo da instituição, seus problemas e desafios. Em seguida, os autores apresentam depoimentos de professores da casa para, a partir daí, serem feitas reflexões sobre o desafio gerencial que se impunha aos processos de comunicação.

Segundo os autores, a definição clássica de gerência é o "processo de formular e executar políticas, dentro de uma estrutura organizacional, através do desempenho de atividades funcionais de planejamento, organização, direção e controle" (p. 79); a burocracia é um fenômeno "que viceja em organizações públicas e privadas (e até domésticas, poderíamos dizer)" (1987, p.80).

As conclusões do I Congresso da USP – Grupo de trabalho "Burocracia e Democracia na USP" apontavam para algumas questões: falência da representação, circuito da burocracia leva à fragmentação das decisões e ao desconhecimento das causas de medidas adotadas, a utilização do sigilo como principal arma da burocracia, a modernização burocrática transformou todos em burocratas, a impotência burocrática como elemento definidor das diferenças de atividades e autoridade e as fundações que acabam também se burocratizando.

Os autores do texto entrevistaram os professores da ECA e chegaram à conclusão que a comunicação era falha na instituição, face ao sistema burocrático vigente à época. Os temas abordados pelos entrevistados foram agrupados em grandes tópicos: sistema feudal/ falta de confiança nas pessoas; burocracia mobiliza a comunicação interna; isolamento entre professores e alunos/inexistência de trabalhos interdisciplinares; professores e alunos pouco conhecem da própria ECA; burocracia da USP inibe a prestação de serviços à comunidade; não há investimento da escola em um trabalho de comunicação.

Ao final, são apontados os principais aspectos negativos da burocracia versus os processos de comunicação na ECA: a escola seguia, até quase a irracionalidade,

as regras e os regulamentos; as decisões eram fragmentadas e não havia conhecimento, por parte de professores e alunos, das causas das medidas adotadas; havia uma tendência à burocratização dos docentes e conformismo com a estrutura da escola; imperava o conservadorismo com alta resistência às mudanças e existia uma ineficácia da organização burocrática frente aos processos de comunicação, tornando-os, muitas vezes, impotente.

Os autores apontam, por fim, três questões sobre as quais reforçam a necessidade de criação de uma noção de trabalho dentro do princípio do equilíbrio instável: a) Como estruturar novas formas de gerenciar a ECA, considerando eficiência, eficácia e efetividade?; b) Como romper a morosidade "planejada" da burocracia? e c) Como abrir espaços para que o dinamismo das atividades de comunicação se explicite?

Por fim, o último texto, "Um impasse curricular: Teoria da Comunicação", de Isaac Epstein, discute especificamente a disciplina Teoria da comunicação, parte do currículo mínimo exigido pelo Conselho Federal de Educação à época, mas com ambiguidades nas ementas e nos programas de ensino.

Inicialmente, o autor destaca que "aparentemente, nada mais próprio ou adequado a um curso universitário de comunicação do que conter em sua espinha dorsal teórica uma disciplina com este título" (1987, p.95). No entanto, defende que a expressão "Teoria da Comunicação" pode fazer pressupor a existência de um conhecimento unitário, o que não corresponde à realidade:

> Um fenômeno tão ubíquo como a comunicação, porém, apenas poderia admitir uma teoria unificada no momento em que houvesse uma teoria unificada do próprio ser humano em seus múltiplos aspectos. Em suma, falar-se de uma Teoria da Comunicação é quase tão genérico quanto falar-se do homem, uma vez que em todas as suas atividades (inclusive na intra-psíquica) ou em todos os aspectos sob o qual o homem pode ser estudado, intervém a comunicação (1987, p. 98).

A seguir, o autor discute o significado do termo "Teoria", e observa que qualquer teoria sobre o que seja a teoria implica um modo de ver e entender a realidade. Assim, aponta que "não há uma teoria da comunicação, mas tantas (no mínimo) quantas forem as perspectivas a partir das quais se queira abordar os fenômenos de comunicação" (1987, p. 100). Chega-se então ao conceito de Dimensões da Comunicação, que pretendem "indicar diferenças importantes entre as várias perspectivas através das quais pode ser encarado o fenômeno comunicativo" (1987, p. 101). Ao final, o texto aponta que os fenômenos de comunicação podem ser examinados sob várias perspectivas, incluindo a filosófica e a científica.

Cal e canto: O papel da comunicação para a integração Ibero-Americana[1]

Ruth Penha Alves Vianna[2]

6.1 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José. **Ibero-América, integração e Comunicação - Extremadura Enclave 92**. São Paulo: ECA/USP. 1990, 77p.

A publicação Ibero-América, integração e Comunicação, ECA-USP/Extremadura Enclave 92 (quinto centenário), SP, 1990, relata sobre a realização do IV Encontro Ibero-americano de Comunicação, em São Paulo, Brasil, ocorrido de 30 de agosto a 2 de setembro de 1989, sob a responsabilidade de José Marques de Melo, Diretor da ECA-SP (1989); Luis Angel Ruiz de Gopegui e Tito Drago (Espanha).

1. Ibarra, Juan Carlos Rodriguez. Europa 93 e as relações com a América Latina, IV Encontro Ibero-americano de Comunicação, SP, 1989.

2. Vianna, Ruth pena Alves Vianna. É pós–doutora em Jornalismo Comparado (ECA-USP), 2005; Pós-doutora em Quality Communication, UAB, Espanha, 2008; Doutora em Comunicação Audiovisual – Telejornalismo, UAB, Espanha, 2000; mestre em Ciências da Comunicação e Arte, ECA-USP, 1989; jornalista, UMESP, SP, 1980. Dirigiu e coordenou o Projeto de Cooperação Internacional entre Brasil-Espanha CAPES/DGU (2008-2012) – UAB-UFMS, Professora aposentada associada III da UFMS (1992-2012).

O evento foi organizado por Extremadura Enclave 92 e a Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. O encontro teve ainda as colaborações do Governo do Estado de SP; da Reitoria da USP; da Fundação de apoio à pesquisa científica, de SP; da Fundesco; da Agência Espanhola de Cooperação Internacional (AECI), de Espanha, e o apoio da Associação Nacional de Jornais do Brasil; do diário Folha de S. Paulo; revista Veja; das cadeias de televisão SBT; Fundação Padre Anchieta – TV Cultura; Ministério de Educação do Brasil e do Consulado de Espanha, em São Paulo.O evento contou ainda, com a participação de uma centena de pesquisadores e profissionais da área e de 13 países: Alemanha, Argentina, Bolívia, Brasil, Suécia, Chile, Colômbia, Espanha, Portugal, França, Nicarágua, Peru e Venezuela. Também oito estados brasileiros: Alagoas, Espírito Santo, Paraíba, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, São Paulo e Sergipe, o que constituiu uma programação de grande envergadura.

Este Encontro foi, na verdade, de muita importância, pois se dava em momento chave e necessitou de grande maturidade intelectual para se colocarem frente a frente dois grandes continentes em situações pouco alvissareiras em busca de uma possível integração. José Marques de Melo um intelectual à frente dos tempos já intuía esta situação e, mesmo assim, apostou todos seus conhecimentos e antevisão á situação sine qua non que adevia.

Este Encontro ocorreu em momento significativo politicamente, economicamente e comunicaonalmente que vivenciavam os dois Continentes, principalmente por Brasil, demais países latino-americanos; Portugal e Espanha. Cada um ia a "*Cal e canto*".

No Brasil e demais países latino-americanos ocorriam uma distensão política com a retomada do Estado de direito após anos de ditadura e Portugal e Espanha marchavam em busca da integração na Comunidade Europeia, também com a volta à democratização a partir dos anos 70, com a derrocada de Franco e Salazar.

Por parte do Brasil e demais países latinos americanos a expectativa de uma integração com a Ibera América era grande. Já a tinha sido desde muitos anos atrás com os planos de Bolívar; nos estudos de Rosenthal. Isaac Cohen, que ia mais a fundo mostrando que havia a real necessidade de uma integração anterior a do Caribe e dizia: "nos projetos políticos dos países latino-americanos e do Caribe deve acontecer. A integração como projeto político implica na participação de setores sociais, entre eles, o próprio Estado"[3].

Não obstante o pesquisador brasileiro e espanhol falava-se em difundir e valorizar o conceito de cooperação regional.

3. Affonso, Almino, Vice-governador de São Paulo. Integração Latino Americana. IV Encontro Ibero-americano de Comunicação, SP, 1989.

Juan Carlos Rodriguez Ibarra, Presidente da Junta Extramadura foi incisivo na pertinência do Encontro, pois este "IV Encontro Ibero-americano de Comunicação, que se enquadrou dentro das atividades do V Centenário do Encontro de dois Mundos: O Descobrimento da América e a necessidade de uma integração Ibero-América e países latino-americanos"[4].

A realidade daquele momento era excepcionalmente importante, pois "que a Espanha ia integrar-se plenamente na Comunidade Econômica Europeia, em 1992, 1993, quando se comemoraria o V Centenário do Descobrimento do chamado Mundo Novo"[5]. Então, Extramadura fazia um esforço em comum havia tido um protagonismo em vir ao Brasil para o Encontro de que estamos falando. O protagonismo estava em lembrar-nos "homens como Pizarro; Hernán Cortéis, Hermando Soto; Pedro Valdívia; Alvarado; Orllana; Vasco Nuñes. Etc. e imediatamente encontrar sua relação com o Peru, México, a Flórida, Chile, Colômbia, *o Amazonas*; o Pacífico etc., para citar aqueles que tiveram em caráter conquistador, e que hoje em dia poderiam ser objeto de controvérsias"[6].

Juan Carlos Rodriguez Ibarra, presidente da Junta de Extremadura foi muito sincero e apresentou vários problemas que impediam e impedem uma real integração dos países latino-americanos à Comunidade Europeia. No ano de 1989 a grande expectativa de Espanha e Portugal era a de chegar a primeiro de janeiro de 1993 estarem integrados plenamente aos demais membros dos países da Comunidade Europeia, onde os grandes temas de importância que a partir dai poderiam ser dito em uma só voz como a política exterior e de economia. Afirmava ainda que:

> Nos temas fundamentais de política internacional, a Europa dos doze já está adotando posições consensuais e realizando muitas atividades neste sentido como a busca de uma solução negociada e pacífica para o Conflito do Oriente Médio; o diálogo e a cooperação com a América Central e outros […] No plano econômico, se terá chegado a um mercado comum, sem barreiras tarifárias interior e com uma fronteira exterior única…[7]

4. Ibarra, Juan Carlos Rodriguez. Europa 93 e as relações com a América Latina, IV Encontro Ibero-americano de Comunicação, SP, 1989.
5. _____. Idem.SP, 1989.
6. _____Idem,SP, 1989.
7. _____Idem,SP, 1989.

O que se esperava ver no IV Encontro Ibero-América, integração e comunicação era exatamente o contrário o que as vozes deste encontro se pronunciavam. Ibarra afirmava contundentemente que "a América Latina já estava sofrendo os efeitos negativos desta marcha frente ao mercado europeu único; que implicava em restrições comerciais, com especial incidência nos produtos primários"[8].

Sobre esta questão nefasta para a América latina, um estudo de Berrocal[9] lançava quatro hipóteses:

– O dinamismo econômico engendrado pelos diversos mecanismos que se instauram na perspectiva do mercado único provocou um forte crescimento das economias europeias que, em definitivo, servirá de dinamizador do mercado internacional;

– 1992 representava um passo a mais no processo de defesa do mercado comum europeu frente à perda de competitividade de sua economia ante seus competidores imediatos, os Estados Unidos e o Japão, principalmente;

– O processo de desregulação de 1992 iria provocar desequilíbrios internos tais que produziriam um incremento notável do desemprego e o declive de ambos os espaços (regiões da Comunidade Europeia), com a consequente agravação dos problemas sociais e o surgimento dos sentimentos nacionais nas nações ou zonas mais afetadas, o que aproximará um aumento de protecionismo no seio do mercado comum;

Na medida em que colocava em marcha, a Ata única europeia reforça o poder de negociação numa nova repartição dos mercados internacionais, Estados Unidos e Japão, com efeitos negativos, sobretudo para os países do Terceiro Mundo e para os países menos protegidos.

Na data do evento no Brasil- IV Encontro Ibero-América, integração e comunicação (1989), na ECA/USP, os membros participantes que vinham de Espanha e Portugal não nos deram notícia de uma cooperação e integração com o Brasil e demais países latino americanos nada alvissareiras. Estavam ulsutantes com o que se concretizaria em 1992 e 1993 (a total integração com a Comunidade Comum Europeia), mal podiam enxergar o que aconteceria apenas décadas após: O Brasil atingiria picos importantes de desenvolvimento; países – latino-americanos encontrariam novas opções políticas e econômicas; a China estaria contaminando toda a sua importação e exportação estando presente em seu Estado com produtos mais baratos e que africanos

8. _____Idem, SP, 1989.

9. _____Idem,SP, 1989.

estariam em suas calçadas vendendo produtos como camelôs e chegando todos os dias em embarcações perigosas no velho continente em busca de suas origens perdidas. O Brasil estaria no ranking de um dos países mais confiáveis e Europa, principalmente Espanha e Portugal mergulhados em uma profunda crise financeira e social.

No IV Encontro eles foram duros com o Brasil e demais países latino-americanos e afirmavam:

> É um fato certo que a prosperidade econômica da Europa Comunitária, apesar dos desníveis regionais e de algumas medidas de desocupação exageradas, está convertendo nossa região em uma meta para muitos cidadãos que encontram sérias dificuldades para sobreviver, trabalhar e progredir e desenvolver-se em suas pátrias. Ante esta situação, a Comunidade Europeia pode reagir de duas maneiras: fechando suas fronteiras a "Cal e canto", através de filtros insuperáveis para a maioria dos cidadãos do Terceiro Mundo ou ajudar, de verdade e decididamente, a atacar o mal em suas raízes[10].

O pensamento da época, 1989, não era nada diplomático em relação ao Brasil e aos demais países latino-americanos que era considerado o "resto do mundo".

Esta aversão aos brasileiros e demais países latinos americanos foi colocada no IV Encontro de forma tão enfática que chegavam a ser traduzido por um profundo ódio a nós considerados por eles "o resto do mundo". Pena é que eles não podiam enxergar que nós de origem indígena, afro e europeia dariam um grande salto nos últimos dez anos e eles estariam passando o *pires* justamente para nós.

Portas no mar

Tanto é verdade que Ibarra falou em sua conferência:

> A primeira atitude, além de suicida, seria como pretender colocar portas no mar, pois se continua agravando a crise econômica e social na África e América Latina, a pressão será cada vez mais forte. Uma Europa fechada em si mesma como uma fortaleza seria impensável, mas se assim fosse se converteria em suicídio[11].

10. _____Idem,SP, 1989.

11. _____Idem,SP, 1989.

Neste cenário contrário aos países latino-americanos, apenas se dava como positivo, com grande esforço de Espanha o Grupo dos oito, no qual foi beneficiado o México. Foram longas as discussões, Espanha tratava do tema dos países latino – americanos dentro, mas não fora, frente á Comunidade Europeia.

A busca de uma integração cultural, de amigos e irmão devido aos fatos históricos e políticos não se faziam representar da prática diária da comunidade europeia.

Felipe Gonzalez não conseguia um interlocutor, talvez no Clube de Paris, mas a situação em relação aos países latinos Americanos era a mesma (o resto do mundo). O Grupo dos oito tentou a duras pena conseguir algo, um pouco do olhar para América Latina, mas não foi bastante, no que tange ao comercio exterior as barreiras continuavam rígidas e assim seria cada vez mais com a entrada de Portugal e Espanha para a comunidade europeia.

Poderia se buscar uma integração cultural, política para o caminhar juntos dos dois Continentes, mas o mundo está entrando em uma era que alguns chamam de pós-industrial e outros de Sociedade da informação o que poderá ser um benefício mútuo ou não.O papel da comunicação neste caso poderá dar as cartas na mesa de integração ou não.

O papel da comunicação

Almino Alfonso, vice-governador de São Paulo na época do IV Encontro se manifestou de forma a buscar uma integração possível via os meios de comunicação. Falava com os olhos de quem enxergava o Brasil e demais países latino-americanos saindo da ditadura e entrando na democracia.

Relembrou o papel significativo da CEPAL; da ALAIC e enfatizava que "todos os povos mais avançados percebem que, na complexidade do mundo de hoje, é necessário somar os recursos financeiros e humanos para superar os problemas que afligem a humanidade"[12].

Lembrou-se do sonho de Bolívar, mas também fez menção criteriosa ao nosso grande endividamento da época recém-saída da ditadura para uma democracia.

Não obstante tinha o sonho de que os países latino-americanos se unissem em um Mercado comum, o MERCOSUL para fazer frente ao Mercado Comum Europeu e dai os dados positivos seriam alcançados.

12. Affonso, Almino, Vice-governador de São Paulo. Integração Latino Americana. IV Encontro Ibero-americano de Comunicação, SP, 1989

Outro problema crucial lembrado por Alfonso foi o idiomático. Nós brasileiros entendemos o espanhol (castelhano), mas os espanhóis não entendem o português, o brasileiro. Tirando Jorge Amado poucos escritores brasileiros são traduzidos para o castelhano. Não há recíproca para a América Latina. Seria necessário introduzir o idioma castelhano nas universidades brasileiras e o português nas universidades espanholas.

Seguramente todos os brasileiros sabem de Bolívar, de San Martin, de O´Higgins, mas os estrangeiros não sabem de Tiradentes, de José Bonifácio. Há uma ausência espantosa de política cultural brasileira.

Na Universidade de São Paulo recentemente há o chamado Programa de Integração da América latina, curso em nível de pós-graduação. Também foi construído o Memorial da América Latina, uma obra de Oscar Niemeyer, construída para estudar o nosso continente. Estes passos dados por São Paulo, pelo Brasil pode-se refletir no avanço possível dessa integração com que todos sonhamos.

Para Alfonso o IV Encontro embora cheio de dificuldades para a busca de uma integração já foi um primeiro passo na realização do mesma.

Identidade e Integração

Miguel Rojas Mix, diretor de Investigação, do Instituto de Altos Estudos de América Latina (Sorbonne, Paris) trabalhou com os conceitos de identidade e integração e de forma bastante esclarecedora mostra que esta questão somente passou a existir quando da chegada dos europeus na América, porque antes os povos da mesma não tinham nenhuma preocupação em se sentir ou não americanos.

A história da América com a chegada dos europeus foi desde o início um encontro e um choque entre as duas culturas, "não se pareciam, mostravam-se incompatíveis: os valores de uma não permitiam a sobrevivência dos valores da outra".

Esta questão foi resolvida de formas diferentes: "os ingleses mataram todos os índios por não considerá-los seres humanos e os espanhóis decidiram integrá-los, mas à força". Em síntese destruíram toda a cultura do índio, seus valores, sua história.

Com a chegada do negro nas Américas a confusão foi ainda maior. O termo hispânico não nos cabia. Rotulavam-se como latinos os índios, os negros e os mulatos do Caribe e do Brasil.

Para Bolívar em seu discurso de Angostura, 1819:

> [...] não somos europeus, não somos índios, mas sim uma espécie média entre os aborígenas e os espanhóis. Americanos por nascimento e europeus por direito, nos descobrimos no conflito de disputar com os nativos

> os títulos de posse e de nos manter no país que os viu nascer, contra a oposição dos invasores 'espanhóis', assim a nossa história é a mais extraordinária e complexa[13].

Rojas Mix se aprofunda em conceitos e na história sobre a temática integração e identidade, passando pela ideia de nação, território; as diversas colônias existentes na América, mostrando que o que ficou foi o sentimento de americano.

Fala ainda dos vários projetos de integração, sendo o primeiro de Bolívar, com o seu hispano-amercanismo, que se define pela língua.

Bolívar é quem vai convocar o primeiro Congresso de Lima (1847/48): o Congresso Continental de Santiago do Chile, em 1856; e o Segundo Congresso de Lima, em 1864/65. Bolívar é considerado o precursor do pan-americanismo. Não obstante é o cubano Martí quem, no terreno intelectual, vai terminar de definir a personalidade deste primeiro hispano-americanismo, com o chamado "Nuestra América".

É sabido, no entanto que o pan-americanismo surgido em 1889, durante a Primeira Conferência Internacional Americana, tem sua origem na Doutrina Monroe, um projeto dos Estados Unidos e que implica em uma hegemonia e interesses dos Estados Unidos.

Mix[14] revela ainda outras buscas da "integração":

– 1948, após a Segunda Guerra Mundial o pan-americanismo se transforma em inter-americanismo para os EUA impor-se junto aos países latinos americanos;

– O sistema baseia-se em três realidades jurídicas fundamentais: o TIAR-Tratado Inter-americano de Assistência recíproca, chamado também de Tratado do Rio de Janeiro (1947);

– O Tratado Americano de Soluções Pacíficas (Pacto de Bogotá,1948)
Todos estes tratados por parte dos EUA são criticados principalmente o pan-americanismo, considerado sem identidade frente ao hispanismo que é um projeto de identidade, mas sem integração.

Todas as tentativas de denominação hispano-américa e ibero-américa, segundo Mix "não são outra coisa do que tentativas de recuperar no cultural o desaparecido

13. Mix, Miguel Rojas, diretor de Investigação, do Instituto de Altos Estudos de América Latina (Sorbonne, Paris).Identidade e integração na América latina. IV Encontro Ibero-americano de Comunicação,SP, 1989.

14. _____Idem, SP, 1989.

império espanhol". A denominação Ibero-América somente vem aparecer depois da Guerra de Cuba, em 1904 quando se publica a Revista Unión Ibero-Americana.

Mix deixa claro também que: Índios e negros terão semelhantes projetos…

> Aqueles da Indo-América e da Afro-América, destinados a responder a uma identidade hispânica, na qual eles não se sentem abrangidos. Só que o projeto da Indo-América implicará três ideias de integração: a arqueológica de Valcárcel; a aprista, com a criação de uma burguesia indo-americano ; e a socialista de Mariátegui[15].

Mix fala ainda da APRA- Aliança Popular Revolucionária e dos vários movimentos culturais na América Latina para se buscar a tão sonhada integração e identidade cultural, por exemplo, no Brasil dos anos 50/60.

A reflexão dos cientistas sociais desses anos vai representar uma variação importante na ideia de identidade, quando vai insistir na definição de identidade mais como uma identidade socioeconômica do que como uma identidade linguística.

Mauro Marini e Darcy Ribeiro são exemplos disto. Para Marini:

> uma constante na ideia de unidade da América Latina é a hipótese de interdependência das nações que a compõem e seu desejo de integração… A novidade nesta ideia, que já existia com Bolívar, é que renasce a partir dos anos 50 e que, diferentemente da antiga noção, vai incluir o Brasil no mesmo patamar em que se compreendiam os países na antiga ideia continental. A noção se redefine, deixa de ser uma herança puramente linguística, e a unidade surge da identidade da condição socioeconômica própria aos países latino americanos, e também da necessidade, para liquidar, o subdesenvolvimento, da complementaridade destes países.[16]

Já Darcy Ribeiro lança como questão se existe uma América latina:

> No terreno da cultura, ele abandona as ideias de indigenismo e negritude tradicionais, para afirmar que só se pode responder afirmativamente a esta pergunta se entendermos por cultura "uma entidade complexa e fluida que não corresponde a uma forma dada, mas sim uma tendência em busca de uma autenticidade que jamais se logrou alcançar […]

15. _____Idem, SP, 1989.

16. _____Idem, SP, 1989.

Darcy entende, a identidade como um processo e uma unidade de um produto. A tese de Ribeiro é que a expansão ibérica vai homogeneizar o mundo: "já não existem nem índios, nem europeus, nem africanos, são todos neoamericanos. Ainda se abandonarmos o plano linguístico e cultural, a América latina continua existindo no plano socioeconômico"[17].

Espanha e o 1º de janeiro de 1993

Para falar sobre a liberdade de imprensa na transição espanhola, Joaquím Moreira Estefania, diretor do jornal espanhol "El País" também não faltara entusiasmo com a esperada participação de Espanha, a partir de 1 de janeiro de 1993 da Comunidade Europeia. Fato este esperado por todos com muito orgulho e ansiedade.

Historicamente a Espanha ficou 30 anos separada do caminho europeísta, até 1959. Espanha não participou da OECE (Organização Europeia de Cooperação Econômica. Somente em 1962 veio a abertura de negociações para uma ampla associação com a que era Europa dos seis.

O motivo deste isolamento se deu devido o país ser governando por uma ditadura, "cujos valores predominantes eram o obscurantismo e a autarquia".

Espanha Também não fez parte do plano Marshall, as suas relações políticas e culturais se davam apenas de forma bilaterais. Também Espanha não foi convidada a fazer parte da Comunidade Econômica do Carvão, a CECA.

Timidamente o governo de Madrid tenta em 1962 fazer parte da CEE, mas a reação política da época foi a falta de democracia. A questão econômica pesava bastante e em 1959 é colocado o Plano de Estabilização, conhecido como política de janelas aberta, mas não de portas abertas.

Foi uma longa trajetória de 1969 à data de 1 de janeiro 1993 para que Espanha realmente pudesse corresponder economicamente a fazer parte da Comunidade Europeia.

Somente a partir de 27 de julho de 1977, começava a verdadeira negociação dos interesses da Comunidade Europeia em relação à Espanha:

> O ministro de assuntos exteriores do segundo governo de Adolfo Suarez, Marcelino Oreza, solicitou a formalização plena da adesão à Comunidade Europeia. Desta vez a acolhida foi cordial. O Conselho de Ministros da Comunidade Europeia se pronunciou unânime pelo ingresso da Espanha.

17. _____Idem, SP, 1989.

> Havia chegado o momento de passar das palavras aos atos, dos grandes princípios aos detalhes da intendência, alguns tão mínimos como o preço da carne e do leite, às exportações da laranja, ou ajuda da reconversão.[18]

Outros benefícios viriam com a concordância de estar Espanha na Comunidade Europeia:

- Adesão à Comunidade Econômica Europeia do Carvão (CECA);
- Adesão à Comunidade Econômica de Energia Atômica (EUROTOM) e à
- Comunidade Econômica Europeia (CEE).

Não obstante, a ideia de os espanhóis serem cidadãos europeus não foi assim tão fácil. Ocorreram várias confusões e contradições e foi necessário passar mais oito anos para que em 1 de janeiro de 1993 a Espanha faria realmente parte da Comunidade Europeia.

O presidente espanhol socialista Felipe González foi quem fez que se apressasse a incorporação da Espanha, pois em 1981 e 1986 deu seu referendum se comprometendo com a instalação de mísseis dos Estados Unidos nos países da OTAN, na Europa Ocidental, postura igual a de outros países europeus que também já haviam aceitado:"Em 12 de junho de 1985 se firmou a Entrada da Espanha e Portugal na CEE: de manhã Lisboa, de tarde em Madrid".[19]

A Espanha tradicional foi pouco a pouco se transformando em uma Espanha moderna como, por exemplo,

> a troca de instituições (desapareceu o sindicato vertical e único, aos quais todos os empresários e todos os trabalhadores eram obrigados a pertencer) e surgiram sindicatos patronais e de classes, voluntários e representativos; ficou à marginalização, inclusive com o desaparecimento físico gerações de empresários do franquismo ascendendo uma série de empresários jovens, apenas conhecidos pela parte de espanhóis que são os que protagonizam hoje a vida cotidiana dos negócios.

Segundo Estefania, "esta nova realidade estava criando uma série de novos nomes de empresários, muitos deles entre os 30 e 40 anos, o que leva também a

18. Estefania, Joaquim Moreira. Diretor do Jornal espanhol *El País.Liberdade de imprensa na transição espanhola*. IV Encontro Ibero-americano de Comunicação,SP, 1989

19. _____Idem, SP, 1989.

falar de uma nova geração, novos grupos econômicos, novas culturas industriais e novas linguagens".

Em relação à integração e cooperação com a América latina, Estefania também foi categórico em afirmar que não vai acontecer: "Apesar das palavras anteriores de Fernando Valenzuela, eu sou bastante mais enfático do que ele. Entendo que as relações entre a Espanha e a América Latina são quase subsidiárias (secundárias). Não estão agora maiores e não serão maiores a partir de 1993"[20].

O mundo editorial espanhol

De acordo com Estefania, o mundo editorial espanhol era um eufemismo "quase 90% dele pertence às mãos de fora. Há penetração de grandes corporações multinacionais em revistas destinadas às mulheres; nas revistas técnicas também… no mundo das televisões privadas em geral". Em 1989 se multiplicaram as tentativas de participar da propriedade dos diários de informação geral, que eram, todavia, os elementos centrais da comunicação na Espanha.

Nos anos de 1980 fica certo segundo as palavras de Estefania, que os meios de comunicação espanhóis estavam ficando nas mãos de empresários estrangeiros; de iniciativa privada e de empresários que não eram da área da comunicação, vinham de outros setores, sendo apenas financistas.

Do lado dos profissionais da comunicação ainda havia muito que ser tratado e modificado para exercerem a profissão de forma mais respeitosa e em segurança.

Linhas metodológicas do IV Encontro

A publicação Ibero-América, integração e comunicação traz as conferências mais importantes do IV Encontro Ibero-americano de comunicação e ao final faz um relatório do ocorrido, contendo ainda as participações de mesas dos seguintes participantes: Jesus Martin Barbero, que fala dos modelos de integração?; de Roberto Garcia, que destaca os projetos integralistas; de Marcos Wilson que questiona qual a saída se não há por parte de Espanha e Portugal vontades de integração, nem mesmo através do meios de comunicação que não se fazem representar para tal integração; de Alicia Fraerman, que traz a temática do ensino de português e de espanhol entre Ibero – América , Brasil e demais países

20. _____Idem, SP, 1989.

latinos americanos; Manuel Rodriguez Gymenez, que abordou sobre o papel das novas tecnologias da comunicação, destacando a dificuldade do idioma: D. Francisco Perez Torres, que fala da Espanha de autonomias e o papel da integração entre si via a integração local e regional;Mário Moldovan que corrobora com os pensamentos e teorias de Jesus Martín Barbero; Mário Gusmão que fala da importância dos jornais locais para que haja integração; de Fernando Reyes Mata que fala da importância do conhecimento local para dai se chegar ao conhecimento planetário; de D. Teresiano Rodriguez Nuñez, que lembra das várias camadas sociais da Espanha que têm baixos níveis culturais e que se deve investigar sobre a aproximação local e nacional também em Portugal; Enrique Bustamante, que recorre a Jesus M Barbero e afirma que quem faz a integração é o mercado e as novas tecnologias; Alvaro Benevides que trata da dificuldade do venezuelano em aceitar as novas tecnologias: de Ramón Zallo, que também fala da problemática em aceitar as novas tecnologias e Antônio Sabino que relembra que as dificuldades para uma possível integração Ibero-Americana se dá pelos problemas de inflação, dívida externa, distribuição da renda nos países latinos americanos e principalmente no Brasil.

O relatório final do encontro tratou das seguintes temáticas:

- Europa 93 e as relações com a América latina;
- Integração Latino-Americana
- Integração e Comunicação na América latina
- Integração e Comunicação na Europa
- Integração e identidade cultural
- Os meios locais e a integração
- Integração e inovação tecnológica
- Opinião pública nos processos de integração

Conclusões

O esforço engendrado por José Marques de Melo, os governos de Extremadura e de São Paulo; os meios de comunicação brasileiros e espanhóis, além das agências de fomento de ambos países para que o IV Encontro Ibero-Americano ocorresse em São Paulo, Brasil são louváveis.

Não obstante, ficou claro por parte dos participantes portugueses e espanhóis que o sonho que eles tinham em mente era europacentrico e que os países latinos- americanos/Brasil não eram enxergados como importantes. Nas várias falas dos expositores Brasil e demais países latino-americanos foram colocados

como elementos secundários, sem a menor importância e que Espanha e Portugal integrados na CEE fechariam as portas e janelas para nós.

José Marques de Melo foi sempre um homem visionário e as dificuldades deste IV Encontro em se ter aliados Iberos foram frustrantes, não foi motivo para que ele continuasse a trabalhar na busca de cooperações que viriam surgir poucos anos depois: Melo faz vários acordos e intercâmbios culturais e de ensino com universidades espanholas e portuguesas; realiza congressos e encontros nos dois países; traz vários intelectuais de Espanha e Portugal ao Brasil.

Estes intercâmbios e cooperações realizados por Melo surtem efeitos até hoje, assim podemos dizer que Melo conseguiu achar a porta da integração entre Iberos e americanos os da cooperação e integração acadêmica, intelectual, o da pesquisa e a do ensino, que tem rendido frutos imensos para o Brasil e demais países latinos americanos.

Mais de dez anos se passaram da entrada da Espanha e Portugal na CEE, o cenário político, econômico destes países em 2013 são os mais adversos possíveis e Brasil tem-se mostrado cordial a eles, abrindo portas e janelas que eles mesmos haviam fechado.

Comunicação Mundo: Semelhanças e Diferenças na Midiologia

Betania Maciel[I]

7.1 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José. **Comunicação Comparada:** Brasil e Espanha, São Paulo: Loyola, 1990.

O livro de José Marques de Melo vem reforçar que a comunicação comparada é uma forma de sentir e conhecer diferenças de formatos e atuações no mundo, ou seja, as maneiras de atuar sobre o mundo e sobre o mundo da comunicação. Estas formas estão fundamentadas em uma avaliação comparativa de nossa cultura com outros países. Estas análises fazem parte do sistema de comunicação internacional, a forma que observamos através da leitura do texto de JMM. E assim, encantada em reler tudo isso que me foi passado e que, de certa forma, me traz a lembrança do professor desde o início de minha trajetória na comunicação social.

Ler os livros de JMM foi uma forma de chegar perto do autor referência, dos estudos da comunicação que mais tarde, quase dez anos depois de conhecê-lo através da literatura, conheci-o pessoalmente e logo pude entender ainda mais, através da conversação uma enormidade de informações técnicas sobre a comunicação. Sua prática e sua teoria agora estavam ali junto de mim. O "Timoneiro da Comunicação", logo faria parte de uma história e de uma forma de estudar.

Falar sobre este livro é falar de minha experiência como pesquisadora em terras espanholas e claro que não poderia deixar de estar sob a inspiração constante das teorias nacionais e sempre que possível, mesmo que empiricamente, fazer sempre uma observação comparada dos formatos e estilos da comunicação.

Segundo JMM, os estudos de Comunicação Comparada, (1990, p. 5-6)

> ainda não avançaram significativamente no Brasil. Apesar de ser disciplina obrigatória no currículo dos cursos universitários de Comunicação Social, poucas têm sido as pesquisas realizadas com a finalidade de compreender as semelhanças ou diferenças entre os sistemas brasileiros de comunicação e seus congêneres estrangeiros.

Quando Marques de Melo privilegiou o tema da midiologia comparada no ano de 1990, foi basicamente pela convergência midiática ensejada pela revolução digital, "Como a nossa tradição investigativa ancorava-se no estudo isolado de cada meio de comunicação, percebi que era indispensável construir indicadores comparativos, que dessem conta dessa convergência prévia de formatos, conteúdos, estratégias". Levando em conta sua experiência balizada pelos estudos de jornalis-

1. Doutorado em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, UMESP (2002), mestrado profissionalizante Master em Ciência, Tecnologia e Sociedade: Comunicação e Cultura pela Universidade de Salamanca, Espanha (2000), mestrado em Administração Rural pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) - Université de Sherbrooke, Canadá (1994), especialização em associativismo pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (1991), graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco, UFPE (1982). Professora do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local - POSMEX na Universidade Federal Rural de Pernambuco, UFRPE, professora titular e pesquisadora do Núcleo de Pesquisa (NUPEM) da Faculdade de Ciências Humanas - ESUDA. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em metodologia de ensino e pesquisa, atuando principalmente nos temas: educação, comunicação e cultura, comunicação científica e tecnológica, processos comunicacionais, folkcomunicação e desenvolvimento local. Coordenadora do GT de Folkcomunicação da Associação Latino Americana de Investigadores em Comunicação - ALAIC. Ex-presidente e Membro do conselho deliberativo da Rede Folkcom - Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação da Cátedra UNESCO-UMESP de comunicação para o desenvolvimento regional. Editora convidada da Revista Rázon y Palabra- Instituto Tecnológico de Monterey - México. Diretora da Revista Internacional de Follkcomunicação - UEPG. Avaliadora do Sistema Nacional de Ensino Superior - SINAES. Consultora ad-hoc da Comissão de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior - CAPES. Prêmio Luiz Beltrão 2012 categoria: liderança emergente.

mo comparado, dando sequência no Programa de Pós Graduação - POSCOM da Universidade Metodista de São Paulo – UMESP, à exploração iniciada na ECA--USP, comparando sistemas nacionais de comunicação de massa, onde podemos encontrar esta primeira incursão através dos estudos contidos nesta coletânea.

Os estudos sobre comunicação comparada, não são, portanto, uma linha independente, mas uma atualização do caminho que o autor percorre desde o início de seus estudos acadêmicos.

Tanto seu trabalho de iniciação científica quanto a sua monografia de pós--graduação adotaram o método comparativo. No primeiro caso, o estudo foi a comparação do noticiário policial na imprensa diária da cidade do Recife (esse trabalho, publicado em 1965 pela revista "Comunicações & Problemas", foi reproduzido pela revista "Idade Mídia", n. 3, São Paulo, UniFiam, 2003). No segundo caso, o estudo era comparar três jornais brasileiros (esse trabalho está publicado no livro de estreia na vida acadêmica "Comunicação Social: teoria e pesquisa", Petrópolis, Vozes, 1970). Essa continuidade e coerência podem ser detectadas no livro "Midiologia para iniciantes" (Caxias do Sul, Editora da UCS, 2005), justamente pelo caráter biográfico que determinou a redação de alguns dos seus capítulos.

Na perspectiva científica "quase positivista" na comunicação comparada, apresentada por Marques de Melo, torna-se valiosa quando analisamos os aspectos da comunicação na Espanha e em outros países ibéricos e lusófonos, dando visibilidade a outros aspectos e que através da comunicação de massa e da comunicação midiatizada se faz necessário ampliar os estudos sobre estas técnicas.

Por um lado, os estudos da comunicação comparada fornecem novos meios para o aperfeiçoamento da ciência da comunicação, por outro lado, liberaria o estudo comparativo da influência de políticas, da onipotência da religião, do preconceito e do despotismo. E mais, ajudaria a construir nações. Sem dúvida, o estudo comparativo da comunicação e seu objetivo: em primeiro lugar, dá vida à ideia de transferir uns aos outros aquilo que pode ser adequado e útil em suas culturas; e em segundo lugar, estabelece e consolida uma unidade política por meio do desenvolvimento das trocas de informações.

O texto consiste na conceituação e a contextualização dos estudos comparativos entre Brasil e Espanha, que historicamente pode ter similaridades quando comparadas e assim apresentar de forma elaborada a construção de novos estudos que compõem a teoria da comunicação. Para tal comparação, fatos relativos aos períodos mais recentes em que Espanha e Brasil viveram, como experiências de autoritarismo, mesmo que tenham sido de abordagens e estratégias distintas, na perspectiva ideológica e/ou política. Além disso, é verificada o modelo de produção jornalística nos dois países.

O interesse pelos estudos comparativos tem também suscitado no âmbito das tecnologias avançadas de comunicação, pelo fato de se poder planejar o desenvolvimento de novas atividades, dentro da perspectiva comunicacional em países que adotaram o modelo de comunicação digital. Esta metodologia se encaixa muito bem dentro da perspectiva da Folkcomunicação.

O estudo da comunicação que cada vez mais, passa pela mediação tecnológica, ou seja, a comunicação interpessoal face a face está a cada dia mais escassa nos ambientes formais e também informais. Usamos computadores e outros sistemas para desenvolver o processo da comunicação ao vivo. Isso também tem sido favorável para vários tipos de comunicação, que também não foi substituída completamente.

Observa-se que sistema de comunicação entre países espanhóis e brasileiros são similares, todavia a abertura destes formatos serem similares, os temas são distintos quando se referem a conhecimento científico.

A primeira tarefa que comporta a representação midiática do acontecer social é a *seleção* do modelo de comunicação a ser utilizado. A questão é a seguinte: quais são os critérios que guiam a seleção dos modelos e formatos, concretamente na ideologia e os interesses que se encontram implícitos no produto final? O formato jornalístico explica em parte porque um evento pode ser convertido em notícia, reportagem ou até mesmo editorial.

Podemos até mesmo questionar se a mídia conhece a variedade da cultura de uma nação e quando a divulga muitas vezes transforma-a em um espetáculo, um produto comercial. É importante que os profissionais da mídia saibam lidar com as expressões populares para que não modifiquem o real significado das culturas e assim os estudos jornalísticos tenham cunho científico.

Para muitos, a mídia precisa ouvir e aprender com os mestres detentores da cultura popular. Corre-se o risco de achatamento da diversidade cultural globalizado e do não diálogo e do reforço dos estereótipos, produzindo desta forma a alienação e a exclusão social.

Apesar disto, a mídia tem apresentado avanços em mostrar a diversidade da cultura especificamente de culturas que não sejam as hegemônicas, vide exemplo as estratégias de marketing como a etnografia no processo de compreensão da cultura. Podemos, desta forma, apresentar estudo da comunicação entre programas de televisão e quadros apresentados em canais de televisão aberta, trazendo consigo uma maior divulgação e valorização da cultura.

E esta compreensão se estende agora à relação das pessoas com os bens de consumo. O fato é que consumo é uma prática cultural e só quando entendido sob este ângulo, tais atitudes assumem contornos mais claros e inteligíveis com o crescimento do poder aquisitivo das classes mais baixas, essa categoria de produto e serviço tem ampliado seu mercado-alvo (target) às classes menos favorecidas.

Outro ponto focal de desenvolvimento das atividades de pesquisa da Rede Folkcom diz respeito aos processos de desenvolvimento local. Busca, dessa forma, entender o empoderamento das comunidades alijadas da modernidade, como forma de promover a sustentabilidade destes grupos, através do desenvolvimento de estudos de estratégias de comunicação nas políticas públicas, organizações não governamentais, associativas e empresariais no âmbito do desenvolvimento local.

Nessa perspectiva, são contempladas as culturas populares e suas diferentes manifestações de hibridização da cultura "folk" e a cultura massiva; os estudos de recepção de mídias e programas de intervenção social; além das análises discursivas e os impactos das novas tecnologias de informação, fortalecendo os estudos da midiologia comparada e a comunicação na sociedade contemporânea. Esses aspectos buscam investigar as modificações operadas no cotidiano das populações rurais, verificando a importância dessas tecnologias nos processos de desenvolvimento local.

De acordo com JMM a temática da midiologia comparada foi privilegiada em função da tendência evidente da convergência midiática ensejada pela revolução digital.

> Como a nossa tradição investigativa ancorava-se no estudo isolado de cada meio de comunicação, percebi que era indispensável construir indicadores comparativos, que dessem conta dessa convergência prévia de formatos, conteúdos, estratégias. Como a minha experiência anterior fora balizada pelos estudos de jornalismo comparado (o que pode ser identificado no meu livro "Estudos de Jornalismo Comparado", São Paulo, Pioneira, 1972), tratei de dar sequência na UMESP à exploração iniciada na ECA-USP, comparando sistemas nacionais de comunicação de massa (esta primeira incursão pode ser comprovada através dos estudos contidos na coletânea "Comunicação Comparada: Brasil/Espanha", São Paulo, Loyola, 1990).[2]
>
> Não se trata, portanto, de uma linha independente, mas de uma atualização do caminho que venho percorrendo desde o início dos meus estudos acadêmicos. (esse trabalho, publicado em 1965 pela revista *Comunicações &* Proble-

2. Entrevista concedida pelo professor José Marques de Melo a Marcela Rocha - Grupo UniFiam Faam - 4º semestre JO (30/04/2005) Disponível em: http://www2.metodista.br/unesco/GCSB/Entrevista_entevistajmm.htm

> mas, foi recentemente reproduzido pela revista *Idade Mídia*, n. 3, São Paulo, UniFiam, 2003). No segundo caso, estudei comparativamente três jornais brasileiros (esse trabalho está publicado no meu livro de estreia na vida acadêmica *Comunicação Social: teoria e pesquisa*, Petrópolis, Vozes, 1970).
> Essa continuidade e coerência podem ser detectadas no meu livro *Midiologia para iniciantes* (Caxias do Sul, Editora da UCS, 2005), justamente pelo caráter biográfico que determinou a redação de alguns dos seus capítulos.[3]

E JMM confirma que, as principais dificuldades são aquelas peculiares a todos os grupos acadêmicos brasileiros: recursos escassos, barreiras institucionais, problemas de relacionamento humano entre pesquisadores etc.

> Contudo, o maior obstáculo que identifico tem sido a resistência ao trabalho holístico, coordenado, sequenciado. As novas gerações são vítimas, a meu ver, de um forte individualismo, o que produz uma atomização dos objetos pesquisados, sem que a acumulação dos conhecimentos seja orgânica e prospectiva. [4]

> Na perspectiva de estudar a comunicação comparada através da análise de grandes grupos econômicos nacionais e internacionais e também dando foco nas políticas de informação e comunicação.
> Mas antes de começarmos e entender esta ideia, vale a pena rever o conceito de comunicação que Rabaça e Barbosa (2001, p. 157) apresenta um conceito etimológico mais abrangente:
> [....] a origem da palavra Comunicação introduz a ideia de comunhão, comunidade. Como diz Wilbur Schramm, quando nos comunicamos, tratamos de estabelecer uma comunidade, isto é, tratamos de compartilhar informações, idéias, atitudes. Sérgio Luiz Velozo endossa ao afirmar que Comunicação é fazer participar, é trazer para a comunidade o que dela estava isolado. Comunicar significa, assim, estabelecer comunhão, participar da comunidade, através do intercâmbio de informações e Marcondes Filho (2009, p. 68) afirma que, etimologicamente, o vocábulo *Comunicação* origina-se na língua latina, da palavra *communicatio*, a qual poderia ser entendida como "estabelecer uma relação com".[5]

3. *Ibidem*

4. *Ibidem*

5. Entrevista concedida pelo professor José Marques de Melo a Marcela Rocha - Grupo

A importância que o Estado possui no controle da informação, importante ressaltar sua participação na elaboração de leis de concessão e censura. Estes são pontos marcantes nos estudos das mídias entre o Brasil e Espanha, bem como os estudos da comunicação, frente aos desafios da globalização, no que tange ao nacionalismo e regionalismos existentes, como pauta de discussão na academia e na sociedade.

O valor que é dado à comunicação, num mundo em transformação, mais exatamente relacionado ao uso das novas tecnologias e das redes sociais. Dando um novo sentido aos veículos de comunicação e a formação de receptores, como podemos avaliar a mudança de comportamento da sociedade, desta forma busca-se estabelecer a discussões e o debate sobre a televisão hoje: pública x privada; aberta x fechada.

Enfim buscar um entendimento amplo da comunicação e a constituição do público, esta segmentação da audiência, que hoje se torna tão evidente nos países independentemente do nível de desenvolvimento. Os debates sobre questões éticas da comunicação e como estes veículos de comunicação e linguagens apresentam semelhanças e diferenças no mundo globalizado, é assim que JMM contribui com a sua incansável forma de promover os estudos da comunicação.

Referências

GOBBI, M. Cristina. Trajetória intelectual de José Marques de Melo: 1959-2009. In: HOHLFELDT, A. (Org.). **José Marques de Melo, construtor de utopias**. São Paulo: INTERCOM, 2010. p. 27-41.

MARCONDES FILHO, Ciro (Org.). **Dicionário da Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2009.

MARQUES DE MELO, José (Coord.). **Comunicação e classes subalternas**. São Paulo: Cortez, 1980. 203 p.

_____. **Teoria do jornalismo:** identidades brasileiras. São Paulo: Paulus, 2006a.

_____. **Jornalismo e cidadania.** Maceió, CESMAC, 2006b. (Roteiro de aulas).

_____. **Jornalismo opinativo:** gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

UniFiam Faam - 4º semestre JO (30/04/2005) Disponível em: http://www2.metodista.br/unesco/GCSB/Entrevista_entevistajmm.htm

_____. et al. **Gêneros e formatos na comunicação massiva periodística:** um estudo do jornal "Folha de S. Paulo" e da revista "Veja". In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 21., 1998, Recife. Anais eletrônicos... Recife: INTERCOM, 1998.

_____. **A opinião no jornalismo brasileiro.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. (Org.). **Gêneros jornalísticos na Folha de S.Paulo.** São Paulo: FTD, 1992.

_____. **A opinião no jornalismo brasileiro.** Petrópolis: Vozes, 1985.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. **Dicionário de comunicação**. São Paulo: Ática, 2001.

Propaganda e Sociedade: uma relação em construção

Maria Helena Almeida de Oliveira[1]

8.1 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José. **Propaganda e sociedade**: o positivo e o negativo. São Paulo: ESPM/IAEC, 1991. 47p.

Como objetivo deste trabalho tem-se a breve apresentação do citado livro e sua contextualização na época em que foi criado, bem como situar um pouco a atuação de José Marques de Melo, organizador da obra e autor do texto de abertura. Para dar início à tão honrosa tarefa é importante pontuar que a leitura promove uma volta no tempo, que não leva ao passado, mas ao contrário abre o encontro com o momento atual, com o que se vive no mundo comunicacional desta segunda década do século XXI. Isso é o que se encontra na obra em re-

1. Professora e coordenadora dos cursos de Publicidade e Propaganda e de Jornalismo do Centro de Ensino Unificado de Teresina (CEUT). Mestre em Políticas Públicas pelo Programa em Políticas Públicas da Universidade Federal do Piauí (UFPI), com dissertação sobre as Campanhas de Publicidade da Prefeitura Municipal de Teresina para o Dia Mundial de Combate à AIDS, atualmente é Doutoranda do Programa em Políticas Públicas da Universidade Federal do Piauí (UFPI), com pesquisa na área de Comunicação, Juventudes e HIV e Aids.

ferência, datada de 1991, época em que o mundo e o Brasil viviam mudanças intensas na economia e na política e a TV centralizava o debate sobre os caminhos a que se estavam deixando percorrer os destinos da comunicação e da mídia.

Resultado do II Simpósio IBRACO, realizado pelo Instituto de Altos Estudos de Comunicação (IBRACO), cujas palestras aconteceram de 2 a 4 de maio de 1991, o livro em referência faz parte da publicação Cadernos IBRACO nº 2, publicado em agosto do mesmo ano, e é coordenado por José Marques de Melo, Enio Mainardi e Hiran Castello Branco.

Dividido em oito textos, que reproduzem as falas dos participantes do simpósio, é um retrato ampliado do pensamento da época sobre como se percebia a interferência da comunicação sobre a sociedade, no que se refere ao seu modo de agir, pensar, seus valores, hábitos, cultura, opiniões, decisões. Particularmente, se buscava discutir a relação da propaganda com a sociedade, compreendendo os benefícios e malefícios daí resultantes.

O debate ganhou lastro por visões diversas, presentes na polifonia marcada pelas observações originadas na vivência de sujeitos que ocupavam distintos lugares de fala, vez que ali se integraram pesquisador e professor da comunicação, jornalista, publicitário, economista, administrador, socióloga, pedagoga, criando um painel de referência para se entender a comunicação que se estava fazendo no Brasil no início da década de 1990, mas que se mostra muito atual nos tempos de hoje.

A noção de atemporalidade é uma constante na vasta e absolutamente imprescindível obra de José Marques de Melo, seja para iniciantes, seja para os já iniciados nos estudos sobre a Comunicação e a Mídia. Em particular, me recordo de quando, a exemplo do professor Marques de Melo, que um dia deixou o Nordeste e migrou para o Sudeste, sai de minha cidade Teresina, no Piauí, para ir ao Rio de Janeiro em busca do sonho de estudar Jornalismo. Era início da década de 80 e não havia curso superior, na área, no Estado. Décadas depois de graduada em Jornalismo e em Publicidade e Propaganda pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), onde tive o primeiro contato com o professor, por meio de sua obra, fui reencontrá-lo em Teresina, dessa vez pessoalmente, que emoção, durante a realização da 8ª Conferência Brasileira de Folckcomunicação (FOLKCOM), no Centro de Ensino Unificado de Teresina (CEUT), onde era professora e, atualmente, coordeno os cursos de Publicidade e Propaganda e de Jornalismo, este último, honrado de ter sua aula inaugural ministrada por José Marques de Melo, em 2004.

A capacidade reflexiva e visionária é inerente à obra do professor Marques de Melo, cuja observação dos movimentos, que balançam os sistemas de Comunicação e Mídia, é valiosa para a compreensão de realidades destoantes, que se dão em cenários múltiplos formados pelas diferenças econômicas, políticas, sociais e cultu-

rais que atravessam o Brasil desde sempre e que repercutem de modo vibrante nas relações de poder presentes no ambiente dos meios de comunicação de massa. A biografia de Marques de Melo é marcada em toda sua extensão por ações concretas em favor da Comunicação Social, de modo amplo mesmo, desde o jornalismo de batente no início de carreira no final dos anos 1950 em Recife (PE)[2], passando pela atuação como assistente de Luiz Beltrão, nos meados dos anos 1960[3], depois já em São Paulo, quando inicia os trabalhos como pesquisador e produz uma obra, não somente literária, mas também no que concerne a constituição de ambientes para produção e difusão de pesquisas, estudos, conhecimentos e saberes, que são legados inestimáveis para a produção da pesquisa em comunicação no Brasil. São exemplos disso a criação da Cátedra UNESCO de Comunicação Regional, que iniciou em 1994[4], da qual foi diretor científico. Além disso, sua participação na Cátedra da Universidade Autônoma, entre 1991 e 1992[5], e o reconhecido trabalho na INTERCOM são mostras da participação marcante de Marques de Melo, não apenas no país, mas no cenário internacional da comunicação.

Em 1991, ano de publicação do livro ora apresentado, o professor Marques de Melo era diretor da Escola de Comunicação e Artes da USP, presidente da Associação Latino-Americana de Pesquisadores de Comunicação e lecionava as disciplinas de Comunicação Internacional e Jornalismo Comparado na ECA. Havia publicado no ano anterior uma de suas mais representativas obras "Comunicação Comparada: Brasil/Espanha" (Ed Loyola) e, no mesmo ano da publicação de "Propaganda e Sociedade: positivo ou negativo", lançou "Comunicação e Modernidade" (Ed. Loyola)[6].

Nesse período, em que o Brasil vivia ainda os primórdios da redemocratização, com o segundo ano do governo do primeiro presidente eleito pelo voto direto e que passava por uma crise intensa, enquanto o mundo assistia ao vivo pela televisão os mísseis atirados pelos aviões norte americanos sobre a região

2. Cibermermorial Marques de Melo. Disponível em: <http://www.marquesdemelo.pro.br/perfil.htm> Acesso em: 18 out.2013.

3. Ibid.

4. BRUDER, Carsten. **José Marques de Melo**: um manager da comunicação no Brasil. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/monografia2_d.htm>. Acesso em: 27 out.2013.

5. Ibid.

6. MARQUES DE MELO, JOSÉ. (ORG,) **Propaganda e Sociedade**: positivo ou negativo, São Paulo; ESPM/IAEC, 1991.

do Golfo Pérsico, na chamada Guerra do Golfo, o professor Marques de Melo organizava a discussão sobre o papel da comunicação em relação à sociedade brasileira ante a esse contexto, buscando alternativas, por meio dos agentes responsáveis, para sua melhor aplicação e desenvolvimento. Não por acaso, uma parte do livro é dedicada à discussão sobre a propaganda e o público infantil, pois já ali havia a preocupação sobre os modos como a comunicação e a mídia estavam se relacionando com o futuro do cidadão brasileiro que à época recebia grande parte de sua informação e formação pela TV.

Nem apocalípticos, nem integrados

Marques de Melo se vale do semiólogo italiano Umberto Eco, a quem referencia como um popular escritor de *best sellers,* àquela época do início dos anos 90, para introduzir o seu pensamento acerca do tema geral do simpósio – "Propaganda e Sociedade: o positivo e o negativo" – e que originou o livro de mesmo título. A visão maniqueísta da Comunicação, para o autor, como sugeria a temática, era bastante representativa na avaliação que se fazia dos processos de comunicação moderno e que tendia a oscilar entre duas vertentes, uma de aprovação e outra de rejeição, como o integrado, que somente percebe o lado virtuoso dos meios de comunicação de massa, em oposição ao apocalíptico, que se horroriza com o poder da mídia em destruir a sociedade por meio da banalização dos conteúdos da cultura, do incentivo ao consumo e de promover a plena alienação.

De modo lúcido, o texto apresenta exemplos de como a tendência de julgar os meios de comunicação de massa pelo seu poder sobre a sociedade é forte na cultura ocidental e, particularmente, em nosso país. Para tanto, demonstra como em momentos distintos a Igreja tomou posição apocalíptica ou integrada a respeito de sua relação com a Comunicação e os meios, bem como sobre os modos como deveriam ser os cuidados com o seu uso em relação ao contato dos fiéis com os conteúdos disseminados. A revisão histórica vai do século XV, quando a prensa de Gutemberg serve para reprodução da Bíblia e divulgação da imagem de santos, aí a Igreja é integrada, ao momento em que a imprensa é usada para divulgar ideias reformistas de Lutero e Calvino, aqui sua postura é apocalíptica, chegando ao extremo de queimar livros na inquisição. Esse é um dos exemplos que nos apresenta Marques de Melo, que atualiza para o século XX situações em que, por meio de encíclicas papais notadamente, a Igreja católica repete o mesmo modelo diante do papel dos *media* e até mesmo, especificamente, da Publicidade, sobre a sociedade, como destaca na instrução pastoral *Communio et Progresio*, do Papa Paulo VI, que admitia não poder negar a sua

importância e nem fugir à sua influência, mas que ponderava que a Publicidade poderia causar graves problemas nas comunidades pobres pela busca de satisfação de necessidades criadas artificialmente.

O pensamento radical sobre comunicação, para Marques de Melo, muito mais é fruto da falta de um olhar que, imerso no contexto macro, que envolve a política, a economia, a sociedade, do que da necessidade de apontar de modo rápido uma posição, positiva ou negativa, sobre a ação dos meios de comunicação, investindo-os de um poder, que não há certeza se realmente lhes deve ser devido.

Para explicar como se pode compreender a questão de qual é a dimensão do poder dos *media*, o autor retoma os estudos sobre a análise dos efeitos, presentes nas teorias da Comunicação, tendo como ponto de referência a obra de Dennis McQuail, "*Mass Communication Theory: An Introduction"*, de 1983.

De início, o autor alerta que não é sensato "falar dos meios como se fossem uma coisa e não um conjunto enormemente diverso de mensagens, imagens e ideias, em grande parte não originando os mesmos meios de comunicação, mas que procedem da sociedade e são devolvidos à comunicação" (1990, p.5).

As evidências disponíveis nos induzem a crer que são meios que carregam no seu bojo as contradições das sociedades em que se inserem, não constituindo em si mesmos centros de poder, mas dependendo da correlação de forças que atuam no cenário político e determinam os rumos da sociedade num determinado momento histórico (1990, p. 7).

Especificamente sobre propaganda, recupera o debate dos economistas norte americanos Baran e Sweezy, que produziram teses sobre propaganda tomando como base estudos do Partido Trabalhista inglês sobre o papel da propaganda comercial na sociedade contemporânea. Aqui, também, se encontram os defensores, para quem a propaganda estimula a produção e o desenvolvimento da sociedade e os críticos que entendem ser a propaganda produtora de desperdícios e impedidora do pleno emprego, além da célebre discussão entre o poder da indução que tem a propaganda sobre as pessoas.

Um aspecto interessante é a relação da propaganda como financiadora da mídia, pois como anunciante pode influir na política editorial, que não se demonstra absolutamente esclarecida, como nos alerta Marques de Melo, que atenta para a plausibilidade do faro de anunciantes preferirem o conforto de investir nos meios não polêmicos, evitando choques com a audiência. Entretanto, não fica evidente a capacidade da propaganda de criar valores, mas sim refletir os existentes, respaldando pontos de vistas dominantes e reproduzindo os padrões de mercado.

Como síntese o autor destaca que a propaganda não pode ser tomada como responsável única pelas opiniões, normas e valores dominantes, nem tampouco pode ser absolvida de toda a responsabilidade por elas. Marques de Melo observa que

a propaganda serve mesmo de instrumento à manutenção do sistema capitalista e que sua contribuição negativa à sociedade está na perpetuação de normas utilitárias que, "medidas conforme padrões racionais são vazias ou destrutivas" (1990, p.9).

Como medida de controle dos abusos da propaganda sobre a sociedade, o autor propõe que o melhor é a exigência da comprovação e do cumprimento das promessas feitas por anunciantes, não cabendo esse papel à sociedade, nem ao Estado, mas aos meios de comunicação, que compram a propaganda e, para reforçar o argumento, traz o relatório McBride, que reforça o papel que os meios de comunicação e a publicidade exercem na vida social e compreende a comunicação como um processo social complexo e que não pode ser analisado num contexto isolado.

Finalmente, o que se infere do pensamento de Marques de Melo é a lucidez que não admite o maniqueísmo original sobre a ação da comunicação no social, vez que a ela não se pode atribuir uma "força absoluta e onipresente" (1990, p.9). Claro que, ao alargar o processo industrial da mídia, ampliar os mercados de audiência levam a riscos de padronização e, muitas vezes com qualidade mais baixa das mensagens, alerta o autor, mas isso não significa dizer que os meios podem conseguir atingir um nível de influência tal sobre as pessoas que vão sugerir o que as pessoas devem pensar ou como se comportar. Para Marques de Melo, mais importante é avaliar que o que se reflete nos meios de comunicação são as contradições próprias da sociedade da época.

Mais do que responsabilizar a comunicação pela queda de qualidade de vida social e pela desvalorização dos padrões culturais, o que o autor, visionariamente, mais uma vez, propõe é uma tomada de responsabilidades pelos agentes participantes do processo amplo da vida em sociedade. Ao acreditar que a comunicação não é onipotente, mas também não é objetiva, não é neutra, mas fruto do jogo político em suas várias instâncias, o texto nos aponta o caminho do fazer comunicação como um meio de atuar na sociedade para além de ser um bem ou um mal, mas de ser um componente que sirva para fortalecer a cidadania. Para isso é essencial a participação do Estado, da sociedade civil organizada, dos profissionais de comunicação, dos empresários de comunicação.

Esse era o desafio lançado pelo autor, em 1991, ao perguntar o papel que a comunicação estava exercendo sobre a crise da sociedade brasileira, que passava por transformações duras na economia, no seu lugar no mundo em processo de globalização e que ainda via o seu povo ter a identidade cultural associada ao paternalismo, ao gosto pela festa e à pouca empolgação em se envolver com o ativismo. Marques de Melo incitava aos que faziam comunicação a pensar de que modo deveriam praticar a responsabilidade de motivar os brasileiros a acreditarem no Brasil, tornando o fazer comunicação algo, sem dúvida, positivo.

A obra e suas falas

Além de José Marques de Melo, mais sete autores estão presentes nesta obra, com reflexões que se dividem em dois eixos referentes aos dois dias do simpósio que originou o livro. A primeira parte, além de Marques de Melo traz mais quatro autores, cujo centro dos textos está apresentado a seguir:

1. "Basta ficar nos fatos" - Ricardo Ramos:

O publicitário reflete sobre o que chama de "a formação da consciência política, da consciência religiosa e da consciência social, sob o influxo da Comunicação ou da Propaganda" (1990, p.14). Sua base é a experiência brasileira e, desse modo, o autor aponta o surgimento do Partido dos Trabalhadores (PT) como fruto da participação popular no processo político, demonstrando que a propaganda pode contribuir para a mobilização, o que aponta em relação, por exemplo, ao crescimento das igrejas protestantes sobre a católica, naquele momento, e o engajamento do Governo depois que a sociedade e a iniciativa privada já haviam assumido totalmente o discurso em defesa da ecologia em um Brasil que ainda engatinhava em conhecimento sobre o tema. Por tudo isso, o publicitário admitia sua absoluta tranquilidade com o ofício exercido e deixava explícita a posição sobre o lado positivo da propaganda.

2. "Comunicação: Olhares e imagens" - Jair Marcartti Jr.:

A partir dos aspectos tratados por Marques de Melo, o economista faz uma análise densa do momento que se estava vivendo conjunturalmente no Brasil e no mundo, considerando para além de se atentar para a importância na sociedade do papel pura e simples da comunicação a necessidade de um olhar ampliado sobre "o papel da engrenagem que domina o mundo" (1990, p.17). Assim, como Marques de Melo, Marcatti Jr comunga da compreensão de que a comunicação se compõe de um conjunto de elementos que interagem com a sociedade.

A visão do autor é atual para os nossos tempos, pois em sua fala já refletia sobre o poder da imagem, do alcance que ela ganha com os recursos, especialmente, da TV, que criam o mundo sem restrições de tempo e espaço. Como a religião, a política e o social e organizam nesse novo cenário de não lugar é o que discutia o autor, em 1991, quando afirmava que o século XXI seria "uma combinação entre comunicação e informação", considerando que essa inclusão

das tecnologias da informação agregadas à comunicação definiria um novo referencial para entender o mundo.

Daquela época, em que a Guerra do Golfo foi transmitida pela TV, em que tudo, da política às relações afetivas, na visão do autor, só passavam a existir, de fato, se ganhassem visibilidade pela mídia e, por isso, sua preocupação com a banalização sobre o olhar para as coisas já desgastadas pela exposição sem critério, até nosso tempo, de mídias sociais e excesso de imagens em tela, o texto em comentário nos vale como referência para pensar a comunicação como linguagem e os meios como vetores das relações sociais e de tudo que daí advém no espaço público e privado.

3. "Revolução, povo e imprensa - (Maximiliano Robespiere)" - Carlito Maia:

Valendo-se de um clássico de Robespiere, o publicitário atualiza os fatos de dois séculos antes para provocar e demonstrar que ainda vale a máxima de que aos governos vai interessar uma massa desinformada, uma imprensa calada e a serviço do interesse do opressor.

4. "Queremos Comprar Alguma Coisa" - Antonio Rosa:

Em contrapartida ao que chamou da visão dos que estavam "do lado teórico ou do lado mais social" (1990, p.27), o autor, apresenta uma análise da propaganda como reflexo do desejo inerente a todo ser humano de consumir. Para ele, a propaganda "só busca o referencial do cotidiano" (1990, p.27).

A partir de exemplos de sua prática profissional, o autor referencia o alto nível de qualidade da propaganda brasileira da época ao contrário das outras instituições nacionais.

Independente de pensar sobre se há um papel positivo ou negativo sobre a sociedade, o que fica evidente na visão do publicitário é que a publicidade oferece o show que o público gosta de comprar, particularmente o brasileiro que é um povo bem emocional, na visão do autor.

Já naquela altura, um fator relevante era a lembrança da presença do Conselho Nacional de Auto Regulamentação da Propaganda (CONAR) e do Código do Consumidor como respaldo para qualquer problema criado pela propaganda, a qual segundo Rosa "não atrapalha, não interfere ou deturpa nada" (1990, p.29). Para este autor, o poder está centrado no público, que "não aprova mau gosto" (1990,

p.29) e mesmo admitindo a influência dos meios ele afirma que "eles não querem influenciar. Somos nós que compramos a influência que eles geram" (1990, p.30).

Uma segunda parte do debate é voltada para a relação da propaganda com o público infantil. Três autores contribuem com os profissionais da comunicação, a partir do ponto de vista de outros campos de conhecimento, sobre como lidar com características próprias do universo infantil.

5. "Crianças conscientes e expostas aos fatos do mundo" - Doly Ribeiro Jr.:

Compreender o universo do público infantil era considerado fator preponderante para o administrador, cuja grande preocupação à época se referia mais às ações de merchandising, inserções de comunicações publicitárias em meio a cenas de programas de TV, do que a propaganda propriamente dita. Os dados daquele início dos anos 90 davam conta de que as crianças brasileiras eram expostas a cerca de quatro horas diárias de programação de TV.

Sem considerar a responsabilidade da programação da TV sobre as 8 milhões de crianças carentes, que viviam no país, mas analisando a influência do meio sobre o público infantil de modo amplo, o autor trabalha sobre as mudanças na legislação que trazia novos condicionantes para a veiculação de conteúdos voltados à criança e também orientava sobre formas de planejamento de uma comunicação mais efetiva para um público complexo e merecedor de uma comunicação atenta, que respeitasse as características de uma infância que travessava as mudanças do século XX na mesma velocidade que essas aconteciam.

6. "Para conquistar crianças é preciso conhecê-las" - Maria Cecília Aflalo:

Os aspectos sociais, o desenvolvimento físico, intelectual e afetivo da criança, tudo isso pode ser potencializado por sua relação com um brinquedo. A contribuição da socióloga para fabricantes, profissionais do marketing, da propaganda e da publicidade ao criar e comunicar sobre brinquedos com crianças é o tema deste tópico. Como um princípio fundamental da comunicação, com as crianças mais do que nunca para conquistá-las é preciso conhecê-las. Ensina a socióloga que "quanto mais se conhece a criança, mais fácil é seduzi-la. E, também, muito mais difícil machucá-la, por qualquer motivo que seja" (1990, p.44).

7. "Fantasia e realidade – combinação perfeita para a criança" - Célia Marques:

"Como as crianças brasileiras não tem condição de frequentar uma pré-escola, apenas uma minoria muito privilegiada, este programa está cumprindo uma função social importantíssima" (1990, p.47). Assim se referia a pedagoga ao programa Castelo Ratimbum, da TV Cultura, escolhido pela autora para exemplificar uma boa relação entre TV e criança, particularmente na faixa etária de até cinco anos, em que se define uma grande capacidade de aprendizagem e formação da linguagem.

Fechando o livro, o texto de Célia Marques apresenta o Castelo Ratimbum como uma abordagem positiva da publicidade, vez que, para ela, o programa se constitui como "uma coleção de comerciais que vendem um produto. Esse produto pode ser um comportamento, uma atividade, um conceito, uma ideia, enfim, que se conseguiu fazer um programa com uma linguagem de publicidade que atraísse a criança" (1990, p.47). A autora finaliza sua fala chamando atenção para o cumprimento de objetivos pedagógicos que o programa cumpria, de modo lúdico, suprindo a carência da pré-escola como dito anteriormente, demonstrando, claramente, como a comunicação pode ser muito positiva em diversos casos.

Considerações finais

A apresentação de "Propaganda e Sociedade: o positivo e o negativo" tem somente o intuito de abordar de maneira abrangente os conteúdos apresentados na coletânea organizada pelo professor José Marques de Melo, bem como trazer algumas contribuições acerca da sua trajetória relacionada ao período de lançamento da obra.

Diante do parco convívio com o ilustre autor, cuja biografia já é tão bem retratada por autores referenciais, como Sergio Mattos (2010) ou Maria Cristina Gobbi (2010), dentre outros, optei neste trabalho por centrar atenção no conteúdo da obra em si, cuja riqueza de reflexão e atualidade temática anima a prosseguir nos estudos sobre comunicação e sua relação com a sociedade.

Referências

BRUDER, Carsten. **José Marques de Melo**: um manager da comunicação no Brasil. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/monografia2_d.htm>. Acesso em: 27 out.2013.

GOBBI, M. Cristina. Trajetória Intelectual de José Marques de Melo: 1959-2009. In. HOHLFELDT, A (Org.). **José Marques de Melo, construtor de utopias**. São Paulo. INTERCOM, 2010.

MATTOS, S. **O guerreiro midiático**. Biografia de José Marques de Melo> Petrópolis: Vozes/São Paulo: INTERCOM, 2010.

Cibermermorial Marques de Melo. Disponível em: <http://www.marquesdemelo.pro.br/perfil.htm>. Acesso em: 18 out.2013

Comunicação brasileira no contexto da América Latina

Ofelia Elisa Torres Morales[1]

9.1 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José. **Comunicación latinoamericana, desafíos de la investigación para el siglo XXI**. São Paulo: ALAIC, 1992. 351p.

Falar sobre comunicação na América Latina significa revelar campo abrangente de linhas de pesquisa e temáticas diversas, marcadas no sabor dos trabalhos dos pesquisadores da região, num contexto diferenciado. Nesse sentido, falar da pesquisa latino-americana comunicacional significa, também, reconhecer o significativo impulso que a comunidade brasileira de pesquisadores em comunicação teve na sua consolidação. Isto emblematicamente representado pelo prof. Dr. José Marques de Melo, quem não mediu esforços no intercâmbio e diálogo com seus pares hispanofalantes. Nessa relação de mão-dupla, registram-se iniciais encontros acadêmicos na região como em

1. Pesquisadora peruana e professora radicada no Brasil. Graduação em Ciências da Comunicação – Cinema, Rádio e TV, pela Universidad de Lima, Perú; Mestre em Rádio e TV, e, Doutora em Jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Professora Adjunta no Curso de Jornalismo na Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG. E-mail: ofeliatm@gmail.com

1982, I Fórum Internacional de Comunicação Social, em Lima, no Perú[2], quando pesquisadores dos diversos países da região estavam presentes como, por exemplo, o espanhol-colombiano Jesús Martín-Barbero, o peruano Rafael Roncagliolo, e os brasileiros José Marques de Melo e Anamaria Fadul, entre outros.

Segundo relata Melo (1992), existem rastros históricos sobre a análise da comunicação na América Latina no século passado, sendo o ensaio exemplar de Barbosa Lima Sobrinho[3] sobre a imprensa brasileira, um ícone na área da pesquisa regional dessa época. Contudo, Melo também destaca que é na década de 40 que as pesquisas latino-americanas prosperaram no sentido de acompanhar a indústria cultural emergente. Essas pesquisas surgem dos intelectuais inseridos nos primeiros cursos de jornalismo latino-americanos como Argentina (1934), Brasil (1935) e Cuba (1942). (MELO, 1992).

A configuração do campo de pesquisa na América Latina foi especificando-se, a partir dos fatores econômicos, sócio-políticos e culturais desse cenário, os quais fizeram com que o objeto "comunicação" fosse definindo-se e ganhasse força. Nesse sentido, o CIESPAL (1959) "irradiou uma certa mística da pesquisa em comunicação" (MELO, 1985). E sob sua influencia, inicialmente, viabilizou-se o trabalho nesta área. "A fundação do CIESPAL – Centro Internacional de Estudios Superiores de Periodismo para América Latina -, em 1959, no Equador, sob o patrocínio da UNESCO, confere à pesquisa em comunicação uma nova fisionomia..." (MELO, 1992), já que

> se venía inoculando el virus de la investigación científica en la región, motivando la aglomeración en 'clubes nacionales de los ex alumnos de los cursos internacionales de ciencias de la información colectiva, allí ofrecidos anualmente, o proporcionando su reencuentro en 'seminarios regionales (MELO, 2004, p. 12).

2. É extremamente gratificante ter assistido a esse foro, em 1982, quando eu ainda era estudante na Universidade de Lima, Perú, país anfitrião desse encontro internacional. Momento ímpar no qual foi uma honra conhecer, pela primeira vez, aos professores doutores Anamaria Fadul e José Marques de Melo, os quais, posteriormente, no Brasil, orientaram e incentivaram minha vida como pesquisadora. As idéias trazidas, nesse foro, por ambos os pesquisadores brasileiros, impactaram de forma positiva e transformadora o diálogo dos pesquisadores latino-americanos, professores e estudantes ali reunidos.

3. BARBOSA LIMA SOBRINHO. O problema da imprensa. Rio de Janeiro: José Alvaro Editor, 1923.

A evolução – dos estudos histórico-jurídicos, mercadológicos, difusionistas e até os críticos (MELO, 1986) – é um processo no qual os pesquisadores latino-americanos continuaram refletindo na procura de alternativas novas e singulares. Uma percepção de Schlesinger (1989) sobre as orientações técnicas e metodológicas constitui a tentativa por desenvolver uma correta aproximação latino-americana aos problemas da Comunicação e da cultura. Além disso, "no coração da recente história da pesquisa em comunicação latino-americana, tem-se estabelecido uma luta contra a dependência cultural" (SCHLESINGER, 1989). Por um lado, na década de 80, existia um distanciamento da pesquisa regional, em relação ao objeto da comunicação propriamente dito, sendo escassa a produção nessa área, o qual gerou a necessidade de reflexão sobre a chamada "década perdida" como aponta Fadul já que "não foram realizadas pesquisas empíricas e não se tem sequer dados quantitativos sobre eles" (FADUL apud MEDITSCH, p. 272). Por outro lado, eram tempos em que o contexto latino-americano estava inserido na efervescência da configuração da sua identidade, em situações de confronto, ditaduras e conflitos, nas áreas culturais, sócio-políticas e econômicas da região. Nas palavras de Marques de Melo: "América Latina vivenció un período singular, que se puede denominar 'tiempos heroicos' " (MELO, 2004, p. 13).

Nesse sentido, um desafio fundamental na pesquisa latino-americana foi a criação e o fortalecimento das associações nacionais. Em alguns países, as escolas de Comunicação com programas de pós-graduação são os maiores centros dedicados à pesquisa; noutros, instituições não universitárias são os principais mobilizadores na produção dos novos conhecimentos sobre Comunicação. No caso brasileiro, em 1972, "estudiantes y profesores de comunicación, reunidos en São Paulo, Brasil, fundan la primera asociación comunicacional de naturaleza académica (ABEPEC)" (MELO, 2004, p. 13). Além disso, surge a ALAIC - Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación, em 1978:

> Entidad de naturaleza corporativa (gremial), la ALAIC opta por una composición mixta, agrupando Asociaciones, Instituciones e Investigadores. No obstante estuviera evidente la intención de construir un espacio destinado a legitimar profesionalmente los investigadores de la comunicación, la entidad también hacía una clara opción por el compromiso en causas públicas como la 'investigación para el cambio social', los estudios destinados a preservar las 'culturas nacionales' y proyectos vocacionados para fortalecer el 'nuevo orden mundial de la información y de la comunicación' (MELO, 2004, p. 15).

Segundo Jesús Martín-Barbero, a ALAIC surgia como uma instituição acadêmica com um projeto científico, porém, imbuída de um projeto político, para a compreensão da identidade latino-americana, sendo que suas "ações têm permitido tirar as "anteojeras" para conhecer, clarificar, transformar e reafirmar nossas identidades a partir de um olhar latino-americano" (GOBBI, 2009, p. 2).

A Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – INTERCOM (1977) é uma associação a qual permitiu a inter-relação entre os pesquisadores de comunicação que responderam às questões conjunturais e concretas de significativa relevância na sociedade brasileira e no mundo, como também uma prestigiosa e bem documentada "Revista INTERCOM", a qual ainda é ponto referencial bibliográfico de grande valor. Essa associação é pluralista, aberta a todas as correntes metodológicas e teóricas, democrática e, sem dúvida, dinamizou não só o panorama brasileiro como também o latino-americano, com suas significativas contribuições. Existe, nessa instituição, um constante diálogo construtivo sem dogmatismos e configurando-se como exemplo emblemático nos caminhos da pesquisa latino-americana. A INTERCOM foi criada com a força e o esforço de seus próprios afiliados, sendo, por isso, autêntica e autônoma, o que é extremamente favorável (MELO, 1983).

Ainda conforme Kunsch e Moreira (2002, p.128):

> A ALAIC, como entidade científica, tem como principais parceiras as associações latino-americanas da área. Destacam-se a Felafacs - Federación Latinoamericana de las Facultades de Comunicación Social e as entidades nacionais de comunicação, que são fundamentais para a ALAIC poder atuar nos diferentes países. Enquanto sediada no Brasil, a entidade sempre teve o apoio da INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, no Brasil... No âmbito mundial, ela é membro honorário da IAMCR - International Association for Media and Communication Research, tendo participado de seus congressos bi--anuais e divulgado suas atividades para a América Latina.

A projeção internacional da pesquisa brasileira constitui um processo que começou com energia dinamizadora. Por um lado, intensificaram-se os laços de inter-relação e cooperação com cientistas da área da comunicação que prestigiaram, com sua presença, os vários congressos e eventos brasileiros. Sem dúvida, em nível nacional, a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação criou um espaço de interlocução, o qual aglutinou pesquisadores, professores e profissionais da comunicação e, a partir de 1980, fomentou a participação de pesquisadores estrangeiros nos seus eventos anuais. Por outro lado,

a INTERCOM incentivou a produção científica da comunicação e a participação dos pesquisadores brasileiros em eventos internacionais. Claro exemplo constituiu a positiva acolhida de ensaios, relatos de pesquisa e artigos em várias publicações internacionais, assim como a aceitação de trabalhos em prestigiosos eventos no exterior. A partir de 1988, cresceu a presença dos pesquisadores brasileiros nesses eventos como, por exemplo, em 1990 no Congresso da IAMCR, na Eslovênia, quando o Brasil foi o terceiro no ranking das contribuições aceitas nesse evento (25 papers), somente superado por Estados Unidos e Inglaterra. O trabalho sério deu resultado. A liderança brasileira no que se refere à produtividade determinou a escolha do Brasil como sede do evento da IAMCR em 1992. Nas palavras do prof. Marques de Melo, o Congresso da IAMCR/AIERI de 1992, no Guarujá, São Paulo, significou o ingresso definitivo do Brasil no circuito propiciando cooperação e intercâmbio, assim como fomentando projetos e pesquisas comparativas (MELO, 1992).

Dessa forma, em 1992, o I Congresso da ALAIC foi sediado em Embu-Guaçu, São Paulo, constituindo um espaço de reflexão em vista de sua reconstrução, baseando-se numa estrutura autossustentada, otimizando os recursos e as possibilidades da instituição latino-americana. Essa fase de articulação internacional da comunidade brasileira de pesquisadores da comunicação é expressão do amadurecimento das propostas e da seriedade do trabalho desenvolvido. Um esforço e tarefa iniciada, com decisão e perseverança, rumo à consolidação da pesquisa na América Latina. O ano de 1992 para a realização desse evento foi escolhido "não apenas como acontecimento evocativo dos 500 anos da América, mas como evento balizador das nossas metas para o início do próximo milênio" (MELO, 1992, p. 15).

Durante a abertura desse primeiro ALAIC, o prof. Dr. José Marques de Melo reconheceu o avanço conseguido no plano da pesquisa, em todo o continente, dizendo que os trabalhos inscritos no congresso constituíam indicadores da transição teórica e metodológica em todo o continente: a pesquisa latino-americana de comunicação abandona a sua etapa de pesquisa-denúncia, passando a uma fase de pesquisa-construção. Sem abandonar sua tradição crítica, os pesquisadores da região buscaram diagnosticar os novos fenômenos produzidos pela indústria cultural, contribuindo para a formulação de alternativas de informação, cultura e lazer que atendam às expectativas das populações nacionais, preservando suas identidades e dando-lhes condições de participar da vida democrática. O prof. Marques também mencionou o exemplo do fortalecimento da própria ALAIC, que ressurge como uma iniciativa da sociedade civil, respaldada pelas universidades e pelos centros autônomos de pesquisa buscando, contudo, o diálogo com o Mercado e o Estado (KUNSCH; TORRES-MORALES, 1992).

> La constitución de la comunidad latinoamericana de ciencias de la comunicación puede visualizarse a través de tres períodos, rotulados de acuerdo con el lenguaje de la guerra fría, entonces en proceso de ebullición: a) la batalla por la hegemonía; b) la batalla por la supervivencia; c) la batalla de la reconstrucción. Esa simbología bélica refleja nítidamente los 'tiempos históricos' que penetraron la vida embrionária de la ALAIC, cuya institucionalización académica solamente vendría a ocurrir en 1992, durante el primer congreso de los estudiosos latinoamericanos comprometidos con la legitimidad del campo comunicacional en el terreno universitario (MELO, 2004, p.13).

Esse encontro acadêmico latino-americano desenvolveu-se num ambiente de clara confraternização entre os pesquisadores, os quais debateram as principais temáticas atuais sobre a comunicação. O evento contou com 128 pesquisadores, procedentes de 21 países, sendo que 54 participantes contribuíram com papers. A acolhida e hospitalidade do prof. Marques e da comunidade "brasileña" motivaram naturalmente, sem dúvida, laços de integração, cooperação e diálogo junto aos pesquisadores participantes no evento, o qual foi considerado também como o "congresso de reestruturação" da ALAIC (MELO, 1992).

A reunião da ALAIC enfatizou a necessidade de encontrar novos paradigmas na comunicação que compreendam as mutações constantes e complexas que atravessava nessa época a América Latina. Urgia uma aproximação aos atores da sociedade civil, os movimentos sociais, o Estado, as Universidades e Centros de Pesquisa, as ONGs, a Igreja, entre outros, na busca de projetos nacionais de desenvolvimento e na contribuição a um trabalho mais integral na definição de Políticas Nacionais de Comunicação e Culturais diante ao processo de globalização cada vez maior. O primeiro ALAIC, além de constituir-se numa reunião histórica, fortaleceu o debate e os laços de cooperação entre os pesquisadores latino-americanos.

O livro coordenado pelo prof. Marques, "*Comunicación latinoamericana, desafíos de la investigación para el siglo XXI",* registra as contribuições da retomada do movimiento latinoamericano, no sentido da revitalização da proposta da ALAIC como aglutinador e fermentador do intercâmbio no diálogo internacional, mais específicamente, latino. Assim, "la fundación de la ALAIC fue propiciada por cuatro asociaciones académicas nacionales, entonces en funcionamiento: ABEPEC (Brasil), AVIC (Venezuela), ACIC (Colombia) y CONEICC (México)" (MELO, 2004, p.14). É necessário salientar o patrocínio da ECA-USP, da INTERCOM, da CNPq, CAPES e FAPESP, nessa coletânea sobre o congresso. Essa integração de esforços nessa publicação foi incentivada, principalmente, a partir de todos os autores envolvidos e o apoio da Escola de Comunicações e Artes da Universidade

de São Paulo (ECA-USP), representada pelo prof. Marques de Melo, quem, nessa época, era Diretor dessa emblemática instituição paulistana[4].

As contribuições do referido livro trazem autores que marcaram a pesquisa na região latina como o uruguaio Mario Kaplún e os norte-americanos *"latin--americanists"* Elizabeth Fox, da Universidade Americana, em Washington, e Emile McAnany, da Universidade de Texas, em Austin, entre outros. O livro traz relevantes considerações:

> Trata-se de um conjunto heterogêneo, que abriga reflexões subordinadas a diferentes correntes de idéias, dentro daquela perspectiva pluralista que tem sido a maior força da ALAIC. A característica que lhes confere unidade é indiscutivelmente a qualidade acadêmica: são textos de alto nível intelectual, representativos das tendências vigentes na escola latino--americana de comunicação. Todos eles apontam em direção aos novos cenários da América latina neste fim de século; alguns otimistas, outros menos esperançosos, todavia marcados pelo signo da perseverança e pela expectativa de ultrapassar as adversidades (MELO, 1992, p. 17).

A contribuição da publicação em questão revela quatro tendências emergentes. A primeira dedicada à "Comunicação e livre comércio"[5]; a segunda "Como recuperar a década perdida?"[6]; a terceira "Prioridades para os anos 90"[7]; e, por fim, a "Cooperação Internacional"[8]. Essas categorias temáticas mostram a relevância nas discussões que o livro de Marques de Melo (1992) abrange como também a pluralidade dos pesquisadores envolvidos, não somente na sua diversidade cultural assim

4. O livro contou com a coordenação do prof. Marques, a coordenação associada da professora doutora Margarida Krohling Kunsch, a secretária Tânia Magaly Anibal, e assistente Ofelia Torres Morales.

5. Com artigos de Javier Esteinou Madrid (México); Ricardo Sol (Costa Rica); Rafael Roncagliolo (Perú); Elizabeth Fox (EUA).

6. Com artigos de Marcelino Bisbal (Venezuela); Raúl Fuentes Navarro (México); J.S.Faro (Brasil); Daniel E.Jones (Espanha); Pedro Gilberto Gomes (Brasil); e Mario Kaplún (Uruguai).

7. Com textos de Erick R. Tomico V. (Bolívia); Luis Peirano (Perú); Eduardo Meditsch (Brasil); Modesto Tuñón Flores (Panamá); Roque Faraone (Uruguai); Elizabeth Safar (Venezuela); Eduardo A. Vizer (Argentina); Javier Protzel de Amat (Perú).

8. Com contribuições de José Marques de Melo (Brasil); Lilia Pérez Chavolla (México); José Martínez de Toda y Terrero (Inglaterra); e, Emile McAnany (EUA).

como na abrangência dos olhares acadêmicos sobre a comunicação latino-americana. Desde essa época, ALAIC já mostrava sua identidade plural e estratégica:

> As tendências esboçadas reafirmam claramente que a pesquisa sobre os fenômenos comunicacionais da América Latina preserva a sua atitude crítica na formulação de hipóteses teóricas e na delimitação dos pressupostos analíticos, intensificando porém o uso de processos empíricos (quantitativos e qualitativos) para descrever e diagnosticar as situações em movimento. Essa postura corresponde a um sentimento consensual de que a pesquisa científica representa um instrumento vital para a construção de sociedades democráticas, prósperas e pluralistas. Trata-se evidentemente de uma utopia que mobilizará os cientistas latino-americanos da comunicação no limiar do século XXI (MELO, 1992, p. 21).

A trajetória da pesquisa latino-americana permeou os tempos heróicos contribuindo assim no desenvolvimento do conhecimento e no fortalecimento da democracia e da pluralidade na América Latina, rumo a novos desafios: "¡Llegó el momento de salir, efectivamente, del siglo XX, enfrentando los enigmas suscitados por el nuevo siglo!" (MELO, 2004, p. 20). Nesse sentido, a trajetória de vida profissional do prof. Marques de Melo revela o seu pioneirismo, pela sensibilidade diante das tendências emergentes na comunicação latino-americana, lisura e rigor acadêmico nas pesquisas, além da generosidade, solidariedade e colaboração na construção e contribuição na comunidade de pesquisadores da América Latina. "Muchas gracias prof. Marques de Melo. Obrigado Mestre. Enhorabuena!".

Referências

GOBBI, M. C. A ALAIC e o Cenário Comunicativo na América Latina**. Anais 7º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho,** 2009. Disponível em: http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/7o-encontro-2009-1/A%20ALAIC%20e%20o%20Cenario.pdf. Acesso em: 06 ago. 2013.

KUNSCH, M.; TORRES-MORALES, O.E. ALAIC 92: o congresso de Embu-Guaçu. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 1992. vol.1.

KUNSCH, M.M.K.; MOREIRA, S.V. Diálogos Midiológicos 11: A investigação comunicacional na América Latina. **Revista Brasileira de Ciências**

da Comunicação - INTERCOM. Vol. XXV, nº 2, julho/dezembro de 2002. p.125-33.

MEDITSCH, E.; AYRES, M.de la B.; SEGALA, M. De volta à especificidade dos estudos em jornalismo: o Gt da ALAIC no início do novo século. **Revista latinoamericana de Ciencias de La Comunicación – ALAIC**. n. 8-9 (5), p. 264-79.

MELO, J. M. de. A pesquisa em comunicação: trajetória latino-americana. In: MELO, J. M. de. **Comunicação: teoria e política**. São Paulo: Summus, 1985.

MELO, J. M. de. **Teoria e pesquisa em comunicação: panorama latino-americano**. São Paulo: Cortez/INTERCOM, 1983.

MELO, J.M. de. **Comunicación latinoamericana, desafíos de la investigación para el siglo XXI.** São Paulo: ALAIC, 1992.

MELO, J.M.de. Los centros de investigación de la comunicación em América Latina. **TELOS**, n.19. Madrid: Fundesco, 1989.

MELO, J.M.de. Los tiempos heroicos: la formación de la comunidad latinoamericana de ciencias de la comunicación. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación ALAIC.** Jul./Dic., 2004, n. 1 (1), p.10-21.

MELO, J.M.de. **O Brasil no Cenário da Pesquisa em comunicação.** São Paulo: ECA/USP, 1992.

MELO, J.M.de. Panorama brasileiro da pesquisa em comunicação. In: MELO, J.M.de. **Comunicação: direito à informação.** Campinas: Papirus, 1986.

SCHLESINGER, P. Aportaciones de la investigación latinoamericama. **TELOS** n. 19. Madrid: Fundesco, 1989.

O pensamento comunicacional brasileiro no contexto da comunidade científica internacional

Monica Martinez[1]

10.1 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José (Ed.). **Communication and Democracy:** Brazilian Perspectives**.** São Paulo: ECA/USP, 1991 248p.

MARQUES DE MELO, José (Ed.). **Communication for a New World:** Brazilian Perspectives**.** São Paulo: ECA/USP, 1993. 383p**.**

"Communication and Democracy: Brazilian Perspectives", publicado em 1991, e ***"****Communication for a New World: Brazilian Perspectives",* em 1992, são uma iniciativa de José Marques de Melo, na época diretor da Escola e Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (cargo que exerceu de 1989 a 1993), de reunir no formato livro a produção acadêmica dos pesquisadores brasileiros que em 1990 e, dois anos depois, em 1992, tiveram resumos selecionados e oficialmente registrados nos

1. A jornalista Monica Martinez é doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, tendo pós-doutorado pela UMESP. Realizou estágio pós-doutoral na Universidade do Texas. É docente do Programa de Mestrado em Comunicação e Cultura da UNISO. Contato: monica.martinez@prof.uniso.br.

anais da conferência da IAMCR (International Association for Media and Communication Research ou, em português, Associação Internacional para Pesquisa sobre Meios e Comunicação). Este capítulo evidentemente não tem a pretensão de tecer reflexões conclusivas nem de esgotar o assunto. Antes se propõe a contextualizar a iniciativa e a destacar a importância da preservação destes documentos, que são parte importante do registro histórico do processo de internacionalização da produção dos pesquisadores nacionais da área de Comunicação – necessidade tão debatida e buscada hoje em todas as áreas do conhecimento científico.

Falar sobre estes desafios mundializadores pressupõe ter consciência das principais arenas internacionais onde ocorrem os embates sobre o conhecimento do campo da comunicação. No contexto da Comunicação, um dos palcos mais destacados é o propiciado pela IAMCR. Neste ano de 2013, por exemplo, a conferência da entidade, intitulada "*Crises, 'Creative Destruction' and the Global Power and Communication Orders"* – que pode ser traduzida como *Crise, "*Destruição criativa" e Pedidos de Energia Global e Comunicação – foi realizada de 25 a 29 de junho em Dublin, capital da Irlanda – uma celebração em si pelo fato de ter sido realizada neste país há exatos 20 anos. A conferência reuniu 1400 participantes de todo o mundo, sendo 58 do Brasil tomando-se como base os dados do programa da conferência[2]. Na abertura, a surpresa foi o inspirado e embasado discurso de abertura do presidente da Irlanda, Michael D. Higgins, ele também docente de sociologia antes de ingressar no cenário político (IAMCR, 2013a).

Poucos dias antes, de 17 a 21 de junho, na cidade de Londres, ocorreu outro encontro internacional que merece ser citado: o 63ª. Conferência Anual da ICA (International Communication Association ou, em português, Associação Internacional da Comunicação). Apesar de ter tido 3 000 participantes, contou com apenas sete pesquisadores brasileiros. Este *gap* pode ser explicado pelo fato de que a ICA tem origem nos Estados Unidos e, apesar de também estar em franco processo de internacionalização, ainda é vista pelos pesquisadores da área de todo o mundo como uma arena que privilegia os debates dos pesquisadores estadunidenses (este ano 60% dos participantes eram dos Estados Unidos).

2. Até o fichamento deste capítulo, a instituição não dispunha dos dados oficiais sobre o número de participantes brasileiros no evento, mas em consulta feita por e-mail a presidente da entidade, Prof. Janet Wasko, disse que " I'm not sure we have a way to find this data, (…but)I think the program count is a good way to get close to the actual number.". Em português, "eu não estou segura de que haja uma forma de conseguir esta informação (..., mas) eu acho que a contagem do programa é uma boa maneira de chegar próximo ao número real" (WASKO, 2013).

IAMCR – nascida para ser internacional

Já a IAMCR tem a marca da internacionalização entranhada em sua história ou, como se aprecia dizer hoje em dia, em seu DNA. A assembleia constituinte foi realizada em 18 e 19 de dezembro de 1957 e está registrada no *press release* **número 1727 da** UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), datado de 23 de dezembro de 1957:

> Cinquenta especialistas em meios de informação de 15 países acabaram de completar, em um encontro de dois dias na Unesco House, em Paris, a tarefa de estabelecer a Associação Internacional para Pesquisa em Comunicação de Massa.
> Criada com a cooperação da UNESCO, a nova associação, que é independente, tem sua sede em Paris no Instituto Francês de Imprensa da Universidade de Paris, na rua St. Guillaume, 27. Sua função é a promoção em todo o mundo do desenvolvimento de pesquisas sobre problemas relacionados com a imprensa, rádio, televisão e filmes (IAMCR, 2013).[3]

Convém lembrar que a UNESCO não havia nascido muito antes. Ela havia sido criada como uma agência especializada da ONU (Organização das Nações Unidas), logo após a Segunda Guerra Mundial, em 16 de novembro de 1945. A própria ONU foi criada a partir da Liga das Nações com o objetivo de fomentar o diálogo entre os países no contexto da nova configuração geopolítica que emergia após o conflito mundial.

Um dado interessante da certidão de batismo midiática da IAMCR é o fato de que, para uma nova entidade, ela já nascia com um tamanho considerável e plural:

3. Do original: "Fifty experts on information media, from 15 countries, have just completed in a two-day session at Unesco House, Paris, the task of establishing the International Association for Mass Communication Research. Created with the co-operation of Unesco, the new association, which is independent, has its headquarters in Paris, in the offices of the Institut Français de Presse of the University of Paris, 27 rue St. Guillaume. Its function is the promotion throughout the world of the development of research on problems related to press, radio, television and films.

> A lista de membros da associação inclui cerca de 200 nomes de institutos, estabelecimentos de ensino e indivíduos. Docentes de jornalismo são os mais numerosos na lista individual de educadores e sociólogos (idem)[4].

Desde o início, apesar de sua diretoria eminentemente representativa do Hemisfério Norte[5], se previa um diálogo que ultrapassasse os limites ideológicos da emergente Guerra Fria[6] e da divisão entre blocos ocidental e asiático, pelo menos no tocante ao seu extremo ocidental. Um exemplo é o jornalista turco Hifzi Topuz, nascido em 1923, que participou da fundação da entidade. Países do Terceiro Mundo, como eram chamados naquele momento nações, como o Brasil, também contribuíram com membros engajados. O jornalista brasileiro Danton Jobim (1906-1978), por exemplo, que teve papel fundamental na introdução de inovações técnicas no jornalismo e pedagógicas no ensino do jornalismo (MARQUES DE MELO, 2003; AVANZA, 2007), participou ativamente do primeiro comitê executivo (IAMCR, 2013). "É compreensível que Jobim viesse a figurar como representante brasileiro na reunião fundadora de nossa entidade acadêmica mundial" (MARQUES DE MELO, 2012, p.377).

Neste contexto, de um mundo radicalmente diferente que emergia após a Segunda Guerra Mundial, o principal objetivo da IAMCR era o de "facilitar o intercâmbio de métodos e resultados entre institutos de pesquisa e promover contatos pessoais entre os membros individuais" (IAMCR 2013). Como objetivo específico, a organização buscava "reconhecimento para a comunicação de massa como objeto de investigação científica" (idem)[7].

É neste clima de fórum global que se inserem os trabalhos dos pesquisadores brasileiros compilados nos dois livros analisados. Durante a edição do primeiro,

---

4. Do original: The association's membership list includes about 200 names of institutes, educational establishments and individuals. Educators in journalism are the most numerous on the individual list of educators and sociologists." (IAMCR, 2013).

5. Primeiro presidente francês (Fernand Terrou), com vice-presidentes (Jacques Kaiser (França), Jacques Bourquin (Suíça) e Raymond Nixon (EUA)(IAMCR, 2013).

6. O que é sinalizado pelos membros do comitê permanente, com integrantes franceses (Claude Bellanger), belgas (Marcel Stijns) e poloneses (Mieczyslav Kafel), além de membros ativos como o theco Vladimir Klimes. (IAMCR, 2013).

7. Do original: "The main aim of the Association was to facilitate exchanges of methods and findings between research institutes and to promote personal contacts among individual members. A related objective was to seek recognition for mass communication as a subject for independent scientific investigation."

"*Communication and Democracy: Brazilian Perspectives*" (São Paulo: ECA/USP, 1991), José Marques de Melo também era presidente da ALAIC, a Associação Latino-Americana de Pesquisadores em Comunicação. A obra contém artigos de 20 pesquisadores brasileiros da Universidade de São Paulo e de duas instituições mineiras (Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG – e Universidade Federal de Viçosa – UFV) que haviam participado do IAMCR no ano anterior, em 1990, quando o evento foi realizado no *College of Sociology, Politics and Journalism* da Universidade Ljubljana, em Bled, na então Iuguslávia.

Na introdução da obra, Marques de Melo chama a atenção para a formidável transformação geopolítica vivenciada pelo Leste Europeu naquele momento, cujo marco histórico foi a queda do muro de Berlin em 3 de outubro de 1990. A própria Iugoslávia, que até então consistia em oito unidades federativas, no ano de publicação da obra (1991) foi dividida em seis repúblicas – Eslovênia, Croácia, Bósnia e Herzegovina, Macedônia, Montenegro, Sérvia –, sendo que as duas províncias autônomas ficaram com a Sérvia (Kosovo e Vojvodina).

Sobre o evento propriamente dito, Marques de Melo diz na introdução do livro: "O resultado dos contatos e observações feitas durante a viagem é muito positivo. Não só do ponto de vista institucional – amplificando as conexões da ALAIC, INTERCOM e ECA-USP, mas, especialmente, no nível intelectual"[8] (1991, p.9). Naquele ano, a delegação brasileira foi a terceira maior da conferência, com 25 participantes, sendo menor apenas que a dos Estados Unidos (140 participantes) e Reino Unido (36).

Os artigos reunidos na obra revelam a coerência de linha de pesquisa dos autores e, sobretudo, a contribuição intelectual à área de Comunicação pela qual são conhecidos. A guisa de exemplo destacam-se três artigos reunidos no livro. O primeiro é "Planejamento de comunicação nas organizações modernas" (*Communication planning in modern organizations),* de Margarida Maria Krohling Kunsch, hoje titular da ECA-USP e uma referência brasileira na área de comunicação organizacional. A segunda é Cremilda Medina, com o artigo "O jornalista como um leitor cultural" *(The Journalist as a cultural reader)*. Medina, reconhecida como uma das maiores teóricas brasileiras na área de narrativas contemporâneas se aposentou recentemente como professora titular da Universidade de São Paulo – instituição com a qual ainda contribui em iniciativas como o Prolam (Programa Latino-Americano de Pós Graduação). Finalmente, destaca-se o artigo "Políticas e sistemas de comunicação na

8. Do original: "The result f contacts and observations made during the trip is quite positive. Not just on institutional point of view – amplifying international connections of ALAIC, INTERCOM, ECA-USP – but, specially, at intellectual levels (MARQUES DE MELO, 1991: 9).

Itália (1975-1990) – uma visão latino-americana" (*Policy and communication systems in Italy (1975-1990) – a Latin American view),* de Anamaria Fadul, então professora da ECA-USP e atualmente professora aposentada da UMESP.

Ecos do primeiro IAMCR feito no Brasil

O segundo título organizado por Marques de Melo, "*Communication for a New World*: *Brazilian Perspectives"* (São Paulo: ECA/USP, 1993), reúne 30 artigos dentre os 42 resumos de brasileiros registrados nos anais[9] do IAMCR realizado um ano antes, em 1992, na cidade litorânea paulista de Guarujá. Portanto exatos 21 anos distanciam sua publicação da redação deste capítulo.

Trata-se da primeira das duas conferências da IAMCR sediadas até hoje no Brasil. A segunda seria realizada em Porto Alegre doze anos depois, em 2004 (IAMCR, 2013). Ressalte-se que, até 2006, os encontros eram bienais. Desde então, as conferências são anuais. Contudo, em 2013, foi realizada uma pesquisa junto aos associados da entidade, cujos dados estão em fase de consolidação, para se decidir a frequência ideal dos próximos encontros, se anuais ou bienais. Esta pesquisa abordou outros temas, como a possibilidade da criação de eventos regionais – uma estratégia que a ICA está adotando e que propiciará um encontro na Universidade de Brasília de 24 a 28 de março de 2014.

Mas, há 21 anos, estes desdobramentos futuros ainda não eram visualizados. Em 1992, dos dias 16 a 21 de agosto, pesquisadores de 50 países se reuniram na aprazível Guarujá, em São Paulo, para dialogar sobre os "meios de comunicação de massa e seu papel na configuração de um ambiente cultural plenamente globalizado" (MARQUES DE MELO, 1992, p.5). Se a revolução que a tecnologia e, particularmente, a mídia digital causaria a partir do final daquela década na práxis e nos estudos comunicacionais também ainda não era visível nesta frase, ela já se insinuava no endereço do prefaciador da obra: após o endereço da Universidade de São Paulo está grafado "EMAIL: JOMDMELO@BRUSP BITNET". Para quem nasceu em tempos digitais, é bom lembrar que ter um endereço eletrônico naquela época era algo inovador – nem redações grandes como a da editora Abril desfrutavam de tal regalia digital.

Um simples dado basta para revelar o crescimento do cenário de conferências na área de Comunicação. Se em 1992 o IAMCR já revelava sua grandeza, duas

9. Até hoje, a participação no processo seletivo para a IAMCR demanda apenas o envio de resumos e não de artigos completos.

décadas depois a mais recente conferência da IAMCR, realizada em 2013 na cidade de Dublin, na Irlanda, reuniu 1 400 participantes de 88 países (DCU, 2013).

Dentre os 30 autores que participaram do livro publicado em 1993, inclui-se o artigo apresentado na sessão de abertura pelo sociólogo Fernando Henrique Cardoso – que seria o 34º. presidente do país no período de 1995-2003. Muitos se tornaram lideranças na área de Comunicação. Infelizmente não há espaço aqui para citar todos, portanto este registro limita-se a poucos exemplos. Um deles é Cicília Maria Krohling Peruzzo, autora de "Comunicação comunitária, cultura e cidadania" (*Community communication, culture and citizenship*), na época professora associada da Universidade Federal do Espírito Santo, hoje professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo, referência na linha de pesquisa em comunicação comunitária e alternativa com obras como "Televisão comunitária: dimensão pública e participação cidadã na mídia local" (Rio de Janeiro: Mauad, 2007).

Maria Immacolata Vassallo de Lopes, autora do artigo "Pesquisa de Comunicação no Brasil" (*Communication Research in Brazil*), é uma das mais reconhecidas autoridades da área em pesquisa, bem como em telenovelas. Seu livro "Pesquisa em Comunicação" (São Paulo: Loyola, 2012) está na 11ª. edição. Além disto, ela é criadora e coordenadora da rede de pesquisa internacional Obitel (Observatório Ibero-Americano da Ficção Televisiva) e da rede de pesquisa Obitel-Brasil. Atualmente é presidente de IBERCOM, a Associação Ibero-Americana de Comunicação (2012-2015).

A jornalista Sonia Virginia Moreira, autora do artigo "Rádio no Brasil" (*Radio in Brazil*), é hoje professora associada da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde integra o corpo docente do Departamento de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação. É uma especialista nos estudos da mídia radiofônica, com obras como "O rádio no Brasil" (Rio de Janeiro: Mil Palavras, 2000), tendo nos últimos anos aberto uma nova fronteira ao se dedicar aos estudos das Geografias da Comunicação, interface acadêmica que observa o fenômeno das mídias e culturas. É também a diretora de relações internacionais da INTERCOM, promovendo o diálogo entre pesquisadores de vários países, em particular no eixo Brasil-Estados Unidos.

Finalmente, Cesar Ricardo Siqueira Bolaño, autor do artigo "Da produção à concorrência: a contribuição para a economia da comunicação e da cultura" (*From production to competition: a contribution to economics of communication and culture*), é o atual presidente da ALAIC, a Associação Latino-Americana de Pesquisadores em Comunicação. Durante a conferência da IAMCR em 2013, ele esteve engajado em sessões plenárias com o objetivo de fomentar o diálogo e o intercâmbio intelectual entre diferentes instituições internacionais, como

ECREA (European Communication Research and Education Association), AMIC (Asian Media Information and Communication Centre) e Nordicom (The Nordic Information Centre for Media and Communication Research) – esta um esforço de cooperação entre cinco países nórdicos, a saber a Dinamarca, Finlândia, Islândia, Noruega e Suécia.

Uma última reflexão. A análise da primeira publicação, de 1991, revela o predomínio de professores paulistas e da Universidade de São Paulo na participação de eventos internacionais como o IAMCR. Já a participação atual no mesmo evento revela uma ampla diversidade temática e institucional. Tanto que o lema da União Europeia, palco do mais recente evento da *International Association for Media and Communication Research,* pode ser igualmente uma boa divisa para o momento atual da pesquisa em Comunicação no Brasil: *In varietate concordia.* Do latim, unidos na diversidade. Só mesmo com muito respeito à diversidade e cooperação entre os pares podemos estudar de forma relevante a história e os fenômenos de uma área porosa como a nossa neste mundo em veloz processo de mutação.

Referências

AVANZA, Marcia Furtado. **Dalton Jobim, o mediador de duas culturas**: por uma pedagogia do jornalismo. 2007. Tese (Doutorado em Estudo dos Meios e da Produção Mediática) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde-05072009-210746/>. Acesso em: 8 ago 2013.

Dublin City University. President of Ireland opens International Media Conference. Disponível em: <http://www.dcu.ie/news/2013/jun/s0613k.shtml>. Acesso em: 8 ago 2013.

IAMCR. *History of IAMCR*. Disponível em: <http://www.iamcr.org/about-iamcr/history/306-iamcr-history-in-a-nutshell>. Acesso em: 1 ago 2013.

IAMCR. *Link to President Michael D. Higgins opening address to IAMCR-2013 Conference.* Disponível em: <http://www.iamcr2013dublin.org>. Acesso em: 1 ago 2013a.

MARQUES DE MELO, José. **História do Jornalismo:** itinerário crítico, mosaico contextual. São Paulo: Paulus, 2012.

_____**História do Pensamento Comunicacional**: cenários e personagens. São Paulo: Paulus, 2003.

WASCO, Janet. **Information request**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por < this is an enquiry email via <http://www.iamcr.org > 9 ago 2013.

Diálogos entre teoria e prática da Divulgação Científica

Danielle Tavares Teixeira[1]

11.1 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José. **Teoria da Divulgação Científica.** São Paulo: ECA-USP, 1992.

Ser convidada para apresentar a obra "Teoria da Divulgação Científica", de José Marques de Melo (1992), é um desafio e, ao mesmo tempo, a imersão em uma história rica, plural e multifacetada do pesquisador que escreve sua trajetória, mostrando que prática e teoria caminham juntas e que a academia é local privilegiado para transformar o conhecimento empírico. A referida publicação foi elaborada para subsidiar a disciplina "Teoria da Divulgação Científica", ministrada pelo professor José Marques de Melo, na primeira turma de pós-graduação *lato sensu* em Divulgação Científica, oferecida em 1992, por meio do Núcleo José Reis de Divulgação Científica, na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

Com conteúdo abrangente, o livro merece ser conhecido e (re)visitado por jornalistas, pesquisadores e profissionais que atuam no

1. Jornalista, doutoranda em Comunicação na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso (Fapemat). Possui mestrado em Ciências Ambientais pela Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), onde atua como Assessora de Comunicação.

campo da Divulgação Científica. A obra reúne as principais abordagens acadêmicas da época, resgatando textos sobre processos e efeitos de comunicação, comunicação científica, além de trazer um estudo de caso da imprensa do Rio de Janeiro e de São Paulo, de autoria José Marques de Melo, como veremos mais detalhadamente.

Primeiramente, efetuaremos um recuo temporal para delinearmos o contexto de concretização desse pioneiro curso de Pós-graduação e, ao mesmo tempo, mostraremos a liderança do prof. José Marques de Melo na inserção da pesquisa sobre Divulgação Científica em diferentes instituições deste país, a saber: Universidade de São Paulo (USP), Universidade de Campinas (Unicamp) e Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

Pioneirismo na Universidade de São Paulo

Em 1972, a Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP) promove o primeiro Curso de Extensão em Jornalismo Científico[2]. Nesse período também é criada a Agência Universitária de Notícias (AUN), sob a liderança de José Marques de Melo à época Chefe do Departamento de Jornalismo, com o objetivo de ser um canal de comunicação de notícias sobre a produção científica da Universidade. Apesar dessas iniciativas pioneiras, no âmbito da reflexão teórica sobre a Divulgação Científica, os desdobramentos só tiveram início nos anos de 1980, com a publicação de trabalhos de mestrado, doutorado e pós-doutorado.

Iniciativa marcante para a consolidação do campo de pesquisa em Jornalismo Científico no Brasil se deu em 1991, quando o prof. Marques de Melo, diretor da Escola de Comunicações e Artes (quadriênio 1989-1992)[3], cria por meio da Portaria ECA-82/91, o Núcleo José Reis de Divulgação Científica,que tem por finalidade "[...] realizar estudos, pesquisas, experimentos destinados a otimizar o uso dos meios de comunicação para a disseminação e popularização da ciência e tecnologia" (MARQUES DE MELO, 1992, p.92). Ainda hoje, o Núcleo é referência na área e promove, sistematicamente, cursos, pesquisas e publicações.

---

2. A experiência gerou a publicação do livro "Teoria e prática do jornalismo científico", de Manuel Calvo Hernando (1970), Marques de Melo analisa a influência dessa publicação para a inserção da divulgação científica em pesquisas brasileiras. (MARQUES DE MELO, José. **Comunicação**: Teoria e Prática. São Paulo: Summus, 1985).

3. O professor José Marques de Melo exerceu cargo de gestão na ECA/USP por duas vezes, em períodos e contextos distintos, compreendidos entre 1968-1972 e 1989-1992. (HOHLFELDT, 2010 e VIANNA, 2005).

O programa de Pós-graduação *lato sensu* em Divulgação Científica, coordenado pelos professores José Marques de Melo e Manuel Carlos Chaparro, em 1992, seria então a primeira iniciativa daquele Núcleo. Na turma inaugural, foram oferecidas 40 vagas, destinadas a cientistas, pesquisadores e educadores, objetivando proporcionar conhecimentos básicos sobre os processos de comunicação aplicados à divulgação da C&T. Integravam o corpo docente grandes nomes da Comunicação e cientistas de diversas áreas do conhecimento, dentre os quais, os profs. doutores Manuel Chaparro, Jair Borin, Sebastião Squirra, Mirian Rejowski, José Coelho Sobrinho, Margarida Maria Krohling Kunsch, Fabíola de Oliveira, Dinah Aguiar Población, Mario Guidi, Maria do Socorro Fernandes, Ernst Hamburger, Amélia Império Hamburger e Luiz Carlos de Menezes.

A realização dessa Pós-Graduação coincide com o último ano de gestão do professor Marques de Melo como Diretor da ECA-USP, de onde se aposentou em 1993 após 34 anos de serviço público. Além das reformas didático-científicas na Escola, a função administrativa promoveu sua interlocução com outra face do jornalismo, como relata a seguir:

> Tive a chance de interagir com colegas de profissão, novos e antigos. Passei a vislumbrar dimensões nem sempre perceptíveis da atividade noticiosa. Entendi melhor os processos de distorção e manipulação dos fatos, quando transformados em versões impressas ou eletrônicas. A ECA constitui um celeiro de informações relevantes para as editorias especializadas. Tal convivência nos bastidores do jornalismo científico e cultural estimulou meu apetite para escrever artigos e comentários sobre Mídia e Jornalismo, publicados na imprensa de todo o país. Eu enveredava pelas fronteiras do meta-jornalismo (apud GOBBI, 2001, p.59).

Como se vê, o pesquisador passa a atuar também como fonte de informação, situação que lhe proporciona visualizar, sob nova ótica, os processos de distorção e manipulação dos fatos transformados em notícias, notadamente nas áreas de jornalismo Científico e Cultural.

Unicamp: formação de cientistas e jornalistas

Na mesma ocasião em que se aposentou na USP (1993), Marques de Melo foi convidado, juntamente com Alberto Dines, para estruturar o Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Naquele espaço, o professor contribui para implantar, em 1998,

o projeto do Núcleo de Estudos em Jornalismo Científico, que visa subsidiar discussões críticas sobre a divulgação da ciência e tecnologia nos meios de comunicação de massa e contribuir para a formação de profissionais da área de Jornalismo Científico (NAVA, 2001).

Nesse contexto, o autor organiza o livro "Para entender o Jornalismo Científico" (1998), uma rica coletânea destinada à formação e atualização da equipe do Projeto de Pesquisa sobre Jornalismo Científico, promovido pelo Labjor/Unicamp[4]. No ano seguinte (1999), contribui para a implantação do Curso de pós-graduação *lato sensu* de Jornalismo Científico dirigido à formação de cientistas e jornalistas, vocacionados para a disseminação do conhecimento produzido nas universidades e institutos de pesquisa.

Universidade Metodista: pioneirismo no stricto sensu

Ainda nos anos de 1978, também sob a liderança do professor Marques de Melo, então coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social do Instituto Metodista de Ensino Superior (IMS), hoje Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), foi criada a linha de pesquisa pioneira em Comunicação Científica e Tecnológica.

Quando encerrou sua gestão como diretor da ECA-USP, em 1993, foi convidado a retornar à Metodista. "Eu havia implantado o mestrado e o curso teve bom reconhecimento da comunidade acadêmica nacional e me propunham voltar para cá para implantar o doutorado", o que se concretizaria em 1995 (Apud NAVA, 2001, p.200). Esse programa é a experiência mais duradoura de ensino e pesquisa sobre divulgação científica no país, abrigando estudos empíricos sobre a cobertura de C&T pelos meios de comunicação, além de projetos de pesquisa em convênio com instituições internacionais (CALDAS; MACEDO, 1999)[5].

---

4. O autor publicou outros títulos com temáticas próximas à obra analisada, dentre os quais "Comunicação, ciência e cultura" (IMS, 1985) e "Comunicação, modernização e difusão de inovações no Brasil" (Vozes, 1978), além de artigos científicos em livros e coletâneas.

5. Na pós-graduação *lato sensu* também se destacam: Jornalismo Científico a Distância (CAPES/MEC, 1982), e o 1º Curso em Divulgação Científica (UnB, 1988). Para ver mais: CALDAS e MACEDO, 1999.

"Teoria da Divulgação Científica", de José Marques De Melo (1992)

O livro é dividido em seis partes principais: Processos de Comunicação, Comunicação de massa, Efeitos da comunicação, Comunicação científica, Difusão de inovações, Divulgação científica, reunindo textos de distintos autores e do próprio Marques de Melo, cujas ideias centrais serão abordadas a seguir.

Apesar da riqueza das obras por ele destacadas, daremos maior ênfase e detalhamento ao artigo de sua autoria "Mutações no jornalismo científico no Brasil: estudo de caso da imprensa diária do Rio de Janeiro e de São Paulo", apresentado ao V Congresso Ibero-americano de Jornalismo Científico (Valença, Espanha, 1990). Tal opção deve-se ao fato desta ser uma pesquisa que traz profundas contribuições teóricas e metodológicas ao campo do Jornalismo Científico no Brasil e, ao mesmo tempo, ser um material de difícil acesso, disponível apenas em bibliotecas especializadas localizadas em grandes centros[6].

a) Processos de comunicação

O autor inicia o livro apontando a necessidade de se conceituar "Comunicação", tomando como parâmetro a própria estrutura do processo, independente dos efeitos provocados na vida social. Dessa forma, trazendo contribuições da perspectiva estrutural, define comunicação como o processo de transmissão e recuperação de informações. "Trata-se portanto de um processo, um ato contínuo, que nunca se interrompe. Ou seja, de algo em constante movimento" (MARQUES DE MELO, 1992, p.7).

O autor apresenta os principais modelos do processo de comunicação e retoma Berlo (1963), em cuja opinião nos comunicamos para influenciar. Sob essa ótica, uma comunicação eficaz é planejada, a partir da definição prévia da intenção do comunicador e do seu alvo, visando determinado resultado. O seu sucesso depende cada vez mais da precisão e rigor científicos, e não da criatividade.

b) Comunicação de massa

O autor apresenta os objetivos e funções da CM, destacando o modelo de Lasswell (1948), que propôs três categorias: informação, persuasão, educação,

6. Disponível para consulta no Acervo do Pensamento Comunicacional Latino-Americano, José Marques de Melo, Cátedra UNESCO de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, à Universidade Metodista de São Paulo.

e Wright (1968), que acrescenta uma quarta finalidade ao processo: entretenimento. Nesse sentido, Marques de Melo pontua que ainda persiste a diferenciação entre mensagens informativas (educativas), persuasivas (propaganda) e diversionais (entretenimento), admitindo-se a possibilidade de intersecção entre elas. "Essa distinção quase sempre obedece a uma tentativa de classificação das mensagens nos meios massivos, mas o verdadeiro objetivo de cada mensagem depende da intenção de quem comunica ou da percepção de quem recebe a mensagem" (MARQUES DE MELO, 1992, p.10).

c) Efeitos da comunicação

Neste capítulo, são delineadas as principais teorias dos efeitos, dividindo-as em três fases fundamentais, propostas por Denis McQuail (1983). Até 1930, predomina a tese de que os *mídia* possuem um poder imenso para conformar a opinião, mudar hábitos e moldar comportamentos. De 1930 a 1960, os estudos realizados nos EUA admitem que os meios não atuam autonomamente na sociedade, mas operam dentro da estrutura e contexto sociocultural preexistentes. Nos anos 1970-1980 os estudos passam a analisar mudanças a longo prazo. As teses oscilam entre aquelas que concebem os meios como todo-poderosos ou como compartilhando com outras instituições sociais o poder de formar atitudes.

d) Comunicação Científica

Nesta seção, após traçar uma breve história da relação ciência e comunicação, o autor apresenta a tipologia desenvolvida por Antonio Pasquali (1978), que propõe três categorias de Comunicação Científica: 1) Difusão: informar, esparramar livremente. Envio de mensagens elaboradas em códigos ou linguagens universalmente compreensíveis, dirigidos à totalidade do universo receptor em uma unidade geográfica, sociopolítica e cultural. 2) Divulgação: vulgarizar, tornar acessível ao público. Envio de mensagens elaboradas mediante a transcodificação de linguagens especializadas para linguagens compreensíveis à totalidade do universo receptor disponível. 3) Disseminação: semear seletivamente no lugar mais apropriado. Envio de mensagens elaboradas em linguagens especializadas, dirigidas a receptores restritos.

e) Difusão de inovações

O autor destaca que a comunicação é decisiva para a mudança social, entendida como o processo de alteração na estrutura e função de um sistema social. O grande desafio do difusor de inovações é a superação das barreiras entre in-

terlocutores, o que se dá por meio de conhecimento prévio dos atributos dos receptores, identificação do campo de experiência comum para reduzir a incomunicabilidade e avaliação do impacto provocado pelas inovações.

Marques de Melo evidencia também as missões do divulgador científico, segundo Calvo Hermano e José Reis (1977): destacar o valor da ciência em geral, valorizar o ensino de princípios e atitudes científicas, dar atenção aos fatos científicos nacionais, enfocar os aspectos históricos da ciência e tecnologia, estabelecer relações entre ciência e sociedade e dar ao público uma ideia fiel do cientista como um dos fatores do progresso social, mas não o único. A relação entre cientistas e jornalistas é marcada, muitas vezes, pela tentativa de controle dos pesquisadores sobre a informação e por repórteres que temem a censura decorrente de interesses pessoais e de determinantes político-institucionais.

f) "Mutações no jornalismo científico no Brasil: estudo de caso da imprensa diária do Rio de Janeiro e de São Paulo", de José Marques de Melo

O autor parte da hipótese de que há uma fronteira tênue entre informação e opinião também no noticiário científico, área notadamente envolvida pelo caráter factual e objetivo. As indagações buscam apontar a natureza da notícia científica, protagonistas, fontes, gêneros jornalísticos e os limites entre informação e opinião.

O *corpus* da pesquisa é formado pelas edições dos jornais diários das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, durante uma semana em 1984. Destacamos que, passadas quase três décadas, o estudo permanece atual e pertinente, configurando-se como relevante contribuição para a compreensão da ciência enquanto objeto jornalístico. De acordo com o autor, na década de 80 houve crescimento no espaço dedicado à ciência e tecnologia, justificado pelo maior investimento de recursos públicos na área e abertura política, criando condições para que cientistas divulgassem suas pesquisas e participassem do debate sobre políticas para C&T.

Marques de Melo adota um conceito abrangente de Jornalismo Científico, ultrapassando as concepções de Calvo Hernando e José Reis, que tomam como critério a sua finalidade educativa. Apesar de não desmerecer a validade dessa missão, inclui na análise todas as unidades de informação cuja temática foi ciência e tecnologia, independentemente de seu objetivo. O autor emprega a tipologia da Comunicação Científica proposta por Pasquali (conforme exposto anteriormente).

Segundo Marques de Melo, a categoria da Comunicação Científica mais identificada com a natureza do jornalismo é a difusão, pois realiza a tarefa de informar em linguagem universal o que ocorre no mundo da ciência, tornando-a acessível ao público. No caso da disseminação, o entendimento fica restrito ao segmento do público que domina o jargão em que a mensagem foi elaborada. Já a divulgação,

que pressupõe tradução da linguagem e simplificação do conteúdo, só se efetiva quando os produtores possuem competência científica e comunicativa.

A categoria predominante nos jornais analisados é a difusão. A presença da divulgação e disseminação científicas mostra-se mais expressiva quanto mais sintonizada com a composição sócio-econômica-cultural dos jornais. Nesse sentido, os jornais populares demonstraram mais sensibilidade para acolher os textos de divulgação científica, enquanto os de elite têm maior propensão para matérias de disseminação de conhecimentos especializados.

A análise também aponta que a cobertura científica não ocupa espaço próprio e definido, encontra-se dispersa, atomizada, sem coordenação editorial. No que diz respeito à angulagem das matérias, houve hegemonia da narração convencional, entretanto notou-se, nos jornais cariocas, propensão para enfatizar ângulos pitorescos e sensacionais dos acontecimentos.

Apesar de predominarem os gêneros informativos sobre os opinativos, o mesmo não ocorre em relação ao enfoque ideológico. Segundo o autor (1992, p.82), nos periódicos do Rio de Janeiro os recursos de adjetivação, focalização de personagens, orientação explícita do sentido para leitura das notas, notícias, reportagens e entrevistas são mais comuns que em São Paulo. "A cobertura científica da imprensa paulista camufla com mais habilidade suas tendências editoriais nos textos informativos, o que não significa que são despidos de matizes ideológicas".

Marques de Melo afirma também que há correlação entre uso de fontes institucionais e propensão editorializante. Quando as matérias focalizam prioritariamente as instituições, elas se alimentam de declarações gestadas por assessorias de imprensa, cuja função é transferir valores da empresa. Por outro lado, quando os atores são individualizados e não institucionalizados, há menor comprometimento ao produtor da informação.

Numa outra perspectiva, o autor aponta que os protagonistas institucionais que mais se destacam são os centros de pesquisa, figurando em posição inexpressiva os órgãos governamentais de fomento à pesquisa, o que é revelador, considerando a pequena participação do segmento empresarial na produção de conhecimento. Esse tipo de matéria, cuja fonte é uma organização da iniciativa privada, afirma, contém menos a difusão do saber do que o registro de processo de transferência tecnológica.

A pesquisa também revelou alteração no comportamento temático da imprensa, com crescimento do espaço humanístico e redução das tecnologias, principalmente das ciências agrárias. Para quantificar esse aspecto, o autor tomou a classificação oficial do CNPq. Nessa perspectiva, os jornais populares revelaram maior interesse pelos temas ligados ao homem e à vida, já nos jornais de elite houve maior diversificação entre as áreas do conhecimento.

A investigação detectou também uma predominância de informações de origem nacional. Essa reversão da expectativa indica que as fontes produtoras de conhecimento científico em nosso País estão abrindo suas portas à imprensa. Todavia, aponta o autor, essa postura nacionalista assume um viés localista. A ênfase nos fatos regionais só é quebrada com informações de Brasília ou de outra grande metrópole brasileira, enquanto as demais regiões são silenciadas. Já o noticiário internacional privilegiou informações procedentes da Europa Ocidental ou América do Norte, em detrimento de países que integravam o então bloco socialista e terceiro mundo.

Conforme pondera Marques de Melo (1992, p.69), "Esperamos que os resultados obtidos possam servir como fonte de apoio para os novos jornalistas que divulgarão os fatos científicos e como estímulo para os jovens pesquisadores que vislumbrarão outras facetas do Jornalismo Científico praticado no Brasil". Sem dúvida, o estudo é uma proposta teórico-metodológica atual, que possibilita nortear reflexões, novas pesquisas e práticas no campo do jornalismo sobre Ciência e Tecnologia, em diferentes contextos e regiões deste país.

Considerações finais

As reflexões trazidas na obra "Teoria da Divulgação Científica" apontam que, no campo da comunicação social, mais do que reproduzir reflexões teóricas, é necessário a observação empírica da realidade e crítica da prática jornalística para se construir teorias validadas.

Ao buscar contextualizar a obra de José Marques de Melo, somos lançados numa extensa e multifacetada produção intelectual, de um homem que abriu caminhos na pesquisa da Comunicação no Brasil e, generosamente, semeou campos para que novos talentos se aglutinassem na solidificação da área. Ressaltamos, entretanto, que não pretendemos esgotar o assunto aqui, mas destacar a riqueza da obra e a atuação decisiva do professor Marques de Melo também na consolidação da pesquisa da comunicação em Ciência e Tecnologia.

Referências

CALDAS, Graça e MACEDO, Monica. A formação de jornalistas científicos no Brasil. **Revista Pesquisa Fapesp.** Edição 47, outubro de 1999.

GOBBI, M. Cristina (Org.). **Grandes nomes da comunicação:** José Marques de Melo. Recife: Unicap, 2001.

HOHLFELDT, Antonio (Org.). **José Marques de Melo:** construtor de utopias. São Paulo: INTERCOM, 2010.

MARQUES DE MELO, José. **Teoria da Divulgação Científica.** São Paulo: ECA- USP. 1992.

NAVA, Rosa M. Fundação da INTERCOM. In: GOBBI, Maria Cristina (Org.). **Grandes nomes da comunicação:** José Marques de Melo. Recife: Unicap, 2001, p. 185-202.

VIANNA, Ruth Penha Alves. Pra não dizer que não falei das flores: a modernidade do projeto pedagógico fundador do curso de jornalismo da ECA e seu impacto nacional. III ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO, **Anais do III Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho**, Novo Hamburgo, RS – 2005. Disponível em: www.redealcar.com.br. Acesso em 5 de outubro de 2013.

Incentivo aos novos pesquisadores e preocupação com o resgate histórico

Doris Fagundes Haussen[1]

12.1 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José; RAHDE, Maria Beatriz F. (Org.). **Memória das Ciências da Comunicação no Brasil** - o grupo gaúcho. Porto Alegre: Edipucrs, 1997, 286p.

A área da Comunicação no Brasil não teria a amplitude e a importância que tem sem a presença motivadora de José Marques de Melo. O livro citado acima é um bom exemplo desta afirmação. Organizado por ele e pela professora Maria Beatriz Rahde, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS, reúne 21 textos de autores que, na ocasião da produção do mesmo (1995/96), eram alunos do curso de Mestrado da Instituição e do curso de Especialização da Universidade de Passo Fundo. Mais do que organizar, Marques de Melo foi o motivador para a produção da obra, pois a mesma resultou do Seminário "História das Ciências da Comunicação", desenvolvido pelo professor nas duas Instituições.
O Seminário coincidia com um projeto que começava a ser construído pelo professor na Universidade Metodista de São

1. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS. Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Pesquisadora do CNPq.

Paulo com o apoio da recém criada Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional. Através do projeto, dava-se início à elaboração de perfis bio-bibliográficos dos principais cientistas brasileiros da Comunicação e fazia-se a coleta de depoimentos desses protagonistas tendo como resultado a publicação de vários livros e um acervo importante de gravações.

Marques de Melo sempre manteve um estreito laço de amizade com a Faculdade de Comunicação Social da PUCRS, principalmente, com o diretor da Famecos por muitos anos, o professor (falecido) Antônio Firmo de Oliveira Gonzales (o Antoninho), que era, também, presidente da Associação Riograndense de Imprensa (ARI). A criação do Mestrado, em 1994, muito deve ao apoio de Marques de Melo. Vários professores da Famecos que buscavam a sua titulação realizaram seus doutorados no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da USP, tiveram o seu incentivo, quando ele fazia parte dessa Instituição. Posteriormente, o professor veio a desenvolver seminários no recém-criado Mestrado da PUCRS e a participar das primeiras bancas que foram realizadas no PPG.

Um dos grandes méritos de Marques de Melo sempre foi o de incentivar o crescimento da área da Comunicação no país. Seja através de atuação direta, criando ou propondo a criação de instituições da área, como a própria INTERCOM, dando aulas ou escrevendo seus livros, seja de forma indireta, ao perceber e incentivar a potencialidade de certos grupos e pesquisadores, como foi no caso do Rio Grande do Sul.

A construção do livro

"Memórias das Ciências da Comunicação no Brasil - o grupo gaúcho" foi projetado a partir da observação de Marques de Melo sobre a realidade existente no sul. Ele sugeriu aos alunos a produção de perfis bio-bibliográficos dos pesquisadores representativos de três gerações, e, para isso, propôs a divisão da obra em três capítulos: "os desbravadores", "os sedimentadores" e "os continuadores", o que dava a dimensão exata do panorama de então. O livro reflete, ainda, outra preocupação do professor: a da preservação da memória da Comunicação no país.

No capítulo sobre "os desbravadores" foram incluídos os nomes de Alberto André, Iara Bendati, Ivo Schneider, Martha Azevedo, Sergio Dillenburg e Walter Galvani. Dos "sedimentadores" constam Adair Peruzzolo, Adelmo Genro Filho, Antonio Hohlfeldt, Doris Fagundes Haussen, Pedrinho Guareschi, Pedro Gilberto Gomes, Roberto Porto Simões e Sergio Capparelli. E, dos "continuadores", Daniel Herz, Francisco Rüdiger, Juremir Machado da Silva, Luiza Carravetta, Nilda Jacks, Roberto Ramos e Rosa Nívea.

Na Apresentação do livro, o então Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação da PUCRS, Urbano Zilles, salientava o resumo do próprio Marques de Melo sobre a proposta: "Essa revelação de identidades intelectuais constitui um indicador importante – evidentemente não o único a ser considerado – na análise da projeção intelectual dos membros de uma comunidade científica" (MARQUES DE MELO apud ZILLES, 1997, p. 9).

A Introdução do livro, produzida por Marques de Melo, divide-se em seis itens: Preâmbulo, Cenário brasileiro, O resgate da memória, Diagnóstico situacional, Histórias de vida, O grupo gaúcho e Próximos passos. Nela, o autor (1997, p. 14) remete aos primórdios dos estudos científicos na América Latina e no Brasil bem como à conformação da comunidade científica com a criação das sociedades de pesquisadores, destacando:

> Na medida em que se institucionaliza um novo campo do saber, torna-se imprescindível oferecer às novas gerações um quadro histórico que estimule a acumulação orgânica de experiências, evitando-se a repetição de etapas já percorridas, mas que escapam muitas vezes à percepção dos pesquisadores neófitos. Nesse sentido é que o resgate da memória adquire papel importante na consolidação eficaz de uma comunidade acadêmica.

Explicando a divisão da obra nos três segmentos propostos, Marques de Melo diz que o denominado de "desbravadores" corresponde a personalidades que "abriram picadas para as novas gerações, liderando a implantação ou fortalecimento de núcleos institucionais ou realizando incursões em áreas temáticas ainda não exploradas regionalmente" (1997, p. 18). O agrupamento "sedimentadores" é composto por egressos dos cursos de mestrado e doutorado em Comunicação ou áreas afins. "São pesquisadores em fase de amadurecimento científico, dedicados a sedimentar as bases lançadas pelos pioneiros e tratando de institucionalizar o novo campo de conhecimento nas universidades gaúchas". E, no contingente chamado de "continuadores", o autor inclui representantes da nova turma "que emerge no cenário gaúcho das Ciências da Comunicação, disputando posições de liderança com os seus mestres ou com os colegas de geração que os precederam no campo universitário" (1997, p.18).

Marques de Melo (1997, p.17) relata como foi a receptividade dos alunos à proposta da organização do livro:

> O entusiasmo dos jovens pesquisadores de Porto Alegre foi surpreendente diante da empreitada a que se devotaram como exercício escolar. Aqueles que desempenham funções docentes nas universidades gaúchas

> reivindicaram a publicação imediata dos trabalhos, mesmo sabendo-os peças iniciais de um mosaico que deve ser burilado e aprofundado proximamente. O argumento é o de que falta aos estudantes de graduação conhecimento sobre a trajetória intelectual dos cientistas brasileiros de comunicação, cujos textos lêem e discutem na universidade. Diante dessa justificativa, concordamos em organizar uma coletânea que reunisse alguns dos trabalhos mais bem estruturados.

Analisando-se hoje, à distância, percebe-se o acerto da visão de Marques de Melo. Os pesquisadores biografados, em geral, cumpriram a sua previsão, alguns já tendo concluído a sua missão e outros seguindo em frente com a sua tarefa junto à área da Comunicação brasileira. E, dentre os alunos que há quase vinte anos produziram os textos para o livro, muitos hoje são professores e pesquisadores destacados.

Comunicação e América Latina: o protagonismo das instituições pioneiras

Sônia R. Schena Bertol[1]

13.1 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José; GOBBI, Maria Cristina (Organizadores). **Gênese do pensamento comunicacional latino-americano:** o protagonismo das instituições pioneiras CIESPAL, ICINFORM, ININCO. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, Cátedra UNESCO de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 1999, 304p.

A relevância desta obra encontra-se não apenas no bem articulado painel histórico que nos oferece, mas também nas tintas que foram utilizadas para sua confecção, tão bem empregadas pelos autores para nos trazer, como bem disse a professora Margarida Kunsch em seu Prefácio, "nuances" da Escola Latino-Americana de Comunicação.

1. Professora e pesquisadora do curso de Jornalismo da Universidade de Passo Fundo – UPF. Doutora em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo – UMESP, doutorado-sanduíche na Universidade Johns Hopkins. Autora dos livros "Tarso de Castro, editor de O Pasquim" (UPF Editora, 2000) e "Comunicação da Saúde: a divulgação do câncer de mama Brasil/EUA" (Méritos Editora, 2012) e de artigos publicados em revistas científicas nacionais. E-mail sobertol@upf.br

Sob a característica coordenação de José Marques de Melo, aqui em parceria com Maria Cristina Gobbi, são permitidas visões peculiares de instituições fundamentais na criação, desenvolvimento e consolidação do campo da Comunicação Social brasileiro e latino-americano, as quais foram decisivas ao dar as primeiras pinceladas e os primeiros contornos, na década de 1950, do que hoje é um gigante com uma indústria de comunicação "responsável por um terço do Produto Interno Bruto" (MARQUES DE MELO, 1999, p. 27). Além disso,

> Para alimentar essa rede midiática gigantesca, o segmento profissional da pesquisa em comunicação mercadológica absorveu em 1996 investimentos da ordem de US$ 200 milhões, movimentados por quase uma centena de empresas do ramo, que empregam cerca de 10 mil pesquisadores. [...] O ensino de comunicação está disseminado em mais de 120 universidades brasileiras. Tais instituições ofereciam, em 1997, 309 cursos, sendo 282 ao nível de graduação e 27 ao nível de pós-graduação, sendo 22 programas de mestrado e cinco programas de doutorado (MARQUES DE MELO, 1999, p. 27).

A magnitude destes dados acima apontados nos faz reforçar ainda mais a ideia do quanto é preciso conhecer e respeitar sua gênese, a qual nos é contada nesta obra através da criação das instituições pioneiras: CIESPAL (Centro Internacional de Estudos Superiores de Comunicação para América Latina – Quito, Equador), ICINFORM (Instituto de Ciências da Informação, criado na Universidade Católica de Pernambuco, Recife, Brasil) e ININCO (Instituto de Investigaciones de la Comunicación – Caracas, Venezuela). Deve-se registrar, também, que a obra é resultado do CELACOM'99 – III Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, realizado na Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, Universidade Metodista de São Paulo, de 5 a 7 de maio de 1999.

Coordenadas e valorizadas de forma democrática, as nuances sobre a gênese do pensamento comunicacional latino-americano ora apontam para as contribuições que as propostas destas instituições nos legaram, ora apontam para as contribuições que brotaram de nossas raízes e de nossa cultura e definitivamente influenciaram e mesmo direcionaram as novas reflexões, num conflito enriquecedor de um movimento considerado por Cremilda Medina, particularmente em sua experiência no CIESPAL, como antropofágico:

> Uma pluralidade mestiça da tradição sociológica européia, da competência estrutural-funcionalista e de sua ênfase empírica, confluindo na experiência histórica e paradigmática das autorias latino-americanas que,

> na sua antropofagia cultural, digerem e devolvem ao Norte um conhecimento e um saber fazer com marcas inconfundíveis (1999, p.145).

Cremilda Medina vivenciou no CIESPAL a experiência, no início dos anos 70, de aluno da América Latina diante de um professor dos Estados Unidos, da Europa ou da então União Soviética. Criada pela Unesco em Quito, Equador, a instituição tinha em seu quadro de professores aqueles considerados como grandes nomes das ciências da comunicação, que atuavam como seus difusores e que ainda hoje repercutem em nossos estudos acadêmicos. Entre eles os norte-americanos Wayne Danielson, Wilbur Schramm, Raymond Nixon, Everett Rogers, John McNelly, Paul Deutschmann, os franceses Jacques Kayser, Jacques Godechot, Joffre Dumazedier e Jacques Leautê, o alemão Gerhard Maletzke, o espanhol Juan Beneyto, o belga Roger Clausse, o italiano Rovigati, o russo Kachaturov. Sua principal preocupação era fomentar o desenvolvimento profissional na região.

Eduardo Meditsch (MARQUES DE MELO; GOBBI, 1999) lembra que neste processo, no entanto, fomos "tão ingenuamente instrumentalizados". Para ele, tiveram primazia as razões de Estado das duas grandes potências, no cenário pós-Segunda Guerra Mundial, em que a disputa chamada de Guerra Fria buscava a hegemonia política, econômica e cultural sobre o planeta. Assim, "ideologizaram o nosso campo do conhecimento de tal maneira que até hoje não conseguimos nos livrar da confusão que isso provocou" (1999, p. 128). Para Eduardo Meditsch,

> Um *iceberg* com que se chocaria o ensino brasileiro de jornalismo em meados dos anos 60 começou a se formar numa conferência da Unesco realizada em Paris, em 1948. Naquele encontro, a entidade, na época amplamente dominada pela política dos Estados Unidos, resolveu dar atenção especial à formação dos jornalistas no terceiro mundo. A Unesco advertia ao mundo ocidental que o jornalismo poderia 'agravar, se mal inspirado, os desajustamentos entre grupos, classes e partidos" - como pregava o comunismo soviético – 'ou atenuá-los até o ponto de extingui-los, se baseado na boa compreensão dos fatos e na lúcida revelação dos mesmos', conforme a retórica da época reproduzida por Celso Kelly (1966, p. 62-3). Com essa preocupação principalmente política, a Unesco começa a criar centros de formação de professores de jornalismo nas várias regiões do terceiro mundo. Antes mesmo que a África e a Ásia, a América Latina foi contemplada com um Centro Internacional de Estudos Superiores de Jornalismo, instalado na Universidade Central de Quito, no Equador, em 1960 (1999, p.130).

Segundo Meditsch, o CIESPAL não apenas se propôs à criação de um novo tipo de profissional, como também propôs a extinção das profissões anteriormente existentes. Na visão de Cremilda Medina, a proposta dos cursos ciespalinos era a desqualificação técnica, introduzindo, no dizer de Meditsch, o divórcio entre as escolas e a realidade profissional, promovendo um perfil de comunicador que vive à margem da mídia. "A formação clássico-humanista que orientava os cursos de jornalismo até a década de 60 foi rejeitada pelo funcionalismo introduzido pelo Ciespal", aponta Meditsch (1999, p.133). Funcionalismo que vigorou até os anos 70, quando foi suplantado pelo marxismo.

Se o CIESPAL instalou-se na América Latina com o objetivo de forjar determinado perfil profissional, José Salvador Faro reflete sobre a "disfuncionalidade" dos recursos humanos que tínhamos para operar em nossa incipiente indústria cultural até sua chegada. Faro diz que características peculiares do processo econômico e político brasileiro, tais como a concentração de renda e um Estado permeado por práticas autoritárias e populistas, fizeram com que nossa indústria cultural, pelos anos 40, tivesse suas demandas supridas por "um profissional tecnicamente qualificado para operar o *meio,* vendo-o como um universo desprovido de considerações éticas ou de considerações humanistas" (1999, p.113). E por isso esses recursos humanos são disfuncionais em relação à nossa indústria cultural que começa a se desenvolver a partir dos anos 40, segundo Faro, pois não conseguem promover o caráter integrador que prevê essa indústria, em sua acepção frankfurtiana. Sobre este caráter "integrador", Faro cita Ortiz:

> difícil aplicar à sociedade brasileira deste período o conceito de indústria cultural introduzido por Adorno e Horkheimer. Evidentemente as empresas culturais existentes buscavam expandir suas bases materiais, mas os obstáculos que se interpunham ao desenvolvimento do capitalismo brasileiro colocavam limites concretos para o crescimento de uma indústria cultural de massa. Faltavam (sic) a elas um traço característico das indústrias da cultura, o caráter integrador. A análise frankfurtiana repousa numa filosofia da história que pressupõe que os indivíduos no capitalismo avançado se encontrem atomizados no mercado e, desta forma, podem ser "agrupados" em torno de determinadas instituições. Porque a indústria cultural integra as pessoas a partir do alto, ela é autoritária, impondo uma forma de dominação que as "sintoniza" a um centro ao qual elas estariam "ligadas". Porém, a padronização promovida por ela através dos produtos culturais só é possível porque repousa num conjunto de mudanças sociais que estendem as fronteiras da racionalidade capitalista para a sociedade como um todo (apud FARO, 1999, p.112).

Do novo perfil profissional proposto pelo Ciespal, portanto, resultante de currículos que introduziram no Brasil o profissional "polivalente", apto a atuar em todos os meios de comunicação ou, como lembra Cremilda Medina nos termos de hoje, "multidisciplinar", resultou também um desprezo pela prática profissional como objeto de estudo. No entanto, como se o tiro saísse pela culatra, os alunos que participaram da experiência ciespalina também fizeram parte do processo de aperfeiçoamento como sujeitos de pesquisa e, do "diálogo conflitivo" entre a sociologia norte-americana (estrutural-funcionalismo) e a sociologia crítica européia (com ênfase nos frankfurtianos), interpõe-se a antropofagia dos alunos latino-americanos. A autoria dos nossos pensadores se expande e fermentam as chamadas "culturas híbridas" (MARQUES DE MELO; GOBBI, 1999, p. 145). No embate entre colonizador e colonizado, há uma "energia criativa que latejou nos anos 70", segundo Cremilda Medina, a qual deixará suas marcas no que será produzido desde então.

No caso brasileiro, a instituição que desempenharia papel similar a do CIESPAL seria o Instituto de Ciências da informação – ICINFORM, na década de 1960, no Recife. Idealizado pelo professor Luiz Beltrão, o Instituto tem como um de seus colaboradores fundamentais José Marques de Melo, lembrado por seu apoio irrestrito desde as primeiras pesquisas do instituto, ao lado também de Tereza Halliday e Roberto Benjamin. Entre outros, os estudos de jornalismo comparado então iniciados, proliferariam nas escolas de comunicação. O próprio professor Marques nos faz lembrar, na Introdução da obra, da incipiência da pesquisa comunicacional brasileira nos anos 60: "Como resultado disso, são produzidos ensaios de grande valor histórico para a identificação de fronteiras profissionais e perfis biográficos de seus atores privilegiados" (1999, p.19) Em se tratando de perfis, gostaria aqui de modestamente citar o resgate histórico que realizei também por influência do professor Marques, publicado pela UPF Editora no ano de 2001, sob o título "Tarso de castro, editor de O Pasquim".

A ideia central do resgate histórico sobre o jornalista Tarso de Castro esteve intimamente ligada a um percurso que vinha sendo desenvolvido desde o ano de 1994, quando elaboramos o projeto de criação do curso de Comunicação Social da Universidade de Passo Fundo – UPF. Em 1996, quando se iniciaram as aulas da primeira turma dos cursos de Jornalismo, Radialismo e Publicidade e Propaganda, através da consultoria de José Marques de Melo, iniciou-se simultaneamente um curso de especialização, com um dos principais propósitos o de despertar o interesse dos alunos para a importância das ciências da comunicação e da pesquisa nesse campo. Participando de tais atividades, imediatamente nos damos conta de como era vasto este novo campo em nossa região e do quanto poderíamos interagir com a realidade do norte do Rio Grande do Sul, região de abrangência da UPF, o que levou definitivamente a tratar sobre a figura de Tarso de Castro.

"Falar em Icinform significa falar em Luiz Beltrão de Andrade Lima", afirma Maria das Graças Targino (1999, p. 168). Entre tantas contribuições trazidas por Luiz Beltrão ao jornalismo brasileiro, talvez a mais decisiva de todas seja a "necessidade de o profissional consolidar seu conhecimento teórico, distante da concepção de que o jornalismo é tão-somente prática ou da idéia controversa de que 'quem é bom nasce feito' " (1999, p. 168). Targino cita, ainda, Torquato (MELO; GOBBI, 1999, p. 167), para apresentar uma síntese da relevância de Luiz Beltrão nos estudos comunicacionais brasileiros:

- estímulo à produção de uma bibliografia nacional, fundamentada na nossa realidade;
- constituição de um acervo de conhecimentos teóricos, responsável pela sustentação das estruturas curriculares do ensino do jornalismo, e portanto, pelo fortalecimento dos cursos, os quais se expandem com rapidez, a partir dos anos 60;
- combate à dicotomia teoria X prática – não estão elas dissociadas, mas imbricadas, dentro da assertiva popular de que não existe nada mais pratico do que uma sólida teoria;
- formação de um contingente de pensadores, incorporando professores, repórteres, pesquisadores, entre os quais constam nomes atuais, como o alagoano José Marques de Melo, o próprio Gaudêncio Torquato e os pernambucanos Roberto Benjamin e Tereza Hallyday;
- introdução do jornal laboratório nos cursos universitários, inserido no contexto socioeconômico e político das regiões.

À exemplo de Luiz Beltrão no ICINFORM, o nome de Antonio Pasquali vincula-se diretamente ao ININCO (Instituto de Investigaciones de la Comunicación), criado no ano de 1974 e ligado à Universidad Central de Venezuela, o qual "faz coro a uma vertente da pesquisa de comunicação na América Latina denominada paradigma-denúncia ou paradigma-crítico", conforme Ferreira (MELO; GOBBI, 1999, p. 222). Os estudos empreendidos por esta instituição, inicialmente fortemente marcados pelas concepções frankfurtianas, evoluem questionando seus postulados e chegam na maturidade ao que Ferreira (MELO; GOBBI, 1999, p. 257) chamou de "a revanche da recepção".

Ferreira (MELO; GOBBI, 1999, p. 222) afirma que o ININCO "faz coro a uma vertente da pesquisa de comunicação na América Latina denominada paradigma-denúncia ou paradigma-crítico". E pontua frentes de trabalho que o paradigma-denúncia irá adquirindo, segundo José Marques de Melo:

- A denúncia da penetração dos tentáculos do imperialismo abalando a soberania dos povos latino-americanos;
- A denúncia do monopólio do poder político e econômico usufruído pelas oligarquias nacionais;
- A denúncia da gestão dos meios de comunicação tendo a partir das exigências democráticas e da responsabilidade cultural;
- A denúncia do processo de dominação social e a ausência de dialogicidade nos meios de comunicação em particular e na cultura em geral.

Com o declínio do paradigma crítico, novos estudos realizados no ININCO irão levar em conta a recepção, quando passar a ser considerados conceitos e noções elaboradas por pensadores como Walter Benjamin, Antonio Gramsci, Richard Hoggard, Pierre Bourdieu, Michel de Certau e Jesús Martín-Barbero, sendo este último o responsável pela corrente de estudos que irá aparecer com mais vigor, a recepção, o que Ferreira (MELO; GOBBI, 1999, p.236) considera como "uma ironia da história, pois durante muitos anos observamos que o receptor foi visto como um idiota".

Finalmente, cabe dizer que todas as pinceladas feitas aqui não conseguiram, possivelmente, demonstrar toda a grandeza encontrada nesta obra, mas, sem dúvida, tiveram a forte intenção de incentivar o leitor a desfrutá-la, considerando a importância das informações que traz, bem como o esforço empreendido em sua realização. Ainda, foi uma leitura particularmente aprazível por mais uma vez reencontrar José Marques de Melo e novamente reverenciar sua visão holística ao sistematizar objetos do campo da comunicação social, propiciando-nos o contato com temas que muitas vezes tornam-se esquecidos ou relegados a um segundo plano quando, ao contrário, são fundamentais na compreensão de nosso campo de estudos.

Referências

BERTOL, S. R. S. **Tarso de Castro, editor de O Pasquim.** Passo Fundo: UPD Editora, 2001.

MARQUES DE MELO, José, GOBBI, Maria Cristina (Organizadores). **Gênese do pensamento comunicacional latino-americano:** o protagonismo das instituições pioneiras CIESPAL, ICINFORM, ININCO. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, Cátedra UNESCO de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 1999, 304 p.

A Comunicação pela perspectiva do Centro-Oeste Brasileiro

Simone Antoniaci Tuzzo [1]

14.1 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José & DUARTE, Jorge (Orgs.). **Memórias das Ciências da Comunicação no Brasil:** os grupos do Centro-Oeste. Brasília: UniCEUB, 2001. 352p.

Esta obra é fruto de um projeto de pesquisa realizado pelo Curso de Comunicação Social do Centro Universitário de Brasília com o apoio da Cátedra UNESCO de Comunicação para o Desenvolvimento Regional da Universidade Metodista de São Paulo e apresenta os perfis biobibliográficos dos pesquisadores do Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

1. Simone Antoniaci Tuzzo é Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás – UFG, Brasil. Doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre e Graduada em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo – UMESP. Editora da Revista Comunicação e Informação (UFG). Autora do Livro: Deslumbramento Coletivo: Opinião Pública, Mídia e Universidade, (entre outros). Coordenadora do Projeto de Pesquisa Casadinho/Procad UFG – UFRJ – "Rupturas Metodológicas para uma leitura crítica da mídia". E-mail: simonetuzzo@hotmail.com

O livro editado em 2001 sugere dois olhares, o primeiro da importância da obra como um projeto histórico que apresenta o acúmulo de experiências dos vários pesquisadores que em algum momento tiveram suas trajetórias cruzadas com os caminhos do Centro-Oeste Brasileiro; por outro lado, a necessidade de se dar continuidade a este projeto, a fim de narrar à sociedade o avanço que esta região do País teve, as mudanças em seus programas de Comunicação Social, em especial a Pós-Graduação, as novas pesquisas que se fortalecem nesse espaço do Brasil.

A apresentação é feita pelo Professor Jorge Duarte, que explica que a obra nasce de uma conversa informal realizada com o professor José Marques de Melo na Universidade Metodista de São Paulo. A lista de pesquisadores presentes no livro foi feita por sugestões do professor Melo, a partir do inventário preliminar dos Grupos Comunicacionais do Brasil, criado pela equipe da Cátedra UNESCO/UMESP. Nas palavras de Duarte:

> Em contato com os participantes do projeto passou-se a discutir e complementar a relação original, sempre com o forçoso olhar subjetivo, mas levando-se em conta a produção acadêmica dos pesquisadores, a sua representatividade nas principais linhas de pesquisa e a consulta aos estudiosos que conhecem a realidade da região. Mesmo assim, os critérios de indicação e seleção foram absolutamente informais, tanto na seleção dos perfilados como dos pesquisadores que trabalhariam no projeto. [...] A tônica do projeto foi informalidade e voluntariado, conjugados com desprendimento pessoal, seriedade acadêmica e liberdade intelectual (MELO; DUARTE, 2011, p. 12 e 13).

No prefácio, escrito pelo Professor José Marques de Melo e no capítulo do livro intitulado "Pós-Graduação na UnB: o ventre da memória", escrito por Elen Geraldes, podemos conhecer um pouco da História dessa arrojada Instituição. Nas palavras de Melo:

> A universidade de Brasília instala a primeira Faculdade de Comunicação de Massa do Brasil, antecipando-se aos centros hegemônicos nacionais, onde existiam escolas isoladas de jornalismo, propaganda, relações públicas e cinema. Mais adiante, esse projeto seria dinamizado e aperfeiçoado, ao incorporar as inovações pedagógicas e científicas que Luiz Beltrão havia gestado precocemente na região Nordeste (MELO; DUARTE, 2001, p. 16).

Além de ter implantado a primeira faculdade de comunicação do País, a região Centro-Oeste também foi a primeira a possuir um Programa de Mestrado

e Doutorado na área. Os professores Luiz Beltrão, primeiro Doutor em Comunicação e José Salomão David Amorim, primeiro Mestre em Comunicação titulado no País, faziam parte da equipe de professores da Universidade de Brasília.

Essa força do Centro-Oeste repercutiu em todo País, e criou condições para o fortalecimento dos estudos da comunicação em Instituições de Ensino Superior que iriam reunir todas as profissões midiáticas.

A partir dos trabalhos realizados pelo Distrito Federal, os demais Estados do Centro-Oeste passaram a também dinamizar seus cursos de Graduação e Pós-Graduação em Comunicação. Alguns estão hoje já fortalecidos, outros, ainda em consolidação.

No sumário vemos a força que o Distrito Federal apresentava, fruto de uma trajetória histórica de criação do próprio Programa de Pós-Graduação que teve início com o curso de Mestrado em 1974 (de direito), mas que, de fato funcionava desde 1964.

Em 2001, quando o livro foi editado, ou seja, 12 anos atrás, a diferença entre o Programa de Pós-Graduação em Comunicação do Distrito Federal era muito mais marcada do que é hoje. O livro, como um reflexo dessa realidade, apresenta a biobibliografia de 21 pesquisadores do Distrito Federal, 2 de Goiás, 2 do Mato Grosso do Sul e um panorama com as pesquisas realizadas pelos professores integrantes do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Mato Grosso.

Quem homenageia também é homenageado!

Este é um livro de homenagens... Para os que escrevem, para os que são biobibliografados. Muitos autores são representantes das novas gerações de pesquisadores do Centro-Oeste e ajudam a contar a história dos pioneiros, suas ideias, perfil, produção bibliográfica, enfim, a contribuição de quem chegou em Brasília, um lugar formado por pessoas de outros lugares, outras regiões do País que vieram para o Distrito Federal para contribuir com essa região e com o desenvolvimento social e econômico do País.

Abaixo os autores e os biobibliografados que ajudaram a formar profissionais; apresentaram as suas ideias em sala de aula, eventos locais, nacionais e internacionais; modificaram a comunidade onde estavam inseridos e, sobretudo, ajudaram a construir a história da comunicação do Brasil.

Distrito Federal

- Ilana Trombka apresenta a infância e adolescência; a experiência acadêmica; a mudança para Brasília; o perfil de professor, a filiação científica e o gosto

pelo trabalho em parceria do jornalista Antônio Teixeira de Barros, no capitulo intitulado "Missionário da pesquisa e do conhecimento".

- Ana Lúcia Novelli, no capítulo intitulado "Beth Brandão: a comunicação em xeque" apresenta a trajetória acadêmica e intelectual de Alizabeth Pazito Brandão, a família, religião e comunicação na vida dessa pesquisadora; a extensão rural e a prática da comunicação social; o retorno ao pensamento acadêmico e a ciência; o científico e o prático; o mercado e a academia na construção de conhecimento criada por Beth Brandão.

- O professor Carlos Chagas é apresentado na obra por Floriano Filho no capítulo "Carlos Chagas e as dimensões da ética", que traz o perfil de jornalista e escritor; acadêmico e premiado especialista em coberturas políticas.

- "Denílson Lopz: entre alegria e melancolia" é o título do capítulo escrito por Manuel Rodriguez sobre esse jornalista mestre em literatura brasileira e doutor em sociologia pela universidade de Brasília.

- O fotógrafo e jornalista Duda Bentes escreve sobre o também fotógrafo, documentarista e professor alemão, naturalizado brasileiro Heinz Forthmann. O trabalho deste etnógrafo documentarista é narrado em fases históricas que vão de 1965 a 1978, ano de falecimento do homenageado. No capítulo "Heinz forthmann o discreto documentarista da cultura brasileira" é possível conhecer a determinação do trabalho como documentarista deste pesquisador que contribuiu para a implantação dos cursos de cinema do Instituto Central de Artes e da Faculdade de Comunicação na UnB.

- "José Luiz Warren Jardim Gomes Braga. Um caminhante refletindo sobre as interações sociais" é o capítulo da jornalista Graça França Monteiro que narra a vida e obra deste bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais nos caminhos entre o Brasil, a Europa e os Estados Unidos com uma passagem marcante pela UnB, onde lecionou nas Faculdades de Educação e de Comunicação. Hoje Braga é professor titular da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, no Rio Grande do Sul.

- Para Antônio Teixeira de Barros coube a missão de discorrer sobre vida e obra de Salomão Amorim, no capítulo que ele chamou de "Salomão Amorim, arquiteto do ensino e pesquisa em Comunicação no Brasil". Barros a partir de um texto escrito com base em material produzido pelo próprio perfilado, a partir de roteiro de entrevista estruturada e focalizada apresenta o primeiro mestre em Comunicação titulado no Brasil e um dos pioneiros na pesquisa e no ensino na área tendo contribuído para a implantação de diversos corsos de graduação em Comunicação em Brasília.

- Roberto Seabra, mestre em comunicação pela UnB é autor do capítulo "Luzes e reflexões do fotógrafo que ama a sala de aula". No texto é possível identificar as dezenas de anos dedicados à fotografia e ao magistério que Luiz

Humberto ocupa na história da comunicação brasileira. O biobibliografado é fundador da Universidade de Brasília e trocou a arquitetura, sua formação de origem, pela fotografia na década de 60. No texto a universidade e as leituras de Luiz Humberto são destaques na visão de Roberto Seabra.

- "Do universo onírico ao campo do real: as descobertas de um pesquisador de Comunicação" é o título que a pesquisadora Sayonara Legal adotou para narrar a vida e obra do jornalista, poeta e pesquisador Luíz Martins da Silva. No capítulo são narrados os vários campos de estudo e a contribuição de Martins para a intelectualidade brasileira.

- Para Jorge Duarte coube a rica missão de narrar vida e obra de uma das maiores referências brasileiras em comunicação, no capítulo "Luiz Beltrão, um autodidata abrindo picadas no campo da comunicação", Duarte narra o pioneirismo no processo de Comunicação que Beltrão, um autodidata que se tronou o primeiro Doutor em comunicação no Brasil, impôs na história da comunicação do país. Duarte destaca o trabalho no jornal "Diário de Pernambuco" a atuação como representante dos jornalistas, a missão de professor, as contribuições para a pesquisa, as principais realizações: a pesquisa em relações públicas, a literatura, o jornalismo, as teorias da comunicação e a Folkcomunicação na obra deste grande representante da comunicação de todos os tempos.

- "Luiz Fonseca: A saga de um humanista" traz a trajetória acadêmica deste pesquisador, pelo olhar de Cyro Mascarenhas que apresenta um dos pioneiros da pesquisa em comunicação rural no Brasil e o seu gosto pelas atividades acadêmicas.

- Maria Cristina Gobbi é autora de "Mídia e realidade social. Uma história de vida", que apresenta a formação e trajetória acadêmica, as produções científicas, participação nos processos de criação de grandes associações e órgãos de representação da Comunicação na América Latina, Professor Luiz Gonzaga Motta, o Mineiro de Santa Bárbara responsável por importantes obras para o campo da comunicação no Brasil.

- "Marco Antonio Rodrigues Dias: Europa, França e Brasília" é apresentado no livro por Luciano Milhomem, no capítulo que traz a trajetória desse jornalista carioca de ideias excêntricas (palavras do autor) e carreira internacional, com importante contribuição para a carreira de jornalista e de professor especialista em educação superior.

- Em um texto que delinea a formação intelectual e acadêmica da homenageada, Rogério Diniz Junqueira apresenta "Thereza Negrão: quem tem medo da Interdisciplinaridade?" Em um texto que expressa a formação de Maria Therezinha Ferras Negrão de Mello, Paulista, radicada em Brasília na década de 70.

- "Milton Cabral Viana: a voz, a fala, o diálogo", um Nordestino de Natal, é homenageado por Luiz Cláudio Pinho que apresenta a sua obra pautada nos estu-

dos da comunicação em Semiologia, mas, sobretudo, em uma das suas maiores características que são as rupturas e a abertura de novas fases de vida e de atividades.

- A jornalista Iluska Coutinho é autora do texto "Murilo César Ramos, repórter e personagem ativo das comunicações no Brasil" que apresenta o jornalista e profissional das comunicações, catarinense, estudioso e ativista das políticas de comunicação, precursor da discussão sobre sistemas públicos da comunicação.

- "Newton de Oliveira Quirino: ensinar como prática cotidiana" foi o título adotado por Márcia Flausino para discorrer sobre o jornalista e professor, discípulo de Luiz Beltrão, que dedicou grande parte de sua vida ao estudo e ensino da comunicação. No texto, o filho da cidade de Santos – São Paulo deixa claro sua predileção pelas Teorias da Comunicação em uma entrevista à autora.

- Verenilde Pereira é autora do texto "Pompeu de Souza e a luta pela liberdade de expressão", que traz a vida e obra desse cearense que ajudou a fundar a UnB e a Faculdade de Comunicação de Massas, além de trabalhar para uma série de mudanças no jornalismo brasileiro, entre elas a inovação na forma de apresentar as matérias e as regras de redação.

- "Samir Suaiden: das ligações perigosas às informações encantadas" é o capítulo assinado pelo jornalista Alfredo Obleziner. O título é uma referência às duas grandes obras do homenageado – "Ligações perigosas na Publicidade e Propaganda" e "A informação encantada" e apresenta a vida e obra desse filho de imigrante Libanês.

- A publicitária Josi Paz é responsável pelo texto "Vagões intermináveis: uma viagem pela vida e obra de Sérgio Porto", e pelo título já demonstra o aspecto incansável de produtor acadêmico de Sérgio Porto e seus anos de dedicação à pesquisa e ao ensino da comunicação desse mineiro que a autora define como um "hermeneuta e analista do discurso do indivíduo e da cultura... um líder natural".

- Ao Paulista João Carlos Picolin coube a tarefa de apresentar "O pensamento comunicacional Latino-Americano em Venício Artur de Lima", um pesquisador Mineiro de Sabará, dedicado aos processos comunicacionais brasileiros e latino-americanos, com formação cristã, influenciado pelo nacionalismo, socialismo e pelos estudos culturais.

Goiás

- Maria Luiza Martins de Mendonça, da Universidade Federal de Goiás assina o texto "Francisco Eduardo Ponte Pierre: a consolidação do ensino de Comunicação em Goiás", apresentando a vida e obra desse cearense de Sobral que chegou a Goiás na década de 70 após ter estudado em renomadas

Universidades em Países Europeus. Professor Pierre fez parte do grupo inicial responsável pela organização do curso de jornalismo e do departamento de Comunicação Social da UFG.

- A história da mineira de Canápolis é escrita por Júlio Afonso Sá de Pinho Neto em "Televisão, sexo e poder: o percurso acadêmico de Jane Sarques", que chega em Goiânia para estudar Jornalismo na UFG, Faculdade onde também se tornou professora, com estudos voltados para a audiência infantil perante as estratégias da sociedade de consumo e também para a análise da moral sexual e as estratégias repressoras nas telenovelas.

Mato grosso

O Estado do Mato Grosso é apresentado por Sônia Zaramella, que diferentemente da estética dos demais textos apresentados no livro, ela não fala somente de um pesquisador, mas sim, do grupo de professores do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Mato Grosso – UFMT. Na época, 18 novos pesquisadores, recém concursados. O texto traz as pesquisas realizadas pelos docentes para conclusão do Mestrado realizado a partir de um programa Interinstitucional com a Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

Mato grosso do sul

- "De jornalista a educador, a trajetória de Mauro César Silveira" é escrita por Greicy Mara França Queiroz da Costa, e apresenta a trajetória deste filho de Porto Alegre – Rio Grande do Sul, graduado em Jornalismo e que veio para a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul com relevante experiência profissional que muito contribuiu para o fortalecimento da formação de Jornalistas da UFMS.

- Fechando o livro, a jornalista Elen Geraldes discorre sobre a paulistana Ruth Penha, no capítulo intitulado "Dizer a vida, viver a palavra, compartilhar imagens", que traz a experiência dessa professora do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul que estudou nas Universidades de São Paulo e Europa e levou para o coração do Brasil o gosto pela pesquisa.

Para finalizar

Meu papel tem sido o de animador intelectual...
(José Marques de Melo)

Como tudo que faz, a ideia de registro da Comunicação que o Professor José Marques de Melo tem é algo impressionante e essa obra é somente mais um dos exemplos do Grande Maestro que se configura este intelectual da Comunicação.

Quem, como eu, teve e tem o privilégio de conviver com o Professor José Marques de Melo já ouviu diversas vezes a pergunta: "- Você tá produzindo? Tá produzindo?"... Assim mesmo, duas vezes, essa frase é repetida exaustivamente, para todos os seus alunos, para que todos se lembrem que é preciso fazer. O pensar crítico, reflexivo, questionador, é importante, mas a prática é fundamental. Nas palavras do próprio Melo: "O imperfeito concretizado é melhor que o impecável arquivado. Este gera frustração, imobilidade. Aquele semeia expectativas induzindo ao avanço, melhoria, transformação" (MELO; DUARTE, 2011, p. 21).

Corroborando com as palavras de José Marques de Melo, Anton Ego afirma que "De certa forma, o trabalho de um crítico é fácil. Nos arriscamos pouco e temos o prazer em avaliar com superioridade os que nos submetem seu trabalho e reputação [...] mas a mais dura realidade é que no quadro geral, o que há de simples, talvez seja mais significativo do que a nossa crítica [...] o mundo costuma ser hostil aos novos talentos, às novas criações. O novo precisa ser incentivado" (EGO, Filme Ratatouille).

Para mim, mais um privilégio estar revisitando o trabalho do Professor José Marques de Melo e Jorge Duarte e ver que desde sempre, e ainda agora o Professor Melo continua a incentivar novas descobertas que, no caso do Centro-Oeste são urgentes e necessárias.

Referências

MARQUES DE MELO, José & DUARTE, Jorge (Orgs.). **Memórias das Ciências da Comunicação no Brasil:** os grupos do Centro-Oeste.Brasília: UniCEUB, 2001. 352 p.

EGO, Anton. **Cena final da crítica Gastronômica**. In: BIRD, Brad (Diretor). Ratatouille [Filme]. Estados Unidos, 2007. 111 minutos. Color. Son.

Educomunicação: abordagem dos estudos de Mário Kaplún

Milena de Jesus Cardinal[1]

15.1 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José et al. (Org.). **Educomídia alavanca da cidadania**: o legado utópico de Mario Kaplún. São Bernardo do Campo: Cátedra UNESCO: Universidade Metodista de São Paulo, 2006. 247p.

O livro "Educomídia alavanca da cidadania" foi produzido em decorrência das discussões apresentadas no IX CELACOM – Colóquio Internacional sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação, realizado em 2005. Na edição supracitada, o objetivo é o de discutir as contribuições de Mario Kaplún para os campos da comunicação e educação. O livro é fruto dos debates, mesas e comunicações apresentadas. O presente trabalho tem o fim de apresentar e contextualizar a obra produzida em 2006, além de abordar a contribuição do fomentador da mesma para a área.

O IX CELACOM, que aconteceu na Universidade Metodista de São Paulo, em maio de 2005, tinha como objetivo

1. Formada em Comunicação Social – Jornalismo, pelo Centro Universitário da Grande Dourados – UNIGRAN. Mestre pela Universidade Metodista de São Paulo – UMESP – no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, na área de Processos de Comunicação Institucional e Mercadológica. E-mail: cardinal.milena@gmail.com

fomentar as discussões sobre comunicação e educação, principalmente no que se referia aos estudos desenvolvidos por Mario Kaplún. A obra, organizada em quatro partes, reúne textos de pesquisadores brasileiros e estrangeiros.

Podemos destacar as principais contribuições da mesma:

a) Aprofunda os conhecimentos acerca dos estudos da relação de comunicação e educação, principalmente no que se refere ao trabalho de Mario Kaplún. Neste contexto, nota-se uma preocupação dos autores em trazer os fundamentos antropológicos, políticos e educacionais a que o pesquisador precursor dos estudos fundamentava-se. Este trabalho é fruto das percepções de diversos autores, provenientes de vários países latino-americanos, como Chile, Colômbia, Uruguai, entre outros, que apresentaram as ideias de Mario Kaplún, resgatadas nas releituras de suas teses.

b) Aborda, através das perspectivas de agentes de comunicação e educação, experiências concretas na produção dos artefatos simbólicos da área. Assim, traz detalhes dos trabalhos de educomídia desenvolvidos e implantados no Brasil, desde a perspectiva dos sucessos, potencializando essas demandas, e discutindo os fracassos, com o fim de revisá-los e compreendê-los.

Para a realização deste estudo, destaca-se a atuação do professor José Marques de Melo, que a frente da Cátedra UNESCO de Comunicação estimula os estudos sobre a comunicação na América Latina. Para isto, o pesquisador organiza e estimula produções que enfatizam o papel da comunicação no desenvolvimento dos países que a compõem.

Sob o seu comando desde a criação, de acordo com o professor Marques de Melo, a Cátedra surgiu como eixo norteador de comunicação para o desenvolvimento regional. Com objetivo de sistematizar essa perspectiva, a Cátedra realiza diversas atividades sistematicamente. O CELACOM é uma delas. Organizado anualmente, desde 1997, o evento conta a história da comunicação, através de múltiplas perspectivas, o que permite aos participantes dialogar com diversos autores.

Marques de Melo aponta que as edições trazem criadores de conhecimento comunicacional que sejam relevantes. De lá para cá, as discussões apresentadas nestes eventos são disponibilizadas nos anais e os melhores trabalhos são escolhidos para compor um livro sobre a temática, sob a organização de José Marques de Melo.

O livro "Educomídia alavanca da cidadania", não foi diferente. Já na Introdução, produzida pelo titular da Cátedra UNESCO/Metodista de Comunicação,

nota-se, claramente, sua preocupação e conhecimento da temática, principalmente no que se refere a expor ideias que permaneceram guardadas e inexploradas no período da Guerra Fria.

Em 2005, o foco central do CELACOM era a educomídia, mas considerando uma variável importante: a cidadania. Foi assim que José Marques de Melo elegeu Mario Kaplún como o pensador singular deste processo comunicacional. Ele apontou que a intenção era a de "projetá-lo como ícone representativo daquela "mestiçagem cultural" daquele "hibridismo metodológico" que caracterizam a segunda geração do pensamento comunicacional latino-americano" (MARQUES DE MELO, 2006, p. 30).

Ainda na introdução do material, o professor Marques de Melo expõe seus conhecimentos e a importância da temática sob o prisma dos estudos de Mario Kaplún, explicando que o autor traduz o significado da expressão pragmatismo utópico, já que acumula os tempos de experiência como profissional, enquanto jovem, com as sínteses criativas elaboradas a partir das ideias de Paulo Freire, Antonio Pasquali e Ramiro Beltrán.

Antes de partirmos para a descrição da obra, seus capítulos e autores, é importante ancorarmos e biografarmos o homenageado da mesma.

As contribuições de Mario Kaplún

O autor nasceu em 1923, em Buenos Aires, Argentina. Cursou magistério, mas não exerceu tal profissão, pois exercia a educação através dos meios de comunicação, segundo ele. Ao longo de sua carreira, mais de 55 anos exercendo a profissão, Mario Kaplún foi um teórico que preconizava a práxis, para dar amplitude ao conhecimento.

Atuante nos mais variados veículos, o autor tinha objetivo de contribuir com o processo educativo, através dos meios de comunicação. Assim, ele teve como base dos seus estudos a educação, mas ancorada na ferramenta básica para a cidadania e inserção social – a comunicação.

Kaplún nasceu na Argentina, mas sua maior produção intelectual se deu no Uruguai, onde residiu e criou as bases de uma metodologia de educomídia. Em sua prática comunicativa, sua busca era a de oportunizar para as populações menos favorecidas o acesso à educação, através da comunicação. Para isso, ele escolheu o rádio, já que fazia parte do cotidiano das pessoas. Assim, o autor propunha que o veículo atuava na formação cidadã do indivíduo, desenvolvendo todas as potencialidades para a formação da cidadania.

"Também voltando as suas origens de professor/educador, construiu uma educação comunicativa capaz de entender a completa relação entre a aprendizagem e

a comunicação. Ou seja, uma práxis educomunicativa, ou como chamamos aqui, educomunicação", relatou Maria Cristina Gobbi (2006, p. 24).

Dentre suas ideias, Mario Kaplún acreditava que não havia programas educativos e culturais sem a presença do entretenimento e que programas de entretenimento possuem uma relação bastante estreita com a educação e a cultura. O pesquisador entendia os programas de educação radiofônica como capazes de auxiliar o desenvolvimento integral das pessoas, refletindo em mudanças de atitudes e transformação da sociedade.

Para José Marques de Melo, sua principal criação foi o método "casette-fórum", que permitiu o diálogo entre as pessoas e grupos, mesmo a distância, em meados da década de 1970. Para isso, ele utilizou uma tecnologia rudimentar e implantou a comunicação de retorno. Essa possibilidade tornou-se difundida rapidamente e utilizada por educadores e educandos. Porém essa prática só foi legitimada em 1984, por uma instituição canadense.

Resumindo sua trajetória, o titular da Cátedra UNESCO/Metodista de Comunicação aponta que:

> Seu domínio eficaz do fazer comunicacional, adquirido no interior da indústria midiática, somado às incursões investigativas, feitas de modo ousado e criativo no campo da educação informal, embasou a produção de três livros essenciais para os aprendizes e exegetas da "educomídia" (MARQUES DE MELO, 2005, p. 31).

Os três livros a que o pesquisador se refere são: "*El comunicador popular"* (1985), "*A la educación por la comunicación"* (1992) e "*Una pedagogia de la comunicación"* (1998). O IX CELACOM inspira-se nestas obras, o que resulta no livro "Educomídia alavanca da cidadania: o legado utópico de Mario Kaplún", que é destrinchado no próximo tópico.

Por dentro da obra

"Educomídia alavanca da cidadania" foi prefaciado pela pesquisadora Maria Aparecida Ferrari, que apresenta a obra e o seu homenageado, bem como as contribuições do IX CELACOM para a temática, evidenciando a ancoragem da mesma com o desenvolvimento da comunicação na América Latina.

Já no prólogo, escrito por Elydio dos Santos Neto, há a contextualização da área da comunicação e educação, destacando o objetivo da construção de uma comunicação dialógica e uma educação libertadora, além dos agradecimentos

aos organizadores do evento. Além disso, o autor destaca as provocações geradas pelo mesmo. Dentre elas estão: a importância do aprofundamento dos estudos de Mario Kaplún, a relevância de um estudo crítico-comparativo dos trabalhos do homenageado com os de Paulo Freire, a necessidade da formação de professores preocupados com os processos comunicacionais e a preocupação de pensar a formação dos educadores e comunicadores sob a perspectiva de ver o ser humano como homem complexo, com base na perspectiva de Morin.

Maria Cristina Gobbi faz a apresentação da obra, contextualizando os Colóquios Anuais da Escola Latino-Americana de Comunicação, a trajetória de Mário Kaplún e o detalhamento do livro. A introdução é marcada pelo discurso primoroso do professor José Marques de Melo, que fundamenta a escolha da temática e do homenageado, abrindo passagem para as contribuições dos pesquisadores.

Dividido em quatro partes, o livro apresenta "O legado utópico e a práxis comunicacional de Mario Kaplún", "Leitura Crítica da Mídia: suporte educativo para formatar a participação cidadã nos destinos da sociedade", "Os Movimentos de Educação Popular e Teleducação: do rádio à internet" e "Práxis Educativa: o diálogo criativo entre a produção e a recepção".

Na primeira parte há um traço do panorama de vida e das práticas de educomunicação do pesquisador, marcadas pelos artigos de Gabriel Kaplún, Jesús María Arguirre, Esmeralda Villegas Uribe e Simone Bortoliero, respectivamente.

- Em "Kaplún, intelectual orgânico: memória afetiva", Gabriel Kaplún, filho de Mario, recupera sua trajetória e pensamento, com destaque para as experiências práticas fomentadas pelo pesquisador.

- "Kaplún, pesquisador: ultrapassando a pesquisa-denúncia" relata as observações de Jesús María Arguirre sobre a produção de Kaplún em seu período de exílio na Venezuela. Dentre as principais abordagens estão o seu compromisso com a população menos favorecida, os métodos e estratégias dialógicas e a trajetória da comunicação para a educomunicação cidadã.

- Esmeralda Villegas Uribe escreveu "Kaplún, radioapaixonado: fortalecendo o pragmatismo utópico". A autora relata as experiências de Mario com o rádio, apontando o ensino por meio da ação, o dinamismo natural, o diálogo, dentre outras características marcantes na atuação do educador/comunicador.

- "Kaplún, educomunicador: biografia de um visionário", texto produzido por Simone Boroliero que reforça as produções de Mario Kaplún, principalmente no que se refere às ideias do pesquisador de consciência cidadã.

Na segunda parte do livro, "Leitura Crítica da Mídia: suporte educativo para formatar a participação cidadã nos destinos da sociedade" trazem as contribuições do pesquisador para o Brasil e o Chile, especificamente em trabalhos práticos executados nestes dois países.

- Maria Helena Hermosilla escreveu "Utopias chilenas: o legado histórico do Ceneca", que trata da experiência do *Centro de Indagación y Expresión Cultural y Artística* – Ceneca, existente no Chile. Em seu trabalho, a autora cita as experiências do Centro, como os trabalhos desenvolvidos em grupo, a exploração das recepções e a linha educativa, por exemplo.

- "A mídia como educadora coletiva: cidadania ou apatia?", de Raquel Paiva Araújo Soares, relata a trajetória da educação, com um olhar crítico sobre a função da comunicação, no que se refere, mais especificamente, à formação cidadã proposta por Kaplún.

- Em "Utopias brasileiras: o legado institucional da UCBC", Joana T. Puntel traz a experiência vivida na União Cristã Brasileira de Comunicação Social – UCBD, com a educomunicação, trazendo a trajetória do grupo e metodologias empregadas para o desenvolvimento da cidadania.

- Rossana V. Gaia escreveu "A escola como espaço de reflexão midiática forjando cidadãos críticos". Ela disserta sobre a importância dos educadores conhecerem os discursos emitidos pela mídia, pois garantem práticas pedagógicas que envolvem a construção de significados. A autora traz vivências que utilizam essa prática para reforçar sua ideia.

Em "Os movimentos de educação popular e a teleducação: do rádio à internet", terceira parte do livro, estão as contribuições de Mario Kaplún, passando das suas perspectivas, até chegar a educação mediada pela internet.

- Francisco Gutiérrez com "Internet, comunicação e sociedade: problemas, desafios e perspectivas" contribui com a temática falando sobre as potencialidades das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação. O autor traz as perspectivas da bio-geofísica, da aprendizagem e comunicação, do espaço virtual para aprendizagem, dos desafios e perspectivas e das lacunas pedagógicas deste espaço.

- "Movimentos de educação popular nos tempos do rádio", de Luiz Eduardo Wanderley traz o contexto da revolução informacional, além de reflexões

sobre o ciberespaço e da internet e um "olhar" sobre a educação popular das últimas décadas, com um comentário sobre os temas.

- Em "A teleducação nos tempos da internet", Maria Luiza Pereira Agelim traz o conceito e aprofundamento da educação popular, sobretudo no contexto de educação popular libertadora, apoiada na pedagogia da autonomia, que independe da mediação.

Já na última parte do livro, "Práxis Educativa: o diálogo criativo entre a produção e a recepção" está presente a faceta do comunicador-educador, que traz diversas ações de educomunicação realizadas no Brasil, com base nos ensinamentos de Mario Kaplún.

- Em "Educom.radio, na trilha de Mario Kaplún", Ismar de Oliveira Soares relata as experiências do Projeto "Educom.rádio", desenvolvido pelo Núcleo de Comunicação e Educação da USP em mais de 400 escolas da rede municipal de educação de São Paulo.

- Helena Corazza escreve "Formar lideranças, capacitando para a educomunicação e a cidadania", falando sobre o Serviço à Pastoral da Comunicação – Sepac -, que reflete sobre os processos comunicacionais e forma agentes sociais e pastorais na área de comunicação e cultura.

- "Protagonismo no passado e desafios no futuro para o LCC/UCBC", de Desireé Cipriano Rabelo, fala sobre o Programa de Leitura Crítica de Comunicação (LCC), desenvolvido pela União Cristã Brasileira de Comunicação (UCBC). O relato é ancorado nas ações e experiências em educomunicação, que duram mais de 30 anos no grupo.

- Edgard Patrício fala sobre "A dimensão da comunicação educativa no contexto do Semiárido: a experiência do catavento comunicação e educação". Neste espaço, o autor cita o surgimento da "Declaração do Semiárido" e o programa de ações que conduzam a uma convivência harmônica e de desenvolvimento dessa região brasileira. Como ferramenta para esse objetivo, foi criado um plano de comunicação e mobilização social para esse contexto, que é contextualizado no artigo.

- "Cidadania e os meios de comunicação: resultados de pesquisa de recepção do projeto mídia, espaço público e democracia", produzido por Verónica Aravena Cortes, fecha as contribuições empíricas de educomunicação, traz

um estudo realizado, através da técnica de *Focus Groups* para observar o que as pessoas pensam sobre política, atores políticos, cidadania, participação da mídia na política e demandas políticas. O estudo traz os resultados parciais dessas discussões.

Comentário final

O livro apresenta, de maneira bem organizada, as contribuições de Mario Kaplún para a educomídia e trabalhos empíricos já realizados sobre a temática. A área ganha destaque e deve ser valorizada, cada vez mais, em uma sociedade que enxerga a comunicação como um pé da educação do ser humano, o que torna válidas e primorosas todas as discussões sobre a temática.

O livro não esgota, nem tem essa pretensão, a temática. Apenas é o retrato das mesas, debates e contribuições do IX Colóquio da Escola Latino-Americana de Comunicação. É leitura importante e recomendável a todos os interessados na educomídia, já que retrata práticas e teorias precursoras da mesma.

Referência teórica na prática diária da generosidade

Felipe Pena[1]

16.1 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José. **Teoria do jornalismo:** identidades brasileiras. São Paulo: Paulus, 2006. 278p.

Setembro de 2013. Recebo a notícia de que sou finalista do Prêmio Jabuti na categoria Comunicação. Vejo a lista com os nomes dos outros indicados. O primeiro deles é José Marques de Melo. Não tenho dúvidas: é preciso aclamar o professor José Marques e convencer os demais finalistas a fazer o mesmo. Ligo para outro professor da lista a fim de iniciar a tarefa. Ele é simples e objetivo: "Isso não é necessário, Felipe. Todos estão convencidos. A aclamação já está feita por si mesma. JMM é uma unanimidade".

1. Jornalista, psicólogo e professor associado da Universidade Federal Fluminense. Doutor em Literatura pela PUC, com pós-doutorado em Semiologia da Imagem pela Universidade de Paris/Sorbonne III, também foi repórter da TV Manchete, comentarista político na TVE-Brasil, apresentador na UTV e sub-reitor na Unesa. Autor de 14 livros, entre eles três romances e uma biografia que foi finalista do prêmio Jabuti, também enveredou por obras acadêmicas, como "Teoria da Biografia sem fim", "Jornalismo Literário", e "Teoria do Jornalismo", que já foi traduzido para o espanhol e publicado em 14 países. Site: www.felipepena.com

Frase perfeita, que contraria a lógica de Nelson Rodrigues, a unanimidade em torno do professor José Marques não é comprovada apenas pela capacidade intelectual, mas também pela capacidade de aglutinação e pela generosidade. Durante toda a sua carreira, JMM estendeu a mão para os companheiros de profissão e docência. Sou testemunha dessa generosidade, com a qual já fui contemplado algumas vezes e, portanto, só poderia corroborá-la. Por isso, para falar sobre um livro tão importante como o "Teoria do Jornalismo", minha melhor definição só poderia passar por essas duas palavras: competência e generosidade.

Competência porque o livro do professor José Marques de Melo, decano do ensino de jornalismo no Brasil, reúne as principais reflexões do autor nos últimos trinta anos. E generosidade porque ele cita diversos pesquisadores nacionais, emprestando seu prestígio para a consolidação dessa área de pesquisa no país. Nas 278 páginas de "Teoria do Jornalismo: identidades brasileiras", o leitor encontra ideias publicadas na década de 1970, passando pela tese de livre docência defendida por Marques de Melo na ECA-USP em 1983 e desembocando em pesquisas recentes sobre o campo jornalístico.

As sistematizações propostas pelo professor contemplam todas as correntes de pensamento da área, enfatizando, como sugere o subtítulo, os autores brasileiros. Difícil encontrar um pensador nacional que não esteja citado na obra, cujo posfácio relaciona oito classificações distintas e articula as vertentes prática e acadêmica para indexar uma ampla bibliografia sobre o tema. Dessa forma, o livro oferece um imprescindível mapa dos estudos jornalísticos no país, divididos nas categorias exercício teórico, pragmatismo crítico, conhecimento empírico, conhecimento aplicado, estudos de caso, estudos comparados, reflexões coletivas e periódicos especializados.

Os quinze capítulos de "Teoria do Jornalismo" são um espelho dessa diversidade. Assim como é possível encontrar reflexões sobre a questão dos gêneros, também estão presentes estudos mais pontuais, como jornalismo feminino, educativo, comunitário e científico, só para citar alguns exemplos. José Marques não deixa, contudo, de enveredar pela questão ideológica, um de seus eixos mais aprofundados, propondo alternativas pluralistas e democráticas para o exercício profissional. Da mesma forma, destila com maestria sua visão sobre a natureza do jornalismo, refletindo sobre temas complexos, como a objetividade e a ética.

O livro é indicado não só para estudantes e pesquisadores, mas para todos aqueles que se interessam em compreender os fluxos e contrafluxos do bem mais valioso da sociedade pós-industrial, a informação, e, principalmente, seus mediadores, os jornalistas. Como expresso na quarta capa, Marques de Melo também pretende aproximar os futuros profissionais da realidade nacional, nutrindo a profissão de valores, utopias e conceitos que a renovem e a fortaleçam.

Nesse sentido, o autor parece de acordo com aqueles (entre os quais me incluo), que defendem que as várias tentativas de sistematizar a Teoria do Jornalismo já permitem a plena configuração da área como um campo específico do conhecimento humano. A disciplina deve ser incorporada aos currículos das escolas de jornalismo como um conjunto de metodologias e conceitos estudados a partir da investigação científica. Os diversos modelos de interpretação podem ser estruturados no âmbito de uma teoria unificadora, mesmo que sua fundamentação seja complexa e heterogênea.

Como já deixei registrado em artigos e em um livro homônimo, acredito que o teórico deve assumir a vocação para vidraça e atravessar a avenida, com a cara no vidro, esperando pelas pedras e pelas flores. Mais pedras do que flores. As pétalas da crítica só aparecem para o cânone estabelecido. A academia é um inverno perene. A pesquisa científica tem mil faces, é construída e reconstruída em teias de complexidade e suor.

A reflexão crítica sobre o jornalismo não é só pertinente, é imprescindível. Precisamos entender nossos problemas, buscar caminhos, encontrar soluções. Precisamos saber os motivos da crescente desconfiança do público. Precisamos enxergar nossos preconceitos e estereótipos. Precisamos reconhecer nossas próprias limitações como profissionais de imprensa, não só incentivando a pesquisa científica, mas participando dela. Ao defender uma teoria unificada como um campo de conhecimento específico, o objetivo é exatamente refutar a ideia de que os procedimentos jornalísticos constituem um saber autônomo e autossuficiente. A efetivação de uma disciplina busca a interdisciplinaridade balizada. Ou seja, reconhece a multiplicidade de interpretações, mas aponta referências para as diversas análises.

A Teoria do Jornalismo deve assumir sua cientificidade, o que significa investigar evidências, produzir dados e construir enunciados passíveis de revisão e refutação. Para isso, no entanto, deve contar com a perene interconexão dos profissionais da redação e da academia. Não pode haver uma lacuna entre os jornalistas que se ocupam da produção e os que se encarregam da reflexão. A dicotomia é incoerente, não tem motivos para existir. Teoria e prática caminham juntas. O trabalho interligado é a única forma viável de discutir nossas questões.

Para fazer essa ponte, trabalhos como o de José Marques de Melo são vitais, imprescindíveis e perenes.

Como sua generosidade.

Mídia & Educação: espaços de cidadania

Helena Corazza[1]

17.1 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José; TOSTA, Sandra Pereira. **Mídia & Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 112 p.

Mídia e educação, duas áreas de conhecimento com fronteiras definidas, e muitas vezes, barreiras estabelecidas. Ao trabalhar o tema, Marques de Melo propõe romper a barreira da educação formal pela escola, e informal pela mídia, estabelecendo o diálogo entre esses dois espaços de conhecimento. Este livro foi elaborado pensando nos profissionais da comunicação e da educação e na necessidade de diálogo entre estes dois campos de conhecimento, para que a comunicação seja educativa e a educação seja comunicativa, tendo em vista um profissional "educomídia", num olhar convergente entre mídia e educação.

1. Docente e coordenadora de Cursos no SEPAC Paulinas (Serviço à Pastoral da Comunicação). Jornalista, doutoranda em Ciências da Comunicação, ECA-USP. Autora de diversos livros e artigos, entre eles "Comunicação e relações de gênero em práticas radiofônicas" (2000); "O lugar da religião no rádio" (2002); "Discurso da qualidade na educação e invisibilidade do professor" (2012), publicação Paulinas. E-mail: helena.corazza@paulinas.com.br

No exercício cidadão por parte dos profissionais das duas áreas, os autores têm em vista favorecer a consolidação de uma sociedade democrática e cidadã. O objetivo traçado para esta obra é "oferecer aos profissionais da mídia e aos profissionais da educação elementos históricos e conjunturais que possam facilitar a compreensão conceitual e empírica de como pensar uma educação midiática e uma mídia educativa".

Contexto da comunicação para a cidadania

Antes de prosseguir a apresentação do livro, algumas pinceladas sobre meu envolvimento com o tema. Quando recebi o convite, fiquei surpresa e contente, ao mesmo tempo, pois, numa das disciplinas para o doutorado apresentei um seminário sobre este livro. Ali encontrei e revisitei referências teóricas dos precursores dessa reflexão entre comunicação e educação, entre eles, Paulo Freire e Mario Kaplún, muito caros a Marques de Melo. Quando fiz Jornalismo, na disciplina de Rádio, nos servimos de livros de Kaplún como "*Producción de Programas de Radio: el guion, la realización"* (1978). A sensação, ao ler pela primeira vez "Mídia & Educação" e ao apresentar o seminário, foi de que este pequeno livro traz uma síntese de tudo o que é preciso saber sobre o tema, as possibilidades e a necessidade de convergência entre comunicação e educação.

A temática da comunicação e da educação como pressupostos da cidadania são recorrentes nos escritos de Melo. Cidadania, que implica na formação, reflexão, ações concretas com práticas inclusivas, como mostra o tema do IX Colóquio Internacional de Estudos sobre América Latina (CELACOM): "Educomídia, alavanca da cidadania: o legado utópico de Mário Kaplún", em 2005, quando participei apresentando um trabalho na área da formação de lideranças, no SEPAC[2]. Em 2006, outro seminário organizado por Melo e equipe, com a temática "Mídia cidadã: utopia brasileira", para o qual fui convidada a apresentar um trabalho sobre o tema "Inclusão/exclusão da mulher no complexo midiático"[3].

2. MARQUES DE MELO, José et all (Org.). **Educomidia, alavanca da cidadania**: o legado utópico de Mario Kaplún. São Bernardo do Campo: UNESCO/Metodista, 2006, p. 189-197.

3. MARQUES DE MELO, José et all (Org.). **Mídia cidadã, utopia brasileira**. São Bernardo do Campo: UNESCO/WACC/Metodista, 2006, p. 83-96.

Mídia e escola: duas lógicas distintas

Em relação ao conteúdo, no primeiro capítulo os autores abordam a questão das fronteiras entre comunicação e educação, dois sistemas com lógicas distintas, mas com laços de dependência. Enquanto a escola tem seus alicerces ancorados na racionalidade iluminista, a mídia acompanha os princípios da modernidade e atua de modo informal, veloz e disperso. A escola é o lugar onde se concretiza a formação dos cidadãos sob a égide do Estado e muitas vezes, a academia percebe uma relação antagônica. Dessa reflexão propõe-se a interdisciplinaridade, num campo em construção, a "educomídia".

Em relação ao termo "educomídia", adotado para falar de comunicação e educação, neste trabalho, bem como no livro citado sobre Kaplún, concordo com Soares[4] quando diz:

> Apesar do título 'educomídia', o conceito trabalhado no livro é o da educomunicação. No livro, não existe qualquer texto que especifique a diferença conceitual entre os dois temos. Tem-se a impressão de que, implicitamente, os editores os tomam como sinônimos.

Os autores discutem a amplitude da comunicação, um sistema complexo, que inclui a práxis e a teoria como um novo campo de conhecimento. Como parte das Ciências Aplicadas, a comunicação é um campo científico: "Pensar em uma definição ou demarcação teórica do que vem a ser o objeto da comunicação é tarefa complexa, e definir o seu campo também o é. Entendemos que a comunicação é um campo genuinamente interdisciplinar" (2008, p. 13). Melo apresenta a comunicação como uma "ciência em crise" e aponta cinco segmentos de atividade intelectual: Artes, Humanidades, Tecnologias, Ciências Sociais, conhecimento Midiológico. Servindo-se de Regis Debay (1993), traça uma história da comunicação seguindo as idades da mídia: a primeira, com oralidade e presencial, a segunda, mediada com a indústria e a terceira, midiática, para se tornar digital, baseada não mais na representação, mas na simulação do performático e no visual.

Os autores trabalham também o campo da educação e buscam o sentido da palavra e o sistema do século XIX, inspirado no princípio iluminista. Percorrem diversos autores descrevendo a Pedagogia Tradicional, a Escola nova e a Escola

4. SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação, seus procedimentos e metodologias**. NCE-USP: http://www.usp.br/nce/?wcp=/aeducomunicacao/texto,2,231,254.

libertadora, com Paulo Freire. Discorrem também sobre o papel social da escola em três âmbitos: como redentora da sociedade, como reprodutora de desigualdades sociais e como transformadora da sociedade. A partir daqui citam algumas iniciativas dos anos 1970 a 1990, introduzidas nas escolas, como Recepção crítica, Leitura crítica dos meios, Educação para a comunicação, bem como o trabalho da UNESCO sobre as relações TV/ criança, ONGs. Mídia e escola como espaços de socialização também são uma temática abordada que discute o lugar da mídia, do professor e de seu papel mediador.

O intertítulo "Interações educomidiáticas" recupera a história de Centros Populares, 1945 a 1964, inspirados na pedagogia freiriana como Centros populares de Cultura (CPCs), os Movimentos de Cultura Popular (MCPs) e o Movimento de Educação de Base (MEB), com seu projeto de alfabetização pelo Rádio. Recorda o livro de Lauro de Oliveira Lima "Mutações em Educação segundo McLuhan" e traz o assunto para a atualidade da Educação à Distância (EaD).

Ao tratar o tema "Comunicação midiática", no segundo capítulo, Melo situa o contexto atual na sociedade de redes, em que respiramos mídia por todos os poros. Não deixa de fazer a ressalva de que, mesmo em redes a mídia prevalece como instituição hegemônica. Explica a terminologia *mídia* a partir da raiz latina e prossegue falando do sistema da mídia e poder, a dependência do poder político. Um passeio sobre a história da imprensa, do cinema e do rádio, lembrando o aspecto educacional dessas duas linguagens comunicativas. Segue com os inícios da televisão no Brasil, os dilemas da censura e da dificuldade de se ter uma comunicação cidadã. Os cenários da mídia no século XXI são descritos como "hibridismo cultural", em que, por um lado está a questão empresarial, da produção industrial e em série e, por outro, a cultura informal como o artesanato. E o capítulo termina com um apelo à vigilância cidadã para que as pessoas olhem e acompanhem com distanciamento crítico.

Melo se preocupa em chamar a atenção do seu leitor, seja o profissional da mídia, seja o da educação, para o contexto em que estão inseridos esses dois campos de conhecimento, mídia e sociedade. Faz um percurso histórico da educação e da comunicação desde o século XVI, com a colonização dos portugueses, franceses e holandeses, a pedagogia dos missionários jesuítas ao adotarem a "língua franca" e, mais tarde, a obrigatoriedade da língua portuguesa. A oralidade adotada sobretudo pelos trabalhadores e o "arquipélago cultural" que o Brasil se tornou no tempo da colônia. Melo acentua:

> É indispensável mencionar o obscurantismo cultural praticado pela coroa portuguesa durante todo o período colonial. A ausência de escola, universidade, imprensa, biblioteca, correio e a falta de outros aparatos

> culturais persistiram até às vésperas da independência, no início do século XX (2008, p. 42).

A decorrência vem com o analfabetismo, sobretudo no grande contingente de negros, que, libertos da escravidão, foram abandonados à própria sorte. Os dois "Brasis" são aqui evocados, no sentido da indústria que vem com os bens culturais por fluxos massivos, com o cinema, o disco, o rádio, a televisão e a cultura popular que resiste, denominada *folkcomunicação.* E a hegemonia da televisão com os grupos que detêm o poder, o rádio, a imprensa escrita como formadora de opinião, a internet como novo espaço de comunicação.

Melo vê na *folkcomunicação* a possibilidade de trabalhar a mídia cidadã, e enumera quatro gêneros *folkmidiáticos:* oral (a cantoria), visual (literatura de cordel), icônico (o "milagre") e cinético (o forró). Os dois "Brasis" continuam interagindo, e o apelo dos autores é que possa crescer a inclusão cultural para todos a fim de que também essas realidades possam se complementar.

Mídia e escola, caminhos cruzados

No capítulo quarto, os autores discutem a questão da necessidade do reconhecimento da mídia como espaço formador, ao lado da escola entendida como espaço da educação formal, desde que nascemos. Trata-se de pensar a educação em uma realidade atravessada pela mídia, conforme contextualizava Paulo Freire, na década de 1960: "vivemos no mundo e com o mundo". Para Melo e Tosta (2008, p. 49),

> um novo espaço teórico capaz de fundamentar práticas de formação de sujeitos conscientes e efetivos cidadãos. Já é consensual que a constituição desse campo é uma tarefa complexa, pois exige o conhecimento da mídia como um lugar do saber, que condiciona e influencia, juntamente com a escola e outras agências de socialização, o processo de formação do indivíduo. O campo que une educação e comunicação representa

Um dos desafios é compreender a mídia como uma dimensão institucional da própria sociedade e "não como uma estrutura que lhe é exterior", uma vez que ela reconfigura o espaço de instituições de referência, como a família e a escola. A insistência dos autores é que se compreenda e se incorpore o cotidiano da sociedade contemporânea onde se entende a comunicação como cultura, e uma nova alfabetização que se dá pela mídia. Descobrir formas de buscar a convergência, seja pelo uso dos meios tecnológicos, seja pela leitura crítica da mídia, entre outros. Os

autores trazem à memória o teórico canadense, McLuhan, 1968, na sua expressão, "aula sem paredes", para se referir ao tempo em que as crianças estão expostas à mídia, antes de frequentarem a escola.

No capítulo quinto, Melo faz um percurso sobre as interfaces da comunicação. Recupera teses da UNESCO, na década de 1960, em vista da democratização da comunicação "no período pós McBride, quando os Estados Unidos se retiraram da organização, cortando os subsídios econômicos, momento também marcado pela falência do bloco comunista, o que deixou o 'terceiro mundo' com um sentimento de orfandade" (2008, p. 65). Neste contexto surgiram reações e a busca da democratização e da cidadania, o acreditar que um "novo mundo" era possível.

Lembro-me de que, em São Paulo, fomos a uma reunião sobre a Nova Ordem Mundial da Comunicação e da Informação (NOMIC), coordenada por Marques de Melo, e a grande imprensa havia sido convidada, mas não compareceu. Durante a reunião chegou um ramalhete de flores vermelhas com esta frase: "Cuidado com esta nova ordem!" Nessa ocasião, a CNBB havia publicado a "Carta aos comunicadores"[5].

Melo recupera dois paradigmas da educação por meio da mídia, que repercutiram fortemente em território brasileiro: o cassete-forum de Mario Kaplún e a Leitura Crítica da Comunicação (LCC) da UCBC (União Cristã Brasileira de Comunicação). A originalidade de Kaplún está em partir do profissional, de um paradigma experimental, na expressão de Melo, para uma pedagogia para os comunicadores populares em vista da formação para a cidadania, sobretudo como o manual *El comunicador popular* (1985). José Marques de Melo, um dos fundadores da UCBC, diz que o projeto LCC, na década de 1970, se situa

> no campo educacional e apresentou-se como uma sugestão de trabalho para educadores, animadores, lideranças de movimentos populares, religiosos e agentes de pastoral da comunicação das Igrejas cristãs. O projeto encontrou suas raízes na preocupação dos fundadores da UCBC em discutir a problemática da consciência crítica e do senso crítico frente aos meios de comunicação de massa (2008, p. 68-69).

Sobre o projeto LCC, Melo faz memória dos inícios, sua pedagogia, que principalmente na área acadêmica, tentou superar a concepção moralista e adotar os princípios da educação dialógica de Paulo Freire. Em seus desdobramentos o LCC se organizou em quatro grupos: a) professores, estudantes e profissionais liberais; b)

5. Equipe de Reflexão do Setor de Comunicação da CNBB. **Carta aos comunicadores**. São Paulo, Paulinas, 1984.

grupo voltado às Igrejas cristãs em conjunto com o SEPAC (Serviço à Pastoral da Comunicação) das Paulinas; c) grupos populares na cidade e no campo; d) Seminários de avaliação e capacitação, uma espécie de pastoral da comunicação. A afirmação de que o projeto LCC, "dentro da UCBC, foi uma ação identificada com a opção evangélica que as Igrejas cristãs fizeram na América Latina e que as levou ao compromisso com as camadas pobres e marginalizadas do continente" (2008, p. 71).

Uma temática muito apreciada por Marques de Melo é a questão da Leitura crítica da comunicação. Como professor universitário, nos tempos da repressão ajudou a pensar e a criar a UCBC, associação cristã ecumênica, que muito trabalhou no projeto da Leitura Crítica, conforme este relato de Pedro Gilberto Gomes (2005. p.17):

> Ele dirigiu a reunião que estruturou o perfil da nova entidade e participou da Comissão Provisória, encarregada de fazer o Regimento e consolidar a nova entidade. A identidade da UCBC, aberta, ecumênica e comprometida com a resistência e o autoritarismo brasileiro, tem muito a ver com a participação de José Marques de Melo.

E a temática da leitura de livros, da mídia e do mundo perpassa outros escritos voltados à educação para a comunicação, buscando motivar o indivíduo à participação, à ação política, à interferência no processo gerador da comunicação na obra: "Para uma leitura crítica da comunicação" (1985)[6] que ele abre com esta frase de Paulo Freire: "A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquela". Aqui ele trata das diferentes leituras como na escola, no jornalismo, na televisão, nas relações públicas e a necessidade de uma nova ordem na comunicação com a NOMIC e de novas linguagens, traduzidas na expressão de Ramiro Beltrán em seu artigo "Adeus a Aristóteles". Nesta obra, Melo também reproduz uma entrevista realizada com Paulo Freire[7].

A trajetória de amor aos livros e à cultura em Marques de Melo, iniciou quando ainda jovem, em Alagoas, conforme ele mesmo diz numa entrevista à revista Paulinas[8].

> Devorava livros que as Paulinas faziam circular pelos mais distantes rincões do território nacional. De leitor voraz da literatura de *Paulinas*, a

6. MELO DE MELO, José. **Para uma leitura crítica da Comunicação**. São Paulo: Paulinas, 1985.

7. Idem, "Paulo Freire: o exílio fez de mim um andarilho da obviedade", p. 185-199.

8. Revista Paulinas, São Paulo, Ano 8, N. 27, Março de 2008, Entrevista do mês, p. 4-5.

> única que, na época, chegava aos sertões do meu estado, vi-me repentinamente convertido em colaborador educacional [...] venho mantendo laços de cooperação intelectual com a congregação desde minha inserção na universidade. A prova maior é o meu vínculo com o SEPAC.

A vinculação de Marques de Melo, em sua relação com Paulinas e com o SEPAC, citado no projeto LCC, foi marcada por sua ajuda na reflexão de uma comunicação voltada para a inclusão e a cidadania. De 1993 a 1997, sobretudo, sempre que possível, dava aulas relativas ao Jornalismo no Curso de Especialização, realizado em período de férias. Seu apoio estava na sintonia de uma comunicação comprometida, conforme afirma nesta mesma entrevista: "Paulinas desenvolve um trabalho meritório, sobretudo aquele realizado junto às comunidades excluídas do banquete cultural".

Desafios educomidiáticos

O capítulo sexto traz os desafios educomidiáticos, retomando a necessidade da educação para a formação de sociedades democráticas. Melo volta ao "estigma da exclusão educacional" no século XIX, no regime colonial. Retoma a chegada dos meios de comunicação: jornal, rádio, televisão – a comunicação de massa –, lembrando a exclusão cognitiva e, ao mesmo tempo, a mudança cultural e de linguagens que se constituem um desafio, sobretudo, para a educação formal. Um aspecto deste capítulo é o da "cultura do silêncio", conforme Marques de Melo: "Trata-se da persistência daquela cultura do silêncio a que se refere Paulo Freire, quando diagnosticava o mutismo da população brasileira durante o Período Colonial" (2008, p. 83).

O livro é enriquecido, no seu final, além das referências bibliográficas, com três apêndices, que são referências iniciais tanto para profissionais da comunicação como da educação: Educação no Brasil, diretrizes para o Magistério; Educomídia no Brasil, cronologia dos precursores – de Roquete-Pinto, 1923, a Anísio Teixeira, 1970, e Lauro de Oliveira Lima, 1971; Fontes multimídia: ONGs, revistas, livros e portais. São indicativos para início de um trabalho de pesquisa e de conhecimento do campo, e ao mesmo tempo, diretrizes de um caminho possível a ser traçado.

Considerações finais

Comunicação e educação, um tema convergente aqui discutido em sua amplitude e complexidade, adotando a terminologia educomídia em seu propósito de falar com profissionais da comunicação e da educação, buscando a convergência.

Não resta dúvida de que a educomídia tem sintonia com os conceitos da educomunicação, nas mesmas buscas de formar para a cidadania e democratizar o conhecimento, conforme referências dos autores trabalhados, sobretudo Freire e Kaplún.

Marques de Melo mantém a utopia no horizonte do seu olhar, no sentido de algo a ser conquistado como a cidadania e o espírito democrático. O tema da inclusão cultural e da formação cidadã no espaço da educação formal, informal, nos grupos populares e até marginais, é uma chave de leitura constante, neste grande mestre de quem aprendemos todos os dias e em cada um de seus escritos.

Referências

GOMES, Pedro Gilberto. In: MARQUES DE MELO, José. **Comunicação eclesial: utopia e realidade**. São Paulo: Paulinas/SEPAC, 2005, p. 17.

MARQUES DE MELO, José, et all (org.). **Educomidia, alavanca da cidadania**: o legado utópico de Mario Kaplún. São Bernardo do Campo: UNESCO/ Metodista, 2006.

_____ et al (org.) **Mídia cidadã, utopia brasileira**. São Bernardo do Campo: UNESCO/WACC/Metodista, 2006.

_____. **Comunicação eclesial: utopia e realidade.** São Paulo: Paulinas/SEPAC, 2005.

_____. **Para uma leitura crítica da comunicação.** São Paulo: Paulinas, 1985.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação, seus procedimentos e metodologias**. NCE-USP: http://www.usp.br/nce/?wcp=/aeducomunicacao/texto,2,231,254 – acesso em: 25 jul.2013.

Revista Paulinas. São Paulo: Paulinas, Ano 8, N. 27, Março de 2008, **Entrevista do mês**, p. 4-5.

Do Sertão para o Mundo ao Mundo no Sertão

Rodrigo Gabrioti[1]

18.1 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José; GAIA, Rossana. (Orgs.). **Sertão Glocal – Um mar de ideia brota às margens do Ipanema**. Maceió: EDUFAL, 2010. 389 p.

[...]E eu voltei no curso
Revi o meu percurso
Me perdi no leste
E a alma renasceu
Com flores de algodão
No coração do agreste.

Coração do Agreste –
compositores: Moacyr Luz e Aldir Blanc

1. Jornalista. Professor do curso de Jornalismo da ESAMC Sorocaba (SP). Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade de Sorocaba (2010). Autor do livro "Interação e Intercidades: A Comunicação Regional na Reconstrução dos Espaços" (LCTE/FAPESP, 2012). E-mail: rgabrioti@hotmail.com.

É no limiar entre a experiência vivida e a experiência imaginada que o Glocal se torna referência para esta obra do professor José Marques de Melo ao tratar dos enraizamentos culturais dos intelectuais natos e formados em Santana do Ipanema, no agreste alagoano. O resgate dos pensadores das margens do Rio Ipanema que fazem o Sertão em Letras é alusivo à comemoração de inauguração do Campus Sertão da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) na cidade, em 2010. Este percurso literário se divide em seis partes que são: Contextos, Itinerários, Cenários, Travessias, Reminiscências e Roteiros. As histórias resgatam a doce herança sertaneja e fazem dessa memória uma prática cultural. O que corrobora com a perspectiva de Luiz Sávio de Almeida, no prólogo do livro, ao dizer que a consciência local faz lugares e amores readquirirem significados.

A epígrafe em destaque na abertura deste artigo não foi escolhida por acaso. Até houve dúvida no processo de escolha, porém, alguns trechos de "Coração do Agreste" melhor se encaixaram na viagem literária proposta pelo livro. Justamente a ida e vinda do homem sertanejo, assim como de todos os oriundos do Nordeste, faz de José Marques de Melo um sujeito à frente do seu tempo. Podemos dizer que se trata do grande empreendedor acadêmico da Comunicação no Brasil, com destacada representatividade também no cenário mundial. Ele, assim como tantos alagoanos e nordestinos, de modo geral, foi além do horizonte na cidade grande. O menino Zé, de Palmeira dos Índios, o que o torna santanense por adoção, rasgou o mapa como se fora o nosso bandeirante paulista desbravador de caminhos. Após a partida para Maceió, chegou ao Recife onde se formou e teve aulas com o precursor da academia na área da comunicação brasileira, Luiz Beltrão. Ousado, os sonhos o conduziram, em 1966, para São Paulo, onde até hoje reside e incansavelmente continua sua produção intelectual além de ser o presidente de honra da INTERCOM, a Sociedade Brasileira para os Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Aquele garoto sertanejo que moldou seu repertório cognitivo, na escola do Agreste, aderiu ao universo midiático pela leitura e escrita; construiu o imaginário a partir de fantasmas da oralidade e das práticas religiosas; foi assíduo frequentador da biblioteca do território caboclo invadido pelos fragmentos da cultura de massa; deu ouvidos ao rádio; emprestou olhos aos filmes; nutriu-se de todos os referentes culturais necessários para ser um dos principais nomes deste Brasil-Continente cujos problemas sociais, econômicos, políticos e culturais, muitas vezes, estão disseminados, porém, distanciados entre seu povo. Mas distância entre José Marques de Melo e o seu Sertão nunca existiu. E não é apenas porque hoje diante de um computador, os longínquos quilômetros que separam São Paulo de Santana do Ipanema se apagam pela presença instantânea das localidades na Internet a ponto do próprio professor reconhecer que a era digital faz Santana do Ipanema "falar diretamente para o mundo". É

porque Marques de Melo sempre manteve sua tradição nordestina. E quando na prática nada pode fazer pelo Agreste foi devido à perseguição política que cerceou seu trabalho. Mas o empreendedor ganhou anistia e, com liberdade ideológica, fez da Cátedra UNESCO "Comunicação para o Desenvolvimento Regional", seu ponto de reencontro com a cultura popular.

A cultura popular que hoje constrói o local se funde com o global resultando assim no Glocal. Quase uma sentença matemática. Embora reconheça que o aperfeiçoamento das telecomunicações tenha colocado Santana do Ipanema definitivamente na aldeia global, Marques de Melo reconstrói nesta obra o valor de santanenses ilustres – natos ou adotivos – que, pelos estudos, romperam os limites do sertão para dar grandes contribuições à formação cultural brasileira a ponto de retribuir às suas origens, fatias de conhecimento, o que nos faz entender como realização plena da comunicação no sentido de provocar mudanças em seus agentes. Um fortalecimento à cultura santanense marcada, segundo Marques de Melo, por uma peculiaridade mestiça em permanente mutação. Para tratar dessas contribuições, é que "Sertão Glocal" se ocupa da Diáspora Santanense.

Reconhecido, ao lado do cearense, como o "judeu errante do Norte", o alagoano emigra atrás de melhor garantia para o futuro. Seus destinos migratórios regionais eram Maceió, a capital do estado, Salvador e Recife ao passo que no cenário nacional, se dirigiam para São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. Pelas Letras, destacaram-se alagoanos ensaístas, tratadistas, poetas e ficcionistas. Os pressupostos para suas criações, em prosa e verso, eram sempre a terra de origem. Duas categorias de escritores podem ser denominadas: os Temporões (ociosos que deram às suas lembranças, histórias em formato de poemas, crônicas ou contos) e os Adventícios (escritores mais jovens que residem ou não na cidade). Se a imprensa nunca foi favorável à cultura santanense, hoje revelada ao mundo por três portais de Internet, Marques de Melo se viu na obrigação de traduzir a cidade pelo livro – já que a educação sempre fora o setor que mais impulsionou Santana do Ipanema – para assim neutralizar a amnésia coletiva de esquecimento em relação à produção de textos alagoanos. Por isso, em novo ato de empreendedorismo acadêmico, assim como faz nesta coletânea Fortuna Crítica, convidou autores para revelar em páginas e mais páginas a cultura da cidade. Dessa forma, portanto, enquadrou os autores em três grupos especialmente bem definidos: **(a) Vanguarda Sertaneja**: aqueles cujos vínculos permanentes com o ambiente cultural marcam a fisionomia intelectual, fator determinante para o conteúdo de obras; **(b) Retaguarda Litorânea**: autores que nunca se afastaram do lócus santanense e cultivam relações diretas ou mediadas, refletidas no conteúdo de suas publicações; **(c) Diáspora Nacional**: intelectuais que migraram para regiões distantes, preservando as raízes culturais, voltando apenas ocasionalmente ao

convívio pessoal no âmbito da sociedade onde foram intelectualmente nutridos.

Este último grupo referido é o que merece maior atenção do professor Marques de Melo. Ele destaca 13 nomes: Breno Accioly, Oscar Silva, Valdemar de Sousa Lima, Floro de Araújo Melo, Aguinaldo Nepomuceno Marques, Fernando Nepomuceno Filho, Ivone Bulhões, Emmanoel Oliveira Cavalcanti, Luitgarde Cavalcanti Barros, Nireu Cavalcanti Barros, Maria do Socorro Ricardo, Marcello Ricardo Almeida e Morche Ricardo Almeida. Esses autores atuam em fases diferentes da Diáspora Santanense. Na fase entre os anos de 1940 e 1950, como rescaldo do *Silvestrismo*[2], aparecem Breno Accioly, Oscar Silva, Floro de Araújo Melo, Aguinaldo Nepomuceno Marques e Fernando Nepomuceno Filho. Acioly, médico, destaca-se em sua produção pelo indício de retirada da condição de subalternidade em relação aos povos mistificados como mais cultos e mais avançados. Recebe o reconhecimento de Mário de Andrade, Graciliano Ramos e Gilberto Freyre. Já Oscar Silva, o primeiro cronista municipal, produziu textos em torno do realismo socialista. Floro Melo formou-se em História e esteve voltado à história oral recorrendo à memória coletiva de santanenses para suprir as lacunas da historiografia oficial ancorada em documentos nem sempre confiáveis. Já Aguinaldo Nepomuceno destacou-se na política e com formação em Medicina, desfrutou de credibilidade na divulgação científica. Já o contabilista Fernando Nepomuceno fundou a Sociedade Editora Ipanema.

A segunda fase da Diáspora é marcada entre os anos de 1960 e 1970. Seus autores se caracterizam por rastros do *Munizismo*[3]. Neste grupo, estão Valdemar de Sousa Lima, um santanense autodidata adotivo que foi líder intelectual da juventude e fundador do primeiro jornal do município: *O Panema* (1929). Ivone Bulhões, uma enfermeira que produziu obras relacionando sua profissão às condições de trabalho. Depois Emmanoel Oliveira Cavalcanti que trabalhou com artes da representação. Luitgarde Cavalcanti Barros, cientista social que escapou da perseguição política e se tornou intelectual de vanguarda no Rio de Janeiro. Seu irmão, Nireu Oliveira Cavalcanti se formou em Arquitetura e dedicou-se a estudar, em sua área, o período que antecedeu a chegada da Família Real ao Brasil.

E a terceira fase, anos 1980 e 1990, aparece na linha do *Suruagismo*[4], com a

2. Período de governo de Silvestre Péricles de Goes Monteiro. 1947-1951. Ver MARQUES, 2010.

3. Período de governo de Muniz Falcão. 1958-1961. Reeleito, em 1982, foi impedido de governar pelo regime militar. Ver MARQUES, 2010.

4. Períodos de governo de Divaldo Suruagy, 1975-1978. Reeleito em 1983-1986, depois em

professora Maria do Socorro Ricardo que escreve sobre o memorialismo típico dos que vivem em diáspora entremeando as sociedades idas e vindas da terra nativa além de debruçar-se sobre os acontecimentos folclóricos de Santana do Ipanema. Marcello Ricardo Almeida convergiu teatro e jornalismo. Para romper a violência como tragédia e o analfabetismo como comédia, se propôs a criar uma biblioteca em cada município alagoano. E por fim, Morche Ricardo Almeida que se formou em História e foi dedicar-se à política e ao ensino em Santa Catarina.

O perfil de emigrantes dessa diáspora, traçado por Marques de Melo, aponta que mais homens do que mulheres se deslocaram. Os destinos mais procurados foram: Rio de Janeiro (6); São Paulo (2), Santa Catarina (3); Paraná (1) e Brasília (1). Cinco autores trabalharam com Literatura, mesma quantidade de escritores lotados na História. Dois se dedicaram à Saúde enquanto apenas um se enveredou pela Economia. Assim a conclusão que se chega é que os problemas de Santana do Ipanema foram mais tratados em História e Literatura.

Não apenas problemas, mas também personagens (como Dr. Arsênio, Coronel Lucena ou Padre Bulhões), folclore, lembranças e religiosidade foram tratados ao longo desse vasto material selecionado dos escritores alagoanos. Embora haja registros, percebe-se acentuadamente que a valorização da memória contada na oralidade é que constitui os contextos, itinerários, cenários, travessias, reminiscências e os roteiros de Santana do Ipanema, a cidade que já em sua etimologia recebe as bênçãos de Sant´Anna, a mãe de Maria, a avó de Jesus.

Mas a Diáspora dificultou a intercomunicação entre os intelectuais santanenses. A grande referência para a produção de cada um fora Tadeu Gonçalves Rocha (1916-1994), o mais citado nas bibliografias de seus conterrâneos. As correspondências com seus interlocutores fazem parte da memória social da cidade. Inclusive essas conversas colocadas em papel estão no Acervo Epistolar da Fundação Joaquim Nabuco, em Recife. Aliás, foi intensa sua ponte entre a capital pernambucana e Maceió sem jamais refutar as matrizes culturais e os compromissos sociais de Santana do Ipanema. A aproximação dos intelectuais da Diáspora ao local de origem fracassou em 1974, por razões desconhecidas, quando um encontro entre eles deixou de acontecer. Ademais dos intelectuais da diáspora, também tiveram importância, no circuito santanense, grandes intelectuais como Costa Rego, Barbosa Lima Sobrinho, Carlos Lacerda e Diegues Júnior.

1995-1997, mas renunciou por pressão antes do mandato terminar. Ver MARQUES, 2010.

Marcos transformadores de Santana do Ipanema

Em meio ao Agreste alagoano, a Santana da religiosidade acentuada mantém sua característica de lugarejo, mas ao longo do tempo, vem experimentando novidades que trouxeram mudanças. Das mais rudimentares como a instalação do 2ª Batalhão e da perseguição aos cangaceiros, passando pelos bancos de areia em meio à seca do rio que ajudaram a desenvolver o comércio em torno da Igreja, aos polos educacionais até as tecnologias que incentivam o cultivo da explícita identidade glocal, como afirma Marques de Melo. No que tange à educação, Santana do Ipanema teve o seu tradicional Ginásio Santana, criado em 1950. Formação específica e profissional chegou 6 anos depois com o curso técnico de Contabilidade. Em 1996, a Universidade Estadual de Alagoas realizou o primeiro vestibular do Sertão para os cursos de Zootecnia e Pedagogia com 69 alunos iniciando o Ensino Superior. Vale destacar que todos os projetos de conclusão de curso deviam ser voltados a contribuições para o desenvolvimento regional. Em 2010, a UFAL, com sede em Delmiro Gouveia, surge com 8 cursos no Sertão.

Em meio à sua formação histórico-cultural, a presença do coronelismo que não temia ninguém a ponto até de destruir o cemitério da cidade na calada da noite. No primeiro setor, a produção de algodão teve destaque na passagem do século XIX ao XX em um processo que foi da manual bolandeira até as máquinas industriais. A chegada do automóvel fez as vias se alargarem, pois, até então, serviam como trilhas para o tráfego de montarias. A primeira estrada, chamada de rodagem, foi inaugurada nos anos 40 e ligou Santana do Ipanema a Palmeira dos Índios. Quando se pensa em tecnologia, um longo processo durou até que associemos o termo apenas a computadores e digitalização. O sistema de iluminação que passou de base de gás acetileno aos candeeiros foi um marco tecnológico, embora isso só pudesse ser visto nas casas de famílias mais abastadas assim como o rádio e a televisão anos a fio. Qualquer viagem ocorria de madrugada com as pessoas carregando em seu deslocamento todo o dinheiro que possuíam. Mas não se partia sem antes assistir a missa e comungar, pois, havia a crença de que se a morte ocorresse, a alma já estaria encomendada. Se os caminhos por Santana do Ipanema permitiram a passagem de montarias, depois automóveis, os trilhos também chegaram à região e o trem trouxe significativo desenvolvimento, sobretudo, para o comércio local. Energia, rádio, telefone, rodovias, televisão e internet foram marcos da chegada da modernidade a Santana do Ipanema que viu muito de sua tradição se transformar em folclore.

Mesmo com este leque de mudanças, talvez retardatárias se comparadas aos grandes centros, mas inovadoras para a pequena Santana do Ipanema, assim como os intelectuais da diáspora, o sonho de todo jovem, com alguma condi-

ção, era correr atrás da modernidade e não esperá-la chegar em meio ao Agreste. A vida nova buscada tinha o sustentáculo de pedir e agradecer na fé. Um desejo talvez tal qual um repente, ou seja, feito de improvisos. E esse futurismo era o ingrediente para a desvinculação do passado.

Um passado do qual José Marques de Melo faz questão de não deixar para trás. Sua intenção de reunir histórias de escritores alagoanos em "Sertão Glocal" faz com que o tempo esteja presentificado. Que a história tenha sido escrita pelos ruídos das ruas, como aponta Maria do Socorro Ricardo em seu capítulo dedicado aos tipos populares que povoam as margens do Ipanema. Nele, ela traz (ALMEIDA apud RICARDO, 2010, p.292):

> Não existe um tempo, existe o tempo, sempre presente; nem passado e nem futuro. A memória factual do tempo é presente, a lembrança só ocorre no instante presente. Os tempos verbais são diferentes de todos os tempos. O presente eterniza-se no próprio presente e tudo se presentifica, o que se escreve, escreveu-se ou escrever-se-á, ainda assim, pode-se chamar de presentigrafia do tempo presente, e se falta à verdade nesta presentigrafia do tempo presente é a presentificidade do tempo.

Resgatar a tradição é manter a cultura viva a ponto de reconhecê-la em trânsito nos caminhos cruzados, ou como se adotou na atualidade dos estudos comunicacionais, na convergência ou hibridismo entre tradição e modernidade. "A história de um povo só estará completa quando a participação de todos puder ser devidamente contada" (GAIA, 2010, p.141). A tradição dessa Santana do Ipanema que manifesta sua cultura com naturalidade. Das lendas e simbolismos em torno do rio como as escaramuças, o filhote de anaconda, os funi-Ô, a Lua que bebeu água do rio, o porco que virava lobisomem, curupira, gigantes sepultados na areia do rio, peixes boca-de-pedra que comiam os pregos das canoas que atravessam o rio, da bola que sumia ao cair nas águas do rio. A Folkcomunicação que nasce da fantasia do imaginário ao realismo de um mundo separado pela tela de um computador ou do celular em uma rede que dá a alguns santanenses o direito de imaginar o real.

Por isso é "Ser tão Sertão" como intitula a reitora da UFAL, Ana Dayse Rezende Dorea, na apresentação do livro. Ou na condição de metrópole-aldeia como quer a poética de José Geraldo W. Marques. Abram as portas para a oralidade da tradição local com as narrativas contadas ou cantadas. Conecte-se ao mundo para o qual a Internet revestida de Tecnologia simbolicamente emoldura a aldeia santanense tal qual uma janela com vistas ao horizonte. O mesmo horizonte do emigrante sempre no afã de ir e vir!

Santana do Ipanema, bem-vinda ao Glocal!!

Referências

ALMEIDA, Mércia Ricardo. **Poemas que moram em um tempo encantado:** a história do tempo só o tempo a eterniza. Florianópolis: Literatura em Santa Catarina, 2007.

GAIA, Rossana. Conquistas Santanenses: o progresso cognitivo do ginásio a universidade. In: MARQUES DE MELO, José; GAIA, Rossana (Orgs.). In: **Sertão Glocal – Um mar de ideia brota às margens do Ipanema**. Maceió: EDUFAL, 2010. 389 p.

RICARDO, Maria do Socorro. Tipos populares que povoam as margens do Ipanema. In: MARQUES DE MELO, José; GAIA, Rossana (Orgs.). In: **Sertão Glocal – Um mar de ideia brota às margens do Ipanema**. Maceió: EDUFAL, 2010. 389 p.

Sobre liberdade, segurança, fragmentos e pluralidade

Marcos Paulo da Silva[1]

19.1 CAPÍTULO

MELO, José Marques de (Org.). **Pensamento Comunicacional Uspiano:** impasses mundializadores na Escola de Comunicações e Artes (1973-2011). Volume 2. São Paulo: SOCICOM e ECA-USP, 2011.

I

Liberdade e segurança são imperativos que caminham em direções opostas. Se quiseres um, faz-se necessária a diminuição do outro. Tal reflexão proposta pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman em 2011, em entrevista exclusiva concedida ao projeto "Fronteiras do Pensamento"[2], serve de parâmetro para a compreensão dos dias atuais. Embora, evidentemente,

1. Professor adjunto do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Doutor em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), com estágio de doutorado-sanduíche na Syracuse University (New York, Estados Unidos). Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Trabalhou entre 2006 e 2009 como jornalista na Universidade de São Paulo. E-mail: marcos.paulo@ufms.br.

2. Entrevista também incorporada ao projeto Café Filosófico, patrocinado pela CPFL Paulista. Para detalhes, ver: Bauman (2011).

não seja um mantra que possa projetado funcionalmente – e de forma descontextualizada – para qualquer discussão acadêmica, a colocação de Bauman revela um sintoma eminente das contradições da modernidade tardia[3]: a liberdade em detrimento da segurança – e vice-versa.

II

Liberdade e segurança. De algum modo, a obra à qual este ensaio se debruça –"Pensamento Comunicacional Uspiano: impasses mundializadores na Escola de Comunicações e Artes (1973-2011"), organizado por José Marques de Melo – perpassa essas duas concepções. Em primeiro lugar, tudo no livro é História (com o ditame maiúsculo do termo). Trata-se de um recorte – um "mapeamento da trajetória intelectual da ECA-USP na transição do século XX para o século XXI", conforme destaca a própria contracapa da obra – de uma das mais significativas, senão a mais importante, escolas de Comunicação do Brasil.

O momento da publicação não é aleatório: marca o aniversário de 45 anos da instituição, criada em 1966. A viabilização da coletânea, por sua vez, leva a chancela de três organizações de relevo no cenário acadêmico da Comunicação, que, certamente, tiveram no pensamento crítico da Universidade de São Paulo importantes sementes: a Federação Brasileira de Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação (SOCICOM), a Confederação Ibero-americana de Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação (CONFIBERCOM) e a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação (INTERCOM).

A obra constitui, portanto, um marco comemorativo para um espaço de reflexão – entenda-se, a própria ECA-USP, aqui visualizada como um "espaço social" no sentido mais amplo da expressão – que em diferentes aspectos e direções ajudou a pautar o debate sobre a **liberdade** de pensamento no período em que a propagada **segurança** institucional se punha como imperativo na política autoritária brasileira.

III

Todavia, na prática e em outro nível de compreensão, liberdade e segurança também fazem parte da própria concepção da coletânea em questão. Isto é,

3. A concepção de *modernidade tardia* trabalhada por Cardoso de Mello e Novais (1998) é essencial para a compreensão do pano de fundo no qual o presente ensaio foi elaborado.

como em todas as publicações do gênero, há nessa escolha editorial o bônus e o ônus de seu *modus operandi*.

Pluralidade versus fragmentação. Localiza-se neste aspecto um primeiro paradoxo no modo como uma coletânea se organiza: a **liberdade** temática que a pluralidade de visões propicia *versus* a *segurança* de um fio condutor fragilizado sob a fragmentação de perspectivas. Ou ainda, numa inversão dialética, trata-se da **liberdade** que somente a pluralidade de pontos de vista pode propiciar, resguardando ao fim, sob um vértice democrático, a **segurança** de uma compreensão multifacetada do tema. O segundo volume de "Pensamento Comunicacional Uspiano" traduz em seu bojo um pouco da complexidade situada por trás dessas concepções. Ao suceder o primeiro volume – cujo subtítulo não por acaso é "Raízes Ibero-Americanas da Escola de Comunicações Culturais (1966-1972)" –, a obra aqui analisada apresenta um panorama bastante pertinente da produção acadêmica de alguns dos principais nomes que ajudaram (e ainda ajudam) a construir a reputação da ECA-USP desde a década de 1970 (uma geração permanece ativa e, com algumas poucas exceções, ainda compõe o quadro da instituição).

Certamente, trata-se de uma seleção relevante de textos elaborados por algumas das mais privilegiadas cabeças das ciências sociais brasileiras. Reside nesse aspecto a riqueza – e talvez o senso de **liberdade** – proporcionados pela pluralidade de pontos de vista acadêmicos ali colocados[4]. Entretanto (e, como destacado acima, esse é um aspecto inerente a qualquer coletânea), há também a fragmentação de perspectivas, uma vez que não se pode extrair dali premissas que abarquem o conjunto e a complexidade por trás da vasta produção acadêmica de cada um dos autores. Ainda assim, como experiente organizador, Marques de Melo é perspicaz e lida bem com questão: além do próprio caráter comemorativo da obra – que por si só já garantiria um fio condutor aos capítulos –, os textos são distribuídos em partes que expressam os "estágios em que a instituição se colocou em diversas conjunturas" entre 1973 e 2011.

4. A ideia de pluralidade de perspectivas não deve ser confundida com o que o teórico norte-americano Douglas Kellner (2001) denomina "ecletismo liberal" ou "pout-pourri de diferentes pontos de vista". Para tanto, o autor baseia-se na concepção de "multiperspectivismo", termo inspirado no perspectvismo de Nietzsche, segundo o qual toda interpretação é necessariamente mediada pela perspectiva de quem a faz, portanto, trazendo inevitavelmente em seu bojo pressupostos, valores, preconceitos e limitações.

IV

"Pensamento Comunicacional Uspiano: impasses mundializadores na Escola de Comunicação e Artes (1973-2011)" é estruturado em três partes e em 21 capítulos. Por remeterem a períodos distintos na trajetória da ECA-USP, cada uma dessas seções é composta por reflexões que dialogam entre si por meio da época e da conjuntura nas quais foram realizadas. Ou seja, cada um dos três blocos de capítulos – denominados respectivamente "Tempo de Contestação", "Tempo de Experimentação" e "Tempo de Avaliação" – agrupa textos redigidos pelo corpo docente da instituição em períodos semelhantes.

O próprio Marques de Melo é o responsável por inaugurar a sequência de debates com o capítulo "Poder, universidade e escolas de comunicação" – artigo datado ainda do final dos anos 70. É sintomático que o autor, ao traçar um diagnóstico das primeiras escolas de Comunicação no Brasil, abra caminho para o entendimento do importante papel histórico exercido pela própria Universidade de São Paulo (assim como pelas demais universidades públicas que, paulatinamente, passam a instituir cursos na área com o passar das décadas) na consolidação de um pensamento comunicacional no país. Faz-se também significativa já naquele momento a presença demonstrada pelo autor de pontos que ainda alimentam os debates sobre a institucionalização da Comunicação como "espaço de saber" e como "campo profissional" (notadamente, a discussão sobre o embate curricular que envolve aspectos teóricos e práticos no ensino de Comunicação – assunto que também é abordado à frente por José Teixeira Coelho).

O conceito gramsciano de **hegemonia**, em certo sentido, pauta os outros três capítulos que compõem o primeiro bloco temático do livro. Destaque, nesse caso, para as reflexões de Anamaria Fadul ("Hegemonia e contracomunicação: por uma práxis da comunicação") e de Carlos Eduardo Lins da Silva ("Comunicação, hegemonia e contracomunicação"), ambos publicados originalmente em 1982. Nos dois casos, mas também no artigo de Jean-Claude Bernadet sobre a concepção de "contrainformação" na crítica cinematográfica, a discussão apresenta um caráter descentralizador que retira o foco das interpretações mecanicistas (tanto daquelas ligadas à perspectiva funcionalista como daquelas atreladas ao dogmatismo de determinadas tradições marxistas) e insere novas variáveis na relação entre a comunicação massiva e a ideologização dos discursos midiáticos.

A leitura proporcionada por Lins da Silva (teórico que aos poucos se distancia da academia e consolida-se como um dos mais representativos nomes do jornalismo paulista), por exemplo, constitui uma instigante reflexão sobre o papel da contrainformação – e, consequentemente, da subversão – dentro das próprias redações profissionais (trata-se, ao mesmo tempo, de um "tapa na cara" do maniqueísmo embalsamado em leituras empobrecidas da Escola de Frank-

furt e de um curioso retrato cada vez mais distanciado do interior das redações dos grandes veículos e mais próximo dos coletivos de mídia cidadã neste início de século XXI). São nos meandros desses textos agrupados a partir da ideia de **contestação** que se permite observar, em última instância, as contradições de uma ideia de **segurança** essencialmente militarizada e institucionalizada no seio de uma sociedade que clamava pela **liberdade**.

V

"Tempo de experimentação". O segundo bloco temático da coletânea é composto por dois tópicos mais específicos: "Alternativas possíveis" e "Transição e mudança", ambos estruturados a partir de textos publicados originalmente entre 1979 e o início dos anos 90. Integram o debate nomes significativos dos estudos da Comunicação e da Cultura (considerando, aqui, o sentido geertziano de **cultura** como resultado das tramas sociais tecidas cotidianamente na sociedade[5]). Ao passo em que Luís Milanesi ("A desordem") aborda criticamente a dialética imbricada no "conflito capaz de levantar suspeita em relação à ordem existente" no campo comunicacional, Ciro Marcondes Filho ("Contracomunicação oficial e espontânea") surpreende pela atualidade de seu ensaio – datado do início da década de 1980 – sobre as variantes dos conceitos de contrainformação e de contracomunicação. Particularmente, a reflexão proposta por Marcondes Filho com base em experiências europeias e latino-americanas de contracomunicação oficial e espontânea no pós-Segunda Guerra Mundial proporciona um pano de fundo bastante consistente para a compreensão desse fenômeno que se faz cada dia mais contemporâneo[6].

Pertinentes também são as reflexões de José Teixeira Coelho ("Da cultura esquecida à prática política") e de Anna Mae Tavares Bastos Barbosa ("A questão da interdisciplinaridade nas escolas de comunicação") – artigos que fazem jus ao subtítulo "Alternativas possíveis". A propósito, Teixeira Coelho, professor da ECA-USP que se destacaria mais tarde também como gestor cultural e diretor do prestigiado MASP (Museu de Artes de São Paulo), debate já em 1979 o papel da **formação humanística** nos cursos de comunicação a partir de um contraponto com o conceito de

5. Nesse sentido, ver, por exemplo, as reflexões de Clifford Geertz (2007).

6. Exemplo disso são as recentes manifestações midiáticas que sucedem as manifestações de rua iniciadas em junho de 2013. Em última análise, tais manifestações problematizam o modelo piramidal da comunicação massiva tradicional em detrimento da lógica reticular amparada pelas novas tecnologias digitais.

tecnicismo – aspecto outrora trabalhado por José Marques de Melo no início da coletânea. O autor problematiza o papel da universidade na sociedade e enfatiza que a razão de ser da instituição não deve se distanciar da "crítica de seus objetos e de sua própria atividade". É nessa conjuntura que Teixeira Coelho subleva a função dos **projetos laboratoriais** – espaços de experimentação que se consolidam em contraste (e em complementação) com a mera absorção teórica.

"Desordem, contrainformação, inderdisciplinaridade e experimentação". Enfim, temas que pautam, não por acaso, as reflexões alocadas no livro sob o codinome de "Alternativas possíveis". Tampouco por coincidência, essa face da coletânea marca outra importante contribuição dada pela principal universidade paulista ao debate público – isto é, a de manter-se sempre um passo à frente do *senso comum* em um período da história brasileira caracterizado pela privação de muitas liberdades individuais.

VI

"Transição e mudança". Os textos de Waldenyr Caldas ("A política de comunicação na América Latina"), Ismail Xavier ("Cinema em ritmo de indústria cultural"), Eduardo Peñuela Cañizal ("Tradição e modernidade") e Elza Ajzenberg ("Tempo de mudança") pautam um segundo momento de reflexões no interior do bloco temático dedicado às **experimentações**. A ideia de **transição** que denomina esse conjunto de capítulos não deixa de ser coerente, uma vez que suas publicações originais se deram exatamente no momento em que os pilares do militarismo ruíam no Brasil e eram sobrepostos pelos discursos da mudança e da liberdade expressiva.

Ao abrir a sessão de debates, por exemplo, o artigo de Waldenyr Caldas, datado de 1987, enfatiza o "papel social da informação" em uma sociedade em típico movimento. Faz-se pertinente destacar que o tema da intervenção política nos meios de comunicação – um dos cernes do texto de Caldas – ganha relevo especial naquele cenário marcado pelas cicatrizes deixadas na América Latina por diferentes experiências militaristas ditatoriais. É também significativo que, do ponto de vista das potencialidades técnicas da comunicação, o autor toque já no fim da década de 1980 na crise do jornal impresso – problemática bastante contemporânea com o advento das novas tecnologias digitais, mas naquele momento influenciada pela expansão em massa da televisão. Caldas apresenta um histórico das políticas de comunicação no Brasil e faz uma contundente ressalva a respeito do olhar superestimado projetado sobre a influência dos meios de comunicação na sociedade.

Destaque neste ponto também para as reflexões de Ismail Xavier. No interior da mesma conjuntura de transição por qual passava o país, o autor debate as nuances vividas pelo cinema nacional em um período no qual a cultura brasileira passa a ser vista essencialmente como entretenimento. Alguns aspectos são bastante caros à discussão estabelecida no capítulo: 1) a intervenção estatal no cinema brasileiro; 2) a emancipação do cinema de autor no país; 3) os problemas de conciliação entre este e o cinema dito de massa; 4) as contradições que, nesse cenário, envolvem a produção e a distribuição pública de filmes; e, finalmente, 5) a complexidade por trás da relação entre o financiamento estatal e a viabilidade do cinema nacional – temas que, da mesma forma como os demais, mantêm-se contemporâneos.

VII

"Tempo de avaliação". Interdisciplinaridade, recepção midiática e relação entre comunicação e consumo. O fetiche pela velocidade no jornalismo e a crise das narrativas na contemporaneidade. Na sequência, uma série de "revisões estratégicas" direcionadas aos objetos de estudo da Comunicação: o audiovisual, a propaganda, a educomunicação e as relações públicas. Em síntese, são essas as concepções-chave que caracterizam a reta final de "Pensamento Comunicacional Uspiano: impasses mundializadores na Escola de Comunicações e Artes (1973-2011)". Trata-se de um conjunto de nove capítulos redigidos por nomes não menos renomados no campo acadêmico das ciências sociais: Maria Immacolata Vassallo Lopes ("Diversidade e interdisciplinaridade"), Mauro Wilton de Sousa ("Práticas de recepção midiática"), Maria Aparecida Baccega ("Reflexões sobre as relações comunicação/educação e consumo"), Bernardo Kucinski ("Economia virtual e jornalismo on-line"), Cremilda Medina ("Déficit de abrangência nas narrativas da contemporaneidade"), Maria Dora Genis Mourão ("Breve histórico da área do ensino e do cinema e audiovisual"), Victor Aquino ("A USP e a invenção da propaganda"), Ismar de Oliveira Soares ("Educomunicação e terceiro entorno") e Margarida Maria Krohling Kunsch ("Relações Públicas na gestão estratégica da comunicação integrada nas organizações").

A ideia de "tempo de avaliação" sugerida por José Marques de Melo para nomear essa última parte da coletânea relaciona-se diretamente com a época de publicação original dos textos – ou seja, constituem, na íntegra, reflexões feitas já na entrada do século XXI, o que coincide naturalmente com um período de grande maturidade acadêmica e teórico-conceitual do corpo docente da ECA-USP. Contemporâneas por natureza, as reflexões colocam em cena temas especialmente significativos ao campo da Comunicação a partir dos anos 2000.

Dois exemplos que ilustram a pertinência dos demais capítulos merecem ser aqui pontuados. Primeiramente, no contexto de uma economia altamente globalizada, Bernardo Kucinski desenvolve uma elaborada crítica à fetichização de conceitos como "economia virtual", "realidade virtual" e "jornalismo on-line", problematizando tendências como a fragmentação da informação e o conflito existente (e agravado) entre as concepções de velocidade, qualidade e primazia das notícias[7]. O mesmo, sob o ponto de vista da atualidade temática, pode ser dito das reflexões de Cremilda Medina sobre a emancipação de um discurso fragmentalista que resulta na crise da autoria instituída na prática noticiosa contemporânea. Em suma, constituem textos que denotam a sensatez acadêmica de uma instituição que colabora em diferentes aspectos e momentos para a consolidação e a institucionalização (**a libertação**?) do campo científico da Comunicação.

VIII

Libertas Quæ Sera Tamen. É inegável, a despeito de todas as limitações intrínsecas ao gênero, que a coletânea "Pensamento Comunicacional Uspiano: impasses mundializadores na Escola de Comunicações e Artes" (1973-2011) cumpre sua contribuição ao campo de estudo. Numa primeira instância, como já dito, trata-se de uma obra comemorativa que não esconde seu papel laudatório – e, por isso mesmo, tem seu valor ressaltado. Todavia, outro ponto deve também ser aqui enfatizado: o próprio fio condutor do livro revela-se um sintoma da grande pluralidade e diversidade de perspectivas que a ECA-USP oferta ao âmbito universitário no país – aspecto trabalhado no breve capítulo redigido por Maria Immacolata Vassallo Lopes. A heterogeneidade da instituição, nesse cenário, contrasta com a homogeneidade de outras escolas de comunicação ao redor do mundo que se edificam sob influências quase exclusivas de determinadas correntes de pensamento. Dessa forma, não se pode perder de vista – sob o elevado risco de uma grave miopia histórica – a importância da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para o estabelecimento do estatuto científico interdisciplinar da Comunicação no Brasil.

Sobrevive, por fim, o questionamento-chave que percorre toda a leitura da obra: constituem os capítulos ali compilados uma sequência de textos datados

7. Debate que, por exemplo, dialoga em diversos aspectos, por exemplo, com o premiadíssimo documentário norte-americano *Inside Job*, de Charles Ferguson, vencedor do Oscar em 2010.

e fragmentários? Sim, como dificilmente seria diferente num projeto dessa natureza. Nem por isso, no entanto, deixam constituir pontos de vista altamente pertinentes e contemporâneos que ajudam – e muito, no caso de alguns deles – na compreensão da crise por que passa a comunicação massiva na entrada do século XXI. Faça-se o registro.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **O mundo pós-moderno:** diálogos com Zygmunt Bauman. Entrevista concedida ao projeto Fronteiras do Pensamento. Disponível em: <http://www.fronteirasdopensamento.com.br>. Acesso em: 25.fev.2013.

CARDOSO DE MELLO, João Manuel, NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). **História da vida privada no Brasil:** contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

GEERTZ, Clifford J., **O saber local:** novos ensaios em antropologia interpretativa. 9.ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2007.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru-SP: Edusc, 2001.

MARQUES DE MELO, José (Org.). **Pensamento Comunicacional Uspiano:** impasses mundializadores na Escola de Comunicações e Artes (1973-2011). Volume 2. São Paulo: SOCICOM e ECA-USP, 2011.

MARQUES DE MELO, José (Org.). **Pensamento Comunicacional Uspiano:** raízes Ibero-Americanas da Escola de Comunicações Culturais (1966-1972). Volume 1. São Paulo: SOCICOM e ECA-USP, 2011.

TRABALHO INTERNO. Direção: Charles Ferguson. Sony Pictures, 2010. DVD (108 min.). Título original: Inside job.

Uma (re)visitada ao legado Beltraniano

Lawrenberg Advíncula da Silva[1]

20.1 CAPÍTULO

MELO, José Marques de (Org). **Fortuna crítica de Luiz Beltrão – Dicionário Bibliográfico /** São Paulo: INTERCOM, 2012. Coleção Beltranianas; vol.1. 274p

"Não se corrige o mal com o mal, com a complacência ou cumplicidade".

(José Ingenieros)

Primeiros aclaramentos: nos meandros da obra e do organizador

A obra "Fortuna Crítica de Luiz Beltrão", lançada no ano passado (2012) e organizada pelo professor José Marques de

1. Professor do curso de Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), Brasil. Publicitário, Assessor de Comunicação. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea e Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso (ECCO-UFMT). Editor e Coordenador-geral da Revista Científica Comunicação, Cultura e Sociedade. Supervisor-geral da revista Mixtura, primeira publicação de culinária e cultura popular do estado de Mato Grosso. E-mail:lawrenberg@gmail.com

Melo, presidente de honra da INTERCOM, é extremamente oportuna para inventariar e destacar o visionarismo da produção intelectual de Luiz Beltrão, desde as suas primeiras experiências profissionais na redação do Diário de Pernambuco, em 1936, ao papel precípuo de pesquisador tanto junto ao ICINFORM – Instituto de Ciências da Informação – quanto ao CIESPAL – Centro Internacional de Estudios Superiores de Periodismo para América Latina. Assim como, parece-me emblemática no registro do comprometimento e militância acadêmico-científica exercida, ao longo das décadas, pelo professor JMM, recentemente agraciado pelo prêmio Jabuti 2013 por melhor livro em Comunicação publicado no Brasil[2].

Na obra, que se trata de um dicionário de verbetes em (Folk)Comunicação, o professor José Marques reúne de modo categórico 32 textos dos mais diversos autores, a fim de catalogar – e atualizar – a densa contribuição bibliográfica de Beltrão, à guisa da constituição de uma teoria em Comunicação genuinamente brasileira e em intersecção com a cultura popular.

Trata-se de uma publicação de uma riqueza de informações relevante para a pesquisa e o ensino das faculdades de Comunicação Social de todo o Brasil. Isto porque, de acordo com o professor JMM – no texto de apresentação da obra intitulado "Antecipação de Fortuna Crítica de Beltrão" –, nota-se o dimensionamento e resgate histórico do legado beltraniano e seu pioneirismo para as novas gerações de pesquisadores, num momento atual em que as ciências da Comunicação completam meio século de existência[3].

Um breve perfil do organizador da obra: José Marques de Melo, codinome Guerreiro Midiático

Atualmente lecionando no programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e membro titular da

2. O prêmio foi concedido pela Câmara Brasileira do Livro e a obra premiada de JMM, a História do Jornalismo (São Paulo, editora Paulus), versa sobre a produção jornalística não limitada tão-somente ao contexto histórico brasileiro, mas mundial, na medida em que constrói três eixos narrativos que focalizam: 1) os processos jornalísticos, 2) as conjunturas que os determinam, e 3) os sujeitos que fizeram seu resgate.

3. Esta constatação considera os primeiros estudos desenvolvidos pelo ICINFORM, no campus da Universidade Católica de Pernambuco, em 1963. Na época, o foco era a investigação sistemática de fenômenos gerados pelas indústrias de bens simbólicos, com destaque a televisão e o Cinema.

Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, o professor José Marques de Melo é reconhecido nacional e internacionalmente pelos seus trabalhos desenvolvidos no campo da Comunicação, com inúmeras publicações e participações nos eventos da ALAIC (Asociación Latinoamericana de Comunicación), IAMCR (International Association for Media and Communication Research), LUSOCOM (Federação Lusófona) e CONFIBERCOM (Confederación Iberoamericana). Inclusive foi em um desses eventos internacionais que tive o prazer de conhecê-lo pessoalmente, na ocasião do IV Panamericano de Comunicação em 2008, que foi realizado na Universidad Mayor, Santiago do Chile.

De acordo com a biografia do jornalista Sérgio Mattos (2010, p.159), como docente, JMM já:

> dirigiu escolas, cursos e laboratórios na USP, Unicamp e Umesp, entre outras universidades, além de ter exercido cargos públicos e proferido palestras e aulas magnas em centros de estudos de países como Argentina, Austrália, Bolívia, Chile, Canadá, Estados Unidos, Escócia, Espanha, França, Hungria, Irlanda, México, Panamá, Peru, Portugal, Venezuela e Uruguai.

Durante o regime militar brasileiro (1964-85), JMM, em prol das causas sociais, combateu a censura prévia à informação e a perseguição política feita pelo Governo aos seus opositores. Postura essa que, de acordo com a professora Cicília Peruzzo (apud GOBBI, 2010), rendeu-lhe o afastamento da Universidade de São Paulo (USP) e o impedimento de lecionar em outras universidades públicas, isso num período de cinco anos.

Com publicações que criticavam as condições vividas pelas denominadas classes subalternas do país entre os anos de 1970 e 80, e que contradiziam o discurso triunfante de progresso econômico dos governos militares, tão enfaticamente alardeado pela mídia de viés hegemônico[4], Melo direcionava o olhar

4. Ler mais sobre este discurso triunfante do progresso econômico nos livros Jornalismo Econômico de Bernardo Kucinski (1996) e Elementos para o Jornalismo Econômico de Sidnei Basile (2002). Ambos tratam da ênfase dada à cobertura especializada em economia durante o período militar, o que propiciou uma valorização dos profissionais jornalistas deste segmento, em detrimento do enfraquecimento de outros segmentos como o político, por exemplo. Naquele tempo, sob a influência e intervenção do ministro Delfim Neto, boa parte imprensa econômica mantinha-se forte ao prestar um serviço de propaganda ideológica, na medida em que enaltecia os investimentos do governo voltados para a industrialização e, na maioria das vezes, omitia o

dos estudos de Comunicação para segmentos da população historicamente alijados da narrativa urbana, quanto, sobremaneira, para meios de comunicação negligenciados por muitos. Livros como "Comunicação, Opinião e Desenvolvimento" (1975), "Subdesenvolvimento, urbanização e comunicação" (1976), "Comunicação e Incomunicação no Brasil" (1976) e "Comunicação e libertação" (1981), além de inúmeros artigos, clamavam por transformação social e uma pontual revisão de abordagem nas práticas jornalísticas – que instava por uma reformulação dos sistemas de agendamento midiático, dos critérios de noticiabilidade adotados, quanto, visava a uma maior valorização das fontes não oficiais (pessoas comuns e não vinculadas à órgãos públicos ou privados).

Sobre a contribuição e militância de JMM ao campo da Comunicação, a professora Dra. Maria Socorro Nóbrega (apud MATTOS, 2010, p.15) afirma:

> Quem examina atentamente os dados da formação e do crescimento intelectual de José Marques de Melo, numa leitura da vida como acontecimento, verá que ele, em sua conduta, adotou o critério segundo o qual nós nunca fazemos o suficiente por mais que façamos, e por isso é preciso fazer cada vez mais. Fazer o melhor e compartilhar. A partir do lugar e do tempo que ele ocupa, esse seu traço social distintivo apresenta-se no curso dos anos como ênfase na ação, no movimento, na energia e na performance.

Concomitante às publicações e o envolvimento com os movimentos sociais, deve-se considerar o engajamento de Melo na fundação e consolidação da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação, a INTERCOM, que no início teve seus primeiros esboços através do I Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação[5], realizado em 1978.

Trata-se de um guerreiro midiático[6] e com ideias póstumas ao seu tempo, que fez de sua trajetória profissional um dos alicerces para a institucionalização do campo da Comunicação no Brasil, dado a incipiência da pesquisa na área

---

engodo socioeconômico, a condição de indigência e o aparecimento de novas formas de desenvolvimento excludente.

5. O I Ciclo de Estudos da INTERCOM teve como tema central "Estratégias de Ensino da Comunicação".

6. Expressão essa que intitula a obra biográfica de Melo feita pelo jornalista Sérgio Mattos, lançada durante o Congresso Nacional da INTERCOM em Caxias do Sul, no ano de 2010.

nos anos 1950 e 60, período esse historicamente marcado de transição política (AI-5, golpe militar) e social (urbanização do país, êxodo rural), como de inovação das linguagens visuais por parte da chegada da televisão[7].

Mas talvez a melhor descrição sobre a personalidade do professor Zé Marques resida em um dos depoimentos feitos por ele mesmo ao jornalista Sérgio Mattos (2010, p. 166), ao resumir a sua vida atual da seguinte forma:

> Quando me aposentei no serviço público, cogitei parar de trabalhar para ficar em casa fazendo aquilo que mais apetecia. Alternamos os descansos em Campos do Jordão (montanha) e Maceió (praia). Mas logo me cansei de tanto descansar. E voltei a trabalhar como assalariado (docente) e empresário (consultor). A empresa que mantive durante dez anos já está fechada e agora só dou consultoria voluntária e gratuita para instituições que me parecem idôneas. A docência ainda me apetece, mas começo a sentir que preciso parar. O difícil é achar o momento adequado.

Falando sobre a obra

Para a publicação de "A Fortuna crítica de Luiz Beltrão" o professor JMM contou com a participação voluntária de 28 autores de diversas partes do país. Esses autores analisaram e discorreram sobre temas e por títulos que, na versão final da obra, foram organizados em ordem alfabética. Todos os textos tiveram a incumbência de destacar a vasta produção intelectual de Beltrão em vida, atentando para as experiências do pesquisador como profissional jornalista, na docência universitária, na investigação científica e, também, como ficcionista.

Com muita propriedade e clarividência nos critérios, JMM faz o resgate histórico da atuação pioneira do pesquisador pernambucano, traçando como espinha dorsal o papel desempenhado pelas reflexões de Beltrão para a fundamentação de um paradigma de comunicação voltado para as camadas populares, assim caracterizado pelo seu viés antropológico e aproximação com questões ligadas ao folclore.

7. Sobre a chegada da televisão no Brasil recomendo A história da televisão no Brasil do jornalista Sérgio Mattos e Chatô – O rei do Brasil de Fernando Morais, que tratam do impacto social causado pela primeira transmissão televisiva em abril de 1950 pela TV Tupi de São Paulo, resultado da ousadia do empresário e comunicador Assis Chateaubriand, proprietário do grupo Diários Associados.

Durante a apresentação, o pesquisador Osvando José de Morais, diretor editorial da INTERCOM, comenta sobre a proposta da Coleção Beltranianas, destacando o papel da folkcomunicação e da teoria beltraniana na compreensão da complexidade da cultura brasileira. Para, a partir disso, sugerir que a obra da Fortuna Crítica de Luiz Beltrão percorre com maior profundidade aspectos precípuos e diferentes dos convencionais manuais didáticos de comunicação. Principalmente no que tange a inter-relação entre os processos comunicacionais e as múltiplas significações das manifestações culturais.

Em seguida, o professor José Marques de Melo traça uma pertinente quão breve biografia de Luiz Beltrão, abarcando: a carreira profissional, a vida docente, o visionarismo de pesquisador, o ficcionista, o reconhecimento intelectual conquistado junto à comunidade brasileira e internacional de pesquisadores da área, além do seu acervo bibliográfico. E finaliza perfilando o status atual do acervo bibliográfico de Beltrão e convidando "o leitor jovem do campo comunicacional para conferir os textos do Dicionário, caracterizados por uma análise crítica de conteúdo de cada título publicado".

Confesso que, por questões metodológicas que me impedem de alongar – a *pari passu* – a análise de cada um dos textos dos 28 autores, vou resumir cada capítulo reproduzindo o nome dos autores, o título da obra, além de uma menção ao conteúdo trabalhado.

A coletânea se inicia com o texto do pesquisador Eduardo Amaral Gurgel, jornalista graduado pela FAI – Faculdades Adamantinenses Integradas – e pós-graduado em Comunicação Empresaria pela Unitoledo, Araçatuba, estado de São Paulo; que se intitula "Bibliografia: Roteiro Cronológico da Obra de Luiz Beltrão". Neste capítulo, Gurgel elenca as obras de Beltrão de 1950 a 2004, totalizando 30, dissertando sobre as consideradas mais importantes para o campo da Comunicação.

- Francisca Rônia Barbosa: "Biografias - Quem é quem no Dicionário Bibliográfico". A autora traça um minicurrículo de todos os 28 autores do "Dicionário Bibliográfico de Beltrão".

- Guilherme Moreira Fernandes: "Comunicação e Folclore". A obra que, segundo o autor, debate "a comunicação sub-reptícia de milhares de brasileiros" (p.43) de um dos dois Brasis (Djaci Menezes), é parte da tese de doutorado de Luiz Beltrão defendida em 1967 na Universidade de Brasília (UnB). Do ponto de vista teórico-metodológico, Guilherme Moreira – atual diretor administrativo da Rede Folkcom – evidencia o diálogo de Beltrão com grandes nomes das Ciências Humanas e Sociais, ao delinear o percurso do grande pesquisador para

a sistematização da teoria folkcomunicacional – historiando desde o período "Pré-Cabralino" e "Colonial" ao regime da ditadura militar no Brasil (1964-85).

- Maria Isabel Amphilo: "Contos de Olanda". Considerado um documento histórico e literário (prosa pós-modernista), Contos de Olanda é enfocado pela autora como um retrato "preciso" da Olinda dos fins do século XVII, marcada pela presença de uma forte religiosidade e uma economia iminentemente açucareira como resultante das ocupações holandesas. Tal como, revela o lado ficcionista de Beltrão.

- Rosa Mara Vidal de Souza: "Enseñanza de la técnica del periodismo". Trata-se de uma obra baseada no curso sobre prática e teoria do ensino do jornalismo, que foi ministrado por Beltrão e realizado pelo CIESPAL (Centro Internacional de Estudos Superiores de Periodismo para América Latina), na cidade de Quito, Equador, em setembro de 1963.

- Iury Parente Aragão: "Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias". De acordo com o autor, o livro, que se divide em duas partes – a primeira tratando de fundamentos teóricos e da metodologia, enquanto a segunda que fala da comunicação nos períodos pré-cabralino e no Brasil colonial –, aprofunda a teoria da folkcomunicação no que tange as potencialidades e a capacidade de intervenção política, social e cultural da comunicação popular, ao considerar os seus meios de expressão em contraposição aos Meios de Comunicação de Massa (MCM).

- Cristina Schmidt: "Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados". Publicada em 1980, esta obra comentada pela professora Cristina Schmidt dimensiona as camadas populares nos universos rurais e urbanos dos processos comunicacionais, a partir da classificação em grupos marginalizados: rurais, urbanos e culturais.

- Marcelo Pires de Oliveira: "Folkcomunicação: Teoria e Metodologia". Ao frisar a conceituação e delimitação dos grupos marginalizados, o autor, professor da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus-BA, resume esta obra de Beltrão como um importante arcabouço teórico e metodológico para as investigações em folkcomunicação. Tal como, já ao final do seu texto, indica a obra do professor José Marques de Melo, "Mídia e Cultura popular: história, taxionomia e metodologia" (2008) quanto uma atualização desta publicação de Beltrão de 2004.

- Lana Cristina Nascimento Santos: "Fundamentos Científicos da Comunicação". Depois de fazer um *insight* histórico sobre as primeiras investigações em Comunicação na América Latina, realizadas no final da Segunda Guerra Mundial e sob um aspecto empresarial e político, a pesquisadora Lana Cristina afirma que esta obra publicada em 1973 está sintonizada com a trilogia beltraniana: "Fundamentos científicos da Comunicação" (1973), "Teoria Geral da Comunicação" (1977) e "Teoria da Comunicação de Massa" (1981).

- Cibele Maria Buoro: "Greve dos desempregados". A autora, docente do curso de Jornalismo da Universidade Anhembi Morumbi (SP) desde 2002, envereda pelo romance, destacando o momento político do país (1964-85) e as lutas de classes.

- Fábio Gonçalves Ferreira: "Índio, um mito brasileiro". De acordo com o autor, a obra foi um tributo do autor aos povos indígenas, uma vez que ele tinha pouco explorado o tema nas suas publicações anteriores.

- Francisco de Assis: "Iniciação à filosofia do jornalismo". Francisco de Assis, professor do curso de Jornalismo da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-SP), é categórico na sua síntese da obra quando situa a obra no espaço, no tempo e em comparação com as outras obras de Beltrão, do ponto de vista da prática profissional em jornalismo e em seu ensino-aprendizagem no âmbito acadêmico.

- Eduardo Amaral Gurgel: "A Imprensa Informativa". Na condição de "um manual que servisse de base para professores e profissionais de jornalismo", assim é a definição que o autor, Eduardo Gurgel, faz da obra "A imprensa Informativa de Beltrão", publicada no ano de 1969, e parte de uma trilogia didática que seria completa pelas obras: "Jornalismo Opinativo" (1980) e "Jornalismo Interpretativo" (1976).

- Antônio Teixeira de Barros: "Itinerário da China". Ao falar sobre esta obra, o professor Antônio Teixeira diz que ela revela a convicção de Beltrão em um jornalismo "como uma espécie de diplomacia da cultura e da paz entre os povos, como um instrumento de aproximação das nações, das autoridades e dos profissionais de mídia" (2012, p.49).

- José Marques de Melo e Osvando José Morais: "Jornalismo Cultural". Fazendo uma correlação com outras obras de cunho didático de Beltrão, entre elas, Jornalismo Informativo, Jornalismo Opinativo e Jornalismo Interpretativo, tal como partindo da intersecção teórica entre os estudos de Mídia e Cultura, o professor José Marques de Melo e Osvando José Morais observam e concluem

que a obra Jornalismo Cultural ilustra "a importância do pensamento beltraniano na construção de teorias que pretendem traduzir o tempo cíclico e acelerado da cultura, suas novas produções, trocas, perda de memória em um contexto da indústria cultural que é por si mesma colonizadora" (2012, p.152).

- Clarissa Josgrilberg Pereira: "Jornalismo Interpretativo". A autora aponta a obra, escrita em 1976, como a primeira a discutir sobre o gênero jornalístico**.** Discussão que parece enfática na coletânea de Beltrão, principalmente quando ele (1980, p.9) afirma que: "o atributo da interpretação, que evolui de tarefa privativa do agente cultural comunicador para generalizar-se como legítimo direito do receptor, que não se satisfaz com a sub-informação nem com a informação dirigida e massificante".

- Ieda Cristina Borges: "Jornalismo Opinativo". Mais uma obra voltada para o aprofundamento dos estudos de gêneros jornalísticos, Jornalismo Opinativo, para Ieda Cristina (2012, p.159): "nasce das inquietações do pesquisador Luiz Beltrão após diversas experiências e estudos como docente nos cursos de jornalismo e nas disciplinas técnicas e teoria da comunicação".

- Malena Araújo Mota: "Marketing, Cultura e Informação". Artigo publicado por Beltrão na coletânea "Textos de Comunicação", em 1977 (Brasília: ICINFORM), o texto, segundo a autora, jornalista e assessora de imprensa da Prefeitura Municipal de Palmas, capital do Tocantins, deslinda pelo campo conceitual do Marketing, também denominado de Mercadologia, e a necessidade de sua conexão com a cultura local.

- Juliano Domingues da Silva: "Memória de Olinda". Com uma descrição poética sobre o caminhar pelas ruas da cidade de Olinda, Juliano Domingues, professor de jornalismo da Unicap, depõe de modo entusiástico a obra literária de Beltrão mais nostálgica, afinal de contas, compartilha as lembranças de infância e adolescência do grande pesquisador brasileiro. E mais do que isso, para Juliano (2012, p.178) esta obra de Beltrão fornece "pistas sobre a gênese ontológica e epistemológica desse que é o pioneiro das ciências da comunicação no Brasil".

- Sérgio Carlos Francisco Barbosa: "Mídia e Folclore: O estudo da Folkcomunicação segundo Luiz Beltrão". Provavelmente uma das obras de Beltrão que melhor traça um panorama sobre o campo e os estudos em Folkcomunicação, conforme o autor (2012, p.179), o livro "Mídia e Folclore", organizado por José Marques de Melo e publicado em 2001, abrange: "diversos aspectos envolvendo as questões abordadas nas pesquisas na área como marcas determinantes para os próximos anos, quando pesquisadoras e pesquisadores levantaram outras possibilidades neste campo da pesquisa comunicacional".

- Antônio de Andrade: "Midiologia". O autor, professor da faculdade de Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), discorre sobre os artigos reunidos pelo professor José Marques de Melo nesta importante coletânea para o campo da folkcomunicação, a maioria deles extraída de diversas edições da revista científica "Comunicação & Problemas", primeiro periódico da área no Brasil.

- Eduardo Amaral Gurgel e Roseméri Laurindo: "Pedagogia da Comunicação de Luiz Beltrão". Para tratar de forma mais pormenorizada desta importante publicação beltraniana para a educação em comunicação e jornalismo, coube a responsabilidade aos pesquisadores Eduardo Gurgel e Roseméri Laurindo que, numa análise geral, sugerem que a obra "deixa evidente a centralidade do jornalismo na construção dos procedimentos históricos que tornaram o fenômeno da comunicação objeto de ensino, pesquisa e extensão no país" (2012, p.188).

- Sônia Maria Jaconi: "Quilômetro Zero". Considerado o livro de estreia de Beltrão na literatura ficcional, a obra foi publicada em 1960 pela Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco. De acordo com a autora, Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), Quilômetro Zero "reúne nove contos que Beltrão escreveu em diferentes épocas de sua vida e que, em momento oportuno, os apresentou no 1º Prêmio de Conto em 1958".

- Eliane Penha Mergulhão Dias: "Os Senhores do mundo". Ao comentar esta obra de Beltrão de cunho literário, a intenção da autora é mostrar a capacidade de Beltrão de representar e construir personagens, quase todos refratários de contradições sociais e históricas em andamento no Brasil e na América Latina, num período que sucede a Segunda Guerra Mundial. O que, em contraponto, justifica um olhar crítico dele acerca dos agentes e atores envolvidos no universo dos processos folkcomunicacionais.

- Sebastião Breguez: "A Serpente no Atalho". Para Sebastião Breguez esta obra retrata o comprometimento de Beltrão com as manifestações religiosas.

- Maria José Oliveira: "Sociedade de massa: comunicação e literatura". A autora, designer gráfica e Mestre em Comunicação pela UMESP, se propõe a fazer aproximações e incursões entre os textos beltranianos e uma significativa gama de autores das Ciências Sociais, entre eles, o filósofo espanhol Ortega y Gasset, o americano Wright Mills, o francês Edgar Morin, o canandense Marshall Mcluhan e o italiano Umberto Eco.

- Magnolia Rejane Andrade dos Santos: "As Sombras do ciclone". De acordo com a autora, professora adjunta do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Alagoas, no romance Beltrão "assume como um homem de fé ao dedicá-la aos seus pais".

- Marli dos Santos: "Teoria da Comunicação". A professora Marli dos Santos comenta esta importante coletânea de textos reunidos sob o título de "Teoria da comunicação", que evidencia a versatilidade e a militância acadêmico-científica de Beltrão. Uma obra dividida em sete capítulos que mostra: "a preocupação de Beltrão com o investimento em tecnologia da comunicação para acelerar o desenvolvimento, na importância dos meios de comunicação na vida do homem, discutindo perspectivas e propostas inovadoras (à época) de pensar a comunicação" (2012, p.240).

- Maria Cristina Gobbi: "Teoria da comunicação de massa: subsídios". Visando a uma demarcação mais clara e elucidativa acerca do conceito de comunicação de massa – inicialmente introduzida como Mass Communication Research, desenvolvido por Harold D. Lasswell –, a autora, uma das responsáveis pela Coleção Beltraniana e professora do programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática da Unesp, discorre sobre a "diferenciação entre o que compreende a comunicação massiva e os meios ou veículos utilizados para divulgação de mensagens", a partir do diálogo com autores das Ciências Humanas e Sociais historicamente relacionados à formação das teorias da comunicação, tais como: Merton, Lazarsfeld, Wright, Adorno.

- Tyciane Cronemberger Viana Vaz: "Teoria e Prática do Jornalismo". Esta obra de Beltrão, conforme a autora, é uma publicação que, contrariando a obsolescência natural de outras obras no campo jornalístico, perdurou até os dias atuais, ao fortalecer conceitos e embasar a teoria e prática no exercício do jornalismo.

- Karina Janz Woitowicz: "Teoria Geral da Comunicação". Como resultado da experiência de Beltrão como jornalista, professor e pesquisador, mas, ao mesmo tempo, refletindo um contexto histórico marcado pela consolidação dos cursos de Comunicação Social no país, isso a partir de 1970, esta obra de Beltrão repercute as bases conceituais necessárias para a formação dos comunicadores. É, segundo a análise de Karina Janz, vice-presidente da Rede Folkcom, um excelente roteiro didático sob a incumbência de "desvendar o conceito de comunicação, em um percurso pelas formas, características e efeitos do processo comunicacional" (2012, p.260).

- Antonio de Andrade: "Zum – Índice Onomástico". Ao todo são 280 verbetes de nomes de autores, de expressões e terminologias conceituais. A letra com mais verbetes é a "M", enquanto os verbetes mais lembrados foram Beltrão e Melo com, respectivamente, 285 e 50 menções. De algum modo, o Índice Onomástico possibilita um mapa semântico do universo folkcomunicacional, mensurando a importância de termos e palavras para área conforme o grau de incidência.

Comentário final

Antes de mais nada, gostaria de agradecer ao convite do amigo e companheiro de Rede Folkcom, Iury Parente, e dizer que foi uma honra revisitar a obra de Beltrão quão prestigiar, mais uma vez, uma publicação organizada pelo professor José Marques de Melo. Dessa vez, um dicionário bibliográfico.

Confesso que não foi uma tarefa fácil comentar uma produção bibliográfica tão vasta e contundente para o campo da Comunicação. Ainda assim, sempre me mantive motivado e com a certeza de que esta leitura pudesse prospectar uma reflexão coerente e tangível para os pesquisadores que lerem, tal qual, a partir disso, está dando continuidade a este importante inventário: o do registro de uma teoria da Comunicação genuinamente brasileira.

Chegado os 50 anos de existência da Comunicação, pode-se notar que o legado beltraniano ainda permanece atual e sólido, tanto na prática e ensino de jornalismo, quanto no fomento de novos objetos e metodologias na produção transdisciplinar em Comunicação. Este legado contradiz ao paradigma midiacêntrico difundido pelas escolas norte-americanas de Comunicação, ao direcionar o seu foco de estudo para as manifestações populares e a cultura brasileira em si.

Também é preciso observar que por trás dos ensinamentos de Luiz Beltrão se evidencia toda uma catalogação e sistematização das combinações, estratégias e táticas de enunciados e comunicação feitas pelas camadas marginalizadas da população, isto é, um modo tático, assim lembrando os estudos do filosofo francês Michel De Certeau acerca das formas de resistência da minoria ante a lógica hegemônica, na obra "A invenção do cotidiano" (1990). E, ao mesmo tempo, que a teoria folkcomunicacional, analisando grossamente, aproxima numa mesa de discussão simétrica os veículos de massa, historicamente vocacionados pelo ímpeto das sociedades industriais, e o folclore, enquanto prática coletiva de uma determinada comunidade.

Por fim, quero destacar que a obra faz uma ponte entre a primeira geração de pesquisadores em folkcomunicação com as novas gerações, ao possibilitar a

participação eclética de autores de diversas idades e regiões do país, como foi o meu caso: professor do curso de jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat, situado na pequena cidade de Alto Araguaia, 15 mil habitantes. O que, por si só, já merece todos os cumprimentos, pois estamos falando de uma inversão de valores na relação Centro e Periferia no mapa da pesquisa do Brasil, fazendo, por exemplo, a "denominada" periferia da periferia (rótulo atribuído por alguns alunos das instituições da capital de Mato Grosso aos alunos de Alto Araguaia) se converter em Centro emergente de estudos folkcomunicacionais no Brasil e na América Latina.

Referências

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Interpretativo**: filosofia e técnica. 2ed. Porto Alegre: Sulinas, 1980.

BENJAMIN, Roberto. **Itinerário de Luiz Beltrão**. Recife: UNICAP, 1998.

GOBBI, M. Cristina. Trajetória intelectual de José Marques de Melo: 1959-2009. In: HOHLFELDT, A. (Org.). **José Marques de Melo, construtor de utopias**. São Paulo:INTERCOM, 2010. p. 27-41.

MARQUES DE MELO, José (Org.). **Comunicação e classes subalternas**. São Paulo: Cortez, 1980. 203 p.

_____ (Org). **Fortuna crítica de Luiz Beltrão – Dicionário Bibliográfico /** São Paulo : INTERCOM, 2012. Coleção Beltranianas; vol.1. 274p

LOPES, Maria Immacolata V. de. A pós-graduação em comunicação no Brasil. In: KUNSCH, M.M.K; MARQUES DE MELO, J.(Orgs.). **Comunicação ibero-americana**. São Paulo: SOCICOM/Coonfibercom, 2012. p. 189-209.

MATTOS, S. **O guerreiro midiático**. Biografia de José Marques de Melo. Petrópolis: Vozes/ São Paulo: INTERCOM, 2010.

Uma obra de fôlego para a Disciplina Folkcomunicação

Guilherme Moreira Fernandes[1]
Júnia Martins[2]

21.1 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José; FERNANDES, Guilherme Moreira (Orgs.). **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013. 1100p.

A história de José Marques de Melo é um compêndio exaustivo de dedicação à produção bibliográfica e à busca da sistematização do ensino e da pesquisa em Comunicação. Além de ter formado gerações de jornalistas e pesquisadores na área, Marques de Melo já produziu inúmeras obras de síntese com os mais variados assuntos abarcados pelo campo comunicacional. Logo no início da sua carreira acadêmica, há quase meio século, teve o primeiro contato com a ideia do que mais tarde se tornaria uma disciplina sedimentada – a Folkcomunicação.

1. Jornalista e Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Diretor Administrativo da Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação nas gestões 2011-2013 e 2013-2015.

2. Bacharela em Comunicação (habilitação Rádio e TV) e mestranda em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba. Diretora secretária da Rede de Estudos em Pesquisa em Folkcomunicação na gestão 2013-2015.

Tal contato estabeleceu-se a partir do ano de 1966, período em que Marques de Melo atuou como assistente do professor Luiz Beltrão, no Instituto de Ciências da Informação da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), em Recife. De todas as benesses que ficaram da relação profissional amistosa entre o professor e o então assistente, talvez a mais profícua delas seja as sementes lançadas para o frutificar da Folkcomunicação enquanto disciplina e teoria.

A teoria da Folkcomunicação, cunhada por Luiz Beltrão em sua tese de doutoramento, defendida na Universidade de Brasília em 1967, sempre foi difundida com entusiasmo por Marques de Melo. Este, inclusive, abordou em seu livro de estreia no ambiente científico – "Comunicação Social: teoria e pesquisa" (1970), a Folkcomunicação como parte do grupo das Ciências da Informação individual e grupal, ao lado da Linguística e da Educação. Ainda na parte do livro dedicada à teoria, o ensaio "Comunicação, cultura de massa, cultura popular" (inserido no "Metamorfose da Folkcomunicação" sob o título "Cultura popular na sociedade midiática") trata também dos processos folkcomunicacionais. Salientamos que, somente em 1971, o livro "Comunicação e Folclore", que contém partes da tese de Beltrão, foi publicado.

Com a morte de Luiz Beltrão, em 1986, a pesquisa em Folkcomunicação sofreu, contudo, um declínio; ficando praticamente restrita às ações do professor Roberto Benjamin e seus discípulos Osvaldo Trigueiro, Luiz Custódio da Silva e, mais tarde, Betania Maciel e Severino Alves de Lucena Filho. Em 1998, com a criação da Conferência Brasileira de Folkcomunicação pela Cátedra Unesco/ Metodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional (esta sediada em São Bernardo do Campo e dirigida pelo professor José Marques de Melo), a Folkcomunicação retornou ativa às pesquisas em Comunicação.

Os dois livros bases de Beltrão, o já citado "Comunicação e folclore" e o "Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados", permanecem esgotados, o que de certa forma trouxe prejuízo ao desenvolvimento de pesquisas sobre o tema, muitas vezes atrelado apenas ao domínio teórico do folclore e não dos procedimentos comunicacionais. Em 2001, contudo, Marques de Melo lançou a coletânea "Mídia e folclore: o estudo da Folkcomunicação segundo Luiz Beltrão". A obra reuniu além de textos do Beltrão, atualizações realizadas tanto por Marques de Melo quanto por outros estudiosos como Roberto Benjamin, Joseph Luyten e Osvaldo Trigueiro. Pouco tempo após o lançamento, a edição já estava esgotada. Também em 2001, por iniciativa do professor gaúcho Antonio Hohlfeldt, a tese de Beltrão foi publicada na íntegra pela editora da PUC do Rio Grande do Sul. Neste mesmo período, Roberto Benjamin e Severino Lucena lançaram obras sobre o tema, Benjamin definindo a "nova abrangência da Folkcomunicação", e Lucena Filho fazendo as aproximações da teoria beltraniana com a comunicação organizacional.

Mesmo com essas relevantes publicações, o professor Marques de Melo não se aquietou. Embora empolgado com o interesse da nova geração, ele não estava plenamente satisfeito com as pesquisas desenvolvidas no âmbito da Folkcomunicação, seu anseio era ampliá-las e difundi-las ainda mais no universo acadêmico. Em 2004, portanto, a Cátedra Unesco/Metodista de Comunicação publicou "Folkcomunicação: teoria e pesquisa". A obra reuniu capítulos de livros e artigos escritos por Beltrão em diferentes revistas científicas. No prefácio, Marques de Melo afirmou: "cresce o interesse da nova geração acadêmica pelo estudo daquelas manifestações da cultura popular que, em meados do século XX, Luiz Beltrão tipificou singularmente ao criar a disciplina denominada Folkcomunicação" (MARQUES DE MELO, 2004, p. 9). Neste paralelo, também sinalizou a preocupação com o andamento das pesquisas referentes:

> Basta examinar cuidadosamente as centenas de trabalhos expostos e debatidos durante as edições da FOLKCOM – Conferência Brasileira de Folkcomunicação, para perceber com nitidez a vacilação, impropriedade ou impertinência de algumas tendências recentes da pesquisa nessa área. Existem trabalhos que não ultrapassam o caráter etnográfico peculiar aos estudos antropológicos e outros que se constituem em meras análises de conteúdo, semelhantes aos estudos sociológicos. (MARQUES DE MELO, 2004, p. 10).

Com as publicações até então lançadas, somadas às posteriores, em especial a coletânea "Folkcomunicação na arena global: avanços teóricos e metodológicos" (SCHMIDT, 2006) e o livro "Folkcomunicação & ativismo midiático", de Osvaldo Trigueiro (2008), é visível uma guinada nos estudos da disciplina. A guinada, enquanto sinônimo de expansão e consistência, pode ser observada no teor dos trabalhos e espaços conquistados, não apenas na esfera da Conferência Folkcom, mas também em outros ambientes institucionais como INTERCOM, ALAIC, CONFIBERCOM, IBERCOM etc. Os membros constituintes da Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação (Rede Folkcom), oficializada como organização não-governamental em 2004, indubitavelmente contribuíram para esta significativa mudança de cenário. O prêmio Luiz Beltrão, concedido pela INTERCOM à Rede Folkcom em 2011, na categoria Grupo Inovador, coroou o fortalecimento desta equipe de pesquisadores e, por consequência, dos estudos científicos folkcomunicacionais.

As pesquisas avançaram, livros foram lançados (muitos hoje esgotados) e a história da Folkcomunicação – com seus quase 50 anos, rompeu fronteiras além Brasil. Porém, os jovens pesquisadores do referido campo teórico ainda sentiam dificuldades no acesso a uma bibliografia que contemplasse todas as fases da disciplina,

com olhos desde o nascimento à contemporaneidade, destacando principais atores, textos e metodologias que envolvem a Folkcomunicação. Com vistas à completude, tal bibliografia necessitaria abraçar não somente a gênese e configurações da Folkcomunicação, mas também o processo anterior, ou seja, as matrizes utilizadas por Beltrão para a concepção do campo disciplinar na Folkcomunicação. Matrizes estas, sobretudo, com raízes no Folclore e na Cultura Popular.

Foi justamente pensando na "pré-história da disciplina" e na "história em construção", que o professor Marques de Melo projetou "Metamorfose da Folkcomunicação" – um livro com a intenção de recuperar textos basilares de outrora, trazer escritos contemporâneos relevantes e realçar metodologias possíveis para a pesquisa na área. Para dar início à tarefa herculeana, José Marques de Melo esboçou o sumário e roteirizou o conteúdo em dez partes temáticas, posteriormente modificadas no processo de construção. À missão da empreitada, foram convidados dez pesquisadores com sólidos estudos no campo folkcomunicacional, cada um com a função de editar uma parte temática, assumindo o papel de coeditor da obra. Entre as atribuições do coeditor, estava a de convidar outros pesquisadores para redigir uma nota introdutória a cada um dos textos incluídos nas dez seções do "Metamorfose". Cada coeditor de seção também ficou responsável por produzir um texto que desse conta dos assuntos e temas retratados na seção que dirigiu.

As oito primeiras seções foram baseadas em conteúdos já publicados anteriormente, porém com circulação restrita na atualidade. As notas introdutórias se incumbiram de atualizar o pensamento dos respectivos autores, assim como também de situar o leitor no tempo e espaço apresentado por cada texto vinculado, salientando os vieses mais importantes. As duas seções seguintes, compostas de produções inéditas, debruçaram-se sobre o estudo da arte da disciplina.

Para cumprir a demanda da construção de um material tão complexo quanto relevante, o professor José Marques de Melo convidou o pesquisador e membro da Rede Folkcom, Guilherme Fernandes, o qual ficou responsável por organizar o conjunto da obra ao lado de Marques de Melo.

"Metamorfose da Folkcomunicação" perfaz-se, como já dito, de dez seções temáticas, dispostas na direção "pré-história da disciplina (Parte 1) → história em construção (Parte 2)". Como elementos pré-textuais, traz o prefácio assinado por Marques de Melo e o prólogo por Guilherme Fernandes. Inserido como introdução do livro, o texto da professora Luitgarde Cavalcanti Barros, "Folkcomunicação, variação dos estudos de cultura", aborda, entre outros pontos, a confluência entre o pensamento do filósofo Antonio Gramsci com o do jornalista Luiz Beltrão. A professora alagoense faz ainda um grande levantamento de pensadores brasileiros (como Machado de Assis, Mário de Andrade e Arthur Ramos) que trabalharam anteriormente a Luiz Beltrão com a temática da Cultura, no sentido mais antropológico do termo.

A primeira seção (Parte 1 do livro) tem a coordenação da professora Dra. Maria Isabel Amphilo, sob o título "Matrizes Teóricas". Nela estão importantes textos de folcloristas que se preocuparam em estudar o folclore como disciplina ou campo científico e a dinamicidade do seu processo. "Matrizes Teóricas" traz textos de Jorge González ("O filão gramsciano na América Latina"), Edison Carneiro ("A dinâmica do Folclore"), Maria Isaura P. de Queiróz ("Funções sociais do Folclore"), Vicente Salles ("Questionamento teórico do Folclore") e Luiz Beltrão ("Folkcomunicação, intercâmbio de mensagens"). As notas introdutórias foram redigidas respectivamente por: Maria Isabel Amphilo, Sérgio Gadini, Maria Isabel Amphilo, Sebastião Breguez e Maria Cristina Gobbi.

A segunda seção apresenta textos que se tornaram clássicos ao inovar e expor novos objetos de estudo, alicerçados no empirismo. Intitulada "Matrizes Empíricas", é coordenada pelo doutorando Iury Parente Aragão, que grifa, em sua nota introdutória, a importância da vivência/experiência do pesquisador, das fontes e métodos utilizados no campo de pesquisa, com intenção de alcançar resultados mais fidedignos às investigações. O empirismo traz à tona a própria pesquisa beltraniana sobre os ex-votos, que culminou na formulação da Teoria da Folkcomunicação. "Matrizes Empíricas" é constituída por reflexões de Lévi-Strauss sobre o Papai Noel; de Gioconda Mussolini sobre os pasquins do litoral norte de São Paulo; de Raymond Cantel, no perscrutar da literatura de cordel; de Antonio Candido acerca das raízes indígenas na dança popular; de Carlos Rodrigues Brandão, com seu trabalho clássico sobre os caipiras de São Paulo; e de Luiz Beltrão, com o texto sobre o ex-voto enquanto veículo jornalístico. As notas introdutórias são assinadas, respectivamente, por José Marques de Melo, Valquíria Kenneip, Carlos Nogueira, Lawrenberg Silva, Diego Dionísio e Iury Parente Aragão.

Na sequência, é apresentada a seção III. Com o tema "Precursores e Pioneiros", tem como editor o professor Dr. Osvaldo Trigueiro, o qual destaca a dificuldade e a responsabilidade da coordenação de um capítulo com tamanha grandiosidade. "Precursores e Pioneiros" reúne trabalhos de grandes nomes do pensamento do folclore no Brasil – Câmara Cascudo (sobre a cultura popular); Alceu Maynard Araújo (sobre a literatura de cordel); Florestan Fernandes (sobre o Folclore); Arthur Ramos (sobre o negro e o folclore cristão brasileiro); Egon Schaden (sobre problemas e aspectos do folclore teuto-brasileiros); e Luiz Beltrão (sobre o índio e o homem brasileiro). As notas de cada texto supracitado têm autoria respectiva de Severino Vicente, Gutenberg Medeiros Costa, Sebastião Guilherme Albano, Luís Custódio da Silva, Verônica Dantas e Wedencley Alves.

Seguindo a trilha da pré-história da disciplina, "Cartografia Cultural" se interpõe como título da quarta seção, que tem o pesquisador Me. Guilherme Fernandes na função de editor. Este chama a atenção para a multiperspectiva

das Ciências da Comunicação e para a complexidade cultural. São destacados, neste ínterim, cinco textos provenientes das Ciências Humanas e Sociais, com o objetivo de explanar aspectos culturais do brasileiro em diferentes momentos históricos. Estes textos pautam o desenvolvimento cultural do Brasil (por Fernando Altenfelder Silva e Betty J. Meggers); as regiões culturais para o estudo do Folclore (por Manuel Diégues Júnior); os problemas ligados à cultura das classes pobres (por Ecléa Bosi); o questionamento do uso do termo "subcultura" (por Ruth Cardoso) e a comunicação popular e região no Brasil no decênio de 1970 (por Luiz Beltrão). As atualizações e destaques de saliências de cada um destes, são feitos, respectivamente, pelos pesquisadores Christina Ferraz Musse, Igor Sacramento, Maria José Oliveira, Paulo Roberto Figueira Leal e Júnia Martins.

A quinta seção, "Incursões Emblemáticas", a última da Parte 1, é dirigida pela professora Dra. Karina Janz Woitowicz. Aborda a filosofia de para-choques segundo Mauro Almeida; a relação de classes na literatura de cordel conforme Marcius Cortez; o local do universal no circo brasileiro segundo José Ramos Tinhorão; as transformações culturais no carnaval brasileiro, de acordo com Olga von Simson; e o folclore como discurso segundo Luiz Beltrão. As notas que introduzem cada texto provêm dos autores Cíntia Xavier, Karina Janz Woitowicz, Rafael Schoenherr, Marcelo Pires de Oliveira e Sérgio Gadini.

A Parte 2 de "Metamorfose da Folkcomunicação" estabelece, sequencial e detalhadamente, os processos históricos da disciplina e teoria. Segundo os autores, pode ser compreendida como a metamorfose em si. A preocupação desta fase foi

> reunir textos teóricos e empíricos que evidenciem o caráter dinâmico e atual da disciplina instituída por Beltrão e que vem ganhando novos contornos não imaginados por ele, dados, inclusive, ao período digital que ele não vivenciou. [...] A segunda parte reúne, portanto, textos que se tornaram clássicos e outros inéditos escritos especialmente para esta obra (FERNANDES, 2013, p. 20).

Para tanto, esta parte está dividida em cinco outras seções temáticas inerentes – "Gênese", "Configurações", "Cognição", "Institucionalização" e "Sedimentação", as quais correspondem às seções VI à X do livro. Como coordenadoras de cada seção, temos, respectivamente, as professoras Dras. Maria Cristina Gobbi, Betania Maciel, Cristina Schmidt, Maria Érica Oliveira Lima e a pesquisadora Júnia Martins.

Ao final das duas partes matrizes da obra, são apresentados ainda três importantes capítulos: "Cronologia" (editado por Guilherme Fernandes), no desenho de uma linha temporal dos principais fatos relacionados à disciplina; "Bibliografia", (confeccionado por Maria Cristina Gobbi, Iury Parente, Guilherme Fernandes e

Júnia Martins), com uma síntese das referências para o estudo folkcomunicacional; e "Sociografia" (organizada por Guilherme Fernandes), reunindo um pequeno currículo de cada autor que fez parte da "quase-epopeia", alcunha dada por Marques de Melo ao "Metamorfose".

"Metamorfose da Folkcomunicação" pode ser considerada uma obra de fôlego, que contém textos raros, autores de décadas anteriores e também do agora, e faz jus à ideia de reunir num único epítome, a substância da Folkcomunicação. Sem dúvida, consuma-se como indispensável material referencial e histórico para a área, a qual traz, em sua metamorfose contínua, o estímulo para continuar sendo ampliada e sedimentada. Trata-se de um livro-ode a esta teoria genuinamente brasileira. Uma teoria capaz de romper fronteiras utilizando, como conteúdo, fluências cotidianas que envolvem a cultura popular, o folclore, indivíduos e grupos marginalizados enquanto ingredientes precípuos da comunicação do povo brasileiro.

José Marques de Melo e a Folkcomunicação

Os leitores do "Metamorfose da Folkcomunicação" vão encontrar oito textos de autoria do professor José Marques de Melo, produzidos no intervalo de 1969 a 2013, ou seja, desde o início até a maturidade de sua vida acadêmica. Destes oito textos, dois são inéditos, trata-se do Prefácio da obra e da nota introdutória ao texto "Papai Noel Supliciado" de Claude Lévi-Strauss, este retirado da coletânea "Folkcomunicação", organizada por Marques de Melo em 1971. Os outros seis textos restantes foram capítulos de livros e outros publicados em revistas.

O ensaio "Cultura popular na sociedade midiática" foi publicado pela primeira vez com o título "Comunicação, cultura de massa e cultura popular" na "Revista de Cultura Vozes", ano 63, nº 10, em 1969. A centenária "Revista de Cultura Vozes", então dirigida pelo Frei Clarêncio Neotti, dedicou esta edição ao estudo do Folclore, com o tema "Folclore: culturas em questão". Além do texto de Marques de Melo, os de Vicente Salles e Maria Isaura P. de Queiróz, presentes no "Metamorfose da Folkcomunicação", foram retirados desta edição. Posteriormente, o mencionado ensaio foi incluído como um dos capítulos do livro "Comunicação Social: teoria e pesquisa". Este texto está presente na seção "Gênese".

No ensaio "Cultura popular na sociedade midiática", o professor debate o fenômeno cultural por meio de uma crítica à visão antropológica. Ele aproxima o conceito a uma dimensão social-psicológica, utilizando, sobretudo, a concepção de Edgar Morin da cultura como "um corpo complexo de normas, símbolos, mitos e imagens que penetram o indivíduo em sua intimidade" (MORIN, 1967

apud MARQUES DE MELO, 2013, p. 532). Marques de Melo aponta que é o fenômeno da Comunicação que permite a não-desfiguração da interdependência entre várias culturas numa sociedade. Lembra ainda o surgimento da cultura de massa como veículo de interação entre a cultura erudita e a popular, sociologicamente situadas em polos distintos. É neste ínterim que ele aponta "o processo de comunicação informal como instrumento de ligação entre a cultura de massa e cultura popular, ou, isoladamente, como veículo de manifestação das aspirações do próprio povo" (MARQUES DE MELO, 2013, p. 539). O professor explica que Luiz Beltrão executou o trabalho pioneiro desta forma de comunicação, em sua concepção sobre Folkcomunicação. Ao fim do texto, são relacionados alguns temas e pesquisas que foram (e são) fundamentais para a compreensão desta teoria.

Também na seção "Gênese" consta o texto "Sistemas de Comunicação no Brasil", publicado originalmente no livro "Ideologia e poder no ensino de Comunicação". Organizado por José Marques de Melo, Anamaria Fadul e Carlos Eduardo Lins da Silva, o livro se propõe a repensar o ensino da Comunicação e a propor modelos curriculares e pedagógicos. Na última parte deste livro, denominada "Alternativas de conteúdo para as disciplinas básicas", é inserido o texto "Sistemas de Comunicação no Brasil". O capítulo teve como objetivo principal sistematizar os conteúdos programáticos da disciplina. O interesse folkcomunicacional deste artigo não é o fato de a Folkcomunicação, ao lado da Comunicação de Massa, aparecer no conteúdo programático. A relevância do texto consiste na primeira classificação de Gêneros e Formatos da Folkcomunicação, concebida pelo professor Marques de Melo. Esta taxionomia sugerida pelo professor foi recebida com entusiasmo por Luiz Beltrão; tanto que a partir do livro "Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados", ela aparece sistematizada e com indicações bibliográficas. Marques de Melo (2013, p. 566) afirma que esta classificação surgiu a partir do pensamento de Umberto Eco, do esquema proposto para a análise semiológica da mensagem da televisão em "Apocalípticos e Integrados".

Outro texto que segue, "Mutações", publicado na seção "Configurações", foi originalmente batizado como "Mutações em Folkcomunicação: revisitando o legado beltraniano" – publicado em 2007 pela revista gaúcha "Verso e Reverso". Com algumas modificações, este texto também aparece publicado como o terceiro capítulo "Ampliando Fronteiras", no livro "Mídia e Cultura Popular", do professor Marques de Melo.

Passados 40 anos da defesa da tese de Beltrão (a tese foi defendida em 1967 e o texto, como dissemos, foi publicado em 2007), este artigo revisa criticamente "as transformações operadas na disciplina [Folkcomunicação], na tentativa de

discernir quais elementos permaneceram imutáveis no período, quais as mutações evidentes e quais as tendências prenunciadas pelas novas gerações que deram sequências às ideias originais de Luiz Beltrão" (MARQUES DE MELO, 2013, p. 635-636). Ou seja, trata-se de verificar o "legado pós-beltraniano" no universo da Folkcomunicação.

O professor assinala que, além dele, os pesquisadores Roberto Benjamin, Joseph Luyten e Osvaldo Trigueiro deram importantes subsídios para os estudos da disciplina, com as concepções de Gêneros e Formatos (Marques de Melo), Nova abrangência da Folkcomunicação (Benjamin), Folkmídia (Luyten) e Ativismo Midiático (Trigueiro). Marques de Melo também sublinha a importância da Conferência Brasileira de Folkcomunicação para a disseminação e atualização dos conceitos folkcomunicacionais. Além disso, comparações com outros estudiosos foram apontadas neste estudo. Marques de Melo, inclusive, argumenta que as teses de John Downing sobre mídia radical são semelhantes as já desenvolvidas por Beltrão.

O texto seguinte, também na seção "Configurações", é denominado "Folkficção". Originalmente apresentado na mesa em homenagem ao professor Roberto Benjamin, durante a XV Conferência Brasileira de Folkcomunicação (2012), em Campina Grande-PB, permanecia inédito. Este texto regasta as obras ficcionais do professor Benjamin.

O penúltimo texto, incluído na seção Cognição, é o "Cartografia: Facetas a desvendar, veredas a percorrer", publicado no livro "Luiz Beltrão: pioneiro das Ciências da Comunicação no Brasil", o qual é organizado pelo próprio Marques de Melo em parceria com Osvaldo Trigueiro. Neste texto, o professor apresenta a obra folkcomunicacional beltraniana (que denomina de "variáveis exploradas") e propõe a realização de um estudo com o objetivo de evidenciar a forma de jornalismo praticada por Beltrão, ou seja, o que o levou a pensar nos ex-votos como um veículo de jornalismo popular (agenda investigativa).

Por fim, "Taxionomia da Folkcomunicação", publicado na seção "Sedimentação", foi retirado do livro "Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da Folkcomunicação". O texto reproduz a atual classificação da Folkcomunicação em Gêneros, Formatos e Tipos, proposta pelo professor Marques. Desta forma, são apresentadas as manifestações típicas da Folkcomunicação Oral, Escrita, Icônica e da Cinética.

O conjunto dos textos apresentados permite que o leitor tenha uma ideia global da produção de Marques de Melo na Folkcomunicação. Uma reflexão de mais de quarenta anos de atividade intelectual.

Referências

BELTRÃO, Luiz. **Comunicação e Folclore.** São Paulo: Melhoramentos, 1971.

_____. **Folkcomunicação:** a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

_____. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

_____. **Folkcomunicação**: teoria e metodologia. São Bernardo do Campo: UMESP, 2004.

FERNANDES, Guilherme M. Prólogo. In: MARQUES DE MELO, José e _____. (Orgs.). **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013. p. 17-21

MARQUES DE MELO, José. **Comunicação Social:** teoria e pesquisa. Petrópolis: Vozes, 1970.

_____ (Org.). **Folkcomunicação**. São Paulo: ECA-USP, 1971.

_____, FADUL, Anamaria e LINS DA SILVA, Carlos Eduardo (Orgs.). **Ideologia e poder no ensino da Comunicação**. São Paulo: Cortez & Moraes; INTERCOM, 1979.

_____ (Org.). **Mídia e folclore**: o estudo da Folkcomunicação segundo Luiz Beltrão. Maringá: Faculdades Maringá; São Bernardo do Campo: Cátedra UNESCO- UMESP, 2001.

_____. Prefácio. In: **Folkcomunicação**: teoria e metodologia. São Bernardo do Campo: UMESP, 2004. p. 9-10.

_____. **Mídia e Cultura Popular**: história, taxionomia e metodologia da Folkcomunicação. São Paulo: Paulus, 2008.

_____ e TRIGUEIRO, Osvaldo. **Luiz Beltrão:** o pioneiro das Ciências da Comunicação no Brasil. João Pessoa: UFPB; INTERCOM, 2008.

_____. Prefácio. In: _____ e FERNANDES, Guilherme Moreira (Orgs.). **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013. p. 13-16

_____. Papel Noel Supliciado segundo Claude Lévi-Strauss. In:_____ e FERNANDES, Guilherme Moreira (Orgs.). **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013. p. 124-126.

_____. Cultura popular na sociedade midiática. In:_____ e FERNANDES, Guilherme Moreira (Orgs.). **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013. p. 531-542.

_____. Sistema de Comunicação no Brasil. In:_____ e FERNANDES, Guilherme Moreira (Orgs.). **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013. p. 557-582.

_____. Mutações. In:_____ e FERNANDES, Guilherme Moreira (Orgs.). **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013. p. 635-648.

_____. Folkficção. In:_____ e FERNANDES, Guilherme Moreira (Orgs.). **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013. p. 795-801.

_____. Cartografia: Facetas a desvendar, veredas a percorrer. In:_____ e FERNANDES, Guilherme Moreira (Orgs.). **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013. p.866-872.

_____. Taxionomia da Folkcomunicação. In:_____ e FERNANDES, Guilherme Moreira (Orgs.). **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013. p. 1022-1026.

SCHMIDT, Cristina (Org.) **Folkcomunicação na arena global:** avanços teóricos e metodológicos. São Paulo: Ductor, 2006.

TRIGUEIRO, Osvaldo. **Folkcomunicação & ativismo midiático.** João Pessoa: UFPB, 2008.

Percepções acerca do livro Pensar e Comunicar a América Latina

Ricardo José Oliveira Ferro[1]

22.1 CAPÍTULO

GOBBI, Maria Cristina; MARQUES DE MELO, José; VENTURA, M. S. (Orgs.). **Pensar e Comunicar a América Latina.** São Paulo: INTERCOM/UNESCO/UMESP (PPGCOM), 2013. 406 p.

A obra "Pensar e Comunicar a América Latina", lançada recentemente, é um convite para que possamos dilatar o nosso entendimento em relação ao binômio formado pela Comunicação e

1. Professor Universitário, graduado em Jornalismo pela Universidade Federal de Alagoas (2004), é especialista em Processos Midiáticos e Novas Formas de Sociabilidade pela Ufal (2008), pesquisador assistente da Cátedra/UNESCO Metodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional desenvolvendo atividades no projeto PENSA-COM/BRASIL (Pensamento Comunicacional Brasileiro), membro da Comissão Estadual de Jornalistas em Assessoria de Imprensa de Alagoas (Cejai/AL), repórter na Assessoria de Comunicação da Secretaria de Estado da Educação e do Esporte de Alagoas (SEE/AL) e locutor apresentador animador da Rádio 100,3 FM - afiliada da Rede Aleluia. Foi professor da Faculdade Integrada Tiradentes (2010/2013) e da Faculdade Maurício de Nassau (2009/2010). E-mails: ricardomoresi@gmail.com e ricardomoresi@hotmail.com

pela Literatura no espaço Latino-Americano. Nela, os seus organizadores nos convidam a fazer juízo sobre a criação, a transição entre a produção profissional e o efeito artístico; e a consequente produção resultante. Sobre esta questão Villaça (2006, p.1) evidencia que:

> [...] na era da supercomunicação e hiperinformação, os textos, por vezes, submergem num mar de diálogos com o discurso midiático e seus diferentes suportes, repetindo estereótipos numa estética de simulacros. A metalinguagem narrativa desenvolve-se e complexifica o viés assinalado a propósito da literatura do simulacro. Produz sentido dialogando de forma crítica com as ciências sociais. Misturam-se sempre mais as fronteiras dos discursos. Cresce a responsabilidade discursiva afetando o lugar do narrador, bem como a identidade e a existência dos personagens como exemplificam as narrativas.

O livro em destaque é fruto da XVI edição do Colóquio Internacional sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação (CELACOM), realizado no *campus* da Unesp de Bauru, que reuniu estudiosos brasileiros e do exterior para tratar sobre os intercâmbios entre a Comunicação e a Literatura, tanto no ambiente acadêmico quanto no espaço profissional. O referido colóquio tem sua origem calcada no imperativo de aprimorar, discutir e disseminar as análises científicas da comunicação praticada na América Latina. Isso, a partir de um modo, um método e uma representação peculiar do continente, uma vez que ainda é algo insuficientemente explorado.

O professor Marques de Melo[2] (2010, p.20) já evidenciou anteriormente que a trajetória do Pensamento Comunicacional Latino-Americano ainda está para ser inventariada com rigor e analisada com audácia. Segundo ele, há fatos, cenários e personagens que suscitam polêmica entre os historiadores, exacerbando os críticos, inibindo os indiferentes e confundindo os exegetas.

Ao fazer uma imersão no livro "Pensar e Comunicar a América Latina" é possível perceber que os educadores Marques de Melo; Gobbi e Ventura (2013) convidam-nos a entender melhor a possibilidade do diálogo entre a Comunicação e a Literatura. Segundo eles:

> [...] existe um diálogo permanente entre a Comunicação e a Literatura e as aplicações resultantes podem ser aplicadas em amplos e singulares espaços

2. GOBBI, Maria Cristina; MARQUES DE MELO, José; MARÇOLLA, Rosangela**. Do jornalismo à Comunicação**: 50 anos de estudos midiáticos na América Latina. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. 124 p.

de mediação e de cultura. Outra prova plena dessa interação são os textos disponibilizados neste volume. Dividido em duas partes – Questões Singulares e Ideias & Ações -, as decorrências apresentadas mostram a consolidação de um pensamento singular, mas não único dos estudos em comunicação do nosso continente.

De tal modo, a primeira parte, "Questões singulares", evidencia contribuições que tratam de temas emergentes no cenário da comunicação e da literatura, tendo como espaço a América Latina. Para entender essa diversidade de conceitos, metodologias, significados, ações, produções, demandas, entre outras nuances, é necessário um exercício de desprovimento de conceitos previamente estabelecidos. É fundamental reforçar que a produção comunicativa em nosso Continente não é feita de forma isolada. Então, entre o fazer jornalismo e a construção literária definem-se como pontos de confluência a escrita e a leitura, preservando, porém, em cada uma das artes, um distanciamento capaz de estabelecer as formas específicas de cada modalidade, sem cair no isolamento ou no individualismo, demonstrando uma linguagem peculiar de expressão de fatos e ideias frente às questões singulares que se apresentam na região.

O livro em sua parte inicial apresenta oito documentos: "Jornalismo: interfaces culturais", de Paulo Vitor Giraldi Pires e Maria Cristina Gobbi; "Viola: fora dos patrimônios nacionais", de Wellington César Martins Leite; "Telenovela: a biblioteca de Tufão", de Nelyse Apparecida Melro Salzedas e Márcia Aparecida Barbosa Vianna; "As Interfaces do Rádio no Século XXI", de Antônio Francisco Magnoni e Juliana Gobbi Betti; "Jornalismo e Literatura: jogo de alteridade", de Sônia de Brito; "Quadrinhos: literatura e outras migrações", de Romildo Sergio Lopes; "Imprensa alternativa: Jornal Lampião da Esquina", de Muriel Emídio Pessoa do Amaral e "Da Profecia Maia às modernidades da América Latina", de Celso Francisco Gayoso.

Já a parte final da obra, intitulada Ideias & Ações, traz mais nove textos que nos convidam a refletir sobre um conjunto de coisas, fatos e circunstâncias que se revelam na nossa vida em meio à atualidade. Lá, estão os trabalhos e as pesquisas: "Silviano Santiago: a crítica da literatura Latino-Americana", de Mauro de Souza Ventura e Felipe de Oliveira Mateus; "Mário Kaplún: como educar o comunicador?", de Alice Mitika Koshiyama e Maria Otilia Bocchini; "Isabel Allende: a escritora que nasceu no jornalismo", de Damiana Rosa de Oliveira; "Patrícia Galvão: a crítica do jornalismo cultural", de Márcia Rodrigues da Costa; "Poesia cubana de Carilda Oliver Labra", de Roseméri Laurindo e Carlos Silva; "Sergio Augusto: aproximações entre jornalismo e literatura", de André Gustavo de Paulo Eduardo e Deborah Cunha Teodoro; "Estética televisiva: da

arte ao grotesco", de Ana Carolina Rocha Pessoa Temer e Simone Antoniaci Tuzzo; "O enigma da infância", de Cristina Schmidt e Eliane Penha Mergulhão Dias; e "Maurício de Sousa: fomento de políticas públicas", de Roberto Gondo Macedo e Alessandra de Castilho.

Antes de sequenciarmos nossa trilha pelo "Pensar e Comunicar a América Latina" gostaria de salientar que, ao tempo em que fazia a leitura da referida obra, permiti-me, em paralelo, revisitar livros como, por exemplo, "Do jornalismo à comunicação: 50 anos de estudos midiáticos na América Latina" (Universidade Metodista de São Paulo, 2010), de José Marques de Melo, Maria Cristina Gobbi e Rosangela Marçola; "A esfinge Midiática" (Paulus, 2004), "História do pensamento comunicacional" (Paulus, 2003), "História do Jornalismo" (Paulus, 2012), "Vestígios da travessia" (Paulus, 2009) e a "Metamorfose da Comunicação do século XXI" (INTERCOM, 2011) estes últimos todos de José Marques de Melo; e vi o quanto uma releitura nos permite enxergar detalhes que, em um primeiro momento, passaram de forma desapercebida. Talvez, exatamente, por vivermos um novo momento, que Marques de Melo (2011, p.13) chamou de "espírito do novo tempo", em grande parte, segundo ele, alicerçado pela euforia digital.

Considerações sobre a obra

1 – Logo no início do livro, mais precisamente no texto "Jornalismo: interfaces culturais", os autores nos convidam a perceber as alterações que o significado sobre o papel do jornalismo sofreu com o passar do tempo. E, segundo Gobbi e Pires, no campo da pesquisa, muitos autores têm estudado o jornalismo e suas diferentes características, a fim de compreendê-lo. Eles apreciam, nesse artigo, a forma como o jornalismo, em sua diversidade de atuação, na TV, no rádio e, principalmente, no jornal; colabora para a fomentação da cultura popular. E, para isso, avaliam o Jornal Folha de São Paulo, no intuito de identificar possíveis marcas da cultura local.

2 – No texto "Viola: fora dos Patrimônios Nacionais", de Wellington César Martins Leite, faz-se o estudo do programa Vida Caipira, veiculado na rádio UNESP FM, em Bauru, que é apresentado de segunda a sexta-feira, das 6h às 6h45. O pesquisador procura revelar as raízes da música caipira que, segundo ele, esteve marginalizada nas primeiras décadas do século passado e nas últimas duas décadas chegou a atingir as paradas de sucesso. Leite evidencia ainda que as bases da cultura caipira estão em toda a América Latina.

3 – As pesquisadoras Nelyse Apparecida Melro Salzedas e Márcia Aparecida Barbosa Vianna – autoras do artigo intitulado "Telenovela: a biblioteca de Tufão" - promovem uma conversa com a literatura, situando-a na história e no

enunciado da telenovela "Avenida Brasil"; e em outras obras semelhantes da televisão brasileira. Ao longo da produção, elas fazem um retrospecto sobre o surgimento da novela e a trama televisiva; apresentam o uso da técnica dialógica utilizada por alguns autores para promover os diálogos midiáticos entre as novelas e, por exemplo, a literatura de cordel e, consequentemente, como são promovidos os discursos miscigenados.

4 – Em "As Interfaces do rádio no século XXI", texto escrito por Antonio Francisco Magnoni e Juliana Gobbi Betti, aborda-se o início do processo de convergência dos meios, ou seja, a década de 80 do século passado; e, também, os suportes comunicacionais. Está em curso o que os autores chamam de "contexto da reinvenção dos processos comunicacionais". Para eles, o rádio ainda não conseguiu concluir o ciclo de transição analógico-digital e tampouco completou a convergência de seus conteúdos e linguagens, para que possam trafegar plenamente nas diversas plataformas do ciberespaço.

5 – No artigo "Jornalismo e Literatura: jogo de alteridade", de Sônia de Brito, o leitor é conduzido por uma trilha que o leva a entender que a escrita, de acordo com a pesquisadora, é o ponto comum entre o jornalismo e a literatura. Sônia relata que no século XIX, o jornalismo foi, ao mesmo tempo, um meio de sustento e um canal do talento literário. Segundo ela, no jogo de alteridade, escritores buscam o aperfeiçoamento do exercício de captação e pesquisa, além da lapidação da técnica de expressão.

6 – Em "Quadrinhos: literatura e outras migrações", de Romildo Sergio Lopes, somos levados a perceber que o mundo das palavras está ao nosso redor; onde nossa visão alcança, um *outdoor*, um letreiro, a sinalização das ruas, pichações de muros, ou até mesmo as palavras escritas na peça de um vestuário que, segundo o autor, servem estas últimas para propagar uma identidade. Lopes assegura que somos, desde crianças, treinados a "ler" os códigos não verbais que nos cercam.

7 – No texto "Imprensa Alternativa: Jornal Lampião da Esquina", de Muriel Emídio Pessoa do Amaral, o autor relata o quanto esta publicação foi relevante, especialmente, para a comunidade gay; evidencia as cotas que este periódico concedeu para a imprensa alternativa e ainda como ele cooperou com a disseminação de valores, opiniões, crenças e pensamentos libertários no país.

8 – O pesquisador Celso Francisco Gayoso, autor de "Da Profecia Maia às modernidades da América Latina", descreve que, às sociedades latino-americanas, sempre foi relegado o *status* de agenciadoras de uma subjetividade excessivamente metafísica, interpretadas como barbarismo, atraso, periferia, marginalidade, em contraponto ao racionalismo eurocentrista pensado como desenvolvimentista e perfeitamente realizado.

9 – No artigo "Silviano Santiago: a crítica da literatura Latino-Americana", de Mauro de Souza Ventura e Felipe de Oliveira Mateus, o leitor é levado a conhecer

o momento em que surge a crítica literária aqui no solo brasileiro e nesse caminhar descobre que a referida crítica teve origem, exatamente, na mesma época em que a imprensa de grande porte começou a ganhar mais robustez no Brasil.

10 – Alice Mitika Koshiyama e Maria Otilia Bocchini, no texto "Mario Kaplún: como educar o comunicador?", evidenciam o quanto as ideias do educomunicador argentino Mario Kaplún serviram para edificar a sociedade. Segundo elas, ele era um dos formuladores de um pensamento comunicacional que deve ser preservado e difundido para as novas gerações de estudiosos.

11 – O texto sobre "Isabel Allende: a escritora que nasceu no jornalismo", de autoria de Damiana Rosa de Oliveira, aborda cronologicamente a vida da escritora chilena e nos instiga a embrenharmo-nos em seu universo para conhecer como sua experiência em comunicação se manifestou em seu fazer literário.

12 – A pesquisadora Márcia Rodrigues da Costa – autora de "Patrícia Galvão: a crítica do jornalismo cultural" – faz um retrospecto histórico acerca da vida dessa modernista que alternou a presença na redação ao convívio com os artistas. Na década de 50, do século passado, ela atuou como ativista cultural, tradutora e produtora de peças teatrais. Estas últimas práticas foram realizadas, segundo a autora, depois que abandonou a militância político-partidária.

13 – Os pesquisadores Roseméri Laurindo e Carlos Silva, no texto "Poesia cubana de Carilda Oliver Labra", põem em foco uma obra e se propõem a discutir o autor além dos limites instituídos entre o jornalismo e a literatura.

14 – Os mestrandos André Gustavo de Paula Eduardo e Deborah Cunha Teodoro – autores do texto "Sérgio Augusto: aproximações entre jornalismo e literatura" – relatam em seu texto a forma diferenciada como o jornalista Sérgio Augusto costuma contar suas ideias e o quanto ele consegue se distanciar das chamadas "amarras empresariais" e usufruir de uma possível "liberdade de criação" que, muitas vezes, chega a escandalizar, segundo os autores, pelo excesso de lucidez.

15 – O texto "Estética televisiva: da arte ao grotesco", de Ana Carolina Rocha Pessôa Temer e Simone Antoniaci Tuzzo, toma como base os estudos de Muniz Sodré e procura desvendar o conjunto de hábitos ou crenças da cultura de massa no Brasil; além disso, a pesquisa busca entender as bases conceituais dessa cultura e sua aplicabilidade nos estudos de comunicação no país e sua ampliação no universo da Escola Latino-Americana da Comunicação.

16 – No texto "O Enigma da infância", de Cristina Schmidt e Eliane Penha Mergulhão Dias, as autoras fazem um exame da obra de Luiz Beltrão e procuram mostrar ou patentear recentes sentidos, dá para os valores uma nova formulação que continua subentendida aos discursos literários. Luiz Beltrão é, segundo elas, da opinião de que nas palavras, nos discursos escritos ficam preservados os elementos da cultura de um grupo social. As pesquisadoras seguem

esta dica do mestre Beltrão em busca dos tesouros escondidos em suas páginas literárias e creem que ali se escondem elementos da chamada folkcomunicação.

17 – Os pesquisadores Roberto Gondo Macedo e Alessandra de Castilho – no texto "Mauricio de Sousa: fomento de políticas públicas" – fazem uma análise da influência dos personagens do cartunista e revelam que o autor da Turma da Mônica, nos últimos 40 anos, tem contribuído com o alinhamento de mensagens e apoio em temas globais, uma vez que ele utiliza seus personagens mais famosos como agentes informacionais de seu posicionamento político e social.

Apreciação final

As breves considerações apresentadas sobre os dezessete artigos que dão corpo ao livro "Pensar e Comunicar a América Latina" toma como base o desprovimento de conceitos previamente estabelecidos. Percorrer as 406 páginas em movimento praticamente ininterrupto deu-me a oportunidade de aprofundar meus conhecimentos em relação ao binômio Comunicação/Literatura no espaço Latino-Americano. Ao concluir esta leitura consigo comprovar, mais uma vez, o quanto manter o espírito aberto e a fome pela leitura pode propiciar momentos surpreendentes mediante ao deleite de uma obra dessa magnitude.

Referências

GOBBI, Maria Cristina; MARQUES DE MELO, José; VENTURA, M. S. (Orgs.). **Pensar e Comunicar a América Latina.** São Paulo: INTERCOM/ UNESCO/UMESP (PPGCOM), 2013. 406 p.

GOBBI, Maria Cristina; MARQUES DE MELO, José; MARÇOLLA, Rosangela**. Do jornalismo à Comunicação**: 50 anos de estudos midiáticos na América Latina. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. 124 p.

MELO, José Marques de. **História do jornalismo**: itinerário crítico, mosaico contextual. São Paulo: Paulus, 2012.

MELO, José Marques de. **Metamorfose da comunicação no século XXI**: panorama visto do campus. São Paulo: INTERCOM, 2011.

MELO, José Marques de. **Vestígios da travessia**: da imprensa à internet – 50 anos de jornalismo. São Paulo: Paulus, 2009.

MELO, José Marques de. **A esfinge midiática**. São Paulo: Paulus, 2004.

MARQUES DE MELO, José. **História do pensamento comunicacional**: cenários e personagens. São Paulo: Paulus, 2003.

VILLAÇA, Nízia Maria Souza. Comunicação e literatura contemporânea: espaços reais e virtuais. In: **Contemporânea**. N.7, v.2, 2006.

SEÇÃO II
GESTÃO ACADÊMICA

Para além das Formas e Conteúdos: a percepção do Jornalismo na análise de um estudioso pioneiro

Ana Carolina Rocha Pessôa Temer[1]

1.2 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José. Temas e conceitos básicos do livro **Relatórios do Departamento de Jornalismo e Editoração/Catálogo de Editoração dos Textos 1972**. Escola de Comunicação e Artes/USP-SP. São Paulo: USP, 1968- 1972.

Introdução

O jornalismo, enquanto atividades pioneiras dos processos de comunicação voltadas para atingir um grande número de pessoas, também teve seu ressaltado na criação dos cursos de Comunicação que, em um primeiro momento, se fundamentaram nesta habilitação profissional. O Departamento de Jornalismo da Escola de Comunicações Culturais, criado em cinco de fevereiro de 1968, por meio de uma Resolução

1. Professora do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia – FACOMB, da Universidade Federal de Goiás. Doutora e mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Diretora Regional da INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Coordenadora do GT Estudios de Periodismo da ALAIC – Asossiación Latinoamericana de Investigadores de La Comunicación. E-mail: anacarolina.temer@gmail.com.

do Conselho Universitário da Universidade de São Paulo e que começa a funcionar no mês seguinte (março de 1968) com as aulas da cadeira "Técnicas e Práticas de Jornal e Periódico", é uma das marcas deste vigor pioneiro.

Ao prof. José Marques de Melo, nomeado primeiro diretor do departamento, coube não apenas registrar este marco pioneiro, mas também registrá-lo e ao fazê-lo, tecer importantes marcos regulatórios que, passado mais de quarenta anos, servem como base para reflexões sobre a comunicação e o jornalismo. Da mesma forma, o marco de criação do departamento foi também o ponto de partida para a criação, implantação de estruturas e outros espaços de atividade e de pesquisa que ainda nos tempos atuais são considerados definidores para a conceituação da formação da área, como a implantação do Departamento de Documentação Jornalística, o Museu da Imprensa, o Centro de Pesquisa em Jornalismo Comparado e a Hemeroteca; e também os espaços para atividades Experimentais, como a Agência Universitária de Notícias (AUN) e o Jornal Laboratório, e as atividades de extensão cultural, com intercâmbio sistemático com entidades congêneres do país e do exterior, o que incluía a realização de conferências, publicação de livros e assessoramento especializado.

Considerando a extensão destas ações nos anos entre 1968 e 1971, torna-se importante assumir o caráter didático deste primeiro momento, que não apenas era marcado pelo fazer, mas também pela delimitação do como fazer, e considerar seu desenvolvimento a partir dos diferentes aspectos que destacados nos próprios relatórios, a saber, O Ensino, As atividades de Pesquisa e as Ações de Extensão Cultural.

Sobre o Ensino

A criação do Departamento de Jornalismo da Escola de Comunicações Culturais foi o marco inicial para a implantação de um processo de ensino aprendizado efetivamente marcado pelo enfoque diferenciado do Jornalismo tanto nos seus aspectos práticos quanto no desenvolvimento dos aspectos teóricos fundamentais para as atividades docentes futuras.

Inicialmente integrado pelos professores José Marques de Melo, Flávio de Almeida Prado Galvão, José Freitas Nobre, Alfredo Weiszflog, Helcio Deslandes e Francisco Morel (estes dois último atuando como professores instrutores voluntários) o departamento tornou-se responsável pelas disciplinas "Técnica e Prática de Jornal e Periódico", "Técnica e Prática de Rádio e Telejornalismo", "Jornalismo Especializado", "Jornalismo Comparado e Administração de Empresas Jornalísticas", além da já citada "Técnicas e Práticas de Jornal e Periódico".

Uma vez, no entanto, que a implantação destas disciplinas foi gradual, o departamento também desenvolveu uma série de cursos monográficos sobre os temas "Jornalismo Informativo", "Jornalismo nas Agências Noticiosas", "Jornalismo Interpretativo", "Artes Gráficas", "Processos de Impressão e Fotojornalismo", sendo que este último não pode ser ministrado uma vez que o professor contratado não pode assumir suas funções no departamento.

O Estabelecimento do departamento de Jornalismo neste primeiro ano também foi marcado por outro aspecto pioneiro, a integração com outros departamentos, ministrando cursos voltados para o Departamento de Relações Públicas, Departamento de Estudos Históricos e Filosóficos, e para o Departamento de Ciência se Técnicas de Comunicação.

O ano de 1969 representou o início da consolidação do Departamento de Jornalismo na Escola de Comunicações Culturais da USP, e foi marcado pela formulação das diretrizes no campo pedagógico e pela constituição da infraestrutura de serviços técnicos necessários para a formação do profissional de Jornalismo.

O período foi marcado também pela chegada do professor Thomaz Jorge Farkas, e pela estruturação funcional da Secretaria do Departamento, do Arquivo de Documentação Jornalística, da Hemeroteca, da Oficina Gráfica e do Laboratório de Reportagens, além da atividade dos monitores responsáveis pelo Jornal Laboratório, Jornal ASUSP, Centro de Pesquisa em Jornalismo Comparado, Museu da Imprensa, e Exposição de Fotografia Jornalística.

Ainda com corpo de professores insuficiente, o Departamento retoma a experiência dos cursos monográficos, desta vez dedicados aos temas: "Técnicas de Jornal e Periódico (I e II)", "Artes Gráficas e Diagramação", "História da Imprensa", "Fotografia e Fotojornalismo" e "Jornalismo Audiovisual".

O terceiro ano de funcionamento do Departamento (1970) foi marcado pela incorporação dos professores Gaudêncio Torquato do Rego, Gilerno Fernandes Marcelino, Benedito Juzrez Bahia, Antônio Fernandes Costella, do monitor João Walter Sampaio Smolka e do Auxiliar voluntário Edison Rodrigues Chaves.

A ampliação do corpo docente representa também um passo para ampliação dos cursos oferecidos, que passam a incluir "Jornalismo Comparado", "Artes Gráficas e Editoração", "História da Imprensa", "Jornalismo Informativo e Interpretativo", "Fotografia e Fotojornalismo", "Jornalismo Opinativo e Funções de Direção e Secretaria", "Ética e Legislação da Imprensa", "Administração de Empresas Jornalísticas", "Jornalismo Especializado", "Técnica de Comunicação de Massa/Comunicação de Atualidades e Técnica da Notícia".

Juntamente com as novas disciplinas inicia-se também um processo de formatação de ementas e de organização interna dos cursos, incluindo pesquisas sobre bibliografias de referência, que ainda eram poucas no país; muitas vezes

recorriam a publicações em espanhol e em inglês. Essa constatação punha em destaque dois aspectos: a necessidade de aumentar o número de publicações na área de jornalismo e a necessidade de implantar um curso de Editoração, cujo currículo segue anexo ao relatório do ano de 1970.

No ano de 1971 o departamento separa os diferentes conteúdos do curso em um ciclo básico, composto por "Introdução ao Jornalismo e a Editoração"; "Ética e Legislação dos Meios de Comunicação" e "Jornalismo Comparado", disciplinas que eram ministradas a 200 alunos; e ciclo diversificado de Jornalismo, que incluía as disciplinas "Jornalismo Comparado", "História do Jornalismo no Brasil", "Jornalismo Opinativo" e "Funções de Direção e Secretaria", "Fotografia e Fotojornalismo", "Jornalismo Audiovisual (Telejornalismo e Radiojornalismo)", "Ética e Legislação da Imprensa", "Administração de Empresas Jornalística" e "Jornalismo Especializado". Também se incorporam as atividades do departamento outros ciclos ministrados aos alunos do curso de Relações Públicas, e um convênio com o Estado do Maranhão para os alunos do Curso de Comunicação Social da Escola de Administração Pública em São Luís e com o Departamento de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, que demandou cinco diferentes cursos.

Seguindo os processos iniciados nos anos anteriores, o período também foi marcado pela incorporação de professores ao departamento, incluindo o professor Edison Rodrigues Chaves, Jair Borin, Sinval Freitas Medina e Cremilda Medina. O conjunto de professores, hoje referências no Estudo da Comunicação, irá formatar também o conjunto de publicações e de atividades desenvolvidas pelo Departamento nos anos posteriores.

Pesquisa

A instituição do Departamento de Jornalismo na Escola de Comunicações Culturais da USP permitiu, entre outros aspectos, a formatação da pesquisa em Jornalismo. Somente no primeiro ano foram concluídas as pesquisas referentes ao uso dos meios de comunicação de São Paulo e o traçado do nome e perfil editoral do Jornal Laboratório do Curso.

Também foram dados os primeiros passos para a implantação do Centro de Pesquisa em Jornalismo Comparado, o Museu da Imprensa, a Hemeroteca e o Arquivo de Documentação Jornalística. O Centro de Pesquisa em Jornalismo Comparado, sob a direção do Professor José Marques de Melo, já no primeiro ano desenvolveu um estudo sobre a "Morfologia dos jornais diários de São Paulo", com o objetivo de avaliar as mudanças introduzidas na imprensa paulistana

a partir da influência dos novos processos de impressão e elaboração dos noticiários. A equipe do Centro de Pesquisa também desenvolveu estudos sobre a "Cobertura do primeiro transplante de coração realizado na América Latina". Os trabalhos tiveram continuidade nos anos seguintes, somando-se a eles estudos sobre a "Influência Europeia na Imprensa Brasileira", "Os Meios de Comunicação no Maranhão" e "Usos dos Meios de Comunicação em Juiz de Fora".

Da mesma forma, o Museu da Imprensa e a Hemeroteca receberam e catalogaram as primeiras doações que iriam compor o seus respectivos catálogo, com um total de 48 peças.

Neste período também foram iniciadas atividades extras ou de experimentação, aí incluídas o Serviço de Documentação da Reitoria (que não chegou a ser concretizado em função da crise que a Universidade atravessou neste ano) e a Agência Universitária de Notícias.

Em 1969 as atividades de pesquisa estiveram vinculadas principalmente a organização e o início de funcionamento de órgãos básicos para o desenvolvimento de projetos de investigação empíricos.

O Centro de Pesquisa em Jornalismo Comparado desenvolveu estudos sobre a Teoria e o Metodologia do Jornalismo, e sobre a Imprensa de Bairro em São Paulo, ambos coordenados pelo prof. José Marques de Melo, ambas concluídos no ano seguinte.

O Museu da Imprensa, que teve a sua implantação física atrasada em função das obras desenvolvidas no Edifício ECC, prosseguiu os trabalhos para a sua constituição com o desenvolvimento de campanhas junto aos dirigentes de empresas jornalísticas de São Paulo, junto as Escolas e professores de Jornalismo e junto aos jornalistas para a doação de material, sendo reconhecido oficialmente pelo Conselho Universitário da USP no dia 11 de agosto de 1970.

Também a Hemeroteca desenvolveu esforços para a ampliação do seu acervo, voltado principalmente para a constituição de uma coleção de jornais do interior de São Paulo, jornais de empresas, revistas especializadas, jornais de caráter religiosos e jornais estudantis.

Basicamente estruturado em 1968, o Arquivo de Documentação Jornalística também se ampliou consideravelmente em 1969 e 1970, contando com a colaboração de diversas unidades que remeteram coleções de documentos básicos sobre as respectivas estruturas e atividades.

Ainda no setor de pesquisa, em 1969 o Departamento de Jornalismo realizou trabalhos de campo e de laboratório como complemento de atividades curriculares das disciplinas "Técnica de Jornal e Periódico" e "História da Imprensa", com trabalhos sobre as "Funções de Direção e Secretaria na Grande Imprensa Paulista"; "Opinião no Jornalismo Brasileiro", (trabalho que abriria espaço para um dos livros clássicos da área, publicado com o

mesmo nome pelo Prof. José Marques de Melo); "Levantamento da Imprensa Paulista no período de 1945 a 1969"; "Pesquisa de Edições Raras no Jornalismo Brasileiro". São marcantes igualmente as pesquisas exploratórias desenvolvidas como parte da disciplina "Jornalismo Comparado".

Também como atividade na área de ensino, o ano de 1970 foi marcado pelo começo do funcionamento dos espaços adicionais e laboratoriais essenciais para a formação do profissional de jornalismo, entre eles a Oficina Gráfica, o Laboratório Fotográfico, a Agência Universitária de Notícias e o Jornal Laboratório.

Destaca-se neste período também uma maior preocupação com as perspectivas oferecidas pelo mercado ocupacional e com as oportunidades de colocação profissional em atividades jornalísticas no Estado de São Paulo.

Atividades de Extensão

Considerando que nenhuma formação universitária, e em particular formação em Ciências Sociais e Jornalismo está completa sem a realização de atividades de Extensão, neste sentido, os anos iniciais da implantação do Departamento de Jornalismo e Editoração buscaram amplamente contemplar este setor.

Em 1968 as atividades de Extensão do Departamento de Jornalismo e Editoração foram voltadas prioritariamente para o intercâmbio científico e pedagógico com entidades congêneres no país e no exterior. Além da troca de correspondência e do envio de publicações de ambos os lados, o ano foi marcado pela presença de visitantes como o prof. Darwin Brandão, da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, prof. Jaques Prado Brandão, do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Minas Gerais, Prof. Roberto Câmera Benjamim, diretor do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco, Prof. Gaudêncio Torquato do Rego, da Faculdade Cásper Líbero, Prof. Perci Moro, do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná, Prof. José Seixas Patriani, Coordenador do Centro de Pesquisa em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, Profa. Maria José de Andrade Lima, do Curso de jornalismo da Faculdade de Filosofia Epitácio Pessoa (Brasília) e Prof. Roberto Esdardó, diretor da Faculdade de Informação e Opinião da Universidade Museu Social Argentino (Buenos Aires).

O departamento de Jornalismo igualmente formalizou contatos com a Associação Internacional de Estudos e Pesquisas sobre Informação, com sede em Laussane/ Suíça; Centro Internacional de Estudos Superiores em Periodismo para América Latina, com sede em Quito/Equador; Federação Católica Internacional de Docentes e Pesquisadores da Comunicação, com sede em Pamplona/Espanha;

União Latinoamericana de Escolas Católicas de Jornalismo, com sede em Porto Alegre/Brasil; Instituto Belga de Informação e Documentação, com sede em Bruxelas/Bélgica; Instituto Frances de Imprensa, com sede em Paris/França; Centro Internacional de Estudos Superiores em Jornalismo, com sede em Estrasburgo/França; Conselho Nacional de Imprensa, com sede em Madri/Espanha, e Centro de Estudos dos Técnicos de Difusão Coletiva, com sede em Bruxelas/Bélgica.

Em 1969 as atividades de Extensão voltaram-se principalmente para um ciclo de Palestras e Conferências, com atividades extracurriculares destinadas especificamente para os alunos do curso de jornalismo, que trouxe para a ECA a presença de grandes nomes ligados ao Cinema, Teatro, a Política Internacional, ao Jornalismo Literário, e ao Telejornalismo e a vários aspectos específicos do Jornalismo. Igualmente foi realizada a primeira Semana de Estudos sobre jornalismo, com a participação de alunos e professores, que discutiu o tema "Jornalismo Sensacionalista". O período foi finalizado com a realização de Seminários sobre o controle dos meios de comunicação e sobre a regulamentação profissional, além de cursos sobre Comunicação Social, Jornalismo Especializado, Métodos e Técnicas de Jornalismo, Jornalismo Especializado.

No ano de 1969 igualmente o Departamento de Jornalismo prestou colaboração a entidades congêneres por meio de acordos e parcerias com a Universidade Federal do Pará, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Governo do Estado de Santa Catarina, União Latino Americana de Imprensa Católica, Secretaria Nacional de Opinião Pública da CNBB, Escola de Arte Dramática, Comissão Editorial Supervisora da Revista da ECC, Comissão Encarregada de Elaborar o currículo do Curso de Editoração, Operação Rondon e Colégio São Bento.

Também neste ano o Departamento recebeu a visita de palestrantes estrangeiros, entre eles Prof. Ramiro Samaniego (Diretor de Pesquisas do CIESPAL), Dr. Gonzalo Córdoba (Diretor Geral do CIESPAL) Dra. Matilde Perez Palácio (Diretora da Escola de Jornalismo da Universidade Católica de Lima), Prof. Raymond Nixon (Diretor da Revista *Journalism Quarterly*), e Prof. Moises Arroyo (Diretor de Pesquisas da Escola de Jornalismo de Lima). Finalmente, o ano foi igualmente marcado pelo intercâmbio com cursos de jornalismo em todo o país, com o envio de publicações, e pela presença dos professores do Departamento por meio de artigos e publicações diversas, em revistas e publicações científicas específicas a área.

O ano seguinte, 1970, também foi marcado por Palestras e Conferências, com a presença dos professores Raymond Cantel (Sorbone), que falou sobre Literatura de Cordel; Prof. Marcelo Casado d'Azevedo, da UFRGS, que falou sobre Entropia e Redundância no Jornalismo. Igualmente marcantes foram os cursos de Extensão Universitários destinados a jornalistas profissionais, ministrados a partir de um Convênio com o Sindicato dos Jornalistas Profissionais

de São Paulo; e a Semana de Estudos sobre o Jornalismo, da qual cerca de 200 pessoas assistiram palestras com professores da casa e convidados de outros estados. Da mesma forma, os professores do Departamento também responderam a convites de entidades congêneres, ministrando cursos de férias, conferências e Palestras em diferentes instituições de ensino.

Publicações

O Desenvolvimento das atividades departamentais, aí incluído a elaboração de currículos, ementas de disciplinas e prospecção sobre bibliografias, logo deixou claro a insuficiência da produção brasileira sobre o jornalismo. Para superar esta falha, os professores do Departamento de Jornalismo e Editoração, capitaneados pelo professor José Marques de Melo, empenharam-se em aumentar a publicações na área, formulando conteúdos que permanecem até os dias de hoje como referências obrigatórias da pesquisa em Comunicação e Jornalismo.

As inúmeras publicações individuais de professores por meios de artigos, ensaios e monografias, somaram-se ano a ano em diferentes revistas e publicações científicas da área de comunicação e afins, sempre marcadas pela presença constante do Diretor da Unidade. A esse conjunto, sempre com o objetivo de manter professores e alunos atualizados com a evolução da bibliografia de Comunicação e Jornalismo, também se agregou um Boletim Quadrimestral transcrevendo textos de autores nacionais e estrangeiros.

Os esforços tiveram respostas práticas em termos de publicações mais extensas: somente em 1970 foram publicados os livros "Comunicação Social: Teoria e Pesquisa"; "Comunicação, Opinião, Desenvolvimento"; ambos do Prof. José Marques de Melo, e os livros "Jornalismo Audiovisual" de Walter Sampaio e Introdução ao Estudo do Café, de Jair Borin.

Finalmente, ao esforço de produção bibliográfica, o professor José Marques de Melo também juntou trabalho de produção do "Catálogo de Editoração dos Textos", 1972, Escola de Comunicação e Artes/USP-SP, que apresenta de forma acessível para alunos e interessados na área, as listagens das publicações Universitárias da própria Escola de Comunicação e Artes, mas também sobre livros e textos que tratam de forma mais ampla Comunicação, Artes, Jornalismo, Pesquisa em Comunicação, Comunicação e Linguística, Editoração, Relações Públicas, Propaganda, Biblioteconomia e Documentação, Cinema, Música, Artes Gráficas, Fotografia, Problemas Brasileiros, Cultura Geral, Turismo. O Catálogo de caráter eminentemente didático traz também um Catálogo de autores

e um Catálogo de Periódicos, no qual são destacadas as principais publicações sobre comunicação e assuntos correlatos.

Observações finais

A análise dos Relatórios do "Departamento de Jornalismo e Editoração/Catálogo de Editoração dos Textos 1972. Escola de Comunicação e Artes/USP--SP", produzidos pelo prof. Marques de Melo e publicados pela USP nos anos 1968- 1969 -1970-1971, é, sobretudo uma marca da importância dos esforços pioneiros daqueles que se debruçaram sobre os Estudos em Comunicação.

Nas suas entrelinhas, mais do que dados e listagens, estão os elementos fundadores para a formação do profissional de jornalismo no Brasil, mas também os elementos que foram definidores para tornar a comunicação um novo campo de saber que, sem se distanciar de suas origens enquanto ação humana, também se impõe como um conhecimento necessário para o entendimento amplo do homem e a vida humana.

Nas entrelinhas do texto está igualmente presente a força de Marques de Melo como pioneiro neste espaço a ser desbravado, e sua ação como pesquisador cujo interesse vai além das ações imediatas e se volta para a formação não apenas de profissionais, mas de indivíduos que respeitem a comunicação e o jornalismo como espaço de pesquisa e de busca por novos conhecimentos.

Dedicado a essa grande tarefa, Marques de Melo não apenas buscou atender as demandas práticas das atividades administrativas que são peculiares a direção de um departamento de Jornalismo e Editoração: dedicou-se principalmente a consolidar as bases de uma formação profissional marcada pela convivência com outros setores do saber e com a demanda de um profissional que, centrado na ética, também tivesse domínio das práticas profissionais e, sobretudo, um olhar diferenciado do "ser" jornalista.

Trata-se, portanto, não apenas de relatórios e reflexões, mas de um documento complexo para se pensar as origens e os fundamentos dos estudos sobre jornalismo na modernidade brasileira; de repensar e olhar a comunicação e o jornalismo e aspectos múltiplos desta formação profissional.

Referências

MARQUES DE MELO, José. A opinião no jornalismo brasileiro. Petrópolis: Vozes, 1985.

MARQUES DE MELO, José. Estudos de jornalismo comparado. São Paulo: Pioneira, 1972.

MARQUES DE MELO, José. Relatório do Departamento de Jornalismo e Editoração. São Paulo: USP, 1968.

MARQUES DE MELO, José. Relatório do Departamento de Jornalismo e Editoração. São Paulo: USP, 1970.

MARQUES DE MELO, José. Relatório do Departamento de Jornalismo e Editoração. São Paulo: USP, 1971.

MARQUES DE MELO, José. Sociologia da imprensa brasileira. Petrópolis: Vozes, 1973.

MARQUES DE MELO, José. Relatório do Departamento de Jornalismo e Editoração. São Paulo: USP, 1969.

MARQUES DE MELO, José./Catálogo de Editoração dos Textos 1972. Escola de Comunicação e Artes/USP-SP, 1972.

Pioneirismo no jornalismo laboratorial

Clarissa Josgrilberg Pereira[1]

2.2 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José; LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. **Jornalismo laboratorial na Universidade de São Paulo:** projetos pioneiros. Série Ensino – Comunicação Jornalística e Editorial. São Paulo: 1987.

"Comunicação Jornalística e Editorial" é uma obra que compõe a Série Ensino, editada pela Universidade de São Paulo (USP), organizada por José Marques de Melo e Carlos Eduardo Lins. Foi publicada em 1987 e traz reflexões e descrições sobre o jornalismo laboratorial e, especificamente, sobre o "Jornal do Campus", veículo jornalístico experimental da USP.

A obra é apresentada por Marques de Melo, que, na época, era chefe do departamento de jornalismo e editoração e professor titular da USP. Na sequência, há um capítulo do mesmo autor intitulado por "Diretrizes para um Jornal Laboratório", o qual foi originalmente publicado em 1967 pela Revista da Escola de Comunicações Culturais e, depois, o capítulo "A experiência de

1. Assistente do Núcleo de Pesquisa da Faculdade de Ensino Superior do Interior Paulista (FAIP). Mestre pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e jornalista pelo Centro Universitário da Grande Dourados (Unigran). E-mail: clarissa_jpereira@hotmail.com.

implantação do 'Jornal do campus'", escrito por Carlos Eduardo Lins e publicado, inicialmente, na Série "Documentos CJE", em 1985.

A apresentação

A Escola de Comunicações da Universidade de São Paulo foi criada em 1966 e iniciou o curso de Jornalismo em 1967. Entre os objetivos do curso estava o de aliar teoria e prática, especialmente, por meio do jornal laboratório, que só foi viabilizado em 1969. Contudo, "esperava-se que o jornal funcionasse normalmente, cumprindo a periodicidade programada. Lamentavelmente isso não ocorreu por razões de natureza política. Estávamos em plena vigência do Decreto-lei 477 e do Ato Institucional no 5", aponta Marques de Melo (1987, p.5).

O autor lembra que o jornal laboratorial sofria coação constante, quando não o impedimento concreto da circulação. Dessa forma,

> Recusando implantar a censura proposta pelo "terceiro estágio", os professores do Departamento de Jornalismo optaram pelo adiamento da circulação do jornal em todo o campus e decidiram prosseguir a realização de edições experimentais, sem periodicidade fixa. O endurecimento político e a repressão sofrida por docentes, estudantes e funcionários do nosso departamento prolongaram a fase experimental do jornal laboratório que durou 15 anos (MARQUES DE MELO, 1987, p.6).

Ainda em 1970, com a abertura política, as condições de produção continuavam desfavoráveis e, segundo Marques de Melo, "driblar esses fatores paralisantes" foi o maior desafio do jornal. Lançar, de fato, o impresso experimental nomeado por "Jornal do Campus" só foi possível em 1983 e, três anos depois, ele conseguia chegar a todos os campi da universidade, com uma tiragem de 20 mil exemplares. Segundo o autor, o impresso "possui fragilidades, mas vem sendo aperfeiçoada com obstinação e humildade" (1987, p.6). Isso é indubitável, uma vez que essas são características natas do próprio Marques de Melo, um dos que estava à frente do projeto.

Dessa forma, como pontuado acima, na apresentação da obra, mais que apontar o que será exposto no livreto, o autor realiza a contextualização histórica do momento que permeava o lançamento do Jornal e analisa as influências decisivas daquele período na produção e circulação do impresso experimental.

Diretrizes para um Jornal Laboratório – José Marques de Melo

No capítulo de sua autoria, Marques de Melo inicia abordando a importância didática de se ter jornal laboratorial nos cursos de jornalismo. Segundo o autor, a principal relevância está em integrar os estudantes à problemática da profissão, ou seja, "a sua finalidade é a de permitir um treinamento adequado na própria Escola, de modo que os alunos tenham oportunidade de colocar em execução, ainda que experimentalmente, o acervo de conhecimentos teóricos adquiridos nas diversas disciplinas de natureza técnico-profissional" (MARQUES DE MELO, 1987, p.11).

Após isso, o autor sublinha a ausência de veículos laboratórios naquela época. Hoje, devido às facilidades tecnológicas e digitais e aos incentivos de prêmios como o da Exposição de Pesquisa Experimental em Comunicação (Expocom), acreditamos que esse aspecto tenha sido melhorado. Contudo, além da crítica sobre a ausência de veículos experimentais, o autor também questiona a qualidade dos poucos que existiam na época, fundamentalmente, "[...] pelo caráter essencialmente amadorístico que apresentam, quando não pela completa desvinculação da realidade" (MARQUES DE MELO, 1987, p.11). Sobre tal questão não arriscamos opinar se houve ou não melhora; certamente, apenas um estudo comparativo responderia essa questão.

Se no Brasil o cenário era o exposto acima, nos Estados Unidos e em outros países a realidade era outra. Estavam à frente produzindo veículos laboratoriais reais, destinados a comunidades específicas ou acadêmicas que permitiam ao estudante de jornalismo vivenciar a prática da profissão e seus problemas em sua essência. Marques de Melo ainda relacionava o sucesso dos veículos laboratoriais desses países à boa formação acadêmica e à alta taxa de empregabilidade desses profissionais.

Para produção do jornal laboratorial, Marques de Melo pontua que a pedagogia do jornalismo traz dois tipos de prática: a "prática integral", que seria elaborar uma publicação periódica, sobre a qual ele cita Rizzini, da Universidade de Missouri, na seguinte afirmação:

> não compete ao jornalista compor na linotipo, fazer gravuras ou fundir telhas, como não lhe compete angariar publicidade, cuidar de circulação ou contratar papel. Mas, não será um jornalista completo aquele que não souber como se processam essas operações mecânicas e administrativas (MARQUES DE MELO, 1987, p.11).

E a "a prática amostral", que seria elaborar páginas isoladas de um jornal e restringir essa ação às salas de aula. A Universidade de Columbia utilizava-se dessa forma e, seguindo-se a proposta, não caberia montar toda a infraestrutura

de um jornal, pois o estudante vivenciaria, na universidade, a redação e os outros setores de um jornal seriam conhecidos por meio de estágios complementares.

Ao exemplificar, com o ensino do jornalismo norte-americano, Marques de Melo também conta que os empresários tiveram forte contribuição no processo, ao abrirem suas redações para os alunos, realidade bem diferente da que acontecia no Brasil. Hoje, no entanto, já há alguns programas de estágio em jornalismo que são promovidos por empresas da área. Contudo, em alguns lugares, essa abertura tem se tornado uma mão de obra barata e que desvirtua a nata intenção de um programa de estágio, que é a do acadêmico aperfeiçoar e vivenciar a prática da profissão, sob orientação adequada, e não a de se inserir na lógica do mercado, aprendendo os vícios profissionais sem que alguém o conduza ao melhor fazer.

Após expor os tipos de práticas que podem ser adotadas por impresso laboratorial, Marques de Melo explica que a USP adotou a **prática integral.** Para justificar a escolha, entre outros argumentos, o autor sublinha a necessidade de formar um profissional completo, especializado e apto a trabalhar com o jornalismo industrial para que, então, consiga integrar-se ao mercado de trabalho.

Marques de Melo discorre, em seguida, sobre todo o processo de montagem da estrutura do veículo laboratorial, desde a divisão das funções dos acadêmicos em equipes e respectivas funções até a algumas orientações pedagógicas. O jornal surgiu semanário, com tiragem de 15 mil exemplares. Tinha como projeção tornar-se diário e chegar aos 20 mil exemplares, tiragem que alcançou em 1986. Ao final, o autor traz exemplos de capas dos impressos publicados.

A experiência de implantação do "Jornal do Campus" – Carlos Eduardo Lins da Silva

O texto de Carlos Eduardo Lins da Silva é um relatório em que o autor descreve sobre o processo de planejamento e implantação do veículo laboratorial da USP, cuja proposta foi apresentada por ele. O autor inicia o texto apontando o planejamento que se tinha para o veículo e entre as propostas constavam: ter um Conselho Editorial, imprimir 50 mil exemplares, ser apresentado no formato *standard*, ter estudantes monitores que seriam responsáveis por setores do jornal, fazer com que as disciplinas se relacionassem e fossem aplicadas durante a elaboração do impresso, contar com a colaboração dos departamentos de Publicidade e Propaganda e de Relações Públicas, tanto para o setor comercial quanto para o de relações públicas do veículo, entre várias outras ações. Contudo, na prática, o resultado adquirido foi bem diferente. Conforme relata Lins da Silva (1987, p.28)

> Durante esses quatros semestres [de 1984 a 1985], o "Jornal o Campus" circulou de forma precária em algumas unidades da Universidade, nunca teve uma periodicidade regular, nunca publicou qualquer anúncio publicitário, jamais chegou a ter mais do que dois estudantes monitores, não formou o seu Conselho Editorial, não teve supervisão pedagógica, não contou com a colaboração de outros departamentos da ECA USP [...]

Um pouco mais adiante, o autor considera: "este relatório é, assim, o relato de um fracasso". Em seguida, busca apontar as causas do fracasso do veículo para que nas próximas tentativas de implementação dos veículos não cometessem os mesmos erros. Ele inicia abordando os problemas administrativos como: falta de verba, falta de material e de equipamento, entraves políticos, excesso de burocracia, dando destaque para os dois últimos conforme se lê no excerto a seguir: "os entraves da burocracia junto com os da ideologia conseguiram retardar em pelo menos 30 meses o início da experiência de se obter verbas oriundas da publicidade para tocar o projeto do 'Jornal o Campus'" (LINS DA SILVA, 1987, p.31).

Ao elencar os problemas com o jornalismo, o autor registra, entre eles, a ausência de um projeto jornalístico e, por conseguinte, a falta de definição de uma linha editorial, a indefinição do tipo de texto, e de diagramação. Contudo, o autor aponta que, no segundo semestre, o jornal melhorou e começou a criar uma identidade; ele passava à coordenação do professor Manuel Chaparro e contava com menos professores que supervisionam a produção do impresso, mas que pensam de forma similar, contribuindo, assim, com a criação de uma identidade.

Assim, ao longo do texto, Lins vai expondo as dificuldades, desde as estruturais como falta de equipamentos e as barreiras jornalísticas até a falta de definição de uma linha editorial e problemas didáticos, sobre os quais dispende um pouco mais de páginas e traz, entre outros exemplos, a presença de professores, no jornal laboratório, que não acreditam na prática com um aporte didático-pedagógico.

Ao expor sobre os problemas didáticos, Lins traz várias questões e, muitas delas, pertinentes até hoje como, por exemplo, a falta de integração entre as disciplinas técnicas, o excesso de alunos, o que impossibilita uma atuação melhor por parte do professor que trabalha, especialmente, com texto. E, ainda, a aposta errônea dos alunos passarem rapidamente por todas as funções de um jornal, mesmo por aquelas com as quais não têm afinidade e sem se especializar em nenhuma delas, deixando, assim, de investir no potencial de cada aluno.

Na sequência, o autor discute sobre os conteúdos do impresso laboratorial e constata: "não é clara, nem foi intencional, mas o 'Jornal do Campus' parece ter passado de uma linha mais 'engajada' ou 'politizada' ou 'reivindicatória', para uma linha mais de prestação de serviços" (LINS, 1987, p.39). Com isso,

o autor aponta que nenhuma pesquisa de campo foi feita sobre o que os leitores queriam, de fato, receber e, ainda, que essas constantes mudanças certamente comprometeram a imagem do jornal.

Por fim, Carlos Eduardo Lins discorre sobre a linguagem utilizada na elaboração do veículo impresso e aponta que, assim como as outras partes do jornal, a linguagem não foi pensada e definida em conjunto. E faz severa crítica:

> Poucos textos nas nove edições podem ser considerados como exemplares dentro dos estilos consagrados do jornalismo de grande imprensa ou de jornalismo empresarial. Na verdade, uma leitura rigorosa indicará que nenhum dos textos publicados poderia ser utilizado em sala de aula como modelo de correção ou perfeição de estilo. A grande maioria dos textos é apenas sofrível, sendo que muitos deles seriam considerados impublicáveis em qualquer órgão da grande imprensa. Os melhores poderiam ser considerados apenas medíocres. [...]. Os textos fotográficos e gráficos não ficam atrás. Quase todas as fotos, desenhos e diagramas são ruins, sofríveis ou medíocres (LINS, 1987, p.41).

Após abordar todas as circunstâncias de produção do impresso e as dificuldades de produzi-lo, o autor conclui que o impresso, até o momento de sua análise, tinha sido "um fracasso" e que não tinha conseguido cumprir seus objetivos, tornando-se um veículo de baixa credibilidade. Na visão do autor, a única forma desse projeto ter sucesso é construindo uma concepção jornalística e pedagógica e conseguindo recursos publicitários que o viabilize. Ao final, o autor expõe algumas das capas dos jornais que se conseguiu fazer circular.

Considerações finais

Os textos a que nos referimos resultam de reflexões sobre a importância de jornais laboratórios no ensino superior de Jornalismo. Eles foram originalmente publicados em canais de divulgação científica internos da Universidade de São Paulo (USP), hoje inexistentes e/ou com suas publicações esgotadas. A republicação desses textos ocorreu no momento em que o jornal "O Campus", veículo laboratorial do curso de jornalismo da USP, chegava a sua quinquagésima edição.

A ideia ao retomar esses textos acima mencionados e publicá-los em 1987 era, justamente, a de permitir o acesso a essas reflexões que serviram de base para a criação do jornal laboratorial da USP. Contudo, hoje, essa obra também já não é mais de fácil acesso. Temos, então, com esse texto, a "retomada da

retomada" dos artigos publicados por José Marques de Melo e Carlos Eduardo Lins da Silva. O interessante, é que, mais de 25 anos depois do lançamento de "Comunicação Jornalística e Editorial", estamos fazendo a mesma ação, retomando a obra para que ela não se perca no tempo e, ainda, agindo por meio da idealização do mesmo mestre, o sempre visionário, Marques de Melo.

Contudo, talvez o leitor se pergunte sobre qual a importância de retomar uma obra específica como essa, que retrata a criação de um jornal laboratorial, depois de mais de 25 anos. Além do fundamental regate histórico e da contribuição para a manutenção da memória da comunicação, mais especificamente, do jornalismo, abre-se espaço significativo para a reflexão sobre a área. Como exposto em algumas partes do texto, muito do que é apresentado no livreto aqui resenhado mantém-se atual como, por exemplo, as dificuldades de se viabilizar um veículo jornalístico ou os problemas didáticos e pedagógicos como a falta entrosamento entre as disciplinas práticas.

Por fim, esta obra, assim como as outras que contam com o envolvimento de Marques de Melo, traz nas entrelinhas, o reflexo da personalidade do pesquisador e autor, que nutre a constante preocupação de se construir a memória da comunicação e do jornalismo, enfatizando a atenção para o relacionamento entre teoria e prática e a firmeza diante das dificuldades, bem como o uso de desacertos para o aprendizado de acertos futuros.

Alicerçando o Jornalismo para edificar a Comunicação

Eduardo Meditsch[1]

3.2
CAPÍTULO

USP. Escola de Comunicações Culturais. **Boletim do Departamento de Jornalismo**. Ano I, nos. 1 a 3/1968; Ano II, nos. 4 a 6/1969.

USP. Escola de Comunicações e Artes. **Guia Departamento de Jornalismo e Editoração.** 1971.

USP. Escola de Comunicação e Artes. **Catálogo de Pós-Graduação: Mestrado e Doutorado Jornalismo**.1992.

Nos tempos que correm nesta segunda década do Século XXI, a vida institucional de nossas universidades é cada vez mais instantaneamente registrada e tornada transparente pela internet, mas, infelizmente, deletada com a mesma pressa a cada reforma que tenta reinventar a roda, ou mesmo com a constante remodelação gráfica dos espaços virtuais. Por isso mesmo, os registros impressos seguem ainda sendo fontes

1. Professor da Universidade Federal de Santa Catarina e Pesquisador do CNPq. Jornalista formado pela UFRGS, Mestre pela USP, Doutor pela Universidade Nova de Lisboa com posdoutorado na Univerity of Texas at Austin. Coordenou a criação do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC.

mais perenes e indispensáveis para os historiadores do campo acadêmico. Esses registros, infelizmente, são mais raros, pois poucos dirigentes universitários vislumbram que o cotidiano de seus departamentos possa ter interesse para alguém mais do que as pessoas direta e imediatamente envolvidas.

Talvez por ter tido sempre consciência de estar construindo história, talvez pela indestrutível vocação de jornalista que mal teve tempo de praticar fora da academia, José Marques de Melo foi uma exceção também neste aspecto, e desde o início. Em suas passagens por cargos administrativos na USP - antes e depois do período em que foi impedido de trabalhar lá pela ditadura militar, Marques de Melo foi um incansável criador de publicações em série, das quais as analisadas neste capítulo são apenas uma pequena amostra.

Com apenas 23 anos de idade, Marques de Melo participou, como voluntário, da fundação do Curso de Jornalismo da então Escola de Comunicações Culturais - mais tarde Escola de Comunicações e Artes. Professor concursado logo no início do curso, em 1967, embora fosse o membro mais jovem da equipe, já foi colocado na posição de Coordenador do Departamento e, quando este se estruturou formalmente, em 1968, foi nomeado seu primeiro Diretor (MATTOS, 2010). E com o início de sua primeira gestão, surge o "Boletim do Departamento de Jornalismo", que teria seis edições nos seus dois primeiros anos de funcionamento.

Neste período, a publicação passa por uma evolução semelhante a de outros periódicos acadêmicos, como o pioneiro "*Journalism Bulletin*", de 1924, que deu origem à atual "*Journalism & Mass Communication Quaterly*", ou a "Comunicações & Problemas", pioneira em nosso país, criada por Luiz Beltrão no Recife em 1965, ou ainda o posterior "Boletim da Intercom", de 1978, que se transformaria mais tarde na "Revista Brasileira de Ciências da Comunicação", esta também uma iniciativa de Marques de Melo. A semelhança se dá em terem começado todos eles a funcionar como instrumentos de mero registro, relatando eventos, currículos, documentos, etc., e aos poucos terem incorporado textos autorais que vão adquirindo um formato cada mais acadêmico, e se consolidando neste percurso como periódicos científicos.

A leitura do "Boletim do Departamento de Jornalismo", em suas edições de 1968 e 1969, do "Guia Departamento de Jornalismo e Editoração", de 1971, e do "Catálogo de Pós-Graduação: Mestrado e Doutorado Jornalismo", de 1992, também ajuda a compreender como um jovem do interior do Brasil se tornou uma celebridade acadêmica internacional na área de Comunicação, seguindo o conselho de Tolstói de começar por descrever a própria aldeia. O retirante nordestino sabia que o que pudesse mostrar ali da USP, principal universidade brasileira, teria eco em todos os rincões do país e na América Latina. E, num segundo sentido, as publicações deixam claro que, em todos os momentos, a

aldeia que Marques de Melo pintava era o projeto acadêmico do Jornalismo, com a consciência de que, apenas alicerçando este terreno em bases sólidas, é que poderia ajudar a construir - como o fez como ninguém mais no país em sua geração - a institucionalização do campo mais plural da Comunicação.

O primeiro número do "Boletim do Departamento de Jornalismo", de março de 1968, traz o currículo "reestruturado" do Curso de Jornalismo, pensado naquela etapa com a finalidade de "treinar e formar pessoas para os veículos do Jornalismo Gráfico", embora inclua algum conteúdo de rádio e televisão. O currículo é estruturado em três eixos, com disciplinas instrumentais (reunindo as várias técnicas profissionais), fenomenológicas (as teorias da área da comunicação e das ciências humanas aplicadas à área) e culturais (formação humanística). O currículo prevê estágio obrigatório nos próprios laboratórios da Universidade e nas empresas, e o primeiro "Boletim" anuncia a criação de uma Agência Universitária de Notícias e de um Jornal-Laboratório para a viabilização destes estágios internos. Um "serviço de recorte de jornais" (*clipping*) também passaria a ser prestado pelo Curso para toda a Escola de Comunicações Culturais.

O Departamento de Jornalismo da USP começou a funcionar com seis professores, todos engajados não apenas nas aulas, mas também em dois projetos de pesquisa coletivos, a serem desenvolvidos com os alunos, sobre os hábitos de leitura da população de São Paulo e a morfologia dos jornais paulistas, experiência que Marques de Melo trazia da convivência com seu mestre Luiz Beltrão na Universidade Católica de Pernambuco. O primeiro número do "Boletim" também anuncia dois eventos a serem realizados em 1968 como atividades extracurriculares (sobre jornalismo supletivo e jornalismo audiovisual) e a intenção de desenvolver atividades de extensão com o intuito de manter "relações mais estreitas com o mercado de trabalho de jornalismo", um problema detectado em pesquisa realizada na Faculdade Cásper Líbero (pelo próprio Coordenador do Departamento, em seu emprego anterior).

O primeiro número do "Boletim", seguindo o modelo das demais publicações pioneiras, encerra com informações bibliográficas, sobre a produção do próprio departamento e as novidades editoriais no campo do jornalismo, padrão que seria mantido nos números seguintes.

O segundo número do "Boletim do Departamento de Jornalismo" descreve a "cadeira" de Técnica e Prática de Jornal e Periódico e seus vários "cursos monográficos semestrais" - conforme a estrutura de cátedras vigente na Escola de Comunicações Culturais, como nas demais instituições brasileiras, antes da reforma universitária de 1969. Já aí, o editor revela sua preocupação com a construção da área em nível nacional, explicando a publicação como "uma contribuição da ECC às entidades congêneres de todo o país".

De fato, a descrição pormenorizada dos programas analíticos das dez disciplinas que compõem a cátedra, com suas já extensas orientações bibliográficas, ocupando 50 páginas, mostra um nível de sofisticação que poucos cursos do Brasil alcançavam naquele momento - em um tempo de desarticulação da universidade brasileira e dos seus cursos de jornalismo em meio à repressão da ditadura militar. A bibliografia - em grande parte em inglês, francês e espanhol - serve hoje de referência para uma avaliação histórica do nível de desenvolvimento alcançado pelos estudos de jornalismo antes da sua desarticulação, que viria em seguida, com a entrada em vigor dos currículos mínimos obrigatórios de Comunicação Social e o consequente apagamento desta memória.

O segundo número do "Boletim do Departamento de Jornalismo", publicado em maio de 1968, traz uma seção de Noticiário, com notas sobre outros cursos de jornalismo do país e eventos internacionais, como o novo curso de "Jornalismo Polivalente" inaugurado por Luiz Beltrão numa instituição privada de Brasília, ou o congresso mundial sobre ensino de jornalismo organizado pela AIERI em Navarra, na Espanha, e a eleição de uma nova diretoria da entidade. Os horizontes do boletim, assim como os de seu editor, estavam longe de se limitar à Escola da USP. Os seus números seguintes vão mostrar a continuidade deste esforço de abertura e proximidade em relação ao que acontecia no resto do Brasil e do mundo, e também fora do ambiente acadêmico, na realidade profissional.

Assim, o terceiro número vai expor a metodologia do Jornalismo Comparado, num texto de Marques de Melo que a apresenta como base de uma "ciência da imprensa" tal como concebida pelo ex-diretor do Instituto Francês de Imprensa, Jacques Kayser. Traz também o Código de Ética aprovado no Congresso Nacional dos Jornalistas realizado em Porto Alegre em junho de 1968, e um resumo das principais intervenções no encontro sobre a formação de professores de jornalismo realizado pela AIERI em Pamplona. Este "Boletim" transcreve três artigos sobre temas jornalísticos e uma resenha de livro, além dos registros de novas publicações no Brasil e no exterior.

Em março de 1969, o número 4 do "Boletim do Departamento de Jornalismo" anuncia nas primeiras páginas uma mudança no projeto do curso, por imposição da Portaria 238/66 do Conselho Federal da Educação: "É importante ressaltar que os professores do Departamento fazem várias restrições às diretrizes do atual currículo-mínimo, todavia são obrigados a cumpri-lo", ressalva a introdução. O projeto pedagógico começa a perder autonomia e originalidade. Mas o Departamento tenta prosseguir suas atividades, com palestras, conferências e pesquisas sobre a imprensa paulista, enquanto a ditadura aperta o cerco. Ainda assim, no início de seu segundo ano de existência, o "Boletim" parece um pouco mais apático, e diminui para 30 o número de páginas.

Já no número 5, de julho de 1969, apesar da conuntura nacional, o ânimo parecia estar de volta. A maior parte do "Boletim" é dedicada à questão do sensacionalismo, tema da Primeira Semana de Estudos sobre Jornalismo promovida pelo Departamento. No mês anterior, professores da faculdade, jornalistas profissionais, acadêmicos das ciências humanas, religiosos e estudantes debateram por cinco dias os diversos aspectos da questão. No fechamento da Semana, o Diretor do Departamento José Marques de Melo aproveita o entusiasmo para motivar a pesquisa na área:

> Num setor onde os estudos e as pesquisas ainda são raros e desatualizados, é salutar e indispensável levantar hipóteses e delinear novas tendências dos fenômenos. [...] Sem pesquisas científicas é impossível analisar os efeitos gerados pelo processo comunicativo, bem como situar exatamente as suas repercussões sociais.

O quinto número também comemora a criação do Museu da Imprensa Júlio de Mesquita Filho, nova conquista do Departamento.

No expediente do número 5, além dos professores, destacam-se os nomes de representantes discentes e funcionários que mais tarde estariam na vanguarda acadêmica da área, como Ethevaldo Siqueira, Ciro Marcondes, José Coelho Sobrinho e José Salvador Faro. E na página 36, há um registro da resistência da USP a mais um currículo-mínimo imposto, desta vez propondo acabar a formação profissional específica:

> Está tramitando no Conselho Federal de Educação um projeto destinado a regulamentar o currículo mínimo das profissões na área de comunicação social. Este projeto foi elaborado pelo subgrupo presidido pelo professor Celso Kelly. A orientação básica do documento é a de instituir a polivalência na formação de comunicadores sociais. O que significa que, ao mesmo tempo, um profissional pode ser especialista em jornalismo, relações públicas, propaganda, etc. Um substitutivo projeto foi apresentado ao CFE pelos professores José Marques de Melo e Cândido Theobaldo de Souza Andrade, respectivamente diretores dos Departamentos de Jornalismo e Relações Públicas, que consultaram outros professores da ECC sobre a matéria. Esta proposta contém a defesa do comunicador especializado, já implantada no Brasil, e que vem sendo adotada em inúmeros outros países (USP, 1969, p. 36).

Os Departamentos da USP assumiam a frente da luta de resistência contra a imposição do "comunicador polivalente" e pelas formações específicas. Esta luta faria o CFE recuar e criar o currículo de comunicação

com as diversas habilitações profissionais, um meio termo negociado que garantiu a preservação da identidade das subáreas nos cursos de graduação nas décadas seguintes, contra a maré avassaladora da comunicologia que pretendia suprimir todas as diferenças internas do campo.

Ao final de seu segundo ano de funcionamento, o "Boletim do Departamento de Jornalismo" número seis, de outubro de 1969, já tem 66 páginas. Além de comemorar o lançamento do jornal-laboratório do curso naquele mês, o número é dedicado quase inteiramente à regulamentação da profissão de jornalista instituída pelo decreto 972. É transcrito um parecer favorável do Conselho Federal de Educação apresentado ao Ministério do Trabalho, assim como um documento de apoio assinado pelo reitor da USP em exercício, Alfredo Buzaid (que depois seria ministro da Justiça). O Departamento de Jornalismo realizou um Seminário de professores e alunos para avaliar a proposta do Ministério do Trabalho, "concluindo-se pelo apoio integral às linhas básicas do anteprojeto". O seminário propõe também alguns ajustes na redação dos artigos que tratam de estágios e de registro especial para colaboradores, funcionários públicos e provisionados. (p. 21-22). O "Boletim" transcreve o anteprojeto na íntegra, além da exposição de motivos do ministro Jarbas Passarinho dirigida à Junta Militar que ocupava a Presidência da República naquele momento.

A ocupação do poder pela Junta Militar reforçou o recrudescimento da repressão, já iniciado meses antes com o Ato Institucional número 5, de 1968, que dava poderes absolutos aos militares. Neste contexto, a Universidade brasileira, cada vez mais acuada, foi sacudida pela maior reforma de sua história em 1969, com a extinção das cátedras vitalícias, a implantação dos departamentos e de uma nova estrutura de graduação e pós-graduação. Neste processo de reestruturação, a Escola de Comunicações Culturais da USP se transformou em Escola de Comunicações e Artes, e seu Departamento de Jornalismo assumiu a tarefa de implantar também um curso de Editoração, tornando-se Departamento de Jornalismo e Editoração. Marques de Melo resistiu à frente dele por mais um tempo.

O "Guia do Departamento de Jornalismo e Editoração", publicado em 1971, registra os programas das disciplinas do Departamento, que mantém suas características fundamentais apesar da entrada em vigor do novo Currículo-Mínimo obrigatório, apenas ampliando seu escopo para abarcar o novo campo profissional atendido. O "Guia" registra as pesquisas realizadas pelo Departamento e lista dezenas de atividades de extensão, que serviram para afirmar a USP como um centro de referência tanto para o meio acadêmico quanto para o mercado na área de jornalismo. Ao mesmo tempo em que a equipe do Departamento superava os muros da universidade para dar cursos e palestras a profissionais e instituições de outros estados, jornalistas e intelectuais de renome eram chama-

dos para falar na USP. Entre todas essas atividades, se destacam as Semanas de Estudos de Jornalismo, realizadas anualmente, sendo que a II Semana, realizada em 1970, teve como tema "Censura e Liberdade de Imprensa", o que acabaria por custar o cargo e depois até o emprego do Coordenador do Departamento. O professor Marques de Melo foi processado pelo decreto 477, criado para reprimir a atividade política nas universidades e, embora formalmente absolvido pelo Ministério da Educação, não escapou à perseguição interna dos dirigentes conservadores nomeados para o poder na USP, como em todas as outras universidades públicas do país (MATTOS, 2010, p.119-121).

Num primeiro momento, Marques de Melo perdeu o cargo de Coordenador do Departamento e foi aconselhado a deixar o país, enquanto via outros colegas como Freitas Nobre e Thomaz Farkas sendo presos e demitidos. Tendo concluído o seu doutorado na ECA em 1972 (foi o primeiro Doutor em Jornalismo no Brasil), conseguiu uma bolsa da FAPESP para estudar o sistema de pós-graduação em jornalismo nos Estados Unidos, visando colher subsídios para a reorganização da pós na USP pelos moldes da Reforma Universitária. Mas, só conseguiria utilizar esta experiência vários anos depois, pois ao retornar da América do Norte foi sumariamente demitido da Universidade, e não pôde sequer publicar o seu estudo na ocasião (MELO, 2012a). Marques de Melo foi desligado da USP em 1994, e só pôde retornar à principal universidade do país cinco anos depois, com a promulgação da Lei da Anistia que revogou as punições do Regime Militar.

De volta à instituição, reinicia o projeto interrompido de estruturar a área acadêmica de jornalismo e, tendo esta como um alicerce, erguer a estrutura da área maior da Comunicação, o que se dedicou a fazer principalmente a partir da INTERCOM. Melo foi mais três vezes eleito para encabeçar o Departamento: "Eu me defrontava então com a tarefa de reconstruir o projeto pedagógico do Departamento de Jornalismo da USP, que os agentes do governo autoritário haviam destruído implacavelmente" (MELO, 2012b, p. 13).

Em 1992, ao ser eleito diretor da Escola de Comunicações e Artes, Marques de Melo lança o seu projeto mais arrojado no plano pedagógico e científico: a recuperação da autonomia do Jornalismo na pós-graduação *stricto-sensu*, com a reforma da toda a pós da ECA e o desdobramento do Programa em Ciências da Comunicação criado após a Reforma Universitária (o Mestrado em 1972 e o doutorado em 1980) em vários programas especializados.

O "Catálogo de Pós-Graduação: Mestrado e Doutorado em Jornalismo", publicado naquele ano, apresenta em detalhes o projeto de implantação do novo Programa, estruturado sobre cinco Núcleos e Linhas de Pesquisa: Jornalismo Comparado; Jornalismo e Cidadania; Jornalismo e Linguagem; Jornalismo, Mercado e Tecnologia; e ainda Epistemologia do Jornalismo. O programa

nasce com 27 docentes que desenvolviam 25 projetos de investigação e prevê o oferecimento gradual de 39 diferentes disciplinas ao longo de sua implantação prevista até 1996. O catálogo tem 116 páginas e detalha os currículos dos docentes, suas investigações em curso e os planos para as disciplinas, com uma riquíssima bibliografia, constituindo-se em mais uma referência histórica fundamental para qualquer projeto acadêmico na área.

O Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da USP, pioneiro na América Latina nesta especialidade, no entanto não sobreviveu à aposentadoria de seu criador, ao final de seu mandato na Direção da ECA, em 1993, e de parte significativa da equipe nos anos seguintes, o que desestruturaria o núcleo forte do Departamento de Jornalismo e Editoração da instituição por um bom tempo. No ano em que estaria completamente implantado, em 1996, foi engolido por mais uma reformulação da ECA que reunificou todos os programas de pós em Comunicação e apagou suas especificidades.

Mas foi apenas mais uma derrota temporária de quem sempre construiu a história nadando contra a corrente. No Século XXI, Marques de Melo participou da fundação da Associação Brasileira de Pesquisadores de Jornalismo (foi seu sócio número 1) e viu as sementes que plantou brotarem em novos programas de pós especializados em Jornalismo em várias instituições do país. Articulou também a criação da Federação Brasileira das Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação (SOCICOM), com a consciência de que é o respeito à diversidade e o fortalecimento das especificidades da área maior da Comunicação o que pode garantir o seu futuro na Universidade. Consciência que sempre teve, ao fazer e registrar, como se observa nas publicações analisadas neste capítulo.

Referências

MATTOS, Sérgio. **O Guerreiro Midiático**: Biografia de José Marques de Melo. São Paulo/Petrópolis: INTERCOM/Vozes, 2010.

MELO, José Marques. **Journalism made in USA**: a Brazilian perspective. São Paulo: INTERCOM, 2012 (a).

MELO, José Marques. Signos do Porvir. In MEDITSCH, Eduardo. **Pedagogia e Pesquisa para o Jornalismo que está por vir.** Florianópolis: Insular/Posjor UFSC, 2012 (b). p. 13-14

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Escola de Comunicações Culturais. Boletim do Departamento de Jornalismo. Números 1 a 6. 1968/1969

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Escola de Comunicações e Artes. Guia Departamento de Jornalismo e Editoração. 1971. 103 p.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Escola de Comunicações e Artes. Catálogo de Pós-Graduação. Mestrado e Doutorado Jornalismo. 1992. 116 p.

Desafio na década 'perdida': reconstruir – ECA-USP (1989)

Maria Cristina Gobbi[1]

4.2 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José. **Reconstruir a ECA-USP-89**. São Paulo: ECA-USP, 1989.

Cenários importantes

No ano de 1989, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, tomou posse, no dia 31 de janeiro, como diretor o professor Dr. José Marques de Melo, para a gestão 1989-1992, em meio a um período conturbado não somente no país, mas e também na e para a Universidade. Escolhido pelo Reitor Goldemberg, a partir de uma lista tríplice, resultado da votação secreta do colégio eleitoral, integrado pelos membros da Congregação e dos Conselhos Departamentais, que foi realizada

1. Pesquisadora, Pós-Doutora pelo Programa de Integração da América Latina (PROLAM) da Universidade de São Paulo. Doutora pela Universidade Metodista de São Paulo. Vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Televisão Digital e professora do Programa em Comunicação da UNESP - Universidade Estadual Paulista. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Pensamento Comunicacional Latino-Americano. Diretora Administrativa da SOCICOM. E-mail: mcgobbi@terra.com.br; mcgobbi@faac.unesp.br

no mesmo ano. Marques de Melo recebeu a preferência majoritária da comunidade uspiana e ocupava o primeiro lugar da lista tríplice.

Sob o governo de Laudo Natel, a Escola de Comunicações Culturais (ECC) foi criada pelo Decreto 46.419, de 15 de junho de 1966, assinado por Antonio Delfim Neto, Secretário da Fazenda, e pelo reitor Luís Antônio Gama e Silva. Em 1969 teve o nome alterado para Escola de Comunicações e Artes (ECA), oficializado pelo Decreto 52.326, de 1970, sendo o seu primeiro diretor o professor Dr. Julio García Morejón. A ECA nasceu em um momento decisivo do panorama nacional, em meio a ditadura militar e trouxe para a cidade cursos superiores inéditos como: Rádio e TV, Relações Públicas, Teatro, além de "consolidar outras disciplinas como o Jornalismo, Biblioteconomia e Documentação e Cinema". Já contava, por essa época, com nomes importantes do cenário acadêmico e profissional, como Nelly de Camargo, Virgílio Noya Pinto, Flávio de Almeida Prado Galvão, Rudá de Andrade, André Casquel Madrid, Alfredo Mesquita, Cândido Teobaldo de Souza Andrade, entre outros. (Eca50anos, 2013, online)

Final da famosa década considerada 'perdida' em termos econômicos, especialmente no Brasil, os anos de 1980 foram marcados por muitos movimentos e mudanças, tanto econômicas, como políticas e sociais. Talvez também estivéssemos ainda sob os efeitos remanescentes da década anterior. A hiperinflação ainda assustava e os ajustes sociais se faziam urgentes. Sofríamos com a ausência de planos políticos, com a má administração pública, desorganização econômica em um país que estava reaprendendo a viver de forma democrática e se fazia necessário e urgente a definição de um novo modelo de desenvolvimento para o Brasil. Vivemos momentos de grandes desafios e inquietações.

Por outro lado, o ano de 1989 foi marcado por grandes acontecimentos, como a queda do Muro de Berlim (ato simbólico que marcou o fim da Guerra Fria), ano em que o primeiro número da Revista USP começou a circular, e ocorreu a primeira eleição direta para presidente da República no Brasil. Depois de quase três décadas de interrupção do processo eleitoral democrático, os brasileiros voltaram às urnas para escolher o sucessor de José Sarney.

Um ano antes, no Brasil, limites foram superados e grandes marcos social e político foram registrados, como a promulgação em 5 de outubro da Constituição de 1988, que pode ser considerada o auge de todo o processo de redemocratização brasileiro. Ela é a sétima versão na história da República e marcou o início da consolidação da democracia, após os anos de ditadura militar. Também em 1988 Amapá e Roraima deixam de ser territórios e passam a ser estados brasileiros e foi criado o estado de Tocantins. Na música expressões internacionais como: Bon Jovi, Duran Duran, Pet Shop Boys, Prince, Modonna, Michael Jackson, Guns N' Roses, Journey, U2, Iron Maiden, Van Ha-

len, INXS, Whitesnake e Cyndi Lauper. Cantores e bandas nacionais faziam sucesso, como Ney Matogrosso, Blitz, Paralamas do Sucesso, Titãs, Roberto Carlos, RPM, Cazuza, Engenheiros do Havai, Biquine Cavadão, Ultraje a Rigor, Kid Vinil, Ira!, Barão Vermelho, Camisa de Vênus, Leo Jaime, Legião Urbana, Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil. Foi a década dos ajustes, das correções de rumo e de uma nova esperança nacional.

Destarte, no final desta década de 'mudanças e ajustes', mais precisamente no ano de 1989, que o professor Marques de Melo recebe do professor Goldemberg, após ter sido escolhido por seus pares, à honrosa tarefa de dirigir a ECA-USP. Este cenário está devidamente apontado no caderno "Reconstruir a ECA-USP 89", editado pela Universidade de São Paulo e que traz dados muito interessantes sobre a tarefa oferecida e aceita pelo professor Marques, que agora resgatamos de forma breve.

Plataforma da campanha: provocações para reconstrução da ECA-USP

Em 25 de novembro de 1988, é registrado a Plataforma da Campanha do professor José Marques de Melo para o cargo de diretora da ECA-USP. Um dos pontos principais assinalado na Plataforma foi a crise vivida na ECA, liderada pela falta de um projeto didático-científico, resultado do crescimento desordenado e pelo isolamento acadêmico experimentado dentro da própria Universidade, causado pela falta de uma identidade que permitisse uma articulação interunidades.

Marques de Melo, em sua Plataforma da Campanha, salienta que,

> Incompreendida pela própria USP, a escola se isolou, deixando de cooperar com unidades afins tanto no setor das humanidades quanto no das tecnologias. Internamente configurou-se como um arquipélago de departamentos estanques, feudalizados, competindo por escassos recursos, sem estabelecer sintonia com os avanços da universidade e da sociedade. No plano operacional tolerou a expansão de uma estrutura burocratizada, ineficaz, com a hegemonia das atividades-meio sobre as atividades-fim (MARQUES DE MELO, 1989, p. 9).

Mas o mestre admite a qualidade das produções da Escola, que já na época se destacava como um dos principais centros universitários do país e da América Latina, na área da Comunicação e das Artes.

O grande desafio desfraldado pela bandeira do processo de reconstrução, pauta da campanha empreendida pelo professor José Marques de Melo, foi o de romper as amarras com os antigos modelos, acabando com o

"populismo pedagógico, provincianismo científico, fisiologismo administrativo e a incompetência gerencial" (1989, p.9), que para ele eram pontos prioritários para atender aos desafios de democratização pelo qual o país atravessava e iniciar um processo de modernização da própria universidade, conclamada pela comunidade uspiana.

Para fazer das propostas, ações, o compromisso assumido pelo novo diretor, em sua Plataforma de Campanha, foi de conclamar a participação responsável da comunidade, incluindo discentes, docentes e funcionários, buscando a definição de metas e prioridades capazes de avançar em "direção às exigências da sociedade – governo, empresa, instituições culturais, organizações populares –, produzindo conhecimento e formando profissionais" (1989, p.9) com altos níveis de excelência e competência, que pudessem ser legitimados acadêmica e profissionalmente, em âmbitos nacional e internacional.

Para atingir o patamar de mudanças proposto, o novo diretor definiu oito pontos-chave na Plataforma da Campanha, para efetivação no período de 1989-1992 e conclamou a participação de toda a comunidade da ECA-USP. Foram apontados como prioridade (1989, p. 10-11):

1. Melhoria da qualidade de ensino em todos os níveis, através da revisão de todo o processo de ensino, resultando na competência técnica, ética e na sólida formação humanística, capaz de promover a imediata inserção dos egressos no mercado profissional.

2. Produção de conhecimento socialmente relevante, reestruturando os programas de pesquisa em busca de uma sintonia com as demandas sociais, nos diversos âmbitos, objetivando entre outras ações a democratização da cultura e o fortalecimento da cidadania, além de fomentar a iniciação científica com a oferta de bolsas de estudos.

3. Cooperação com a sociedade civil e as organizações populares, cujo objetivo central era o de implantar projetos de extensão.

4. Articulação com órgãos públicos, empresas e fundações, estruturação de convênios, ampliação da pesquisa aplicada, promoção da captação de recursos externos e criação de oportunidades para estágios.

5. Intensificação da cooperação internacional, oferecendo condições para o aperfeiçoamento dos docentes e funcionários, promovendo estágios internacionais, tanto para a graduação, como para a pós-graduação e intensificando a vinda de pesquisadores visitantes.

6. Reequipamento e modernização tecnológica, aquisição de equipamentos, modernizando os aparelhamentos de apoio didático-pedagógico,

laboratórios de pesquisa e de curso, ateliers e oficinas de aplicação, além de ampliação do espaço físico da escola.

7. Eficiência administrativa, informatização, descentralização, ampliação da rentabilidade, melhoria das condições de trabalho e da remuneração, valorização profissional, oferecimento de cursos de reciclagem e de atualização, instituição do sistema de ascensão profissional, além de forma de estreitar os laços entre as atividades didático-pedagógicas e as tarefas administrativas, melhorando a eficiência dos processos decisórios, etc.

8. Gestão descentralizada, transparente e participativa, trabalhar por delegação de competências, evitar decisões unívocas, criando formas de participação da comunidade em todas as etapas do processo político-pedagógico, científico e gerencial, instituindo o diálogo permanente em toda a unidade, garantindo uma gestão transparente, integradora e motivadora.

Contudo, os desafios nomeados pelo então candidato ao cargo de Diretor da ECA-USP, José Marques de Melo, em sua Plataforma da Campanha, não ficaram restritos às práticas administrativas, mas havia o compromisso em promover o "debate sobre as relações entre Artes e Comunicações" (1989, p. 11), objetivando, após o diálogo, reestruturar as áreas que compunham a ECA. Discussão esta que permeou outros espaços acadêmicos, sendo uma das bases da altercação sobre o campo da Comunicação no país, que acontece até os dias de hoje.

Com baldrame no Novo Estatuto, Marques de Melo também assumiu o compromisso de garantir espaço para todas as áreas e setores da Unidade, oferecendo autonomia didático-científica, possibilitando a definição e a atualização das identidades acadêmicas e conclamou que fosse repensada a estrutura dos cursos de graduação e de pós-graduação, objetivando atender às "responsabilidades políticas, culturais e científicas" (1989, p. 12) da universidade, junto à comunidade que a abriga.

Dividiu o programa de gestão em duas etapas. A primeira, no ano de 1989, os órgãos colegiados, com a participação da comunidade uspiana deveriam fazer um diagnóstico e definir um Plano Diretor (PD); em seguida, com avaliações periódicas, realizariam a implementação do PD para o triênio de 1990-1992.

Assim, formalizou seu compromisso com a comunidade uspiana, documentada na Plataforma da Campanha, assinada em 25 de novembro de 1988, e nas palavras finais do documento reafirmou que assumia

> o compromisso de gerir a Escola com isenção, imparcialidade e equanimidade, garantindo oportunidades para o desenvolvimento de todas as áreas de conhecimento, dedicando-se plenamente aos interesses da

> instituição e assumindo integralmente as responsabilidades de liderança, autoridade e dignidade que o cargo exige (1989, p. 12).

Discurso de posse: formação de uma nova comunidade científica

Esta etapa do documento analisado está dividida em duas partes. O Pronunciamento do professor Dr. José Goldemberg, Reitor da Universidade de São Paulo e o Discurso de Posse do professor Dr. Jose Marques de Melo, então eleito Diretor da Escola de Comunicações e Artes.

Primeiramente, fazendo uma revisão do pronunciamento do Reitor, pode-se dizer que foi antes de tudo uma festiva saudação a posse do novo Diretor, mas também uma prestação de contas de sua gestão, enquanto dirigente da Universidade, além de um lamento por não ter tido a oportunidade anterior de escolher o Diretor da ECA, visto que o mandato do Reitor se encerraria um ano depois da posse do Diretor.

Goldemberg ressaltou que de fato, como assinalou o professor Marques de Melo na Plataforma da Campanha, a ECA-USP vinha sendo incompreendida, e que os três anos de mandatos já exercidos foram períodos de grande efervescência na Universidade, além do crescimento de cerca de 10% ao ano, em todos os setores. Também apontou elementos sobre a autonomia universitária, resultado do Artigo 207 da Constituição Federal, recém-promulgada (1988), implementação de parte do novo Estatuto da Universidade, a conquista salarial, as mudanças empreendidas que acabaram gerando atritos entre os muitos setores da Universidade, entre outros dados, evidenciando o período de virulência pelo qual atravessou a Universidade de São Paulo, naquela ocasião.

Igualmente, deixou claro que os motivos da escolha do professor José Marques de Melo como Diretor passava pela defesa e necessária reconquista da qualidade universitária, ponto que era importante resgatar naquele momento de mudanças, mas apontou os grandes desafios que o novo diretor da ECA-USP enfrentaria em sua gestão, tais como: implantação total do novo Estatuto, gerando a melhoria da qualidade em todos os serviços prestados pela Universidade, revitalizando a atividade-fim de uma instituição ensino pública.

O professor Goldemberg terminou seu pronunciamento dizendo que a escolha do professor Marques de Melo para dirigir a ECA-USP foi "um dos investimentos [...] na melhoria da educação do Estado de São Paulo" (1989, p. 20).

No seu Discurso de Posse Marques de Melo ressaltou que o repto de dirigir a ECA-USP se apresentava como o maior desafio de sua carreira acadêmica. Reforçou o não reconhecimento da Escola por parte da Universidade, reafirmando que "a Universidade de São Paulo não teve sensibilidade suficiente para perceber

que a inclusão das Comunicações e das Artes no seu universo de saber significava o resgate do novo, do futuro, da vanguarda". E encarou como primeira tarefa dada à nova gestão "demonstrar que a ECA possui um grande potencial humano, científico e artístico, de sorte a merecer incentivo para superar as limitações de que padece atualmente" (1989, p. 13-14).

Para Marques de Melo, um novo modelo democrático de gestão seria implantado. Uma instituição pública deveria conduzir suas atividades em sintonia com as demandas sociais, "estabelecendo programas de ensino, pesquisa e extensão que atendam às expectativas de desenvolvimento econômico, democratização cultural e modernização dos costumes [...] capacitando os nossos cidadãos a uma atuação consciente, plural e responsável na construção dessa nova sociedade" (1989, p. 16).

Perfil de um líder e o voto de confiança da sociedade

A história de vida e acadêmica do professor José Marques de Melo se confunde com a própria história da Universidade de São Paulo e, em especialmente com a da ECA-USP. Aos 45 anos, na época da posse, natural de Alagoas, chegou a São Paulo alguns anos antes, quando a USP criava a sua Escola de Comunicações Culturais, ainda na década de 1960, participando do primeiro concurso de docente da nova instituição, sendo contratado em 1967, para a Cátedra de "Técnica e Prática de Jornal Periódico".

Formado em Jornalismo (1964) pela Universidade Católica de Pernambuco e em Direito (1965) pela Universidade Federal de Pernambuco, trouxe na bagagem uma vasta experiência em jornalismo e pesquisa, realizados em organismos públicos e privados de referência e em espaços representativos da mídia nordestina, como "Jornal de Alagoas", "Gazeta de Alagoas", "Jornal do Comércio", "Última Hora – Nordeste", Sudene (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste), entre outros, além de relevantes conhecimentos educativos, resultado da pós-graduação em Ciências da Informação Coletiva realizada no CIESPAL (Centro Internacional de Estudos Superiores de Periodismo para a América Latina), tendo sido também assiste do professor Luiz Beltrão no curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco. Em 1968 ingressou no regime RDIDP (Regime de Dedicação Integral à Docência e à Pesquisa) e foi nomeado para assumir o recém-criado Departamento de Jornalismo da ECA-USP, permanecendo no cargo até 1972.

Em 1973 defendeu a tese de doutorado "Fatores sócio-culturais que retardaram a implantação da imprensa no Brasil", sendo o primeiro docente a conquistar o título de doutor em Jornalismo, no país. Entre os anos de 1973 e 1974, com bolsa FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São

Paulo), fez seu pós-doutoramento na *University of Wisconsin*. Quando de sua volta ao Brasil havia sido demitido politicamente dos quadros da USP, fruto dos duros anos da ditadura militar. Com a anistia voltou ao quadro de docentes da USP. Assumiu em 1983, pelo voto direto, a chefia do Departamento de Jornalismo e Editoração, sendo reeleito em 1987. Defendeu a livre-docência 1983, conquistando o pioneirismo também como o primeiro Professor Titular do curso de Jornalismo, em 1987. Finalmente, em 1989 foi eleito Diretor da ECA-USP. Somado a essa trajetória, que coaduna com a própria Universidade, o mesmo já tinha em seu currículo vários livros publicados, além da participação em sociedades científicas, como a INTERCOM (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação).

Esse breve resgate evidencia a participação efetiva do professor José Marques de Melo no cenário da educação nacional e mostra sua essencial participação na reconstrução da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, uma das mais importantes e representativas do Brasil até os dias de hoje.

Referências

Eca50anos. **Criação da Eca**, disponível em: http://www2.eca.usp.br/eca50anos/content/criacao-da-eca, acesso: jul.2013.

FRANCO, Gustavo H. B. **A década perdida e a das Reformas**. Disponível em: http://www.econ.puc-rio.br/gfranco/a48.htm, acesso: jul.2013.

Autonomia universitária é ter direitos e obrigações

Ensino e mercado: uma união possível na formação jornalística

Mirella Arruda Pessoa[1]

5.2 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José; COELHO SOBRINHO, José (Orgs.). **Formação dos Jornalistas na Universidade**: desafios para a década de 90. São Paulo: ECA/USP, 1990. 56 p.

Os autores e a estrutura da obra

> Há muito por fazer e, sobretudo, uma necessidade de revisarmos nossas estratégias porque grande parte dos avanços conseguidos [...] precisam ser redimensionados" – José Marques de Melo (MARQUES DE MELO; COELHO SOBRINHO, 1990, p.8).

A cabeça exibe os cabelos brancos próprios de quem já ensinou muito a muitos. Os óculos estão sempre a postos. O olhar é mais que direto. A simpatia vem sempre aliada a um sorriso que contagia. Este é o Professor José Marques de Melo que, por onde passa, deixa seu registro. Ele é o organizador

1. Mestranda em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, especialista em Assessoria de Comunicação e graduada em Jornalismo, pela Universidade Federal do Ceará, e em Direito, pela Universidade de Fortaleza. E-mail: mirella.arruda@gmail.com.

e idealizador, juntamente com José Coelho de Sobrinho, da obra que ora apresentamos: "Simpósios em Comunicação e Artes: desafios para a década de 90".

Trata-se de fruto de um simpósio acadêmico promovido de forma ousada e visionária pela direção da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. A intenção do encontro, que se consolidou neste livro, era formular estratégias para melhorar a competência profissional dos jornalistas que se diplomavam a época.

O evento não contou somente com a participação de integrantes do âmbito acadêmico atuantes em várias universidades brasileiras. Participaram também profissionais da área, dirigentes das redações jornalísticas de São Paulo, que muito contribuíram com o diálogo, oferecendo visões provenientes do mercado, mas também baseadas na academia, área de atuação conjunta de muitos deles.

Os palestrantes do evento cujos textos deram forma a este livro foram: Augusto Nunes (O Estado de São Paulo), Marcos Wilson (Sistema Brasileiro de Televisão), Heródoto Barbeiro (Rádio Excelsior) e Ethevaldo Siqueira (Revista Nacional de Telemática), todos ocupantes de posições privilegiadas na direção de empresas jornalísticas. O assunto comum foi a necessidade que se impunha ao estudante de comunicação e ao comunicador de uma forma geral de se adaptar ao momento de mudanças que vivia o país na década de 90.

Este panorama de mutação constante, dizia Marques de Melo (1990, p.5) no prefácio da obra, "obriga a Universidade a repensar todo o processo de formação dos jornalistas, estabelecendo sintonias com as demandas sociais". Ele chamava atenção, à época, que as estruturas de ensino vigentes remontavam a fluxos operacionais do pós-guerra, que estavam referenciados ainda pelas correntes de ideias esboçadas durante a guerra fria.

Havia, desta forma, em plena década de 1990, uma defasagem entre a formação dos jornalistas e as exigências profissionais referentes àquela época. Discutia-se o divórcio existente entre universidade e empresas jornalísticas, fato que contribuía para o abismo existente entre os jovens profissionais de comunicação, que estavam saindo do seio da universidade, e o mercado de trabalho, duro e implacável.

O que chama atenção, ao ler tais problemáticas trazidas pelo professor Marques de Melo, é a atualidade ainda vigente dos temas: a defasagem na formação dos jornalistas mesmo recém-saídos da Universidade; as mudanças constantes no trabalho jornalístico e, além disso, o divórcio entre universidade e empresas que ainda continua.

O resultado deste processo, afirma o Professor Marques como se já pudesse prever os dias atuais, é uma repercussão negativa para a Universidade, para as empresas jornalísticas e, além disso, para a sociedade que acaba por receber informações de qualidade duvidosa. Desta forma, diz ele em tom visionário:

> A melhoria da qualidade das informações disseminadas pelos meios de comunicação de massa depende da atuação de jornalistas competentes. Para melhor adestrá-los, propiciando uma formação adequada, as universidades necessitam da crítica construtiva das empresas, inclusive para superar os corporativismos internos, que muitas vezes alimentam o imobilismo, reforçando o teoricismo inconsequente (MARQUES DE MELO; COELHO SOBRINHO, 1990, p. 6).

O professor Jair Borin, também presente no evento, chamou atenção para o período de desafios que se vivia à época. Segundo ele, o Brasil estava atravessando o que se poderia chamar de 'momento de crise', em que se exibia o reordenamento da economia e as alterações sociais que respigavam sobre a população e também sobre os jornalistas. O objetivo do simpósio, diz Borin, é fazer um balanço e indicar alguns caminhos para a década que se abre diante de nós. "É uma década de grandes desafios momento em que o país atravessa uma difícil crise" (MARQUES DE MELO; COELHO SOBRINHO, 1990, p. 7).

O ano de 1990 significou muito para o jornalismo. Foi neste período que se completou quarenta anos de formação da primeira turma de jornalistas com nível universitário no país. Comemoravam-se ainda os vinte anos de formação da primeira turma de jornalismo da ECA. As datas serviram, portanto, como momento de reflexão para a Universidade, ocasião para se discutir os caminhos os quais deveriam ser percorridos a partir de então.

O início do diálogo da universidade com os jornalistas vinculados ao dia a dia do mercado foi, desta forma, o caminho elegido pelo Professor Marques de Melo, então diretor da ECA-USP, e pelo Professor José Coelho Sobrinho, então presidente da Comissão de Pós-graduação do Departamento de Jornalismo e Editoração.

Marcos Wilson: a televisão e seus desafios na década de 90

> As escolas de comunicação estão voltadas para si mesmas quando deveriam estar olhando para o mercado" – Marcos Wilson (MARQUES DE MELO; COELHO SOBRINHO, 1990, p. 11).

O jornalista Marcos Wilson, à época diretor de telejornalismo do Sistema Brasileiro de Televisão, abriu o evento que visava a reestruturação do ensino do jornalismo nos anos 90. O jornalista apresentou uma visão dura, mas bastante realista do mercado de trabalho brasileiro. Ele iniciou sua aparição no evento com um desabafo: "vivo hoje, talvez, o pior momento de minha vida profissional, uma vez

que será necessário demitir, dentro de um quadro de 120, cerca de 40 jornalistas" (MARQUES DE MELO; COELHO SOBRINHO, 1990, p.9).

O momento era fruto do Plano Collor, que, segundo Marcos Wilson, foi um divisor de águas para o país. O ensino da comunicação e o trabalho dos jornalistas eram obrigados a se adaptar a esta nova realidade econômica e política e a sofrer profundas transformações, dizia o jornalista. O que Marcos Wilson queria explicar é que a crise estava se refletindo nos veículos de comunicação e que este novo fato deveria ser percebido e discutido pela universidade. Os profissionais, ao saírem das escolas de comunicação, deveriam possuir uma altíssima qualidade. O ensino deveria, portanto, sofrer modificações, ser mais intensivo e oxigenado.

A situação de formação deficitária visualizada pelo palestrante vinha sendo remediada aos 'trancos e barrancos', como diria a linguagem popular, pela empresa, pelo próprio mercado de trabalho, que acabava tendo a função de formar o profissional para o exercício de suas funções. No entanto, segundo ele, esta tarefa nem sempre era possível devido à correria das redações e ao imediatismo do mercado. Assim diz em tom categórico: "nós não estamos recebendo jornalistas no mercado, estão-nos lançando pessoas que vão ser formadas" (MARQUES DE MELO; COELHO SOBRINHO, 1990, p.12). Tal problemática poderia se reverter, de acordo com o jornalista, com a possível e necessária integração entre escolas e empresas de comunicação. Uma integração real, de fato, não apenas no papel, conclui.

Heródoto Barbeiro: o entusiasmo com o rádio da década de 90

> Já foi dito que um veículo não substitui o outro, mas é bom considerar que, no passado, as gerações, em primeiro lugar, aprendiam a ler depois a ver. Hoje, é o contrário. As gerações aprendem primeiro a ver e depois, caso dê tempo, a ler" - Heródoto Barbeiro (MARQUES DE MELO; COELHO SOBRINHO, 1990, p.18).

Heródoto Barbeiro foi o segundo palestrante a tratar dos desafios da década de 90 para os jornalistas. Ele apresentou, como profissional do rádio, uma visão otimista, mas também apontou os problemas que vêm afetando o rádio de uma forma geral. Para ele, a situação da radiodifusão e seu respectivo mercado de trabalho deveriam avançar na década de 1990. Inúmeras emissoras de rádio eram implantadas no país à época e o crescimento do setor coincidia com as concessões de radiodifusão crescentes, usadas também como barganhas políticas.

O período sinalizava o otimismo para o rádio, no entanto, algumas dificuldades persistiam. As agências, por exemplo, continuavam ignorando o veículo

nas mensagens publicitárias, as entidades que coordenavam as emissoras não conseguiam reunir os radio difusores para um melhor posicionamento de mercado do setor, o embate contínuo entre jornalistas e radialistas continuava e, além disso, a competição com a televisão se acirrava.

A solução para Barbeiro era olhar para o futuro, modernizar-se. Faltava aos empresários do setor, segundo ele, uma visão de marketing e, o que é mais importante, de gerenciamento empresarial. "O veículo não pode envelhecer com seus ouvintes e, portanto, é necessário mudar, inovar" (MARQUES DE MELO; COELHO SOBRINHO, 1990, p. 19). Ele recordou, durante o evento, dos encontros, seminários e congressos que abordavam a radiodifusão como comemorações voltadas ao passado, que incluíam uma nostalgia contemplativa do que já passou. O desafio agora era fazer do rádio um veículo participativo, prestador de serviços e entretenedor.

Barbeiro retoma também um dos problemas expostos por Marcos Wilson. Para ele, o canal empresa-universidade estava fechado, sendo necessário desobstruí-lo rapidamente. As escolas de jornalismo, em sua concepção, formavam mal no que se refere ao jornalismo impresso e também não davam nenhuma orientação para o jornalismo de rádio. Os alunos chegavam, segundo ele, totalmente despreparados em relação à redação dos textos e com grandes dificuldades para o trabalho com a voz.

O rádio precisava, portanto, encontrar novos caminhos na década de 1990 e Barbeiro sugeriu, neste simpósio, que estes fossem trilhados a partir da própria universidade, que deveria deixar de tratar o radio jornalismo como um jornalismo de segunda categoria.

Augusto Nunes: as críticas à educação

> Tínhamos que formar, participar conjuntamente da formação dos estudantes desde o primeiro ano, ou até desde a chegada à faculdade, sendo que não ocorre nem a presença da empresa na universidade e nem o contrário" – Augusto Nunes (MARQUES DE MELO; COELHO SOBRINHO, 1990, p.31).

Augusto Nunes, diretor de redação do Estado de São Paulo, foi o terceiro jornalista convidado a falar durante o evento. Sua abordagem girou em torno da repercussão do ensino do jornalismo para o jornal impresso. Para ele, o problema crucial de quem trabalhava à época em jornais e revistas era a redação dos textos. Havia uma agressão contínua à língua, ao português, e a velocidade do fechamento, seguida da consequente falta de revisão, não podia ser apontada como pretexto para estes problemas. "Saber lidar com a língua é o único pré-requisito que se está exigindo hoje e

a causa de não saber escrever é a falta de leitura" (MARQUES DE MELO; COELHO SOBRINHO, 1990, p. 26).

Os jovens jornalistas, segundo o convidado do simpósio, não liam o próprio jornal que produziam e, assim, era muito difícil fazer um trabalho que tivesse uma boa qualidade. O problema, de acordo com ele, não era puramente o erro ortográfico, mas sim, as falhas de encadeamento de ideias e raciocínio lógico. A consequência era a notícia de má qualidade chegando às mãos do leitor e a falta de credibilidade.

Havia, em sua visão, uma formação, ou melhor dizendo, uma 'deformação' que começava na escola, no ensino básico, e persistia no profissional atuante no mercado de trabalho. O antídoto para esta situação, segundo ele, era a integração empresa-escola, que deveria se dar mais fortemente. O distanciamento que existia, ou talvez ainda exista, entre ambos era responsabilidade das duas partes, ou seja, da universidade e também da empresa jornalística. "Tínhamos que formar, participar conjuntamente da formação dos estudantes desde o primeiro ano" (MARQUES DE MELO; COELHO SOBRINHO, 1990, p.31).

O professor José Marques de Melo interferiu no discurso de Augusto Nunes, promovendo uma reflexão sobre o que acontecia com o contingente de pessoas que saíam dos cursos de jornalismo e chegavam às redações. Ele sugeriu duas explicações para a formação deficitária: primeiro, a transformação de cursos de jornalismo em cursos gerais de comunicação. "O jornalismo deixou de ser algo com identidade, um objeto próprio, um campo que tem uma tradição secular" (MARQUES DE MELO; COELHO SOBRINHO, 1990, p.36). E, em segundo lugar, a politização inconsequente, a partidarização, que ocorria na universidade e que rejeitava a ideia do mercado e de tudo que a ele se relacionasse.

Ethevaldo Siqueira: as tecnologias da década de 90

> O computador e as novas tecnologias estão mudando o nosso jeito de fazer jornalismo" – Ethevaldo Siqueira (MARQUES DE MELO; COELHO SOBRINHO, 1990, p.40-41).

Foi o próprio Marques de Melo que passou a palavra ao último jornalista do simpósio. Ethevaldo Siqueira contribuiu para a discussão trazendo à tona a seguinte pergunta: como as novas tecnologias afetam o jeito de fazer jornalismo? O jornalista fez suas considerações abordando as redes, os satélites, os chips, os processadores e todo o aparato tecnológico disponível no momento e tido como extremamente revolucionário.

Discutia-se, a época, as mudanças que o computador e as novas tecnologias da informação produziam no mundo e no próprio modo de exercer o jornalismo. Naquele período, alguns milhões de cidadãos brasileiros já haviam ingressado na era da informática, mas ainda de maneira incipiente. A informação, trazida por estas novas tecnologias, já era tida como fator de desenvolvimento para o cidadão, para a empresa e para o Estado.

Já se falava, durante o simpósio, na convergência das tecnologias, assunto igualmente repercutido na contemporaneidade. No entanto, naquela época, poucos compreendiam e conseguiam avaliar o cenário que aparecia no país. Muitas das inovações tratadas no estudo aparecem hoje como aparatos arraigados no cotidiano do século XXI. Assusta pensar que este texto foi escrito em 1990, ou seja, numa época não tão distante, mas que se afasta e muito da realidade extremamente digitalizada e tecnológica que se possui hoje.

Fala-se ainda, no decorrer da obra, do salto significativo que a tecnologia enfrentou com a interligação dos computadores via telefônica. A novidade era tratada com grande entusiasmo e permitia, como parece ser mais que normal na atualidade, que as pessoas trabalhem sem sair de casa e, falando dos jornalistas, permitia que produzissem seus textos em pontos distantes da redação.

As fibras ópticas, a comunicação digital e os microprocessadores também foram abordados no texto que ressaltava suas potencialidades e seu caráter promissor. Falando do microprocessador, o autor mostra espanto ao relatar que havia visto, em uma visita ao Japão, crianças de três a cinco anos brincando com o instrumento ainda no jardim da infância. Impossível era, à época, imaginar que nas próximas décadas as crianças agiriam com tanta desenvoltura frente a estes aparelhos.

Apesar de todas as inovações e aspectos tecnológicos narrados, o jornalista chama atenção para o fato de que o computador, independentemente da realidade que simulasse, não substituiria e nem dispensaria nas próximas décadas o professor. Previsão comprovada nos dias de hoje em que a presença e o estímulo do docente são elementos insubstituíveis no processo de ensino e educação.

Toda esta tecnologia, dizia Ethevaldo Siqueira, não poderia ser ignorada pelos jornalistas dos anos 90, pois constituiria a ferramenta cotidiana sobre a qual se iria trabalhar. A grande discussão, afirmava o jornalista durante o simpósio, não é se devemos ou não usar a tecnologia, mas como utilizá-la da melhor maneira. O grande desafio do jornalismo da época, e acredita-se que também de hoje, é a qualidade. "Fazer bom jornalismo, exige muito mais que tecnologia de ponta" (MARQUES DE MELO; COELHO SOBRINHO, 1990, p.51). Isso porque de nada valeriam os supercomputadores dos anos 90 se o jornalista não evoluísse culturalmente e profissionalmente.

Os leitores deveriam, em breve, passar a exigir melhores padrões de qualidade, precisão de linguagem, credibilidade e criatividade dos jornais e das revistas, profetizava o jornalista. O caminho da integração parecia ser, de acordo com ele, a solução para a retomada de uma nova geração de jornalistas capazes de elevar a qualidade da imprensa, da internet, do rádio, da televisão, ou seja, dos veículos de comunicação.

Tal realidade reflete-se ainda hoje, momento em que o profissional inserto na sociedade da informação, precisa ser competente, aprimorar continuamente sua formação e reciclar constantemente seus conhecimentos. A necessidade de educação é, portanto, permanente e assim acredita-se que será também nas próximas décadas.

Posfácio e considerações finais

> Eu diria que esta atitude da ECA reflete a busca de uma Universidade moderna, compromissada com o futuro, na vanguarda do processo de se fazer uma nação atualizada técnica e socialmente" – José Coelho Sobrinho (MARQUES DE MELO; COELHO SOBRINHO, 1990, p.55).

O posfácio da obra coube ao professor José Coelho Sobrinho, então presidente da Comissão de Pós-graduação do Departamento de Jornalismo e Editoração. Ele ressaltou que o simpósio, abordado durante esta resenha, fez parte de uma programação ampla promovida pela direção da ECA-USP e que teve como propósito preparar e credenciar os cursos de comunicação para a formação de profissionais sintonizados com os imperativos do mercado.

A atitude visionária da ECA e de seus dirigentes refletiu o compromisso com o futuro e a vanguarda de profissionais bem formados e preparados para aquela, para esta e para as próximas décadas. A escolha de profissionais atuantes e preocupados com o rumo do jornalismo do país promoveu um diagnóstico da situação do mercado jornalístico da época e uma projeção para o futuro.

A formação profissional e intelectual, a interação entre universidade e empresa jornalística, o conhecimento da língua portuguesa, o hábito de leitura e a competência parecem ser os ingredientes necessários para a formação deste profissional exigido na década de 90 e, por que não dizer, exigido também na contemporaneidade.

Uma nova era se avizinhava, dizia o professor José Coelho Sobrinho. Passados alguns anos, cabe a pergunta: será que esta nova era chegou até

nós? Estamos vivendo os anos 2000, as bases estão lançadas, o palco está preparado, basta agora o surgimento de atores diferenciados, novos jornalistas que devem aliar formação e mercado em uma união possível, capaz de gerar profissionais prontos para enfrentar o passado, o presente e o futuro.

Freitas Nobre: o homem dos sete instrumentos

Paulo da Rocha Dias[1]

6.2 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José (Org). **Freitas Nobre.** São Paulo: ECA-USP, 1991. 62p.

O Professor José Marques de Melo tem dessas raras capacidades e perspicácias. É capaz de transformar um acontecimento objetivamente simples como a inauguração de um auditório em momento histórico de recuperação de trajetória, registrado de forma permanente, em livro, para as gerações posteriores.
É o que fez por ocasião da inauguração de um auditório nas dependências da Escola de Comunicações e Artes da USP, a ECA-USP, dedicando-o ao Professor José Freitas Nobre e transformando o acontecimento em um livro que ora discutimos.

1. Paulo da Rocha Dias é jornalista profissional, bacharel em jornalismo pela Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, licenciado em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina, Doutor em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo e professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso. Autor do livro "O amigo do Rei: Carlos Rizzini, Chatô e os Diários Associados", além de vários capítulos de obras organizadas e de vários artigos científicos em revistas especializadas da área da Comunicação Social.

A inauguração de um auditório é simplesmente a inauguração de um auditório. Segue uma cerimônia protocolar. Convidam-se pessoas e batiza-se o auditório. Dá-lhe um nome que é geralmente o de uma pessoa importante para a sociedade ou pelo menos para aquele setor da sociedade em que o auditório está localizado. Os convidados falam e elogiam largamente os que possibilitaram o empreendimento. Geralmente são lembradas pessoas ligadas à política e ao orçamento público. Via de regra, estas pessoas estão presentes na cerimônia. Ouvem-se discursos. Descerra-se a placa com o nome do auditório. Todos batem palmas e logo partem para os comes e bebes.

Só muito raramente o auditório receberá o nome de um evento histórico, de um lugar ou de uma data tipo "Auditório Nove de Julho". Usualmente o nome com que é batizado é nome de gente, tipo "Auditório Freitas Nobre". Um nome emprestado. Faz referência a alguém que já morreu. E o batismo é uma homenagem a este alguém que abriu vaga para que se eternize na memória de todos que frequentarem aquele local. Na cerimônia, quando o homenageado é uma pessoa, a mesma é lembrada muito de raspão ficando o grosso do discurso para os vivos que tomam parte na cerimônia. E o homenageado se torna um eterno esquecido, como esses nomes com os quais batizam as nossas ruas. A lembrança é apenas uma chapa de aço cravada na parede.

Felizmente não foi assim no caso do Auditório Freitas Nobre. Estavam lá vários convidados. Todos nobres. Nobres no sobrenome e nobres nos cargos que ocupavam na sociedade e na própria ECA-USP. A começar pela esposa do homenageado, Dona Marlene Nobre. Outro de sobrenome que também estava lá era o filho do homenageado, Marcos Nobre, professor da Unicamp. Depois vem o Governador do Estado de São Paulo, André Franco Montoro. Prata da casa, lá estava o Professor José Marques de Melo, então diretor da ECA-USP e idealizador da inauguração. Estavam também os professores da ECA-USP José Carlos Rocha e Jair Borin. Do mundo das comunicações lá estava o jornalista Rodolfo Konder. E não menos nobre porque aluno de Nobre lá estava também representando os estudantes da ECA-USP o aluno Nelson Breve Dias. Tirando a esposa, todos os demais falaram alguma coisa. Nem pouco nem muito. Foram pontuais.

Como diretor da ECA-USP e dono da ideia, o Professor José Marques de Melo abriu a cerimônia. Suas palavras estão registradas na introdução da obra que ele mesmo organizou com os discursos proferidos durante o batizado.

A página do Professor José Marques de Melo é uma espécie de trajetória intelectual e profissional do amigo e colega de trabalho Professor José Freitas Nobre. Aliás, um dos grandes méritos do Professor José Marques de Melo é justamente recolocar em circuito, perpetuar a memória e atualizar o uso e o exame das produções acadêmico-intelectuais dos protagonistas do Campo da Comunicação.

Este empreendimento é, na verdade, um projeto de vida do Professor José Marques de Melo. Tivemos grandes homens, grandes intelectuais, ilustres pesquisadores, competentes professores e profissionais consagrados que contribuíram imensamente para o campo acadêmico-científico da comunicação no Brasil. Hoje estariam todos esquecidos, dormindo profundamente, não fosse o empenho do Professor José Marques de Melo em evocá-los e desafiar as novas gerações de cientistas da comunicação a investigar a obra e trajetória desses pioneiros e desbravadores do campo da comunicação. Foi assim, ao transformar um auditório em memória permanente do Professor José Freitas Nobre. Foi assim, ao transformar os pronunciamentos dos "padrinhos" do auditório em livro, ou seja, em registro permanente da memória do grande homem que foi Freitas Nobre.

Há aspectos que ficaram de fora na introdução. Não ficaria bem ao Professor José Marques de Melo colocá-los. É a semelhança em trajetória que há entre estas duas pessoas. O diretor da ECA-USP faz referência de longe à origem de Freitas Nobre ao informar que ele, "nos últimos anos, e apesar da saúde debilitada, trabalhou com o mesmo entusiasmo daquele garoto-prodígio que um dia pegou um "Ita no Norte" para conquistar São Paulo". Foram muitos que isto fizeram, incluindo o próprio Professor José Marques de Melo. Os dois vieram do Nordeste, daquela nata intelectual nordestina que marca desde sempre a trajetória literária e científica de nosso país. Os dois são donos de uma inigualável coerência de princípios e excepcional capacidade de trabalho. Os dois se encontraram na ECA-USP onde desenvolveram a pesquisa científica e o magistério superior. Os dois trabalharam simultaneamente em três vertentes profissionais: o jornalismo, a advocacia e o magistério. Os dois foram vítimas de "cassação branca" na USP[2]. Os dois são autores de dezenas de livros na área da Comunicação

2. É atribuída a Golbery do Couto e Silva a ideia de que as universidades públicas brasileiras funcionariam no conjunto da repressão como o escape de uma panela de pressão. Se a repressão atingisse toda a sociedade, como se a mesma fosse uma panela totalmente hermética, fechada, a sociedade não aguentaria a pressão e explodiria. Assim, a universidade seria um desses poucos canais de liberação do vapor. Foi assim que se criou a ideia do campus livre, da ausência da polícia repressiva e da livre circulação de ideias. Mas isto não funcionou. O patrulhamento ideológico estava e continua ainda hoje fortemente presente em nossas universidades. E deste patrulhamento foram vítimas pessoas que na verdade nunca poderiam ser consideradas de esquerda, mas liberais com forte convicção democrática e inabalável fé nas liberdades civis e individuais. Assim era Freitas Nobre. Assim é José Marques de Melo. Os dois, ao lado de Paulo Freire e tantos outros, foram perseguidos e alijados de seus postos em nossas universidades públicas.

Social e do Jornalismo. Os dois, podendo fazer outras coisas para ganhar a vida, prezaram imensamente o magistério na área da Comunicação Social. As semelhanças não param por aí.

Uma das coisas que mais chama a atenção na vida de Freitas Nobre é justamente a capacidade de desenvolver várias atividades ao mesmo tempo. Muitos dos que estão nas cabeceiras das Ciências da Comunicação no Brasil foram assim. Espécie de homens dos sete instrumentos. Todos eles, incluindo, é claro, Freitas Nobre, foram muito habilidosos em conciliar os aspectos práticos com os aspectos teórico-científicos desta ciência social aplicada que é a Comunicação Social. Sentimos falta, hoje, de gente com este mesmo cabedal, gente que não cria uma falsa dicotomia entre a sistematização científica e a prática do ofício.

Esses homens dos sete instrumentos geralmente vinham do curso de Direito e punham em prática suas habilidades de escritores nos jornais do país. As habilidades oratórias encontravam guarida na política e desaguavam o desejo incessante de busca, investigação e descoberta nas salas de aula e nos departamentos de pesquisa de nossas universidades. Foi assim que o garoto-prodígio vindo do Ceará encontrou seu lugar político primeiramente no Partido Socialista Brasileiro e depois no Movimento Democrático Brasileiro, confirmou sua vocação maior no jornalismo paulistano (tendo já estreado como jornalista em seu estado natal) e, na universidade, "notabilizou-se pelo estudo dos modernos fenômenos da comunicação de massa, numa perspectiva jurídica", como bem observa o professor José Marques de Melo.

Por deliberação do Professor José Marques de Melo, no final do livro em apreço foi incluído "um auto retrato de Freitas Nobre, escrito em fins de 1989, como requisito para o seu concurso de professor titular de jornalismo." Assim, a introdução e a conclusão, a cargo do autor intelectual da obra, trazem-nos um completo perfil biobibliográfico do Professor Freitas Nobre.

Depois da abertura do livro, vem o depoimento de cada convidado. O filho, Marcos Nobre, professor do Departamento de Filosofia da Unicamp, fala sobre o pai cidadão. José Carlos Rocha, do curso de jornalismo da ECA-USP fala sobre Freitas Nobre Jurista. Jair Borin, também do curso de Jornalismo da ECA-USP lembra o sindicalista Freitas Nobre. Jornalista, Rodolfo Konder lembra Freitas Nobre colega de profissão. Aluno de Freitas Nobre, Nelson Breve Dias lembra muito brevemente o professor. Por fim, o político Franco Montoro, lembra o colega na vocação política e sua incansável luta na defesa da democracia em tempos de ditadura militar. Assim se estrutura o livro ora em apreciação. Cada fala constitui um capítulo. Mais a introdução do Professor José Marques de Melo e o Memorial do Próprio Freitas Nobre que funciona como uma espécie de conclusão da obra.

Em Fretas Nobre tudo convergia para o Jornalismo. Sua formação acadêmica, como já foi dito, deu-se na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. A cultura jurídica mesclada com a cultura jornalística levou-o para a área do Direito à Informação. Conheceu esta questão primeiramente como jornalista e líder sindical de jornalistas, depois, familiarizou-se mais ainda na questão como advogado de defesa de jornalistas Isto o levou à sala de aula com a disciplina "Ética e Legislação no Jornalismo". Toda esta lide com as questões de fronteira entre o direito e a Informação consagrou-o como o jurista brasileiro que mais e melhor produziu sobre o Direito à Informação no Brasil.

Muito daquilo que vivemos intensamente nos anos 1970 e 1980 sobre a "democratização da informação" foi bandeira permanente de Freitas Nobre no Parlamento, nos jornais e na sala de aula. Infelizmente a liberdade que gozamos hoje jogou para muito longe esta questão. Embora nada tenha mudado no cenário e embora continuemos cultivando um sistema de comunicação que, devido aos custos e ao modo de organização, afasta o comunicador de seu produto e dos seus potenciais destinatários, nada mais tem sido feito para transformar esta realidade. Sem nenhuma solução, o tema perdeu completamente o brilho e os cientistas dele se afastaram por não mais encontrar na questão o almejado prestígio, reconhecimento e celebridade, o que Pierre Bourdieu chama de "interesse" por uma atividade científica. Na liberdade e na ditadura, Freitas Nobre manteve acesa a chama da Democratização da Informação.

Ele não estava sozinho ao empunhar esta bandeira de luta. Também o Professor José Marques de Melo, seu amigo e organizador do presente livro, dedicou grande parte de seus esforços acadêmicos na ECA-USP para o estudo da Liberdade de Imprensa e da Democratização da Informação. Em tempos de repressão este tema era obrigatório e era abraçado com afinco, transformando-se em bandeira de luta não apenas de estudiosos, mas também de movimentos sociais e políticos.

O desejo que o Professor José Marques de Melo expressa na introdução é que as várias faces de Freitas Nobre reproduzidas neste livro "inspirem as novas vocações de jornalistas a tomá-lo como exemplo de homem público que devotou toda a sua existência na imprensa, nos tribunais, no parlamento e na universidade a servir o seu povo e ao País".

É assim que o Professor José Carlos Rocha, no primeiro capítulo do livro faz uma minuciosa análise de alguns temas estudados por Freitas Nobre tais como o direito de resposta, os comentários à Lei de Imprensa e um volume de propostas para uma reforma geral e completa para os setores da informação e da comunicação no Brasil. O estudo foi apresentado a Tancredo neves, recém eleito, que prometeu implementar o que propunha Freitas Nobre.

José Carlos Rocha termina o exame da obra de Freitas Nobre falando de "Imprensa e Liberdade", titulo que recebeu ao ser publicada como livro a tese

de livre-docência defendida por Freitas Nobre em 1985. O conteúdo de sua tese de livre-docência aparece de forma completa no texto constitucional de 1988 tal a influência que tinha ele sobre o Congresso e os governantes.

Do sindicalista tratou o professor Jair Borin. Além da política, do magistério e da advocacia, o Professor Freitas Nobre foi também um grande sindicalista. Esteve à frente do sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo e foi o primeiro presidente da FENAJ, Federação Nacional dos Jornalistas, organização de classe que ajudou a criar.

Freitas Nobre tinha apenas vinte e seis anos de idade quando foi eleito para o primeiro mandato no Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo. Tamanha responsabilidade para um jovem de vinte e seis anos! Aliás, a intelectualidade brasileira daquele tempo era assim. Diríamos hoje que eram precoces. Na casa dos vinte anos de idade todos eles já estavam engajados em projetos de grande envergadura com a profundidade de *experts* em fase de maturidade.

Na direção do sindicato, continuou exercendo a advocacia no segmento de especialização que escolheu conciliando a luta sindical com a defesa da liberdade de informação atuando como advogado de defesas dos inúmeros jornalistas perseguidos e processados pelo regime ditatorial.

É marcante também o fato de ter presidido a categoria em uma greve geral em 1961 e tê-la levado à vitória.

Do jornalista cuidou Rodolfo Konder. As palavras do Professor Freitas Nobre expressam nitidamente como todas as atividades que exerceu convergiam para o jornalismo e o magistério:

> O Jornalismo e o Magistério têm sido as marcas de nossa vida. As atividades na advocacia ficaram marcadas pela especialização no campo do Direito da Informação, na defesa dos processos relativos aos chamados delitos de opinião, ou *crimes de imprensa*.n Foram centenas e centenas de processos em que funcionamos defendendo jornalistas e empresários da comunicação e ajudando a construir uma importante jurisprudência nos Tribunais de Justiça dos Estados e no Supremo Tribunal Federal. Como escritor, a tarefa ficou, também comprometida com o exercício do magistério e do jornalismo, de tal forma que nossos livros cuidam especificamente das matérias dos cursos que ministramos na Faculdade de Jornalismo Cásper Líbero, a partir da década de 60, e na ECA, também há mais de vinte anos (FREITAS NOBRE, 1991, p. 51).

Aos treze anos de idade Freitas Nobre iniciou-se no jornalismo e no magistério quando "dedicava algumas horas da noite a um curso de alfabetização, especialmente para adultos". Isso lá no Ceará. Aos quinze chega a São Paulo com

um livro de sua autoria debaixo do braço e vai bater nas portas do vespertino associado "Diário da Noite" comandado pela batuta do poeta Guilherme de Almeida e dali para o "Jornal da Manhã" onde consegue seu primeiro emprego de jornalista em São Paulo. Cuidava justamente da página sindical.

O capítulo referente ao professor ficou a cargo do aluno Nelson Breve Dias. Sobre tão longa atividade, tão breve capítulo. O que chama a atenção é uma crítica que o aluno faz às aulas do Professor Freitas Nobre: "Se as aulas do mestre não eram as mais entusiasmantes, segundo depoimento de ex-alunos, sua presença na ECA era um patrimônio inestimável de referência acadêmica" (BREVE, 1991, p. 42).

Cabe-nos perguntar o que é uma aula "entusiasmante". Há pelo menos três tipos de professor: aquele que é deveras professor, aquele que é uma espécie de encantador de serpentes, e o outro que é um tipo de feiticeiro.

Freitas Nobre, como José Marques de Melo, não foi de fato um professor entusiasmante, mas foi um professor fantástico. Cultos, erudito, devotado como poucos. Não podemos esquecer de um comentário do semioticista italiano Umberto Eco, feito exatamente nos anos sessenta: o humanista culto é uma espécie em extinção. Freitas Nobre foi um humanista culto. E fez a diferença.

Talvez o candidato a uma aula "entusiasmante" seja o professor encantador de serpente. Ludibria os alunos com truques até mesmo de baixa qualidade. Ilude a vigilância do aluno de maneira que parece inexplicável. Não chega sequer a ser sofista ou falacioso como aquele pessoal espertalhão da época de Platão. Seus truques são baseados, todos eles, nas deificadas novas tecnologias. São os professores tecno-dependentes. Os apetrechos tecnológicos se convertem no conteúdo da aula desses ilusionistas. O meio se torna a mensagem. E a mensagem se esfuma, desmancha-se e se esvai no ar. Neste caso, é preferível aulas "não-entusiasmantes" e talvez seja por isso que Nelson Dias Breve acaba reconhecendo na mesma frase que "sua presença [de Freitas Nobre] na ECA era um patrimônio inestimável de referência acadêmica". Definitivamente, como professor, não pertencia ao rol dos encantadores de serpentes.

Nem era também Freitas Nobre um feiticeiro. Os professores feiticeiros se agarram ao mais moderno e ao mais irado dos deuses. Transformam a universidade em centro de mandinga para aplacar a ira da divindade. A fúria do Deus de Israel está a anos-luz de distância do mau humor e da violência do deus mercado. É preciso agradar o deus mercado. Nossos governos deixam de agradar aos governados para agradar o novo Leviatá que Hobbes nem nos sonhos sonhou. É o mais mágico dos deuses. Depois de invadir os governos, controlar completamente o corpo e a alma dos homens de negócio, este deus mortal a quem na terra todos devem obedecer e reverenciar tomou conta também de nossas salas de aula, de nossas aulas de nossas horas-aulas.

Como Professor, Freitas Nobre nunca andou a reboque do mercado. Nunca deixou, em nome do mercado que esvaísse a tão pedida qualidade da educação como se ela estivesse em Brasília e não em nossas salas de aula.

Por ser um humanista culto, Freitas Nobre ultrapassou os limites do tempo e do espaço. Foi além do horário de término da aula e suas lições perduram ainda hoje. Sem contar com tecnologias e com malabarismos, tinha a seu favor o maior patrimônio de um professor: a cultura, a erudição, a vontade de saber mais e o contato constante com o tempo que se chama hoje, com o tempo presente. Suas aulas, embora "não-entusiasmantes" recuperou a dignidade do aluno, do professor e da sala de aula. E o que é mais importante: atingiu uma educação superior de qualidade.

Por fim o político. Na Câmara dos Vereadores de São Paulo, na vice-prefeitura de São Paulo, no Congresso Nacional por onde andou e atuou no mundo da política, Freitas Nobre levou consigo os problemas da Comunicação Social. Foi o tribuno do direito à informação, da democratização dos meios de comunicação, da liberdade de imprensa e do direito de resposta.

Este pequeno livro foi mais um valioso empreendimento do professor José Marques de Melo. Colocar novamente em circulação a pessoa e a obra de Freitas Nobre é algo que não tem preço. Não há aqui nenhuma xenofobia, mas o reconhecimento de que o Brasil tem produzido, há mais de um século, estudiosos da comunicação de inestimável valor. Homens e mulheres cujas obras são perfeitamente equiparáveis e em muitos casos nitidamente superiores às investigações que se tem produzido em outras latitudes do universo-mundo. Mais que merecida a redescoberta de Freitas Nobre.

Referências

MARQUES DE MELO, José. **Freitas Nobre.** São Paulo: ECA-USP, 1991.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (org). **Pierre Bourdieu:** Sociologia. São Paulo: Ática, 1983. p. 122-155.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados.** São Paulo: Perspectiva, 1995.

NOBRE, José Freitas. **Legislação e sindicalismo.** São Paulo: Edição dos jornalistas, 1946.

NOBRE, José Freitas. **História da imprensa de São Paulo**. São Paulo: Leia, 1950.

NOBRE, José Freitas. **Lei de imprensa.** São Paulo: Saraiva, 1961.

Caminhos cruzados: ECA-USP e Marques de Melo

Maria Cristina Gobbi[1]

7.2 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José. **Balanço de uma gestão** – ECA-USP – 1989-1992. São Paulo: ECA-USP, 1992.

Autonomia com compromisso social. Este foi o desafio dado no ano de 1989 pelo professor Dr. José Goldemberg, então Reitor da Universidade de São Paulo (USP), quando da posse do recém-eleito professor Dr. José Marques de Melo, como diretor da Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP). Em resposta a este desafio, Marques de Melo, em seu discurso de posse, assumiu formalmente o compromisso de romper o distanciamento entre a Universidade e a sociedade, direcionando seu foco de ação para a capacitação consciente, plural e responsável na construção da nova sociedade que aflorava

1. Pesquisadora, Pós-Doutora pelo Programa de Integração da América Latina (PROLAM) da Universidade de São Paulo. Doutora pela Universidade Metodista de São Paulo. Vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Televisão Digital e professora do Programa em Comunicação da UNESP - Universidade Estadual Paulista. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Pensamento Comunicacional Latino-Americano. Diretora Administrativa da SOCICOM. E-mail: mcgobbi@terra.com.br; mcgobbi@faac.unesp.br

naquele momento, além de objetivar a socialização do saber e a democratização da ciência, da arte e da tecnologia.

O texto que trabalhamos teve como base o material "Balanço de uma gestão – ECA-USP – 1989 – 1992", resultado da gestão do professor Dr. José Marques de Melo na direção da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Assim, na apresentação do material o professor Marques fala dos caminhos de sua vida acadêmica e os cruzamentos que o levaram e fizeram com ele permanecesse tantos anos naquela instituição.

Em seu relato (1992, p. 9) o mestre evidencia sua vocação para a vida acadêmica e relata os desafios de suas primeiras incursões no campo da docência, mesmo sendo "mais jovem do que muitos dos meus primeiros alunos e naturalmente também do que os meus colegas de magistério". Desde esta época, com apenas vinte e três anos, o desafio de um trabalho de qualidade, capacidade de liderança, iniciativa e pioneirismo sempre estiveram presentes. Em curto espaço de tempo implantou os laboratórios dos cursos de jornalismo e editoração, organizou a infraestrutura pedagógica e científica e foi o primeiro doutor em Jornalismo do país.

Marques de Melo trabalhava na ECA-USP em um dos períodos mais conturbados da história nacional, quando estava instaurado no Brasil o regime de exceção. Mesmo sendo um ambiente educativo, que deveria ser permeado pela liberdade "para a criação e a pesquisa de novas formas de expressão jornalística" sentiu na pele a violência dos "anos de chumbo", sendo afastado da universidade e da pesquisa em 1974. Seu retorno ocorreu somente em 1979, com a anistia política e, como ele mesmo afirma (1992, p. 9), "a solidariedade de alguns colegas que não perderam a dignidade naqueles anos sombrios restituíram-me a função docente e permitiram a retomada de um projeto acadêmico interrompido".

Desta forma, sem perder a garra e o entusiasmo que lhe são tão peculiares, aceitou o desafio para a reconstrução das estruturas didáticas, sofridas e envelhecidas não somente pelo tempo, mas pela situação que o país ainda atravessava e transformar aquele espaço intelectual em um lugar "propício ao desenvolvimento científico" (1992, p. 9). Posteriormente, com o apoio da comunidade uspiana, aceitou uma nova incumbência, a de dirigir a ECA-USP. Tal assertiva foi respaldada nas gestões dos reitores professores doutores José Goldemberg e do Roberto Leal Lobo e Silva Filho.

De acordo com o relato do professor Marques de Melo no documento (1992, p. 10) a ECA viveu, especialmente no final dos anos de 1980, um "clima de pessimismo e em certo sentido de anarquia, gerando conflitos insanáveis e provando até mesmo projetos separatistas que ameaçavam a governabilidade da instituição". E o fator motivacional para que ele pudesse ocupar o cargo de diretor veio, principalmente, do apoio que recebeu da comunidade, incluindo neste mote alunos, professores e funcioná-

rios, além da implantação do Novo Estatuto da USP, em cujo cerne estava a autonomia universitária.

A Gestão 1989-1992 foi antes de qualquer outro tributo um exercício de democracia, especialmente na fase inicial onde, muitas vezes, o radicalismo teimava em imperar. Então, o equilíbrio da balança estava sempre respaldado no princípio de que as "decisões da maioria devem ser implementadas" (1992, p. 10).

Assim, buscando "desarmar os espíritos e convocar todos indistintamente para a tarefa de reconstrução", não cultivando resultados negativos gerados por "embates ideológicos que a história se encarrega de pulverizar" (1992, p.10), conseguiu combater questões que teimavam em impedir o avanço daquela instituição, como clientelismo, e o tráfico de influência. Através de uma gestão transparente, da descentralização, participação e eficácia, princípios norteadores e fundamentais, de acordo com o professor Marques de Melo, para a sua gestão de reconstrução da ECA.

As mudanças passaram pela criação de um sistema orçamentário com base em programas, otimizando recursos que foram geridos pelos e nos próprios departamentos, e eram destinados para as atividades de ensino, pesquisa e extensão. E como resultados começaram as iniciativas de autonomia didático-científica. Foram restabelecidas as representatividades colegiadas, eleitas democraticamente e as estruturas administrativas foram reformuladas, "de modo a subordinar as atividades-meio às atividades-fim" (1992, p. 11).

Todo este cenário de transformações resgatou o compromisso interno, a credibilidade externa e os detalhes podem ser conferidos no documento que ora analisamos. O professor José Marques de Melo teve apoio direto dos funcionários, colegas de departamento, chefes, comissões, além dos alunos. Traz uma lista de mais de 30 nomes que o ajudaram nesta reconstrução, evidenciando o trabalho em equipe e o pacto de todos pela reconstrução da Escola.

Decorridos quatro anos de sua gestão, "cumpre prestar contas à comunidade acadêmica da Eca do trabalho desenvolvido para que a Escola possa, nessa avaliação, apontar para si os caminhos do futuro" (1992, p. 16) e com estas palavras faz um relato das mudanças, ações e readequações realizadas no período.

Ensino de excelência

Assim, no que tange as atividades de ensino, após o "Diagnóstico do Ensino", realiado em 1989, organizado pela professora Elza Ajzenberg e publicado em 1990, buscou o aprimoramento dos cursos, com a participação dos discentes. Identificado o perfil do estudante da ECA, o diagnóstico apontou os problemas relacionados com as estruturas curriculares. Como relata Marques

de Melo, "a primeira iniciativa de vulto da nova gestão" (1992, p. 17) foi criar mecanismos capazes de propiciar as discussões e buscar soluções para uma revisão substanciosa de todo o sistema de ensino da Escola. Criou-se as Comissões de Coordenação de Curso (CoCs), com representação docente e discente, que trouxeram questões do cotidiano, vividas nas práticas acadêmicas. Aliado a isso, implantou-se "uma rigorosa obediência às regras regimentais da Universidade, [...] com normas claras e transparentes de orientação pedagógica e de administração do complexo escolar" (1992, p. 17), especialmente com referência aos casos de "situações anômalas", em todos os níveis. Isso possibilitou a organização da vida universitária de muitos alunos.

O corpo docente assumiu a reforma curricular como uma das bandeiras prioritárias à mudança, atendendo as expectativas apontadas no "Diagnóstico do Ensino". Começaram a surgir diversos projetos, como "O Mercado de Trabalho de Comunicações e Artes e os profissionais formados pela ECA nas décadas de 70 e 80", culminando na realização, em 1990, do Simpósio "O Ensino de Comunicação e os Desafios da Modernidade" e do Congresso sobre "O ensino das Artes na Universidade". As mudanças qualitativas começavam a ficar evidentes e foi sentida ao longo do período, com a criação de novos cursos, adequação de outros etc.

Este trabalho foi realizado também na pós-graduação, fixando o número de orientandos por orientador, revisando a área de concentração e as linhas de pesquisa, iniciando assim o "processo de desmembramento e de surgimento dos novos cursos que começaram a ser implantados em 1993" (1992, p. 19).

Em linhas gerais, os resultados apontaram uma diminuição da evasão dos cursos de graduação, ocupação de vagas ociosas, com critérios de seleção objetivos e impessoais, elaborados pelas Comissões de Curso; ampliação do quadro de disciplinas optativas, entre outras ações. Os efeitos, quase que imediatos, apontaram entre os anos de 1989 a 1992 um crescimento médio de 43% no número de diplomados. Com relação à pós-graduação, a ECA, no período, teve 200 dissertações de mestrado e 101 teses de doutorado, correspondendo a uma ampliação de 40% e 54%, respectivamente, aliada com uma avaliação qualitativa de excelência pelas agências externas.

Produção científica e a inserção social

Os projetos passaram a "demonstrar uma preocupação sintonizada com as demandas emergentes da sociedade" (1992, p. 23), trazendo uma postura crítica e transformadora, além de estarem conectados com os campos das Artes ou da Comunicação, resultado dos estímulos individuais aos projetos que atendessem as demandas da Escola. Numericamente os resultados apontaram que em 1989 a média

era 3,8 projetos orientados por docentes (estágio, iniciação científica, trabalhos de conclusão de curso e pós-graduação), passou para 4,3 (1990) e 5,16 (1991), transformando a Escola em uma das "sete Unidades que, em 1991, tiveram os maiores números absolutos de alunos sob a orientação de seus professores" (1992, p. 23).

Superior crescimento foi registrado com referência à produção global da ECA. O Anuário Estatístico da USP de 1991 registrou que, de 592 trabalhos (1988), passou para 887 (1989), representando um crescimento de 49,8%. Em 1990 correspondeu a um crescimento de 29,7% se comprado com o ano anterior, tendo mais 1.151 trabalhos. Em 1991 houve uma queda de 27,4%, sendo produzidos 835 trabalhos científicos. Mesmo registrando uma acomodação da produção, a ECA saltou da 9º posição em 1988, aparecendo entre as quatro primeiras unidades da USP com o maior número de projetos em desenvolvimento no ano de 1991.

A avaliação qualitativa registrada pelo professor Marques de Melo (1992, p. 24) aponta que "a Eca passa assim a se constituir num núcleo produtor de inovações e reflexões destinadas a democratizar a cultura e a fortalecer a cidadania". Isto pode ser registrado como a melhoria da infraestrutura de apoio, a implantação do Núcleo de Pesquisa sobre o Mercado de Trabalho, Núcleo José Reis de Divulgação Científica, Núcleo de História em Quadrinhos, Núcleo de Pesquisa em Telenovelas, a consolidação do projeto Escola do Futuro, do Centro Mário Schenberg de Documentação em História da Arte, Centro de Documentação nos Países em Língua Portuguesa e da Hemeroteca Sindical Brasileira, entre outros.

Toda esta produção foi fortalecida no período de 1989, até o segundo quadrimestre de 1992, com 105 defesas e concursos de títulos, 35 professores fizeram cursos de pós-graduação e de pós-doutoramento no exterior, além de trabalhos apresentados em eventos diversos, 512 palestras, conferências e seminários, 227 serviços de assessoria e consultoria, com uma média anual de 330 entrevistas e 911 publicações entre livros, capítulos, artigos, ensaios, entre outros. Todos os resultados apontados demonstram que de fato era preciso "superar o modelo da escola que vive em torno de si mesma e avançar em direção às exigências da sociedade" (1992, p. 27).

Cooperação nacional e internacional

Não menos significativos foram os avanços no campo da cooperação nacional e internacional. Para ampliar e estimular esta ação foi criado o Núcleo de Cooperação Nacional e Internacional (NCNI), que objetivava assessorar na divulgação das atividades, contatos com personalidades do mundo acadêmico e concretização de convênios e intercâmbios cultural e científico com instituições brasileiras e internacionais. Ainda pensando na cooperação, a ECA

passou a abrigar instituições representativas dos estudos comunicacionais e de Artes, como: *International Society for Education and Art* (INSEA), Associação Nacional dos Pesquisadores em Arte (CBHA), Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM), *Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación* (ALAIC) Associação Nacional de Pesquisa de Pós-Graduação em Ciências da Informação (ANPPCIB) e a sociedade Brasileira de Agentes de Informações (SBAI).

Infraestrutura de apoio ao ensino e à pesquisa

Pode-se mencionar que esta etapa foi realizada em algumas fases bem definidas. Primeiro, a ECA passou por um processo de modernização em todos os níveis. Contado com a participação do corpo de funcionários foram realizados seminários de integração e programas de atualização cultural, com significativa adesão.

Em seguida, diversas ações foram realizadas, como a informatização dos serviços administrativos, a implantação gradativa das informações acadêmicas da ECA, a atualização de um banco de dados, descentralização da gestão dos recursos financeiros, atualização e informatização do acervo da biblioteca, entre outros. Aliado a isso, várias exposições, organizações de sumários, boletins etc. foram desenvolvidos, evidenciando não somente as mudanças pela qual passou toda a Escola, mas sua capacidade de se reinventar, redefinir trajetória, trabalhar em torno de projetos coletivos e principalmente, sair do imobilismo "que veda os olhos aos desafios impostos à Universidade numa conjuntura nacional e internacional de rápidas e profundas transformações" (1992, p. 33).

Desafios para o futuro e perspectivas

Esse breve relato evidencia os ajustes que foram necessários para reconstruir a ECA. Mais do que uma prestação de contas de uma gestão, a descrição deve servir de modelo para que possamos acreditar que com entusiasmo, critérios, participação democrática, transparência de gestão, trabalho de grupo, estímulo, valorização pessoal e, principalmente um Plano diretor capaz de sair da simples observação e da individualização é possível realizar uma transformação radical. A prova mais contundente que isso dá certo são os níveis de excelência da ECA-USP, cotejado por muitos, sendo uma das Escolas de referência em qualidade no Brasil. Para encerrar, Marques de Melo, afirma que,

> É essa possivelmente a principal perspectiva que se abre para a Escola.

> Sedimentar as reformas iniciadas nos cursos de graduação e de pós-graduação, estimular a concretização dos inumeráveis projetos de pesquisa desenvolvidos por seus professores, buscar situar-se em posição de vanguarda no panorama nacional e internacionais nas Artes e na Comunicação Social, racionalizar suas estruturas internas, são tarefas em torno das quais os membros de sua comunidade encontram-se majoritariamente envolvidos. Esse consenso é, seguramente, a garantia do futuro.

A mudança ocorrida na ECA-USP, no período de 1989 a 1992, traz reflexos até hoje, mais de dez anos após ter sido realizada. A excelência de sua produção e a seriedade com que o grupo vem conduzindo os "rumos" da Instituição, mostrando suas peculiaridades, na busca constante para atender as demandas da sociedade, a permanente procura pelo aprimoramento científico-pedagógico e, principalmente a clareza de sua identidade continuam sendo referências para muitas instituições e definindo a qualidade acadêmica da Escola.

Nuvens em remoto mês de agosto

Victor Aquino[1]

8.2 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José (Org.). **ECA/USP**: transição para a modernidade. São Paulo: ECNUSP, 1992.

José Marques de Melo, jornalista, professor, pesquisador, autor, pensador, principal liderança no extenso e complexo processo de desenvolvimento e implantação da área de comunicação como um dos domínios do conhecimento na contemporaneidade, em razão da estatura acadêmica, do papel que desempenha no cenário do ensino superior, do vigor das ideias, já tem merecido alguns ensaios biográficos. Tudo que vem sendo escrito sobre autor e obra, pode-se dizer, alcança-lhe com justiça e propriedade.

Todavia, tendo sido contemporâneo em pelo menos três momentos de sua atividade como docente na Universidade de São Paulo, na época trabalhando com ele no departamento de jornalismo e editoração, onde fui seu colega de trabalho e ele meu chefe de departamento, como posteriormente meu diretor na Escola de Comunicações e Artes, testemunhei

1. Doutor em ciências. Professor titular de publicidade. Ex-diretor da ECA-USP (1997-2001).

como suas iniciativas contribuíram para dotar a instituição dos mecanismos que a tornaram, definitivamente, sólida, perene, respeitada e admirada.

Tudo na vida tem uma razão de ser. Até mesmo as consequências nefastas do ato discricionário, arbitrário, violento e extremamente incoerente que o afastaram do cargo na USP, em meados dos anos de 1970. Pois até mesmo isso foi importante para também impregnar sua personalidade da altivez com que suportou a injustiça, da coragem com que enfrentou os opressores e da inteligência com que soube desafiar, dentro e fora da universidade, os últimos resquícios de atraso, deixados para trás pelo amancebamento entre generais e catedráticos.

A primeira grande consequência social e política dentro da universidade, se é que se poderia chamar assim, quando de sua reintegração ao cargo em 1979, foi aglutinar em torno de si um imenso contingente de honoráveis personalidades que, da esquerda à direita, não apenas lhe hipotecaram solidariedade, como contribuíram para dar ressonância a um fato que, antes de qualquer coisa, cobriu de vergonha a própria universidade. Terá sido nesse contexto que Marques de Melo retornou ao que fazia antes. Se anteriormente já desfrutava da confiança dos colegas, o retorno consolidaria sua liderança como empreendedor no terreno das ideias, gestor acadêmico e como principal protagonista no processo de projeção da escola no cenário internacional.

Independente dos influxos do pensamento universitário, que tenha sido, no limite da instituição, menos ou mais conservador quando da concepção e criação da antiga Escola de Comunicações Culturais, nessa época já denominada Escola de Comunicações e Artes, o certo é que ela continuava a manter a mesma estrutura. Uma estrutura marcada pelos equívocos sobre os quais já tive oportunidade de discorrer[2]. Dentre os principais problemas de que ainda se ressentia, ressalte-se, havia o aspecto excessivamente técnico de algumas disciplinas. Essa característica, por conta de uma certa "mesmice" em conteúdos diferentes, começava a tornar extremamente enfadonhos alguns dos cursos. Outra aberração estrutural que ainda remanescia era o chamado curso básico, onde os alunos da maior parte das antigas habilitações eram obrigados a permanecer por dois intermináveis anos, antes de iniciarem a formação profissional propriamente dita.

Sempre tive a nítida sensação de que Marques de Melo, até por jamais ter verbalizado uma posição pessoal a respeito dessa situação, não gostaria de tratar de um assunto que envolvia pressupostos históricos de institucionalização da escola. Ainda assim, eu também sentia certa segurança por nunca ter sido desautorizado por ele a tratar publicamente deste assunto. Recentemente, quando eu organizava obra co-

2. AQUINO, V. "40 anos depois", **A USP e a invenção da propaganda, 40 anos depois** (V. Aquino, Org.). São Paulo, FUNDAC, 2010, p. 13-54.

memorativa dos quarenta anos de existência do curso de publicidade e propaganda, em que inseri o citado capítulo introdutório a respeito desse assunto, antecedendo o que ele próprio escreveu[3], não ouvi qualquer comentário negativo a respeito.

Olhando hoje para trás, tentando entender a mecânica de revisão daquelas estruturas curriculares, como o processo de gradativa transformação pelo qual passou a escola entre os anos de 1980 e 1992, chego à conclusão de que a atuação de Marques de Melo foi, não apenas decisiva, como inspiradora de todo um processo de renovação institucional. O espírito empreendedor, o incentivo à difusão de estudos e ideias, a preocupação em agregar valores e dar-lhes o necessário suporte para que, na circulação, sejam elas apropriadamente enriquecidas e contribuam para o desenvolvimento de mais estudos, sempre foram suas marcas pessoais. Uma marca que ficou aparente na mudança pela qual passaram os cursos da escola.

Houve pelo menos dois momentos em que essa mudança poderia ter sido obstada. Um indesejável confronto entre docentes que representavam o anseio direto por transformação a qualquer preço e os que representavam a preservação da escola tradicional, nos moldes de sua concepção histórica, quase pôs tudo a perder. O velho departamento de comunicações e artes, matriz de uma série de disciplinas comuns e obrigatórias, não abria mão de manter o controle sobre essas disciplinas. Com isto forçava habilitações como publicidade e propaganda, relações públicas, cinema, rádio e televisão, editoração, jornalismo, biblioteconomia e documentação a ocuparem extensos espaços nas respectivas grades curriculares com disciplinas do domínio da história, da psicologia, da sociologia, da realidade brasileira, da filosofia, do português e até da matemática.

Enquanto exercia o cargo de chefe do departamento de jornalismo e editoração, presidindo o respectivo conselho e, nessa condição, o representando na congregação da unidade, Marques de Melo liderou naquele colegiado a primeira discussão sobre a ampliação da antiga comissão de ensino. Justificava que, por uma razão de coerência pedagógica, essa comissão devia compreender um representante de cada habilitação e não mais apenas de um representante por departamento. Durante os dois anos de seu primeiro mandato como chefe no departamento de jornalismo e editoração ele insistiu nessa tese na congregação.

Entre esse seu primeiro e o segundo mandato no departamento, ocorreram dois fatos relevantes na universidade. O primeiro deles foi a eleição do reitor José Goldenberg, cuja atuação também foi marcada por incontáveis fatos modificadores, voltados ao aprimoramento, à consolidação e à abertura internacional da Universidade de São

3. MELO, J. M. de. "ECA, antes e depois da propaganda", **A USP e a invenção da propaganda, 40 anos depois** (V. Aquino, Org.). São Paulo, FUNDAC, 2010, p.55-60.

Paulo. Aliás, quem hoje assiste a todo esse discurso sobre inovação, internacionalização e inserção institucional em escalas mundiais, não conhece, ou esquece o que foi esse período. A meu ver, tão importante quanto decisivo para os anos que estariam chegando, o reitor Goldenberg contribuiu também para que as mudanças lideradas por Marques de Melo atingissem o objetivo esperado.

O segundo fato relevante a ocorrer naquele momento foi a redemocratização política do país. Com a redemocratização vieram a constituinte e a promulgação da nova constituição. Com esta, a garantia de autonomia administrativa, financeira e pedagógica às universidades. Fato que, imediatamente, ensejou a iniciativa do reitor Goldenberg em convocar a revisão estatutária da universidade. Pois terão sido os novos estatuto e regimento geral da USP que acabaram por facilitar as mudanças que ocorreriam na Escola de Comunicações e Artes.

Ainda durante o processo de revisão estatutária, quando se realizava o congresso convocado pelas instituições representativas de funcionários docentes, funcionários não docentes e estudantes, em mais de um momento tive ocasião de conversar a respeito dessas alterações com Marques de Melo, então meu chefe de departamento. Eu fora eleito com João Aloisio Lopes, docente do departamento de comunicações e artes, para, no conjunto com os indicados pelas outras categorias, representar a unidade no Congresso da USP. Algumas vezes, no próprio conselho departamental e informalmente em outras, trocávamos informações sobre os rumos das alterações estatutárias. Alterações desejadas, aquelas que seriam possíveis, como também as improváveis. Um dos assuntos mais espinhosos, o modo como deveriam ser escolhidos os dirigentes universitários, por exemplo, era assunto cuja tendência institucional seria manter inalterado o sistema das listas tríplices, tradicionalmente encaminhadas a uma "autoridade maior" que decide qual nome deve ser nomeado. Todavia, naquele momento, muitos de nós que acompanhavam uma tendência interna por mudança radical do sistema já repetiam uma posição que dificilmente seria acompanhada pelas correntes mais tradicionais do conselho universitário, onde tudo seria decidido no final.

Lembro de uma colega falar sobre a necessidade de endurecimento nessa discussão, de sorte a evitar que a universidade continuasse como sempre fora. Nessa conversa, lamentando certas impossibilidades no trato com as correntes mais conservadoras, ele citou um provérbio chinês, dizendo que às vezes é mais estratégico ser flexível do que endurecer. De algum modo, ele estava antevendo, no percurso de todo o processo de mudança, a intervenção final do conselho universitário. Pois, ao aproveitar sugestões de aprovação possível, o conselho acabaria por introduzir mudanças também importantes. Bom dizer, por exemplo, que tudo o que está novamente em discussão hoje, só está em discussão porque foi possível realizar uma primeira alteração naquela época.

Penso que essa deve ser a característica que melhor represente Marques de Melo naqueles tempos. Personalidade assinalada por uma energia de trabalho toda própria, cujo envolvimento com a instituição sempre foi, acima de tudo, pela instituição, sem privilegiar pessoas, grupos ou objetivos que não se inserissem em um projeto de desenvolvimento institucional. Esse modo de ser torna-se conhecido de todos anos antes, quando de seu afastamento da universidade. Ocasião em que tinha sido extremamente injustiçado, mas nem por isso deixaria que a vida pessoal, como a atividade acadêmica e o próprio talento fossem transformados em uma cruzada vingativa. Se tivesse querido, teria todas as razões para se transformar no "justiceiro" dos males a que foi submetido. No entanto, movido por exemplar equilíbrio e por notável dose de generosidade, ao ser reintegrado soube como se locomover altivamente em um meio acadêmico também marcado por diferenças.

As principais transformações curriculares que alcançaram os cursos de jornalismo e de editoração a partir do fim dos anos de 1970 tiveram início no retorno de Marques de Melo ao departamento. Em ambos os cursos, muitas dessas transformações seriam de grande utilidade nos demais processos de aprimoramento que ainda estariam por vir. Liderou, no conjunto dos docentes de cada um dos cursos a revisão de todas as estruturas curriculares. Momento em que se atualizaram ementas, conteúdos e bibliografias. Também foi a época em que se desdobrou para encontrar substitutos à altura daqueles docentes que começavam a se aposentar. Caso, por exemplo, de Thomas Jorge Farkas, que ensinava fotojornalismo e fotografia editorial desde o início dos cursos.

Cria o estúdio de rádio e telejornalismo, uma construção que, além do equipamento trazido, iria possibilitar uma formação profissional específica, de excelência e altamente técnica. Faz gestões para trazer ao departamento novos docentes para essas disciplinas, como Sebastião Squirra, José Carlos Manente, Bernardo Kucinsky, Terezinha de Fátima Tagé Dias Fernandes, Maria Elena Ortega Ortiz Assumpção, Maria Otilia Bochini, Sylvia Lustig, André Boccato, José Luís Proença e Luís Fernando Santoro. Conta com o apoio de antigos colegas como José Carlos Rocha de Carvalho, Francisco Gaudêncio Torquato do Rego, Carlos Eduardo Lins da Silva, Dirceu Fernandes Lopes, Alice Mitiko Koshiyama, Ciro Juvenal Marcondes, Kardec Pinto Vallada, Jeane Marie Machado de Freitas, Jair Borin, Cremilda Celeste de Araujo Medina e José Coelho Sobrinho.

Todos participavam ativamente dos esforços de Marques de Melo pela transformação e aprimoramento dos cursos. Sua preocupação principal estava concentrada em trazer para os cursos de jornalismo e de editoração todos os instrumentos possíveis, que permitissem passar dos conteúdos teóricos às práticas laboratoriais, como destas aos fazeres reais. À semelhança dos bem equipados estúdios de radiojornalismo e de telejornalismo, volta-se à criação

de um jornal laboratório com periodicidade e universo de distribuição regulares. Cria-se desse modo o "Jornal do Campus".

Sem perder de vista antigos projetos que ele próprio liderara anteriormente, a exemplo da "Agência Universitária de Notícias" e da "Editora Com-Arte", criou o "IP-CJE, Instituto de Pesquisa em Comunicação Jornalística e Editorial" e incentivou a constituição de vários coletivos internos, voltados à discussão de melhorias pedagógicas e institucionais. Igualmente, tomou a iniciativa para, internamente, garantir reparação a colegas que, como ele, tinham sido atingidos por atos do arbítrio. Desse modo, constituiu a comissão integrada por Freitas Nobre, José Carlos Rocha e por mim, para acelerar os efeitos de benefícios que começavam a ser assegurados por lei.

E quando finalmente as normas internas da universidade possibilitaram, sete anos depois, que a comissão de ensino, então em transição para a nova comissão de graduação da escola, recebesse um representante de cada habilitação ou curso, e não mais apenas um representante por departamento, as discussões sobre o conjunto das disciplinas comuns obrigatórias puderam tomar uma direção lógica ideal. Esse momento, pode-se dizer, foi crucial para ajustes necessários desde a criação da escola. A revisão estatutária daquele momento ressaltaria a priorização do trabalho docente na graduação, como o desenvolvimento de áreas de pesquisa e o aprimoramento docente pela titulação nos mestrados e doutorados da escola.

Indicado em reunião do conselho departamental para representar o curso de editoração na comissão de graduação da escola, eu teria a oportunidade de também participar de um processo que praticamente começaria a ajustar as estruturas de ensino da escola dos novos tempos. O próprio Marques de Melo, que participava da reunião em seu departamento já como diretor eleito da Escola de Comunicações e Artes, foi quem indicou o meu nome.

Vem à memória como ocorreu esse fato. Todos os conselheiros estavam radiantes com a inclusão, em primeiro lugar na lista tríplice, do nome de José Marques de Melo para dirigir a ECA. No seu modo habitual de ser prático e objetivo, ele interrompeu os cumprimentos, desculpando-se por ter que concluir logo a reunião. Devia receber um orientando de doutorado que necessitava viajar para seu estado natal. Assim, ao dar início à discussão do item que previa a indicação de um representante do curso de jornalismo e de outro do curso de editoração, como os respectivos suplentes, para a comissão de graduação, foi interrompido pela secretária. Ela assinalava em voz baixa e discretamente que o próprio reitor aguardava na linha. O professor Goldenberg, em pessoa, comunicou-lhe pessoalmente a decisão de nomeá-lo diretor da escola. De sorte que as indicações dos nomes para representantes dos cursos na comissão de graduação foram aprovadas na sequência.

Na primeira reunião de que participei, os demais representantes me elegeram para presidir a comissão. Dias depois fui chamado ao gabinete para ser informado de que ele pretendia promover a organização de uma série de reuniões sobre estruturas curriculares nos diferentes cursos. Desejava que, primeiro, cada um deles encaminhasse os resultados dessas discussões preliminares a uma grande discussão final, que apenas aconteceria quando todos os departamentos estivessem seguros das alterações que pretenderiam fazer em seus cursos. Caberia à comissão de graduação, então, realizar os encaminhamentos aos colegiados superiores, garantindo que as decisões tomadas em conjunto fossem respeitadas institucionalmente.

Este foi o início de uma decisiva mudança na estrutura curricular original, principalmente das habilitações que à época derivavam do assim chamado bacharelado em comunicação social. A antiga estrutura de início de formação em dois anos para o oferecimento das disciplinas comuns obrigatórias, aos poucos substituída por aquilo que se denominava de "alongamento do curso básico", começava a desaparecer. Depois de anos, enfrentando a monotonia de um enclausuramento obrigatório em uma sala comum, lotada de alunos dirigidos ao estudo de teorias muitas vezes dissociadas do que viria posteriormente, ou daquilo que seria útil na formação de cada habilitação, os cursos ganharam um certo conforto pedagógico. (Note-se que é uma opinião pessoal do docente, mas também de alguém que estudou na escola com essa estrutura de curso).

Finalmente, em evento cujos efeitos se fizeram sentir durante muito tempo na comunidade, organizou a "reunião do Pico do Jaraguá", na qual se deliberou sobre o futuro das então novas estruturas curriculares. Foi momento também importante na vida institucional, pois eventuais resistências ao novo modelo acabaram sendo racionalmente ajustadas à nova realidade. Pode-se dizer que muito do que a Escola de Comunicações e Artes representa hoje, em termos de coerência curricular, oportunidade para criação ou transformação de novos cursos, decorreu dessa iniciativa.

Após ver o início da implantação das novas mudanças na graduação, começou a se ocupar também da pós-graduação. Foi nesse campo que Marques de Melo intentou um de seus mais ousados e felizes projetos. Já nessa altura, após ter também usufruído de seus esforços para aperfeiçoar o corpo docente, tendo realizado um estágio de pós-doutorado com o seu apoio e o patrocínio financeiro do Projeto BID-USP II entre França e Bélgica, eu viria participar do processo de criação dos novos programas de pós-graduação. Entre 1990 e 1991, com base ainda nas recomendações da grande reunião que definiu a reorganização das graduações, ele iniciou uma extensa reformulação da pós-graduação. Estimulou, primeiro, a criação do programa de pós-graduação em Jornalismo. Ainda mantendo o anterior programa de ciências da comunicação, empreendeu esforços para iniciar o novo programa, logo seguido por outros, por iniciativa de docentes de outras áreas.

Após meu retorno da Europa, tendo sido nomeado em concurso de professor titular no Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo, época em que também fui eleito chefe desse departamento pela primeira vez, reuni-me com colegas dos cursos de turismo e, a seguir, com os de relações públicas e propaganda. Enquanto Sarah Strachman Bacal e colegas de sua área propunham o programa de pós-graduação em turismo e lazer, eu me reunia com Sidinéia Freitas, Margarida Kunsch, Waldir Ferreira, Heloiza Matos e Sandra de Souza para criar o programa de pós-graduação em comunicação para o mercado.

Foi uma notável experiência que resultou na agregação de interesses comuns, voltados ao estudo de questões acadêmicas específicas, cujo alcance de efeitos sobre o mercado contavam com duas grandes referências: propriedade de estudo e capacitação de pesquisadores e orientadores. Sim, pois mesmo no campo teórico impõe-se a necessidade de quem estuda saber exatamente o que está estudando. O que significa dizer que sem nenhuma prática profissional, como sem trânsito pelas esferas em estudo, dificilmente o pesquisador poderá estudar com profundidade e objetividade qualquer coisa.

Todavia, essa notável experiência após o término de seu mandato de diretor seria considerada imprópria, descartando-se causas e consequências de um trabalho que, muitos anos para frente, tentaria ser reavivado em nova reformulação da pós-graduação. No meu entender, porém, sem o vigor, a forma e o alcance que aqueles programas teriam logrado, tivessem sido preservados. De algum modo, também participei do enterramento dos programas originais. Eu presidia a comissão de pós-graduação quando, sob orientação de outro diretor, em agosto de 1996, os conselheiros tomaram a deliberação de encerrar aquilo que eufemisticamente era justificado como "retrocesso". Pois o que se pretendia era a "valorização do programa tradicional que servia a toda escola". Fui voto vencido. Entre outros desencantos, essas "nuvens de agosto" permanecem como sombras a tirar parte do brilho de uma era.

Curiosamente, essa decisão do colegiado foi tomada depois de uma reunião da COMPÓS, realizada na ECA, na qual, segundo eu soube posteriormente (pois não participei dessa reunião) tinha sido sugerido o retorno ao antigo programa de ciências da comunicação. O mesmo programa que, anos para frente, levaria à revisão que aportou em sua atual configuração. O mesmo programa, por sinal, que excluiu os colegas da área de turismo, com as explicações de sempre sobre pertinência, envolvimento, produção acadêmica e assim por diante. Estou certo de que, não houvesse essa prática tão em voga de se desfazer em um mandato o que se constrói no anterior, a instituição teria ganho muito mais e nenhum colega teria sido alijado de um campo importante como é a pós-graduação.

Marques de Melo não raro era alcunhado de "trator". Diziam que ele, quando desejava fazer alguma coisa, "atropelava todo mundo". Uma bobagem. Seu papel no

desenvolvimento da escola, seu compromisso institucional e, sobretudo, seu modo de trabalhar democraticamente no conjunto de todos os seus iguais, tornaram-no personagem sem equivalente. Pode ser até que uma ou outra iniciativa que tenha proposto não tenha saído exatamente como alguém desejasse. Mas tudo que fez realizou em conjunto com a maioria. Hábil negociador, intransigente na defesa de postulados éticos, semeador de cultura, sempre se destacou na USP como um "fazedor de chuva". Punha todo mundo para trabalhar. Não havia "branco". Ninguém que fosse trabalhar com ele permanecia sem ideia. Nada ficava sem germinar. Razão pela qual eu pessoalmente o entendo como uma fonte de energia, com que, desde bem antes da INTERCOM, ele vem adubando, regando e fazendo brotar no campo da comunicação.

Outro dia reli um trecho do livro que publiquei para celebrar o centenário de nascimento de meu pai, o fotógrafo gaúcho Francisco de Sales Marques Corrêa. O trecho relata a passagem em que meu progenitor, em janeiro de 1969, andava pelas instalações da antiga Escola de Comunicações Culturais na Cidade Universitária. Meu velho tentava colher informações que me atraíssem a permanecer com a família em São Paulo, abandonando a faculdade iniciada em Porto Alegre. Eu tinha escrito sobre isso, mas já não lembrava mais a passagem:

> No local conversou a esmo com umas pessoas sobre os cursos da escola. Uma dessas pessoas, no entanto, um moço de óculos de aros grossos, que falava muito bem e se expressava com forte acento nordestino, conversou bastante com meu pai, explicando as grandes mudanças que se esperavam para o jornalismo profissional, a formação dos novos jornalistas e as transformações que estavam por ocorrer no campo dessa atividade nos próximos anos. Meu pai ficou muito impressionado. Nunca mais viu essa pessoa, mas também nunca mais a esqueceu pela atenção, objetividade e, principalmente, pelo conhecimento que demonstrava do jornalismo (AQUINO, 2012).

A descrição desse personagem sem nome por meu pai, eu sempre soube, era Marques de Melo. Foi um privilégio e uma honra ter trabalhado com ele. Sem falsa modéstia, também foi motivo de muita distinção para mim, em algum momento da história eu também ter podido exercer o principal cargo que ele exerceu na Universidade de São Paulo: o de diretor da Escola de Comunicações e Artes.

Referência

AQUINO, Victor. **Significados da paisagem** (celebração do centenário de nascimento de Francisco de Sales Marques Corrêa, 1912-2012). São Paulo: INMOD, 2012.

SEÇÃO III
ORGANIZAÇÃO DIDÁTICA

Perspectivas teórico-metodológicas dos estudos em jornalismo nos anos de 1960/70

Janete de Páscoa Rodrigues[I]

1.3
CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José. (Coord.). **Curso de jornalismo comparado.** Série jornalismo e editoração. Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo - Circulação restrita, São Paulo, 1970. 300 p.

O objeto desta resenha são os textos discutidos e analisados no curso de jornalismo comparado da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP), ministrado pelo professor José Marques de Melo, que coordenou a presente obra de circulação restrita, publicada no ano de 1970. A coletânea foi composta a partir de obras de autores nacionais e internacionais com estudos na área de jornalismo, publicados entre os anos de 1952 e 1969. Subsidiaram os debates ministrados pelo professor Marques de Melo, durante o referido curso, as seguintes temáticas: "Jornalismo como disciplina científica", pautada em trabalhos de Angel Faus Belau e Jacques Kaiser; "A imprensa como fonte histórica", a partir de textos de José Honório Rodrigues, Wilhelm

1. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Brasil. Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). E-mail: janetepascoa@yahoo.com.br

Bauer, Américo Jacobino Lacombe e Amaro Quintas; "O estudo de caracterização da personalidade dos jornais", baseada nos estudos de Jacques Kayser; "A imprensa como objeto de estudos das ciências sociais", com base nas obras de Gilberto Freyre, Arthur Ramos e Maurice Duverger; "As sondagens de opinião", a partir de publicações de Josse Melange; "Tendências da pesquisa na área das comunicações de massa", que seguiram concepções teóricas de Morris Janowitz e Robert Schulze; "Análise sistemática de conteúdo", com base na obra de Alphons Silbermann; "Uma semana na imprensa do mundo", ancorada nos estudos de Jacques Kayser; "Aplicação de um método de análise da imprensa: a viagem de Khroutchev", a partir das investigações de Violetti Morin e "Análise de um dia de televisão em Caracas**",** segundo Antonio Pasquali.

A coletânea organizada por Marques de Melo a partir dos textos acima referenciados revela como as investigações na área do jornalismo foram se configurando em meio a diversos desafios na construção de um acervo teórico-metodológico capaz de constituir aquilo que hoje compreendemos como "Ciências da Comunicação". As referências conceituais adotadas por Marques de Melo durante o curso em questão revelam sua preocupação desde a época com a definição de um campo teórico-metodológico para os estudos em comunicação.

O curso de Jornalismo Comparado ministrado por Marques de Melo foi iniciado com a temática "jornalismo como disciplina científica", sob a perspectiva do professor Angel F. Belau (1966), ao abordar as teorias de Otto Groth, representante maior da *La zeitungswissenschaft* e grande colaborador espanhol para o desenvolvimento dos estudos em informação. Groth defendeu fortemente que a ciência periodística se tornasse independente por acreditar que os periódicos apresentam conteúdo próprio, e não se constituírem apenas como documentos auxiliares sem essência própria.

Em 1960 Groth conseguiu publicar sua obra mais completa, "*Dio unorkannteKulturmacht. Grundlegung der Zeitungswiessenschaft (Periodik*)". Muitos princípios desta obra já constavam em suas publicações anteriores. Porém, a ciência periodista foi perdendo espaço para a ciência publicística, que segundo W. Hagemann, esta "nova" ciência (publicística) se preocupava, tanto com o problema da opinião pública como dos métodos e dos meios pelos quais se poderiam influenciar na opinião pública. Entretanto Belau argumentava que muitas teorias que circulavam naquele momento dentro da publicística e da informação, tinham suas bases epistemológicas na obra de Groth.

Belau toma como referência a última obra de Groth, "*Fundamentos de La ciência periodística"*, e ressalta que tal teoria seria perfeitamente aplicável em alguns estudos sobre imprensa, rádio, TV, cinema e publicidade. Tais objetos de estudos poderiam ser tratados, segundo Belau, como ramo da ciência periodística mediante uso da técnica periodistica, a qual seria utilizada para os estudos sobre história dos periódicos, legislação da imprensa, empresa de periódicos,

estudos de audiência e análise de conteúdo dos meios de comunicação. Para Otto Groth, o conteúdo desta ciência consistia na investigação das seguintes características: periodicidade, universalidade, atualidade e difusão.

Jacques Kayser foi referenciado por meio de sua obra "*El periódico – estúdios de morfologia e de prensa comparada*", publicado no ano de 1964, em Quito.

Kayser inicia sua discussão alegando que os estudos desenvolvidos naquela época sobre a imprensa escrita se pautavam apenas na história e no direito e defendia que suas bases científicas eram desprezadas nas investigações em jornalismo.

O autor tratou somente da imprensa escrita diária, "Periódicos e diários de informação geral" deixando de lado as discussões sobre a existência da "ciência da comunicação" de maneira genérica. Adotou o conceito de Periódico como sendo toda e qualquer publicação periódica destinada ao público geral, com objetivo de constituir uma fonte de comunicação escrita sobre os acontecimentos da época. Para Kayser, os estudos de imprensa deveriam se apoiar basicamente na história, no direito, na sociologia, na economia, na apresentação do periódico e em seu conteúdo. Nesta perspectiva, as investigações sobre imprensa escrita cotidiana deveriam elucidar questões sobre a forma de apresentação dos periódicos: o que os constitui, como medi-los e como compará-los entre si. Ao contemplar tais questões, os anunciantes poderiam adaptar seus anúncios de forma mais específica aos hábitos dos leitores. Na concepção de Kayser, a realização de estudos sistemáticos seriam a única forma de avaliar a imprensa no referente sua função de utilidade pública, informação, entretenimento e educação da sociedade.

O tema "A imprensa como fonte da história", discutido a partir das ideias de José Honório Rodrigues (1969), vislumbrava a notícia redacional como fonte histórica quase sempre suspeita, pois acreditava que a autoria das informações eram quase sempre desconhecida. Já Bauer (s/d) considerava a imprensa como constituinte de verdadeira mina de conhecimentos, não apenas como fonte de sua própria história, mas também dos demais fatos sociais. Vislumbrava os periódicos como fontes importantes para o conhecimento da evolução histórica do regime constitucional, dos conceitos jurídicos e dos grupos sociais de uma nação.

Não podemos deixar de registrar, neste sentido, as colaborações inéditas de Gilberto Freyre nos estudos de sociologia e da história social com base em informações extraídas dos anúncios de jornais nas investigações de fatos históricos. Esse autor revolucionou a técnica da pesquisa em historiografia social ao publicar o 2º número de "Lanterna Verde" em 1963. Assim, as notícias de velhos jornais passaram desde então a serem utilizadas pelos pesquisadores da história e da sociologia como contingente inestimável de informações acerca da história, da antropologia e da sociologia.

Em se tratando da temática "Estudo de caracterização da personalidade dos jornais", Jacques Kayser em 1964 elencou características que definiria um jornal, tais

como: apresentar-se na forma impressa, ser ofertado ao público, seguir intervalos regulares de publicação, apresentar séries contínuas, possuir o mesmo título e exemplares numerados. Para investigar as características morfológicas e anatômicas dos jornais, o autor sugeriu a realização de análises comparativas dos elementos componentes do periódico, como: a identificação do jornal, o local da redação, o nome do periódico, indicações que podem acompanhar o nome, a periodicidade, principal zona de difusão, a tiragem, a publicação do primeiro e do último número, o preço do exemplar, características especiais da história do jornal, formato do jornal, número de páginas e número de colunas por páginas, além de outros elementos possíveis de fornecer informações que caracterizaria a "personalidade de um diário".

Até aqui, percebe-se que o processo de cientifização nos estudos em jornalismo se preocupava somente com os parâmetros teórico-metodológicos de investigação, ancorados estritamente em medidas de formatação gráfica dos jornais e quantificação de seus elementos constituintes sem, contudo, preocupar-se com questões mais subjetivas e de fórum qualitativo dentro do processo de comunicação.

"A imprensa como objeto de estudo das ciências sociais" foi tratada sob a perspectiva da obra de Gilberto Freyre (1963), "O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX". Para Gilberto Freyre, na reconstituição antropológica ou na recomposição sociológica do passado do escravo africano, que durante o século XIX se integrou na vida brasileira, não haveria material que ultrapasse os anúncios de jornais em importância e em idoneidade. Arthur Ramos, por sua vez, foi referenciado nessas discussões por defender na época o uso da imprensa como objeto de estudos da psicologia social, em face das notícias de teor emocional como fonte de materiais de análise para os estudos de criminalistas, psiquiatras e higienistas mentais. Estes se propuseram a apurar as influências que tais notícias poderiam despertar na opinião pública. Maurice Duverger subsidiou o debate dentro dessa temática ao apontar três formas de utilização dos jornais nas pesquisas em Ciências Sociais, as quais são: como fonte de documentação geral, como fonte documentação sobre certos grupos sociais e como fonte de documentação da própria imprensa.

Em se tratando do tema, "As sondagens de opinião", o professor José Marques de Melo recorreu às teorias de Josse Melange, na obra "*A l'ecoute del'opinion*". Neste sentido Melange defendia que a pesquisa de opinião pela sondagem seria um processo cômodo, rápido, econômico e fiel para descrever os diversos aspectos de uma população. Esse método baseado em dados racionais tinha como objetivo diversificar ao máximo a amostra estratificando-a de forma probabilística. Nestas sondagens se mediria a opinião dos indivíduos sobre algo, nem mais nem menos que isto. Nesse processo de investigação, Melange elenca as diversas etapas da pesquisa de opinião nos estudos em jornalismo sem, contudo, atentar também para os aspectos

qualitativos acerca das questões que permeiam as audiências e suas representações nos estudos em jornalismo e demais meios de comunicação de massa.

O texto "Tendências da pesquisa na área das comunicações de massa", extraído da obra de Morris Janowitz e Robert Schulze (1961), trouxe as teorias de Lasswell (Quem diz o quê, a quem e com que efeitos?), apontando as pesquisas sociológicas como forma de contribuição nos estudos dos meios de comunicação de massa. Neste propósito mencionaram estudos que tratam da significação funcional da imprensa na organização social. Embora os autores alertassem para o fato de que a maioria das pesquisas até então realizadas, sobretudo nos Estados Unidos, buscassem respostas imediatas para problemas imediatos com emprego de métodos meramente descritivos e hipotéticos sobre a estrutura das indústrias da comunicação de massa, os mesmos defendiam que a facilidade de acesso das comunicações de massa estimularia as pesquisas no domínio do "quê". Os esforços empíricos, especialmente de sociólogos americanos, se caracterizaram pela descoberta de que a análise de conteúdo dos meios de comunicação poderia ser tratada quantitativamente, conforme apontamentos de "*Content Analysis in Communications Research",* de Bernard Berelson.

A partir da perspectiva da análise de conteúdo nos estudos dos *mess media*, as pesquisas passaram a vislumbrar tanto aspectos técnicos quantitativos nas operações empíricas, como também as questões qualitativas de seus processos. As investigações sobre o impacto e os efeitos dos *mass media* sobre as audiências desenvolvidas nesta corrente, serviram para desconstruir certos estereótipos sobre o poder dos meios de comunicação de massa e sobre as sociedades dita de massa, redirecionando e reafirmando concepções sobre as formas tradicionais de associações, influências e de poderes envolvidos nos contextos socioculturais em que vivem os seres humanos.

Para dar continuidade ao debate anterior, Marques de Melo recorreu ao texto "Análise sistemática de conteúdo" de Alphans Silbermann, em que retoma teorias de Lasswell publicadas em 1948, na busca de um entendimento sobre o quê (conteúdo), o quem (comunicador), a quem (destinatário) e o efeito dos meios de comunicação de massa, além de incluir formulações de Berelson (1952) sobre o emprego da análise de conteúdo como método sociológico. Este autor aponta a objetividade, a sistematização, a quantificação e a evidência como elementos característicos desse tipo de pesquisa.

Importante lembrar ainda que a análise de conteúdo foi amplamente utilizada no período da 2ª guerra mundial e em outros momento da história não apenas no desenvolvimento de pesquisas próprias do jornalismo, mas também a serviço da guerra e da política pelos órgãos oficiais da Europa e dos Estados Unidos.

A contribuição metodológica dessa vertente seria o fato de as análises partirem de categorias específicas para depois serem reunidas conforme cada situação

de pesquisa. Dentre as diversas tendências metodológicas disponíveis nas pesquisas em comunicação, Silbermann sugeriu já em seu tempo uma combinação de vários métodos, que podemos compreender em nosso dias como multimetodologias, entre a tendência política, criada por Lasswell (1946); a sócio-psicológica, elaborada por Lazarsfeld em 1940; a indicada aos grupos restritos, elaborada por Kurt Lewin em 1935 e o método psicológico experimental, empregado por Carl Hovland em 1953. No entanto, o autor alertava para as limitações da análise de conteúdo em face de se tratar apenas de uma descrição e de uma análise estática ou dinâmico das comunicações e não de suas intenções. Sobre a análise de conteúdo envolvendo a relação do público com os *Mass Media*, este método se ateve apenas à linguagem e ao conteúdo informado. David Gold (1957) alertava que no desenvolvimento das estatísticas aplicadas, a ênfase estava apenas nas técnicas com foco na análise de dados mensuráveis quantitativamente.

Porém, Emory Bogardus (1951) defendeu nos estudos de opinião pública a necessidade de métodos transcendentes ao viés puramente quantitativo. Teóricos passaram a reconhecer a partir dessa teoria que o emprego da análise de conteúdo requeria uma ligação oportuna entre a pesquisa quantitativa e a pesquisa qualitativa. Embora a análise de conteúdo tenha sido vista inicialmente com grande ceticismo por estudiosos como, Georges Homans, Nels Anderson, Georges C. Atteberry em relação às suas perspectivas futuras no campo das ciências sociais, Silbermann concluiu suas reflexões afirmando que no âmbito das pesquisas interdisciplinares (aproximação entre a sociologia, a antropologia e a psicologia, além de teoria e empirismo), a análise de conteúdo passaria a colaborar de forma efetiva e significativa com os estudos futuros dos meios de comunicação de massa.

"Uma semana na imprensa do mundo" foi um dos textos de Jacques Kayser (1953) escolhido por Marques de Melo para prosseguir no debate sobre as teorias e metodologias empregadas na época nos estudos em jornalismo comparado. Neste, Kayser apresenta os resultados de um estudo comparativo realizado com diários impressos matutinos de diversos países, entre eles o Brasil, no qual empregou o método denominado "Ciência da imprensa". Kayser descreveu de maneira detalhada os critérios de seleção dos diários analisados, o conceito adotado de "Método comparado", os limites da comparação (hoje seria um recorte temporal do *corpus*) e os elementos da comparação. As comparações dos elementos constituintes dos jornais se aplicaram aos aspectos gerais e aos conteúdos dos jornais, ao lugar reservado a certas informações ou certas secções, à sua apresentação tipográfica, suas fontes, suas formas e sua natureza. Foram descritos e quantificados o numero de artigos e informações contidas nos diários; a fonte das informações; título das informações; As informações nacionais e internacionais; informações de interesse nacional e de

interesse geral; o conjunto das informações publicadas; informações sobre a guerra fria; numero e tipo de correspondentes (particulares e especiais) e liberdade da informação representada no diário.

"Aplicação de um método de análise da imprensa: a viagem de Khrouchtchev" foi o trabalho de Violette Morin (1960) adotado por Marques de Melo na composição do curso de jornalístico comparado em questão. A investigação de Morin consistiu na análise de sete diários e quatro revistas semanais francesas durante a cobertura da viagem do presidente da extinta União da República Socialista Soviética (URSS), Nikita Khrouchtchev em 3 de abril de 1960. As indagações norteadoras da pesquisa de Morin foram: o que disse a imprensa sobre a visita de Khrouchtchev à França? Como ela disse? Como a imprensa mediu os acontecimentos? Que aspectos ela insistiu? Políticos, econômicos, anedóticos? Foram codificadas todas as informações referentes à visita do presidente soviético e posteriormente foram criadas Unidades de Informação (UI) a partir das marcas (assuntos) mais recorrentes no conteúdo informado. Assim, a contribuição apresentada na proposta metodológica de Morin foi a mensuração das superfícies impressas, ao utilizar o CEC (*Centre d'estudies dês Communications de mass)*, instrumento de medida de superfície construído com uma folha de papel transparente do tamanho de um jornal, marcado por pequenos quadrados que possibilitou estabelecer uma tábua aritmética das superfícies destinadas a visita de Khrouchtchev à França por cada jornal. Os recursos gráficos de cada periódico foram analisados conforme tendências positivas e negativas de forma associada às UI. Quando dispostas hierarquicamente, as temáticas publicadas revelaram que as informações presentes nos semanários e nos diários apresentavam concepções de teor psicológico ou realista, categorias adotadas por Morin.

O último texto analisado no curso de Marques de Melo foi "Análise de um dia de televisão em Caracas", do professor Antonio Pasquali, extraído do livro "*El aparato singular"*, publicado em 1967. Neste, Pasquali analisou a composição dos programas de televisão comercial na cidade de Caracas. O recorte metodológico do estudo consistiu na averiguação da recorrência dos temas informados, na predominância de um tema sobre os demais e no índice de presença na programação total. O autor defendia que o levantamento de dados quantitativos favoreceria nas análises qualitativas das mensagens, e propôs demonstrar que as mensurações quantitativas são indispensáveis para qualquer estudo de natureza qualitativa.

Pasquali utilizou-se de métodos mensuráveis na averiguação do tempo destinados a cada tipo de programa transmitido pela TV Venezuelana na época. Mediu de maneira instrumental o tempo reservado aos programas ao vivo, aos telecines e à publicidade. Defensor de uma programação televisiva de melhor qualidade em seu país, concluiu com seu estudo que a TV

comercial venezuelana priorizava programas produzidos em outros países em detrimento das produções nacionais de caráter informativo ou cultural capazes de contemplar a realidade social venezuelana.

Ultimas Considerações

A obra organizada pelo Professor Marques de Melo, objeto deste texto, se insere no acervo científico literário dos estudos em Comunicação pelo seu caráter documental e por se apresentar hoje como uma importante fonte de informação histórica composta por valiosos registros sobre a trajetória das pesquisas científicas no campo da comunicação de massa, tanto no contexto nacional como mundial. Soma-se a isto, o fato de revelar mais uma vez o papel pioneiro de Marques de Melo como intelectual vigilante do campo da Comunicação, que ao publicar suas escolhas no universo das concepções literárias da época, nos proporciona hoje não somente dados históricos, mas importantes reflexões, algumas delas, ainda desafios teórico-metodológicos para os estudos dos meios de comunicação na atualidade.

E o que vai ficar na fotografia?[1]

Ariadne Bianchi[2]

2.3 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José. **Fotografia e Jornalismo.** São Paulo: ECA-USP, 1971.

O livro Fotografia e Jornalismo publicado em 1971, ano seguinte em que a então Escola de Comunicações Culturais (ECC) passou a ser chamada de Escola de Comunicações e Artes (ECA), é uma obra fruto da produtiva série "Jornalismo e Editoração", de 1970. Parte indissociável desse processo está à figura do professor José Marques de Melo, na época da publicação coordenador do Departamento de Jornalismo e Editoração, que acompanhando essa mudança de nomenclatura, também aumentou o número de professores e incentivou ainda mais o ensino de jornalismo no país, hoje parte da história da comunicação em diferentes aspectos.

O livro revela um pouco da história da fotografia, técnicas que envolvem tipos de pesquisas, como científica e cultural,

1. LEONI (nome artístico). Verso da música "Fotografia".

2. Jornalista. Aluna do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), Brasil. E-mail: ariadnebianchi@hotmail.com

além do profissional, dos que chamam de "novos usos da fotografia" e chega a questionar: "quantas informações homens civilizados levam em sua mente?".

Quando analisamos essa área, projetos liderados por Melo em 1970 relacionados a fotografia, como a implantação da Oficina Gráfica e o Laboratório Fotográfico, é notável que estão a frente do seu tempo e ainda são atuais. O ensino pouco valorizado trouxe o olhar de Melo em um Centro de Pesquisa que tinha, a princípio, na extensão, dois professores: Hélcio Deslandes, de diagramação, e Thomaz Farkas, de fotojornalismo, que trazia não só a prática aliada, principalmente, a estudos teóricos, entre as (poucas) disciplinas relatadas em um Dossiê (VIANNA - online). Essa mesma história, no entanto, se funde com o período da ditadura no país.

As aulas de Farkas, incluindo as teóricas, eram mal vistas, segundo Melo, assim como uma de suas aulas em que acabou sendo "acusado de difamador do Brasil e subversivo pela Ditadura Militar" (VIANNA, online). Fizeram parte, então, de um episódio em que resultou na cassação de cinco professores, incluindo o próprio autor, voltando para a ECA somente nove anos depois, com a Lei da Anistia.

Antes desse processo, Melo pode colaborar com esta obra que reúne jornalistas envolvidos com a fotografia, editoração e revista, até mesmo, nomes como de Henri Cartier-Bresson, considerado por muitos como o pai do fotojornalismo, e do semiólogo Roland Barthes, que mostram a fotografia como informação, além de aproximar a prática com o conceitual, algo muito inteligente para o jornalismo conhecendo, então, o contexto e a luta pelo ensino de jornalismo no Brasil no ano em que foi publicado.

A obra reúne exemplos de fatos que envolvem atos políticos e de guerra, que talvez, intencionalmente ou não, tivessem alguma ligação com o período, para chegar às fundamentações teóricas de cada autor. Para Marques de Melo, em entrevista concedida a ANJ (Associação Nacional dos Jornais), o regime militar dificultou a identidade do jornalismo no país e, mesmo assim, ele utilizava estratégias que faziam notar sua habilidade para ver além do seu tempo.

Melo já escreveue organizou textos sobre os gêneros jornalísticos no Brasil, que inclui a fotografia, mas classificar gêneros jornalísticos, para ele, ainda é o maior desafio (1985). Para Seixas (2009) "aprender a fazer jornalismo é aprender a produzir gêneros jornalísticos". Na fotografia mesmo, há muito que se considerar:

> Considera-se também como relevante: autor, lugar, data, câmera fotográfica, lente, personagem, cenário, cor predominante, linha, forma, fonte de luz, foco, composição, fotometragem (asa/ iso), velocidade, diafragma. Além disso, é possível surgir informações outras pelas referências exteriores à imagem. Por exemplo, o jornal ou revista (impresso ou eletrônico), lugar editorial da fotografia aplicada, resultando sentidos

> novos à imagem. E ainda outros contextos de significados advindos da linguagem escrita, gráfica ou fotográfica, que podem operar simultaneamente com a imagem estudada. Por exemplo, a foto de capa de um jornal interage com a manchete, a legenda, as chamadas, os textos, as outras fotografias, os infográficos, as charges, as publicidades e até com o próprio nome do jornal (AVANCINI, 2011, p.55).

Aos capítulos:

Fotografia e Macrofotografia, por Mário Clark Bacellar – O texto ensina técnicas de fotografia para publicações, principalmente, ligadas as divulgações científicas e culturais. Traz uma meticulosa análise sobre macrofotografia (lentes especiais – para perto) e microfotografia (tirada por meio de um microscópio), aliadas aos equipamentos e o desempenho dos profissionais na atualidade, considerando teorias como a corposcular, para explicar a luz, dando exemplos do periódico "Manchete". O autor conclui com opiniões "acertadas", como as de que o fotógrafo deve especializar-se no que mais gosta e a necessidade de equipamentos modernos e adequados de acordo com a finalidade de uma reportagem. Ao lembrar o progresso e o avanço da tecnologia na macrofotografia, ele prevê miniaturas na apresentação visual, como no relato em que, para ele, um jornal do futuro seria levado para casa, colocado em um projetor para se poder ler. Quando escreve sobre os estudos das cores na fotografia, ele chega ao final mostrando o que para ele não só a arte de contar histórias, mas algo feito com paixão:

> Não fiz essas fotografias inicialmente com o sentido jornalístico, com a intenção de contar uma história, mas apenas para ter comigo uma lembrança. Hoje, com a evolução de minha atividade, procuro obter reportagens jornalísticas, seguindo sempre o desenvolvimento de um roteiro que conte a história ao leitor, o mais sinteticamente possível;mas isso, já agora, é uma consequencia. E nessa análise, sou levado a concluir que os mais interessantes aspectos de uma viagem pelo mundo estão justamente no meio mais simples e elementar. Entretanto reconheço que cada um pode ter seu próprio gosto, mas que somente uma afirmativa é imutável, ou seja a que respondeu o velho profissional Sam Gottscho quando lhe perguntaram como ele, já com mais de 90 anos de idaade, conseguia fazer fotografia tão bonitas: "É que eu fotografo com amor! (BACELLAR et al., 1971, p. 38).

Os novos usos da fotografia, por Richard B. Stolley: Com o entendimento de que a fotografia revolucionou técnicas de arquivo, pesquisa e que existe uma variedade de novos usos, Stoley relata passagens por áreas como a psiquiatria, antropologia, agricultura, para mostrar a utilidade da fotografia para os diversos campos, ampliando o conhecimento, e de como isso pode colaborar para a resolução de alguns mistérios do homem e da natureza. Na área criminal, por exemplo, a foto é considerada o segundo meio mais eficiente para a identificação, superada apenas pelas digitais, tornando-se ainda um tipo de prova no tribunal. Ele demonstra suas afirmativas sobre memória no caso da filmagem do assassinato do presidente dos EUA, John Fitzgerald Kennedy, por *Abraham Zapruder*. Para ele, o trauma do fotógrafo após o ato mostra que "muito da informação que os homens civilizados levam em sua mente é visual" (1971, p. 36).

Como fotografar? Com cabeça, coração e uma caixa mágica, por Carlos Mydans – O fotógrafo é enfático ao iniciar seus escritos apontando que o equipamento não é tudo para um profissional. Diante das explicações técnicas sobre a fotografia, que são necessários, segundo o autor, ela não seria um produto da máquina, mas uma combinação que traz outro sentimento, um tipo especial de emoção. A foto, para ele, é fruto ilimitado da nossa imaginação, daí a análise:

> A primeira crítica surge como uma longa ressaca da comparação com a pintura, isto é, as fotografias não são criações, são simples registros; a câmara é um dispositivo mecânico sem coração ou alma, reproduzindo com fidelidade consistente tudo o que lhe apareça pela frente, o trivial bem como o importante. Esta opinião, naturalmente, pressupõe que o homem atrás da câmara não possui nem coração, nem alma, nem visão, nem criação visual; que é, na verdade, desprovido de seletividade (MYDANS et al., 1971, p. 11).

A fotografia em jornal, por Paulo Rehder – As considerações do autor foram realizadas por meio de uma pesquisa em quatro jornais cariocas – Jornal do Brasil, Última Hora, Correio da Manhã e O Globo. Para ele, os paginadores da época ignoravam o fato de que, com o avanço tecnológico, a fotografia tornou-se um "veículo para transmissão de notícias". Em sua análise de espaço, ao se medir os ocupados por fotografias, pouca importância era dada ou ao invés de desempenhar um papel ativo, dinâmico, a fotografia tornava-se meramente passiva. Rehder constata ainda que apenas em páginas como noticiários de esportes ou policiais as fotografias eram mais publicadas, raramente ilustradas em assuntos como de política e internacional. Quando apareciam, eram, por vezes, repetições de imagens, de pouca criatividade e imaginação.

O que é um repórter fotográfico? Por Jacques Pottier e Patrice Habans – Os autores fazem parte da equipe de Paris-Match e o texto é escrito por meio de uma entrevista em que chama a atenção para o "fornecedor de fotografias": o fotógrafo. Para Pottier e Habans, as pessoas podem dissociar a fotografia do fotógrafo, mas esse nunca pode ser neutro ou indiferente. Eles relatam experiências de trabalho, falam sobre equipe, prazos, dificuldades da profissão e ainda fatos cômicos em que passam para encarar a profissão.

Momento decisivo, por Henri Cartier – Bresson - O autor relata o fato de como entrou no mundo da fotografia por meio de uma Brownie de caixão até a manipulação de uma câmera, questionamentos sobre as técnicas e a descoberta das mais variadas sensações ao "capturar a vida" e preservá-la de alguma forma. Bresson também explica o que vem a ser uma reportagem ilustrada e, até mesmo, qual seu objetivo, os tipos de seleção a fazer e cuidado com a manipulação. Em seu texto, ele destaca que um pequeno detalhe pode se tornar o motivo principal e que se deve estabelecer uma minuciosa relação entre conteúdo e forma, uma vez que a posição de uma câmera, por exemplo, pode esconder ou ressaltar um ponto, pensando apenas que tudo o que precisa é de uma "boa foto". Com relação a técnica, Bresson considera importante apenas dominá-la caso necessite de comunicar o que se vê.

Como se produz uma reportagem ilustrada na revista "Look" é um preview da revista norte-americana que analisa aspectos jornalísticos da matéria "As estudantes Mais Procuradas das Américas". A Look analisa a fundo o que eles denominam de "cabo de batalha da revista", que é a reportagem ilustrada, não somente como um ensaio fotográfico, mas como uma história combinada entre fotos e palavras, começo, meio e fim. Eles explicam como se inicia uma reportagem, qual o desenrolar do trabalho, as dificuldades que eles têm para, finalmente, chegar aos "ingredientes secretos do sucesso".

Fotos-choque, por Roland Barthes – Em análise, o autor cita Geneviève Serreau para afirmar que o horror de uma fotografia provém do fato de que "nós olhamos" de dentro da nossa liberdade. Razão da nota foi uma exposição de fotos-choque na galeria de d`Orsay com cenas de comunistas guatemaltecos sendo executados. Para ele, as fotos para chocar, na verdade, não tem efeito já que o fotógrafo, quase sempre, sobreconstruiu o horror, com outros acréscimos devido a, por exemplo, um contraste. Ele encontra, talvez, dentro desse contexto o épico e o trágico e afirma que a "fotografia literal introduz ao escândalo do horror, não ao próprio horror".

Considerações Finais

É evidente que há muito que se escrever e identificar dentro do que envolve fotografia e jornalismo. Podemos enxergar na obra o alcance da arte vista em diversos países, levando os fatos, a cultura por meio da fotografia, revelando a importância dentro das ciências, o cuidado com a manipulação da informação, o processo para o mercado consumidor, dos fornecedores tratados em um dos textos como o profissional, o jornalista, o fotógrafo, assim, como um todo, a realidade através de olhares.

E nesse ato reconhecemos a astúcia do professor Marques de Melo em um período que mesmo com tantos entraves ainda conseguiu colaborar ou diminuir um pouco da distância que existe, segundo ele, entre as observações acadêmicas e os profissionais da área, por meio de ferramentas como essas publicações, dando visibilidade não só ao seu nome, como ao ensino e pesquisa no país.

Referências

AVANCINI, Atílio. **A Imagem Fotográfica do Cotidiano:** significado e informação no jornalismo. In: Brazilian Journalism Research (SBPJor), v. 7, n. 1., 2011. Disponível em: http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/285/267. Acesso em: 16/08/2013.

MARQUES DE MELO, José. **Gêneros jornalísticos no Brasil:** o estado da questão. In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba-PR, de 4 a 7 de setembro de 2009. Anais. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0763-1.pdf. Acesso em: Acesso em: 17/08/2013.

MOURA, Mariluce. **José Marques de Melo:** a prima pobre das ciências sociais. **Revista Pesquisa Fapesp.** São Paulo, novembro de 2012. Disponível em: http://revistapesquisa.fapesp.br/2012/11/12/jose-marques-de-melo-a-prima-pobre-das-ciencias-sociais. Acesso em: 16/08/2013.

MÜLLER, Carlos; PEDREIRA, Ricardo. **José Marques de Melo:** a imprensa não se desenvolveu o suficiente. Associação Nacional dos Jornais. Disponível em: http://www.anj.org.br/sala-de-imprensa/entrevistas/leia-a-seguir-a-entrevista-com-o-jornalista-jose-marques-de-melo-falando-sobre-seus-50-anos-de-profissao. Acesso em: 17/08/2013.

SEIXAS Lia. Redefinindo os gêneros jornalísticos: proposta de novos critérios de classificação. Covilhã: Labcom, 2009. Disponível em: http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/seixas-classificacao-2009.pdf. Acesso em: 17/08/2013.

VIANNA, Ruth Penha Alves. Pra não dizer que não falei das flores. Dossiê. Revista PJ:Br - Jornalismo Brasileiro. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/dossie3_a.htm>. Acesso em: 17/08/2013.

A leitura de um povo, de um tempo

Kleber Mazziero de Souza[1]

3.3 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José. **Normas de redação de cinco jornais brasileiros**. São Paulo: ECA-USP, 1972. 96p.

Apesar de o juramento dos estudantes que se formam na carreira de Publicidade e Propaganda caracterizá-los como "comunicólogos" e asseverar que aqueles jovens têm como missão, a partir de ali, fazer com que os seres "possam compreender a transcendência da comunicação e sua função na sociedade e na humanidade"[2], um exame superficial das

1. Professor da Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM, em São Paulo, Brasil. Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Maestro, escritor e cineasta, é autor do musical *O Futebol*, do livro *Sinfonia*, do filme *London, 1 year to go*, entre outros, e de artigos publicados em revistas científicas nacionais e internacionais. E-mail: kleber@klebermazziero.com.br

2. Como comunicólogo prometo buscar meus ideais, seguindo a meta de trabalho livremente escolhido por mim. E da mesma maneira, comunicar com ética, honestidade e responsabilidade aquilo que me foi transmitido. Prometo remover todos os obstáculos que impeçam a aproximação cada vez maior entre os seres, e fazer com que possam compreender a

características de estudantes e instituições de ensino no Brasil aponta para uma realidade diferente da promessa: estudantes aspiram ser e instituições de ensino formam muito mais comunicadores do que comunicólogos.

Um fato que chama a atenção é a dificuldade em despertar o interesse dos estudantes para os Programas de Iniciação Científica. Um dado rudimentar, ainda que não-científico, revela o distanciamento da geração de estudantes desta segunda década do século XXI em relação à carreira daquele profissional que se dedicará menos a fazer, mais a pensar a comunicação: do universo de 800 estudantes de uma IES de São Paulo matriculados entre o primeiro e o quarto semestre do curso de Publicidade e Propaganda, apenas 23 compareceram à palestra de apresentação do Programa de Iniciação Científica do segundo semestre do ano de 2013. Desses, apenas 9 se inscreveram para o processo seletivo. Apenas 2,875% dos estudantes se interessaram, 1,125% levaram a cabo o interesse.

Novamente numa sondagem não-científica, submetidos a poucas perguntas acerca dos motivos que levaram os 14 estudantes (60,8% dos que manifestaram interesse) a desistirem de apresentar seus projetos, 1 (uma) entre as 3 (três) respostas mais ouvidas foi ligada à relevância das pesquisas científicas no campo das Ciências Sociais. "A comunicação muda muito e muito rápido; o fenômeno que a gente estuda hoje já nem existe mais amanhã", "estudar um fenômeno comunicacional não vai mudar o mundo, não vai curar a AIDS, não vai fazer o dólar cair", "daqui a 20 anos, quem vai se interessar por uma pesquisa feita sobre o Orkut se, hoje, ele já nem existe mais?", "ainda que uma pesquisa científica descobrisse que os meios de comunicação manipulam intencional e criminosamente as massas, o que isso mudaria?, as coisas ficariam exatamente como estão e sempre estiveram"[3] são algumas das repostas daqueles 14 estudantes. Tais respostas evidenciam a preocupação das novas gerações com a eventual pouca relevância das obras de caráter puramente acadêmico.

Em fato, o senso comum aponta a irrelevância das pesquisas científicas no campo das Ciências Sociais; afinal, os resultados das pesquisas raramente provocam o surgimento daquilo que, primordialmente, se espera de uma pesquisa: a cura. Ao passo que as pesquisas científicas provindas do campo da medicina intentam encontrar a cura para as doenças, para o sofrimento, as pesquisas científicas provindas do campo da comunicação sequer ambicionam curar a sociedade de seus males; quando muito, trata de retratá-los. Ademais, ao retratar a sociedade a partir de um recorte específico

transcendência da comunicação e sua função na sociedade e na humanidade.

3. Trechos dos textos das respostas dos estudantes submetidos à pesquisa.

tanto no âmbito do espaço (afinal, "a sociedade" é suficientemente vasta para não ser abrangida de uma só feita) quanto no âmbito do tempo ("a sociedade" existe desde há muito e a vastidão do tempo também se torna um fator impeditivo), as pesquisas científicas provindas do campo da comunicação encontram dificuldades extremas no que tange à possibilidade de comprovação das conclusões; afinal um fenômeno comunicacional que aconteceu no sudoeste da China na década de 1960 e teve similaridade com algo ocorrido na porção leste da Nicarágua no final da década de 1980 não comprovam a universalidade daquele fenômeno – ainda que esta possa existir. A abrangência estreita corrobora o senso comum que aponta para a pouca relevância.

Assim, é possível prever que, exposto a um livro escrito em 1972, cujo conteúdo se resume aos Manuais de Redação de 5 jornais brasileiros, um estudante no segundo semestre de 2013 protestasse: "Qual a relevância de um livro desses? O acordo ortográfico de 1990 jogou por terra boa parte do que deve ter ali escrito, 5 jornais não representam nada perto do número de jornais existentes no Brasil, hoje em dia boa parte dos jornais nem são lidos no papel. Eu, por exemplo, leio jornal na Internet". Seria difícil, no primeiro momento, negar alguma razão ao nosso estudante.

No entanto, um exame um tanto mais paciente encontraria o caráter de relevância indelével do livro "Normas de Redação de Cinco Jornais Brasileiros", escrito pelo professor José Marques de Melo em 1971, publicado no ano seguinte[4].

A relevância da obra provém da possibilidade de o leitor atual, mais de 40 anos após a publicação, poder ler mais do que o livro; ler o Brasil daquela época. Mesmo tanto tempo depois, é possível entrever alguns aspectos de um país

4. À altura, o autor do livro era o coordenador do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da USP. Dois anos depois, em 1974, seria afastado pela ditadura militar da Universidade de São Paulo e impedido de lecionar em universidades públicas no Brasil – tal situação perdurou até 1979. O argumento de sua demissão foi a apostila "subversiva" que incitava "os alunos a se oporem ao regime militar". "Técnica do Lead" era uma apostila que foi utilizada em diversas universidades brasileiras e teve projeção internacional por sua inovação pedagógica.
"Ela continha as anotações de aula registradas pelos meus alunos do Curso de Jornalismo, tendo como ilustrações as notícias publicadas pela imprensa de prestígio nacional (que, aliás, estava sob o regime de censura prévia) [e que reproduziam a rebelião estudantil que estourara no Rio de Janeiro no dia anterior. Claro que os jornais espelhavam a atmosfera de insatisfação com o Regime Militar. Apesar da censura existente, as manchetes não escondiam o conflito entre o governo e a sociedade]. As autoridades alegavam que, circulando fora o país, aquelas notícias 'denegririam' a imagem internacional do nosso governo" (Depoimento de José Marques de Melo a Vera Rodrigues em 2005, apud MATTOS, 2010, p.102).

e de seu povo num determinado tempo histórico. Pela obra podemos, em certa medida, ler o Brasil por dois flancos: o da curiosidade e o da entrelinha.

Ambas as leituras têm, no autor, a preocupação com a cientificidade do que ali vai escrito e, portanto, ganham abrangência e relevância. Na Nota Introdutória do livro, Marques de Melo alerta para a preocupação com a importância dos Jornais a serem examinados e com a diversidade entre tais Jornais tanto do ponto de vista das regiões onde eram veiculados quanto de suas respectivas capacidades de penetração social à época: "O critério adotado nessa seleção foi o de permitir a comparação das normas vigentes em jornais de diversas regiões: dois grandes jornais editados nas principais cidades brasileira (Jornal do Brasil e O Estado de São Paulo) e dois jornais regionais – um do norte-nordeste (Jornal do Commercio, do Recife) e um do sul (Zero Hora, de Pôrto Alegre)" (MARQUES DE MELO, 1972, p. 4).

Para além do caráter de cientificidade, Marques de Melo adiciona um parágrafo que indica uma preocupação de natureza histórica, muito próxima daquela que empresta a referida relevância à obra em questão: "Acrescentamos a êsses quatro o **Diário Carioca**, hoje desaparecido, mas que apresenta uma significação histórica especial: foi o primeiro jornal brasileiro a organizar, em caráter permanente, normas de redação destinadas a padronizar o texto publicado nas suas variadas secções" (MARQUES DE MELO, 1972, p. 4).

Definidas as preocupações com a Ciência e com a História, podemos iniciar a leitura do Brasil daquele 1972.[5]

Ao intentar ler o Brasil pelo flanco da curiosidade, encontramos na obra diversas manifestações que caracterizam aquele período da história brasileira.

Por um lado, nota-se que não é novidade a premência do tempo dentro da redação de um jornal. Se na Era da Internet a palavra de ordem é "velocidade", também o era na Era pré-Internet. Logo no início das Normas de Redação do jornal "Diário Carioca", encontra-se a recomendação aos jornalistas: "Ler sempre a própria matéria antes de entrega-la, a menos que o tempo não permita" (MARQUES DE MELO, 1972, p. 7). A preocupação com o tempo também aparece no "Jornal do Brasil", em lugar de amplo destaque, sob o intertítulo "O Papel do Texto": "O papel do texto do JB é todo funcional. Por isso deve ser utilizado rigorosamente de acordo com as normas da casa para evitar desperdício de tempo." (MARQUES DE MELO, p. 34). Em "O Estado de São Paulo", a questão do tempo é tratada já no primeiro parágrafo da Introdução:

5. A sucessão ditatorial no governo brasileiro acorreu ao final do ano de 1968. Após o decreto do Ato Institucional no. 5 – AI-5 (13 de dezembro), o general Costa e Silva foi sucedido pelo gaúcho Emílio Garrastazu Médici (1969 a 1974) na presidência do Brasil.

> As determinações, instruções e recomendações deste **Manual de Normas** são especialmente destinadas aos noticiaristas e repórteres que preparam os textos da edição diária. Sua observância não só resultará em grande economia de tempo para o processo geral de preparação da edição, como conferirá aos textos o padrão de qualidade que, como profissionais, temos o dever de manter (MARQUES DE MELO, 1972, p. 66).

A preocupação de donos de Jornais, jornalistas, editores, estudantes de jornalismo, com o volume de notícias, o pouco espaço das publicações e a necessidade de manter qualidade e credibilidade também datam de muito tempo antes da chegada da Internet. Nas "Normas de O Estado de São Paulo" pode-se ler um parágrafo que parece preconizar o dia-a-dia das redações de jornais e portais brasileiros de 2013: "Enfrentamos a necessidade de dizer cada vez mais em espaço que tende a ser cada vez menor, pois o volume de informações que recebemos diariamente tende a crescer constantemente, enquanto o espaço útil destinado à publicação do noticiário mantém-se inalterado ouse desenvolve com modéstia." (MARQUES DE MELO, 1972, p. 66). Mais adiante, no intertítulo "Rapidez", a sentença: "De nada valerá a melhor das informações se não for rapidamente transformada em notícia, com a mínima perda de tempo possível." Já no intertítulo seguinte, "Limpeza", a preocupação com a qualidade; sem, evidentemente, ressaltar a necessidade de rapidez: "A rapidez não deverá prejudicar em hipótese alguma a limpeza do original. Êste deverá ser sempre **perfeito**, isto é, em condições de ser enviado diretamente à tipografia." Finalmente, ainda sob o mesmo intertítulo, uma advertência também bastante usual nas redações desde lá até os dias de hoje: "Embora o repórter ou noticiarista considerem seus textos verdadeiras obras-primas estilísticas, não raro o editor é compelido a emendá-los, quer para efetuar cortes, quer para introduzir novos elementos na matéria" (MARQUES DE MELO, 1972, p. 83).

É perceptível o acuro com que o autor delimita o âmbito jornalístico no qual centrará sua obra. A preocupação com a categorização do gênero jornalístico[6] principalmente abordado já revela um mote de sua carreira como pesquisador e docente: "Trata-se, portanto, de um volume destinado aos iniciantes no estudo e prática do Jornalismo, especialmente do Jornalismo Informativo" (MARQUES DE MELO, 1972, p. 4).

6. José Marques de Melo ministrou a disciplina Gêneros Jornalísticos na Sociedade Midiática: Teoria e Metodologia até o final do ano de 2012 na Universidade Metodista de São Paulo, em São Bernardo do Campo.

Ainda pelo flanco da curiosidade, entre tantas outras pistas pelas quais pode-se seguir em busca de uma leitura precisa do Brasil dos primórdios da década de 1970, as "Normas do Jornal do Brasil" indicam uma certa reverência para com as consortes dos parlamentares, ministros e membros do Itamaraty: "Quando, porém, a mulher é apenas a espôsa do ocupante do cargo, tem então o tratamento de Senhora Deputado Batista Ramos, Senhora Senador Mário Martins, Senhora Ministro Otávio Nunes, Embaixatriz Raimundo Silva" (MARQUES DE MELO, 1972, p. 20). O mesmo periódico nos indica que toda a grafia da Língua Portuguesa obedecia ao Acordo Ortográfico de 1943 e permitia, portanto, a utilização de palavras já incorporadas ao linguajar corrente, tais como "pênalti", "córner", "madame", "biquíni", entre outras (MARQUES DE MELO, p. 24-25). "O Estado de São Paulo", por sua vez, aceitava as palavras incorporadas, mas sugeria a procura pela simplicidade: "Não se admite, por exemplo, o emprêgo de data natalícia, agente da lei ou anjo branco quando o que se pretende dizer é simplesmente aniversário, policial ou enfermeira" (MARQUES DE MELO, 1972, p. 68). As curiosidades são muitas e seu material extremamente rico.

No entanto, para ler o Brasil da época, o flanco da entrelinha fornece um material ainda mais rico.

Não podemos nos esquecer de que o Brasil de 1972 era o Brasil da Guerrilha do Araguaia[7], da Transamazônica[8], da TV em cores[9].

---

7. Movimento guerrilheiro ao longo do rio Araguaia, na região amazônica brasileira, iniciada pelo Partido Comunista do Brasil (PCdoB), então uma dissidência armada do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Intentava organizar uma revolução socialista, provinda das regiões rurais, qual as Revoluções Cubana e Chinesa. Composta por cerca de 80 guerrilheiros mal armados (um revólver com quarenta balas para cada combatente, 25 fuzis, quatro submetralhadoras - duas de fabricação artesanal - trinta espingardas e quatro carabinas de caça), foi destruída pelo ataque de cerca de 2 mil homens bem armados desde o dia 21 de abril de 1972. Quase todos os guerrilheiros foram mortos e, ainda hoje, cerca de 50 deles permanecem como "desaparecidos políticos" Gaspari, Elio. ***A Floresta dos Homens sem Alma***, Companhia das Letras, A Ditadura Escancarada, As Ilusões Armadas, 2002.

8. Rodovia projetada durante o governo Médici (1969-1974), é uma das obras faraônicas realizadas pelo regime militar. O projeto inicial previa a extensão de 8 mil quilômetros pavimentados, ligando as regiões Norte e Nordeste do Brasil com o Peru e o Equador. Porém, com 4 223 km de comprimento, ligando Cabedelo, na Paraíba, a Lábrea, no Amazonas, é, hoje, a terceira maior rodovia do Brasil e nem toda ela é pavimentada. Foi inaugurada em 27 de agosto de 1972.

9. Em 19 de fevereiro, na abertura da Festa da Uva em Caxias-RS, pelo general Gar-

É nesse contexto político-social que o "Jornal do Commercio", do Recife, já na segunda página de sua Normas, ao tratar da redação do texto, indica a necessidade de se evitar as generalizões: "'O presidente Castello Branco...' Não há brasileiro que desconheça ser o marechal o presidente da República. Ou o óbvio: 'o deputado fulano de tal, eleito no último pleito...' ninguém toma posse como deputado sem que tenha sido eleito" (MARQUES DE MELO, 1972, p. 43). Nota-se, desse modo, que o assunto mais frequente era a política; a sociedade brasileira, sem saber ao certo o que pensar da tomada de poder pelos militares, falava de política, pensava em política, envolvia-se com os assuntos políticos. Tal inclinação é perceptível, também, no jornal "Zero Hora", de Porto Alegre, ao tratar dos nomes de "firmas, marcas, instituições, repartições, ministérios etc". Todos deveriam, então ser grafados em sua forma original: "Exemplo: Associação Brasileira de Educação, Ministério da Indústria e Comércio, Banco Regional de Desenvolvimento" (MARQUES DE MELO, 1972, p. 59). Mesmo indicando o procedimento para firmas ou marcas, ao exemplificar, o Jornal optou por 3 instituições. A temática política era o pano de fundo da vida em sociedade.

Ainda mais acentuada é a influência do ambiente político na seção "Siglas de O Estado de São Paulo". Ao alertar para o procedimento de não serem grafadas as siglas provenientes das palavras que as designam, 4 são os exemplos: "PETROBRÁS, CACEX, CELAM e ARENA não devem ser grafadas com maiúscula nem grifadas. Assim se escreverá Petrobrás, Cacex, Celam e Arena" (MARQUES DE MELO, p. 72). O exemplo político aparece com destaque e sequer privilegia a imparcialidade; apenas o partido do governo é mencionado.

Também o contexto social tem expressão nitidamente pronunciada. É possível notar a frequência do noticiário policial tanto em relação aos policiais famosos por sua eficiência quanto aos meliantes famosos por escapar dos policiais. O "Jornal do Brasil", por exemplo, alerta: "Os apelidos de atletas e policiais NÃO serão grafados com destaque" (MARQUES DE MELO, 1972, p. 20). Conclui-se, portanto, que não eram grafados os nomes dos policiais mas, sim, seus apelidos; havia uma espécie de intimidade entre o noticiário policial, o policial e a sociedade civil. "O Estado de São Paulo", por sua vez, ao exemplificar o uso de maiúsculas cita que devem ocorrer apenas nos "designativos dos organismos" e exemplifica: "Presidência da República, Secretaria do Vaticano; Pelotão X, da Companhia Z

---

rastazu Médici, realizou-se a primeira transmissão pela televisão em cores no Brasil, ainda em fase de testes. Em 31 de março, aniversário de oito anos do golpe militar, feriado de sexta-feira santa, foi inaugurada oficialmente a TV em cores no Brasil com um pronunciamento do então Ministro das Comunicações Hygino Corsetti.

do Batalhão H" (MARQUES DE MELO, 1972, p. 74). Note-se que, ao lado da presidência da República e do Vaticano, figura um Pelotão.

Situações histórico-sociais também ficam evidenciadas. O Jornal do Brasil, ao tratar daquilo que deve ser grafado com ou sem destaque, diferencia: "nomes de aviões (p. ex.: Jaú, Espírito S. Luis, Demoiselle" devem ter destaque; "os foquetes espaciais (p. ex.: Sputinik, Explorer, Mariner" não devem ter destaque (MARQUES DE MELO, 1972, p. 21-22). Foguetes espaciais eram assunto noticioso frequente na Guerra Fria.

Também as entrelinhas são muitas e seu material extremamente rico. Relevância da obra mais do que comprovada, portanto.

Por fim, vale ressaltar 2 fatores que fazem de "Normas de Redação de Cinco Jornais Brasileiros" uma obra ainda mais valiosa:

1. A preocupação do autor em transcender o aspecto unicamente acadêmico da obra: "Temos buscado desenvolver os ensinamentos de técnica jornalística, relacionando-os com a prática profissional nas emprêsas de comunicações do país", apontando a extrema importância da identidade cultural de um povo: "A orientação que procuramos dar à formação profissional dos Jornalistas, desde a criação do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA, tem sido a de manter as necessárias vinculações com a realidade cultural brasileira".

2. Na entrelinha do que diz, o autor sinaliza sua intencionalidade: "Ao organizar um volume contendo normas de redação usadas em diversos jornais brasileiros, a nossa intenção é justamente oferecer aos estudantes de Jornalismo um panorama da política normativa em relação ao texto na nossa imprensa diária", aparentando saber, desde o distante ano de 1972 que perceberíamos, mais de 40 anos depois, sua posição, sua firmeza de preceitos, sua coragem: "Procuramos sempre uma visão global, comparando as diretrizes técnico-profissionais das diversas organizações jornalísticas, e analisando-se criticamente em face dos problemas sócio-culturais que marcam nosso país" (MARQUES DE MELO, 1972, p. 3).

Referências

GASPARI, Elio. **A Floresta dos Homens sem Alma**. São Paulo. Companhia das Letras, A Ditadura Escancarada, As Ilusões Armadas, 2002.

MATTOS, S. **O guerreiro midiático**. Biografia de José Marques de Melo. Petrópolis: Vozes/ São Paulo: INTERCOM, 2010.

A Igreja rumo à vida, e vida com comunicação

José de Sá[1]

4.3 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José. **Igreja, Empresa e Comunicação**. São Bernardo do Campo: IMS, 1984.

Estudar a igreja católica sempre é um desafio, pois ela é uma instituição multifacetada e que apresenta uma série de atos, nem todos devidamente compreendidos pelas pessoas.

A instituição parece renascer e recrudescer de tempos em tempos. Agora, vive-se sob o domínio de um papa argentino e o encantamento por onde passa, em especial no Brasil no período de 23 a 28 de julho de 2013, quando ocorreu a Jornada Mundial da Juventude.

Abordar a inserção de José Marques de Melo neste cenário torna-se bem interessante por conta de suas reflexões em várias obras. Ao abraçar o ano de 1984, com o livro "Igreja, Empresa e Comunicação", muitas coisas saltam à vista.

1. José de Sá é jornalista graduado pela PUC /SP, mestrado e doutorado pela Universidade Metodista de São Paulo, onde é docente. Trabalhou com Dom Luciano Mendes de Almeida, fez parte da UCBC (União Cristã Brasileira de Comunicação Social), participou da UCIP (União Católica Internacional de Imprensa) onde fez o curso Summer University, no Leste Europeu, em 1993.

O curioso é que a obra é feita a partir de textos de alunos de Mestrado em Comunicação Social, do então Instituto Metodista de Ensinos Superior (hoje Universidade Metodista de São Paulo). Durante esse período, será buscada a recuperação de dados que possam ajudar na compreensão das atitudes da instituição religiosa, entre outras.

Faz-se a comunicação

Na segunda metade do século XX, percebeu-se uma igreja ainda marcada pelas vias tradicionais da evangelização. O Concílio Vaticano II foi importante para o despertar de uma nova prática das paróquias em nível mundial.

No Brasil, vive-se o período marcado pela ditadura militar (1964-1985), marcando as gerações com formas de agir e de pensar até os momentos atuais. Isso atinge não somente as pessoas, mas também as instituições nos seus mais diversos níveis.

O fato é em 18 de julho de 1969, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo é criada a UCBC (União Cristã Brasileira de Comunicação). A entidade vai deixar suas marcas no Brasil, quanto aos profissionais, estudantes e acadêmicos da comunicação.

José Marques de Melo integra a organização e vai colaborar incisivamente, com destaque para os anos 1970 e 1980. O princípio básico é o de que deve haver comunicação democrática para todos. Porém, o período é fortemente marcado pela ditadura, com extrema violência. Como o assassinato – travestido de "suicídio" – do jornalista Vladimir Herzog. Nesse episódio, a participação decisiva contra os atos do governo militar foram lideradas pelo então cardeal de São Paulo D. Evaristo Arns.

Não há governo, em especial em regime de exceção, que goste da visão crítica apresentada pelos meios de comunicação social. Torna-se fundamental a formação adequada dos profissionais do setor e mais a necessidade de haver a ética marcada pela busca da verdade e da vida.

A lição que fica é a de não tolerar a violência e as formas de massacrar a vida humana sem a presença dos MCS (Meios de Comunicação Social). São polêmicos, mas muito necessários.

1. A Igreja e o Vaticano II

O padre carmelita português Joaquim Rocha Maciel escreveu o texto "Igreja, comunicação, comunidade: antes e depois do Vaticano II". Teve início em

1962, pelo papa João XXIII. Terminou em 1965 com o papa Paulo VI.

O papel da comunicação na igreja é discutido. Maciel comenta sobre a importância de haver consciência crítica, colocando em xeque a existência da comunicação. "A comunicação entre as cúpulas e as bases foi, e é, quase nula e o mesmo se diga da hierarquia: Roma, bispos, e sacerdotes". E o aluno-padre ousa mais: "A comunicação com o povo de Deus não existe, não é permitido ao leigo opinar, discutir, sentir-se responsável na construção da sua Igreja."

São feitas diversas críticas à postura da igreja. Como "o principal obstáculo da comunicação é o medo a ser vistos como somos." E avalia a importância daquele concílio:

> [...] como o ápice da comunicação eclesial. O que se passou dentro das assembleias conciliares, é transmitido à imprensa escrita e falada. Os meios de comunicação tornar-se-ão o veículo privilegiado da vida e da igreja. De uma igreja segura até demais da sua verdade e passamos a uma Igreja mais atenciosa na escuta do grito que sobe do povo, que a questiona e a coloca em crise (MACIEL, 1984, p.13).

Coloca o documento "*Communio et Progressio"* como a grande contribuição do Concílio Vaticano II para a definição dos meios de comunicação social para a vida da Igreja: "...a comunhão e o progresso da convivência humana são os fins primordiais da comunicação social e dos meios que emprega, como sejam, a imprensa, o cinema, o rádio e a televisão" (MACIEL, 1984, p.14).

É comentado quanto ao desenvolvimento técnico dos MCS: "[...] aumenta a facilidade com que maior número de pessoas e cada um, em particular lhes possa ter acesso, aumenta também o grau de penetração e influência na mentalidade e comportamento das mesmas pessoas" (MACIEL, 1984, p.14).

Não é esquecida pelo autor um dos pecados desses meios: a possibilidade de a verdade ser "manipulada, adulterada, tornando-a ineficaz". Torna-se fundamental haver consciência crítica e honesta por parte do público que frequenta a igreja.

Um tema muito presente, especialmente nos dias atuais, é o direito à informação. E já no começo da década de 1980, Maciel fala que "só no requisito ao direito de informação o homem poderá encontrar a sua verdadeira maturidade formativa" (MACIEL, 1984, p.16).

Ele encerra afirmando que a "Igreja não monopoliza os meios de comunicação social, nem os quer ao serviço exclusivo do Evangelho, deseja que eles estejam ao serviço do homem para o seu pleno crescimento" (MACIEL, 1984, p.17).

2. A comunicação na comunidade

O jornalista Dermi Azevedo aborda o texto "Igreja e comunitária na América Latina". Ele afirma que é dada "pouca ênfase (na revisão histórica da América Latina) ao papel dos processos de comunicação no projeto colonial. Isto certamente se deve à própria juventude da Comunicação enquanto ciência" (AZEVEDO, 1984, p.19).

Para fazer a reflexão ele busca o historiador José Oscar Beozzo, documentos de Medellín e Puebla, entre outros. Beozzo critica o aspecto da dominação no continente latino-americano. E diz que uma das primeiras providências do dominador é sempre "organizar a comunidade", colocando suas regras para levar ao seu melhor controle.

É lembrada que "a luta pela preservação da terra vai somar-se à luta pela preservação da palavra e, mais tarde, quando esta foi perdida, pela recuperação do direito à palavra, do direto de 'abrir a boca e falar'" (AZEVEDO, 1984, p.20). Neste sentido, são destacados os povos indígenas e os negros escravizados.

O CELAM (Conselho Episcopal da América Latina) foi criado em 1955, com a intuição de dom Hélder Câmara. Como principais realizações existem a Conferência de Medellín, realizada em 1968, na Colômbia, e a Conferência de Puebla, em 1979, no México. Nesses dois momentos, eclodiu o tema da comunicação comunitária.

Medellín contou com um fato histórico ao ter a primeira visita de um papa – Paulo VI – à América Latina.

O autor considera revolucionário o conjunto de documentos de Medellín, pois "assimila todas as experiências de mudança da presença eclesial no continente e projeta uma utopia (no sentido autêntico da palavra) de ação profética de anúncio e denúncia"

Em vez de comunicação comunitária, o termo usado naquela época, especialmente em Medellín, "talvez por ser de elaboração mais recente", é Comunicação Participatória Libertadora (AZEVEDO, 1984, p.24).

E o que diferencia Medellín e Puebla? Dermi Azevedo explica:

> Enquanto Medellín representou uma proclamação de princípios, a partir de uma realidade profundamente marcada peal injustiça [...], Puebla representou um pronunciamento basicamente pastoral, isto é, em função da prática evangelizadora da Igreja e que deve ser entendido nessa perspectiva. O anterior é mais harmônico, este apresenta dissonâncias, indicativas das linhas que se entrecruzam dentro da Igreja (AZEVEDO, 1984, p.25).

Nesse contexto, Puebla assume oficialmente a nova realidade da Igreja latino-americana: a das CEBs. "As Comunidades Eclesiais de Base são expressão do amor preferencial da Igreja pelo povo simples, nelas se expressa, valoriza e purifica sua religiosidade e se lhe oferece possibilidade concreta

de participação na tarefa eclesial e no compromisso de transformar o mundo", afirma o documento.

É ressaltada a existência dos Meios de Comunicação Grupal (MCG), com uma possibilidade maior de diálogo.

Fica como mensagem final do texto a renovação da Igreja, que "nasce de baixo para cima. A resistência institucional ainda é muito forte às mudanças e, aqui e ali, atua como freio. Mas a história atua como acelerador" (AZEVEDO, 1984, p.27).

3. A comunicação na Igreja

A freira Joana Puntel é jornalista e conhece muito bem a revista Família Cristã, onde foi editora-chefe. No texto "Igreja e comunicação comunitária no Brasil", ela analisa o papel das CEBs e a transformação da instituição religiosa e os desafios que a situação representa.

Puntel analisa as transformações da Igreja a partir de três períodos momentos históricos no Brasil. O primeiro (1930-50) ocorre por conta da "reintegração" da Igreja no Estado. Isso se deu porque em 1889, com a instalação da república, houve a separação Igreja e Estado. A partir de 1930, a instituição religiosa aproximou-se novamente do Estado, ampliando seu poder. No pós-guerra, houve o combate da industrialização e da urbanização. Como resultado dessa postura, a "igreja começou a perder as elites e também as massas populares que começaram a procurar religiões mais condizentes com suas necessidades de classes baixas" (PUNTEL, 1984, p.29).

No segundo período (1951-64), a marca foi da grande instabilidade política. Ela se vê fraca ante a sociedade: marxismo, umbanda, protestantismo e secularização. Em 1952, é fundada a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil).

O terceiro momento (pós-1964), há a presença cada vez mais forte das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base). Por conta do regime militar, o povo busca espaço para se organizar.

Foi exatamente a partir de Medellín (1968), quando houve uma "aproximação acentuada às classes populares por parte da hierarquia da Igreja." E a força das CEBs se faz sentir especialmente com a presença de mais gente e a necessidade de buscar outras formas de atuação.

Surge, então, uma metodologia muito mais participativa: é o Ver, Julgar e Agir. As pessoas se reúnem, rezam, leem a bíblia e passam a discutir suas dificuldades. Isto é o Ver. Depois, vem o Julgar: analisar seus problemas conforme a palavra de Deus. O Agir é planejar como enfrentar o problema: abaixo-assinado, mutirão etc.

Como subsídio utilizado pelas comunidades destacam-se os folhetos de linguagem popular, numa "linguagem mais visual do que conceitual" (PUNTEL, 1984, p.31).

O poder desse tipo de comunicação é destacado por Puntel: "E todas as ilustrações refletem a situação vivida pelos leitores. É como se fosse um espelho: no texto, eles encontram a sua verdadeira fisionomia" (PUNTEL, 1984, p.31).

Jânio Quadros assinou um convênio, em 1961, que permitiu o uso de programas educativos radiofônicos pela Igreja Católica. Surgia o MEB (Movimento de Educação de Base). Uma das finalidades do movimento era "levar o homem à compreensão do meio em que vive e a participar eficazmente do processo social da comunidade da qual faz parte" (PUNTEL, 1984, p.32).

Como forma de complementar a alfabetização pelo rádio, foi criada a cartilha "Viver é lutar", em 1962. Durou até o golpe militar de militar de 1º de abril de 1964. E o próprio MEB passou por repressões. "Foi um organismo perseguido em virtude de seu engajamento na promoção da cultura popular no Brasil" (PUNTEL, 1984, p.33).

Joana Puntel felicita a experiência do MEB, que levou programas radiofônicos a várias comunidades do Brasil, ensinando as mulheres com a orientações de higiene, de alimentação, horticultura, bebês etc. E também fez um Curso Supletivo dinâmico, por meio da leitura, comentário e diálogo. Foram iniciativas muito válidas, particularmente nas regiões mais carentes do Brasil, como Norte e Nordeste.

4. Comunicação comunitária na periferia

No texto "Igreja e Comunicação Comunitária em São Paulo", Flora Lovato usa sua experiência na área de Relações Públicas para fazer reflexões a partir do trabalho desenvolvido em São Miguel Paulista, região da periferia paulistana.

Inicialmente, ela prefere o termo Comunicação Participatória em vez de Comunicação Comunitária, devido "à apropriação indevida desta última pelos grandes meios" (op.cit, p.37). E explica que a "Comunicação Participatória será aqui entendida como aquela que não só é produzida pela comunidade, mas é, ainda, por ela decidida, planificada e gerida" (LOVATO, 1984, p.37).

Flora Lovato afirma que nas CEBs e nas diversas equipes pastorais, "desenvolvem-se formas de comunicação participatória [...]. Boletins, jornais, folhetos, cartazes e outros são participadamente elaborados pelas comunidades" (LOVATO, 1984, p.38).

É destacado o Centro de Comunicação Popular Manoel do Ó, localizado em São Miguel Paulista, na zona leste de São Paulo. O trabalho é feito por pessoas

comuns. "Todas elas seguirão o exemplo do jornal-mural, ou seja, com imprescindível participação popular".

As técnicas são ensinadas em pequenos cursos nas comunidades. Para isso, o Centro "produzirá pequenos cadernos que servirão de referencial para a reflexão e debates. Serão, portanto, produzidos para serem testados e apenas quando forem necessários" (LOVATO, 1984, p.39).

A experiência foi muito enriquecedora para as pessoas daquela comunidade, para a Igreja e para a própria autora. A comunicação pode ser feita por gente que tem muita vontade e necessidade de falar como está a vida comunitária, em termos de sofrimentos e de esperanças. Algumas dessas lideranças vão ser encontradas no próprio ambiente acadêmico, recebendo e dando formação adequada.

5. Vida na empresa

O texto "A comunicação na empresa: relações com os empregados", de Gian Franco Piccin expõe o dia a dia nas empresas.

São estudados alguns aspectos da comunicação interna das empresas, especialmente aquela feita de forma "horizontal". A tumultuada relação empresa--empregado e empregado-empresa é objeto de um plano de comunicação.

Empresas comerciais da Grande São Paulo foram contatadas. Os contatos com os empregados foram feitos por reuniões-palestras, com a finalidade de "orientá-los na obtenção de serviços de um convênio realizado pela empresa em benefício deles" (PICCIN, 1984, p.43).

É muito comum a presença de comunicações administrativas que "vão atender às necessidades de chefes e subordinados na realização de suas obrigações". Tais informações "não conquistam ou pelo menos conquistam satisfatoriamente a atenção dos empregados" (PICCIN, 1984, p.43). O fato foi percebido pelo próprio trabalho na maioria das empresas pesquisadas.

As pessoas que trabalham em empresas "aceitam de uma forma ou outra as imposições gerais e diversas que são pertinentes. Devem se submeter. Não faz parte do contrato de trabalho, mas está implícito no contexto social" (PICCIN, 1984, p.44).

Embora muitas empresas se gabem de que no interior delas existe a comunicação, na verdade são "processos de emissão de informações, pois não permitem a participação do subordinado, nem sequer, muitas vezes, no âmbito opinativo" (PICCIN, 1984, p.44).

Um dado chama mais a atenção: a década de 1980 é marcada pelo espectro do desemprego, o que expõe uma crise muito grande. O medo da perda do emprego

é real. "O rebaixamento do poder aquisitivo reprime o indivíduo e 'prostitui' o profissional". Diante disso, a conclusão do autor está até hoje muito atual: "a desorganização imposta pelo aparelho ideológico empresarial ao empregado o conduz a uma crescente subserviência" (PICCIN, 1984, p.49).

6. O trem de São Paulo

O livro termina com o trabalho de Orpheu B. Cairolli "O trem das onze de Adoniram Barbosa: significado social". Para perceber o impacto da relevância do compositor e sambista é feita uma análise semiológica da obra musical. Adoniram morre em 1982, aos 72 anos. Uma pesquisa é realizada em São Paulo, destacadamente no bairro paulistano do Jaçanã, zona norte. O objetivo era o de testar o conhecimento do público com relação à obra musical. "O grupo de médio e alto nível apresenta um conhecimento muito maior do que o grupo de baixo nível [...] Isso denota que o grupo de nível médio e alto tem melhores condições para articular a obra Trem das Onze." (CAIROLLI, 1984, p.57).

É uma análise necessária para que se possa entender um pouco mais essa música com forte alcance no Brasil e fora dele. Faz parte da vida brasileira, independentemente de grupo social, econômico e cultural.

Referências

MARQUES DE MELO, José, FADUL, Anamaria, SILVA, Carlos Eduardo Lins da (Orgs.). **Ideologia e poder no ensino de comunicação.** São Paulo: Cortez & Moraes: INTERCOM, 1979.

MARQUES DE MELO, José, GOBBI, Maria Cristina (Orgs.). **Televisão na América Latina: 1950-2010: pioneirismo, ousadia, inventividade.** São Bernardo do Campo: Cátedra UNESCO/METODISTA: Universidade Metodista de São Paulo, 2011.

MARQUES DE MELO, José. **Comunicação social: teoria e Pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

NASCIMENTO, Gilberto. Os fiéis da balança. Disponível em: http://portaldacomunicacao.uol.com.br/graficas-livros/8/artigo202532-1.asp. Acesso em: 05 Ago. 2013.

PESSINATTI, Nivaldo Luiz. **Políticas de Comunicação da Igreja Católica no Brasil.** Petrópolis: Vozes; São Paulo: UNISAL, 1998.

SOUZA, Herbert Rodrigues de , PEREIRA, José Aurélio Chiaradia. **Da Academia para as comunidades: mudança de perfil do trabalho da UCBC na gestão Pedro Gilberto Gomes.** Disponível em: http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista16/perfis%2016-1.htm#II - Do altar para as ruas: UCBC e a sociedade civil. Acesso em: 04 Ago. 2013.

MELO, Paulo Victor. Mídia e religião: muito além da cobertura da visita do Papa. Disponível em: http://www.direitoacomunicacao.org.br/content.php?option=com_content&task=view&id=9750. Acesso em: 04 Ago. 2013.

SILVA, Fábio Gleiser Vieira. **A Igreja Católica e a Comunicação na Sociedade Midiatizada: Formação e Competência**. Disponível em: http://www.casperlibero.edu.br/rep_arquivos/2011/02/23/1298482115.pdf. Acesso em: 04 Ago. 2013.

O papel social do jornalismo na democracia contemporânea

Tyciane Cronemberger Viana Vaz[1]

5.3 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José; GOLDENBERG, José (Orgs). **Direito à Informação, Direito de Opinião. São Paulo. ECA-SUP, 1990.**

Organizada por José Marques de Melo e por José Goldenberger, a obra resultou do seminário "Direito à Informação, Direito de Opinião", realizado no dia 25 de agosto de 1987 na Universidade de São Paulo. O encontro teve o propósito de reunir jornalistas, proprietários de veículos, juristas, publicitários e professores para uma discussão ampla, envolvendo temáticas relevantes nos dias atuais, ainda que passados 25 anos do encontro.

José Goldenberger, então reitor da USP, Marques de Melo, à época chefe de Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP, autores da apresentação e da conclusão da obra,

1. Mestre e doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, sendo bolsista CNPq e CAPES. Possui graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e pós-graduação (*latu sensu*) em Telejornalismo pela Universidade Federal do Piauí. Atualmente é jornalista da Diretoria de Comunicação, Rádio e TV da Câmara Municipal de Guarulhos. E-mail: tycianevaz@gmail.com.

respectivamente, destacaram como propósito principal a discussão a temática e a tentativa de fazer emergir sugestões concretas que pudessem ser encaminhadas a órgãos governamentais, não governamentais, aos proprietários dos meios de comunicação e aos representantes das associações envolvidos nessa questão. A partir daí, contribuir para mudanças políticas e jurídicas.

O livro é dividido em três partes principais, conforme a divisão do seminário em sessões de debates, abrangendo além dessas a sessão de abertura e de encerramento. A primeira com o tema "As instituições políticas e jurídicas como reguladoras do direito à informação e do direito de opinião", que foi coordenada por José Freitas Nobre e teve como relatora Jeanne Marie M. De Freitas, ambos professores da ECA-USP, contou a participação dos debatedores Clovis Rossi (jornalista Folha de S.Paulo), Eduardo Muylaert (ex-secretário de Segurança Pública) e Dalmo Dallari (diretor da Faculdade de Direito da USP).

A segunda sessão, "O controle do direito à informação e do direito de opinião exercido dentro do processo de produção jornalística", teve a coordenação de Gaudêncio Torquato. A professora da ECA-USP, Cremilda Medina, foi a relatora e Luís Antonio de Medeiros (presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo), Otávio Frias Filho (diretor de Redação do jornal Folha de S.Paulo), William Waack (jornalista Jornal do Brasil) foram os debatedores.

Por sua vez, a terceira sessão de debates teve como tema: "os mecanismos de intervenção e participação da sociedade civil para assegurar observância do direito à informação e do direito de opinião". Foi coordenada por José Marques de Melo, Carlos Eduardo Lins da Silva (professor da ECA-USP) relatou os trabalhos, enquanto o tema foi debatido por Alberto Dines (jornalista da Editora Abril), Alex Periscinotto (publicitário da agência Alcântara Machado), Ana Arruda Callado (professora da UFRJ) e Luiz Eduardo Wanderley (reitor da PUC/SP).

Apesar dessa divisão por sessões, neste artigo não vamos seguir a sequência cronológica tal qual os debates se realizaram. Vamos dar preferência a uma divisão temática, pois algumas questões tiveram destaque e durante o seminário foram sendo retomadas por diferentes visões dos participantes.

Democracia contemporânea

O seminário que deu origem ao livro "Direito à Informação, Direito de Opinião" propôs também melhorias na qualificação dos jornalistas formados pelas universidades, garantindo-lhes o domínio da competência profissional e formação ética ao exercício do jornalismo.

Diante de um contexto de democratização brasileira, o direito à informação

e o direito de opinião tornaram-se pilares essenciais para o fortalecimento da democracia e ascensão do espaço de participação.

Cremilda Medina afirma que o direito à informação e o direito à opinião são pontos de partida para a democracia contemporânea. "As lutas sociais pela democracia carregam, na dinâmica que lhes é inerente, o direito de estar informado, o direito de saber o que está acontecendo à sua volta, porque sem acesso ao fato histórico, o homem não passará a protagonista da ação social" (p. 70).

O direito à comunicação reflete um passo anterior ao direito à informação, conforme acredita o professor da ECA-USP Ismar de Oliveira Soares. Para ele, esse é um dos direitos fundamentais do cidadão e dos grupos sociais.

Entre as opiniões expostas no livro, os participantes concordam com o direito do cidadão de estar informado e de saber o que está acontecendo em sua volta. O diretor da Faculdade de Direito da USP, Dalmo Dallari, ressalta que "aquele que não tem informação, não se insere no social, não pode, inclusive, conhecer os seus direitos e reivindicar os seus direitos" (p. 44).

Opiniões divergentes

Na obra, ficam definidas as versões de conflito dos participantes das sessões de debates. Os embates se deram porque o seminário envolveu diversos segmentos relacionados à comunicação e ao jornalismo, como lideranças empresariais, profissionais, acadêmicas e representantes de segmentos da sociedade civil e da sociedade política.

Os envolvidos discutiram questões referentes à circulação de informações, acesso e participação dos cidadãos, por meio dos fatores intervenientes no controle: Estado, corporação e sociedade civil.

Em uma das discussões, o prof. Dalmo Dallari teceu críticas à imprensa. E questionou a relação entre interesse público e interesse privado: "Afinal, onde é que está o interesse público, onde é que está o interesse empresarial?" (p. 48). Chama atenção para o fato de que haja responsabilidade ética nas publicações jornalísticas com a finalidade de não trazer prejuízos à imagem de pessoas e entidades.

As críticas do professor Dalmo direcionam-se às questões que envolvem a responsabilidade ética, responsabilidade social e responsabilidade jurídica. "Nós sabemos, e aqui uma vez mais aparece o interesse empresarial, que hoje o sistema de reportagem da grande imprensa é o mais precário possível" (p. 49).

Dalmo defende a necessidade de fixação de responsabilidade jurídica, apontando para a necessidade de que caminhe junto com a responsabilidade ética. Com relação à liberdade de imprensa, entende que é suficiente o que está determinado pela Constituição.

Parte das críticas são rebatidas por Alberto Dines, ao afirmar que não é com preconceito e clichê que é possível ajudar a imprensa a romper com os vícios. Destaca que as correções são possíveis com atitudes mais humanas e com mais consciência.

O jornalista Alexandre Gambirasio (p.59), por sua vez, diz que se considerou ofendido pelas várias observações do professor Dallari. Defendeu a categoria afirmando que ao longo da ditadura a imprensa desempenhou importante papel ao país e os jornais prestaram grandes serviços. "Queixar-se dos jornais deve estar na moda mas, por que cada um de nós se sente frustrado no seu desejo de acesso ao público não abre a sua publicação?" (p.59).

Gambirasio completa seu pensamento questionando a concentração da mídia em poucos veículos. "Nós estamos confundindo as coisas; exigir que toda a massa de informação, produzido por cento e trinta milhões de pessoas saia em quatro ou cinco jornais, evidentemente é absurdo" (p.59).

Esta última intervenção do jornalista Alexandre Gambirasio provavelmente seria diferente nos dias atuais. Não no sentido do aumento no número de jornais, mas pela abertura dos fluxos comunicacionais proporcionado principalmente pela expansão da internet e a consequente proliferação das mídias sociais, como os blogs e redes sociais.

Diploma, conselho e ensino

Um outro ponto de divergência entre as opiniões expressas na obra trata-se da obrigatoriedade do diploma de curso de graduação de nível superior para o exercício profissional do jornalismo. O tema, ainda discutido depois de mais de duas décadas do debate realizado na ECA, envolveu na época questões como direito à informação, além de preceitos éticos e democráticos.

Ainda na sessão de abertura, o presidente da Associação Nacional de Jornais (ANJ), Nascimento Brito, destacou a posição contrária da associação que se propõe a sustentar a liberdade de expressão do pensamento e da propaganda e a defender o livre exercício da profissão do jornalista. O presidente deixa claro apenas não ser contra as escolas de jornalismo e sim à obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão.

O professor da ECA, Ismar de Oliveira Soares, acredita que um dos grandes problemas que envolve a obrigatoriedade do diploma é a questão do corporativismo dos proprietários. Para ele, os empresários temem a presença dos formandos com a justificativa de que "os egressos são potencialmente educados fora do seu controle" (p. 60).

Otávio Frias Filho, diretor de Redação da "Folha de S.Paulo", defende o diploma de jornalista ao afirmar em nome do jornal que "estamos firmemente

convencidos de que a melhoria da qualidade do jornalismo e o próprio futuro do jornalismo dependem da resolução que se tomar sobre esta questão da obrigatoriedade do diploma" (p. 93).

A defesa do diploma por parte da "Folha" é questionada por Armando Rolemberger, presidente da Federação Nacional de Jornalistas (FENAJ). Armando acusa o corporativismo como prioridade para o jornal, desviando a atenção para outro ponto: a criação do Conselho Nacional de Comunicação.

O presidente da FENAJ questiona o espaço que a "Folha de S.Paulo" destina para a discussão da democratização dos meios de comunicação, como por exemplo, as concessões de veículos realizadas no país.

> Por que a Folha não publicou que o presidente Sarney deu dezoito emissoras de rádios e televisão no estado do Maranhão? Por que a Folha não deu destaque à notícia de que o ministro Antonio Carlos Magalhães publicou oitenta e sete portarias se autoconcedendo oitenta e sete retransmissoras da TV Bahia, mapeando todo estado. Então eu acho que essa questão do diploma está vazada em hipocrisia (p. 92)

A criação do Conselho Nacional de Comunicação, como propósito da FENAJ, é fundamental, segundo Rolemberger, para que a sociedade brasileira através de suas entidades representativas tenham condições de interferir na definição de políticas democráticas de comunicação. Dessa forma, sendo importante que o poder de conceder canais de rádio e televisão saia das mãos do Presidente da República para as mãos de um conselho democrático (p. 21).

Entre os debates que envolveram a obrigatoriedade do diploma e a criação do Conselho de Comunicação, um ponto converge para o discernimento comum: a defesa pela melhoria do ensino de jornalismo. Ismar de Oliveira Soares, por exemplo, sugere colocar as escolas de comunicação mais a serviço dos interesses das maiorias e menos a serviço dos interesses das minorias.

As opiniões diversas que compõem a obra "Direto à Informação, Direito de Opinião" apontam para o consenso do papel da universidade. Tanto a qualidade da formação dos jornalistas como o aumento do potencial da capacidade crítica são tratados como fundamentos a serem trabalhados pelas escolas de jornalismo do Brasil.

Marques de Melo defende um misto entre a melhoria da qualidade do ensino, citando inclusive a infraestrutura e o incentivo ao progresso da produção de conhecimento dentro das universidades como alternativas para garantir à sociedade profissionais habilitados e capazes de exercitar a informação e a expressar opiniões. "Eu tenho a impressão que, de posse desses dois elementos, a melhoria da qualidade do ensino e o avanço na pesquisa,

nós podemos chegar àquilo que seria talvez a responsabilidade maior da universidade, que era de ela própria institucionalizar ou promover programas relacionados com *media criticism". (p. 175)*

Informação x opinião

Em "Direito à Informação, Direito de Opinião", a discussão sobre o direito à comunicação no Brasil torna-se o ponto chave do debate. As principais formas de comunicação e o sistema de comunicação do país foram pautas discutidas com o propósito de buscar saídas e melhorias para garantir à sociedade a informação e a opinião, não só como forma de expressão como também de conhecimento.

A professora Ana Arruda Calado ressaltou que a grande forma de comunicação de televisão é a novela. "Há um poder de comunicação muito grande mas eu não diria que de informação, nesse sentido que está sendo colocado nesse seminário" (p. 126-127).

Por sua vez, Marques de Melo levanta a questão que grande parte da população encontra-se marginalizada dos acontecimentos do país e do mundo. Na opinião do professor, o segmento que representa o conjunto de classes subalternas que se opõe ao Estado autoritário ou ao autoritarismo no país, a sociedade civil é frágil. Dessa maneira, há grande obstáculo para o enfrentamento da garantia do direito à informação e do direito de opinião por parte do segmento majoritário da sociedade.

> o sistema de comunicação de massa predominante no país é um sistema que não garante à sociedade, que não garante aos contingentes majoritários da sociedade, nem mesmo o direito de expressão, e não garante também o direito à informação na medida em que boa parte dessa população está marginalizada do conhecimento do que ocorre no cotidiano do País ou no cotidiano internacional (p. 172).

No livro, que condensa todas as discussões do seminário, apresenta como solução para os problemas a educação. Marques de Melo afirma que "o cidadão deseducado é um cidadão que não tem sequer o domínio de um código capaz de sintonizá-lo com a realidade em que vive" (p. 173).

Os participantes também apontam para a importância dos mecanismos que dão vozes ao público, como os "conselhos aos leitores". Neste caso, há uma aproximação dos veículos de comunicação com o seu público por meio de atendimento de demandas.

Outra forma de garantir voz ao público é pela inserção da figura do *ombudsman* nas redações dos veículos de comunicação. Esse profissional é contratado pela empresa para receber as críticas e sugestões, funcionando como um representante do público, que vai elaborar críticas ao veículo, que resulta em artigo publicado pelos jornais.

Na época do seminário, não havia no Brasil a figura do ombudsman nos veículos jornalísticos. Dois anos depois, em 24 de setembro de 1989 foi publicada a primeira coluna na imprensa brasileira na "Folha" por Caio Túlio Costa.

Carlos Eduardo Lins da Silva, que em 2008 assumiu a função na "Folha", defendeu a figura deste profissional durante o seminário, em 1987: "acredito que a figura do ombudsman pode ser a ponta de um sistema que poderá orientar melhor os próprios jornais e revistas" (p. 61).

Para a "Folha", o *ombudsman* é um representante dos interesses do leitor. "Cabe ao ombudsman atender os leitores da Folha e encaminhar suas reclamações à Redação. As providências que se seguem são comunicadas a ele pela Direção da Redação, que centraliza todos os contatos" (MANUAL DE REDAÇÃO DA FOLHA DE S. PAULO, 2002, p.114).

Em 1993, o jornal "O Povo", de Fortaleza, tornou-se o segundo jornal a implantar a figura desse profissional no país. A jornalista Adísia Sá assumiu o cargo e se consagrou como a primeira ouvidora de imprensa do Norte/Nordeste do Brasil. Ela foi indicada pelo presidente do jornal, Demócrito Rocha Dummar.

Em 1995, pelo menos oito jornais brasileiros tinham ombudsman: "Folha de S. Paulo", "Folha da Tarde" (SP), "O Dia" (RJ), "AN Capital" (SC), "O Povo" (CE), "Correio da Paraíba" (PB), "Diário do Povo" (Campinas-SP) e "Rumos" (CE). Mas nem todos foram bem sucedidos e grande parte acabou com a função, como foi o caso do AN Capital, de Florianópolis, que no dia 31 de agosto de 1997, demitiu seu *ombudsman* Mário Xavier, antes mesmo de acabar seu contrato de trabalho no cargo.

Sugestões e conclusões

Dos debates entre os participantes do seminário, Marques de Melo (p. 185-187) condensou as conclusões em três categorias com a finalidade de pôr em prática ações que proporcionem o direito à informação e o direito de opinião: 1. ação política e jurídica; 2. atuação dos empresários e profissionais; 3. participação dos cidadãos no circuito público de informação-opinião.

Na primeira categoria, estão relacionadas demandas como: rejeitar toda e qualquer tentativa de cerceamento de liberdade de informação, do direito de opinião ou de crítica, bem como o cerceamento do acesso da comunidade à

notícia; respaldar a emenda popular que visa a democratização dos meios de comunicação de massa, patrocinada pelas entidades representativas da sociedade civil, integrando a necessidade de alteração dos métodos e critérios que tornam as distribuições dos canais de TV e frequências de radiodifusão um leilão entre grupos de amigos, contrariando as regras éticas de uma sociedade pluralista.

Entre as propostas para ações políticas e jurídicas também está o apoio à criação do Conselho Nacional de Comunicação, órgão a ser vinculado ao Poder Legislativo com função de regular as concessões dos meios eletrônicos de difusão, devendo reafirmar o caráter social de informação e o necessário compromisso dos meios de comunicação com os objetivos da sociedade democrática e pluralista. Também compõem os objetivos: defender o princípio, segundo o qual cabe à Constituição, a fixação dos fundamentos concernentes às liberdades, como a liberdade de divulgar e receber informações como um direito coletivo e não apenas pessoal ou profissional e, por fim, propor a revogação da Lei Segurança Nacional.

A segunda categoria, que sugere a atuação dos empresários e profissionais, abrange: defender o direito à informação e o direito de opinião como direitos inalienáveis da sociedade democrática e pluralista, preservando os papéis desempenhados pelas instituições e empresas proprietárias, bem como a ação dos profissionais da comunicação; reforçar o conceito de notícia como bem social, evitando fazer prevalecer interesses meramente mercantilistas; e zelar pelos compromissos éticos, técnicos e socioculturais, que, em sua essência, recomendam rigor na apuração, seleção e codificação dos fatos de interesses coletivos.

Entre as conclusões para a atuação dos empresários e profissionais, também estão: considerar que, numa economia de mercado regida pela competição e pela expansão das forças do capital, são inevitáveis os confrontos de modelos de organização jornalística, mas tal diversidade não pode e não deve comprometer os valores éticos inerentes à responsabilidade social do jornalista; concitar a categoria jornalística para a efetiva aplicação do Código de Ética que expressa os compromissos do trabalho jornalístico; lembrar os proprietários de empresas de comunicação a adoção de práticas que propiciem uma convivência democrática com os profissionais e com suas entidades representativas e considerar oportunas as proposições que visem a introdução de conselhos editoriais e outros mecanismos de participação na empresa.

Na terceira categoria, que se refere à participação dos cidadãos no circuito público de informação-opinião, foram relacionadas sugestões como: criar condições para que as comunidades e instituições organizadas tenham direito à opinião; assegurar o direito de resposta, dando-lhe um caráter dinâmico, consentâneo com a rapidez dos modernos processos de informação; ampliar o espaço que a imprensa dedica à contribuição dos seus leitores.

Também como maneira de fomentar a participação dos cidadãos, estão relacionadas ações como: tornar menos elitistas as páginas ou seções de opinião dos jornais e revistas, abertas à colaboração da sociedade; criar instrumentos destinados a incorporar os leitores/receptores no processo de avaliação e crítica dos produtos jornalísticos em circulação no mercado; estimular o exercício do *media criticism*, seja diretamente pelos veículos de grande circulação, seja pelas universidades e instituições culturais; e melhorar qualificação dos jornalistas formados pelas universidades.

O livro "Direito à Informação, Direito de Opinião" revela importantes colaborações ao papel social do jornalismo. Ao analisarmos especialmente as conclusões, percebe-se que ainda há plena validade para os dias atuais, especialmente porque nem todas as sugestões estão efetivamente funcionando. É preciso avançar mais no sentido de promover o direito aos cidadãos de informação, opinião, expressão e conhecimento.

Em 2012 foi reativado o Conselho de Comunicação Social, previsto na Constituição de 1988 e que funcionou apenas entre os anos de 2002 e 2006. O órgão tem a finalidade de auxiliar o Congresso Nacional em assuntos relativos à mídia por meio de estudos, pareceres e recomendações sobre temas cruciais para a Comunicação no país, como liberdade de expressão, concentração da mídia, TV digital, convergência dos meios de comunicação, propaganda comercial de cigarros e bebidas alcóolicas, diversões e espetáculos públicos e produção e programação das emissoras de rádio e televisão (DINIZ, 2012).

O funcionamento do Conselho de Comunicação Social é um passo que já foi alcançado. Ainda que não se tenha cumprido a proposta original, que partiu de uma emenda popular, subscrita pela FENAJ. A finalidade inicial era de tornar o Conselho um órgão regulador, mas devido a polêmica que causou transformou-se em um conselho como órgão auxiliar ao Congresso, com poderes reduzidos.

Outros avanços conquistados especialmente nos últimos anos estão focados no âmbito da tecnologia, que permitiu uma série de transformações, entre elas a abertura de mais espaços para a comunicação do público na internet. As redes sociais ampliam as possibilidades de expressão, dão mais voz e visibilidade ao público, que agora passa a compartilhar opiniões, muitas vezes confrontando informações divulgadas pela mídia.

Contribuições bibliográficas

Além das discussões já mencionadas neste artigo, a obra contribui também com um levantamento bibliográfico sobre o tema "Direito à Informação, Direito de Opinião", elaborado pelo Serviço de Biblioteca e Documentação da Escola de Comunicações e Artes. A lista de referências é nacional, composta por livros, capítulos de livros e teses acadêmicas, formando um material útil para interessados na temática.

Há um importante legado escrito na obra, resultante de uma discussão que envolveu diversos patamares da imprensa brasileira, e complementado pelas referências coletadas pelo Serviço de Biblioteca e Documentação. Sobra-nos o desafio de atualizar o debate para o cenário atual determinado pela era do compartilhamento de informação em ambientes digitais.

Seria conveniente uma nova versão do seminário "Direito à Informação, Direito de Opinião". Talvez alguns dos participantes pudessem retomar as discussões e atualizar algumas questões como: O direito à informação e o direito de opinião avançaram nos últimos 25 anos? Quais as principais ações políticas, jurídicas e educacionais que podem colaborar com o papel do jornalista no cenário pautado pela participação do público?

Referências

DINIZ, Lilia. **A volta do Conselho de Comunicação Social**. Observatório da Imprensa, 2012. Disponível em <http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a_volta_do_conselho_de_comunicacao_social>. Acesso em 30 jul. 2013.

MANUAL DE REDAÇÃO DA FOLHA DE S. PAULO. Folha de S.Paulo. 5ª ed. São Paulo: Publifolha, 2002.

Um mestre, perguntas inquietantes, uma obra nascida em sala de aula

Maria Ataide Malcher[1]
Fernanda Chocron Miranda[2]
Suzana Cunha Lopes[3]

6.3 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José (Org.). **Desafios da Pesquisa Latino-Americana de Comunicação**. São Paulo: ECA-USP, 1990. 56p.

Nascida em sala de aula, em pleno início da década de 1990, a obra "Desafios da Pesquisa Latino-Americana de Comunicação" é fruto dos instigantes questionamentos do Professor José Marques de Melo aos alunos de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicação e Artes

1. Mestre e Doutora pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Coordenadora do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM) e Professora da Faculdade de Comunicação Social (Facom), ambos da Universidade Federal do Pará (UFPA).

2. Mestranda do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (UFPA). Graduada em Comunicação Social, com ênfase em Jornalismo, pela UFPA.

3. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (UFPA). Graduada em Comunicação Social, com ênfase em Jornalismo, pela UFPA.

e do Programa da América da Latina (Prolam)[4], ambos da Universidade de São Paulo. Aquele contexto de transições políticas no país e no continente, era urgente o balanço e a reavaliação dos caminhos da Comunicação como área do conhecimento e área de atuação profissional. Por isso ao ministrar o curso "Diagnóstico do Ensino e da Pesquisa em Comunicação na América Latina", o Prof. José Marques de Melo estimulou nos alunos reflexões sobre a conjuntura da época. O resultado foi um conjunto original e pertinente sobre a pesquisa em comunicação em nosso continente, algumas ainda hoje atuais.

Na certeza de que após muitas leituras e discussões seus alunos levantaram questões importantes para a área da Comunicação, o Professor José Marques de Melo, como um bom mestre, lhes propõe o desafio de escrever sobre três pontos que pareciam centrais à reflexão proposta ao longo do curso. A primeira pergunta a ser respondida é ampla: "Qual o maior desafio da pesquisa latino-americana de comunicação neste final de século?" (MARQUES DE MELO, 1990, p. 6). Na sequência, o questionamento se volta à trajetória do Centro Internacional de Estudios Superiores de Periodismo para América Latina (CIESPAL)[5] e seu papel na formação profissional e acadêmica na área da Comunicação até então. Por fim, diante de um contexto de redemocratização de diversos países latino-americanos, busca-se a reflexão acerca dos fundamentos da então chamada pesquisa-denúncia baseada na teoria crítica da Escola de Frankfurt.

Tais interrogações propostas pelo Professor José Marques de Melo são marcas de sua própria trajetória profissional e acadêmica, em que se destaca sua atuação como pesquisador na constituição dos estudos em Jornalismo e Comunicação, não somente no Brasil como também na América Latina. Daí resulta também sua importante presença na institucionalização de cursos de Comunicação e de sociedades científicas de âmbito nacional e internacional. Ainda se pode perceber em relação à crítica à pesquisa-denúncia a busca do Professor José Marques de Melo em explicitar o caráter importador das pesquisas em Comunicação, a fim de que a área, sobretudo no continente latino-americano, buscasse reinventar-se a partir de novos paradigmas que contemplassem as particularidades socioculturais das sociedades aqui residentes.

É interessante notar que, em maior ou menor medida, as discussões apresentadas na referida obra também fazem parte da trajetória de pesquisa dos alunos daquela turma. Em breve visita aos currículos dos aprendizes do Profes-

4. Atual Programa de Pós-Graduação Interunidades em Integração da América Latina (www.usp.br/prolam).

5. Atual Centro de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina (www.ciespal.net).

sor José Marques de Melo à época (hoje todos professores doutores), é possível identificar a preocupação de alguns com as questões teóricas e metodológicas, a pesquisa de outros no campo do Jornalismo e ainda a atuação em associações de investigadores. Assim, a experiência que resultou na obra organizada pelo Professor José Marques de Melo refletiu na formação desses pesquisadores.

Pela generosidade do mestre em permitir que os registros de tal aprendizado fossem escritos por seus alunos e pela coragem destes em aceitar o desafio, a obra é um estímulo a professores e estudantes não somente a fim de que atualizem as reflexões sobre a trajetória da área da comunicação nos últimos vinte anos, mas sobretudo por ser um sinal de que as salas de aula podem (e precisam) ser espaços de formação e transformação. A partir dos aprendizados e inquietações que esta turma e seu mestre compartilharam nesta obra, apontaremos algumas questões que permanecem atuais, mesmo passados mais de vinte anos da publicação dos textos.

Impasses teóricos e metodológicos

Em um dos textos da obra organizada em questão, Ivonne de Lourdes Oliveira (1990, p. 8), indica que o maior desafio da área da Comunicação no início dos anos 1990 era "a superação total dos problemas advindos da dependência externa e da imposição de modelos metodológicos e conceituais, dos Estados Unidos e/ou da Europa". É sabido que a constituição conceitual e prática da comunicação na América Latina possui como grandes referenciais as experiências norte-americana e europeia, o que confere à pesquisa em Comunicação no continente um perfil tanto funcionalista quanto academicista (MARQUES DE MELO, 2008).

Essa dualidade também se faz presente pela importação do paradigma funcionalista norte-americano e o paradigma marxista europeu, marcadamente as influências da Escola de Frankfurt sobre os estudos em Comunicação. Um dos resultados dessa dupla importação é a realização tanto de pesquisas de cunho teórico crítico quanto de pesquisas empírico funcionais na América Latina, que segundo Martín-Barbero (2004), se dá de uma forma dependente, ou seja, a partir da simples aplicação de conceitos e procedimentos importados. Por vezes, é possível identificar pesquisas em que essa relação com o que está pré-estabelecido na Europa e nos Estados Unidos é apropriativa, o que quer dizer que se soma o trabalho de adaptação dos pressupostos estrangeiros à realidade latino-americana.

Para além da relação de dependência e apropriação de teorias e experiências estrangeiras no continente latino-americano, Martín-Barbero (2004) defende a elaboração de novas propostas teórico-metodológicas, já que a simples importação não dá conta de explicar e transformar as realidades tão múltiplas e singulares da América

Latina. A esse exercício Martín-Barbero (2004) denomina invenção, um modo de construção de conhecimento que busca "indisciplinar os saberes diante das fronteiras e dos cânones, des-pregando a escrita como expressividade conceitual e, finalmente, mobilizando a imaginação categorial, que é aquilo que torna pensável o que até agora não foi pensado" (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 19).

Em outro texto da obra em destaque, esse é o anseio que Ofélia Elisa Torres Morales (1990, p. 18) também expressa ao criticar os diversos dualismos assimilados das heranças norte-americana e europeia:

> A pesquisa como fator na transformação social deve não só se restringir aos "modismos" mas perceber além e sistematicamente os novos fenômenos. E sobretudo, não ter vergonha do objeto "comunicação" como tal, pesquisar nos gêneros dos meios, realizar estudos comparativos (unir quantidade e qualidade) assim como dos "sucessos" que aparecem no dia-a-dia na mass media (ex. Chacrinha). Quer dizer, explorar e dar forma a novas propostas.

Uma nova comunicação e uma nova pesquisa sempre foram os ideais do Professor José Marques de Melo: "[...] é preciso conceber a pesquisa como instrumento básico para a transformação das nossas sociedades e não como mero exercício intelectual de pesquisadores sintonizados com os seus pares do mundo acadêmico [...]" (MARQUES DE MELO, 1985, p. 37). Orozco Gómez e González (2012, p. 113) também chamam a atenção para o compromisso social inevitável à pesquisa no continente: "[...] na América Latina onde há tanto a se fazer e poucos recursos para distribuir, nós pesquisadores não podemos nos dar ao luxo de fazer pesquisas sem saber para que servirão [...]" (tradução nossa).

Ainda em relação a impasses teórico-metodológicos na área da Comunicação, o texto de Victor Gentilli (1990, p. 13) aponta também a urgência de revisão dos currículos dos cursos de graduação tendo em vista uma formação mais holística, dado "não haver formação específica de pesquisadores nos cursos de graduação (voltados exclusivamente para a formação de profissionais), o que resulta em alunos precariamente formados nas áreas de teoria e metodologia".

Eis uma questão que, passados mais de vinte anos, permanece atual, talvez pela manutenção de uma visão de teoria e prática como pontos distantes, ou mesmo opostos. Houve avanços, sem dúvidas. Vários projetos pedagógicos foram reformulados nesse tempo buscando a incorporação da teoria para criticar e reinventar a prática. Não à toa Marques de Melo (2008, p. 20) identifica uma nova tendência dos cursos de comunicação: a formação de competências não somente para atuar no mercado, mas também para seguir a carreira docente.

Contudo, o pesquisador também aponta uma problemática causada pela falta de

experiência empírica desses jovens professores, que acabam por reproduzir o conteúdo teórico apreendido na graduação sem vivenciar esses conhecimentos no cotidiano da prática comunicacional. A fim de que essa dualidade seja superada, é fundamental uma formação docente ainda mais ampla, que também possibilite ao professor-pesquisador ter a habilidade e competência de propor aos seus alunos o complexo exercício de vivenciar teoria e prática de maneira integrada.

Papel histórico do CIESPAL

O Centro Internacional de Estudios Superiores de Periodismo para América Latina (CIESPAL), fundado em 1959, é a primeira experiência no continente de fomento ao ensino e à pesquisa em Comunicação. Criado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), em parceria com o governo equatoriano e a Universidade Central e com recursos de órgãos internacionais, o CIESPAL tinha como proposta oferecer formação continuada para professores e pesquisadores da Comunicação, assim como apoiar a profissionalização na área com o incentivo à criação de cursos de graduação.

Dada sua vinculação financeira e política com órgãos internacionais de forte influência norte-americana, a atuação do CIESPAL no continente se deu a partir de bases funcionalistas, o que explica em parte o caráter predominantemente prático dos cursos de jornalismo por muito tempo. O Professor José Marques de Melo (1985, p. 33), em análise sobre a atuação do Centro no continente, ressalta que "[...] permanecemos, ainda hoje [década de 1980], dependentes dos padrões científicos produzidos pelos países metropolitanos, não obstante tenhamos aguçado o senso crítico em relação às suas limitações culturais [...]" (MARQUES DE MELO, 1985, p. 33).

Para Martín-Barbero (2009), o contexto de dependência político financeira que imperava nos países latino-americanos em relação aos Estados Unidos ainda tem fortes implicações culturais e intelectuais.

> Isso se tornou uma realidade clara depois, quando vimos que a imensa maioria dos autores na América Latina continuou olhando para o norte. Não porque não haja teoria da comunicação na América Latina, que não haja pensamento ou bibliografia, porque já faz algum tempo que começa a haver pensamento próprio; porém não se acredita que esse pensamento tenha valor, se vem do norte parece ter mais (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 145).

Essa dependência começa a se inverter a partir dos anos de 1990, quando se percebe a emergência de um enfoque como que mais latino-americano às ações do CIESPAL. É o que aponta o Professor José Marques de Melo (2009) ao realizar o levantamento das publicações do Centro e constatar que a presença de autores latino-americanos ganha uma proporção cinco vezes maior que a de pesquisadores de outros continentes no período de 1989-2009, sem contar com a Revista Chasqui[6], que tem sido uma das principais janelas para reunião e divulgação do pensamento comunicacional latino-americano.

As críticas em relação às bases inicialmente funcionalista e dependente do CIESPAL também são levantadas pelos alunos do Professor José Marques de Melo na obra aqui discutida. É unânime em seus textos, porém, o reconhecimento de que o Centro é um divisor de águas na história do campo comunicacional latino-americano, como destaca Ivonne de Lourdes Oliveira (1990, p. 27):

> Apesar da crítica que possa ser feita aos equívocos praticados pelo Ciespal, esse Centro foi de fundamental importância no desenvolvimento do ensino e da pesquisa de Comunicação na América Latina: no que tange ao ensino, através da influência nos currículos e na formação de professores que participavam de seus cursos de aperfeiçoamento, seminários e encontros; relativamente à pesquisa, apontando e buscando novos métodos e instrumentos próprios da nova realidade latino-americana. Além disso ele estabelecia a ligação entre os pesquisadores e as instituições de Comunicação com suas promoções internacionais e assessorava e respaldava as escolas que se iniciavam.

Se o exercício reflexivo proposto pelo Professor José Marques de Melo fosse feito hoje, além da CIESPAL certamente faria parte da análise a trajetória da *Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación* (ALAIC), que volta à ativa em 1989 após ter paralisado suas atividades por quase uma década, assim como de outras associações nacionais de pesquisadores que se fortaleceram no continente, como a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM).

Pesquisa-denúncia

De base marxista e fundamentada nos conceitos e pressupostos da Escola de Frankfurt, a chamada pesquisa-denúncia apresentava-se na América Latina como

6. Revista Latino-Americana de Comunicação. Disponível em: http://www.revistachasqui.com.

uma alternativa às limitações das pesquisas empíricas administrativas de base funcionalista. Uma das contribuições dessa vertente de pesquisa para os estudos em comunicação no continente foi a dimensão crítica que conferiu ao pensamento comunicacional. Como aponta Ivonne de Lourdes Oliveira (1990, p. 37) em seu texto, "Não é mais a pesquisa apolítica, mas com a preocupação de resgatar a relação dos fenômenos sociais da Comunicação e sua dimensão política".

Porém, a pesquisa-denúncia não deixou de ser mais uma importação teórica que, como se percebeu posteriormente, era mais pertinente ao contexto europeu do que à complexa realidade latino-americana. Ivonne de Lourdes Oliveira (1990, p. 36) também destaca que essa "[...] visão foi criticada e considerada, por alguns estudiosos, elitista, porque sua teoria não foi elaborada nem direcionada para a transformação, mas sim para o pensar [...]".

Vale lembrar que os tempos que se iniciavam quando da realização dessas discussões pelo Professor José Marques de Melo e seus alunos eram tempos de transição, em que o modelo político democrático deixava de ser um ideal e começava a se concretizar: "[...] a ideia da construção de uma sociedade de homens emancipados, libertos da exploração e da alienação, mantém-se, ainda hoje, como um projeto coletivo para a humanidade. Nesta perspectiva, a ideia da democracia como um fim e valor fundamental é decisiva [...]" (GENTILLI, 1990, p. 46).

Assim, cresce também no âmbito acadêmico o anseio por libertar os estudos em Comunicação das amarras teóricas das heranças norte-americana e europeia. Havia a compreensão de que estas amarras impediam que as dinâmicas socioculturais e comunicacionais, próprias das realidades latino-americanas, pudessem ser compreendidas e transformadas.

> Na nossa atual conjuntura, tal pesquisa não tem lugar nem validade, porque a reconstrução da democracia tem outras perspectivas, que não são de denúncia, mas de propostas concretas e viáveis para o crescimento e avanço da América Latina, e de acompanhar os processos de modernização e democratização (OLIVEIRA, 1990, p. 39).

Ainda hoje essa busca por uma produção científica latino-americana, capaz de inventar novos caminhos para as realidades do continente, é enfrentada por muitos pesquisadores. Como aponta Martín-Barbero (2004), a dependência e a apropriação de teorias e metodologias estrangeiras ainda são práticas recorrentes e, talvez, majoritárias no campo da pesquisa em Comunicação. É necessário estimular os cada vez mais jovens pesquisadores da área, a repensar a prática e praticar o pensamento, a fim de que novos conhecimentos e contextos sejam gerados, a começar em sala de aula, como fez o Professor José Marques de Melo.

Considerações finais

Muitas questões apontadas na obra "Desafios da Pesquisa Latino-Americana de Comunicação", como é possível perceber, ainda são atuais, apesar dos avanços conquistados nos últimos vinte anos. O desafio maior, ao que parece, continua sendo a construção teórico-empírica da área da Comunicação a partir novos paradigmas que respeitem e contemplem as dinâmicas socioculturais dos nossos tempos e dos nossos múltiplos espaços geográficos e simbólicos.

Para uma professora, que escreve juntamente a suas orientandas, a visita a essa obra foi um estimulante e prazeroso exercício. Estimulante, por deixar perceber o quanto um bom mestre faz a diferença na vida de um pesquisador iniciante. Assim o é o Professor José Marques de Melo a tantas gerações que formou e das quais, em tempos e de modos diferentes, as autoras deste texto fazem parte. Prazeroso porque rememorou momentos de discussões semelhantes vivenciados na graduação e na pós-graduação que também foram significativos pelo caráter desafiador dos questionamentos que então foram levantados. Que existam mais mestres como o Prof. José Marques de Melo; que sejam feitas mais perguntas inquietantes como as que foram por ele suscitadas; e que haja mais obras como essa, nascidas em sala de aula.

Referências

MARQUES DE MELO, José. A pesquisa em comunicação: trajetória latino-americana. In: **Comunicação**: teoria e política. São Paulo: Summus, 1985.

MARQUES DE MELO, José (Org.). **Desafios da Pesquisa Latino-Americana de Comunicação**. São Paulo: ECA-USP, 1990.

_____. **História Política das Ciências da Comunicação**. Rio de Janeiro: Editora Mauad X, 2008.

_____. Resgate do pensamento latino-americano: desafio inadiável do campo da comunicação. **Revista Chasqui**, n. 107, set 2009. Quito: CIESPAL, p. 8-13.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

_____. Uma aventura epistemológica. **Matrizes**, ano 2, n. 2, 2009. São Paulo: ECA-USP, p. 143-162.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo; GONZÁLEZ, Rodrigo. **Una coartada metodológica**: abordajes cualitativos en la investigación en comunicación, medios y audiencias. México: Tintable, 2012.

A integração das pesquisas em Comunicação na América Latina

Alfredo Dias D'Almeida[1]

7.3 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José. **Comunicación en Brasil:** global, nacional y regional. Ciudad de México: Cátedra Unesco de Telecomunicaciones y Sociedade/ Universidad Iberoamericana, 1996.

Em meados da década de 1990, a pesquisa latino-americana na área da Comunicação começava a ganhar relevo mundial, com destaque para a brasileira. Como resultado, três latinos, entre eles um mexicano, foram eleitos para formar o comitê executivo da International Association for Media and Communication Research (IAMCR) para o quadriênio 1996/2000, contrariando a até então hegemonia anglo-saxônica. Do conselho internacional da entidade passaram a participar seis latino-americanos, dos quais três eram brasileiros.

1. Jornalista e professor da área de Comunicação Social, Doutor em Integração da América Latina (Comunicação e Cultura) pelo Prolam/ USP, Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo pesquisador do grupo "Aruanda – Laboratório de pesquisas e análises sobre métodos de produção audiovisual de não-ficção" (ECA/USP). E-mail: dalmeida.alfredo@gmail.com.

A liderança de Marques de Melo nesse processo é inconteste. Em maio de 1996, a convite da Unesco, ele assumia a Cátedra de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, do então Instituto Metodista de Ensino Superior (IMS) – a partir de 1997, Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) –, criada concomitantemente com outra Cátedra, no México, para se somarem às duas outras existentes na área da Comunicação na América Latina: Colômbia e Uruguai.

Entre as razões para o convite, feito dois anos antes, estava o fato de Marques de Melo já ter lecionado na cátedra pioneira da Universidade Autônoma de Barcelona, Espanha, no ano letivo de 1991/1992; e o desempenho do IMS no campo da Comunicação Social, oferecendo cursos de graduação e pós-graduação que estavam entre os mais destacados da América Latina.

Mas não era só isso. À época, sua carreira acadêmica, voltada à construção de um pensamento comunicacional na América Latina, particularmente no Brasil, que desse conta das realidades regionais e locais, já estava bem consolidada e era internacionalmente reconhecida. Seus livros e artigos faziam parte de bibliografia básica de disciplinas ministradas nos curso de Comunicação Social da grande maioria das Universidades e Faculdades ibero-americanas.

Não por acaso, então, foi convidado para ministrar um seminário, realizado de 28 de outubro a 1o de novembro de 1996, na recém-criada Cátedra Unesco de Telecomunicaciones y Sociedade, da Universidad Iberoamericana, sediada na Cidade do México.

A obra "Comunicación en Brasil: global, nacional y regional", editada para servir de referencial para os participantes do seminário homônimo, reúne cinco artigos. São eles: "La indústria brasileña de las telenovelas"; "A legitimação da telenovela pela mídia impressa no Brasil", "Da informação cotidiana ao serviço público: mutações na imprensa paulista"; "Signos globais do Natal brasileiro: percepções midiáticas"; e "Difusão dos paradigmas da Escola Latino-Americana de Comunicação nas universidades".

As pesquisas sobre telenovelas

O artigo "La indústria brasileña de las telenovelas", publicado originalmente na revista acadêmica Intermédios (1993, p. 20-27), introduz o tema do seminário, apresentando uma análise sobre como as telenovelas brasileiras conquistaram o mercado externo sem perder a identidade cultural local.

O interesse de Marques de Melo sobre as novelas de televisão remonta a 1967, quando o Brasil ainda não possuía uma TV em rede. Naquele ano, ele realizou um estudo exploratório da recepção das telenovelas entre mulheres da

cidade de São Paulo, valendo-se de conceitos formulados por Edgar Morin – "concepção lúdica da vida" –, David Riesman – "multidão solitária" – e Herbert Marcuse – "apatia política" (MARQUES DE MELO, 1970, p. 263-275).

Durante toda a década de 1970, a telenovela vai permanecer quase que completamente ignorada como objeto de estudo dos pesquisadores da comunicação social, apesar do impacto que gerava na vida familiar e social dos brasileiros, tendo em vista o surgimento das grandes redes nacionais de televisão, com destaque para a Rede Globo. As poucas pesquisas existentes adotavam a perspectiva da teoria crítica frankfurtiana e identificavam as telenovelas como instrumento de manipulação das consciências e de alienação.

O interesse acadêmico pelas telenovelas ganha relevo nos anos 1980, agora sob uma perspectiva histórico-cultural. No final dessa década, Marques de Melo volta ao tema e, como contribuição ao Projeto da UNESCO sobre os Fluxos Mundiais da Ficção Televisiva, realiza pesquisas que geram o livro "As Telenovelas da Globo: produção e exportação" (MARQUES DE MELO, 1988). Este artigo e o próximo são frutos dos estudos que passa a realizar a partir de então.

Como pano de fundo da análise está uma reflexão cara ao pesquisador, e que se tornou uma de suas marcas, sobre o contexto histórico e a conjuntura política e social da América Latina como um todo, do Brasil em particular, sua relação com o surgimento de uma indústria cultural que, na medida em que se consolida, passa a desenvolver produtos com identidade mestiça local. Paralelamente, de acordo com Marques de Melo, inicia-se um processo de inversão da ordem internacional da comunicação: de um continente importador de bens de consumo e produtos culturais, a América Latina passa também a exportar informação e lazer, começando a superar sua histórica dependência cultural. É a partir desse contexto que ele vai analisar o surgimento das grandes redes de televisão no Brasil.

Durante a década de 1980, a indústria de televisão brasileira se consolida, ao adotar um padrão de qualidade internacional de produção e conquistar a maior fatia das verbas publicitárias, com destaque para a Rede Globo, uma tendência que já podia ser observada nos anos 1970s. Daí para uma presença maior no mercado internacional era só um passo, e o carro-chefe foi a telenovela, um gênero que adotava uma linguagem narrativa e uma estética que podiam ser decodificadas por públicos cultural e socialmente diversos. Paralelamente, abriram-se oportunidades para a importação de programas de países latino-americanos, cujas redes de televisão passaram por processos semelhantes.

Na opinião de Marques de Melo, porém, mais importante que os dividendos auferidos com a exportação de produtos culturais latino-americanos, está

> o lugar que confere às nossas identidades culturais no cenário global e a confiança que suscita em nossas próprias populações, induzindo-as a autodescobrir-se como mestiças e pujantes, capazes de encontrar caminhos autônomos para o desenvolvimento das nossas sociedades, mesclando tradição e modernidade, razão e paixão, perseverança e altivez.

Estudos comparativos e análise de conteúdo

Escrito em parceria com Ofélia Torres Morales, então sua orientanda de doutorado no IMS e integrante do Núcleo de Pesquisas de Telenovela da Universidade de São Paulo, outra das iniciativas de Marques de Melo, o segundo artigo, "A legitimação da telenovela pela mídia impressa no Brasil", foi apresentado no Grupo de Trabalho de Ficção Audiovisual Seriada, no XVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM) de 1995, realizado em Aracaju, Sergipe. O quadro de referência analítico utilizado na pesquisa fora apresentado pelo pesquisador na Seção de Comunicação Internacional da 19ª Conferência da International Association for Media and Communication Research (IAMCR), realizada em Seul, na Coreia (MARQUES DE MELO, 1994).

A elaboração desse quadro tinha como suporte as pesquisas de jornalismo comparado que ele vinha realizando desde o início de sua carreira (MARQUES DE MELO, 1972), com destaque para a análise sobre o tratamento dado pela mídia impressa a temas específicos, como "universidade" e "ciência".

Para entender como os jornais e revistas brasileiras abordavam o tema "telenovelas", o pesquisador e sua orientanda realizaram um estudo exploratório na mídia impressa, em veículos dedicados a assuntos relacionado à televisão – as revistas Amiga e Contigo – e nos suplementes dominicais de três dos principais jornais brasileiros – O Globo, Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo.

Como método de pesquisa, elegeu-se a análise de conteúdo, a partir de categorias definidas a priori, por ser o ideal para a comparação entre diferentes veículos, segundo Marques de Melo (1970, 1972). O referencial teórico teve por base o conceito de "vasos comunicantes", de Edgar Morin, autor que representa o gradativo desaparecimento das fronteiras entre "real" e "imaginário" na cultura de massas, e que constatou

> a emergência de um novo mercado informativo, composto basicamente por revistas semanais dedicadas a retratar o universo das "vedetes" da televisão. Se, por um lado, essa prática jornalística continuou a tradição das publicações outrora voltas para os "olimpianos" do rádio ou do cinema, por outro lado, ela significou a introdução de uma variável inusitada.

> Trata-se da reportagem sobre os personagens das telenovelas como se eles compusessem um panorama verossímil, retirando-lhes toda configuração ficcional que lhe é inerente.

Nos suplementos dominicais da grande imprensa, a pesquisa comprovou a ancoragem dos acontecimentos retratados nas telenovelas a temas do cotidiano, reforçando nos telespectadores a sensação de que apresentariam os fatos com maior fidelidade que os telejornais.

Dada a importância da comprovação da validade do quadro teórico adotado nessa pesquisa exploratória, Marques de Melo vai ampliar seus estudos na área da televisão, consubstanciado na publicação de um livro específico sobre o meio e seus produtos (MARQUES DE MELO, 2010, p.6), a partir do pressuposto de que:

> as relações de legitimação entre a imprensa e a televisão não são apenas mercadológicas, mas culturológicas. Elas vão criando uma intertextualidade, um diálogo conteudístico, uma parceria discursiva. A imprensa funciona como fórum de debates e intercâmbio de ideias, como formadora da opinião pública, influindo na concepção de realidade construída pela televisão.

Na mesma linha dos estudos comparativos, o artigo "Da informação cotidiana ao serviço público: mutações na imprensa paulista", também apresentado no XVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM), de 1995, é o resultado de projeto de pesquisa do qual tomaram parte dois bolsistas de aperfeiçoamento (mestrado), Marcelo Lopes e Maurício Gasparotto, e quatro de iniciação científica, Kenji Toma, Lúcia Longo, Simone Schetty e Thiago de Paula Oliveira.

Trata-se de um trabalho de fôlego, com o objetivo de identificar e comparar os gêneros jornalísticos (informativo e opinativo) das matérias e os temas abordados por quatro jornais do interior paulista – o Diário do Grande ABC (Santo André), o Correio Popular (Campinas), A Tribuna (Santos) e o Jornal da Cidade (Bauru) – em dois momentos: nas semanas de 23 a 29 de maio de 1994 e nas de 22 a 28 de maio de 1995.

O método de pesquisa adotado foi o mesmo da pesquisa que resultou no artigo anterior, o da análise de conteúdo, com categorias definidas a partir dos esquemas elaborados por Jacques Kayser (1961), adaptados para a realidade dos jornais diários por Marques de Melo (1970, 1972). Com relação aos gêneros jornalísticos, aplicou-se a tipologia construída também por Marques de Melo (1985), em obra que teve por base sua tese de livre-docência, "Gêneros Opinativos no Jornalismo Brasileiro", defendida em 1983, na Universidade de São Paulo.

O trabalho comprovou uma tendência à regionalização do noticiário e à valorização das informações de utilidade públicas, já observada nos estudos que vinham sendo realizados desde a década de 1980. A partir da década seguinte, as pesquisas coordenadas por Marques de Melo sobre o tema vão abranger outros meios de comunicação, também sob a perspectiva do desenvolvimento regional[2].

O artigo "Signos globais do Natal brasileiro: percepções midiáticas" fora apresentado pouco antes do seminário no México, durante o XIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM), realizado na Universidade Estadual de Londrina, Paraná, em setembro de 1996. Trata-se de um estudo exploratório, também de base comparativa, que busca identificar a imagem do Natal projetada na mídia – jornais, revista e televisão – da cidade de São Paulo.

A pesquisa tem seu suporte na teoria da folkcomunicação de Luiz Beltrão (1971; 1980) e na tipologia para a identificação dos fatos folclóricos, esboçada por Luiz Antonio Barreto (1994). Marques de Melo detecta, então, uma configuração globalizada de Natal, "sem perder, contudo, a identidade nacional e sem abandonar as raízes comunitárias".

O trabalho vai gerar o primeiro projeto de pesquisa da Rede Nacional de Pesquisa Comparativa (RNPC/N), criada pela Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional em 1996, com o objetivo de desenvolver estudos sobre os impactos globais nas identidades regionais da cultura brasileira, por meio da observação da maneira pela qual a mídia trabalha os signos de festas populares. Pesquisadores de 25 instituições de ensino superior de todo o Brasil compararam a cobertura da mídia impressa sobre o Natal, buscando comprovar ou refutar as conclusões do estudo exploratório de 1995. Além dos conteúdos dos jornais de grande circulação, serviram como ponto de referência para a análise o que foi divulgado sobre o Natal na televisão, no rádio e em veículos impressos destinados ao público feminino e ao religioso.

A hipótese inicial foi confirmada parcialmente. Observou-se que as imagens natalinas divulgadas pela mídia impressa continham signos globais, regionais e, em alguns casos, nacionais dessa celebração; o que estava ausente eram os signos populares. Os resultados foram publicados em livro organizado por José Marques de Melo e Waldemar Kunsch (1998), o primeiro editado pela Cátedra UNESCO/UMESP.

2. Ver, entre outros, MARQUES DE MELO e LOPES, 1997; e MARQUES DE MELO, SOUSA e GOBBI (Orgs.), 2006.

A Escola Latino-Americana de Comunicação

Apresentado, como outros três desta coletânea, no XVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM), o artigo "Difusão dos paradigmas da Escola Latino-Americana de Comunicação nas universidades" apresenta o fundamento que delineia a disciplina "Pensamento Latino-americano sobre Comunicação Social", ministrada por Marques de Melo no então recém-criado curso de Doutorado do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social do Instituto Metodista de Educação Superior. Com a instituição da Cátedra Unesco, o tema passou a ser objeto de um de seus principais projetos de pesquisa[3].

Como coordenador desse programa de pós-graduação, cargo que ocupou até 2001, Marques de Melo vinha desde 1993 priorizando os estudos sobre a Escola Latino-americana de Comunicação, tema que perpassa toda a sua carreira acadêmica. Em obra lançada em 1998, reunindo artigos escritos na década de 1960, já se observa uma valorização das ações locais na área, principalmente as realizadas no âmbito do CIESPAL (Centro Internacional de Estudos Superiores de Jornalismo para a América Latina), órgão da Unesco sediado em Quito, "que tem desenvolvido um trabalho contínuo para difundir a mentalidade da investigação científica na região latino-americana" (MARQUES DE MELO, 1998, p.38).

Os estudos, cada vez mais, comprovam a validade da hipótese esboçada no artigo de 1995, p.5:

> A configuração do pensamento latino-americano sobre comunicação social resultou de um processo de convergência através do qual pesquisadores nucleados em diferentes instituição nacionais e internacionais sedimentaram um modo de pensar e interpretar os fenômenos da interação simbólica dentro do continente, confrontando-os com as evidências existentes em outras regiões do planeta.

Considerações finais

Obras como "Comunicación en Brasil: global, nacional y regional", de compilação de textos, têm o mérito de expor as ideias e as reflexões de um pesquisador sobre diversos temas, num determinado período de tempo, bem como o de permitir ao leitor, passados quase 20 anos, um diálogo entre as diferentes abordagens teóricas e metodológicas adotadas.

3. Ver MARQUES DE MELO, GOBBI, 1999.

No caso de Marques de Melo, o que se destaca é a coerência de sua trajetória intelectual, cujo ponto central é a preocupação em destacar a importância dos estudos produzidos localmente para uma melhor compreensão da realidade latino-americana.

O próprio Marques de Melo, como vimos, contribuiu decisivamente para a consolidação do pensamento comunicacional, então emergente, na América Latina, caracterizado, segundo ele, pela diversidade de abordagens, pelo hibridismo teórico e pela superposição metodológica; em suma, por uma "identidade mestiça", que assimila, criticamente, os paradigmas das escolas europeias e norte-americanas, adaptando-os às realidades regionais e locais.

E aqui vale lembrar mais um aspecto importante da carreira de Marques de Melo, comprovado por dois dos artigos, resultados de pesquisas realizadas com estudantes: o incentivo permanente à formação de novos pesquisadores na área da Comunicação – já são quase 130 mestres e doutores orientados por ele desde 1980, além de inúmeros outros pesquisadores em débito de formação para com ele, embora não estivessem sob a sua supervisão direta, entre os quais me incluo.

Referências

BARRETO, Luiz Antonio. Um novo entendimento do folclore. Aracaju: Sociedade Editorial do Sergipe, 1994.

_____. Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez Editora, 1980.

BELTRÃO, Luiz. Folclore e comunicação. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

KAYSER, Jacques. **El periódico:** estudios de morfología, de metodología y de prensa comparada. Quito: CIESPAL, 1961.

MARQUES DE MELO, José. **Comunicação social: teoria e pesquisa. Petrópolis: Vozes, 1970.**

_____. **Estudos de jornalismo comparado. São Paulo: Pioneira, 1972;**

_____. **A opinião no jornalismo brasileiro. Petrópolis: Vozes, 1985.**

_____. **As telenovelas da Globo: produção e exportação.** São Paulo: Summus, 1988.

_____. Telenovelas as journalism subject in Brazil: reality or fiction? In: **19th International Association for Media and Communication Research**

(IAMCR) Conference – Communication in the new millenium (Abstracts), Seoul: The Korean Society for Journalism and Communication Studies, 1994.

_____. **Teoria da comunicação:** paradigmas latino-americanos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

_____. **Televisão brasileira desenvolvimento, globalização, identidade 60 anos de ousadia, astúcia, inovação.** São Bernardo do Campo: Cátedra UNESCO/UMESP de Comunicação / São Paulo: Memorial da América Latina, 2010.

MARQUES DE MELO, José; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Políticas regionais de comunicação:** os desafios do Mercosul. Londrina, Paraná: INTERCOM: Ed. da Universidade Estadual de Londrina, 1997.

MARQUES DE MELO, José; GOBBI, Maria Cristina (Orgs.). **Gênese do pensamento comunicacional latino-americano.** São Bernardo do Campo, SP: UMESP, 1999.

MARQUES DE MELO, José; KUNSCH, Waldemar Luiz (Orgs.). **De Belém a Bagé:** imagens midiáticas do natal brasileiro. São Bernardo do Campo: Cátedra UNESCO/UMESP, 1998.

MARQUES DE MELO, José; SOUSA, Cidoval Morais de; GOBBI, Maria Cristina (Orgs.). **Regionalização midiática:** estudos sobre comunicação e desenvolvimento regional. Rio de Janeiro: Sotese, 2006.

Uma Comunicação para todos: revisitando o MERCOSUL dos anos 90

Maria Amélia Miranda Pirolo[1]

8.3 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José; LOPES, Maria Immacolata V. de (Orgs.). **Políticas regionais de comunicação:** os desafios do MERCOSUL. Londrina: Editora da UEL, 1997. 351p.

O livro publicado em 1997 é fruto do XIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em parceria com o departamento de comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL), de 02/09/1996 a 07/09/1996 em Londrina/Paraná.

Reviver o INTERCOM Londrina ou INTERCOM 96 é motivo de muita alegria, pois a mudança estimulada de olhar o evento sob a perspectiva da organização local para analisá-lo, anos depois, com um olhar crítico quanto a exploração científica publicada provoca na pesquisadora uma revisão mais acurada em seus paradigmas e na produção cientifica a que pertence. É com orgulho que, como docente da Universidade Estadual de Londrina, posso reler esta obra resultado de uma

1. Maria Amélia Miranda Pirolo - Pós doutora pela cátedra UNESCO/Metodista. Coordenadora do Colegiado de Relações Públicas/ UEL. Líder de grupo de pesquisa "Estudos interdisciplinares de Opinião Pública" do CNPq desde 1997.

parceria entre o departamento de comunicação da UEL e da Sociedade Brasileira de Comunicação e ficar maravilhada com temas que continuam gerando reflexões e novas posturas, como todo trabalho produzido sob a organização do Professor Dr. José Marques de Melo.

A Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação – INTERCOM, principal expoente dos pesquisadores da área no Brasil, com uma repercussão que vai além fronteiras, antes mesmo dos anos 1990 – década da publicação desse livro, incitava a discussão e a partilha do conhecimento. Em 1996, o tema era os desafios do MERCOSUL por permitir, segundo Marques de Melo:

> a articulação entre localidades e regiões que possuem identidades históricas e culturais complementariedades econômicas significativas, a ponto de permitir a constituição de espaços mais ou menos homogêneos, ampliando os limites dos mercados e das culturas nacionais, no sentido de levar a competitividade do conjunto assim constituído espaço global (1997, p.35).

Os temas dos congressos, sempre atuais, atraem muito mais que a troca de informações valores que levam o pesquisador e o estudante a reflexão, que integra universidades e contribui para adequações curriculares e novas posturas no mercado onde o profissional atua. Tudo isso porque um professor ousou não apenas sonhar, mas os colocou em prática. O prof. Marques de Melo é um comunicador que não pode ser apenas nomeado jornalista, pois sua visão atende a todas às áreas da comunicação, revolucionando pensamentos onde professores e estudantes tornam-se ferramentas em uma sociedade que exige mudanças e que os meios de comunicação podem construir ou destruir horizontes integrados ou não, em uma proposta que seja,social, política e comunitária.

Conhecendo e globalizando: nos trilhos da comunicação européia

Marcial Murciano Martinez–"*Políticas Publicas de Comunicación: Un análisis desde la perspectiva del macroespacio europeo*".

Trata o estudo dos sistemas de comunicação a partir de uma retrospectiva histórica apontando para mudanças significativas em temas tradicionais como a comunicação, informação, cultura e inovação tecnológica, tendo como base a mundialização regionalizada no macro espaço europeu.

Stig Hjarvard–"Desregulamentação e cooperação da Mídia Regional: Um estudo de caso da Euroviscom".

A transmissão europeia passou na década de 1980 por transformações cujo processo ganhou o título de desregulamentação da transmissão europeia. Um dos aspectos gerados foi a quebra do monopólio das transmissoras de serviço público, gerando um ambiente competitivo. Outro aspecto abordado foi o início da comercialização das transmissões e, por fim, o autor apresentou a questão social que aconteceu a partir da mudança da atuação no espaço sócio-geográfico onde, apesar dos antigos monopólios, continuaram a operar em nível nacional. Os recém-chegados passaram a conduzir seus serviços em níveis locais, regionais, nacionais e transnacionais com uso das novas tecnologias atraindo novos posicionamentos e exigindo mudanças no papel da European Broadcasting Union (EBU) e na sua rede de televisão de intercambio de notícias, a Eurovision. Um desafio ao se pensar em uma política de comunicação para o MERCOSUL.

Manuel NuñesEncabo – "*La cooperación entre España y Latinoamérica en el campo de la comunicación*".

Descreve o quadro vigente da comunicação no mundo propondo uma leitura sobre vínculos importantes de cooperação entre o MERCOSUL e a EU – European Union. Coloca o relacionamento entre a Espanha e o Brasil como fundamental para o fortalecimento do MERCOSUL: "España, que se encuentra momento todavia incipiente en el desarrollo de estes campos, tiene ao mismo tiempo um papel protagonista en la Comunidad Iberoamericana de Naciones y en el convenio del MERCOSUL. Brasil, a su vez, tiene un papel protagonista en la Comunidad Iberoamericana de Naciones y concretamente en una región como El MERCOSUL" (p.97).

Raúl Trejo Delarbre – "*Para qué alcanzar al mundo? La experiencia del México en la era del NAFTA*".

Uma crítica à participação do México junto ao NAFTA (Tratado Norte Americano de Livre Comércio). O México estando formalmente incorporado no mercado comercial norte-americano desde 1994 sofre forte influência das mensagens dos meios de comunicação estadunidenses, e o NAFTA significou poucas inovações num contexto de símbolos e compromissos políticos.

Emile G. McANany – "NAFTA e livre comércio: sinal aberto para a televisão do MERCOSUL".

Apresenta a questão do livre comércio (NAFTA) e as políticas que envolvem indústrias culturais transnacionais e a sua relação com as políticas de comunicação regional e nacional. O argumento defendido é que elas não são totalmente bem sucedidas na solução do problema de dominação nem totalmente um fracasso. O capítulo desenvolvido por McANany parte de uma abordagem teórica

sobre o entendimento da globalização das indústrias culturais e conclui com o papel da tecnologia na propagação das redes globais.

Caminhando pelos países do MERCOSUL na perspectiva da integração

Venício A. de Lima – "Políticas Regionais de Comunicação: novos atores, velhos problemas".

O autor propõe por meio do questionamento de aspectos econômicos, políticos e culturais fundamentais para a construção de uma política regional de comunicação do MERCOSUL, uma abordagem crítica da política de comunicação no Brasil a partir das iniciativas regionais.

Alerta, ainda, para a não participação efetiva da academia na formulação das políticas de comunicação sugerindo que os pesquisadores e os programas de comunicação devem reconhecer a realidade técnica e empresarial e assim se destacarem como atores do processo de formação da política de comunicação.

Luciano Álvarez – "*De la utopía Jacobina a la utopía consciente y polifónica*".

Um recorte histórico abrangendo uma cronologia de 15 a 20 anos antes quando já se possuía uma grande produção acadêmica, política e ideológica inserida no debate latino americano de comunicação. Discorre sobre o conceito defendido por Carlos Pareja, a raiz Jacobina como uma associação política que aposta em "una instancia privilegiada de articulación, una instancia depurada que aspira, en sus extremos, a la constituición de una nueva sociedad".

Trabalha ainda conteúdos como centralização jacobina, controle dos meios, e forte pressão estatal. Outros conteúdos libertadores e educativos são abordados em modelos de comunicação popular e alternativa, sem contudo avançar, pois a globalização se tornava um campo para a disseminação dos "*fast foods* comunicacionais" onde o espectador passava por vários assuntos nacionais, internacionais e transnacionais sem se ater efetivamente a informação gerada.

Alicia Entel – "*Movimientos socioculturales y Mercosur: El desafío de La integración*".

A integração é um desafio que para Alicia Entel deve ser estimulada em torno de observações sobre as políticas socioculturais dos países integrantes do MERCOSUL para, a partir daí, gerar reflexões mais assertivas sobre uma política de comunicação para o MERCOSUL.

A cultura é um processo total através do qual significados são socialmente construídos e historicamente transformados e não tem como separá-la da economia e da história. Entre tantos debates por uma definição de lugar entre "grandes" e pequenos, o poder e a inclusão se tornam o verdadeiro desafio da integração.

Vicente Brunetti – "*Hacia la definición de una política regional de comunicación*".

Propõe a compreensão da diferença entre crescimento e desenvolvimento. O primeiro é simplesmente o aumento da produção de um país: se em uma nação se produz mais que no ano anterior, houve crescimento. Entretanto o desenvolvimento acontece quando há melhora na qualidade de vida da população e não de poucas pessoas, mesmo que alguns países atingiram o desenvolvimento econômico e social apoiado em ações destrutivas junto ao planeta e a humanidade. Principalmente no que diz respeito aos países menos desenvolvidos.

E assim expõe o desenvolvimento como uma trança de valores sociais, onde consideram-se indicadores de níveis de qualidade de vida. Entre elas as condições econômicas e as conquistas sociais, educativas e comunicacionais que devem levar a um processo de transformação de como deve ser o MERCOSUL.

Lucia Castellón Aguayo – "*La comunicación chilena en la transición a la democracia*".

A autora escreve sobre a participação do Chile no MERCOSUL. Em uma abordagem que busca a comunicação para todos. Desenvolve críticas à visão do ganho econômico puro e simples, levanta depoimentos da participação campesina e expressa sua insatisfação com o governo chileno que não busca "elaborar una política comunicacional más activa se traducen la reacción de gran parte de la ciudadanía frente al Mercosur".

Sérgio Caparelli – "A televisão pós-fordista e sua regulamentação no cone sul".

Desenvolve críticas ao controle de números de canais de televisão pelo Estado, em consonância com o modelo fordista que "articula-se de forma pronunciada com a economia, na medida em que a produção de aparelhos receptores de televisão foi um dos pilares da indústria eletroeletrônica, servindo de motor dentro de um modelo econômico maior, o capitalismo, que entra em crise na década de 1970" (p.191). Faz uma análise da participação dos quatro países do MERCOSUL que procuraram adaptar suas leis à nova realidade dando lugar a uma TV globalizada, acompanhada por um recuo do Estado no cenário audiovisual, tanto como regulador como operador.

Conhecendo o ensino e a pesquisa da comunicação no contexto do MERCOSUL

Vicente Brunetti – "*La necesidad de nuevos indicadores de comunicación*".

Pensar o processo de comunicação implica em restaurar uma história. A UNESCO, ao final da década de 1950, propõe um conjunto de indicadores que passam a ser utilizados no conhecimento básico da comunicação, porém, segundo o autor, já haviam passados 15 anos de contaminação proveniente da teoria matemática de Claude Shannon. E esta situação confirma a necessidade de novos indicadores para o desenvolvimento da investigação na comunicação com ênfase nas metodologias qualitativas e, em particular, na perspectiva etnográfica.

Alicia Entel – "*Comunicación y demandas sociales: 'El baile sobre un volcán*".

A discussão sobre o mercado de trabalho e escolha por uma profissão na Argentina mostra que o crescimento da procura pela área da comunicação em detrimento de áreas tradicionais como ciências econômicas ou medicina vai muito além da garantia e estabilidade financeira. Vai em busca do saber, de estar participando do cenário onde as "coisas" acontecem. A autora propõe o debate a partir de quatro dimensões da vida social e da vida universitária. O campo profissional, o campo dos valores (o que se considera o aporte específico na formação universitária) e o campo da política e das utopias.

Carmen Rico de Sotelo – "*Apropiación de las nuevas tecnologías de información*".

O artigo trata de descrever a dinâmica acadêmica internacional em suas trocas, transformações internas das universidades e externas das sociedades, que produzem na internacionalização uma dimensão imprescindível no ensino e na investigação.

Roque Faraone – "*Normas jurídicas sobre comunicación en el Mercosur*".

Discute a evolução do conceito de liberdade de imprensa, iniciadas no fim do século XVIII, que resultou no "direito da livre informação" e, mais a fundo, no "direito à comunicação". E situa esses parâmetros num âmbito supranacional, constitucional e legal, e suas implicações junto ao MERCOSUL, sugerindo, entre outras, que se tornem iniciativas quanto ao direito comparado na comunicação social, possibilitando desse modo uma consciência nacional e internacional na região.

Sérgio Camparelli–"Pós-graduação em comunicação no Brasil: um campo em movimento".

No Brasil, mudanças profundas acontecem no campo da pesquisa e das

pós-graduações iniciadas em "premissas" adotadas por todas as universidades quanto à avaliação e à auto avaliação.

Lúcia Castellón Agriayo –"*El Estado dela comunicación en Chile*".

No Chile, durante o período do governo militar, a investigação acadêmica teve sua produção interrompida e os pesquisadores em comunicação passaram a trabalhar em ONGs, pois a temática foi excluída das matérias de formação universitária.

A situação iniciou mudanças significativas no cenário chileno e, com o fim do governo militar, o país encontrou um momento valioso de crescimento na área.

Aníbal Orué Pozzo – "*La comunicación Social en el Paraguay, en la perspectiva del Mercosur*".

O Paraguai, que vem de 35 anos de ditadura, renasce como a sua participação no MERCOSUL. "El Paraguay se abre al mundo y se inserta en El espectro de países con regímenes democráticos o, por lo menos, intentando construir su democracia"(p. 296).

Othon Jambeiro–"Regulamentação brasileira e uruguaia da televisão".

Discute aspectos da regulamentação da TV a partir de um projeto de pesquisa que busca conhecer, sistematizar e comparar nos países do MERCOSUL e apresenta um estudo piloto da TV aberta no Brasil e no Uruguai.

Antonio de Andrade–"MERCOSUL é notícia?".

A importância do MERCOSUL para os países envolvidos e a sua repercussão em um comércio mundial onde aparecem atores como "a China e os tigres asiáticos, a forte presença do Japão como potência de primeira grandeza e a lenta, mas irreversível, consolidação da Comunidade Econômica Européia" (1997, p.332).

No estudo realizado por Andrade junto aos jornais brasileiros – de todas as regiões, o que se percebe é que o MERCOSUL ganha em importância e, é maior noticiado quanto maior sua proximidade geográfica com os países envolvidos e, também quanto a demanda econômica que representa.

Comentário final

O livro reproduz uma coletânea de artigos apresentados no XIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Importante referencial histórico da participação dos pesquisadores da comunicação nos anos 90 e suas implicações quando do surgimento do MERCOSUL.

Quando iniciei a releitura desse livro produzido e organizado, há 16 anos, por Marques de Melo e Maria Immacolata Vassalo de Lopes, não poderia compreender o quão imprescindível se tornaria, para mim, os conteúdos nele abordados. Num contexto de temas nem mais tão atuais, mas que proporcionam um colorido novo ao momento social, político e econômicos surgidos a partir das ditaduras sul-americanas. Descreve situações, apresenta preocupações e perspectivas de uma proposta arrojada de como deveria ser a participação da comunicação nesse mundo novo, transnacional. Os autores pleitearam de forma coerente, abrangendo vários contextos sociais e geográficos, uma política de comunicação emancipadora e integradora junto aos países do MERCOSUL. O INTERCOM 96 contribuiu no resgate histórico do "Mercado Comum do Sul"e confirma o envolvimento da comunicação em temas de interesses políticos e sociais numa proposta que nasce no regional e avança para o transnacional, como propôs o Prof. Marques de Melo na ocasião do lançamento do XIX Congresso Brasileiro de Ciências de Comunicação.

Desafios do diálogo panamericano

Maria Alice Campagnoli Otre[1]

9.3 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José, NAVA, Rosa Maria (Orgs.). Comunicação nas Américas: o diálogo Sul - Norte. Edição especial de Leopoldianum - **Revista de Estudos e Comunicações da Universidade Católica de Santos**. Santos: Unisantos, a.1, n.1, set. 1998.

Não é de hoje que o professor José Marques de Melo tem sido apresentado em diversas iniciativas da comunicação no Brasil como vanguardista. A edição especial da Revista de Estudos e Comunicações da Universidade Católica de Santos, Leopoldianum, é mais um registro dessa vanguarda, quando, lá em 1997, o catedrático da UNESCO instituiu e coordenou a primeira reunião do que viria a se constituir na atualidade o Congresso Panamericano de Comunicação, naquele momento denominado 1º Colóquio NAFTA-MERCOSUL sobre as Indústrias da Cultura e da Comunicação.

O evento – e por consequência – a revista que apresentaremos, intitulada "Comunicação nas Américas: o diálogo Sul

1. Doutoranda em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: maliceotre@yahoo.es.

– Norte", buscava, segundo JMM, discutir um contexto em que, beirando o século XXI, desafiava os cidadãos a construírem "uma sociedade mundial, politicamente embasada na paz e no diálogo e, culturalmente, mosaica, polifacética, preservando a diversidade" (1998, p.5). JMM enxergou no plano econômico um movimento de formação de blocos megarregionais que poderia vir a equilibrar o intercambio comercial e a transferência de tecnologias no diálogo com as superpotências, instituindo a possibilidade de "instaurar processos eficazes de cooperação científica e pedagógica". É neste contexto que o Colóquio se desenvolve. "Sua motivação [do colóquio] é a de superar o imobilismo da nossa comunidade acadêmica e desafiá-la a criar nexos construtivos que façam da comunicação, da informação e da cultura os instrumentos propulsores de um novo patamar civilizatório" (MARQUES DE MELO, 1998, p. 6).

Além da motivação teórica para se refletir a comunicação entre as Américas – sul e norte –, o professor apresenta também como objetivo ser, sobretudo, um evento destinado ao intercâmbio entre o mundo acadêmico e o sistema produtivo.

> Nosso objetivo é desenvolver programas de cooperação entre as universidades e as empresas de comunicação, estabelecendo ao mesmo tempo pontes bidirecionais entre as comunidades acadêmicas e as corporações empresariais/profissionais dos dois extremos das Américas (MARQUES DE MELO, 1998, p. 7).

Em entrevista[2], JMM faz algumas considerações sobre o que escrevera em 1998 e destaca que infelizmente o objetivo de envolver o mercado nas discussões. "Se há um problema a ser superado é a cooperação academia-mercado. Em Santos, logramos encetar esse diálogo, mas os encontros posteriores se fecharam no gueto acadêmico".

Apesar disso, o professor apontou como positiva a mudança do Colóquio NAFTA-MERCOSUL para Congresso Panamericano de Comunicação.

> Creio que o evento ganhou uma dimensão apropriada, quando deixou de ser restrito aos países integrantes dos tratados comerciais para envolver todas as Américas. Creio também que seu ponto de ebulição se deu no encontro de Brasília.

Em histórico traçado sobre o evento ele registrou todos os eventos acontecidos até 2010, quando aconteceu, em Córdoba – Argentina, o último PANAM-COM, do qual não participou por motivos de saúde.

2. Concedida por e-mail à autora em 16 de julho de 2013

Histórico

- **Reunião de Santos, Brasil – Setembro 1997 – embrião do PANAM-COM: "Comunicação nas Américas: o diálogo Sul-Norte"**. Coordenador: Dr. José Marques de Melo.

- **Reunião de Austin, Texas, EE.UU. – junho 1999.** Coordenador: Dr. Joseph Straubhaar.

- **I Encontro PANAM-COM – Montreal, Canadá – Abril 2002; "Indústrias culturais e diálogo das civilizações nas Américas"**. Coordenador: Dr. Gaetan Tremblay.

- **II Encontro PANAM-COM – México, México – Setembro 2003: "Até a sociedade da informação e o conhecimento"**. Coordenadora: Dra. Delia Crovi.

- **III Encontro PANAM-COM – Buenos Aires, Argentina – Julho 2005: "Integração comercial o diálogo cultural ante o desafio da Sociedade da Informação".** Coordenador: Dr. Guillermo Mastrini.

- **IV Encontro PANAM-COM – Santiago, Chile – Outubro 2008: "Indústrias da Criatividade. Criatividade, Indústrias Culturais y Desafios para os Comunicadores"**. Coordenadora: Dr. Lucía Castellón.

- **V Encontro PANAM-COM – Brasília, Brasil – Dezembro 2010: "Indústria de conteúdos Digitais, Redes Sociais o Desenvolvimento Sustentável"**. Coordenadora: Dra. Cosette Castro.

- **VI Encontro PANAM-COM 2013 Córdoba, Argentina. 5, 6 e 7 de junho 2013.**
"Indústrias culturais, meios e públicos: da recepção à apropriação nos contextos sociopolíticos contemporâneos". Coordenadora: Dra. Susana Morales. Co-Coordenadora: Dra. Carmen Rico de Sotelo.

A obra revisitada

Além da Introdução, a Revista apresenta-se dividida em cinco partes: Políticas e Estratégias, Indústrias Midiáticas, Práticas Profissionais, Cooperação Universidade – Empresa; e Cenário.

Da primeira sessão participam Venício Arthur de Lima, Gaëtan Tremblay,

Delia Crovi Druetta e Florence Toussaint Alcaráz. Passemos por seus textos:

O artigo "Perspectivas para as comunicações no Brasil do século XXI: concentração da propriedade e redefinição dos atores políticos", de Venício Lima, versa sobre o histórico caráter anti-democrático da comunicação no Brasil e traça algumas perspectivas, nesse contexto, para o século XXI, que se aproximava. Segundo o autor, segue-se a forma de manutenção do poder econômico e político, utilizando-se do domínio do poder simbólico. Lima apresenta algumas situações que caracterizam e ao mesmo tempo favorecem este cenário anti-democrático; dentre eles:

1) A **propriedade familiar:** embora seja regulado pelo Código Brasileiro de Telecomunicações que uma entidade ou uma pessoa não pode participar de mais de 10 emissoras no país, sendo no máximo cinco VHF, o autor mostra que em 1998 a família Marinho (Globo), por exemplo, tinha acionistas em 17 emissoras de TV, sendo 15 destas VHF, além de 20 emissoras de rádio. 2) A **vinculação com elites políticas:** embora seja proibido pela legislação que um político seja diretor ou gerente de empresa concessionária de rádio e tv, sabe-se que há muito tempo as concessões são usadas como moeda política. O autor traz um dado interessante, que aponta que das 302 emissoras comerciais de TV do país em 1995, 94 pertenciam a políticos ou ex-políticos, configurando, assim, mais uma forma de manutenção do poder político por meio da comunicação. E, por fim, 3) **a concentração da propriedade,** que segundo o autor pode se dar de maneira horizontal, vertical, cruzada ou "em cruz".

O autor destaca que este cenário no Brasil não se difere do internacional e deixa algumas perguntas: quem formulará as políticas públicas de comunicação na virada do século? Quais os principais atores? Quem comandará a reestruturação? Lima (1998, p.20-22) finaliza seu texto destacando uma tendência de que no século XXI haverá um deslocamento do controle do Estado para o de atores supra-nacionais – empresas privadas e/ou organismos internacionais – na formulação de políticas públicas do setor de comunicações. Ele indica ainda a possibilidade de o setor ser controlado, em nível mundial, por poucos conglomerados e, nos níveis local e regional, por estruturas semelhantes lideradas por conglomerados locais com associações internacionais.

Em "Notas sobre a estrutura canadense de Comunicação no contexto NAFTA", de Gaëtan Tremblay, o autor discorre sobre o panorama da comunicação no Canadá. Para isso, discute os conceitos de globalização e regionalização; traz informações gerais sobre as indústrias de equipamentos e de conteúdo canadenses, depois aprofunda a radiocomunicação e apresenta os principais atores e como funciona a regulação do sistema. Finaliza seu texto com reflexões sobre a política canadense quanto ao desenvolvimento de infovias.

Ao recuperar a discussão sobre globalização, Tremblay lembra que os termos não são neutros nem indiferentes. Primeiro veio a "internacionalização", uma relação entre países, depois surgiram as empresas "multinacionais", que mantêm sua identidade

nacional apesar de produzirem ou distribuírem em outros países. Por fim, o termo "transnacional", que, segundo o autor, "são empresas que têm seus próprios objetivos, suas próprias regras e sua própria cultura, que aproveitam oportunidades de lucro que oferecem vários mercados no mundo e que fazem pressão sobre os governos para que suprimam as barreiras que impedem o livre-comércio" (1998, p. 26).

Para Tremblay, não existe uma "sociedade da informação" que vem para construir pontes e diminuir distâncias. A hipótese que ele desenvolve juntamente com seu centro de pesquisa é de que estamos num passo adiante da industrialização da sociedade: "Nossa hipótese refere a um marco de industrialização e de mercantilização da cultura e da comunicação. [...] Nossas sociedades passam de um modo de organização industrial a outro, passam do fordismo ao que proponho nomear gatesismo (referindo a Bill Gates)".

Ademais da discussão teórica ele traz números sobre a forte indústria canadense de semicondutores, de componentes eletrônicos e do mercado de equipamentos de telecomunicações. Fala também das indústrias de conteúdo e de serviços, da produção independente de filmes e vídeos, que embora menos expressiva que a de equipamentos também vem se destacando. Por fim, o autor apresenta o CRTC (Conselho de radiodifusão e de telecomunicações canadense) responsável pela regulação do sistema de comunicação canadense e as políticas canadenses para o desenvolvimento de novas redes de comunicação destacando o forte papel que as empresas privadas exercerão neste contexto. Por fim, questiona, voltando ao início da reflexão: "Quem comanda o processo de globalização? Os estados ou as empresas transnacionais? Não seria preciso que os estados ponham de frente os interesses dos cidadãos? Isso é uma questão política que depende da mobilização social", conclui.

"*Escenarios del TCL (las televisoras mexicanas libran su guerra: Proyecto Monarca)",* de Delia Crovi Druetta, é uma reflexão que resulta do Proyecto Monarca, em que canadenses e mexicanos se uniram para estudar as repercussões do Tratado de Livre Comércio, ou NAFTA, como temos chamado aqui, nas indústrias audiovisuais dos dois países. Druetta apresenta o momento vivido pelas emissoras do México, em uma análise que vai de 1996 a meio de 1997. Ela narra uma disputa por audiência, que travou uma grande guerra entre as privadas Televisa e TV Azteca e colocou a TV estatal como um "espaço" diferenciado, que não se valia do sensacionalismo nem produzia uma maior vulnerabilidade da liberdade de imprensa e a utilização de outras estratégias questionáveis para conseguir público e consequentemente anúncios.

O que a autora verificou em sua análise foi que o espaço destinado à informação e ao entretenimento continuavam semelhantes ao ano anterior. Cerca de 68% para entretenimento e 32% para informação. Apesar da queda na qualidade da programação na busca por audiência, verificou-se que nenhum programa "novo" estava entre os 10 mais vistos, segundo o *rating,* apesar de se

valerem de grande apelo, no ano de 1996. Em 1997, um jornalístico violento e sensacionalista figurava entre os 10 mais, nesta nova cara da televisão mexicana. Houve uma resposta social a este modelo adotado pelas emissoras. Reclamou o presidente, a Câmara de Deputados e vários outros setores sociais.

Por fim, Druetta aponta que de positivo há a quebra do monopólio da Televisa e a importância da inserção da opinião na TV. O debate é necessário. Porém, esperava-se outras mudanças, como por exemplo, uma maior relação entre México e Canadá, sendo que os EUA continuaram sendo o grande responsável por exportar seus conteúdos, principalmente na TV paga.

"*Actualización: La televisión de estado, los canales culturales Del Distrito Federal*", de Florence Toussaint Alcaráz é também resultado do Proyecto Monarca. O texto de Alcaráz inicia apontando que mais do que romper fronteiras e globalizar, o NAFTA (Tratado Norte-Americano de Livre Comércio) representou um momento de se estabelecer por escrito uma série de regras que já estavam consolidadas e que a anulação das fronteiras entre EUA e México começou nos inícios dos anos 80.

Ela confirma no texto sua hipótese de que a assinatura do TLC (Tratado de Livre Comércio) trouxe maiores mudanças na estrutura da propriedade dos meios do que em sua programação. A autora completa o texto de Druetta, destacando que anos antes da assinatura do TLC, o Estado impulsionou a privatização dos meios e das telecomunicações, abrindo espaço para a concorrência entre empresas e permitindo que os canais estatais se tornassem uma boa opção de conteúdos de melhor qualidade para o público. A autora apresenta alguns dados sobre a realidade dos canais 11 e 22, que são do Distrito Federal, tem alcance geográfico reduzido e dependem dos governos das províncias.

Dentre suas conclusões, Alcaráz aponta que se consolida a imagem de TV cultural, pois existe um público delimitado para este conteúdo, difunde-se ali mais produções próprias, há maior diversificação na oferta de programas (como os europeus e latino-americanos) e permanece uma TV local, ancorada nas especificidades regionais e que subsistem basicamente a partir do serviço social e do subsidio governamental.

Parte da segunda seção, "Indústrias midiáticas", temos Hernan Galperin, Aníbal Orué Pozzo, Joseph Straubhaar, Consuelo Campbell e Cristina Cahoon, que abordaram o impacto dos blocos econômicos nas indústrias culturais sob o ângulo da globalização e regionalização.

Galperín explorou o tema "As indústrias culturais nos acordos de integração regional: o caso NAFTA, UE e MERCOSUL". Para o autor, as indústrias visuais demonstraram ser uma das áreas mais controversas nos acordos de integração regional. Ele aponta que nenhuma outra indústria gera tanto debate sobre a legitimidade e os limites econômicos, políticos e institucionais dos processos regionais de integração. A discussão do seu texto gira em torno de algumas questões: afinal,

os produtos culturais devem ser tratados como qualquer outra mercadoria? O que eles têm de diferente que mereça uma política específica de integração? Qual deve ser o papel das instituições regionais, dos governos nacionais, do setor privado e da sociedade civil na proteção e desenvolvimento deste setor? No texto ele compara a resposta a essa perguntas nos três blocos citados (NAFTA, U.E. e MERCOSUL) por meio de três eixos de análise – o perfil das indústrias culturais em cada região; suas políticas domésticas de comunicação dos países da região; e as distâncias culturais que separam os países de cada bloco. Entre várias considerações, o autor conclui que, ao analisar os três blocos, está claro que os acordos até aquela data (1998) "pouco contribuíram para o funcionamento de esferas públicas democráticas e culturalmente diversas em escala regional" (1998, p. 85).

Em Aníbal Orué Pozzo contextualiza principalmente o cenário político do Paraguai em tempos de globalização, tratando das mudanças que a televisão introduz como parte de um processo de adequação a novas realidades. Segundo o autor, a política passa a ser construída a partir de parâmetros dos meios de comunicação, principalmente da televisão. "Os eventos são montados e construídos a partir do cenário televisivo. A democracia centrada nos meios se converte em um novo paradigma dos atuais processos democráticos" (1998, p.92).

Apontando o Brasil (com destaque) e a Argentina como grandes produtores audiovisuais latinoamericanos, o autor situa a existência de um importante fluxo interregional, principalmente no que diz respeito aos formatos dos programas; ao mesmo tempo em que se fala tanto de norteamericanização. O autor destaca, ainda, que existe pouquíssima diferença entre as práticas políticas entre os membros do MERCOSUL, assim como em outras regiões. Ele fala sobre o contexto durante os anos de Stroessner e, posteriormente, sobre a transição democrática e o papel importante da televisão. Passa pelas formas globalizadas e regionalizadas da produção informativa e, por fim, apresenta os novos desafios profissionais da era eletrônica.

No artigo publicado em inglês "Da cultura nacional para as regionais: as cinco culturas e o mercado televisivo do Nafta", de Joseph Straubhaar, Consuelo Campbell e Cristina Cahoon. Os autores apresentam um panorama ampliado de discussões acerca da globalização, da cultura e na regionalização linguística, em que há um mercado unificado por meio do idioma, portanto, produzindo diferentes graus e fluxos informativos dentre as nações pertencentes a blocos econômicos com diferenças linguísticas, como no caso do NAFTA. O estudo analisou empiricamente programas de televisão com amostras semanais de 1962, 1972, 1982 e 1991-92, analisando os conteúdos, gêneros e fluxos.

Na seção "Práticas profissionais", três textos se completam e chamam a atenção para as novas redefinições profissionais que estão se desenvolvendo. Em "Condicionantes das transformações nas práticas profissionais: globalização, pri-

vatização, democratização, convergência tecnológica", Othon Jambeiro aponta os fatores que vêm transformando o contexto contemporâneo, quais sejam, a expansão do pensamento liberal e da economia de mercado global, o desenvolvimento incessante e convergente das tecnologias da comunicação e da informática, e o surgimento de conglomerados da comunicação/informação. Dentre os resultados da vertiginosa convergência entre informática, comunicação e microeletrônica, está a alteração na forma de se conceber, produzir e vender produtos e serviços de comunicação: fator que está totalmente atrelado às práticas profissionais.

No mesmo sentido, Luciano Martin Costa aponta em "Novos meios, novos jornalistas", o casamento das telecomunicações com a informática e outros adventos tecnológicos e históricos. Lá ele acrescenta que para o jornalista o principal não é ter o domínio pleno das tecnologias, mas a capacidade de se qualificar para se tornar um educador, estimulando o leitor à reflexão e ao livre-arbítrio, "ferramenta básica ao exercício pleno da cidadania" (1998, p. 175).

Finalizando esta parte, Alejandro Grinson fala sobre os "Jornalistas de fronteira e produção de significações sobre o Mercosul". Ele questiona no artigo como se reconfiguram as identidades sociais e culturais diante de tantas transformações e nações que passam a ser reorganizadas. Ou melhor: "o que acontece quando uma das principais instituições produtoras de identidade, os estados nacionais, começam a redefinir suas relações internacionais e, consequentemente, suas políticas fronteiriças e identitárias" (1998, p. 143). Num texto cheio de detalhes e reflexões, o autor passa pelas tensões existentes nas zonas fronteiriças e na forma como enxergamos a nós e ao outro.

A seção "Cooperação Universidade & Empresa", vem propor um desafio, conforme destacou o próprio José Marques de Melo, na introdução da revista. Caso desenvolvessem um trabalho conjunto os resultados seriam muito proveitosos às duas instituições. Quatro, dos cinco textos que compõem a seção, retratam muito bem essa relação universidade e mercado: "As perspectivas da cooperação NAFTA-MERCOSUL no âmbito das ciências da comunicação", de Jacques A. Wainberg; "Entre a lógica da academia e a lógica do mercado: malabarismos para alcançar o equilíbrio", de Amália Beatriz Dellamea; "O rol das Universidades: o desafio da comunicação no contexto NAFTA-MERCOSUL", de Carmem Rico de Sotelo; e "Universidade e indústria jornalística nos EUA: a relevância da pesquisa gerada pelas universidades para a tomada de decisões nos sistemas midiáticos", de Carlos Eduardo Lins da Silva. Destaca-se nos textos a importância do diálogo norte e sul, num contexto em que os blocos foram formados não a partir de identidades linguísticas ou outras esferas que os aproximam, mas baseados em questões econômicas; e também nas contribuições que poderiam surgir do relacionamento entre a academia e o mercado. JMM vê nessa vertente uma necessidade que, segundo ele, acabou se perdendo ao longo dos encontros, mas que hora ou outra deverá ser retomada.

Fecham a Revista uma síntese descritiva da rede Orbicom, escrita por Thérèse Paquet-Sévigny e um resgate dos eventos que legitimam a consolidação internacional da INTERCOM, escrito por Rosa Nava.

Considerações finais

Como catedrático da UNESCO, que tem se preocupado com os fluxos comunicacionais entre as regiões do mundo, Marques de Melo promove, mais uma vez de maneira visionária no Brasil, um espaço em que são colocados em contato membros da região sul e norte da América. Compartilhando de um mesmo contexto de reunião de países em blocos econômicos – MERCOSUL e NAFTA –, o professor vê uma oportunidade de, partindo das reconfigurações políticas e econômicas, discutir a comunicação que indiscutivelmente é afetada. Tamanha foi a importância desse estreitamento, que o evento que surge para discutir NAFTA e MERCOSUL ganha novas proporções e passa a ser chamado Congresso Panamericano de Comunicação, expandindo sua atuação num momento em que a globalização ultrapassa quaisquer fronteiras delimitadas.

Karla M. Müller, professora e pesquisadora do PPGCOM/ UFRGS (2006, p.245[3]), ao falar sobre o evento ocorrido em Buenos Aires em 2005, destacou:

> Sem sombra de dúvidas, o Congresso Pan-Americano de Ciências da Comunicação, na sua terceira edição, consolida-se como um fórum de discussão amplo no que se refere à comunicação, à cultura e à informação. É em ocasiões como esta, na qual se encontram pesquisadores de todo o mundo, preocupados em trocar experiências e apresentar os resultados de seus estudos, que se vislumbram soluções capazes de tornar os processos midiáticos e as práticas comunicativas instrumentos de estímulo à liberdade de expressão e à união de povos, ancorados pelo respeito à diversidade cultural.

Os textos que compõem este registro são documentos importantes para o que um dia esperamos encontrar: fluxos comunicacionais mais igualitários, pesquisas que auxiliam no mercado, mercado que se abre às pesquisas, profissionais capacitados para uma comunicação mais dinâmica, múltipla e globalizada.

3. MÜLLER, Karla M. III Congreso Panamericano de Ciencias de la Comunicación: Integración comercial o Diálogo Cultural ante el desafío de la sociedad de la información. In: Revista Comunicação & Sociedade, Vol. 27, No 45, 2006. p.241-245.

Estratégias de escolha: a primeira pós-graduação em Comunicação Social de Mato Grosso do Sul

Cristina Ramos[1]
Oswaldo Ribeiro[2]

10.3 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José (Org.). **Introdução às Ciências da Comunicação** (Compilação de Textos/Apostila/Disciplina). Campo Grande: UCDB, 1997.

Professores e estudantes escolhem estrategicamente

Ao escolher autores e textos para a leitura/discussão/formação de uma sala de estudantes na graduação ou pós – seja em nível de especialização, mestrado ou doutorado, o professor responsável leva em conta uma complexidade sem fim. O que pode parecer fácil, pois a ementa da disciplina foi pensada para atender a determinados objetivos de uma grade curricular, não tem nada de simples.
Quando separa ideias de autores numa sequência para o estudo, o professor responsável define algumas leituras, provoca discussões e abre as portas da formação. Apresenta suas estratégias. Ele espera responder em um determinado tempo de aula, simultaneamente acreditando semear trajetos que percorreu, aos percursos dos estudantes sedentos por respostas internas e das mais diversas naturezas.
Escolher um autor e excluir outro denuncia muito do seu perfil, do seu grupo, do lugar que está falando, ouvindo e pensando. O professor responsável revela-se pelas escolhas que faz em sala

de aula. Ele opera toda esta narrativa textual a partir da sua voz, dos seus gestos, dos métodos, das técnicas e equipamentos que utiliza. Apresenta seu *habitus* professoral à turma de uma forma própria, autoral, única e singular.

Estudantes têm expectativas com seus professores, elas são criadas anteriormente ou mesmo podem ser aguçadas a partir do primeiro contato. O primeiro dia é assustador tanto para estudantes quanto para professores, por mais que os dois já tenham experiência, cada um em seu *habitus* distinto. Assim como o professor responsável, estes estudantes fazem escolhas com o material selecionado, processam dos mais variados jeitos. Ampliam e reduzem o alcance do conteúdo. Não leem apenas as palavras. Os habilidosos leem o todo sequencial apresentado, abrem as horizontes da sua formação, vislumbram possibilidades, enxergam com mais clareza as limitações impostas pelo campo, enfim, neste contato com o professor responsável, são, estrategicamente, transformados e transformam também.

O curso de especialização em Comunicação Social, ministrado na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, no ano de 1997, foi a primeira pós-graduação na área do estado. A carga horária de 420 horas/aula, sendo 360 horas para preleções e seminários e as 60 restantes para elaboração de monografia, proporcionou aos estudantes os primeiros títulos de especialistas em Comunicação Social de Mato Grosso do Sul. Cerca de vinte pessoas, entre professores das Instituições de Ensino Superior que tinham os Cursos de Comunicação, na época o Jornalismo da Universidade Federal e os de Publicidade e Propaganda e Relações Públicas na UCDB, além de profissionais da área também passaram pela experiência. Em entrevista para

---

1. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), é Mestra em Estudos de Linguagens pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/2012), Especialista em Teorias e Práticas Contemporâneas do Jornalismo pela Universidade para o Desenvolvimento do Estado e a Região do Pantanal (UNIDERP/2006) e Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/1997). Como repórter, apresentadora, editora e chefe de jornalismo atuou nas principais emissoras de rádio e televisão e jornal impresso da cidade de Campo Grande/MS. E-mail:cristinaramos@globo.com.

2. Coordenador do Curso de Jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) é Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/2014), Mestre em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (UnB/2006), Especialista em Imagem e Som pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/2001) e Graduado em Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/1995). Trabalhou como editor nas principais emissoras de rádio e televisão de Campo Grande/MS. E-mail:oswaldoribeiro@globo.com.

acadêmicos de Comunicação Social da UCDB, o professor Marques de Melo, o coordenador geral do projeto, informou que os objetivos eram:

> Oferecer a profissionais diplomados nas diferentes áreas de Comunicação Social embasamento teórico metodológico para compreensão científica do conhecimento disponível sobre os processos sociais de interação simbólica, bem como para a sistematização das experiências acumuladas; proporcionar a especialistas provenientes de outros campos do saber, os fundamentos das disciplinas que integram o universo das Ciências da Comunicação, habilitando-os ao exercício do magistério superior em comunicação; permitir o diálogo e a interação entre os componentes de distintas comunidades acadêmicas motivando-os para a atuação pedagógica em cursos de Comunicação (DAHER, 1997, p.08).

Segundo a professora Ana Cristina Martins, que viabilizou o projeto na Católica, "como não havia especialistas na área e os cursos logo passariam pelo reconhecimento do MEC, a necessidade de capacitação era grande". Ela fez a proposta para reitoria da UCDB que investiu na ideia. A coordenação do curso ficou a cargo de Gerson Martins, na época, também professor da Instituição. O professor Marcelo Cancio, foi um dos alunos, e conta que "vieram para dar aulas professores da USP, Metodista, PUC do Rio Grande do Sul. Lembro-me que, entre eles, estavam Marques de Melo, Maria Imaculata Vassalo Lopes, Margarida Krunsh e Dirceu Lopes. Para mim foi muito bom, deu uma base de novos conhecimentos comunicacionais e metodológicos para posteriormente fazer o mestrado". Cancio relata que o professor Marques de Melo propôs como trabalho final da disciplina "Introdução às Ciências da Comunicação", uma análise de conteúdo comparativa entre os jornais impressos de Campo Grande. Para esta análise, o professor preparou para os alunos uma compilação de cinco textos de autores brasileiros e estrangeiros sobre o tema e sugeriu leituras suplementares. O texto abaixo descreve estes conteúdos dando destaque às estratégias do professor para fomentar o futuro dos estudos em Comunicação.

As escolhas estratégias do professor José Marques de Melo

Com base na leitura prévia da obra de sua autoria "Comunicação e Modernidade", (Loyola, 1991), o professor José Marques de Melo propõe no **primeiro texto** de apoio, o estudo pelos alunos dos capítulos 01, 02 e 03 do livro "Comunicação Social Teoria e Pesquisa", editado pela Vozes em 1973, e na época em sua terceira edição, que apresentam as origens, evolução e tendências da

pesquisa em Comunicação, os métodos e técnicas usados e um breve panorama sobre a pesquisa dos meios e processos de comunicação no Brasil.

Marques de Melo conceitua, no texto, o termo "Pesquisa em Comunicação" em níveis mais amplos que os geralmente utilizados naquele momento e que se destinavam apenas a conhecer a penetração dos veículos de comunicação junto às populações urbanas, com pesquisas quantitativas de circulação ou audiência. Diferente disto, o autor delimitou conceitualmente a Pesquisa em Comunicação como um estudo sistemático de todos os meios, formas e processos de informação ou de comunicação social, utilizando além dos estudos quantitativos, os qualitativos.

> No nosso entender, a pesquisa em Comunicação compreende, portanto, o estudo científico dos elementos que integram o processo comunicativo, a análise de todos os fenômenos relacionados ou gerados pela transmissão de informações, sejam dirigidas a uma única pessoa, a um grupo ou a um vasto público (MARQUES DE MELO, 1973, p. 87).

Comunicador, mensagem, fontes e efeitos junto ao receptor seriam alvo, portanto, segundo o autor de estudos Comunicacionais, impregnando assim, a Pesquisa em Comunicação de um campo interdisciplinar que envolve investigações linguísticas, educacionais, jornalísticas, cibernéticas, entre outras. Pesquisas nas Ciências da Informação e outras áreas das Ciências Humanas, como as sociológicas, psicológicas, históricas, antropológicas, etc. A Pesquisa em Comunicação remonta ao século III a. C. principalmente na Grécia Antiga. Platão, Aristóteles e seus discípulos são personagens importantes do período denominado *Fase dos sofistas*; os estudos dessa época enfocavam a comunicação interpessoal com a perspectiva da persuasão dirigida às massas, em recintos oficiais ou em praças públicas: a retórica.

Um segundo momento relevante para a Pesquisa em Comunicação ocorreu no século XVIII com os enciclopedistas franceses. É nessa etapa da História que as Ciências da Informação aparecem como um campo definido do conhecimento humano. Os esquemas de Bacon e D'Alembert registraram pela primeira vez a Ciência de Comunicar. Apenas o campo jornalístico, que se firmava com significância social não foi analisado pelos enciclopedistas que aprofundaram reflexões sobre linguística, educação e mensagens de natureza literária, como a crítica.

A Fase dos filósofos sociais na Pesquisa em Comunicação teve início no final do século XIX quando o foco se volta para os estudos dos meios de comunicação coletiva e seus efeitos. Melo destaca no texto alguns estudos importantes dessa fase: os primeiros sobre jornais, liberdade de imprensa e opinião pública (Bezenberg e Krug); a significação social da imprensa (Alexis de Tocqueville); postulados sobre os mecanismos de formação da opinião pública (James Bryce); a influência do

conteúdo dos jornais sobre as conversações (Gabriel Tarde); as bases da sociologia da comunicação com os sociólogos alemães Max Weber; o livro "*La Mistura Della Vita*", repertório de informações sobre análises de conteúdo efetuadas na Europa até o fim do século XIX, no campo da literatura e da arte (Alfredo Nicéforo).

A partir de 1930 instala-se um período com uma metodologia mais rígida e que se utilizava de instrumentos matemáticos e estatísticos, incorporando a técnica de observação desenvolvida pelas Ciências Sociais. Estudos eminentemente quantitativos marcam então a quarta fase da Pesquisa em comunicação, a dos Cientistas Sociais. George Gallup, professor da Escola de Jornalismo da Universidade de Iowa (EUA) publicou em 1930 sua tese de doutoramento "Um novo método para medir o interesse do leitor". Essa aplicação de técnicas sociológicas de pesquisa ao jornalismo, não era tão original, mas marcou uma renovação nos estudos de até então. Melo explica que com esse sistema de Gallup "foi possível conhecer os chamados auditórios invisíveis, ou seja, o público receptor dos meios de comunicação coletiva (público heterogêneo, anônimo e disperso), através da utilização de amostras estatísticas" (MARQUES DE MELO, 1973, p. 87).

Outras figuras importantes dessa fase foram: Lazarsfeld, conhecido como pai da pesquisa da comunicação nos Estados Unidos, ator de "O Rádio e a Página Impressa", onde compara as características de leitores de jornais e ouvintes de rádio e de famosos estudos sobre os líderes de opinião; Harold Lasswell, estudioso norte-americano da propaganda política no período da segunda guerra mundial; Carl Hovland, pesquisador de processos de persuasão e fenômenos da propaganda política e da guerra psicológica; Kurt Lewin (Teoria do Campo), investigador da comunicação entre os grupos e da influência exercida sobre o comportamento e as atitudes dos seus membros; Wilbur Schramm e o seu método para determinar índices de leitura.

Na Europa, Jacques Kayser se destacou como pioneiro. Jornalista e professor de jornalismo dedicou-se ao estudo da morfologia e do conteúdo de jornais em experimentos que tinham o objetivo de criar uma nova ciência da imprensa. Finalmente a fase que Melo denominou de Pesquisa Integrada, e que o autor acreditava que os estudiosos viviam no momento em que o livro foi editado, se caracterizava pela substituição do trabalho isolado de alguns especialistas pelo conjunto de equipes multidimensionais. Essas equipes integradas reuniam cientistas da comunicação e de outras áreas de conhecimento. O autor visionava que agindo dessa forma os pesquisadores conseguiriam ter uma perspectiva mais completa dos problemas da comunicação, com interrelações de fenômenos, estudos globais de causas e efeitos e com melhor abrangência teórica do processo de transmissão e recuperação das informações como processo social básico.

No texto o autor fez referência aos principais métodos e técnicas usados na Pesquisa em Comunicação até aquele período. Segundo Melo, os mais empregados eram:

o método da observação, através da técnica do questionário (aplicação de um formulário estruturado com uma série de perguntas), da observação participante (não há entre pesquisador e informante uma relação direta de indagação e contestação) ou do registro mecânico (utilizam instrumentos especiais para a observação de atitudes, reações, comportamentos e têm segundo o autor melhor eficácia que as outras), além do método experimental (experiências controladas em grupos de receptores ou mercados-pilotos, com a finalidade de testar mensagens ou avaliar impactos de canais) e do comparativo (usado na área de morfologia e do conteúdo, faz a comparação de determinados aspectos, em jornais ou revistas, através da quantificação de elementos).

Para encerrar, o texto destacado por Marques de Melo para mostrar aos estudantes do curso de especialização o relato sobre as Pesquisas em Comunicação, mostrou um panorama brasileiro sobre o tema. No Brasil, a pesquisa dos meios e processos de comunicação teve início na década de 1940, com a criação do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope). Uma agência particular destinada a efetuar investigações contratadas por seus patrocinadores, além de estudos regulares de audiência, sobretudo de Rádio e TV, cujos resultados passaram a ser vendidos a agências de propaganda, veículos de comunicação e anunciantes. Outras organizações comerciais surgiram e se dedicaram a estudos econômicos de mercados consumidores, com pesquisas adicionais que se referiam ao uso dos meios de Comunicação. Melo citou: IPOM (Instituto de Pesquisa de Opinião e Mercado), INESE (Instituto de Estudos Sociais e Econômicos) e MARPLAN (Pesquisas e Planejamento de Mercado).

Os resultados dessas pesquisas eram divulgados quando convinha aos patrocinadores e destinavam-se com exclusividade para conhecer aspectos que solucionassem problemas de concorrência. Melo explicou, que devido ao uso dessas pesquisas nas decisões de comercialização, as indústrias patrocinadoras passaram a implementar departamentos de pesquisas de mercado. Em 1957, Florestan Fernandes, em estudo sobre o "Desenvolvimento da Sociologia no Brasil", já assinalava o recrutamento de sociólogos por empresas que possuíam departamentos de pesquisa estatística, controle de produção ou serviços próprios de propaganda. As agências de propaganda davam início à prática de realizar pesquisas, testando anúncios e efeitos das campanhas. O autor acreditava que a incorporação da pesquisa sistemática às atividades de persuasão de consumidores era uma tendência devido às pressões que os anunciantes viriam a exercer sobre as agências.

Em 1973, segundo Marques de Melo, jornais, estações de rádio ou emissoras de TV não tinham uma tradição de pesquisa. Realizavam investigações pontuais para solução de problemas imediatos como queda de circulação, êxito de concorrentes, pressão de anunciantes, etc. No entanto, o autor previa que o uso permanente da pesquisa pelos veículos de difusão do Brasil, não tardaria, pois os problemas de concentração de

empresas e de aguçamento da concorrência começavam a se manifestar, o que exigia medidas preventivas para a manutenção e conquista dos públicos receptores.

No capítulo apresentado aos estudantes da especialização, o professor Marques de Melo destacou as pesquisas na Universidade Brasileira em Comunicação. A primeira tentativa desse tipo de investigação ocorreu em Recife, com a fundação pelo professor Luiz Beltrão do Instituto de Ciências da Informação (ICINFORM) na Universidade Católica de Pernambuco. Essa instituição também foi pioneira no ensino de métodos e técnicas de Pesquisa em Comunicação, com promoção de um curso destinado aos seus estudantes de Jornalismo, em 1966. Luiz Beltrão também orientou a criação de organismos experimentais e cursos específicos para treinar pesquisadores na Universidade de Brasília após o surgimento de sua Faculdade de Comunicação.

Em São Paulo, com a criação do Centro de Pesquisas da Comunicação Social na Faculdade de Jornalismo Cásper Líbero da PUC teve início uma nova fase na formação de profissionais para imprensa. No final dos anos de 1960 e na década seguinte, outras Universidades de São Paulo e Rio de Janeiro se movimentaram em torno da pesquisa de Comunicação Social. Um reflexo, conforme Melo, da ação do CIESPAL (Centro Internacional de Estudos Superiores de Jornalismo para a América Latina), órgão da UNESCO, sediado em Quito que desenvolvia um trabalho contínuo para difundir a mentalidade da investigação científica na região latino-americana.

No **segundo texto** da compilação, o professor selecionou "Novas Correntes no Estudo das Comunicações e Massa" de Edgar Morin para abordar temas como a sociologia e a cultura para compreensão desta problemática. Num trecho deste texto Morin diz que "as novas correntes no estudo das comunicações de massa, por mais diversos que sejam, tentam, cada um a seu modo, reunificar o campo que engloba a cultura e a comunicação" (MORIN, 1972, p. 20).

O **terceiro texto** selecionado pelo professor José Marques de Melo para o grupo de estudantes foi *"Teoría e Investigación de La Comunicación de Masas"* de José Carlos Lozano Rendón. O conteúdo trata da comunicação como campo de estudo e solicita um enfoque interdisciplinar a partir da visão positivista e crítica. Rendón utiliza de figuras e gráficos para discutir as suas propostas de investigação quantitativa e qualitativa da comunicação, neste sentido descreve técnicas. O autor ainda relata sobre os modelos do processo de comunicação (Lasswell, Riley e Riley, etc.), propõe atividades e faz no encerramento do texto, um resumo.

Hercovitz (1995) é a autora escolhida por Marques de Melo como **quarto texto** de apoio. "A pesquisa em Comunicação na América Latina: Desafios dos anos 90" anuncia no resumo que "pretende apontar as mudanças na pesquisa latino-americana dos anos 90 e explicar como tais mudanças vêm ocorrendo do ponto de vista dos pesquisadores latino-americanos e norte-americanos" (HERCOVITZ, 1995, p. 112). Contexto, tipos de estudo, condições de trabalho dos pesquisadores, linhas de

pesquisa autores, autocrítica, prioridades, globalização são temas tratados pela autora.

O **quinto e último texto** dos estudos propostos pelo professor Marques de Melo é da Revista Brasileira de Comunicação (INTERCOM): o documento da pesquisa em Comunicação no Brasil: avaliação e perspectivas – CNPq, elaborado em 1989 a partir da "memória científica disponível nas agências nacionais de fomento à pesquisa". A autoria intelectual é do próprio Marques de Melo e de Sérgio Caparelli. O conteúdo apresenta um detalhamento sobre as escolas de Comunicação do Brasil quanto à distribuição geográfica, habilitações, vagas oferecidas, matrículas, corpo docente e titulação, programas de graduação e pós-graduação, agências de fomento, linhas e metodologias de pesquisa, sociedades científicas e recomendações para o campo.

As estratégias para o futuro

Os estudantes/profissionais/professores[3] que participaram da primeira Especialização em Comunicação Social do estado de Mato Grosso do Sul, há 16 anos, continuam na ativa em várias áreas da Comunicação como o Jornalismo, a Publicidade e Propaganda, as Relações Públicas, entre outras. A escolha/semente feita/plantada pelo professor José Marques de Melo e toda a sua experiência acumulada até então, deram frutos e ainda continuam a mobilizar o campo em busca de respostas que são estrategicamente apresentadas para a sua manutenção e legitimidade. Professor e alunos aprenderam a lição.

Referências

CANCIO, Marcelo. **Entrevista.** Campo Grande: Novembro de 2013.

CAPARELLI, Sérgio; MARQUES DE MELO, José (CNPq). **A Pesquisa em Comunicação de Massa no Brasil:** Avaliação e Perspectivas. INTERCOM (Revista Brasileira de Comunicação). São Paulo: CNPq, 1990.

DAHER, Adriana. **Começa o primeiro Curso de Pós-Graduação em Comunicação do MS.** Jornal Antenado (UCDB). Campo Grande, outubro de 1997. p. 08.

3. Ana Cristina Martins, atualmente, é professora mestra na UCDB. Marcelo Cancio, professor doutor e Gerson Martins, pós-doutor - ambos são da UFMS.

HERCOVITZ, Heloísa. **A Pesquisa em Comunicação na América Latina:** Desafios dos anos 90. São Bernardo do Campo: Comunicação & Sociedade, 1995.

LOZANO, José Carlos. La Comunicación como Campo e Objeto de Estudio. In: **Teoria e Investigación de la Comunicación de Masas.** México: Alhambra Mexicana, 1996.

MARQUES DE MELO, José. **Comunicação e Modernidade.** São Paulo: Loyola, 1991.

MARQUES DE MELO, José. A Pesquisa em Comunicação. In: MARQUES DE MELO, José. **Comunicação Social:** Teoria e Pesquisa. Petrópolis: Vozes, 1976.

MARTINS, Ana C. **Entrevista.** Campo Grande: Novembro de 2013.

MORIN, Edgar. Novas Correntes no Estudo da Comunicação de Massas. In: COUTINHO, C.N (tradução). **Cultura e Comunicação de Massa**. Rio de Janeiro: FGV, 1972.

Entusiasta e guerreiro da construção do pensamento comunicacional brasileiro[1]

Ariane Pereira[2]

11.3 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José; CASTELO BRANCO, Samantha (Orgs.). **Pensamento comunicacional brasileiro –** O grupo de São Bernando. São Bernando do Campo: UMESP, 1998. 636 p.

"Pensamento Comunicacional Brasileiro – O Grupo de São Bernardo" foi publicado há 15 anos, quando a Pós-Graduação

1. "Entusiasta" se refere à designação dada por Maria Cristina Gobbi no capítulo "Trajetória Intelectual de José Marques de Melo", publicado em HOHLFELDT, Antonio (Org.). **José Marques de Melo, construtor de utopias.** São Paulo: INTERCOM, 2010. "Guerreiro" é como Sérgio Mattos definiu Marques de Melo em sua biografia oficial. MATTOS, Sérgio**. O guerreiro midiático** – Biografia de José Marques de Melo. São Paulo/Petrópolis: INTERCOM/Vozes, 2010.

2. Jornalista, mestre em Letras, doutoranda em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Docente do curso de Comunicação Social da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), em Guarapuava, Paraná. Diretora-presidente da Rede Brasileira de Mídia Cidadã. Coeditora da Revista Brasileira de História da Mídia. E-mail: ariane_carla@uol.com.br

em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) completava 20 anos. Data simbólica que foi considerada propícia pelo então coordenador da PósCom, professor José Marques de Melo, para a publicação de um livro que reunisse "escritos paradigmáticos de seu corpo docente", como ele mesmo afirmou no texto de apresentação da obra (1998, p.11). E é sobre essas palavras iniciais que me deterei primeiramente.

Afinal, a Introdução de "Pensamento Comunicacional Brasileiro – O grupo de São Bernando" (1998, p.9-19), para mim, mostrou-se como uma prova irrefutável (daquelas tão caras às Ciências Exatas e pouco prováveis nos estudos em Ciências da Comunicação e em tantos outros que envolvem os sujeitos, a sociedade, o social...) dos motivos que levam a tantos de nós a chamá-lo de "professor". Afinal, é como um mestre a refletir e a induzir seus alunos à reflexão que ele narra os fatos ligados às duas primeiras décadas da pós-graduação em Comunicação da Metodista.

"Há 20 anos, formou-se na cidade de São Bernardo do Campo, no Estado brasileiro de São Paulo, um grupo de pesquisadores da Comunicação que buscava avançar no plano teórico e inovar no âmbito metodológico" (1998, p.9), narrava ele de início. Trajetória que começa, então, com a criação do curso de Mestrado em Comunicação e que complementa-se com a autorização para a implantação do doutorado na área. Porém, essa passagem não foi simples, nem tão pouco rápida, como Marques de Melo faz questão de salientar.

Doze anos se passaram entre os dois momentos e, nesse período, o curso precisou ajustar-se "aos novos cenários e aos novos atores que demarcavam sua fisionomia" (1998, p.15). Entre eles, salienta, a transformação da composição estudantil (inicialmente, formada majoritariamente por alunos da própria região e, depois, por estudantes de todo território brasileiro e mesmo da América Latina); a composição e recomposição do corpo docente (disso voltarei a tratar adiante); e, por fim, a necessidade de se cumprir as exigências das agências de fomento, como a de que o trabalho científico nos programas de pós-graduação deveria tornar-se organizado em tornos de linhas de pesquisa.

Assim explica Marques de Melo: "tornava-se indispensável repensar a identidade do curso, em vista dessa moldura inovadora, dos personagens diversificados e também em função das demandas da própria sociedade. […] Buscamos aglutinar nossos pesquisadores em torno de duas linhas de pesquisa" (1998, p. 15-16) – eram elas: Estudos da Mídia e Estratégias e Políticas de Comunicação.

Decorridos mais quinze anos, a leitura de "Pensamento Comunicacional Brasileiro – O Grupo de São Bernardo" permanece atual. Isso porque esse texto de Introdução nos situa, independente de que tempo e onde estejamos, naquelas condições de possibilidade – as de 1978, quando da criação da PósCom Metodista; e as de 1998, quando de seus primeiros vinte anos e da publicação do livro.

> A publicação desta antologia destina-se a comemorar simbolicamente os 20 anos de atividades do Curso de Pós-graduação em Comunicação Social da Umesp. Ao reunir os textos paradigmáticos produzidos por seus docentes, durante duas décadas, temos a intenção de revelar à comunidade acadêmica os componentes da nossa identidade comunicacional (MARQUES DE MELO, 1998, p.17-18).

Antologia que está dividida em duas partes. Organização que "sinaliza as duas grandes fases que marcaram o perfil do curso nesses vinte anos" (1998, p.12). A primeira delas, "Idéias Germinadoras", é bastante heterogênea do ponto-de-vista teórico, refletindo a natureza multidisciplinar não só daquele primeiro grupo de professores, como das pesquisas em ciências da comunicação naquele momento. A segunda, "Idéias Atualizadoras", tem produções intelectuais "em dois patamares que se complementam dinamicamente" (1998, p.17).

> Num pólo, temos um conjunto de estudos macrocomunicacionais, denominado *estudos de mídia,* que procura dar conta do universo industrial da comunicação massiva, aí incluindo aqueles segmentos periféricos, tanto regionais quanto locais, que na verdade deixaram de ocupar papéis marginais no mercado midiático, convertendo-se muitas vezes em mecanismos retroalimentadores dos sistemas nacionais globais. […] O outro recorte, denominado *estratégias políticas de comunicação*, orienta-se para a análise dos processos de comunicação pública, tanto os direcionados para as audiências cativas dentro de microorganizações, quanto aqueles vocacionados para atingir audiências heterogêneas, anônimas e dispersas, socializando conhecimentos, divulgando informações e vulgarizando ideias, através do *mass media* (MARQUES DE MELO, 1998, p.17).

Ao todo são 38 artigos. Gestos de leitura que ajudaram na construção de um certo pensamento comunicacional brasileiro, aquele construído pelo "grupo de São Bernardo", como definiu seu entusiasta Marques de Melo, e que se esparramam entre as páginas 21 e 623. Essa grandiosidade da obra me levou a optar a falar menos sobre cada um dos textos individualmente, e mais sobre o todo e, principalmente, sobre o papel do professor José Marques de Melo, aquele que aglutina, que incentiva, que constrói junto a partir de sonhos e de utopias.

As "Idéias germinadoras" são compostas por 21 sementes/artigos, que foram produzidos entre 1978 e 1989. Pesquisas localizadas "no universo midiático, em fenômenos da comunicação não-hegemônica, e, no universo organizacional, na comunicação dialógica" (1998, p.14). Assim, alguns deles buscavam "compreender

a engrenagem midiática no contexto da transnacionalização" (1998, p.14); outros tinham como intuito "desvendar os mecanismos da mídia de pequeno porte, regional, comunitária, participativa e, ao mesmo tempo, elucidar as formas de apropriação da cultura popular ou da cultura erudita pela cultura massiva" (1998, p.14); uns estudavam "a mediação simbólica interclassista" (1998, p.14); e outros, ainda, voltavam seus olhares à "comunicação eclesial" (1998, p.14).

No primeiro grupo, o da transnacionalização midiática, figuram textos assinados por Carlos Eduardo Lins da Silva, Ciro Marcondes Filho, Fernando Perrone, Paulo José Krischke, Joel Camacho, José Manuel Morán Costas e Orjan Olsén. Já os artigos que dão conta das apropriações culturais pela grande mídia são de autoria de Egon Schaden, Jerusa Pires Ferreira, Luiz Roberto Alves, Luiz Fernando Santoro e Neusa Meirelles. No terceiro grupo situam-se os artigos de Cândido Teobaldo Andrade, Gaudêncio Torquato e Wilson da Costa Bueno. Já B. P. Bittencourt e Ismar de Oliveira Soares são os autores dos textos que compõem o quarto grupo de pesquisas.

Os outros 17 artigos referem-se às "Idéias atualizadoras", datadas de 1990 a 1998. Esses podem ser divididos entre aqueles que envolvem o "processo produtivo, das estratégias empresariais e dos fluxos de geração e difusão dos bens simbólicos às etapas de recepção e aos impactos provocados no organismo social" (1998, p.17); e os que "orientam-se para a análise dos processos de comunicação pública" (1998, p.17).

No primeiro grupo estão os textos de Adolpho Queiroz, Anamaria Fadul, Antonio Carlos Ruótolo, Cicilia Peruzzo, José Marques de Melo, José Salvador Faro, Luiz Roberto Alves e Sandra Reimão. Figuram no segundo grupo temático os artigos assinados por Gino Giacomini Filho, Graça Caldas, Isaac Epstein, Jacques Vigneron, Joana Puntel, Luiz Fernando Santoro, Onésimo de Oliveira Cardoso e Wilson da Costa Bueno.

Ao compararmos os autores de cada uma das partes, é possível observar que, entre os docentes da pós-graduação em Comunicação da Metodista, são poucos a figurar em ambas as listas. Ou seja, apenas faziam parte deste rol de especialistas na instituição nos dois momentos vividos por ela cinco professores-pesquisadores: José Marques de Melo, Luiz Fernando Santoro, Luiz Roberto Alves, Onésimo de Oliveira Cardoso e Wilson da Costa Bueno. Sendo que destes, três, embora fazendo parte do momento inicial dessa segunda fase, deixam a instituição antes da publicação do livro: Luiz Fernando Santoro, Luiz Roberto Alves e Onésimo de Oliveira Cardoso.

Também para este fato o professor Marques traz uma explicação em sua aula-introdução sobre os primeiros vinte anos da PósCom Metodista:

> Seu corpo docente se recompôs inteiramente. Da primeira equipe de professores poucos permaneceram na instituição. Houve uma migração, durante os anos 80, em direção às universidades estaduais e às católicas,

> então oferecendo melhores condições de trabalho. Isso foi reflexo da crise que abateu o antigo IMS, pouco antes da criação da Umesp. Já nos anos 90, na gestão do prof. Anisio Pereira, foram retomadas as diretrizes do projeto de excelência acadêmica que estavam na sua origem. Então, foi possível atrair professores qualificados das universidades públicas ou confessionais (MARQUES DE MELO, 1998, p.15).

Voltando ao livro, ele é composto ainda, além dos artigos, de um breve perfil acadêmico de cada um dos autores, antes do respectivo texto, que no momento da escritura dos papers compunham o corpo docente da Pós-Graduação em Comunicação Social da Metodista. Perfis redigidos pela co-organizadora do livro, Samantha Castelo Branco, que também assina com Marques de Melo o capítulo final do livro, "Perfil do Grupo Comunicacional de São Bernardo". E aqui pretendo me deter em dois pontos – a participação de Castelo Branco na obra e o próprio perfil do grupo.

Em relação a esse último item, o perfil do grupo comunicacional de São Bernardo destaca o fato de o grupo ser: 1) relativamente jovem, com idade média de 56 anos; 2) "ainda majoritariamente masculino", contando com oito homens e quatro mulheres; 3) "quase que exclusivamente integrado por brasileiros"; 4) não-endógeno. Além disso, elenca seus integrantes: Adolpho Queiroz, Anamaria Fadul, Antonio Carlos Ruótulo, Cicilia Maria Krohling Peruzzo, Gino Giacomini Filho, Graça Caldas, Isaac Epstein, Jacques Vigneron, José Marques de Melo, José Salvador Faro, Sandra Reimão e Wilson da Costa Bueno.

Hoje, o corpo docente da pós-graduação em Comunicação da UMESP é composto por quatorze professores-pesquisadores, dois a mais que em 1998. Porém, nesses quinze anos, mais uma vez, ocorreu uma grande recomposição do quadro. Dos doze citados acima, permanecem nos cursos de mestrado e doutorado da instituição apenas Cicilia Peruzzo, José Salvador Faro, Wilson Bueno da Costa, além do próprio José Marques de Melo. Por conta dessa constante reconfiguração o quadro continua sendo relativamente jovem. Os outros docentes atuais são Laan Mendes de Barros, Daniel dos Santos Galindo, Elizabeth Moraes Gonçalves, Fábio Botelho Josgrilberg, Kleber Markus, Magali do Nascimento da Cunha, Marli dos Santos, Paulo Rogério Tarsitano, Sebastião Squirra e Walter Lima Júnior.

Se, naquele momento, Marques de Melo dizia que o grupo:

1) "ainda" era majoritariamente masculino, contando com 33,3% de mulheres, hoje, se pensarmos em termos de gênero, a situação é mais desequilibrada ainda para o lado feminino. Como há quinze anos, ainda são quatro mulheres, porém, a presença delas diminuiu percentualmente para 28,57%;

2) "era quase exclusivamente composto por brasileiros", hoje 100% dos docentes são nascidos e formados aqui com aprimoramento de alto nível dos estudos no exterior (50% dos professores que atuam em 2013 cursaram pós-doutorado em universidades da França, do México, da Espanha, da Inglaterra e dos Estados Unidos);

3) a não-endogenia continua prevalencendo – dos quatorze professores, apenas quatro cursaram mestrado e/ou doutorado no programa da Metodista.

Chego, agora, ao segundo ponto levantado acima, a participação de Castelo Branco na co-organização da obra. Afinal, naquele momento, ela era doutoranda em Comunicação Social, pela UMESP. Participação que evidencia uma das características mais marcantes de Marques de Melo naqueles e nesses tempos: o de "pesquisador entusiasta das novas gerações" (GOBBI, 2010, p.35). Um professor atento aos talentos jovens, com olhar voltado para a formação de novos pesquisadores, de novos grupos que, pouco a pouco, continuam a contribuir para a formação de mais um ou de vários pensamentos comunicacionais brasileiros.

Assim, é marcante sua determinação em acolher os mais jovens, designar tarefas para que o campo da comunicação no Brasil não apenas não estagne, como continue crescendo e agregando novos pensamentos. São exemplos disso a inclusão de duas categorias voltadas aos pesquisadores com menos tempo de carreira no Prêmio Luiz Beltrão, idealizado por ele – Liderança Emergente e Grupo Inovador.

Outra iniciativa recente que pode ser aqui lembrada é a criação, também por ele, da chamada Geração INTERCOM. Grupo formado por pesquisadores da área da Comunicação, filiados à INTERCOM e que, em 2012, completaram 35 anos assim como a entidade. Maneira de aproximar a associação científica de seus componentes mais jovens. Trabalho agregador, mas também de construção de novos rumos para a pesquisa na área com as constantes ideias de JMM para novos trabalhos envolvendo os participantes.

Particularmente, me interesso muito por esta faceta de José Marques de Melo – a de chamar os mais novos para perto numa ação contínua de proposição sobre proposição, de desafio sobre desafio. Afinal, são essas atividades – que demonstram um pensamento sempre dinâmico, criativo e agitador – que me aproximaram do professor. Afinal, desde que realizamos em Guarapuava, no Paraná, especificamente na Universidade Estadual do Centro-Oeste, o INTERCOM Sul 2008 tenho tido a oportunidade (e também a sorte) de estar junto dele e envolta nessas iniciativas. Afinal, o trabalho realizado por nosso grupo, tendo a frente o professor Marcio Fernandes, nos valeu, em 2009, o Prêmio Luiz Beltrão, na categoria Grupo Inovador. Indicação que partiu do professor Marques que nos batizou de "Grupo de Guarapuava" que, agora, com a leitura de "Pensamento Comunicacional Brasileiro – O Grupo de São Bernardo", mais

nos enaltece. Afinal, é a mesma designação deste grupo que ele ajudou a criar e do qual faz parte até hoje; é a mesma designação dada pela mesma pessoa a dois grupos. Além disso, assim como INTERCOM, nasci em dezembro de 1977. Sou apenas doze dias mais velha que ela. Assim, faço parte dessa Geração também imaginada, vislumbrada e nascida sob a benção de JMM.

Foram muitas as surpresas, e também o aprendizado, proporcionados pela leitura de "Pensamento Comunicacional Brasileiro – O Grupo de São Bernando". Livro que contribuiu, ainda, para reforçar certezas, como a de que se hoje temos um pensamento comunicacional brasileiro, se temos um campo da Comunicação no Brasil, muito se deve ao "construtor de utopias", ao "guerreiro midiático" José Marques de Melo. Não é a toa que esse é o terceiro volume de sua Fortuna Crítica.

Referências

GOBBI, Maria Cristina. Trajetória Intelectual de José Marques de Melo: 1959-2009. In: HOHLFELDT, Antonio. **José Marques de melo, construtor de utopias**. São Paulo: INTERCOM, 2010.

HOHLFELDT, Antonio. **José Marques de melo, construtor de utopias**. São Paulo: INTERCOM, 2010.

MATTOS, Sérgio. **O guerreiro midiático** – Biografia de José Marques de Melo. São Paulo/Petrópolis: INTERCOM/Vozes, 2010.

Vanguarda no Pensamento Comunicacional

Andréa Cristiana Santos[1]

12.3 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José; CASTELO BRANCO, Samantha (Orgs.). **Pensamento Comunicacional Brasileiro**: o Grupo de São Bernardo. São Bernardo do Campo, SP: UMESP, 1998.

A contribuição teórica e metodológica de docentes do curso de Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo[2] (UMESP) é o tema da coletânea "Pensamento Comunicacional Brasileiro: o grupo de São Bernardo", lançado em

1. Professora do curso de Comunicação Social: Jornalismo em Multimeios, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Formada em Comunicação Social e Mestre em História pela Universidade Federal da Bahia, pesquisa a área de História da Imprensa. Atualmente, é Diretora de Documentação da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (Alcar). E-mail: andcsantos@uneb.br.

2. O curso foi criado pelo Instituto Metodista de Ensino Superior (IMS) em 1975, vinculado à Igreja Metodista que, desde 1938, tinha a Faculdade de Teologia, para formar quadros eclesiais. A universidade foi instalada em 1997.

1998. Com organização do professor José Marques de Melo e Samantha Castelo Branco, a coletânea reúne textos paradigmáticos do corpo docente durante os anos de 1978 a 1998, publicados na revista "Comunicação & Sociedade". Os escritos compartilham os desafios no ensino da comunicação social e as tessituras teóricas, consideradas de vanguarda, na área da pesquisa acadêmica.

Ao revisitar a coletânea, entrevemos os rastros deixados pela geração de pesquisadores. Um dos mais significativos é a presença do professor José Marques de Melo, responsável pela criação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Metodista, em 1978, que possibilitou a formação de jovens cientistas. Marques de Melo com sua capacidade visionária, junto com os demais professores, foi responsável por sedimentar o pensamento crítico na comunicação brasileira, a partir da experiência da UMESP.

Com formação acadêmica, visões de mundo e práxis diversas, o Grupo de São Bernardo é referência, até hoje, para os estudiosos da comunicação. Este estudo apresenta aspectos da coletânea e procura demonstrar as heranças teóricas que influenciam os estudos contemporâneos. Ao reler os artigos, percebemos a capacidade de criação do pesquisador que se propõe a produzir conhecimento sobre o seu tempo e a disseminá-lo.

O livro é dividido em quatro partes. A primeira é um relato do professor José Marques de Melo para situar historicamente a inserção dos pesquisadores na trajetória da instituição. A segunda, com o título de "Ideias Germinadoras", reúne 21 artigos elaborados no período de 1978 a 1989. Como o próprio nome faz alusão, os pesquisadores ousaram refletir um pensamento sobre a comunicação diante da realidade econômica, cultural e social do país que se traduzem em ideias singulares e são sementes de pesquisas até hoje. As reflexões derivam desde a comunicação com base eclesial, à expansão dos bens simbólicos de produção da cultura e à relação com a comunicação e a educação.

Com o título "Ideais Atualizadoras", a terceira parte reúne 17 artigos que demonstram os avanços na pesquisa comunicacional no período de 1990 a 1998. Os artigos refletem a produção de jovens pesquisadores nas áreas de Comunicação Popular e de Políticas e Estratégias Comunicacionais. A quarta parte contém um anexo com breve perfil do grupo de docentes.

A leitura da obra nos faz perceber um ciclo geracional marcado pela diversidade do pensamento e pela generosidade em compartilhar conhecimento. É prazeroso recolher as contribuições desses pesquisadores, pois os textos demonstram percursos teóricos que influenciaram o campo da comunicação nas últimas décadas. Nesse entrelaçar, seguramente, um dos fios mais duradouros é a presença do professor José Marques de Melo como um mestre a guiar os caminhos do ensino e da pesquisa da comunicação no país. Seguimos, portanto.

Visionários

Na apresentação da obra, o professor José Marques de Melo analisa a criação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UMESP, em 1978, que reuniu experiências acadêmicas heterogêneas, pluriespacial e intergeracional. Esse instante refletiu, ainda, políticas de cerceamento à liberdade, pois o professor Marques de Melo[3] foi proibido de lecionar na Universidade de São Paulo, o que o levou a compor o quadro de docentes da Metodista, em 1975.

Para o professor Marques de Melo, a multidisciplinaridade foi necessária para constituir um ambiente acadêmico eclético por excelência, "onde concepções diferentes se confrontam de modo dinâmico, onde personalidades diversas convivem e competem de forma civilizada" (1998, p.12). Esse grupo inicial era influenciado por estudiosos como Wilbur Schramm para fundamentar estratégias políticas nos Estados Unidos na década de 1930; e de Jorge Fernández, do Centro de Estudos Superiores de Comunicação para América Latina (CIESPAL), nos anos de 1960, com apoio da Unesco e da Organização dos Estados Americanos (OEA).

A natureza pluriespacial do grupo se originou na Escola Latina de Comunicação, que procurou mesclar influência acadêmica europeia e os estudos empíricos desenvolvidos nos Estados Unidos. O grupo foi formado por José Marques de Melo, Guadêncio Torquato e Candido Teobaldo Andrade, primeiros doutores formados pela USP; o teólogo Benedito de Paula Bitencourt, o filósofo Jaci Maraschin, antropólogo Egon Schaden, a socióloga Neusa Miranda, o psicopedagogo Joel Camacho e o cientista político Paulo José Krische.

Após a formação inicial, incorporaram-se ao projeto docentes com formação em universidades estrangeiras, como Onésimo Oliveira Cardoso e Ciro Marcondes Filho, na Alemanha; Fernando Perrone e Luiz Fernando Santoro, na França; Örjan Olsen e Carlos Eduardo Lins da Silva, diplomados nos Estados Unidos; e jovens pesquisadores com titulação em universidades brasileiras, como Wilson Bueno e Ismar de Oliveira Soares, orientandos do professor José Marques de Melo; além de José Manuel Moran.

Os docentes apresentavam uma diversidade de pensamento filosófico e ideológico, dialogavam com o funcionalismo, o marxismo, a teoria crítica, o pragmatismo e concepções da Teologia da Libertação para desvendar os fenômenos da comunicação midiática, os processos e as interações simbólicas.

---

3. Em 1974, o professor Marques de Melo foi acusado de compartilhar ideias subversivas com os alunos. Ele retornou à USP em 1979, com a anistia política. Cf: MATTOS, Sérgio. **O guerreiro midiático**. Petropólis: Vozes/São Paulo INTERCOM, 2010.

As primeiras ideias germinadoras viriam a ser elementos constitutivos dos conhecimentos compartilhados pela segunda geração de pesquisadores, formados no ambiente da própria instituição. Professores como Cicilia Peruzzo, José Salvador Faro e Wilson Bueno compõem, até hoje, o corpo docente do programa de pós-graduação.

Essa nova geração traz reflexões sobre os processos midiáticos que se traduzem na linha de Estudos de Mídia, propondo-se a problematizar questões sobre o universo cultural da indústria massiva, incluindo segmentos periféricos tanto regionais quanto locais, que deixavam de ocupar lugar marginalizado no campo da pesquisa. O outro recorte são os estudos das estratégias e políticas de comunicação, com pesquisas sobre processos de comunicação pública e integrada.

Esse campo de ideias sofreu atualizações que conformaram uma identidade, compreendendo os processos de comunicação como constitutivos da expressão humana a serviço do desenvolvimento social, econômico e da socialização da cultura, como afirma o professor José Marques de Melo. Dessa forma, os artigos são imbuídos de um sentido ético para pensar a comunicação nas suas interfaces dialógicas. Esta é uma das principais heranças do grupo de pesquisadores. É sobre essa perspectiva que a obra se apresenta como uma fonte de conhecimento para temáticas do campo da comunicação, as quais destacamos:

a) Estudos sobre Comunicação e Cultura

Com perspectiva crítica, os artigos apresentam contribuições teóricas inovadoras ao discutir o fenômeno cultural. Carlos Eduardo Lins da Silva, no artigo sobre Comunicação Transnacional e Cultura Brasileira, introduz reflexões de Raymond Williams[4] para entender as matrizes culturais a partir de sua materialidade, superando estudos que associavam o campo das ideias, crenças, artes, costumes à superestrutura. O autor dialoga com as ideias de Antônio Gramsci e Néstor Garcia Canclini para entender a cultura como valores, crenças com as quais os membros da sociedade procuram formular suas experiências e se propõem à ação, retomando a compreensão dos vínculos entre a vida cultural e material.

O autor faz uma crítica aos estudos que procuram reduzir os bens culturais aos reflexos da estrutura econômica. Isto não quer dizer que a dinâmica econômica não interfere sobre a ação cultural, mas os meios e os recursos materiais devem ser

4. WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

entendidos na dialética da vida social. No diálogo com Néstor Canclini[5], Lins da Silva analisou o fenômeno cultural a partir de como as classes, principalmente as subalternas, "elaboram sua própria produção cultural e selecionam, interpretam, reinterpretam e utilizam a das classes hegemônicas" (1998, p.45).

A partir desse diálogo teórico, o autor analisou as transformações culturais na sociedade brasileira a partir da inserção dos meios massivos como a televisão, o rádio e o cinema inseridos em uma lógica transnacional, tendo o país se projetado como importante produtor de bens culturais para toda a região da América Latina. Ele demonstrou, ainda, como o Estado tem sido o principal agente para a manutenção dos meios de comunicação, seja na defesa do controle econômico, bem como o de principal patrocinador.

Ciro Marcondes Filho também analisou produtos culturais – como a telenovela – inseridos em uma relação de mercado e de consumo. Embora com uma visão crítica sobre o objeto de estudo, o artigo se torna uma leitura relevante para perceber como a pesquisa empírica despertaria o interesse por esse campo de estudo nas décadas seguintes. É o que fez o professor Antônio Carlos Ruótolo. A partir de uma pesquisa de campo com 297 telespectadores residentes em Santo André, São Bernardo e São Caetano, ele identificou o padrão diferenciado de motivação para assistir aos programas televisivos e propôs uma tipologia de perfis de audiência. Escrito na década de 1990, o artigo traz os primórdios dos estudos de recepção, que procuram analisar os bens culturais na relação com os receptores, e apresenta inovação metodológica ao propor estudos empíricos de audiência.

b) Estudos sobre comunicação e educação

Na coletânea, encontramos textos que são emblemáticos para entender a origem dos estudos sobre os meios de comunicação e os processos educativos, o que, atualmente, chamamos de educomunicação. No artigo "Educar pela Comunicação: a análise dos meios na escola e na comunidade", José Manuel Moran propõe como instrumento para apreender a realidade a "leitura das trocas sociais, das relações entre as pessoas e das relações simbólicas" (1998, p.209).

Ao propor a análise crítica da mídia, o autor colocava em gestação um instrumento metodológico para desvendar a trama de significações culturais do tecido social não apenas no campo das representações ideológicas, mas na dimensão

5. CANCLINI, Néstor. **Teoria da Superestrutura e Sociologia das Vanguardas Artísticas**. In: Encontros com a Civilização Brasileira. Vol 18. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

material e pragmática. Os meios de comunicação, nessa visão, se tornam objetos sujeitos à problematização, ensejando a participação crítica dos receptores. Como o autor escreveu, "educar pela comunicação é procurar ajudar as pessoas individualmente e em grupo a realizar sínteses mais englobantes e coerentes, tomando como partida as expressões de troca que se dão na sociedade" (1998, p. 218). O texto demonstra vestígios de um pensamento crítico da comunicação na dimensão dialógica necessária aos estudos de comunicação.

Essa dimensão também está presente no texto do professor José Marques de Melo sobre a influência do pensamento de Paulo Freire. Marques de Melo retoma as ideias freirianas de conceber o homem como um ser de relações, e que tal proposta o insere no "mundo de comunicação" em relação com outros homens e com a natureza.

Nesse artigo, escrito há mais de três décadas, professor José Marques de Melo analisa como Freire pensou uma "pedagogia da Comunicação" baseada na instauração do diálogo e em uma visão da educação como conhecimento do mundo, capaz de comunicar e transmitir cultura. A essência da educação seria eminentemente comunicativa, dialógica. Para tanto, uma pedagogia aberta, libertadora, propensa à reelaboração, com trocas entre os sujeitos que agem mediados por uma práxis comunicativa, na qual as pessoas agem, pensam e vislumbram caminhos para a transformação.

Nesse sentido, Paulo Freire, como destaca Marques de Melo, já problematizava a comunicação vocacionada à participação ativa dos sujeitos, que interagem e se transformam a partir das mediações culturais. Esses dois textos são paradigmáticos para os estudiosos do campo da educomunicação. Neles, percebemos a influência de uma formação humanística e com sentido ético sobre a ação da comunicação, embasada no princípio da liberdade.

c) Estudos sobre comunicação popular

Percebemos na coletânea como o conceito de comunicação popular foi pensado pelos pesquisadores a partir da interação e acesso das comunidades aos meios tecnológicos. Em artigo sobre Rádios livres, Luiz Fernando Santoro analisou as possibilidades do sistema radiofônico como instrumento de comunicação que visa à transformação da realidade por meio da troca constante de informações entre governantes e governados, retomando, inclusive, um texto clássico de Bertold Brechet[6].

6. BRECHET, Beltold. Teorias do Rádio (1927-1932) In: MEDITSCH, Eduardo. **Teorias do Rádio**: textos e contextos Vol I. Florianopólis-SC: Editora Insular, 2005.

Na visão de Santoro, o rádio é um instrumento para a ação coletiva, um mobilizador das lutas populares, com relações horizontais entre o receptor e produtor. Essa comunicação produzida na comunidade está presente no texto de Ismar de Oliveira Soares sobre os boletins eclesiais, que se dedicavam a pensar questões sociais, como o *Caminhar Juntos*, publicado pela Diocese de Juazeiro, na Bahia.

Na década seguinte, em 1990, o artigo de Cicilia Peruzzo demonstra como esses primeiros pesquisadores anteciparam temáticas da comunicação popular que se concretizariam na experiências das rádios comunitárias, que introduziram inovações no conteúdo da programação e nos processos de gestão.

d) Estudos sobre jornalismo, narrativa e memória

Alguns artigos retomam a tradição de pensar os estudos sobre literatura, cultura e jornalismo. Na coletânea, Luz Roberto Alves discutiu a influência dos escritos de Euclides da Cunha para pensar a produção jornalística, relacionando história e memória. Outro artigo relevante é de José Salvador Faro sobre o projeto da revista "Realidade", até então única experiência de *New Journalism* no Brasil.

e) Estudos sobre Políticas de Comunicação

Na coletânea, encontramos artigos da professora Anamaria Fadul sobre a internacionalização dos grupos de mídia no Brasil, e da professora Graça Caldas sobre a influência das políticas de Comunicação no governo de José Sarney e Fernando Henrique Cardoso. Estes estudos demonstram o campo profícuo para as pesquisas atuais na área da Economia Política da Comunicação.

f) Ensino da Comunicação e os Desafios do futuro

No texto sobre a Pedagogia da Comunicação na América Latina, o professor José Marques de Melo assinalava para mudanças no perfil do profissional, na necessidade de maior interação entre as universidades e as empresas a fim de atender demandas de geração de conhecimento, priorizando estudos empíricos e metodologias inovadoras. O ensino deve priorizar a indústria de bens simbólicos e o seu impacto na sociedade. Os cursos devem ter laboratórios que possam possibilitar a experimentação e capazes de dinamizar a indústria cultural.

Um exemplo no campo da inovação do ensino foi demonstrado pelo professor Adolpho Queiroz com a disciplina de Propaganda Política, do curso de Comunicação Social da Universidade Metodista de Piracicaba. O autor defendeu a realização de atividades de caráter interdisciplinar produzidas por alunos para evitar a fragmentação do ensino e estimular o diálogo científico.

Os textos de José Marques de Melo e Adolfo Queiroz demonstram a necessidade de estimular a produção de conhecimento, aproximando os jovens profissionais da dinâmica da vida social e do mercado.

g) Estudos sobre comunicação integrada

Pesquisadores como Gaudêncio Torquato e Wilson Bueno são referências para os estudos na área da comunicação pública. Nos textos de Wilson Bueno, publicados nas décadas de 1980 e 1990, são demonstradas as transformações que o campo tem sofrido com a profissionalização de assessoriais de imprensa; o crescimento da comunicação integrada e a necessidade de interação com o público, com o acesso às novas tecnologias de comunicação. Os artigos assinalam para a necessidade de um profissional que atenda as diversas demandas de uma comunicação empresarial e pública mediada por interações em redes, o que ele já antecipava como tendências da cibercultura.

Considerações

Revisitar a obra "Pensamento Comunicacional Brasileiro: o grupo de São Bernardo" demonstra a relevância e atualidade dos textos para pensar a pesquisa em comunicação no país. A coletânea assinala o vigor de ideias que conformaram modos de pensar os objetos comunicacionais na relação com sua materialidade, inseridos em uma dinâmica da vida social, cultural e econômica. Embora localizados em um tempo e espaço histórico específicos, os textos trazem centelhas reflexivas de uma comunicação dialógica, que considera os sujeitos como capazes de reelaborar suas experiências e as ações culturais. E isso é uma herança significativa para aqueles que iniciam a sua trajetória como jovens pesquisadores do campo da comunicação.

Beltrán e a democracia através da comunicação

Lana Cristina Nascimento Santos[1]

13.3 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José; BRITTES, Juçara (Orgs.). **A trajetória comunicacional de Luis Ramiro Beltrán.** São Bernardo do Campo: UMESP, 1998.

O contar da trajetória comunicacional de Beltrán

A coletânea de artigos relata os esforços do pensamento e da pesquisa comunicacional latino-americana, iniciados com a ALAIC (Associação Latino-americana dos Investigadores da Comunicação), em especial, retomando a trajetória comunicacional e contribuições de Luis Ramiro Beltrán, para a ELACOM, Escola Latino-americana de Comunicação, tema central do I Ciclo de Estudos, realizado em 1997, na Universidade Metodista de São Paulo, promovido pela Cátedra UNESCO/UMESP de Comunicação Regional.

---

1. Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, atua na área de comunicação, linguagem e estratégias publicitárias na graduação e pós-graduação. Coordenadora do curso de Comunicação Empresarial EAD da UMESP (Lato Sensu), participante de grupos de pesquisa e membro da INTERCOM.

O evento e a posterior publicação procurou resgatar a história da pesquisa comunicacional e as perspectivas dos estudos (naquele momento), destacando-se pesquisadores internacionais e nacionais que fazem parte do cenário dos estudos da comunicação.

O livro organizado por José Marques de Melo e Juçara Gorski Brittes, além de apresentar referências ampliadas e documentos históricos no final da obra, encontra-se dividido em três momentos.

Na primeira parte, localiza-se a pesquisa na América Latina, seguido das perspectivas e finalizando com as memórias intelectuais de Beltrán, tornando-se assim, obra indispensável para os pesquisadores e estudiosos da comunicação.

O resgate histórico da primeira parte do livro confere a necessidade da reflexão e debate (à época da publicação) sobre os processos vinculados à comunicação que deveriam levar as políticas de comunicação à comunicação para o desenvolvimento, envolvendo não somente as trocas políticas, culturais e econômicas, mas também as contradições e desigualdades, ampliadas pelas novidades tecnológicas.

O Panorama da planificação e das estratégias de comunicação que refletiram a política setorial entre as décadas de 70 a 90, apresentando a necessidade de descentralizar a comunicação e sua planificação para que a efetiva democracia dos meios e das mensagens, conforme Beltrán fossem colocadas em prática, enfatizou-se no seu pensamento sobre a necessidade de sair da retórica para a prática, através de alianças dos países latino-americanos.

Conforme palavras de Sergio Caparelli (1998, p.55) "[...] os estudos da comunicação lidam com realidades mais complexas do que se pensava há 30 ou 40 anos". E destaca-se o pioneirismo de Luis Ramiro Beltrán que soube acompanhar e atuar na pesquisa da América Latina, abordando a negociação/conciliação para democratização da comunicação.

Na segunda parte da publicação, as contribuições de Luis Ramiro Beltrán são expostas, diante do panorama histórico, destacando o pioneirismo do homenageado, levando à consolidação da ELACOM. Diante de desafios, silêncios e fracassos, ressalta-se a preocupação com o desenvolvimento comunicacional e social, divulgando suas ideias por diversos países e em inúmeras correntes de pensadores, sempre engajado com as pesquisas sobre as políticas de comunicação para o desenvolvimento da América Latina.

"Se eu fosse encaixar o relato em uma breve trama, diria simplesmente isso: Beltran abriu portas" (DERVIN, 1998, p.78, tradução nossa).

Conforme Peruzzo (1998, p.78), os pioneiros como Beltrán possibilitaram novos olhares para o surgimento de "novas correntes, com abordagens inovadoras, entre eles estudos culturais, da comunicação popular, comunicação e as múltiplas culturas, gêneros massivos e os estudos de recepção", uma vez que,

até então, os estudos apoiavam-se em teóricos "importados" ao invés de buscar pensadores híbridos, característicos da América Latina.

A trajetória seguida por Luis Ramiro Beltrán foi delimitada em pontos essenciais: comunicação e desenvolvimento; crítica da desigualdade; democratização da comunicação; mudanças na pesquisa em comunicação.

> Comunicação é o processo de interação social democrático baseado no intercâmbio de símbolos mediante os quais os seres humanos compartilham voluntariamente suas experiências sob condições de acesso livre e igualitário, diálogo e participação (BELTRÁN, 1981).

Complementando a segunda parte do livro, as memórias intelectuais do comunicador, pesquisador e cidadão foram abordadas na parte três da obra.

Boliviano, nascido em 1930, Beltrán segue o perfil profissional da família, o jornalismo e, desde cedo, insere-se na área, mas também atuou como publicitário, relações públicas e produtor de documentários para o cinema, além de publicar poemas em suplementos literários de jornais na América Latina.

> O CELACOM'97 - I Ciclo de Estudos da Escola Latino-americana de Comunicação, foi dedicado às idéias de Luis Ramiro Beltrán, pesquisador boliviano. Ele revisou criticamente a aplicação das teorias comunicacionais norte-americanas para a América Latina, devido às grandes e gritantes diferenças no contexto político, educacional e social desses países. Ele foi escolhido como representante do grupo dos pioneiros da Escola Latino-americana, não apenas pela sua estatura intelectual como "pai das políticas nacionais de comunicação". Mas sobretudo pela sua dimensão humana, traduzida por uma postura ética como cientista e cidadão, servindo como referencial para as novas gerações de comunicadores e comunicólogos. "Luis Ramiro Beltrán simboliza justamente aquele paradigma de cientista da comunicação que pode ajudar nossa comunidade a construir/fortalecer sua identidade acadêmica. Suas raízes como produtor de conhecimento estão fincadas na prática comunicacional multimídia" (GOBBI, 1999).

O livro apresenta nos seus anexos, a bibliografia de Luis Ramiro Beltrán, organizada por Nohora Olaya de Beltrán e um arquivo de fotos que ressalta sua vida e obra, além de flagrantes de sua participação no I Ciclo de Estudos sobre a Escola Latino-americana de Ciências da Comunicação, ocorrido em 1997, na UMESP.

O livro, Trajetória Comunicacional de Luis Ramiro Beltrán, de 1998, organizado por José Marques de Melo e Juçara Gorski Brittes reúne assim as contribuições de

diversos autores para homenagear o pesquisador e cidadão, além de retratar um evento histórico que consolidaria as discussões e compartilhamentos dos pensamentos comunicacionais da América Latina, ampliando a divulgação histórica da formação da ELACOM e de pesquisas ao longo dos anos.

Referências

BELTRÁN, Luiz Ramiro. Adeus a Aristóteles: comunicação horizontal. In: **Comunicação e Sociedade.** Revista semestral de estudo de comunicação. n.º 6. São Paulo: setembro de1981.

GOBBI, Maria Cristina. Acervo do Pensamento Comunicacional Latino-Americano. **Revista PCLA. v.1, n.1. outubro / novembro / dezembro 1999. Disponível em:** http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista1/projetos2.htm. Acesso em: 08 nov.2013.

MARQUES DE MELO, José; BRITTES, Juçara Gorski. A Trajetória Comunicacional de Luiz Ramiro Beltrán. **Anais da Escola Latino-americana de comunicação.** São Bernardo do Campo: UNESCO/UMESP, 1998.

O cenário paulista das pesquisas em comunicação no ano de 2004

Marcos Corrêa[1]

14.3 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José; ADAMI, Antônio (Orgs.). **São Paulo na idade mídia**. São Paulo: Arte & Ciência Editora, 2004, 378p.

Com grande importância no cenário econômico nacional, a capital paulista é também tributária de importantes acontecimentos no universo da Comunicação Social. Mas sua contribuição não se percebe unicamente por ter sido palco de importantes fatos históricos da comunicação, mas por reunir diversos pesquisas sobre os processos midiáticos, como os destacados no livro "São Paulo na idade mídia".

Organizado por José Marques de Melo e Antônio Adami, o livro reflete um ciclo de estudos realizado no ano de 2004 intitulado "Itinerário da Mídia em São Paulo", e foi promovido pelo Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo – IHGSP, entidade centenária responsável pela preservação da memória da sociedade paulista.

Com o apoio da Cátedra UNESCO de Comunicação da

1. Professor da FAPSP – Faculdade de Comunicação. Doutorando em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: correa.mrcs@gmail.com.

Universidade Metodista de São Paulo e do Instituto Alfredo de Carvalho para o Resgate da Memória da Imprensa e a Construção da História da Mídia no Brasil, o livro reflete, segundo os organizadores, a contribuição de dois importantes núcleos paulistas que congregam pesquisadores das ciências da comunicação. O primeiro, ligado à universidade de São Paulo – USP, foi denominado por Marques de Melo como o "Grupo Butantã"; referência à localização da USP na capital paulista. O segundo, ligado à Universidade Metodista de São Paulo, recebeu o nome de "Grupo de São Bernardo", numa clara alusão ao município no qual se localiza a UMESP. Pensado desse modo, o livro é agrupado em torno de cinco núcleos de investigação temática, concebidas pelos organizadores como "itinerários": Itinerário da Imprensa, Itinerário do Rádio, Itinerário do Cinema, Televisão e Inovações midiáticas.

O "Itinerário da Imprensa" privilegia três estudos bastante diversos sobre a mídia impressa: o jornal paulistano "Diário de São Paulo", um jornal interiorano, o "Jornal de Piracicaba", e, por fim, um estudo sobre a ágil imprensa sindical na região do ABC paulista.

Com mais de cem anos de história, o jornal "Diário de São Paulo" é um dos mais antigos e influentes jornais paulistanos. Sua trajetória foi contada por Laércio Arruda no texto "Biografia de um jornal paulistano", fruto de sua pesquisa de mestrado defendida pela universidade Cásper Líbero. No texto, o autor (2004, p. 55) destaca não apenas a importância do jornal "Diário de São Paulo" no cotidiano dos paulistanos, mas sua relevância como veículo que "durante mais de um século sempre foi apontado como a grande escola para os jornalistas que iniciavam na profissão". Conhecido tradicionalmente como Diário Popular, o jornal, fundado em 1884 por José Maria Lisboa e Américo Campos, sempre possuiu uma mentalidade progressista. O autor destaca que ao longo do tempo o jornal passou por inúmeras transformações editoriais, mas permaneceu fiel ao que ele denominou como seu DNA, sendo o jornal paulistano que dá mais ênfase às notícias locais.

O texto "Biografia de um jornal do interior paulista", de Samuel Pfromm Neto, aborda um veículo igualmente centenário: o "Jornal de Piracicaba". Nascido na virada para o século XX o jornal é o quinto veículo impresso mais antigo do país. O autor destaca a contribuição de nomes importantes do jornalismo praticado no interior do estado, oferecendo ao leitor um panorama bastante passional da trajetória do veículo.

O último texto desse grupo é resultado das investigações de mestrado e doutorado de Valdenízio Petroli sobre o jornalismo do ABC paulista. Intitulado "Trajetória da imprensa sindical no interior paulista", o artigo tem o predicado de se dedicar a um tema pouco usual que é a história da imprensa alternativa, debruçando-se sobre temas caros ao universo da comunicação popular. A his-

tória do jornalismo sindical começa no ano de 1963 com o lançamento do "O Metalúrgico". O veículo surge como resposta ao anseio dos trabalhadores em criar canais específicos de comunicação com seu público. A imprensa sindical surge no mesmo período no qual a democracia brasileira sofria seu maior golpe. No entanto, mesmo sob forte pressão do regime militar implantado um ano após seu surgimento, a imprensa sindical inaugura uma nova estrutura do fazer jornalístico, intimamente ligado à dinâmica de reivindicações políticas de parcelas excluídas da população. Foi somente através da imprensa sindical que os trabalhadores deixam de ser tema na mídia tradicional para tornarem-se protagonistas de uma nova visão jornalística sobre questões populares.

O segundo itinerário trata do veículo Rádio. Esse grupo reúne textos que resgatam a história do veículo na capital paulista, além de oferecer ao leitor um panorama do cenário atual e as possibilidades abertas com a chegada da internet. Essa coletânea enfocou basicamente três aspectos: a rádio no contexto das cidades paulistas, os gêneros e formatos radiofônicos e as possibilidades abertas com o uso das redes via internet.

O primeiro texto, intitulado "O Rádio com sotaque paulista", foi escrito por Antônio Adami. Nele, o autor analisa momentos importantes da trajetória do veículo, como a formação das emissoras Associadas de São Paulo, pertencentes ao conglomerado de Assis Chateaubriand. Adami, nesse cenário, destaca a importância da "Rádio Record" de São Paulo e de seu fundador, o empresário Paulo Machado de Carvalho, que cria o veículo no ano de 1931. Associando o dinamismo da emissora ao do seu criador, Adami aponta que as transformações e pioneirismos experimentados pela "Rádio Record" possibilitaram que ela se tornasse a "Rádio da Revolução" ao se associar aos constitucionalistas da capital paulista na Revolução Constitucionalista de 1932, tendo a frente o locutor César Ladeira.

A segunda contribuição neste bloco resgata a trajetória das emissoras paulista destacando as transformações que a programação radiofônica sofreu ao longo de sua história. Desde o surgimento da primeira emissora, a "Rádio Educadora Paulista", em 30 de novembro de 1923, até as mais recentes contribuições de linguagem proporcionadas pelo uso do computador pessoal e da internet, o rádio paulista sempre incorporou transformações de linguagem e de programação, refletindo importantes aspectos da capital. No texto "Paulicéia radiofônica: gêneros e formatos", André Barbosa Filho destaca contribuições significativas na programação do veículo, como o serviço de reportagem volante criado pelo repórter João Ferreira Fontes, que transmitia pela "Rádio São Paulo", com um equipamento composto por um transmissor e bateria, as festividades do aniversário da capital. Trata-se de um texto bastante abrangente sobre a trajetória do veículo, mas que também abre discussões sobre seu futuro com o uso das tecnologias digitais.

O último texto, intitulado "O rádio paulistano na era da internet", de Lígia Maria Trigo-de-Souza, destaca a contribuição de linguagem que as novas tecnologias oferecem ao veículo e como as emissoras paulistas as utilizam. Os apontamentos da autora indicam que são poucas as rádios que funcionam especificamente com programação vinculada à Web. A maior parte das emissoras paulistas reproduz, via Web, a programação do dial, sem modificar os conteúdos oferecidos.

Para Trigo-de-Souza há uma grande diferença entre as emissoras que utilizam a Web como plataforma para divulgação das suas atividades. Para a autora (2004, p. 161), as emissoras podem ser divididas em três grandes grupos: emissoras *offline*, *online* e as *Net* ou *WebRádios*. As emissoras *offline* são aquelas que ocupam lugar na Web, mas utilizam o espaço como páginas institucionais, divulgando informações gerais sobre a programação, contato ou serviços em textos e imagens. Elas necessariamente existem fora da Web, oferecendo sua programação através das ondas hertzianas. Já as emissoras *online* são aquelas que oferecem alguma programação via internet. Esse grupo abrange emissoras que oferecem via web uma programação anterior, existente no dial, e aquelas que possuem uma transmissão exclusiva, especialmente criada para esse espaço. Por fim, as *NetRádios* ou *WebRádios* são emissoras exclusivamente *online*. Elas só existem no mundo virtual. Esse tipo de rádio representa apenas 15% de todas as emissoras com transmissão online. Para a autora (2004, p. 168), "no caso das *WebRádios* [...], a promessa de um rádio individualizado, com centenas de canais e a possibilidade de cada internauta se tornar um emissor, está ainda muito distante".

O "Itinerário do cinema" começa com um artigo que reconstituiu a mais significativa aventura cinematográfica paulista: a história da "Companhia Cinematográfica Vera Cruz". Escrito por Antônio de Andrade, o texto recupera os diversos estágios da evolução do cinema paulista, destacando personagens e aspectos históricos que deram origem a mais importante companhia cinematográfica do país. Surgida em 04 de novembro de 1949, a Vera Cruz é resultado do investimento de parte do empresariado paulista. Constituída como uma sociedade anônima, tendo por objetivo a produção de filmes cinematográficos, a primeira diretoria foi formada por Francisco Matarazzo Sobrinho (conhecido por "Cicilio" no meio empresarial), Franco Zampari e Carlo Zampari. Grande escola de cinema, a Vera Cruz possibilitou o contato de brasileiros com profissionais vindo de diversas formações e nacionalidades.

A grande contribuição da companhia foi impor um padrão de excelência na produção cinematográfica nacional. Para o autor (2004, p. 187) "as exigências perfeccionistas e o padrão de qualidade que a Vera Cruz impôs ao mercado, fizeram surgir laboratórios de revelação, sonorização, finalização e copiagem, anteriormente inexistente no Brasil". A presença da companhia no cenário nacional

foi fundamental para o surgimento de um criativo cinema paulista independente. Parte dos técnicos formados pela companhia foi absorvido pelo mercado publicitário que a partir da década de 1950 passou por acelerado crescimento por conta da consolidação do mercado televisivo.

O segundo percurso do "Itinerário do Cinema" é sobre a Caravana Farkas, ambicioso projeto de documentação cinematográfica das manifestações da cultura popular brasileira entre 1968 e 1970. No texto "O neobandeirantismo da Caravana Farkas", Alfredo Dias D'Almeida (2004, p. 191) retoma aspectos do bandeirantismo paulista, afirmando que a caravana tinha por objetivo "documentar como vivia o homem brasileiro, de Norte a Sul, mostrando suas especificidades e regularidades, registrar para o futuro uma cultura em vias de desaparecimento". Para D'Almeida, os documentários da Caravana Farkas estão permeados de um debate sobre a função social do cinema e seu papel como instrumento de transformação social. A caravana teve o predicado de retratar as "descompensações nacionais" (D'ALMEIDA, 2004, p. 202), num momento em que o país, mergulhado no Regime Militar, mostrava que o progresso atingia todos os rincões do país. Segundo o autor (2004, p. 203), a Caravana Farkas problematizou a questão da cultura popular, desvelando as contradições da miséria do interior do país e confrontando o saber intelectual com um "saber inusitado, diverso, próprio de uma cultura que não é transmitida por escolas, pelo livro, pelo jornal, mas que tem outras fontes como a tradição e a prática de vida".

O último texto do percurso pelo cinema focaliza a adaptação do romance "As meninas", de Lygia Fagundes Telles, para o cinema. Escrito por Helena Bonito Couto Pereira, o texto "Imaginário paulistano: do livro à tela. Uma representação emblemática dos anos 70: As meninas, de Lygia Fagundes Telles" o texto localiza a adaptação do livro para a tela no ano de 1995, sob a direção de Emiliano Ribeiro, tendo como pano de fundo a sociedade do período, em meio a repressão dos "anos de chumbo".

O "Itinerário da Televisão" privilegia o olhar sobre os primeiros momentos da TV em São Paulo, a dramaturgia realizada na terra da garoa e as produções televisivas paulistas adaptadas de produções literárias de autores regionais. O primeiro texto, de autoria de Osmar Mendes Júnior, intitulado "Antenas paulistas: imagens em preto e branco" revisa o período que vai da implantação da TV no Brasil até o ano de 1972, período no qual a transmissão televisiva ocorria unicamente em preto e branco. Trata-se, segundo o autor, de um período no qual a linguagem televisiva foi se constituindo ao mesmo tempo em que as transformações urbanas da capital paulista tornavam cada vez mais dinâmica a necessidade de produção de conteúdo para o novo veículo. A contribuição do texto de Mendes Júnior está na preservação da memória de um dos períodos mais criativos da história da TV paulista e que ajudam a entender a própria dinâmica da metrópole.

Já o texto "A saga de Ivani Ribeiro: folhetins coloridos", escrito por Fátima Feliciano, destaca a contribuição da escritora, recordista de público e com mais de quarenta obras escritas para a televisão. Feliciano destaca a importância da dramaturga à frente de novelas como "A barba azul", "A grande viagem", "Almas de Pedra", "O profeta" e "A gata comeu", que atingiram picos significativos de audiência, sendo inclusive regravadas. Essas novelas trazem o que ela chamou de "fórmula Ivani Ribeiro". Segundo a autora (2004, p. 254/5), "na verdade sempre se soube do talento de Ivani para prender as pessoas ao sofá, por meses a fio, desde sua atuação em radionovelas".

Feliciano destaca a lucidez da dramaturga ao discutir questões importantes como a condição feminina. "Todas as suas personagens femininas, as protagonistas ou não, ou são extremamente fortes ou vão se transformar em mulheres fortes, ao longo ou ao final da novela" (FELICIANO, 2004, p. 258). A contribuição significativa do texto de Feliciano está em retomar a importância da autora não apenas na constituição da telenovela brasileira, mas da sua permanência no imaginário televisivo do brasileiro uma vez que suas obras permanecem como uma das mais expressivas referências da teledramaturgia.

A análise da programação televisiva paulista foi descrita por Sandra Reimão que destaca a telenovela paulista produzida entre os anos de 1950 a 1962, período no qual as transmissões ainda não contavam com os recursos tecnológicos dos vieotapes e a dramaturgia precisava ser feita ao vivo. De pequenos blocos de vinte minutos, exibidos duas vezes por semana, até a primeira telenovela diária "Sua vida me pertence", em 1963, a televisão paulista realizou 164 produções ficcionais seriadas. A primeira telenovela "diária" paulista foi a "2-5499 Ocupado", exibida pela TV Excelsior, Canal 9. O roteiro era do argentino Alberto Migré e começou sendo exibida três vezes por semana até que em agosto de 1963 passa a ser exibida diariamente. Reimão destaca o pioneirismo da TV paulista na consolidação do mais importante gênero da dramaturgia televisiva brasileira.

O itinerário final do livro "São Paulo na idade mídia" é dedicado às inovações. Nomeado como "Inovações midiáticas", o capítulo traz três textos que apresentam visões bem diversificadas: a trajetória dos quadrinhos, a informatização da imprensa e a emergente história da webmídia.

A trajetória do uso das novas tecnologias na mídia impressa brasileira foi apresentada por Ruth Vianna no texto intitulado "Informatização da imprensa: bandeirantes midiáticos" que expôs o modo como as novas tecnologias de comunicação (NTC) influenciaram as redações. A autora realizou uma análise comparativa entre os jornais paulistas "Folha de São Paulo", "O Estado de São Paulo" e "Tribuna de Santos" e os jornais "O Globo" (Rio de Janeiro), "Diário Catarinense" (Florianópolis), "Zero Hora" (Porto Alegre) e o "Jornal Novo Hamburgo" (região metropolitana de Porto Alegre). Em suas considerações,

Vianna aponta questões como economia como um dos fatores fundamentais para a adaptação das redações ao modo informatizado. A autora destaca ainda o papel da internet como novo responsável por um novo paradigma na forma de produzir informação, ressaltando o papel do Jornal "Folha de São Paulo" na implantação do "Workstation", que permitia a composição da página do jornal, visualizando sua aparência final.

O itinerário das histórias em quadrinho foi apresentado no texto "Quadrinhos paulistanos: de Agostini a Maurício", escrito por Sônia Maria Bibe Luyten. A autora destaca a contribuição dos artistas paulistas na consolidação das histórias em quadrinho como um gênero destinado tanto ao entretenimento, quanto às críticas sociais e de que modo eles se inserem no contexto das redações de jornal. Luyten destaca a primazia do italiano Angelo Agostini que se destaca na capital paulista produzindo quadrinhos como "Nho Quim", "O Diabo Coxo" e "O Cabrião". Segundo a autora, a importância da capital paulista para a configuração das histórias em quadrinho não está apenas no fato de possuir o maior parque gráfio da América Latina, mas pelo fato de possuir instituições, prêmios e toda uma série de atividades dedicadas ao gênero como Gibitecas e núcleos de pesquisa.

Em relação às publicações, Luyten destaca ainda a forma como as redações de alguns jornais absorveram o gênero, criando suplementos infantis como no jornal "A Gazeta", ao publicar "A Gazetinha", lançada em 1929. Além da absorção das histórias em quadrinho pelos jornais do período, o gênero alcançou notoriedade na capital paulista através de publicações alternativas, tocadas especialmente por imigrantes estrangeiros. Como gênero alternativo, as HQs acabaram absorvendo os ecos de contestação da juventude. O "Pasquim no Rio de Janeiro" e o "Grilo" em São Paulo trouxeram ao público referências do universo *underground* e acabaram por ampliar a participação do gênero no cotidiano dos brasileiros e em particular de boa parcela da população paulistana.

Por fim, o último percurso das inovações midiáticas foi apresentado por Walter Lima no texto "Webmidia: capítulo paulista da história emergente", que analisou como a internet se configurou como um veículo de comunicação a partir da análise de dois casos específicos: os *websites* de "A Tribuna Digital" (Baixada Santista) e o "Diário On-Line" (ABC Paulista). A importância dos veículos recai sobre a primazia de oferecer ao público conteúdo regionalizado e de referência no país.

****

Refletindo a própria dinâmica da capital paulista, suas contradições, trânsitos e trocas, o livro "São Paulo na idade mídia" tem como predicado a arte de absorver questões que estavam na "ordem do dia" das pesquisas em comunicação no ano de 2004. Apesar de citados como pertencentes a dois grupos muito determinados

(Grupo do Butantã e Grupo de São Bernardo), os trabalhos apresentados no livro refletem um trânsito incomum entre esses dois núcleos de pesquisadores. A própria publicação do livro "São Paulo na idade mídia", editada com apoio institucional do Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP, já é um exemplo da intensa troca de experiências e personagens na cena paulistana. Dos quinze autores, seis estão associados aos dois núcleos (Alfredo Dias D'Almeida, André Barbosa, Helena Bonito, Laércio Arruda, Ruth Viana e Walter Lima), três deles citados também em outros quatro grupos que agregam pesquisadores da área: "Grupo das Perdizes" (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), "Grupo da Consolação" (Universidade Presbiteriana Mackenzie), "Grupo da Avenida Paulista" (Faculdade Cásper Líbero), "Grupo da Vila Clementino" (Universidade Paulista) e "Grupo de Santos" (Universidade Católica de Santos).

Os estudos apresentados no livro refletem a preocupação dos seus autores em ampliar problemas de investigação ainda abertos sobre os processos midiáticos no estado de São Paulo. As pesquisas oferecem ao leitor não um panorama de grupos, mas da própria dinâmica que a investigação em comunicação na capital paulista oferece à sociedade. Transitando entre grupos, ou unicamente vinculados à uma instituição de pesquisa, pode-se pensar antes num panorama geral das preocupações de investigação em ciências da comunicação realizadas por pesquisadores paulistas do período.

Para construir uma Sociedade da Informação menos mercantilizada e mais cidadã

Virgínia Salomão[1]

15.3 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José, SATHLER; Luciano (Orgs.). **Direitos à Comunicação, Direitos da Informação.** São Bernardo do Campo: UMESP, 2005.

"Direitos à Comunicação na Sociedade de Informação" é obra fundamental para quem pretende levantar as principais instituições, pesquisas e autores dedicados à reflexão, sistematização, disseminação e efetivação do direito à comunicação. A compilação de artigos, em sua maioria, publicados originalmente em língua estrangeira, reúne referencial bibliográfico capaz de contextualizar o papel das TICs – Tecnologias da Informação e Comunicação - na complexa caminhada dos Direitos Humanos, desde que foram positivados, em 1948.

Embora permita leitura de capítulos separadamente, é recomendável que se inicie com o primeiro deles, de autoria de Antonio Pasquali (2005, p.15-48), pois nele se redimensionam conceitos seminais no que toca à delimitação dos sentidos dos termos "informação" e "comunicação".

1. Advogada, jornalista, doutora em Comunicação Social (UMESP) e professora titular na Universidade Paulista – Unip.

Do mesmo modo, o capítulo escrito por Cees J. Hamelink (2005, p.103-152), que reposiciona a trajetória histórica que insere os Direitos à Comunicação no rol da normatização internacional dos Direitos Humanos, tem função exordial ao conjunto da obra.

Ao propor a divulgação da Campanha pelos Direitos à Comunicação na Sociedade da Informação – mundialmente conhecida com CRIS – *Communication Rights in the Information Society* – e seus reflexos no Brasil e América Latina, o livro abre-se, em sua primeira seção, à discussão da nova economia, esta que se rege pelas TICs, traçando um panorama mundial das novas formas de organização do trabalho e das demandas sociais, culturais e comunicacionais.

Na segunda seção do livro, o cenário brasileiro é desvelado, mostrando-se os avanços e os entraves do setor midiático na consolidação de políticas públicas focadas na comunicação.

Antonio Pasquali propõe leitura crítica do glossário comunicacional

Dispondo-se a amenizar a polissemia de termos importantes nas áreas de comunicação e informação, Antonio Pasquali discorre neste artigo sobre as possíveis reconceitualizações do respectivo vocabulário técnico. O autor retoma a chance, desperdiçada pela última Cúpula Mundial da Sociedade da Informação, a *World Summit on the Information Society* – WSIS, realizada em 2005, de oferecer aos diversos profissionais envolvidos com tema um glossário terminológico que reduza os conflitos provocados pela imprecisão de seus delineamentos e consequente exercício pauperizado das relações de humanas decorrentes do processo informativo e comunicativo. É, ademais, esta a principal preocupação do teórico: por detrás da ambiguidade terminológica adotada pelos organismos mundiais responsáveis pela implementação de uma nova ordem mundial da comunicação e da informação, escondem-se tremendas mudanças no tratamento dado à questão.

Em outras palavras, estamos assistindo a uma migração forçada das deliberações sobre o controle das comunicações de organismos originariamente mais consensuais para aqueles menos intergovernamentais, ou seja, migra-se da ONU, e seus desdobramentos institucionais, para os chamados "clubes dos mega-poderes", como o são o Fundo Monetário Internacional – FMI, o Banco Mundial, a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico – OCDE, a Organização Mundial do Comércio – OMC, e o Grupo dos Oito – G8. Logicamente, os princípios que regem tais organismos possuem caráter essencialmente econômico, técnico e comercial, a despeito das implicações sociais e da dimensão moral inerente ao gerenciamento da comunicação e da informação em escala global.

Assim, Pasquali nos faz ver que para além das implicações semiológicas, científico-técnicas ou comerciais que estão a distorcer a natureza dos processos comunicativo e informativo, a sociedade está perdendo seu direito de participação nas decisões relativas a esta área. E ele exemplifica por diversas vezes com os modos pelos quais as macrorealidades e as relações humanas estão sendo suplantadas em favor da promoção das telecomunicações, especialmente da Internet e das tecnologias móveis, como se pôde ver nas reuniões preparatórias para a Cúpula Mundial. As relações humanas, implícitas no processo da comunicação, são, portanto, o início desse novo vocabulário que Pasquali propõe para todos aqueles interessados no equilíbrio, na paz e na justiça das relações entre os seres humanos.

Dada esta primeira ênfase, o pensador venezuelano adentra o terreno da moral e das deontologias, procurando clarificar seus conceitos, também geradores de confusão, a começar pela abolição do termo código de ética. O uso indiscriminado de tais códigos tem mascarado a substituição do controle moral dos grupos pela auto-vigilância, o que deturpa na essência o conceito de moral e ética. As deontologias só seriam válidas na visão de Pasquali, se apoiadas num conjunto de normas morais pré-existentes e ancoradas em cenários externos aos diversos grupos profissionais que as adotam. Do contrário, têm servido apenas como pretexto para prática de atos originariamente amorais. Para a moralidade, por sua vez, Pasquali prescreve urgente atualização, conceitual e semântica, sob pena de sua inaplicabilidade e suplantação por interesses financeiros ou políticos. Necessitam de resgate também, neste novo glossário proposto pelo teórico, as noções de comunicação e informação, submersas que estão na babelização gerada pelos vertiginosos progressos das novas tecnologias.

Nesse passo, Pasquali tenta recompor a pureza dos seus gerúndios, informando e comunicando, tendo como pano-de-fundo a mais abrangente categoria deste campo, a das relações humanas. Distinguindo ontologicamente os dois termos, com base na filosofia kantiniana, comunicação referir-se-ia apenas a processos dialógicos, consensuais e equitativos nos quais emissor e receptor possuem poderes e habilidades iguais, ao passo que, informação deveria se referir aos processos impositivos, unidirecionais, não recíprocos entre os dois polos. Isto posto, mudariam o entendimento e as formas de implementação dos Direitos à Comunicação, entendidos como regulações tendentes a aprimorar a reciprocidade nas relações humanas. Qualquer decisão acerca do uso dos canais de comunicação, dos códigos, dos conteúdos e todos os elementos do processo comunicativo deve ser consensual e democraticamente deliberada, o que exclui delegações exclusivas e injustas do poder de deliberar a organismos mundiais que trabalham com dois pesos e duas medidas.

A teoria do livre fluxo da informação, que esquentou os debates acerca da nova ordem mundial da comunicação e da informação durante os anos 70 e 80 é outro dos pontos carentes de releitura, segundo Pasquali, dada a complexificação

recentemente trazida pelas novas tecnologias. Esta releitura incluiria problemas como a segurança dos dados e a prática de crimes digitais, a vulnerabilidade destes bancos de dados eletrônicos, a espionagem e o fim da privacidade.

De todas as suas proposições, a princípio, a mais polêmica parece ser a que advoga a antinomia entre acesso e participação, ao contrário, pois, do que defendem alguns teóricos mais otimistas quanto às facilidades de acesso à informação hoje existentes, em relação aos inputs. Mas o peso dos embargos postos contra os softwares livres, as fontes e códigos abertos, a maleabilidade dos direitos à propriedade intelectual, são alguns dos indicadores, segundo Pasquali, de que não há, na prática, sinonímia entre acesso e participação. Ele deixa claro que esta significa exercício da capacidade de produzir e transmitir mensagens de qualquer natureza e este sentido não pode ser inferido de nenhum dos documentos oficiais da WSIS, onde a noção é bem mais limitada e "dessocializante". Já o discurso pró-acesso à Sociedade da Informação, encampado por grupos de mega-empresários das telecomunicações, é responsável pelo consumo exacerbado do acesso à informação.

Em contraposição, Pasquali sugere várias e criativas formas de aumentar a participação da sociedade, taxando aqueles que lucram com comunicação, por exemplo, a criação de comitês de usuários para fiscalização e inserção dos mesmos em órgãos decisórios sobre o setor. Professa o aumento do acesso à Sociedade da Informação através da aprovação pela Cúpula vindoura da Declaração Universal sobre os Direitos à Comunicação, cujos pontos principais estão ancorados numa noção vicária dos meios de comunicação. Novos contratos sociais deveriam garantir que a sociedade pudesse cobrar obrigações e padrão de qualidade dos concessionários de radiodifusão, bem público que é, bem como, acordarem sobre novos padrões universais de segurança da informação. E mais que isso, evitar as especulações financeiras em grande escala no território dos negócios do mercado da informação e da comunicação, como já houve com a Nasdaq, nos EUA, e a UMTS, na Europa.

O novo glossário de Antonio Pasquali para além de centrar-se nas antinomias da Sociedade da Informação, convida a uma acurada reflexão e reposicionamento no que toca ao futuro das relações humanas, à reciprocidade na comunicação, que pode conduzir ao fortalecimento do seu caráter essencialmente isodinâmico, ou, ao invés, levar-nos todos a uma dependência doentia dos mais poderosos, os monopolizadores dos direitos à comunicação, com isso ferindo para a morte o organismo social. A natureza propositiva do texto do pesquisador torna-o uma das raras vozes no cenário acadêmico a não se restringir apenas a teorizações, vazias de aplicação prática.

Questões de gênero, democratização e informática comunitária

Considerando o panorama mundial dos direitos à comunicação, Dafne Sabanes Plou (2005, p.153) adiciona ao já estabelecido binômio "questões de gênero e TICs" pontos tangenciais tais como os direitos trabalhistas das mulheres no mercado da nova economia e as políticas educacionais. Professando mudanças radicais nesse campo, a autora defende a implementação de garantias legais à inserção feminina nos processos decisórios relativos à distribuição de recursos destinados à ciência e tecnologia.

Embora ateste a participação do movimento feminino no processo preparatório da última Cúpula Mundial da Sociedade da Informação – WSIS -, Plou reconhece que o rápido crescimento da digitalização no campo da telemática tem repercutido não apenas na comunicação, mas também nas formas de pensamento e na atuação da prática diária das interações sociais, tendentes a reproduzir as desigualdades arraigadas nas diversas culturas, de viés patriarcal. Nesse jogo em curso, a cidadania feminina necessita revigorar estratégias a fim de inserir-se na nova ordem geopolítica, submetida que está aos fluxos de informação e conhecimento. Experiências bem sucedidas no México e na Indonésia (PLOU, 2005, p.158) demonstram a força da *World Wide Web* na instrumentalização do ativismo feminista e na recomposição da voz feminina dentre os tomadores de decisão.

Marc Raboy (2005, p.181-202), por outro lado, analisa, em seu capítulo, os impactos da monopolização da mídia no percurso da democratização das comunicações ao redor do mundo. De caráter público ou privado, a consolidação da propriedade de conglomerados midiáticos tem afetado o exercício dos direitos humanos, no que toca às liberdades fundamentais, notadamente, a liberdade de expressão. É fato que a concentração da propriedade no setor comercial, e/ou estatal, compromete a diversidade e a pluralidade de informação e opinião, maculando o ideal da ampla participação dos indivíduos na esfera pública e no desenvolvimento da cidadania. Raboy questiona a trajetória factual dos direitos à comunicação diante da desregulamentação da mídia, em alguns países, e da perda da regulamentação, em outros, redundando em paradoxos, quase sempre concluídos com a falta de responsabilidade social da mídia. Para ele, a negociação de uma espaço internacional para negociação relativa à regulamentação da mídia seria uma saída, à medida em que estes descompassos internos passariam a receber uma atenção ao nível global (RABOY, 2005, p. 187). O autor destaca as últimas tentativas nesse sentido consubstanciadas no relatório da ONU da Comissão Mundial sobre Cultura e desenvolvimento (WCCD – World Comission or Culture and Development), de 1995, e a Minuta de Plano de Ação para Políticas Culturais para o Desenvolvimento, de 1998.

De outra parte, William McIver Jr. (2005, p.65-102) ressalta as iniciativas comunitárias desenvolvidas no campo da chamada Informática Comunitária, tanto na esfera acadêmica como, nas políticas públicas. Na base desses projetos está o fortalecimento das comunidades, no que diz respeito ao potencial repressor e excludente embutido no domínio das TICs. Mais do que uma abordagem participativa, estes projetos visam a instrumentalizar as comunidades de modo que possam compartilhar também o controle das tomadas de decisão sobre o ambiente socioeconômico e cultural que as envolve. Os benefícios da informática comunitária, assim entendida, são listados pelo autor (MCIVER JR, 2005, p.70) levando em conta o âmbito geográfico (local ou regional, nacional, global) e seus efeitos potenciais diretos e indiretos. Entre eles há desde o aumento ao acesso à informação sobre o mercado local – e seus pequenos produtores – ao aumento de empregos no setor das Tics, até a facilitação das transações entre empresas locais e nacionais, à melhoria geral nos índices de desenvolvimento humano e da pobreza.

Com uma visão bem menos promissora, Gaëtan Tremblay (2005, p.49-64) afirma que tais avanços da chamada Sociedade da Informação, algumas vezes, são meras distorções da realidade. Para ele, a Sociedade da Informação é, na sua essência, uma ideologia capitalista, que como qualquer outra ideologia , desempenha a função de traduzir os fatos, interpretando-os de maneira tendenciosa.

Sem contestar o protagonismo da nova economia, a que ele denomina "economia do saber" (TREMBLAY, 2005, p.50), desvela seu cunho determinista e tecnológico sem romper com a evolução do capitalismo, como afirmam alguns observadores. Tremblay propugna que toda forma de produção, desde a manufatura até a industrial, pressupõe o domínio do conhecimento e discute minunciosamente o capitalismo informacional de Manoel Castells (1999), expondo suas fragilidades. Ele ressalta a necessidade de repensar novos modos de regulação da Sociedade da Informação, visto que a simples evocação de uma ordem econômica global não joga muita luz sobre os diversos sistemas de governo em andamento ao redor do mundo. Em muitos, o Estado-providência ainda não desapareceu por completo, e os mecanismos de integração entre etnias, culturas e a democracia eletrônica não podem ser tratados da mesma maneira.

Democracia comunicacional: Dilemas Brasileiros

Trançando uma trajetória da democracia comunicacional no Brasil, Peruzzo (2005, p.269) também toca neste tema, discutindo os entraves ao desenvolvimento do pleno acesso à comunicação. Para ela, embora a internet possibilite novas formas circulação de mensagens, desbancando "os agentes profissionais

da mídia tradicional", isto não implica o fim das diferenças econômicas, culturais, geográficas e políticas. A classe dos desconectados, para ela, só será atingida com políticas públicas horizontais e múltiplas que ampliem o número de emissores, os "cidadãos jornalistas" (PERUZZO, 2005, p.279).

Neste sentido, Marques de Melo (2005, p.241) afirma que mesmo a considerarem-se os avanços na liberdade de imprensa, de expressão e na conquista do direito à informação experimentado nas últimas décadas, o Brasil ainda padece da exclusão comunicacional. Para ele, esta exclusão não se explica apenas pelos déficits no acesso à internet, mas também se caracteriza pelos hábitos de consumo dos internautas, mais afeitos ao "imediatismo utilitarista" que aos temas de interesse público, capazes de fortalecer a consciência cidadã.

Na mesma senda, Murilo César Ramos (2005, p.252) detalha qual seria o conteúdo ideal para uma agenda de mobilização por políticas públicas com vistas à formulação de um modelo comunicacional mias justo e democrático. A lista dos potenciais eixos norteadores desse modelo é longa, mas, seu fundamento é conciso: desmercantilizar o campo dos direitos à comunicação, recolocando-o como inafastável instrumento de educação pública e formação cidadã.

Referências

PASQUALI, Antonio. **Um breve glossário descritivo sobre comunicação e informação.** In: MARQUES DE MELO, José, SATHLER, Luciano (Orgs.). Direitos à Comunicação na Sociedade da Informação. São Bernardo do Campo: UMESP, 2005. p.15-48.

TREMBLAY, Gaëtan. **La sociedad de la información y la nueva economía: promesas, realidades y faltas de un modelo ideológico.** In: MARQUES DE MELO, José, SATHLER, Luciano (Orgs.)**.** Direitos à Comunicação na Sociedade da Informação. São Bernardo do Campo: UMESP, 2005. p. 49-64.

MCIVER JR., William. **Uma informática comunitária para a soceidade da informação.** In: MARQUES DE MELO, José, SATHLER, Luciano (Orgs.). Direitos à Comunicação na Sociedade da Informação. São Bernardo do Campo: UMESP, 2005. p.65-102.

HAMELINK, Cees J. **Direitos Humanos para a sociedade da informação.** In: MARQUES DE MELO, José, SATHLER, Luciano (Orgs.)**.** Direitos à Comunicação na Sociedade da Informação. São Bernardo do Campo: UMESP, 2005. p.103-152.

PLOU, Dafne Sabanes. **E as questões de gênero da sociedade da informação?** In: MARQUES DE MELO, José, SATHLER, Luciano (Orgs.). Direitos à Comunicação na Sociedade da Informação. São Bernardo do Campo: UMESP, 2005. p.153-180.

RABOY, Marc. **Mídia e Democratização na sociedade da informação.** In: MARQUES DE MELO, José, SATHLER, Luciano (Orgs.). **D**ireitos à Comunicação na Sociedade da Informação. São Bernardo do Campo: UMESP, 2005. p.181-202.

MARQUES DE MELO, José. **Exclusión comunicacional y democracia mediatica:** dilemma brasileño en el umbral de la sociedad de la información. In: MARQUES DE MELO, José, SATHLER, Luciano (Orgs.). Direitos à Comunicação na Sociedade da Informação. São Bernardo do Campo: UMESP, 2005. p.237-244.

RAMOS, Murilo César. **Comunicação, Direitos Sociais e Políticas Públicas.** In: MARQUES DE MELO, José, SATHLER, Luciano (Orgs.). Direitos à Comunicação na Sociedade da Informação. São Bernardo do Campo: UMESP, 2005. p.245-254.

PERUZZO, Cicília M. Krohling. **Internet e Democracia Comunicacional:** entre os entraves, utopias e o direito à comunicação. In: MARQUES DE MELO, José, SATHLER, Luciano (Orgs.). Direitos à Comunicação na Sociedade da Informação. São Bernardo do Campo: UMESP, 2005. p.267- 288.

Pensamento comunicacional latino-americano na sociedade do conhecimento

Marília Saveri[1]

16.3 CAPÍTULO

GOBBI, Maria Cristina; MARQUES DE MELO, José; TARSITANO, Paulo Rogério; SATHLER, Luciano, (Orgs.). **Sociedade do Conhecimento:** aportes latino-a**mericanos**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2005. 250p.

O livro "Sociedade do Conhecimento: aportes latino-americanos" é uma memória do conhecimento produzido pela Escola Latino-Americana de Comunicação (ELACOM), sintonizando pesquisas com as demandas locais e regionais.

No prefácio, José Marques de Melo apresenta o debate dos colóquios internacionais realizados na Universidade Metodista de São Paulo, que levantam temáticas do universo da comunicação na América Latina. A publicação, portanto, traz contribuições ao reunir estudos dos pesquisadores que se comprometeram com os "aportes latino-americanos".

1. Mestranda em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, sob orientação do professor Kleber Markus. Bolsista CNPq. Professora do curso de Comunicação Social do Instituto Municipal de Ensino Superior de Bebedouro -"Victório Cardassi". E-mail: mariliasaveri@gmail.com

Luciano Sathler traz no prólogo um debate sobre direitos de propriedade intelectual, comunicação e desenvolvimento. Ele aponta que a convergência digital tem aumentado as mudanças de regras e a complexidade dos temas relacionados ao Direito de Propriedade Intelectual (DPI). Nas questões que envolvem comunicação, afetam tanto países pobres quanto ricos. Entre as preocupações, estão: liberdade de expressão, censura, privacidade, governança da internet, produção e preservação cultural, etc. O autor aborda temas como multiculturalidade e interculturalidade, relacionando a proteção à DPI à democracia, à cultura, à comunicação e ao desenvolvimento humano.

Tarsitano e Gobbi, no capítulo de apresentação, debatem perspectivas para a rede MERCOSUL na sociedade do conhecimento, fazendo referência ao Edicom 2004 – V Encontro de Docentes e Pesquisadores de Comunicação do MERCOSUL, realizado na Universidade Metodista, que fortaleceu a Rede MERCOSUL – Rede Comunicacional do MERCOSUL. Foi dessa forma que a Cátedra UNESCO/UMESP de Comunicação realizou o V EDICOM, que teve como tema "Sociedade do Conhecimento: aportes latino-americanos". O livro, pois, reúne a memória dos trabalhos inscritos pelos pesquisadores que participaram do evento e do CELACOM, ampliando debates acerca de diversidades locais e regionais, levantando também preocupações comunicacionais de estudiosos de diversos países.

Na Introdução do livro, Maria Cristina Gobbi discorre sobre a América Latina e a relação com a sociedade global, bem como o direito de se comunicar dos povos. O uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC's), conforme ela lembra, permite mais acesso às informações, e, tal mecanismo, poderia contribuir para atender necessidades da população. A sociedade do conhecimento suscita debates em torno da compreensão da mídia, que levem a uma transformação social. Os colóquios internacionais realizados constantemente objetivam também disseminar essa ideia. O livro está dividido em três temáticas básicas, apresentadas a seguir.

Sociedade da Informação: a democratização do conhecimento

Os avanços tecnológicos e suas interferências na comunicação são os assuntos-chave dessa primeira parte do livro, que apresenta um panorama de estudos na América Latina.

Lucia Castellón e Oscar Jaramillo, da Universidad Mayor, de Santiago do Chile, retratam os desafios da educação superior na sociedade da informação. A pergunta central que os motiva nesse tema, não apenas nos estudos acadêmicos, mas em suas observações diárias como docentes, é: Qual o caminho que a educação deverá seguir para se inserir de maneira plena na sociedade da informação?

Um dos assuntos que têm deixado professores preocupados são os chamados "alunos copiam e colam", em referência aos estudantes que copiam trabalhos da internet e apresentam como sendo deles próprios. Esse problema tem alcançado grande magnitude. A sociedade da informação tem alterado também as formas de trabalho, organização, e reunido grupos que se identificam. Na sociedade da informação, as diversas comunidades estão organizadas em redes – góticos, ecologistas, hackers, por exemplo – organizam-se melhor. Ainda, para viver frente às grandes mudanças, ganha destaque o "capital humano", de tal forma que obter um diploma não é o mais importante, mas a formação contínua.

Segundo os autores, são muitos os professores que se queixam por estarem "perdendo autoridade". E isso ocorre porque a universidade não é mais a única fonte de conhecimento e muitas vezes os alunos estão mais bem informados do que seus professores. Novas perguntas e respostas são parte da cultura de inovação. O importante seria a capacidade dos estudantes se formular e responder novas perguntas, mas não as que estão no livro – a capacidade de analisar, investigar. O importante não é saber dar resposta, mas convida-los a criarem novas perguntas.

Erick Villanueva, da Universidad Andina Simón Bolívar, na Bolivia, aborda as TIC's em seu país. A Bolívia entra nos mundos das TIC's em 1991, mas, segundo o autor, caminha ainda tímida e restringida nesse cenário. São as empresas telefônicas e algumas organizações não governamentais que têm alcançado mais avanços na área. Ele desenvolve o texto mostrando alguns exemplos que tem funcionado. Também na educação à distância as TIC's vem sendo empregadas na Bolívia. Quanto ao Estado, a utilização ainda é limitada e são poucas as possibilidades de interação com os poderes. Neste país, as TIC's podem estar entre as prioridades para seu desenvolvimento.

Cristina Baccin, de Buenos Aires, apresenta o artigo "Todos somos mestiços". No lugar de pensar a globalização como análoga à homogeneidade cultural, pensar nas possibilidades inversas, como a circulação da cultura, como músicas, relatos, culinárias. A construção de um território simbólico, estendido e mediado pelas TIC's. No lugar de crises, deixar de pensar as diversidades culturais como "deles" em pensar em "nossas". Diz ela: "Alguém pode se comunicar com o outro na medida em que tem e reconhece uma parte do outro em si mesmo" (BACCIN, 2005, p.66, tradução nossa).

A autora aborda os impactos das novas tecnologias também no setor financeiro, civil, entre outros. A acumulação de conhecimento está cada vez mais concentrada, a revolução tecnológica é uma nova forma de poder. Ela questiona quais os lugares de interação das TIC's. Para se promover o uso de redes na América Latina se requer conteúdos em outras linguagens que não o inglês. O ciberespaço pode ser um desses lugares para se fazer e receber cultura. Ele também envolve a vida cotidiana, do trabalho, o espaço universitário.

Baccin opta pela expressão "mestiçagem" no lugar de hibridez, porque essa última parece ocultar ou não valorizar a riqueza de combinações. Entre as ações para "desarticular o continente de desigualdades da globalização", a autora destaca algumas ideias que precisam ser trabalhadas: Potencializar a mestiçagem cultural (que nada tem a ver com reprodução biológica, mas com movimentos de intercâmbio, de contato virtual e real entre culturas diversas. Seria necessário socializar os modos de interatividade mediados tecnologicamente); socializar o capital cultural, transformando informação em conhecimento; latinizar a rede criando modalidades próprias de trabalho e interação; impulsionar políticas públicas de distribuição das TIC's – instalar tecnologias para uso comunitário; e no espaço acadêmico construir espaços de cultura, novas modalidades de comunicação, por exemplo.

Já Cicilia Peruzzo, no texto "Direito à Comunicação Comunitária, Participação Popular e Cidadania", discute o sentido da comunicação desenvolvida nos movimentos sociais. Inicia o artigo com uma perspectiva histórica da comunicação nos movimentos populares brasileiros. Analisa o acesso aos meios de comunicação como um direito do cidadão, resgatando os conceitos de cidadania e relacionando com o direito à comunicação. Apresenta possibilidades de participação popular na comunicação e, por fim, faz considerações sobre o comitê local de comunicação.

Peruzzo destaca que a comunicação nos movimentos populares vem ganhando forças e expressividade, envolve setores das classes subalternas, que colocam os meios de comunicação a serviço de interesses populares, o que acaba por desempenhar importante função na democratização da informação e da cidadania. Sem fins lucrativos, a comunicação comunitária está alicerçada nos princípios de comunidade, sendo de propriedade coletiva, com corresponsabilidade pelos conteúdos emitidos, identificação com a cultura e interesses locais, entre outras características. Objetiva contribuir na ampliação de direitos e deveres de cidadania. Todavia, não há um modelo único, e existem também contradições.

Quanto ao direito à comunicação, tal concepção não se refere mais ao acesso à informação – essencial em uma democracia –, mas ao poder de se comunicar enquanto emissor, produtor, difusor. Isso vem em uma dinâmica que se compreende o direito a ter direitos. Não se trata, mais, de falar em necessidades, mas em direito das comunidades de se expressar pelas mídias, emitir conteúdos, com liberdade. Em outras palavras, o cidadão tornando-se sujeito do processo comunicacional.

Finalmente, o pesquisador Fabio Josgrilberg, no artigo "Estratégias de inclusão digital e táticas cotidianas: o caso acessa São Paulo", termina a primeira parte do livro, com um texto que discorre sobre a inclusão social como um objeto de política pública. O objetivo, conforme o próprio autor, é: "descrever e compreender as práticas cotidianas de uso do computador em Infocentros localizados em áreas de baixo IDH". As referências teóricas utilizadas são a fenomenologia de Maurice

Merleau-Ponty e ideias de Michel de Certeau. O autor discorre, assim, por conceitos como "lugar organizado". Depois, sobre a linguagem como expressão do corpo, pois, para a fenomenologia, "o mundo se revela aos seres humanos através de suas essências e os seres humanos visam o mundo e lhe dão sentido" (2005, p.116). Como procedimento metodológico, o autor construiu o corpus a partir de falas coletadas em Infocentros com menir Índice de Desenvolvimento Humano, sendo realizados quatro grupos focais, em dois Infocentros.

Entre os resultados, identificou-se a vivência do Infocentro como ponto de encontro, tais quais fazer amigos e trocar experiências. O autor questiona se esse fenômeno se daria, de fato, por uma questão de socialização ou por válvula de escape, de pressões cotidianas, solidão, lar repressor ou ausência de opções de lazer. Também de forma mediada pelo computador, as pessoas vão encontro das outras: bater papo, buscar informações. Segundo o autor, "o encontro de outras pessoas seria apenas o resultado de necessidades particulares" (2005, p.127). Dessa forma, a experiência do Infocentro remete a um mundo intersubjetivo e o Programa Acessa São Paulo acaba também por favorecer novos movimentos das pessoas em direção ás outras.

Conflitos e coexistência nas redes midiáticas: do conhecimento erudito ao conhecimento popular

Aníbal Posso, da Universidad Nacional de Assunción, abre esse tópico que apresenta reflexões sobre globalização e as articulações entre conhecimento popular e erudito. O autor apresenta o artigo "Independência e objetividade no jornalismo paraguaio: pistas para seu estudo". A proposta é levantar uma discussão acerca dos dois conceitos – objetividade e independência no jornalismo, apresentando o caso do Paraguai, onde o entendimento de independência sempre esteve presente na prática jornalística, diferente do conceito de objetividade, que começou a ser ensinada com a implantação da primeira faculdade de jornalismo, em 1965, havendo poucos trabalhos de reflexão sobre esse conceito. É dessa forma que, nesse artigo publicado, o autor se preocupa em apresentar de qual maneira se dá o diálogo entre independência e objetividade.

Em seguida, a pesquisadora Desireé Cipriano Rabelo, no texto "As novas redes e as antigas questões não resolvidas", reforça que análises sobre as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação podem ser sempre incompletas no sentido de que estamos em meio a essas inovações. Todavia, a compreensão de suas características, bem como o impacto, é relevante e se faz imperativa. Na sociedade da informação, há temas que se fazem constantes, como propriedade intelectual,

educação crítica dos meios, inclusão digital, e a busca é a mesma: "a comunicação como um direito fundamental para construir cidadania [...] Ainda sonhamos o mesmo sonho, o de um mundo com muitas vozes" (RABELO, 2005, p.159).

Um dos desafios agora, conforme desenvolve Rabelo, é capacitar para a produção de conteúdos. A autora reforça que, sobretudo na América Latina, o importante agora não é criar redes de interesse, mas sim de sentido. Ou seja, em um continente onde a informalidade é uma forma de viver, com encontros presenciais, festas, danças, histórias contadas, seria necessário garantir essas características na internet. E sendo assim, a autora também versa sobre o tema educação, sobre as mudanças na forma de ver e aprender o mundo, bem como o impacto disso em sala de aula. Indaga sobre o a sociedade do conhecimento que queremos construir, para que e para quem.

Gabriel Kaplún, da Universidad de la Republica, do Uruguai, sintetiza em seu artigo a seguinte ideia: e-learning não existe. O autor sustenta que a aprendizagem é sempre uma atividade humana, que passa por processos de interação, seja com outros seres humanos, como objetos – como livros ou computadores – a natureza. Todavia, apenas o computador não define a aprendizagem. O exemplo dado é o caso das equipes médicas – as ferramentas pedagógicas que integram a tradição educativa dos médicos. A informação se torna imprescindível para o processo educativo, mas esse não existe se não houver também a presença de integração, discussão de conhecimentos prévios, prática dos participantes, reflexão própria deles.

Já no artigo "Cidadania e governo eletrônico: algumas reflexões", Jorge Ruben Biton Tapia, da Unicamp, traz os benefícios da difusão do governo eletrônico para melhoria da gestão pública e da cidadania, mas sem a visão excessivamente otimista e ingênua das potencialidades. O que o autor traz são diferentes visões e argumentos, mostrando as consistências dos níveis de análise, além de levantar reflexões sobre essa questão no Brasil, abordando implantação e características. Há também a discussão sobre a distinção entre governo eletrônico e democracia eletrônica, menção ao governo eletrônico no plano federal e municipal, com a situação de prefeituras do Estado de São Paulo, expondo as dificuldades e fragilidades dessas.

Eduardo Rebollo, da Universidade Católica do Uruguai, no artigo "Informação e conhecimento na sociedade da informação", inicia discutindo o conhecimento popular e o erudito, que se constituem de maneira diferente, mas não necessariamente se contrapõem. E para quem não tem marcas de referência, as informações disponíveis na internet podem se tornar caóticas. "As chaves para abrir as portas indicadas deveriam estar em cada um. O único capaz de ponderar a qualidade de um texto, de um conceito, é o próprio usuário, o que busca informação. [...] Significa que não estamos ante um problema de softwares, mas de cabeças" (REBOLLO, 2005, p.194).

O autor fala também de "infopobreza", que afeta pessoas e países, em um cenário que envolve questões econômicas, políticas, sociais e culturais. Frente a esta realidade, ele questiona: qual a atitude das universidades? As novas tecnologias se desenvolvem mais rápido do que a capacidade do sistema universitário de apropriar-se de suas potencialidades. A defesa do autor é que a universidade deve, sim, estar mais atenta às exigências do mercado. A universidade tem perdido sua "exclusividade" como centro de conhecimento. Hoje, os meios de comunicação apresentam novas linguagens e grande quantidade de informação. É o conhecimento espalhado por todas as partes. A universidade não tem sentido, portanto, fora da sociedade de informação, o que implica repensar metodologias pedagógicas, o papel dos docentes e suas atitudes frente às novas linguagens.

Direito de propriedade intelectual: repercussões nas indústrias de conteúdo

Abrindo esse terceiro tópico do livro, Dennis Smith, da Guatemala, apresenta o artigo: "Um código de conduta para o comércio da propriedade intelectual?". Inicia com a afirmação de que o motor por trás da sociedade de consumo são os meios comerciais de comunicação, com sua tarefa de criar a necessidade de consumir. Lembra que, como se aprende nos cursos de publicidade, o que compramos, na realidade, não são bens e serviços, mas prestígio, identidade, autoestima, sentido de bem-estar. Na Guatemala, há carência de produção de cultura nacional, segundo Smith. Na televisão, por exemplo, o que se tem muitas vezes são fórmulas mexicanas.

O autor destaca algumas mudanças ao enxergar a sociedade de consumo hoje. Podemos escolher se queremos consumir ou não determinada marca, de acordo com suas condutas. Em outras palavras, muitas multinacionais perceberam queda de consumo em produtos feitos por meio de exploração de trabalho. Muitos jornalistas passaram a documentar esses abusos e as pessoas a dizer não a tais empresas. Na Guatemala, como comenta Smith, foi implantado em 1997 a Comissão para a Verificação de Códigos de Conduta – COVERCO. São investigações, por meio das quais a equipe tem acesso incondicional – em visitas não anunciadas – aos ambientes de uma fábrica e a seus trabalhadores. Eles documentam os abusos encontrados e isso tem melhorado a situação no país. São várias as empresas que tem, sim, senso de responsabilidade social e com princípios éticos, ele destaca, finalizando com a sugestão de que se façam mais alianças com jornalistas investigativos e entre a academia e a sociedade civil.

Já o pesquisador Wilson da Costa Bueno, versa sobre "A armadilha do *copyright* e a república dos doutores". Ele indaga sobre algumas contradições contemporâneas: um autor que publica um livro e fica com apenas 10% da venda,

submetendo-se ao jogo comercial da indústria editorial; a mídia, que ao debater temas relevantes para todos, apenas se reporta a fontes especializadas (como os "doutores"), sem ouvir segmentos desfavorecidos (como coletar opiniões de agricultores, ambientalistas, pajés, por exemplo); as revistas acadêmicas que não dão espaço a novos pesquisadores e repetem os titulados, ou seja, a garantia de espaço para os doutores com prestígio. O pensamento segue com a discussão sobre o copyright, que favorece apenas a indústria editorial e não permitiria a democratização do conhecimento, uma discussão sobre a pirataria, e o *copyleft*, que permitira mais acesso às informações e com respeito à fonte original. Bueno pede por uma ampliação desses debates, mais coragem e rebeldia nos questionamentos.

No artigo "A proteção da propriedade intelectual: uma abordagem internacional", a autora Daniela Christovão, demonstra a evolução da proteção da propriedade intelectual desde os tempos da Roma antiga até a inserção no comércio internacional do fim do século XX. No Direito Romano, por exemplo, não existia proteção ao autor ou inventor. A pesquisadora conta exemplos também da Idade Média, da Revolução Francesa, do final da guerra fria. No contexto internacional atual, ela traz discussões da Organização Mundial do Comércio (OMC), por exemplo, entre diversos outros acordos.

Paulo Rogério Tarsitano e Simone Denise Novacinsk são os autores do artigo "Marca: patrimônio das empresas e diferencial dos produtos". Abordam a efervescência consumista, tão estimulada pela comunicação, e a construção de marcas fortes. Discutem conceitos, significados e e funções de marca, bem como seu valor e poder. Por valor, desde o financeiro, até os intangíveis, os valores estéticos, emocionais racionais e físicos dos produtos. O artigo apresentado abrange ainda a credibilidade da marca e a responsabilidade do marketing na administração e valorização da marca, de modo que todos os atributos sejam comunicados ao consumidor. Nesse sentido, a importância da comunicação é inquestionável.

No último texto do livro, André Sathler Guimarães reflete sobre os "Aspectos econômicos da propriedade intelectual", abordando a preeminência do recurso intangível, alguns conceitos relativos às categorias básicas de propriedade intelectual e formas de processar essa gestão. Na sociedade do conhecimento, na qual a informação exerce importante papel, a propriedade intelectual é relevante e precisa ser reconhecida também como fator de sucesso para empresas e indivíduos.

Produções multiplicadas, saberes compartilhados

Luiz Alberto de Farias[1]

17.3 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José; PAIVA, Raquel (Orgs.). **Ícones da Sociedade Midiática** – da aldeia de McLuhan ao planeta de Bill Gates. São Paulo: INTERCOM/Mauad X, 2007.189p.

A construção do saber: do indivíduo ao coletivo

A obra aqui trabalhada é reflexo da tradição da INTERCOM em multiplicar saberes. José Marques de Melo e Raquel Paiva, seus organizadores e à época presidente e diretora cultural da INTERCOM, respectivamente, apresentam um livro em que se cruzam experiências nos diversos âmbitos da formação científica. "Ícones da sociedade midiática" traz um conjunto de textos relacionados aos prêmios vinculados aos congressos da INTERCOM.

1. Professor da Universidade de São Paulo e da Faculdade Cásper Líbero. Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade de São Paulo. Editor da Organicom Revista Brasileira de Comunicação Organizacional e Relações Públicas. Foi presidente da ABRP e diretor da INTERCOM e da ABRAPCORP. Autor e co-autor de diversos livros no Brasil e no exterior. E-mail: lafarias@usp.br.

Dividido em duas partes, a primeira retrata o aspecto analógico de nossa sociedade ("No apogeu da sociedade analógica") e nesse momento são trabalhados textos de autores que remontam a nomes de grandes pesquisadores e profissionais que emprestaram seus nomes aos prêmios da INTERCOM. A segunda parte ("No limiar da sociedade digital"), por seu tempo, foca de modo direto os trabalhos apresentados no Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

Marcada por seu trabalho contínuo de catapultar talentos ao cenário intelectual brasileiro, a INTERCOM institui durante a primeira gestão (1987-1989) da então presidente Margarida M. Krohling Kunsch, prêmios que destacavam a produção em diversos âmbitos. A cada um deles foi dado nome que contemplasse uma grande personalidade das diversas áreas da Comunicação. Foram escolhidos os ícones Vera Giangrande, Lígia Averbuck, Francisco Morel e Freitas Nobre. Cada um ao seu modo contribuiu de forma inquestionável para o sucesso das profissões, carreiras e áreas de estudo que compõe a comunicação.

Ao longo de muitos anos os prêmios foram destinados a pesquisadores que, a partir de seus trabalhos de graduação, especialização, mestrado e doutorado, inscrevessem-nos nos certames. A partir de 2005, em cuja presidência da INTERCOM voltava a figurar Marques de Melo, o processo de validação dos premiados passou a ser diferente. Passou a vigorar a presença nos congressos com a apresentação de trabalhos que também fossem oriundos de pesquisas nesses mesmos níveis, mas que seriam julgados não de forma independente, mas relacionada a um processo no qual já se desenrolavam os núcleos de pesquisa (NPs).

Premiar é, como destaca Raquel Paiva, destacar o valor do trabalho:

> [...] o merecedor de láurea doa algo (a demonstração de uma realização humana admirável) à comunidade e desta recebe uma recompensa, uma honraria. A troca é simbólica porque "resolve" (extermina) as pressões históricas do grupo social referentes a valor de uso de objetos e comportamentos, valor de troca de mercadorias, convenções meramente práticas, etc. O premiado é ao mesmo tempo real e imaginário, ou seja, ele existe objetivamente dentro do grupo, é um ser humano como os outros, mas habita também a esfera do que se imagina, se sonha ou se deseja (MARQUES DE MELO; PAIVA, 2007, p. 14)

Assim, a obra é reflexo de um processo de construção anterior, que é a valorização da valorização. A iniciativa de criar prêmios vai além, se torna mais um processo, porque também cria novas produções geradoras de conhecimento e de estímulo à busca do saber: multiplica-se, compartilha-se. E de acordo com Marques de Melo,

> o livro pretende confrontar duas gerações de estudiosos da comunicação que trouxeram contribuições relevantes para o campo acadêmico. A intenção é balizar atitudes coletivas e inspirar agendas investigativas, ao reunir textos representativos de sua produção científica (MARQUES DE MELO; PAIVA, 2007, p. 7).

Assim foi. Duas gerações que se encontraram de forma virtual – como prometia uma das partes do livro, mas de forma analógica, materializada, como prometera a outra.

Estratégia de disseminação

A obra "Ícones da sociedade midiática" destaca as quatro modalidades assim conhecidos como Prêmios INTERCOM. O primeiro é o Prêmio Vera Giangrande, cujo destino é voltado a estudantes em nível de graduação que são apresentados anualmente durante o INTERCOM Júnior, parte integrante do Congresso INTERCOM, realizado anualmente em nível nacional e de abrangência internacional.

Vera Giangrande teve sua trajetória marcada de modo triádico: atuou fortemente como professora, profissional e membro de entidades representativas. Ainda em vida apoiou a criação de prêmio que estimulava a produção científica.

A outra premiação leva o nome de Lígia Averbuck, ligada a estudantes em nível de especialização e que participem do Altercom (Jornada de Inovação Científica e Alternativas Comunicacionais). A especialização, crescente no país nos anos 1990 e 2000, ganhou espaço como importante área de formação complementar, de apoio à qualificação acadêmica e profissional. E esse prêmio rememora uma grande pesquisadora na área de editoração em nosso país.

O Prêmio Francisco Morel está relacionado a estudantes em nível de mestrado que participem nos Núcleos de pesquisa durante o Congresso INTERCOM. Morel foi um célebre professor de publicidade e sócio-fundador da INTERCOM. Também se destacou no ambiente mercadológico como um proeminente empresário.

O quarto prêmio destacado na obra é o que leva o nome de Freitas Nobre, que se notabilizou como professor, pesquisador e jornalista, além de uma carreira pública como deputado federal. Esse prêmio é dirigido a pesquisadores no espaço do doutoramento, também a partir da apresentação de trabalhos oriundos de suas teses nos NPs da INTERCOM

Valorização e resultados

Assim como diversas obras produzidas, idealizadas ou organizadas por Marques de Melo, "Ícones" traz a sua marca: o compartilhamento do saber e a florescência de personalidades, ampliando o espectro da pesquisa em comunicação no país. Quando do início de sua carreira, nos anos 1960, Melo encontrava um terreno pouco favorável ao desenvolvimento da comunicação em todo o país. Não havia pesquisa ainda de forma organizada por meio de programas de pós-graduação, não havia reconhecimento ou identificação dessa área com a independência e relevância que se crê – e hoje tem – deva ter, e nem mesmo massa crítica de pesquisadores – ao menos organizados, conectados – para potencializar e fomentar o seu desenvolvimento.

Seu trabalho foi marcante e obteve impacto que hoje podemos sentir, com a existência de diversas sociedades científicas, vários programas de pós-graduação de excelente nível, escolas em plenas condições de formação de cientistas na área de comunicação.

Raquel Paiva, por sua vez, também tem presença marcante na história recente da INTERCOM, incentivando o desenvolvimento de atividades que ampliam a possibilidade de novos talentos se destacarem e poderem mostrar a sua produção, muitas vezes inovadoras e que geraram novos rumos para pesquisa em comunicação. Afinal, quando se lê por extenso o nome INTERCOM (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação) pode-se dar mais valor à palavra interdisciplinar, que mescla vários sentidos e inúmeros sabores. Disciplinas tanto dentro da comunicação quanto fora dela, tanto academia e ciência como mercado e prática, ações nacionais e internacionais e especialmente o foco regional, que ganhou espaço exatamente em sintonia com a remodelação dos prêmios, no período da segunda metade da década de 2000.

Forma e conteúdo

Na primeira parte do livro Marques de Melo abre com retrospectiva e análise da presença da obra de McLuhan, resgatando, inclusive, Luiz Beltrão, responsável pela inserção da obra e da teoria mcluhaniana no Brasil, e que também deu nome ao importante Prêmio Luiz Beltrão.

Em seu resgate discorre sobre a obra de cada um dos célebre homenageados com a atribuição de nomes a prêmios: Freitas Nobre, Francisco Morel, Lígia Averbuck e Vera Giangrande, analisando as suas trajetórias e contribuições profissionais e intelectuais ao campo da comunicação.

O livro segue com textos destacando um a um dos destaques ligados aos prêmios. Em "A conselheira que sabia ouvir" Maria Cristina Gobbi destaca as características de Vera Giangrande. Ali ela destaca a trajetória pessoal que levou Giangrande a se tornar uma célebre articuladora da profissão de relações públicas no Brasil, tendo se notabilizado pela atividade de *ombudsman* em um grande grupo varejista brasileiro. Além disso, também destaca a trajetória empreendedora de Vera, sócia e criadora de uma das maiores agências de relações públicas do Brasil em seu tempo.Conectando-se ao texto de Gobbi, segue texto da própria Vera Giangrande ("O encantamento de clientes e a interação com os públicos"), especialista na gestão de relacionamentos, o que a tornou a mais conhecida especialista nas questões de interação com os públicos.

Coube ao gaúcho Antonio Hohlfeldt – hoje presidente da INTERCOM – trabalhar a trajetória da também gaúcha Lígia Averbuck no capítulo "A prática que nasceu da teoria". Com caminho ligado à língua e à literatura, Averbuck em ampla distribuição de sua produção em periódicos e marcou presença no trabalho em prol da evolução, fomento e incentivo à produção literária e à disseminação da leitura.

O texto seguinte é de Averbuck ("A fórmula do sucesso") e mostra sua ligação direta com a literatura e sua capacidade de fluir e fruir com palavras, resultando composição de fácil e agradável degustação.

Fátima Feliciano no artigo "Ser pragmático, sem perder a ironia" trata da vida e obra de Francisco Morel, discorrendo sobre a produção e atuação desse publicitário que dentre outras coisas foi um dos pioneiros professores da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Morel tinha a conexão direta com o mercado, levando-o à academia, e vice-versa.

O texto "O anúncio da notícia" de Morel demonstra sua época analógica, mas mesmo assim, repleta de inovações, de transformações e acima de tudo de inquietações. Analisa aí as conexões entre texto e imagem, fazendo estudo sobre significação.

Osmar Mendes Júnior em "O repórter que hasteou a bandeira brasileira na Sorbonne" fala da vida do cearense Freitas Nobre desde o seu nascimento, passando pela bem-sucedida carreira acadêmica, profissional e pública. Sua trajetória profissional-intelectual é exatamente destacada desde o título, em que se pode ver a multiplicidade de Nobre.

Freitas Nobre, por sua vez, tem publicado seu texto "A liberdade de informar e o direito à informação", no qual deixa clara a sua veia pública, democrática e de professor de ética em jornalismo.

À segunda parte do livro cabe exatamente a missão de colocar em destaque as novas gerações e isso se dá por meio, mais uma vez do encontro entre gerações: orientadores e orientados apresentam seus olhares, desta vez, a partir do olhar de uma sociedade marcada pelo digital.

No texto de abertura, Raquel Paiva conecta os trabalhos dos vencedores dos Prêmios Vera Giangrande, Lígia Averbuck, Francisco Morel e Freitas Nobre e a presença de uma nova realidade que ressignifica os conceitos antes consolidados.

O vencedor do Prêmio Vera Giangrande Luiz Felipe Ferreira Stevanim apresenta os textos de que resultou a sua premiação – "Ainda acredito no jornalismo e as charges do profeta: dilemas da liberdade de imprensa na era da globalização" – sucedido pelo texto "Pelo prazer de pensar", de seu orientador Paulo Robert Figueira Leal.

Ana Laura Moura dos Santos Azevedo traz "Meu interesse pela linguagem audiovisual e Características do cinema narrativo clássico em um jogo de videogame" que lhe renderam o Prêmio Lígia Averbuck. Seu orientador Sérgio Rizzo conecta-se ao tema pelo texto "Geração para a qual não há mundo sem computador".

"Usar a televisão para ler a história e Coutinho na TV: um cineasta de esquerda fazendo jornalismo" levaram Igor Sacramento a merecer o Prêmio Francisco Morel, orientado por Ana Paula Goulart Ribeiro, autora do artigo "Cineastas de esquerda não encaravam a TV como inimiga".

No Prêmio Freitas Nobre Geane Carvalho Alzamora, sua vencedora, foi representada pelos textos "Auto-retrato" e "Da semiose midiática à semiose hipermidiática: jornalismos emergentes". No texto "Gente que faz do mundo acadêmico um prazer de viver", a orientadora Lúcia Santaella faz resgate da trajetória que levou à importante vitória.

Multiplicações compartilhadas

"Ícones da sociedade midiática" é tributo. E também tradição. Prova a história que José Marques de Melo tem rendido homenagens e feito inesquecíveis aqueles que em vida fizeram por merecer. Isso pode ser comprovado bibliometricamente, em termos de eventos, de certames.

A cultura da valorização do saber e do construir tem feito da INTERCOM um lugar de plena democracia, espaço de encontro de conhecimentos, teorias, conceitos e, acima de tudo, de pessoas. Afinal são elas e para elas que se pode encontrar qualquer motivo para a ciência.

E essa cultura expressa de forma tão brilhante por Marques de Melo e Raquel Paiva na obra aqui descrita é marca expressa e impressa de José Marques de Melo, cuja obra tem contribuído além do saber, do reunir para melhor saber.

Comunicação e Educação: o diálogo das gentes

Maria Tereza Mazziero de Souza[1]

18.3 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José. **Unescom - Comunicação sem fronteiras:** Paulo Freire. São Paulo: Editora Metodista, 2007.

Por meio do presente trabalho, temos como objetivo analisar a relação indelével dos princípios de Paulo Freire com as proposições do professor José Marques de Melo, o grande mestre brasileiro da comunicação (parafraseando o apresentador da obra aqui resenhada, o professor Fábio Josgrilberg[2]).

A obra cuja análise nos referimos trata-se de um colóquio realizado por meio de uma parceria da cátedra UNESCO de Comunicação para o Desenvolvimento Regional (sediada na Universidade Metodista e dirigida pelo "grande mestre"),

1. Mestranda em comunicação social pela Universidade Metodista de São Paulo. Graduada em educação musical, pela Universidade do Sagrado Coração. Graduada em Letras, pelas Faculdades Integradas de Jaú. E-mail: mariaterezamazziero@gmail.com.

2. Fábio Josgrilberg: Pós-doutorado no Media@LSE, da London School of Economics and Political Science. Doutor em ciências da comunicação pela ECA/USP. Líder do grupo de pesquisa URBEtic – Inovação, colaboração e desenvolvimento social. Pró-reitor de pós-graduação e pesquisa da UMESP.

juntamente com a reitoria do EAD (Ensino a Distância) da Universidade Metodista de São Paulo e está disponível em DVD. Após exposição dos princípios que abrangem proposições *freirenas* e comunicação popular alternativa, inicia-se um debate com dois participantes, sob a coordenação e participação do próprio Marques de Melo, além de respostas às questões dos alunos da EAD.

Do colóquio sobre o tema: "Comunicação/Educação práticas para a liberdade" participam outros estudiosos que merecem destaque, tanto de cunho comunicacional quanto da área educacional. Respectivamente: professora Dra. Cicília M. Khroling Peruzzo, cuja sabedoria desfrutei enquanto discente, com muita satisfação, e professor Dr. Elydio dos Santos Neto, grande estudioso, ícone de grande importância acerca do tema.

Paulo Freire (1921-1997)

Geralmente intitulado pela imprensa como o revolucionário da educação, Paulo Freire nasceu em família de classe média no Recife que, ao sofrer com a crise de 1929, precisou mudar do centro para a periferia. A graduação em direito, tornou-se plano de fundo para que pudesse exercer a pedagogia. Antes mesmo de se formar, tornou-se diretor do SESI[3], em Pernambuco, onde pôde conhecer as demandas cognitivas do operariado. Dos 12 livros publicados nos foram disponibilizados dois póstumos. As principais obras (respectivamente 1967 e 1979) são: "Educação como prática da liberdade" e "Pedagogia do Oprimido". O primeiro é uma retomada da sua tese e depois sintetiza sua ideia de educação e liberdade. Suas obras foram lançadas em mais de 40 edições que foram traduzidas em várias línguas. A seguir trazemos uma síntese da vida de Paulo Freire.

- 1960: ingressou no movimento de cultura popular, propondo um sistema dialógico para educação de adultos;
- 1963: o chamado método Paulo Freire foi adotado pelo programa nacional de alfabetização do Ministério da Educação;
- 1964: foi preso e processado pelo governo militar. Optou pelo exílio e passou a viver na Bolívia;
- 1967: escreveu "Educação como prática da liberdade", em que encontramos suas ideias chave.

3. Serviço Social da Indústria.

- De 1969 a 1979: viveu na Bolívia, Chile, EUA e logo recebeu convites para trabalhar na Suíça, pelo conselho mundial de igrejas e várias organizações educacionais. Faz uma peregrinação pelo mundo;
- 1980: de volta ao Brasil, reintegrando-se à vida democrática do país, decidiu viver em São Paulo. Trabalhava como docente na Unicamp[4] e na PUC[5] e desenvolveu, finalmente, sua jornada em prol da educação popular;
- De 1989 a 1991: foi secretário da educação no mandato da prefeita Luísa Erundina e pôde colocar em prática suas ideias educacionais outrora somente exportadas e nem sempre aproveitadas em nosso país;
- 1992: sua obra foi cristalizada e por discípulos e amigos por meio da criação do instituto Paulo Freire em São Paulo.

Um sopro na vida de José Marques de Melo [6]

O comunicólogo destaca três obras do educador enquanto convergentes com a área comunicacional: "Educação como prática da liberdade"; "Extensão e comunicação" e "A importância do ato de ler". Marques de Melo, que já mencionara o educador em um capítulo de uma de suas obras[7] que discutia uma pedagogia da comunicação, sentira-se motivado com base em uma frase proferida por Paulo Freire [s.d.]: "Sem comunicação entre seres humanos não pode haver cultura. A comunicação é o sopro que dá vida à cultura".

Para que se melhor compreenda a pedagogia da comunicação, segundo Melo, são necessárias duas outras leituras complementares: o livro "Conscientização", de 1979 e "Diálogos com Sérgio Guimarães Educação II", de 2003. Educação é um ato comunicacional. Portanto, numa postura reflexiva, repousa sobre a necessidade de uma relação dialógica entre receptor e

4. Universidade de Campinas.
5. Pontifícia Universidade de São Paulo.
6. José Marques de Melo: Livre-docente pela ECA/USP. Doutor em ciências da comunicação. Diretor da Cátedra UNESCO de comunicação para o desenvolvimento regional. Líder do grupo de pesquisa PENSA-COM/ BRASIL – pensamento comunicacional brasileiro. Professor emérito da Universidade de São Paulo.
7. MELO, J.M. de. Teoria da comunicação: paradigmas latino-americanos. Editora Vozes. Petrópolis, 1998. 258-286p.

emissor. Alguns dos princípios encontrados para que educação e comunicação tornem-se práticas libertadoras, dos escritos de Freire, foram parte de releituras feitas por Marques de Melo. Vejamos:

- Paulo Freire: "Posto diante dos outros homens, com os quais está em relação, o homem comunica a transformação que operou sobre a natureza, fazendo só então e a partir daí cultura propriamente dita".

√ José Marques de Melo*:* "Uma andorinha só não faz verão".

- Paulo Freire: "Posto diante da natureza, [...] o homem [...] não somente conhece a natureza, mas, também, age de volta sobre ela, dialeticamente, transformando-a, conquistando-a através do trabalho".

√ José Marques de Melo: "A união faz a força".

- Paulo Freire: "A partir [...] a esfera da cultura [...] passa a agir de volta, dialeticamente, sobre a consciência, [...] desenvolvendo no homem assim, o seu segundo sistema de sinalização. Ora, o homem é um ser de relações".

√ José Marques de Melo: "Quem tem boca vai a Roma".

O comunicólogo reforça, ainda, oito palavras-chave do o eixo do pensamento freireano:

1. Comunicação: deve, em grande parte, estar centrada no próprio processo e não somente nos conteúdos; **2. Educação**: [...] "Transferir conhecimento objetivo de homem para homem, ao longo do tempo, isto é, de geração a geração, ou seja, transmitir cultura é fazer educação."; **3. Massificação**: O homem massificado encontra-se em posição oposta. Está em contato com a realidade, mas não integrado.

Segundo Melo, para entendemos esses três conceitos-chave, precisamos explorar outros, como: **4. Cultura do silêncio**: "As sociedades [...] se fazem preponderantemente mudas".

- Provocando:

5. Incomunicação: "O Brasil nasceu e cresceu sem experiência de diálogo, de cabeça baixa [...] sem fala autêntica".

- Desta maneira permite-se que surja:

6. Opressão: "O oprimido é alguém que não se comunica" somente reproduz a fala do opressor.

- Busca-se, então:

7. Libertação: homens e mulheres precisam aprender para tornarem-se comunicantes e ao mesmo tempo dialogantes. A liberdade só se conquista pela comunicação; **8. Ação-reflexão**: é preciso agir e refletir ao mesmo tempo, relacionando trabalho, educação, comunicação e liberdade.

Da sala de aula à sociedade

A indisciplina em sala de aula é um problema da sociedade, pela falta de perspectiva de crescimento econômico. A partir das demandas apresentadas pelos alunos por meio de uma relação dialógica, permite ao professor adaptar seu discurso ao dos alunos, a fim de uma maior interação. Embora essa relação seja o agente fomentador de uma transformação social, o tempo se faz escasso ao leque de novas opções gerado pelo diagnóstico realizado.

Paulo Freire e mídia

Enquanto trabalhou com Paulo Freire, em Recife, no Movimento Cultura Popular, presenciou a assertividade do educador em função dos seus princípios em relação ao diálogo. Sem os dois polos comunicantes não temos comunicação, mas "comunicados", comparando essa relação a "depósitos bancários". Portanto, não admitia meios de comunicação embutidos no processo educacional, pela falta de resposta imediata de quem recebia a informação.

Princípios freireanos e comunicação popular, por Cicília Peruzzo[8]:

Algumas ideias de Paulo Freire têm como ponto de partida a injustiça social e a opressão política. No contexto de regime militar, o educador se engajou na tentativa de transformação, sobretudo, na necessidade de democratização da

8. Cicília M. Khroling Peruzzo: Pós-doutorada pela Universidad Nacional Autónoma de México. Doutora em ciências da comunicação pela ECA/USP. Pesquisadora PQ1 do CNPq. Professora do programa de pós-graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo, ex-aluna de Paulo Freire.

sociedade não somente de formas econômica e política, mas culturalmente: "toda criação humana é cultura". Para tanto, é preciso um processo de democratização da consciência de que cultura não se define somente pelo saber dos cientistas e famosos: o saber e a arte têm como ponto de partida o próprio povo, diante de uma formação ampla que sobreponha às muralhas do escrever e a ler palavras, permitindo assim, uma leitura do mundo.

A professora destaca cinco dimensões, a partir de dois pressupostos da perspectiva freireana, imbricadas à comunicação popular:

» "O ser humano tem vocação para ser sujeito": é realizador e protagonista, capaz de agir e transformar a realidade em justa.

» "O homem é um ser de relações, não de contatos", deixar-se manipular significa negar a condição humana, é estar fora de si. É necessária uma atitude crítica.

1. Diálogo: comunicação horizontal por pessoas do e para o próprio povo favorecendo uma consciência crítica, partindo da realidade para a transformação social.

2. Homem como sujeito: realiza-se na comunicação popular uma vez em que os meios são produzidos por meio da atuação dos cidadãos.

3. Comunicação para liberdade: consiste nas manifestações para que se mudem as condições desumanas.

4. Realidade: fazer comunicação a partir dos conteúdos das classes populares a partir de interesses e anseios dos grupos mobilizados.

5. Transformação: fomenta a educação informal favorecendo o desenvolvimento da cidadania. A partir da necessidade de "fazer" comunicação (com meios comunitários) o sujeito passa:

- A enxergar a realidade de forma diferente: tanto diante das contrariedades quanto aos estímulos positivos;
- A compreender o funcionamento do poder e "jogos de interesses" adquirindo noções de ciência política;
- Adequa seu discurso ao falar em público, passando a desempenhar novas atividades. Sente-se em condições de representar um grupo ou uma comunidade, desenvolvendo a autoestima;
- Aprende a relacionar-se em grupo: o partilhar, discutir e decidir coletivamente, propiciam o romper do silêncio;

• Apreende as formas de manipulação da mídia e a lidar com o poder comunicacional. Trata-se de uma compreensão de nível micro, que transfere para a mídia como um todo.

Educação versus televisão

Deve-se compreender a TV, o que não significa combatê-la. A mídia, de caráter contraditório, evidencia o interesse comercial e a manipulação ao mesmo tempo em que promove difusão da informação. Freire não pôde vivenciar esse período de diversidade interativa e de troca, sobretudo com o surgimento da internet. Ao contrário: experimentou a mídia televisiva em tempos de ditadura militar. Alienante aquele cenário midiático, segundo o educador, não favorecia a reflexão. Embora ainda exista a necessidade de se discutir sobre a democratização da mídia, com as tecnologias permite-se às pessoas ampliarem seus próprios meios de comunicação, assim como suscitara Marques de Melo em suas palavras.

Professores, auto incentivo e incentivo do trabalho em grupo

Hoje a dificuldade dos professores consiste nas más condições de trabalho gerando a falta de motivação no engajamento de uma educação da libertação. Na graduação, percebemos, com base na tentativa de exercer a democracia, uma grande ênfase no mercado de trabalho: a transmissão técnica do saber. Excluir a relação de diálogo sugerida por Paulo Freire seria o mesmo que matar a sua perspectiva.

Professor Dr. Elydio dos Santos Neto: educação libertadora[9]

A educação deve ser ativa, dialogal, crítica e criticizadora. Oposto a qualquer tipo de distinção Paulo Freire, outrora, já afirmara ter **reescrito** suas obras ao longo de sua vida. Embasado em um mesmo conteúdo, porém, sob discursos diferentes em prol de uma maior elucidação e diálogo com a diversidade social.

9. Elydio dos Santos Neto: Doutor em educação pela PUC-SP. Mestre em ciências da religião pela PUC-SP. Graduado em filosofia pelas Faculdades Salesianas de Lorena. Naquele ano, era o diretor da faculdade de Letras da Universidade Metodista de São Paulo.

Brigou pela autonomia inerente ao sujeito e não ao objeto. Trata-se de tirar o opressor que se hospeda dentro de si para deixar que sua própria leitura do mundo venha à tona. Pois assim, o sujeito reconhece-se no outro (um outro como ele mesmo) com o qual pode-se partilhar ideias com humildade e amor.

Círculos de cultura

Consiste em uma estratégia estabelecida no diálogo com os participantes da alfabetização popular:

1. "Levantamento do universo vocabular dos grupos com os quais trabalhará";
2. "Escolha das palavras, selecionadas do universo vocabular pesquisado";
3. "Criação de situações existenciais típicas do grupo com quem se vai trabalhar".
4. "Elaboração das fichas-roteiros para auxiliar os coordenadores de debates";
5. "Leitura das fichas com a decomposição das famílias fonêmicas."

É fundamental elucidar aos educandos que o tema apresentado não consiste em uma verdade acabada, fomentando, assim, uma problematização. Desta maneira, com base nas outras concepções em torno do assunto discutido, criam-se novas sínteses inacabadas.

A educação bancária na educação formal

O domínio sobre o conteúdo transmitido sem que se encontre o diálogo consiste na intitulada educação bancária. A dificuldade de embate contra essa comunicação vertical se esbarra no fato de que tal proposta caminha na contra a corrente da sociedade capitalista em que vivemos. Frequentemente, Freire é citado de forma emblemática, por um discurso politicamente correto. No entanto, a prática educativa dos que o mencionam, muitas vezes, é inverossímil.

Não há deformação de formação docente

Há necessidade da percepção da importância da comunicação de forma consistente na formação de docentes em educação. Há uma demanda de aprofun-

damento na questão, pois essas duas áreas possuem elos indissociáveis.

É importante, na universidade, permitir ao aluno dialogar para que o educador reflita acerca da leitura de mundo dos educandos. O estudo acadêmico deve relacionar-se ao mundo do estudante permitindo-lhe a produção de sentido em torno do conteúdo. O docente que recebera uma educação bancária deve mudar este paradigma. Segundo Dr. Elydio dos Santos Neto, embora estejamos tratando de uma questão que abrace todo um contexto escolar, o professor deve tomar a iniciativa sobre sua perspectiva em sala, em congruência com as palavras de José Marques de Melo.

Considerações

Na fusão das proposições desses dois mestres, encontramos um ponto de congruência tão forte que dificulta qualquer tentativa de elucidarmos essa relação simbiótica. Com base na afirmação feita pelo próprio Paulo Freire [s.d.]: "Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo", encontramos o eixo que mantém todo o corpo do estudo em equilíbrio: o educar/comunicar baseiam-se na prática do tornar comum. Essa força motivadora é fecundada a partir de virtudes que consistem em termos pouco utilizados no meio de cunho científico, porém frequentemente proferidos pelo educador: amorosidade, fé, esperança, humildade e simpatia. Estes acionam o motor que garante o bom funcionamento da engrenagem de uma organização social. Não há motivação sem simpatia.

Elydio dos Santos Neto afirma que agarrar-se à perspectiva da educação libertadora promove um embate em relação aos pais e, possivelmente, à própria estrutura escolar. Esta problemática desemboca nas falas de Cicília Peruzzo, que cita as más condições apresentadas aos professores, como o ponto crucial pela ausência das proposições *freireanas*. A nascente dessa lógica situa-se na constatação de José Marques de Melo quando relaciona a essa questão o cunho econômico-social inerente a todas as esferas da educação e comunicação popular, pela ausência de perspectiva econômica.

Camarões e lulas gigantes

Daniel Castro[I]

19.3
CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José (Org). **Caleidoscópio chinês:** comunicação, educação e turismo na Nova China. INTERCOM; Sorocaba: Eduniso / Provocare, 2008. 265p.

Antes de início de conversa, o livro "Caleidoscópio Chinês: comunicação, educação e turismo na Nova China" trata-se de uma publicação inédita e que é fruto de um projeto inédito. E, diga-se, inédito não por figura de linguagem ou forçação de barra. Tem muita coisa inédita que não o é. E tem outras que recebem essa máxima e só ajudam a se detestar o termo. No jornalismo (e na política, na economia....), então, é usado como corriqueiro – e na maioria das vezes não o é. Por isso deve-se tomar cuidado de registrar a seguir que esta obra é - de fato – inédita e merece todas as reflexões possíveis. Resgatar como ela ocorreu ficará como um relato para as gerações presentes e futuras. Espero...

O livro "Caleidoscópio Chinês" faz parte de mais um projeto que está na lista (quase infinita) de ações capitaneadas pelo professor José Marques de Melo – um sonhador-realizador. Até porque muita gente sonha, mas poucos se colocam na linha de frente, pois isso envolve mexer com egos e superegos, além de questionar estruturas pré-concebidas. Nobre comunicador a quem registro meu agradecimento em conhecê-lo (obra e pessoa).

E nos mais variados enfrentamentos do Dr. Marques não poderia faltar o gigante asiático. E com a China – tema do livro aqui comentado – não foi diferente.

Mais a frente eu conto um pouco dessa saga (dele) em achar que conseguiria aproximar a China e o Brasil na área de comunicação – área esta uma das mais protegidas pelo sistema atual chinês (que não podemos chamar facilmente nem de capitalismo e nem de comunismo, muito menos de socialismo).

O "Caleidoscópio Chinês" é uma publicação que traz dez relatos (artigos) feitos por doze pesquisadores de universidades de todas as regiões do Brasil, que visitaram a China, em julho de 2007 – missão organizada pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM), em parceria com a Câmara Brasil-China de Desenvolvimento Econômico (CBCDE) e com o apoio do Jornal Chinês para a América do Sul, Consulado da China em São Paulo e Embaixada da China no Brasil. Além de instituições universitárias e jornalísticas em Pequim, Xangai e Macau, entre outras.

Em suas 265 páginas, o livro retrata os aspectos da Comunicação, da Educação, do Turismo e da vasta Cultura desta civilização tão antiga, mas, agora, tão moderna.

Realidade sinobrasileira

E ao falar dessa obra, mais uma das publicações históricas organizada pelo professor Marques, não é possível não viajar junto com ela. E também não contextualizá-la.

Estamos falando de um período de inflexão nas relações entre o Brasil e a China. De 1989 a 2012 as relações comerciais aumentaram mais de 7000% - SETE MIL!!!

---

1. Coordenador Institucional da Fundação Perseu Abramo – Partido dos Trabalhadores, Brasil. Comunicador Social pela Universidade Braz Cubas, Mogi das Cruzes (SP). Autor de vários livros, entre eles *Brasil-China: uma parceria de sucesso, sim!* (Editora Vespa Brasil). Foi editor da revista *Parceria Brasil-China*, única revista impressa publicada no Brasil e na China em mandarim e português. Foi Assessor-Chefe de Comunicação do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Em conjunto com o prof. Marques de Melo organizou o anuário *Panorama das Comunicações e das Telecomunicações no Brasil* (2010 e 2011 – IPEA). Foi Diretor de Comunicação da Câmara Brasil-China de desenvolvimento Econômico (CBCDE); Foi Coordenador de Relações Institucionais da Câmara de Comércio Americana (Amcham-SP). Foi secretário por dois mandatos da Comissão de Ética do Sindicato dos Jornalistas no estado de São Paulo. Foi escolhido (em 2011) pela Associação Chinesa no Brasil e pela CBCDE personalidade na área de comunicação Brasil-China. Correio eletrônico: dancas.ma@gmail.com

Em 1989 as transações comerciais fecharam em cerca de US$ 756 milhões. Em 2013 os números foram para U$ 75 bilhões. A China deixou para trás os Estados Unidos e assumiu o lugar de parceiro mais importante do Brasil. Não é pouca coisa.

Além dos números comerciais, também as relações entre os dois gigantes ganharam componentes culturais. A exposição "Guerreiros de Xian e os Tesouros da Cidade Proibida", realizada no espaço da Oca, em São Paulo, bateu recordes de visitação. Foi a mostra mais visitada de todos os tempos no Brasil.

No campo político, os dois países – junto com a Índia – lideraram e lideram o G20 - grupo de países que representam 60% da população do mundo -, que defendem uma pauta estratégica junto aos chamados países em desenvolvimento. Algo impensável há tempos atrás. Inimaginável!

Nos esportes a China organizou uma das mais espetaculares Olimpíadas da história dos jogos modernos. E quebrou a hegemonia dos Estados Unidos em número de medalhas – feito só conquistado pela União Soviética.

O Brasil, por outro lado, conseguiu a façanha de ser escolhido como país anfitrião de uma Copa (2014) e uma Olimpíada (2016). Apesar dos protestos e do governo não saber como comunicar esses feitos, não é usual um mesmo país – em curto espaço de tempo – receber dois dos maiores eventos mundiais.

Ainda poderíamos destacar outras grandes conquistas para cada lado ou de forma conjunta. Mas a principal delas é que estes dois gigantes conseguiram diminuir o abismo entre seus povos.

Tanto o Brasil como a China mudaram as condições de vida de seus habitantes, melhorando o universo dos mais pobres e seus indicadores sociais, de forma geral. Óbvio, com muito chão para trilhar. E como muitos senões de lado a lado. Entre eles a própria democracia, no caso da China. E desigualdade e violência brutal, no Brasil.

E foi nesse contexto que se deu o nascedouro e a concretização do projeto de aproximação entre o Brasil e a China na área de comunicação – tendo a frente o Marques – à época presidente da INTERCOM. E o livro "Caleidoscópio" - que não é uma publicação de caráter acadêmico – é o registro histórico desse acontecimento.

Camarões e lulas...

É de se estranhar o título deste artigo, mas ele "brinca" com a conjuntura de como se deu o início das conversas e onde elas ocorreram.

Entre camarões maranhenses surgiu esse desafio de levar uma missão da INTERCOM à China. Foi durante um almoço (uma camaroada), em São Luís, que o professor Marques me indagou como poderíamos estreitar os laços e conhecer de perto a China. Minha resposta foi direta: vamos pra lá! Entre lulas chinesas,

saboreadas no bairro da Liberdade, em São Paulo, o roteiro e as agendas foram se acertando. E por se tratar de missão de jornalistas a tarefa era bem mais robusta.

A escolha foi a aproximação à moda chinesa. Antes do convite, a INTERCOM foi recebida, em jantar, pelo cônsul geral da China, em São Paulo, Sun Rongmao – um dos mais preparados quadros do governo, fluente em português (uma ótima porta de entrada).

No cardápio, o convite para que a China recebesse essa missão inédita. E assim foi feito. O consulado ajudou e Câmara Brasil-China de Desenvolvimento Econômico (CBCDE) organizou o roteiro e recepção pelas entidades comunicacionais da China.

Assim o caminho estava delimitado. A maior missão de comunicadores brasileiros - 36 representantes – visitaria a China e conheceria – de perto – o que ocorria na sua estrutura comunicacional, além do que já sabíamos que ocorrera na economia, etc...

Por isso é muito importante também se conhecer como se deu esse processo que resultou no Caleidoscópio, na qual a comunicação torna-se a chave para várias dúvidas e respostas. E não custa lembrar que países (de perfil comunista) como a China não são muito afeitos a receber comunicadores...

É a comunicação...

Na atual fase das relações humanas, sociais, políticas e econômicas – sim, essas relações passam por fases -, temos uma conjuntura onde a comunicação, seja ela qual for, está no topo dos processos que movem as novas - ou velhas - estruturas de poder.

Aqui pra nós, a comunicação sempre esteve neste patamar, o que muda, e sempre mudará, são os instrumentos de uso do momento. Por exemplo: agora é a Internet, mas já foi o rádio, o pombo etc...

E não são diferentes na condução dos novos - ou velhos - regimes políticos. Isso vale para capitalistas, comunistas, socialistas ou anarquistas.

A comunicação exerce essa fantástica ilusão que pontes podem ser construídas entre a informação e o entendimento dessa informação. O que se diz aqui no Brasil será o mesmo que se compreenderá na China? Não necessariamente. Independentemente, essas pontes devem ser construídas.

Essa reflexão inicial serve de base para se entender que há, sim, uma imensa ponte comunicacional a ser construída entre estes dois países. O que se traduz, no mínimo, em um grande desafio.

Até porque entender o que se passa fora da China - apesar de poucos pensarem assim - também é um grande desafio para os chineses.

Desafio proposto. Desafio aceito. Assim podemos dizer que a INTERCOM e instituições chinesas como as Universidades de Pequim e Xangai aceitaram

esta jornada histórica, que foi iniciada por uma visita de seus pares brasileiros - descrita no livro Caleidoscópio Chinês.

Estamos falando da aproximação de dois gigantes – antes só gigantes –, mas que na atual conjuntura exercem, das mais variadas formas e sob influências diversas, papéis poderosos no tabuleiro global - antes dominado pelas figuras conhecidas de todos.

Como parte deste processo, vale lembrar, a comunicação foi uma das últimas pontes a serem pensadas.

Para um bom entendedor de China, claro, os negócios vieram primeiro, depois a informação. Não custa tentar entender porque se encontram tantas pedras no caminho, pois o mapa dos negócios não tinha muito mais que informação das posições a serem seguidas, com a seguinte filosofia adaptada: se os negócios são da China é pra lá que se deve ir.

Como pano de fundo deste processo de descobrir o que havia por trás destes gigantes, tanto chineses como brasileiros começam a fazer parte deste novo capítulo.

E a bússola comunicacional indica que não se deve andar por sobre as águas, como fez o apóstolo Pedro. E o que se vê no horizonte pode não ser terra firme.

Traduzindo: nem todas as informações que chegaram por aqui, referentes à China, são verdadeiras. E o mesmo vale sobre o que chegou por lá sobre nós - ou melhor - sobre o Brasil.

De posse dessa ressalva, cabe se deixar levar pelo novo que decorre desta aproximação. Sem ser piegas, dá para se conhecer como funciona a comunicação neste universo sino-brasileiro sem pré-julgamentos. E foi dessa forma que o Marques iniciou esse processo. Sem preconceitos.

Vamos para China

Experiências internacionais não faltam no currículo do professor Marques de Melo. Sejam elas em eventos, publicações ou mesmo juntando os comunicadores de países. Pela INTERCOM, muitos colóquios foram realizados: Brasil-EUA; Brasil-França; Brasil-Argentina; Brasil-Alemanha; Brasil-Chile; Brasil-México; dentre outros.

Com a China não foi diferente. E a cidade de Vitória (ES) recebeu, em 2010, o I Colóquio Brasil-China de Comunicação. Da parte da China o evento teve a participação de 20 representantes das mais variadas mídias. Do Brasil houve uma expressiva participação de membros da diretoria da INTERCOM.

Esse colóquio debateu, sem censura, todos os temas relevantes sobre comunicação entre os dois países. Os chineses tentaram responder todas as perguntas e também mostraram como atuam. Pode parecer algo simples, mas nunca a China havia debatido, fora da China, seu setor de comunicação.

Essa iniciativa ainda renderá um segundo colóquio, este a ser feito em Pequim – evento já marcado e que, infelizmente, ainda não foi feito por parte dos brasileiros. Mas que tenho certeza que será realizado. Não só pela sua importância histórica como pelo caráter de dar continuidade a essa aproximação.

Marques e Beltrão

Além de saber os acontecimentos que fizeram possível esta obra, também é importante registrar que um pioneiro serviu de inspiração: Luiz Beltrão. Em artigo publicado no Jornal da INTERCOM, Marques destaca a importância deste colóquio e relembra a histórica fala de Beltrão sobre a China, que retrata sua passagem pelo país em 1958:

> O chinês é um povo que encontrou [...] o caminho certo para a construção do seu destino. E é um povo que quer, realmente, construir este destino. [...] Ninguém, nenhuma força estranha poderá mais alterar os rumos com que a China marcha para o futuro. [...] Meio século de lutas heroicas temperou o espírito da nação, tornando-a inflexível na determinação de ocupar o lugar que lhe cabe na liderança do mundo moderno.

Em sua apresentação no livro, Marques resgata esse importante registro, que por mera ocasião do destino estava completando cerca de 50 anos, por meio da citação de obra de Beltrão Itinerário da China (Imprensa oficial de Pernambuco, 1959).

Segundo Marques, "[...] Luiz Beltrão emulava as vanguardas brasileiras para buscar inspiração no modo chinês de transformar a sociedade e dinamizar a economia, sepultando os resquícios de 'subserviência à dominação estrangeira'", o que deixa claro a importância inspirativa de Beltrão para que a ponte com a China fosse retomada.

Nas trilhas de Beltrão, a missão liderada pelo professor Marques desbravou a China e mostrou que a parceria entre os dois países, já consolidada em várias áreas, também poderia ser possível na de comunicação. O desafio estava aberto.

Os desbravadores

Do grupo de 36 viajantes da missão INTERCOM, doze escreveram textos individuais ou a quatro mãos. Além do organizador (Marques), os desbravadores foram: Ada Cristina Machado da Silveira, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Adilson Citelli, da Universidade de São Paulo (USP); Antonio Teixeira de

Barros, do Instituto de Educação Superior de Brasília (IESB); Marleine Paula Marcondes e Ferreira de Toledo, da USP; Márcia Perencin Tondato, da Universidade Metodista; Paulo César Boni, Universidade Estadual de Londrina (UEL); Sandra Pereira Tosta, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUCMinas) ; Scarleth O'Hara Arana, da Universidade Federal do Pará (UFPA); Sérgio Pio Bernardes, da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM); Susana Gastal, da Universidade Caxias do Sul e da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS); e Zélia Leal Adghirni, da Universidade de Brasília (UnB).

Com o foco nos temas do livro: comunicação, educação e turismo, pode-se imaginar que o "Caleidoscópio" é um registro de autores que tinham, anteriormente, um desejo muito grande de conhecer este enigmático país. E esse desejo só aumenta depois da China inverter a lógica econômica e trilhar um dos exemplos mais emblemáticos de desenvolvimento social – sem entrar aqui no mérito se o planeta aguenta.

Dessa forma, nos relatos há de tudo um pouco. Sem citar cada um dos artigos e detalhar o que cada um viu, até porque a obra deve ser lida, pois ela é um "guia" aberto com impressões de turistas – quando se trata de reconhecer, por meio de fotos e relatos de experiências da viagem, as fabulosas paisagens e os extraordinários monumentos erguidos em mais de seis mil anos de civilização; seja na descrição do modus operandi de como a comunicação é operada e como os comunicadores locais lidam com as "regras" do Partido; ou mesmo na tradução do que venha a ser essa "Nova China", tão nova, mas que ainda guarda, fisicamente, muito do acervo do mundo sobre como o homem fez a passagens para várias descobertas que até hoje impactam em nosso cotidiano.

Vale também destacar que os autores não pouparam nos seus textos as críticas ao que entenderam ser desafios que a sociedade chinesa enfrenta ou terá que enfrentar.

Muito do que se lê nas páginas do Caleidoscópio é puro relato original, que tem essa histórica importância, pois, pela primeira vez, estudiosos da comunicação olharam de perto como os veículos funcionam: o grupo visitou jornais e tevês. E também como se estava estruturada a grade dos cursos de comunicação e que infraestrutura os estudantes tinham na China.

Tudo isso só era possível saber – até a publicação do "Caleidoscópio" – por meio de literatura vinda da Europa e Estados Unidos, em muitos casos, destacando aspectos negativos. Não que o relato dos autores do livro tenham ido numa linha de elogios desmedidos, mas foram mais equilibrados, sendo esta característica um dos méritos da publicação.

O livro foi dividido da seguinte forma: 1. Fragmentos de uma viagem onírica – José Marques de Melo (São Paulo); 2. Um fotógrafo em estado de graça – Paulo César Boni (Paraná); 3. Pasárgada chinesa – Marleine Paula Marcondes e Ferreira de Toledo e Sergio Pio Bernardes (São Paulo); 4. Percurso da aprendizagem – Zélia Leal Adghirni (Brasília); 5. As ilusões perdidas – Scarleth O'Hara

(Pará); 6. Imaginário construído para o turismo – Susana Gastal (Rio Grande do Sul); 7. O olhar estranho – Márcia Perencin Tondato (São Paulo); 8. Entremeios educativos – Adilson Citelli (São Paulo); 9. A China são muitas – Sandra Pereira Tosta (Minas Gerais) e Ada Cristina Machado (Rio Grande do Sul); 10. Mosaico de contradições – Antonio Teixeira Barros (Brasília).

O lançamento

Uma obra histórica como é o "Caleidoscópio" só poderia ter sido lançada num momento também histórico. No mesmo horário de abertura da Olimpíada de Pequim, em São Paulo, também seria aberta a Casa de Beijin, uma mega exposição que transportava para o memorial da América latina cerca de 140 atividades em torno da cultura, das artes e dos esportes da China – evento que foi organizado pela Prefeitura de São Paulo, Embaixada da China no Brasil, Consulado Geral da China em São Paulo e com o apoio da INTERCOM.

Com a presença de autoridades dos dois países, o livro foi lançado com a presença do organizador, professor Marques e de quase todos os autores.

Além do lançamento, o livro serviu de base para uma programação de debates do "Fórum Brasil-China: Comunicação, Educação e Turismo na nova China", que ocorreu nos dias seguintes da mostra. Ciclo que reuniu além de coautores do livro alguns especialistas convidados. Uma olhada na programação mostra o relevante debate que se originou do lançamento do "Caleidoscópio":

Fórum Brasil-China: Comunicação, Educação e Turismo na nova China
Organizado pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM), em parceria com a Associação Cultural Chinesa do Brasil e o apoio da Secretaria de Esportes, Lazer e Recreação da Prefeitura da Cidade de São Paulo.

A China vista por jornalistas brasileiros, ontem e hoje
Coordenadora: Anmaria Fadul.
Debatedores: José Marques de Melo, Zélia Leal Adghirni, Daniel de Castro e Denise Fon, Jaime Spitkovsky.

Propaganda política na China: de Mao Tsé Tung a Wen Jibao
Coordenador: Adolpho Queiroz.
Debatedores: Ingrid Gomes, Bruna Guimarães, Patrícia Paixão e Moisés Bairel.

Educação, Cidadania e Cultura: singularidades chinesas, olhar brasileiro
Coordenador: Adilson Citelli.
Expositores: Sandra Tosta, Ada Cristina Machado, Marleine Toledo, Sergio Pio Bernardes e Fábia Dejavite.

China para brasileiro ver: mídia, turismo, imaginário
Coordenadora: Susana Gastal.
Expositores: Scarleth O`Hara, Paulo Cesar Boni, Márcia Tondato, Antonio Teixeira Barros, Diva Lea Batista da Silva.

Comentário final

Como descrito, o professor Marques deixa para todo o campo da comunicação mais esta inflexão e abre muitas trilhas. Será que o Brasil, seus comunicadores, não poderiam liderar uma pesquisa sinobrasileria sobre o setor de comunicação? Que áreas são possíveis parcerias? Intercâmbios em pós-graduação...

Por isso vejo com naturalidade que essa colaboração pode servir de base para novos desafios. Criar novos referenciais de estruturas de comunicação. E, porque não, novos pensadores e pesquisadores?

A realização de um colóquio na China será outra grande oportunidade de se detalhar que tipo de ponte pode ser erguida. Estamos diante de uma obra monumental. Os camarões e as lulas foram os petiscos iniciais. Ainda vêm muitos tutus e ovos de mil anos por aí. Precisamos de braços e mentes. Eis-me aqui!

Referências

BELTRÃO, Luiz. **Itinerário da China** - um repórter visita o milenar e novo país do Extremo Oriente. Recife, 1959

Revista Parceria Brasil-China. Editora Câmara Brasil China de Desenvolvimento Econômico (CBCDE).

Jornal Intercom. a. 4, nº 107. São Paulo – SP – Brasil, 8 de agosto de 2008.

Farol beltraniano para o ensino do jornalismo no Brasil

Francisco Rolfsen Belda[1]

20.3 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José; VIDAL, Rose; AMARAL, Eduardo (Orgs). **Metodologia do ensino de jornalismo Luiz Beltrão**. Coleção Beltranianas. v.3. São Paulo: INTERCOM, 2012. 185p.

Estudantes, praticantes, professores e pesquisadores do jornalismo no Brasil ganharam, em 2012, um instrumento precioso e há cinco décadas aguardado pela comunidade comunicacional lusófona, com o resgate, a organização e a publicação, por iniciativa da INTERCOM (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), de um dos mais importantes e originais contributos metodológicos sul-americanos para o ensino da arte e da técnica de se fazer e refazer, diariamente, um jornal.

A obra que motiva essas linhas trouxe a público, pela primeira vez em língua portuguesa, a íntegra do curso "*Metodos en*

1. Jornalista formado pela PUC-Campinas (1999), mestre em Ciências da Comunicação pela ECA-USP (2003) e doutor em Engenharia de Produção pela EESC-USP (2009), é docente do Curso de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac), da Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho" (Unesp).

la enseñanza de la tecnica del periodismo", ministrado em 1963, em Quito, no Equador, pelo jornalista, professor e pesquisador Luiz Beltrão de Andrade Lima (1918-1986), pioneiro do ensino e da investigação científica nessa área no Brasil, e cuja valiosa contribuição teórica, prática e pedagógica para o jornalismo e o campo da comunicação motiva pesquisas diversas, com o apoio da INTERCOM, desde sua fundação, em 1977, sob a liderança de José Marques de Melo.

Apenas recentemente, no entanto, uma parte importante desse trabalho passou a estar disponível de modo completo e mais amplamente acessível entre nós, a partir do lançamento do livro "Metodologia do ensino de Jornalismo Luiz Beltrão", organizado pelo professor Marques de Melo em parceria com seus colegas Rose Mara Vidal de Souza, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), e Eduardo Amaral, da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), publicado pelos selos editoriais da EDUFU e da INTERCOM[2].

Seu conteúdo desperta especial interesse didático porque sintetiza ideias inovadoras do mestre pernambucano sobre problemas conceituais do jornalismo e seus processos de ensino e aprendizagem, delineando diretrizes fundadoras, e ainda hoje pertinentes, para um currículo de formação de profissionais de imprensa no país.

O notável trabalho de seus organizadores e colaboradores só foi possível, antes de tudo, graças à diligência investigativa da também professora e pesquisadora Maria Cristina Gobbi, a quem se deve o resgate dos documentos originais datilografados em português por Beltrão e que compunham aquele plano de aulas sistematizado ainda no início dos anos sessenta[3].

O curso de formação havia sido ministrado, em dez sessões, para um grupo de professores na Cátedra de Pedagogia do Jornalismo sediada na capital equatoriana pelo CIESPAL (Centro Internacional de Estudos Superiores de Periodismo para a América Latina). Sua regência havia sido recém transferida a Beltrão pelo também jornalista brasileiro Danton Jobim, após convite feito pelo professor Jorge Fernández, à época diretor do órgão.

Como registram os organizadores da obra, apesar de inédito no Brasil, o

2. A obra corresponde ao terceiro volume da "Coleção Beltranianas", composta também por "Fortuna Crítica de Luiz Beltrão: Dicionário Bibliográfico" (vol.1), organizado por Marques de Melo, e "Jornalismo Cultural: Temas de Comunicação" (vol.2), com organização de Antonio Hohlfeldt, ambos pela INTERCOM.

3. Como relata José Marques de Melo, no "Prefácio" da obra, esses originais encontravam-se depositados no Acervo do Pensamento Comunicacional Latino-Americano, reunido e mantido pela Cátedra UNESCO de Comunicação, na UMESP. A uma equipe de pesquisadores e bolsistas da universidade cabe também o mérito pela edição.

conteúdo desse programa seminal já havia sido publicado, ainda em 1964, um ano após sua apresentação em Quito, com edição em língua espanhola de ampla circulação no continente[4]. Uma breve síntese do material também chegou a ser publicada, pelo próprio autor, como capítulo introdutório em "A imprensa informativa", obra de 1969 bastante difundida no país.

De 1963 a 2012, o único outro meio de acesso a esse material foram, provavelmente, as apostilas didáticas organizadas e disponibilizadas pelo próprio Luiz Beltrão a seus alunos da Universidade Católica de Pernambuco (UCP), dentre os quais se destacava um jovem estudante de raro talento, natural de Palmeira dos Índios, nas vizinhas Alagoas, e que não tardou a firmar-se no cenário acadêmico latino-americano como principal estudioso, divulgador e atualizador, até os dias de hoje, do legado do mestre pernambucano.

Alicerce para o pensamento jornalístico no Brasil

Não por acaso, grande parte do conteúdo do curso ministrado por Beltrão na Cátedra que dirigiu no Equador baseava-se em experiências didáticas mantidas em aulas expositivas, práticas e analíticas na UCP, no Recife. Tais apontamentos não tinham, assim, a pretensão de constituir uma teoria definitiva ou mesmo um modelo geral para se fazer jornalismo. Como registra o professor, em sua nota de abertura, as iniciativas para o ensino desse ofício "estão, logicamente, na dependência de nossos sistemas educacionais, do equipamento das nossas escolas de jornalismo e, sobretudo, da realidade econômica das empresas editoriais da América Latina" (MARQUES DE MELO et al., 2012, p.23).

Suas contribuições, no entanto, parecem transpor dificuldades históricas na constituição de uma metodologia adequada para o ensino de jornalismo no contexto regional, adaptando-se às condições e aos recursos próprios de sua situação. Como sublinha Beltrão, a iniciativa do CIESPAL era um impulso a romper entraves que retardavam, entre as "noções subdesenvolvidas", "a causa do ensino e da investigação científica do jornalismo", entre os quais cita:

4. A referência dessa obra aparece em listas bibliográficas de obras posteriores de seu autor da seguinte forma: BELTRÃO, Luiz. **Metodos en la enseñanza de la tecnica del periodismo**, Quito, CIESPAL, 1964. Antes, em 1958, Danton Jobim já havia ministrado um "Seminário sobre a Formação de Jornalismo", também em Quito, pelo CIESPAL.

> [...] [a] imensidão de nosso continente e ainda precárias condições de seu sistema de comunicações, [o] isolacionismo intelectual em que se encontram os povos latino-americanos, sob a influência do colosso estadunidense, de um lado, com seu imenso potencial técnico e econômico e da cultura europeia, do outro, notadamente francesa, que continua a servir de padrão aos nossos movimentos espirituais -- e em segunda mão, pois nos chega em regra através dos seus poderosos reflexos no pensamento ibérico [...] (MARQUES DE MELO et al., 2012, p.153).

De fato, essas reflexões emergiam em um ambiente e um momento de particular efervescência acadêmica em torno do ensino e da aprendizagem de jornalismo. Em 1960, três anos antes das conferências em Quito, Beltrão havia publicado "Iniciação à filosofia do jornalismo", obra que representou, nas palavras de Marques de Melo (1995, p.99), um "tratado de teoria jornalística, sistematizando conceitos e revisando sua aplicação corrente na prática profissional", a partir da qual se erigiria o "referencial metodológico" da trilogia formada por "A imprensa informativa" (1969), "Jornalismo interpretativo" (1976) e "Jornalismo opinativo" (1980).

A alvorada dos anos sessenta trazia também o "Espírito do jornalismo", de Danton Jobim, com uma série de ensaios de jornalismo comparado e estudos de caso sobre a imprensa do pós-guerra, mais tarde incluído, assim como "Iniciação...", na coleção "Clássicos do jornalismo brasileiro", idealizada por Marques de Melo e publicada pela Edusp[5]. Nesse *corpus* bibliográfico figuravam, ainda, o "Manual de jornalismo", de John Hohenberg, e a "Introdução ao jornalismo", de Fraser Bond, editados no Rio de Janeiro, em 1962, e citados por Beltrão.

Imerso nessa ebulição, em 1963, o então estudante José Marques de Melo participaria, com seu mestre pernambucano, da criação do Instituto de Ciências da Informação (ICINFORM), primeiro centro acadêmico nacional de estudos midiáticos, e, em seguida, da revista científica "Comunicações & Problemas", também pioneira[6]. Em 1966, suas atividades aceleram-se

5. Além das duas obras de 1960, de Jobim e Beltrão, a coleção publicada pela Edusp, ao lado de "A imprensa e o dever da verdade", de Rui Barbosa (1920), "O problema da imprensa", de Alexandre José Barbosa Lima Sobrinho (1923), "A missão da imprensa", de Carlos Lacerda (1950), e "O jornalismo como gênero literário", de Alceu Amoroso Lima (1958).

6. Em seu número de estreia, a revista destacava a plataforma original de pesquisa lançada por Beltrão em torno do conceito de Folkcomunicação, uma de suas principais contribuições teóricas, com respaldo do eminente folclorista Luis da Câmara Cascudo, e que exerce, ainda hoje, forte influência sobre o pensamento comunicacional culturalista na América Latina. Ver

rapidamente. Já professor assistente, segue a rota até Quito para um curso de pós-graduação em Ciências da Informação Coletiva, no CIESPAL. Ao retornar, fixa-se em São Paulo e funda, em 1967, o Centro de Pesquisas da Comunicação Social, na Faculdade de Jornalismo Cásper Líbero.

Naquele momento de profunda agitação política e social no Brasil, com o auge da chamada "linha-dura" do governo militar, Marques de Melo, com apenas 23 anos, assume, por concurso público, em 1967, o cargo de professor da disciplina de Introdução ao Jornalismo na Escola de Comunicação e Arte (ECA) da Universidade de São Paulo (USP). Ali, após cinco anos de estudos na área das Ciências da Comunicação, torna-se, em 1973, o primeiro Doutor em Jornalismo do Brasil, com a tese "Fatores sócio-culturais que retardaram a implantação da Imprensa no Brasil", dando sequência a uma trajetória acadêmica ímpar e fartamente documentada[7].

Eis porque não é demais dizer que da combinação dos trabalhos de Luiz Beltrão e José Marques de Melo emerge a mais profícua bibliografia brasileira a servir como farol para o ensino e a investigação científica do jornalismo no Brasil. Beltrão deixou mais de vinte obras, formando um alicerce teórico ao qual Marques de Melo acrescentaria dezenas de outros títulos obrigatórios, a maioria com lugar cativo junto a quem estuda, pratica e professora o assunto[8]. Sob essa luz, portanto, as sementes que haviam subido os Andes voltaram e se espalharam.

O problema do ensino de jornalismo

Questões mais específicas do ensino do jornalismo, núcleo da obra aqui comentada, têm preocupado estudiosos, principalmente no exterior, desde a primeira metade do século passado, embora a investigação científica sobre os

---

MARQUES DE MELO, "*Aporte Brasileño a la Teoría de la Comunicación: el Estudio de Folkcomunicación según Luiz Beltrão*". Razón y Palavra, n. 27. Jun-Jul 2002.

7. Sobre essa trajetória, ver, por exemplo, GOBBI, Maria Cristina. **Grandes Nomes da Comunicação - José Marques de Melo**. Recife: UNICAP, 2001, 341 p.; e HOHLFELDT, A. (Org.). **José Marques de Melo, construtor de utopias**. São Paulo: INTERCOM, 2010..

8. Destacar apenas alguns títulos quando se trata da obra do professor Marques de Melo é, sempre, um empreendimento quase pessoal. Para mim, os títulos mais marcantes, também considerado seu pioneirismo, foram "Estudos de Jornalismo Comparado" (Pioneira, 1972) e "A Opinião no Jornalismo Brasileiro" (Vozes, 1985).

fundamentos da profissão e a própria ideia de uma "ciência do jornalismo"[9] sejam bem mais antigas[10].

Entre suas referências, Luiz Beltrão inclui os trabalhos precursores de Eric W. Allen ("*Printing for the Journalist: A Handbook for Reporters, Editors, and Students of Journalism", 1928)* e Robert W. Desmond *("La formación profissional de los periodistas", 1949).* Outras bibliografias registram que, em 1953, no Rio, já havia surgido "O ensino de jornalismo", de Carlos Rizzini, editado pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC); na Europa, também circulava *"La formation des journalistes",* de Jaques Leautéet et al., editada pela UNESCO, 1958 (MARQUES DE MELO, 1985)[11].

Na década de sessenta, a literatura didática sobre métodos para o ensino de jornalismo passa a se disseminar mais intensamente no país, tendo o CIESPAL como principal centro de irradiação. Por essa entidade, Danton Jobim lançou, em 1964, sua "*Pedagogia del periodismo"* e, um ano depois, o grupo de Quito organizaria, pelas mãos de seu diretor, Jorge Fernández, mais dois volumes sobre o assunto: *"Las escuelas de periodismo en América Latina"* e *"Enseñanza de periodismo y medios de información colectiva",* que seriam ampliados e atualizados, dez anos mais tarde, por *"La formación profesional de comunicadores y periodistas en América Latina"* (MARQUES DE MELO, 1985).

---

9. Como registra Marques de Melo (1985), a ideia de que o jornalismo possa constituir-se como um campo de conhecimento autônomo e independente, embora derivado das ciências sociais, tal como formulada pelo teórico polonês Mieczyslaw Kafel e também tratada na obra seminal do pesquisador alsaciano Otto Groth, tem sido designada na literatura especializada em diversos idiomas, além do alemão, com o emprego de termos ou expressões como "*pressowiedenie*" (russo), "*prasonawstwo*" (polonês), "*science of the press*" (inglês) e "*science de la pressa*" (francês). (p.7-8)

10. Ao compilar fontes para o estudo da comunicação, Marques de Melo (1995, p.102) identifica o trabalho editado de Josep María Casasús, pela Sociedade Catalana de Comunicació, que resgata e traduz aquela que é considerada a primeira tese acadêmica sobre a "ciência do jornalismo", datada de 1670 e intitulada "*De relationibus novelis*", defendida por Tobias Peceur na Universidade de Leipzig, Alemanha.

11. No Brasil, o diploma universitário em jornalismo era requisito obrigatório para o exercício da profissão, desde 1943, pela legislação da Era Vargas, mas tinha pouco valor efetivo, dada a relativa ausência de escolas à época. O maior impulso para a profissionalização ocorreria duas décadas depois, com a promulgação do decreto 1.177, de 1962, regulamentando o Registro da Profissão Jornalística junto ao Ministério do Trabalho. Como aponta Luiz Beltrão no Anexo B da obra, em 1963, havia 13 cursos de jornalismo no Brasil. O primeiro deles, da Fundação Cásper Líbero, é de 1947, seguido um ano depois pela Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro. (Marques de Melo, *et al.*, 2012)

A sistematização dessas contribuições tem sido um empreendimento gradativo e em permanente construção, que também perpassa a profícua obra de Marques de Melo. De fato, as bases para uma reflexão educacional no campo mais amplo da comunicação já haviam sido tratadas por ele, sob inspiração das ideias pioneiras de Beltrão, em suas "Contribuições para uma Pedagogia da Comunicação", publicadas em 1974[12], onze anos após o curso ministrado por seu professor em Quito. Desde então, essa bibliografia multiplicou-se, atraindo colaboradores em diversos grupos de pesquisa no país e no exterior.

Sobre a metodologia do ensino de jornalismo, dois trabalhos mais recentes do presidente de honra da INTERCOM merecem atenção especial. O primeiro, publicado na revista "Estudos de Jornalismo", em 2004, recompõe "os primórdios do ensino de jornalismo"[13]; e três anos depois sairia pela revista "Líbero" o texto "Reinventar o Ensino de Jornalismo: Desafio Infindável no Alvorecer do Século XXI", um chamado à atualização diante de rápidas e profundas transformações econômicas e tecnológicas em torno dos sistemas de comunicação em rede[14].

Metodologia para o ensino de jornalismo: plano da obra

O núcleo dessa pedagogia já se encontra em grande parte organizado, na obra aqui apresentada, mediante o profundo senso didático de Luiz Beltrão. Sua estrutura contém dez capítulos, que correspondem a cada encontro presencial do curso em Quito. Nessa edição, eles são antecedidos pelo prefácio, assinado por Marques de Melo, o prólogo, de Rose Mara Vidal de Souza, a apresentação, de Adriana Cristina Omena Santos, da UFU, e mais um pequeno texto de abertura, do próprio Beltrão. Ao final, há sete anexos originais, incluindo diretrizes curriculares, orientação de aulas e exercícios e uma importante compilação bibliográfica da época.

O primeiro capítulo introduz o ensino da técnica de jornal na universidade, sublinhando e também desmistificando preconceitos e desafios vigentes à época

12. MARQUES DE MELO, José. **Contribuições para uma Pedagogia da Comunicação**. São Paulo: Editora Paulinas, 1974 p.238

13. MARQUES DE MELO, José. "Os primórdios do ensino de jornalismo". **Estudos em Jornalismo** 1 (2): 73-83, Florianópolis, Editora Insular, 2004.

14. MARQUES DE MELO, José. "Reinventar o Ensino de Jornalismo: Desafio Infindável no Alvorecer do Século XXI". **Líbero** (Facasper), v. 19, p. 9-16, 2007.

-- e, em parte, ainda hoje -- com relação às escolas e programas de pesquisa. São pontuados os principais objetivos, funções e aspectos pedagógicos dessas iniciativas, situando a disciplina de "Técnica de Jornal" e suas atividades práticas, teóricas e analíticas como eixo central de um programa de estudo, procurando levar o aluno além dos "bancos escolares" e "integrá-lo [...] no cotidiano palpitante da comunidade" (MARQUES DE MELO et al., 2012, p.34).

No capítulo seguinte, o professor aborda a "organização do currículo e seleção de métodos" (MARQUES DE MELO et al., 2012, p.37), observando a importância da autonomia administrativa e didática dos cursos, os equipamentos, recursos e estruturas necessárias à cátedra e aclarando critérios para distribuição dos temas disciplinares ao longo de três séries anuais gradativas, sem desatentar para aspectos epistemológicos do processo de construção do conhecimento.

O capítulo terceiro focaliza "processos didáticos para a fixação da aprendizagem", elencando atividades, estratégias de ensino e exemplos colhidos na UCP, incluindo seu material didático e suas dimensões extra-curriculares, por meio da organização de arquivos, agenciamento de notícias, visitas técnicas e estágios. Destacam-se as tarefas de análise, pesquisa e experimentação com uso do jornal-cobaia, tomado como referência para ações didáticas, e o jornal-laboratório, produzido pelos alunos em condições próximas da realidade dos veículos impressos, ainda que sem a periodicidade diária daqueles.

O capítulo quarto discute problemas e métodos de verificação da aprendizagem, discriminando sistemas e critérios para a aplicação de exercícios, provas e outros instrumentos de avaliação para medir a aquisição de habilidades e competências jornalísticas pelos estudantes, considerando as diferentes fases e propósitos de sua formação. O tópico relata uma experiência prática na qual a classe foi transformada em uma "sala de redação", com os alunos desempenhando funções de repórteres, revisores, editores, secretários e chefes de reportagem, enquanto os professores assumiam a posição de diretores do jornal, em um ambiente de teste que fosse o mais próximo possível da "real vivência profissional", aí incluída a "pressão do relógio" (MARQUES DE MELO et al., 2012, p.63).

O quinto capítulo segue um método expositivo para tratar do "conceito, modalidades e caracteres" do jornalismo (MARQUES DE MELO et al., 2012, p.67). Ele se inicia com uma rica exposição mítico-historiográfica para remontar as origens do ofício entre povos da Antiguidade. Beltrão apresenta, em seguida, uma definição objetiva de jornalismo construída a partir de seis caracteres básicos: atualidade, variedade, interpretação, periodicidade, popularidade e promoção, explicando-os um a um. Propõe, com isso, que a profissão possa ser conceituada como um exercício de "informação de fatos correntes, devidamente interpretados e transmitidos periodicamente à sociedade com o objetivo de

difundir conhecimentos e orientar a opinião pública no sentido de promover o bem comum" (MARQUES DE MELO et al., 2012, p.72).

Sobre o caráter interpretativo não apenas dos textos de opinião, mas de toda a atividade jornalística que destaca e seleciona criticamente os elementos especialmente significativos da realidade, Beltrão bem lembra que...

> a interpretação jornalística não é dogmática; ao contrário, jungida ao mutável presente e à vertiginosa e irracional sucessão de ocorrências, mostra-se plástica, sensível às contingências, pronta para a revisão e a retificação em face de situações novas. [...] o jornalista é o agente da sociedade encarregado de imprimir a ordem, sentido e harmonia ao *mare magnun*[15] dos acontecimentos, com foco em determinado momento histórico, [e] o momento passa (apud MARQUES DE MELO et al., 2012, p.76)

No capítulo sexto, que segue um método analítico, o foco é o estilo jornalístico. Trata-se dos fatores que levam leitores a gostar de um jornal e a identificar-se com sua linguagem. Os tipos de jornal são classificados segundo sua periodicidade, formato, conteúdo e circulação. Beltrão pontua e explica os princípios da estilística textual do jornalismo, detalhando aspectos de suas formas características de narração e descrição.

O capítulo sétimo propõe um método analítico-experimental para trabalhar a "natureza, identificação, julgamento e redação" do gênero notícia, definido como "narração dos últimos fatos ocorridos ou com a possibilidade de ocorrer, em qualquer campo de atividade e que, no julgamento do jornalista, interessam ou têm importância para o público a que se dirigem" (MARQUES DE MELO et al., 2012, p.103-104). São abordados critérios de noticiabilidade, suas fontes, classificações e estrutura de informação, com apresentação de um roteiro e de exercícios para a prática redacional.

O capítulo oitavo segue um plano semelhante para abordar as técnicas de entrevista, como "instrumento básico da reportagem" (MARQUES DE MELO et al., 2012, p.117). O capítulo nono aprofunda conhecimentos específicos para o setor da reportagem policial, com a caracterização do ambiente e das fontes da área judicial e de segurança pública e dicas para a produção de reportagens sobre homicídio e suicídio. O décimo e último capítulo trata, enfim, da crônica, como gênero formador de opinião, tratando de sua "morfologia, natureza e técnica de redação" (MARQUES DE MELO et al., 2012, p.143). São identificadas as correntes de opinião internas e externas que concorrem na construção do

15. Grifo do original.

conteúdo de um jornal, além de serem expostos os critérios para a classificação desses textos e suas formas de experimentação didática no curso de jornalismo.

Considerações finais

Esta breve exposição procurou sublinhar a importância do livro "Metodologia do ensino de jornalismo Luiz Beltrão" para que estudantes, professores e outros interessados no assunto venham refletir, uma vez mais, sobre os alicerces formativos dessa profissão que se firmou como pilar central da esfera pública na modernidade. É curioso e alentador perceber como essas ideias arquitetadas há cinquenta anos permanecem válidas e influentes no permanente tatear de caminhos e na busca de métodos para nortear a formação de jornalistas no país e no mundo.

Mais do que nunca, esse ofício procura, agora, vislumbrar seu futuro, em uma atmosfera nebulosa, com águas revoltas e em rápida transformação. O resgate empreendido pelos professores Marques de Melo, Rose Vidal e Eduardo Amaral sobre a obra daquele pioneiro no ensino do jornalismo no Brasil, chega, portanto, em boa hora, como um farol a nos lembrar que, a qualquer tempo e sobre qualquer maré, os princípios fundantes do jornalismo devem seguir sendo transmitidos às novas gerações a partir do melhor entendimento que temos sobre a ciência de transformar o conhecimento humano em notícia diariamente, sem abrir mão do criticismo que o distingue no mar aberto da comunicação.

Referências

BELTRÃO, Luiz. **Imprensa informativa**: técnica da notícia e da reportagem no jornal diário. Coleção Mass-Media. v.1. São Paulo: Editor Folco Masucci, 1969.

MARQUES DE MELO, José; VIDAL, Rose; AMARAL, Eduardo (Orgs). **Metodologia do ensino de jornalismo Luiz Beltrão.** Coleção Beltranianas, v.3, São Paulo, INTERCOM, 2012. 185p.

MARQUES DE MELO, José. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Editora Vozes, 1985 p.166, 1a ed. 1985, 2a. 1994.

MARQUES DE MELO, José. **Fontes para o estudo da comunicação.** São Paulo: INTERCOM, 1995. 255p.

SEÇÃO IV

SUPERVISÃO EDITORIAL

A diversão como gênero jornalístico

Francisco de Assis[1]

1.4 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José (Ed.). **Jornalismo diversional**. São Paulo: ECA-USP, 1971.

Fonte paradigmática

Peço licença para iniciar esta reflexão em primeira pessoa. Embora seja algo pouco comum em minhas produções bibliográficas, a temática do livro que aqui me coube abordar assim o permite. Trata-se do mote de minha tese de doutoramento, em vias de finalização, e sobre o qual me dedico desde 2008, quando iniciei os estudos do mestrado. Sob orientação de José Marques de Melo – que cunhou a nomenclatura definidora de um dos gêneros praticados pela imprensa, a qual dá título à pequena obra privilegiada neste texto –, venho

1. Professor do curso de graduação em Jornalismo da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), em São Paulo (SP). Doutorando e mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Vice-coordenador do grupo de trabalho (GT) Estudios sobre Periodismo da Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIC). e-mail: francisco@assis.jor.br

buscando estabelecer conexões entre teoria e prática, a fim de compreender em quais circunstâncias informação de atualidade e diversão se imbricam a ponto de delinear certo propósito e de configurar o trabalho de alguns repórteres.

O jornalismo diversional, portanto, é objeto com que tenho particular afinidade, e isso é motivo suficiente para eu me satisfazer em, aqui, poder traçar parâmetros para a compreensão de um livro que avalio como fundamental. E se assim o adjetivo, tenho em vista que nas poucas páginas de uma edição rudimentar encontra-se a base epistêmica de uma taxionomia que busca colocar os frutos do trabalho jornalístico em paralelo às funções desempenhadas pelos meios de comunicação na sociedade. Se Charles Wright (1968, p. 19) – dando continuidade às observações feitas pioneiramente por Harold Lasswell[2] –, considerou o **entretenimento** como base dos "atos comunicativos com a intenção de distração, sem qualquer preocupação com os efeitos instrumentais que eles possam ter", é cabível, numa perspectiva funcionalista do jornalismo, tomar a *diversão* como caractere de uma classe de matérias orientadas a distrair seus receptores, combinando o interesse gerado pelas histórias focalizadas com a técnica redacional capaz de capturar detalhes e particularidades que dão tom às narrativas. O distrair/divertir consiste, assim, na tônica de um conjugado de formas de expressão ao qual se atribui o *status* de gênero e que recebe – ao menos no Brasil – o nome "diversional".

É evidente, contudo, que a explicação não se dá apenas pelo ponto de vista do divertimento como uma finalidade do trabalho jornalístico. Por isso, me agrada retornar a essa coletânea, para dela extrair a essência de um legado teórico que tem subsidiado não só a minha incursão acadêmica pelo terreno dos gêneros, mas também o trabalho de outros tantos pesquisadores, igualmente interessados no mesmo assunto[3]. Mas devo destacar, de antemão, que os quatro capítulos ali reu-

2. Harold Lasswell foi o primeiro a sistematizar as funções exercidas pela comunicação de massa no sistema social. Publicadas originalmente em 1948, suas observações reúnem os elementos daquilo que se entende por teorias das diferenças individuais (de cunho psicológico) e do que se convencionou chamar de torias das categorias sociais (de teor sociológico). Às funções por ele identificadas – *vigilância sobre o meio ambiente*, *correlação das partes da sociedade em resposta ao meio* e *transmissão da herança social de uma geração para a outra* –, Charles Wright acrescentou um quarto item, o *entretenimento*, em explanação realizada durante o 4º Congresso Mundial de Sociologia (Milão, Itália), em 1959.

3. Uma rápida busca no Google Acadêmico, realizada em setembro de 2013, recuperou 110 trabalhos que ao menos mencionam o termo "jornalismo diversional" e mais 48 itens que fazem referência a "gênero diversional".

nidos dizem mais nas entrelinhas do que nos próprios textos, porque em nenhum momento exibem a palavra "diversional" – que, reforço, aparece no título –, mas, por outro lado, elencam, cada qual a seu modo, uma série atributos constituintes desse agrupamento. Sendo o primeiro vestígio desse conceito a ser encontrado na literatura comunicacional brasileira, não tenho dúvidas em situá-lo como fonte paradigmática para o entendimento da questão, haja vista sua originalidade e sua permanência na pauta acadêmica durante décadas.

Por essas e outras razões – a serem ditas na sequência –, "Jornalismo diversional", apesar da aparência modesta, figura como produção significativa de José Marques de Melo, que, embora não tenha seu nome indicado como organizador, selecionou o material ali reproduzido, assim como foi quem primeiro adotou o termo "diversional" para designar o conjunto das matérias jornalísticas arquitetadas com recursos redacionais típicos da literatura e que, pela própria natureza, acabam por divertir seu público e concorrer com outras formas midiáticas de entretenimento. Levando em conta o empenho do professor em estimular a produção de conhecimento estribada nas práticas profissionais – quem o conhece sabe bem disso –, e notando o horizonte de fundo pressuposto pelo tema, o livro induz a dois reconhecimentos:

a) primeiramente, a dedicação de Marques de Melo aos gêneros jornalísticos, problemática que o atrai desde a graduação em Jornalismo, cursada na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), entre 1961 e 1964. No âmbito daquele curso, orientado por Luiz Beltrão e respaldado pelo Instituto de Ciências da Informação (ICINFORM)[4] – que se gestava –, desenvolveu pesquisa de iniciação científica sobre a crônica policial do Recife (PE), em 1963 (NÓBREGA, 2000, p. 163). Depois, retomou a questão em vários momentos, como em seu livro de estreia no mercado editorial, "Comunicação social: teoria e pesquisa" (1970) – no qual apresenta o resultado de investigações

4. O ICINFORM foi o primeiro centro de estudos brasileiro dedicado aos fenômenos da informação coletiva, criado por Luiz Beltrão, em convênio com a Unicap. Sua instalação se deu no dia 13 de dezembro de 1963, durante a formatura da primeira turma de bacharéis em Jornalismo daquela universidade. Como explica Maria Luiza Nóbrega (2000, p. 158), "por meio do Icinform, Beltrão viabilizaria a proposta do curso e ainda criaria um mecanismo de integração com a comunidade jornalística. Seria ainda a oportunidade para tornar-se mais independente da burocracia universitária, realizar pesquisas, promover atividades de extensão cultural, angariar adeptos e consolidar a imagem do curso".

comparadas sobre o conteúdo de três jornais brasileiros –, e na tese de livre-docência, defendida no início dos anos 1980, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), em que fez extensa revisão sobre o tema, dialogando com autores da América Latina, da Europa e dos Estados Unidos, os quais subsidiaram sua classificação dos gêneros opinativos[5]. Posteriormente, ainda, a temática tornou-se recorrente em seus estudos e nas disciplinas por ele ministradas nos programas de pós-graduação da USP e da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), trabalhos que culminaram, em 2009, na criação do grupo de pesquisa (GP) Gêneros Jornalísticos dentro da estrutura da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM)[6];

b) num segundo momento, seu desempenho como articulador do campo científico da comunicação – com, entre muitas iniciativas frutíferas, a promoção de obras coletivas que agregam pesquisadores de várias localidades e que subsidiam o ensino e as investigações da área. Essa característica se revela em sua trajetória desde a década de 1970, quando começou a capitanear coletâneas, sempre com a intenção de movimentar o mercado editorial brasileiro dedicado aos fenômenos da comunicação social. Vale dizer que a figura do organizador é extremamente importante no universo acadêmico: primeiro, pelo trabalho – árduo, diga-se de passagem – de selecionar, reunir, preparar e editar originais, muitas vezes díspares, conferindo identidade e unidade a determinados conjuntos; e, depois, porque o esforço em

5. A incursão do autor por esse terreno foi tema do trabalho "Gêneros e formatos jornalísticos: critérios e escolhas na obra de José Marques de Melo", que apresentei no 10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (ASSIS, 2012), em Curitiba (PR).

6. O GP Gêneros Jornalísticos, fundado por Marques de Melo em 2009, e por ele coordenado daquele ano até 2012 – contando com minha colaboração como, inicialmente, secretário executivo e, na sequência, como vice-coordenador – tem os seguintes objetivos: "1) Revisar criticamente o conhecimento acumulado sobre gêneros jornalísticos, elaborando relatos periódicos sobre o "estado da arte". 2) Observar sistematicamente a natureza dos gêneros jornalísticos cultivados pela mídia brasileira, disseminando estudos que possam suscitar o diálogo com os seus produtores e usuários. 3) Elaborar material didático sobre gêneros jornalísticos para uso nas universidades e escolas de segundo grau de todo o país. 4) Manter permanente diálogo com os membros da comunidade acadêmica mundial que se dedicam ao estudo desse objeto" (MARQUES DE MELO, 2010a, p. 36).

> tratar certas questões coletivamente – no sentido de suscitar avanços mediante a contribuição de múltiplas vozes – é a essência de um saber que não se constitui isoladamente, mas a partir de um pensamento plural e compartilhado, tendência dos modos de produção da ciência contemporânea.

Apesar de tudo isso, a importância capital da obra ultrapassa as propriedades até aqui sinalizadas. Ela oferece reflexões e relatos sobre um fazer específico, no qual jornalista e escritor parecem se fundir em exercício alinhavado às experiências de ambas as figuras. Também sai à frente ao atribuir nome a uma prática que, até aquela ocasião, não havia sido classificada ou categorizada com nome próprio, especialmente no Brasil. Mesmo que esboçada apenas na capa da publicação, a ideia primária de "jornalismo diversional" dá início a um verdadeiro processo de maturação conceitual, que perpassou diferentes estágios até aparecer mais claramente na bibliografia corrente. É a partir dali, portanto, que fez escola.

O livro em si

Deixando de lado a redação no singular, para evitar julgamentos demasiadamente pessoais, foquemos as atenções nas particularidades técnicas e no teor da referência sobre a qual nos debruçamos.

"Jornalismo diversional" é um pequeno volume, de 25 páginas, formato 15 por 21 centímetros, publicado em 1971 pela Escola de Comunicações e Artes da USP, com finalidade didática, isto é, como subsídio a aulas da graduação em Jornalismo, iniciadas em 1967, um ano após a abertura da Escola de Comunicações Culturais (ECC)[7]. Trata-se do "Texto 18" da "Série F" (dedicada a temas jornalísticos), segundo consta em suas últimas páginas. Faz parte, portanto, de uma coleção de livros de mesma natureza, todos com circulação restrita, que a ECA editava, por iniciativa de Marques de Melo – naquele 1971, coordenador do Departamento de Jornalismo e Editoração –, de modo a articular as escassas e dispersas bibliografias que se focavam nas disciplinas de seu domínio.

Bem se sabe que justamente no trânsito entre as décadas de 1960 e 1970 começam a se proliferar, pelo país, os cursos de formação universitária estruturados no campo comunicacional. Por ser área "recente", quase não havia referenciais

7. A ECC, criada em 1966, passou a se chamar Escola de Comunicações e Artes em 1970, por meio do decreto nº 52.326.

sistematizados – principalmente em língua portuguesa – à disposição dos ingressantes nesse território cognitivo. Aí se encontra, inclusive, um dos méritos do pequeno livro aqui destacado: o de organizar ideias, a respeito de um assunto relacionado à produção da imprensa, num momento em que o mercado editorial brasileiro pouco tinha a oferecer como contributo a professores, pesquisadores e estudantes interessados nesses pontos. No mais, a originalidade das séries impressas pela ECA-USP – às vezes, traduções de importantes títulos existentes, até então, apenas em línguas estrangeiras, ou, ainda, reproduções de materiais dispersos – é notada até em nossos dias, quando as livrarias já disponibilizam centenas de títulos rubricados por autores nacionais e do exterior. Mesmo no cenário atual, de possibilidades mais, os exemplares que ainda restam daquelas apostilas são, muitas vezes, recuperados e utilizados em pesquisas acadêmicas de nível avançado, como em mestrados e doutorados, tendo seu valor frequentemente enaltecido pelos estudiosos.

Mas os méritos de "Jornalismo diversional" estão para lá da estatura de *livro seminal* – o que, de fato, o é. Ele inaugura um modo específico de conceber uma prática que, mundo afora, já era comumente associada ao *new journalism* norte-americano e que, posteriormente, ficou primordialmente conhecida pela denominação "jornalismo literário" (PENA, 2005; LIMA, 2010; CASTRO, 2010)[8], muito embora entendamos que não se tratam apenas de unívocos, mas sim de duas questões entrelaçadas: a técnica (literário) e o gênero (diversional). Longe de se findar, esse confronto permanece nos debates acadêmicos, entre disputas taxionômicas, terminológicas e conceituais, que revelam diferentes lugares de fala e múltiplos modos de entrever o fenômeno.

8. Há certa confusão em torno do "novo jornalismo" – para usar a expressão em português – e do "jornalismo literário", que não raro são tratados como termos iguais (assim como é comum que "jornalismo diversional" também seja utilizado como um terceiro modo de tratar do mesmo fenômeno). Ocorre, no entanto, que independentemente do nome com que se queira chamar a produção contemporânea que une prática jornalística e técnica literária, fato é que o *new journalism* consiste em episódio específico da história da imprensa, situado no tempo (década de 1960) e no espaço (Estados Unidos), no qual "os limites convencionais do fazer jornalístico" foram afrontados. Não se trata exatamente de "um movimento, pois não despontou com um delineamento de ideias estabelecidas por um grupo coeso de representantes, tampouco elaborou um programa ou um manifesto declaratório de princípios. Foi mais uma atitude que se processou na fluência de uma prática textual desenvolvida em alguns jornais e revistas americanas, inicialmente com os textos das chamadas reportagens especiais de *Esquire* e no *Herald Tribune*, por gente como Jimmy Breslin, Tom Wolfe e Gay Talese, até atingir a configuração de grandes narrativas com feições de romance, nas obras de Truman Capote e Norman Mailer" (BULHÕES, 2007, p. 145).

Como posto anteriormente, a coletânea é composta por quatro artigos, originalmente publicados na revista "Bloch Comunicação", da Bloch Editores S/A (Rio de Janeiro). São seus autores: Roberto Muggiati, Zevi Ghivelder, Thomas Uzzell e George Seddon, tendo as contribuições desses dois últimos – estrangeiros – sido traduzidas por Muggiati. Curioso é o fato de que não há uma introdução, uma apresentação ou mesmo um prólogo responsável por dizer o que se entende, ali, por jornalismo diversional. E, também como já expusemos, a palavra "diversional" não é mencionada em nenhuma das páginas que se sucedem à capa. Seu uso como classificador do gênero, aliás, só ganhará contornos mais nítidos entre o final da década de 1970 e o início da de 1980, em trabalhos assinados por Marques de Melo e por autores que comungaram de sua perspectiva, como veremos a seguir.

Logo, os textos agrupados naquele espaço tão somente sinalizam elementos constitutivos das formas de expressão que, no porvir, seriam categorizadas como "formatos" do "gênero diversional" (MARQUES DE MELO, 2009, p. 35-36). Atendendo à sua função didática, o volume exibe feições de manual, uma vez que indica o que se deve e o que não se pode fazer quando da elaboração de matérias jornalísticas que se valem de técnicas comuns à esfera literária. O parâmetro das investidas são, principalmente, as obras dos jornalistas-escritores Ernest Hemingway e Truman Capote, que deixaram lições a serem seguidas, quer nas próprias produções que assinam, quer em entrevistas ou em depoimentos reveladores de estratégias produtivas e de suas percepções sobre esse fazer.

Em linhas gerais, os capítulos dão recomendações sobre as ocasiões em que esses recursos podem ser adotados e a respeito das particularidades de cada um[9]. Roberto Muggiati (1971, p. 10), por exemplo, ao observar o desempenho de Hemingway na imprensa, percebe uma "verdadeira fusão do escritor e do jornalista", propiciada pela "libertação das convenções, uma atitude mais flexível, preferindo a apresentação narrativa direta à rígida pirâmide invertida". E denomina o trabalho por ele avaliado como "reportagem-conto", típico jornalismo que recorre à técnica do conto[10] para construir algo muito próximo ao que

9. Uma parte das considerações que tecemos sobre os capítulos de "Jornalismo diversional" foi extraída de nosso relatório de qualificação para o doutoramento, a cujo exame fomos submetidos e aprovados em setembro de 2012.

10. Apesar do título de seu texto – "Hemingway e a reportagem conto" – ser bastante delimitado, Muggiati (1971, p. 11) diz haver, "além do conto", "outras formas, outras técnicas, que se podem prestar à exploração jornalística", como aquelas empregadas pelo teatro, pelo cinema ou, mesmo, pela televisão.

Ghivelder (1971, p. 23) atribui a estampa de "reportagem-criativa", cuja característica é ser um "autêntico trabalho de criação sobre os fatos acontecidos".

O trabalho jornalístico que se permite criativo demonstra ser a essência do gênero diversional. Mas é necessário ponderar alguns elementos de seu processo, apesar de defendermos que, se esse jornalismo é caracterizado pela liberdade conferida ao repórter e por sua capacidade de criar, seria incoerência qualquer tentativa de estipular modelos ou padrões. Por outro lado, tentando não correr o risco de nos deixar levar pelo senso comum, é importante mostrar que isso não se resume a dar ao texto "um tratamento literário de palavrório", mas significa "captar a transcendência das coisas, fatos e pessoas, valendo-se o repórter de um senso de observação permanentemente acurado", como bem percebe Zevi Ghivelder (1971, p. 24), referindo-se à experiência de Capote, em seu "A sangue frio". Dessas considerações, ainda podemos extrair a essência da criação no jornalismo, isto é, elementos diluídos ao longo da exegese e que podemos listar nos seguintes tópicos:

- descrição de pessoas (relacionadas à história relatada);
- reprodução de diálogos;
- pesquisa paciente e detalhada (apuração);
- técnicas adequadas – e próprias – para entrevistar as fontes;
- suspense e flashback (recursos para descrever ou narrar os fatos);
- ritmo de interesse da história;
- capacidade – do jornalista, claro – para estabelecer relações diversas (como, no exemplo dado pelo autor, entre condições climáticas e comportamento de personagens).

Na qualidade de professor de técnica de ficção na Universidade de Nova York, Thomas Uzzell (1971, p. 26) ensina que contar uma boa história exige a utilização de diferentes ângulos narrativos. Em literatura – sua linha de atuação, mas cuja essência podemos transpor ao jornalismo –, o "ponto de vista" é um artifício utilizado "para ressaltar ou intensificar certos efeitos predeterminados", sendo que há três perspectivas básicas a serem adotadas:

- **o ponto de vista onisciente:** usado com frequência, pois atribui a observação de um determinado cenário ao próprio narrador – no caso que nos interessa, ao jornalista –, cabendo-lhe a responsabilidade pela descrição feita;

- **o ponto de vista do personagem principal:** que conta o desenrolar da situação a partir do olhar do protagonista; e
- **o ponto de vista do personagem secundário:** o qual pode ser entendido como o ângulo em que um especialista observa a cena. "Com ele, o autor conta a história vista por uma figura de menor importância", mas conhecedora do assunto (UZZELL, 1951, p. 32).

Das quatro unidades do livro editado por Marques de Melo, a de Uzzell é a única que não se refere diretamente à imprensa, oferecendo dicas e orientações que precisam ser adaptadas e relativizadas para sua adoção por profissionais da área. De todo modo, são coerentes ao todo, dialogando muito bem com os outros autores, inclusive com George Senddon (1971, p. 5-8), que na verdade não se ocupa de ensinamentos acerca da práxis, mas oferece um exemplo – um texto seu com as feições aqui discutidas –, por meio do qual se pode mais bem apreciar a performance de um cultivador do gênero em foco. A contribuição que ele nos dá está devidamente sintetizada na nota explicativa do tradutor, que assim diz:

> Um dos maiores defeitos do repórter é partir para uma cobertura com a ideia preconcebida do texto que pretende apresentar. Este artigo de George Seddon para o *Observer* mostra como se pode, e deve, corrigir essa falha. O assunto da reportagem é a tomada de cenas de mais um filme, nestes dias um tanto saturados de celuloide. O local é o Marrocos, mas poderia ser a Bahia ou Cabo Frio. Todo repórter afeiçoado ao tratamento-chavão desse tipo de matéria voltaria com clássicos dados (enredo, equipe técnica, atores, data do lançamento, etc.) e acrescentaria algo de "original": fofocas ouvidas nos intervalos de filmagem, o tombo que a atriz Fulana de Tal levou, o romance de amor que se iniciou à sombra das câmeras e outras coisas desse gênero. Seddon ilustra como se podem evitar esses clichês e enriquece o texto com a sua narração de uma experiência pessoal[11].

É com esse elenco de princípios e de modelos que "Jornalismo diversional" se constrói, servindo de base para pensarmos o fenômeno e para compreendermos os fundamentos que alicerçam a classe das matérias "cuja identidade vacila entre o mundo real e a narrativa imaginária" (MARQUES DE MELO, 2010b, p. 3). De suas páginas, novamente advertimos, deriva toda uma discussão a respeito desse

11. Trecho da nota introdutória de Roberto Muggiati, tradutor do texto.

gênero emergente, que, não obstante seja residual – ou quase ausente da maioria dos veículos brasileiros (MARQUES DE MELO, 2010a, p. 29) –, ainda é cultivado por um seleto grupo de repórteres. Sensíveis ao observar o cotidiano e aptos a redigir histórias verídicas que parecem ficção, de tão bem escritas e interessantes, esses jornalistas exercitam aquilo que vem sendo transformado em taxionomia por pesquisadores das ciências da comunicação e de áreas afins. Por isso mesmo, falar sobre o referido livro é apenas aludir à ponta do iceberg ou ao início do esforço teórico que agora se mostra como uma das classificações mais conhecidas no país[12]. Lendo criticamente o seu teor, somos convidados a ir além, apreendendo os principais esforços reflexivos e empíricos que intentaram clarear a questão.

Da nomenclatura à classificação

Do nome conferido por José Marques de Melo a uma apostila da ECA-USP à classificação que tem guiado parte das pesquisas sobre gêneros jornalísticos, a concepção do "diversional" passou por diferentes fases, sendo ora aceita, ora rejeitada, até que conquistou legitimidade e certa autonomia em meio aos diagnósticos sobre o trabalho desempenhado pela imprensa e, consequentemente, por seus profissionais. Para mais bem entendermos como se deu o processo, vamos reconstituir brevemente um panorama evolutivo, sinalizando os momentos e as publicações mais significativos.

Antes de mais nada, é justo reconhecer que o primeiro a aprofundar esse conceito – ou, pelo menos, a explicar do que se trata – foi Mário Erbolato, que o referenciou num item de seu clássico "Técnicas de codificação em jornalismo", lançado em 1978. De acordo com suas explicações, "no jornalismo diversional, o repórter procura viver o ambiente e o problema dos envolvidos na história", não podendo se "limitar às entrevistas superficiais". Diz ele, ainda, que tal prática "demanda enorme tempo, e poucos são os que podem se dedicar semanas ou meses a uma matéria". Por outro lado, a técnica – ou, podemos dizer melhor, o

12. Em entrevista concedida à revista "Pesquisa Fapesp", Marques de Melo (2012, p. 33) assim se manifestou: "Aquilo a que venho me dedicando há quase 50 anos, com muita atenção, são os gêneros jornalísticos. Tenho uma proposta de classificação dos gêneros no país em cinco vertentes: informativo, opinativo, interpretativo, utilitário ou de serviços e o diversional, que, equivocadamente em minha opinião, chamam de jornalismo literário. Vivemos numa sociedade onde o hedonismo predomina e os jornalistas precisam fazer algum tipo de matéria que seja mais atraente para o cidadão comum, que não sejam só os fatos do cotidiano, daí o jornalismo diversional".

conjunto de técnicas que possibilitam a elaboração das formas jornalísticas dessa natureza – é apontada como a que "reaviva assuntos, tornado-os sempre atuais, e prende o leitor, ainda que ele tenha conhecimento de muitos pormenores divulgados" (ERBOLATO, 2006, p. 44). Está aí, portanto, a matriz teórica que baliza a classificação do gênero, protótipo das definições dadas, mais recentemente, aos dois formatos a ele submetidos: a "história de interesse humano" e a "história colorida"[13].

Na sequência, quem retoma a discussão é o próprio Marques de Melo, em sua tese de livre-docência, defendida em 1983, na ECA-USP. Apesar de ter sido o responsável pela formulação do termo, ele partiu, nessa fase, em direção contrária. Seus argumentos, agora, eram os de que a tendência assim qualificada não demonstrava encontrar "ancoragem na práxis jornalística observada no país", sendo "a diversão" um "mero recurso narrativo que busca estreitar os laços entre a instituição jornalística e seu público" (MARQUES DE MELO, 2003, p. 64). Mesmo quando se refere à "história de interesse humano" – anteriormente classificada por Luiz Beltrão –, o faz de modo a pôr sua identidade em xeque, com a justificativa de que se trata de "matéria fria", "de atualidade permanente", a qual o jornalista pode escrever recorrendo ao "arsenal peculiar ao universo da ficção", mas em nada se diferenciando da reportagem (MARQUES DE MELO, 2003, p. 61).

Tal avaliação foi seguramente reflexo conjuntural. No futuro, o autor irá explicar que, quando elaborou sua tese, transformada nos livros "A opinião no jornalismo brasileiro" (1985; 1994) – primeira e segunda edição – e "Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro" (2003) – terceira edição, revista e ampliada –, deparou-se "com um panorama insólito, caracterizado pela hegemonia dos gêneros informativo e opinativo", fruto de uma "conjuntura específica" (MARQUES DE MELO, 2010a, p. 26) ainda

13. Na classificação de Marques de Melo (2006a), os formatos do gênero diversional têm as seguintes características: 1) *História de interesse humano:* "Narrativa que privilegia facetas particulares dos "agentes" noticiosos. Recorrendo a artifícios literários, emergem dimensões inusitadas de protagonistas anônimos ou traços que humanizam os 'olimpianos'. Apesar da apropriação de recursos ficcionais, os relatos devem primar pela 'verossimilhança' sob o risco de perder a 'credibilidade'. Destina-se a preencher os espaços ociosos dos aficionados por relatos jornalísticos"; 2) *História colorida:* "Relatos de natureza pictórica, privilegiando tons e matizes na reconstituição dos cenários noticiosos. Trata-se de uma leitura impressionista, que penetra no âmago dos acontecimentos, identificando detalhes enriquecedores, capazes de iluminar a ação de agentes principais e secundários. Não obstante a presença do repórter no cenário noticioso, ele se comporta como um 'observador distante', enxergando detalhes não perceptíveis a olho nu".

rescaldo da repressão da ditadura militar (1964-1985), que cerceou a atuação dos jornalistas brasileiros[14].

Retomada posterior de discussões acerca do mesmo objeto levaram-no a realizar outro diagnóstico situacional e fizeram-no rever sua postura. É aí que o gênero diversional – assim como o interpretativo e o utilitário – retorna à sua agenda. Inicialmente, na pesquisa que coordenou no âmbito do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da UMESP, da qual se originou o *paper* "Gêneros e formatos na comunicação massiva periodística: um estudo do jornal 'Folha de S. Paulo' e da revista 'Veja'", apresentado no Recife, em setembro de 1998, durante o 21º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Assinado pelos alunos Paulo da Rocha Dias, Rosemary Bars Mendez, Daniella Crespin Villalta e Gláubio Batista, apresenta extensa revisão bibliográfica e estudo exploratório em torno de uma nova proposta de classificação dos gêneros jornalísticos sugerida pelo orientador. Trata-se de texto histórico, por nele, pela primeira vez, ter sido feito o registro das novas considerações do professor, incluindo a explicação de que o "gênero diversional" é aquele que se caracteriza pela "informação que diverte" (DIAS et al, 1998, p. 14).

Desse final dos anos 1990 para cá, uma série de outros trabalhos, realizados ora individualmente por Marques de Melo, ora por seus orientandos – e aí destacamos a pesquisa de fôlego de Lailton Costa (2008) e as nossas próprias contribuições (ASSIS, 2008; 2009; 2010a; 2010b; 2011) –, confirmaram as hipóteses lançadas desde o livro "Jornalismo diversional" e corroboraram o juízo de que esse gênero desponta

> no pós-guerra como contingência do jornalismo, no sentido de sobreviver num ambiente midiático dominado pelo entretenimento. A ascensão do *show business* contamina a produção jornalística, introduzindo ao resgate de certas formas de expressão que mimetizam os gêneros ficcionais, embora os relatos permaneçam ancorados na realidade (MARQUES DE MELO, 2006b).

Assumir esse posicionamento significa situar o jornalismo contemporâneo no bojo de um cenário midiático marcado pelo forte apelo do entretenimento e de tudo aquilo que possa ser divertido. Isso corresponde ao que observou Otto

14. Um exemplo muito evidente é o da revista "Realidade". Criada em 1966 e apontada por Marques de Melo, assim como por outros pesquisadores, como o principal reduto do gênero diversional no Brasil, foi descaracterizada – ou seja, deixou de se dedicar à produção de matérias aprofundadas, interessantes, emocionantes ou divertidas – após o decreto do Ato Institucional nº 5 (AI-5), que intensificou o controle dos meios de comunicação (FARO, 1999, p. 20).

Maria Carpeaux (1968, p. 278), amparado em Richard Hoggart, pioneiro dos estudos culturais britânicos: a diversão é o resultado da "fragmentação" dos *media*, recurso adotado para atingir grande número de pessoas, com a adequação de conteúdos para serem consumidos por todas elas. Oferecendo "doses homeopáticas" de histórias reais e, ao mesmo tempo, lúdicas, interessantes, curiosas e que podem fazer rir ou chorar, o jornalismo – com a criatividade própria do gênero diversional – se estrutura a partir de fragmentos do cotidiano, oferecendo narrativas que dão ênfase aos protagonistas da cena noticiosa e aos cenários em que suas histórias se desenvolvem. Consegue, assim, distrair/divertir.

Ciente da vigência de um "jornalismo emotivo ou hedonístico" que "só adquire legitimidade no final do século XX" – coincidindo com a transformação da mídia num grande palco de atrações voltadas a divertir seus públicos –, Marques de Melo (2010b, p. 6) enfim dá amplitude teórica aos esboços feitos em 1971. A simples nomenclatura a dar título a uma coletânea didática transformou-se, de fato, em modelo conceitual apropriado para explicar a configuração de uma das faces do jornalismo, prova concreta – mais uma, entre tantas – de que o pensamento sobre um objeto dinâmico como a imprensa se constrói aos poucos, com o aprimoramento das observações empíricas e das discussões.

Para finalizar estas linhas, eu gostaria de retomar a primeira pessoa do singular e dizer que todos os comentários tecidos à margem do livro motivador deste texto e do próprio gênero diversional ajudam a entender um pouco da personalidade de José Marques de Melo, mestre de todos nós. Alguém que tem por hábito lançar desafios e estimular pesquisas avançadas que possam se caracterizar como referências nas áreas com as quais dialogam. O jornalismo diversional é exemplo disso. A partir de um pequeno tomo, de duas dezenas de páginas, com um título aparentemente sem vínculo com o que vem na sequência, surge toda uma discussão que mobiliza estudiosos, pesquisadores, professores e alunos há mais de 40 anos. E se hoje avançamos na questão – tendo eu, inclusive, a elegido como espinha dorsal de meu doutorado –, foi porque, quatro décadas antes, uma apostila despretensiosa, de um editor visionário, fez germinar inquietações sobre uma prática até então (e ainda não o seria?) pouco compreendida. Em meu modo de ver, incitar à continuidade é seu principal legado.

Referências

ASSIS, Francisco de. Gêneros e formatos jornalísticos: critérios e escolhas na obra de José Marques de Melo. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 10., Curitiba, 2012. **Anais**... São Paulo: SBPJor, 2012.

_____. Primórdios do jornalismo diversional no Brasil: uma introdução à luz de desacordos. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 8., Guarapuava, 2011. **Anais**... Guarapuava: Unicentro, 2011.

_____. Fundamentos para a compreensão dos gêneros jornalísticos. **Alceu**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 16-33, jul./dez. 2010a.

_____. Gênero diversional. In: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de (Orgs.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010b. p. 143-162.

_____. Jornalismo com traços de literatura: alguns apontamentos sobre o gênero diversional. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32., Curitiba, 2009. **Anais**... São Paulo: INTERCOM, 2009.

_____. O gênero jornalístico diversional na imprensa paulista: evidências nos jornais Valeparaibano e Correio Popular. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 13., São Paulo, 2008. **Anais**... São Paulo: INTERCOM, 2008.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

CARPEAUX, Otto Maria. **Vinte e cinco anos de literatura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

CASTRO, Gustavo de. **Jornalismo literário**: uma introdução. Brasília: Casa das Musas, 2010.

COSTA, Lailton Alves da. **Teoria e prática dos gêneros jornalísticos**: estudo empírico dos principais diários das cinco macro-regiões brasileiras. 2008. 197 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2008.

DIAS, Paulo da Rocha et al. Gêneros e formatos na comunicação massiva periodística: um estudo do jornal "Folha de S. Paulo" e da revista "Veja". In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 21., 1998, Recife. **Anais**... São Paulo: INTERCOM, 1998.

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo**: redação, captação e edição no jornal diário. 7. ed. São Paulo: Ática, 2006.

FARO, J. S. **Revista Realidade, 1966-1968**: tempo da reportagem na imprensa brasileira. Canoas: Ulbra, AGE, 1999.

GHIVELDER, Zevi. A lição de Truman Capote. In: MARQUES DE MELO, José (Ed.). **Jornalismo diversional**. São Paulo: ECA-USP, 1971. p. 8-12.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo literário para iniciantes**. São Paulo: Clube de Autores, 2010.

MARQUES DE MELO, José. A prima pobre das ciências sociais. **Pesquisa Fapesp**, São Paulo, n. 201, p. 26-33, nov. 2012. Entrevista concedida a Mariluce Moura.

_____. Gêneros jornalísticos: conhecimento brasileiro. In: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de (Orgs.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010a. p. 23-41.

_____. Panorama diacrônico dos gêneros jornalísticos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33., 2010, Caxias do Sul. **Anais**... São Paulo: INTERCOM, 2010b.

_____. **Jornalismo**: compreensão e reinvenção. São Paulo: Saraiva, 2009.

_____. **Formatos jornalísticos**: evidências brasileiras. Pesquisa realizada no jornal "Folha de S. Paulo", 28/03/2005. 2006a. (Original do autor).

_____. **Gêneros da comunicação de massa**: análise dos gêneros e formatos jornalísticos. 2006b. (Original do autor).

_____. **Jornalismo opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

_____. **Comunicação social**: teoria e pesquisa. Petrópolis: Vozes, 1970.

MUGGIATI, Roberto. Hemingway e a reportagem conto. In: MARQUES DE MELO, José (Ed.). **Jornalismo diversional**. São Paulo: ECA-USP, 1971. p. 8-12.

NÓBREGA, Maria Luiza. Icinform: uma experiência pioneira. In: MARQUES DE MELO, José; GOBBI, Maria Cristina (Orgs.). **Gênese do pensamento comunicacional latino-americano**: o protagonismo das instituições pioneiras (Ciespal, Icinform, Ininco). São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2000. p. 157-165.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

SEDDON, George. Cover story. In: MARQUES DE MELO, José (Ed.). **Jornalismo diversional**. São Paulo: ECA-USP, 1971. p. 5-8.

UZZELL, Thomas. O ângulo na técnica de narração. In: MARQUES DE MELO, José (Ed.). **Jornalismo diversional**. São Paulo: ECA-USP, 1971. p. 26-33.

WRIGHT, Charles R. **Comunicação de massa**: uma perspectiva sociológica. Rio de Janeiro: Bloch, 1968.

Jornalismo no início da década de 70: reflexões pela renovação do ensino e da pesquisa acadêmica

Patricia Bieging[1]

2.4 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José (Coord.). **O Ensino de Jornalismo**: documentos da IV Semana de Estudos de Jornalismo. São Paulo: Editora Comunicação e Artes ECA/USP, 1972. 244 p.

Chegado ao quinto ano de exercício, o Departamento de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, propôs como tema central das discussões da "IV Semana de Estudos de Jornalismo", "O Ensino do Jornalismo". Inicialmente o foco era a realização de um balanço crítico das atividades exercidas até aquele momento, porém o evento que até então era apenas interno alcançou proporções internacionais, chamando a atenção de outros cursos, escolas

1. Doutoranda em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina e graduada em Comunicação Social pela Universidade do Sul de Santa Catarina. Professora do Programa de Pós-Graduação Lato Sensu em Comunicação Social das Faculdades Metropolitanas Unidas. Autora do livro *Populares e Perdedores: crianças falam sobre os estereótipos da mídia* (Nova Letra, 2011), de capítulos de livros e de artigos publicados em revistas científicas nacionais e internacionais. E-mail: pbieging@gmail.com.

e faculdades. José Marques de Melo, com esta iniciativa, deu início ao intercâmbio entre pesquisadores e docentes da América Latina, da Europa e da América do Norte (VIANNA, 2004).

A partir dos debates realizados na "IV Semana de Estudos de Jornalismo", de 15 a 19 de maio de 1972, o livro "O Ensino de Jornalismo" traz reflexões acerca da formação dos profissionais da comunicação na perspectiva continental. Coordenado pelo professor José Marques de Melo e promovido pelo Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, o evento contou também com a colaboração do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo, da Federação Nacional dos Jornalistas Profissionais, da Secretaria de Turismo da Prefeitura Municipal de São Paulo e do Centro Acadêmico Lupe Cotrim da ECA/USP.

O objetivo deste estudo é a realização de um resgate desta obra situando-a em seu contexto histórico, bem como na atuação de seu coordenador, o professor José Marques de Melo.

Polêmico, visionário e um grande apaixonado pelo Jornalismo, José Marques de Melo, iniciou sua trajetória na profissão antes de entrar para a Universidade. Ainda no período escolar, atuou em "periódicos escolares, como o CBA, órgão de divulgação cultural do Colégio Batista Alagoano e em jornais do movimento estudantil, como a Tribuna Secundarista, editada pela União dos Estudantes Secundários de Alagoas" (GOBBI, 2010, p.17). Iniciou na área acadêmica em 1966, como assistente do professor Luiz Beltrão, na Universidade Católica de Pernambuco. Sua memorável e importante trajetória é marcada também por ter sido docente-fundador da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (1966), por criar o curso de Jornalismo desta mesma Universidade e por ter se tornado - em 1973 - o primeiro Doutor em Jornalismo do Brasil (GOBBI, 2010). Grande pesquisador da área de comunicação, José Marques de Melo, dois anos antes da realização da "IV Semana de Estudos de Jornalismo", lançou o livro "Comunicação Social: teoria e pesquisa", pela Editora Vozes.

José Marques de Melo[2] deixa registrado com o livro "O Ensino do Jornalismo: documentos da IV Semana de Estudos de Jornalismo" as discussões tra-

2. Entre os anos de 1967 e 1974 atuou junto a Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP) em regime de dedicação exclusiva. Em 1974, em plena Ditadura Militar, é acusado de subversivo por tratar de temas censurados no curso de Jornalismo e também por considerarem os materiais do Museu da Imprensa inapropriados, tendo, então, os seus direitos cassados na USP por motivos políticos. Direito este apenas recuperado em 1979, após a Anistia Política. Permaneceu na USP até 1993, totalizando 34 anos de serviços (VIANNA, 2004).

vadas entre os participantes do evento em um período de emergentes transformações para o Ensino e para a Pesquisa do Jornalismo. O objetivo deste evento centrava-se na renovação do ensino de Jornalismo considerando, acima de tudo, a vivência de cada participante com a área. Percebe-se ao longo da obra uma grande preocupação com a teoria, com a pesquisa e, em especial, com a prática dos profissionais no mercado de trabalho.

A "IV Semana de Estudos de Jornalismo", em cinco dias de debates e reflexões, deu início a um movimento que buscou revolucionar o ensino de Jornalismo não somente no país, mas na América Latina.

> A conjugação da teoria e da prática no desenvolvimento do ensino programado pelo Projeto Pedagógico do Curso de Jornalismo implantado por José Marques de Melo esteve sempre presente, motivo pelo qual se alcançou pleno êxito, servindo de modelo para os demais cursos de jornalismo no País e na América Latina já no seu segundo ano de funcionamento (VIANNA, 2004, online).

De um evento interno, José Marques de Melo, com toda a sua iniciativa e ousadia, permitiu, com a abertura da "IV Semana de Estudos de Jornalismo" à participação de outras Universidades, uma rica troca de conhecimentos e experiências. A contribuição deste importante momento na história dos cursos de Jornalismo é relatada no livro em quatro eixos temáticos, sendo: 1) "Pedagogia do Jornalismo: avaliação crítica das experiências latino-americanas"; 2) "Situação atual da pesquisa em Jornalismo na América Latina"; 3) "Estrutura curricular dos cursos de Jornalismo no Brasil; 4) Profissionalização dos Jornalistas no Brasil".

1) **Pedagogia do Jornalismo**: neste eixo temático são reunidos textos que já nos primeiros anos da década de 70 voltavam-se à busca por uma nova Universidade, sentia-se a necessidade de uma forte reestruturação na formação do jornalista. Buscava-se uma nova estrutura não somente curricular, mas também dos programas de graduação e, além disso, da própria postura dos professores e dos alunos no processo de ensino-aprendizagem.

- O texto de Marco Ordoñez Andrade, "Pedagogia do Jornalismo: avaliação crítica das experiências latino-americanas", expõe a evolução e as lutas pela reestruturação dos centros Universitários. A preocupação frente à estrutura curri-

cular deficiente fez com que a CIESPAL[3] elaborasse um **Plano Piloto**.[4] Dentre as diretrizes estava a incorporação de disciplinas como Teoria da Comunicação, Sociologia e Psicologia da Comunicação.

- Já o texto "Condições infra-estruturais dos cursos de Jornalismo", de Roberto Emerson Benjamin, apresentou as condições e os percalços enfrentados pelos cursos de Jornalismo no início da década de 70. A falta de recursos para a edição de um periódico nas Universidades era uma lacuna a ser preenchida, sentia-se a necessidade de fazer com que os alunos vivenciassem o jornal-empresa. Aos poucos os cursos estavam se estruturando, abrindo espaço para visitas técnicas, estágios, cursos no exterior e laboratórios, dando margem para o estudo de outros meios de comunicação.

- Adísia Sá em o "Corpo docente para os cursos de Jornalismo", faz uma análise do exercício do profissional no magistério e da necessidade de uma formação técnica especializada e metodológica. Sá reforça, ao longo da sua exposição, a importância da formação e do aperfeiçoamento do corpo docente dos cursos de Jornalismo.

- O texto "Metodologia do Ensino do Jornalismo: atividades discentes", de Cremilda de Araújo Medina, aborda o processo de ensino-aprendizagem e suas concepções. Percebia-se a necessidade de mudança na posição do professor, do tradicional ao aberto às negociações e à criatividade dos estudantes, mas também se problematizava as condições psicológicas do professor tradicional. A preocupação do texto centrou-se na formação dos jornalistas e na busca por um processo de ensino-aprendizagem que tratasse de preparar o profissional para o mercado de trabalho, que acima de tudo fosse capaz de enfrentar as situações reais da profissão.

2) **Pesquisa em Jornalismo:** os textos apresentados neste eixo temático refletem sobre a importância no enfoque dos estudos e também no aprimoramento dos métodos, em virtude de uma grande carência em pesquisas no campo da comunicação e, principalmente, por uma certa deficiência quanto ao nível

3. O *Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación da America Latina*, com sede em Quito, nasceu em novembro de 1959 na X Conferência Geral da UNESCO, em Paris. O CIESPAL marca um período de grandes transformações no campo dos estudos científicos da comunicação latino-americana.

4. O objetivo central do Plano Piloto estava na formação dos profissionais de Comunicação Social, que diante do crescente alcance dos meios de comunicação, precisavam ocupar as novas lacunas abertas pelo acelerado desenvolvimento tecnológico e de difusão cultural junto à sociedade.

científico. Conhecer a fundo os consumidores e a eficaz aplicação dos recursos voltados à pesquisa também estavam na pauta dos discursos da "IV Semana de Estudos de Jornalismo".

- Em "Situação atual da pesquisa em Jornalismo na América Latina", Moisés Arroyo Huaniria aborda os avanços alcançados pelos estudos de Comunicação na América Latina, apresenta a ausência de profissionais qualificados e as carências econômica e bibliográfica. Percebia-se, já naquela época, a emergência por um enfoque multidisciplinar, buscando em outras disciplinas conhecimentos, conceitos, métodos e teorias.

- "El caso Chileno", Júlio Zapata, marca a necessidade de pesquisas que procuraram estudar os efeitos produzidos pelas mensagens dos meios de comunicação, especialmente, devido à inexistência de estudos voltados à área no país.[5] As discussões da "IV Semana de Estudos de Jornalismo", para o autor, serviriam para auxiliar a encontrar soluções para as lacunas existentes no campo da comunicação no Chile.

- A crítica a um método único e particular nas ciências humanas é abordada no texto de Wilson da Costa Bueno, "Metodologia da Pesquisa em Jornalismo". Apesar de o texto ter sido escrito no início da década de 1970 ele traz uma reflexão atual sobre os fenômenos da comunicação, a evolução e a criação de métodos de pesquisa singulares a cada tempo. A reflexão também aborda as técnicas de pesquisa que, com o tempo, passaram a utilizar-se também de registros mecânicos, além das entrevistas e questionários.[6]

- "Significado da pesquisa para as atividades profissionais", de Lélio Fabiano dos Santos, reflete sobre a necessidade de os profissionais conhecerem a fundo os consumidores de informações, sendo essencial para isso uma formação acadêmica consistente.

---

5. Marques de Melo (2009, p. 10-11), no texto "Resgate do pensamento latino-americano. Desafio inadiável do campo da comunicação", faz uma análise histórica e mostra as fases predominantes dos principais autores, sendo: Desenvolvimento mestiço (1960 – 1969): grande expressividade de autores norte-americanos, seguidos pelos franceses; Resistência crítica (1972 – 1978): o cenário tem forte mudança, prevalecendo os autores latino-americanos; Radicalização alternativa (1981 – 1986): revalorização das contribuições forâneas, porém de modo consideravelmente tímido; Legitimação acadêmica (1986 – 2009): presença de autores latino-americanos cinco vezes maior.

6. Até o final da década de 60, exceto pelo IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística), não haviam pesquisas voltadas aos estudos científicos de comunicação coletiva. Somente no final de 1970 o CIESPAL cria o Centro de Documentação da Pesquisa em Comunicação Coletiva para a América Latina. (MARQUES DE MELO, 1972)

- José Salomão David Amorim em "Apoio financeiro aos projetos de pesquisa em Jornalismo", já em suas primeiras linhas faz alguns questionamentos, entre eles: "Há apoio financeiro à pesquisa em Comunicação no Brasil?". Também problematiza a questão do montante dos recursos e da aplicação dos mesmos. Discussão esta que ainda mostra-se atual e imprescindível junto às agências de fomento e aos cursos de pós-graduação no Brasil.

3) **Estrutura Curricular:** este eixo temático traz reflexões acerca das estruturas tanto curriculares quanto dos cursos de Jornalismo no Brasil. Os textos buscam problematizar o campo da comunicação, a posição dos profissionais no mercado de trabalho e a necessidade de nivelamento da formação em relação à realidade da profissão. A importância da criação de um órgão regulamentador e avaliador do Ensino do Jornalismo surge frente às grandes transformações acadêmicas e das empresas de comunicação. A adequação dos cursos à realidade de mercado mostrava-se cara à formação discente.

- Luiz Beltrão inicia as reflexões do eixo temático com o texto "Estrutura curricular dos cursos de Jornalismo no Brasil". Analisa a evolução e a orientação didática dos currículos vigentes a partir do início das atividades da Faculdade de Jornalismo Cásper Líbero (1947) e do primeiro curso de Jornalismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1948).

- "O jornalismo brasileiro está se tornando apático, tímido, desatualizado e pouco identificado com a realidade social, com o povo e com a sua época. É claro que isso tem muitos reflexos e se refletem também no ensino" (1972, p. 123). Isso é o que afirma Juarez Bahia em seu texto "Crise curricular ou crise estrutural nos cursos de Jornalismo?". Propôs em sua discussão a criação de um órgão federal para regular, avaliar e credenciar as instituições do Ensino de Comunicação.

- O texto "Estrutura curricular – formação humanística", de Emmanuel Carneiro Leão, mostrou a preocupação de se ter o currículo profissional apenas voltado às técnicas e sistemas de informação.

- "Estrutura curricular – formação fenomenológica", de Marcello Casado D'Azevedo, explicou que a área de comunicação está entre a Formação Humanística, comum a todos os estudantes, e a Formação Profissional, voltada às técnicas e ao exercício da profissão no mercado de trabalho.

- No texto "Estrutura curricular – formação profissional (Jornalismo Impresso)", Fernando Côrtes Muzzi finaliza a introdução dizendo que os jovens não mais procuram o curso de Jornalismo pensando na imagem romântica, mas pela atração da Comunicação.

- "Estrutura curricular – formação do profissional (Jornalismo Audiovisual)", de Walter Sampaio, enfocou na questão do ensino do Jornalismo voltado

aos profissionais de Rádio e Televisão. Salientou, contudo, que um importante ponto é a questão dos conteúdos das mensagens, visto que a relação destes meios com os consumidores exerce tarefa formativa.

As propostas de Muzzi e Sampaio uniam forças para que todos os graduados tivessem condições sérias de assumir a demanda do mercado e, consequentemente, fazê-lo desenvolver-se. Os dois textos refletem sobre os cursos de Jornalismo, a metodologia, os laboratórios, os recursos, as pesquisas, os convênios, os professores e as empresas.

4) **Profissionalização:** a preocupação com a qualidade dos profissionais e a inserção destes no mercado de trabalho é expressa nos textos deste eixo temático. A regulamentação da época permitia a contratação de cerca de 1/3 de profissionais sem a formação em Jornalismo, fator este que tornava difícil o ingresso no mercado de trabalho. Percebia-se ano após ano um acelerado aumento nas ofertas de graduação em Jornalismo no país que de 1969 a 1972 havia aumentado em 23 cursos. Através dos textos é possível analisar a necessidade de adequação dos cursos à realidade do mercado, a concorrência e a demanda por profissionais qualificados.

- Adriano Campanhole, com o texto "Profissionalização dos Jornalistas no Brasil", apresentou um panorama da profissão do Jornalista no Brasil a partir dos dados do Anuário Estatístico no Brasil (edição 1971). O autor apresentou números com relação à área do Jornalismo, como: número de cursos de Jornalismo no país[7], jornais, empregados do setor de comunicação, publicidade, mercado de trabalho, concorrência no mercado de trabalho, entre outros itens.

- "Alguns aspectos sobre o Jornalismo na Iugoslávia", de Boro Miljovski apresentou a tiragem dos jornais em seu país e também o alcance junto à população, sendo um exemplar para cada oito pessoas. A situação do Jornalismo no país não se apresentava muito animadora devido à baixa renda per capta, aos 15% de analfabetos e ao fato de que, na época, falavam-se vários idiomas e, ainda, devido a divisão administrativa em seis repúblicas.

- "Integração Escolas – Mercado de Trabalho", de Antonio Firmo de Oliveira Gonzalez voltou-se novamente à preocupação com relação à formação dos

7. Em 1970 haviam 21 cursos de Jornalismo no país, com 2.181 matriculados, e em 1972 este número já havia crescido para 41. Vale abrir um parêntese na questão do crescimento dos cursos de Jornalismo no país para ressaltar que a expansão não se dava apenas neste curso, mas em todo o ensino público universitário. "No período de 1967 a 1980 as matrículas passaram de 88 mil para aproximadamente 500 mil estudantes, registrando um crescimento da ordem de 453%" (MARTINS, 2009, p. 22).

profissionais de Jornalismo e a convergência entre as escolas e o mercado de trabalho. Gonzalez diz que "não é suficiente formar, expedir títulos e diplomas, se posteriormente o bacharel ou comunicador social não sabe onde e como vai trabalhar" (1972, p. 180). A necessidade por profissionais qualificados, regulamentação, fiscalização e salário profissional compatível foram algumas das preocupações levantadas.

- "Regulamentação da profissão do Jornalista", de José Mendonça, abordou pontos críticos em relação à regulamentação da profissão de Jornalista, dentre outros pontos, destacou o aspecto trabalhista, os estágios, os provisionados (profissionais sem diploma).

- Duas exposições problematizaram a situação do mercado de trabalho e das escolas, sendo: a "Absorção dos profissionais pelo mercado de trabalho: a proliferação das escolas – norte/nordeste", de Geraldo Queiroz; e a "Absorção dos profissionais pelo mercado de trabalho: a proliferação das escolas – centro/sul", de Jair Borin. Apesar de contextos diferentes, as regiões discutidas nos textos traziam preocupações relativamente parecidas, como, por exemplo, a qualidade no ensino do Jornalismo e ainda a pouca absorção dos profissionais formados pelo mercado de trabalho.

Por fim, o livro "O Ensino de Jornalismo" proveniente da "IV Semana de Estudos de Jornalismo", contribuiu ainda com a indicação de uma vasta bibliografia para as áreas de pesquisa e ensino do jornalismo. José Marques de Melo (1972, p. 199) diz que "a nossa intenção foi a de oferecer aos participantes do encontro um conjunto de fontes documentais, no sentido de lhes permitir o manuseio da literatura especializada como preparação para os estudos e debates que se realizarão nas sessões públicas ou nas reuniões de grupos". As referências dividem-se em: 62 obras gerais, com indicações de literatura de diversas regiões diretamente ligadas à temática do evento; 74 obras brasileiras; 52 obras da América Latina; 12 da América do Norte; 25 da Europa; 40 da Ásia; 23 da África; e 1 da Oceania.

Marques de Melo finaliza a obra "O Ensino de Jornalismo" fazendo uma avaliação da "IV Semana de Estudos de Jornalismo", promovida entre os dias 15 e 19 de maio de 1972 pelo Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, evento este que reuniu professores, estudantes e profissionais da área de Jornalismo tanto do Brasil quanto do exterior. Em suas considerações finais, José Marques de Melo sinalizou a riqueza dos debates e, especialmente, o levantamento de problemas específicos acerca do ensino de Jornalismo.

> Num país de dimensões continentais como o Brasil e de tão marcadas disparidades regionais, lícito era esperar que as experiências e as dificuldades assumissem os mais diversos matizes e os mais variados graus. O presente documento procura registrar essa realidade em mudança, dando um retrato dos problemas e da situação do ensino do Jornalismo no Brasil e na América Latina, dentro da temática que foi explorada no decorrer dos trabalhos da IV SEMANA DE ESTUDOS DE JORNALISMO (MARQUES DE MELO, 1972, p. 225, grifos do autor).

De 1967 a 1974, em regime de dedicação exclusiva, Marques de Melo, no mesmo período à frente do curso de Jornalismo e Editoração, deixou importantes marcas no ensino de Jornalismo e na gestão do curso. Neste recorte de tempo, com significativas contribuições acadêmicas e para o exercício da profissão de Jornalismo, este docente e pesquisador de vanguarda inaugurou com a "IV Semana de Estudos de Jornalismo" uma nova era para o campo da comunicação. Não somente assumiu com garra e coragem a abertura de um evento até então interno, mas também abriu espaços para a discussão de temas caros à comunidade acadêmica da ECA e de outros centros dedicados às pesquisas, aos cursos e à profissionalização dos Jornalistas no Brasil.

Marques de Melo, audacioso e revolucionário, enfrentou as críticas e a censura da época da ditadura, mantendo-se firme em seus ideais. Diante das dificuldades proporcionou e fomentou discussões necessárias à época, perseguindo, acima de tudo, o desenvolvimento, a excelência e a plenitude do ensino de Jornalismo em nosso país.

Referências

GOBBI, Maria Cristina. Trajetória Intelectual de José Marques de Melo: 1959 – 2009. In: HOHLFELDT, Antonio (Org.). **José Marques de Melo**: construtor de utopias. São Paulo: INTERCOM, 2010. pp 15-41.

MARQUES DE MELO, José (Coord.). **O Ensino de Jornalismo**: documentos da IV Semana de Estudos de Jornalismo. São Paulo: Editora Comunicação e Artes ECA/USP, 1972. 244 p.

MARQUES DE MELO, José. Resgate do pensamento latino-americano. Desafio inadiável do campo da comunicação. In: **Revista Chasqui,** nº. 107, setembro 2009. Quito, pp. 8-13.

MARTINS, Carlos Benedito. A reforma universitária de 1968 e a abertura para o ensino superior privado no Brasil. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 30, n. 106, p. 15-35, jan./abr. 2009, pp. 15-35.

VIANNA, Ruth Penha Alves. Pra não dizer que não falei das flores. **Revista PJ:Br**, nº 3, Dossiê CJE 1968-72, 1º semestre de 2004. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/dossie3_a.htm>. Acesso em 14 out.2013.

O Jornalismo de hoje, é o jornalismo de ontem adaptado

Tatiane E. M. de Carvalho[1]

3.4 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José; GALVÃO, Waldimas (Orgs.). **Jornalismo no Brasil Contemporâneo**. São Paulo: ECA-USP, 1984.

O professor Dr. José Marques de Melo, em toda sua trajetória, dedicou-se a pesquisa, ao ensino e a profissionalização da Comunicação Social, em especial ao Jornalismo, no Brasil. Lutou e luta por causas políticas desta ciência, a fim de torná-la autônoma, forte e idealizadora. Exemplos da sua atuação são: a criação da INTERCOM[2] - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – transformando-a em uma das maiores Sociedade de pesquisa em Comunicação

1. Professora na Faculdade Canção. Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Graduada em Jornalismo pela Faculdades Integradas Teresa D'Ávilla.
E-mail: tatieulalia@yahoo.com.br.

2. INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. A instituição foi fundada em 1977, assumindo compromisso explícito com o pluralismo teórico, a diversidade metodológica e a liberdade de expressão. E, através dela, o pensamento brasileiro teve sua projeção internacional, com publicações na ALAIC e IAMCR.

do mundo, sendo que no último congresso, realizado em Manaus, contou com a participação de aproximadamente 1.800 pesquisadores[3]; e um dos realizadores da ELACOM - Escola Latina Americana de Comunicação -, com um grande grupo de pesquisadores Latino-americanos, dos mais variados países; E, uma das suas últimas conquistas políticas é as novas diretrizes de ensino do Jornalismo, decretadas em setembro deste ano, criando uma autonomia maior ao curso.

Talvez, ou com certeza, encontra-se uma explicação sobre o perfil político, ético, engrandecedor e ideológico do professor Marques devido as suas duas formações acadêmicas: Direito e Jornalismo.

O professor Marques justifica essa dupla escolha, inicialmente, para satisfazer seu pai, que acreditava nas profissões liberais. Vindo de uma geração em que a profissão de advogado era, quase sempre, garantia de status, representando para o futuro a liberdade financeira e o respeito da comunidade, nada mais justo que desejar para o filho esse perfil. Outro detalhe importante é que as faculdades de jornalismo ficavam no Rio de Janeiro ou em São Paulo. Essas razões, por si só, justificam a "opção" de Marques pelo Bacharelado em Direito (GOBBI, 2001, p.15).

Porém, apesar de ter cursado Direito, o jornalismo era um sonho de infância de Marques de Melo, tanto que com 15 anos começou a escrever para jornais da capital de Alagoas, sua cidade Natal. E, para a concretização desse sonho pode-se destacar é a influência de Luiz Beltrão em sua carreira de jornalista, professor e pesquisador.

De início, Beltrão o orientou a buscar no Direito "o embasamento humanístico, a compreensão e a condição de interpretação dos fatos noticiosos, a partir do conhecimento da sociedade" (GOBBI, 2001, p.19). E, nesta ocasião, analisa-se como a ciência jurídica já o ajudava na construção do seu perfil comunicacional.

Bem, no campo da comunicação, e específico do jornalismo, a contribuição de Luiz Beltrão para Marques de Melo foi imensa, pois foi Beltrão que o incentivou ao conhecimento teórico e prático da profissão, com uma busca incansável pelas pesquisas. Beltrão fez do professor Marques seu discípulo na pedagogia do jornalismo.

Percorrendo as produções pedagógicas de Beltrão pode-se afirmar que José Marques de Melo, aluno da primeira turma de jornalismo da UNICAP, seguiu fielmente os passos do mestre (GURGEL, 2013, p. 403).

A partir da influência beltraiana, José Marques de Melo começou sua incansável carreira de professor, pesquisador e jornalista, construindo uma grande biblioteca política e pedagógica da Comunicação.

3. Dados informados pelo Jornal INTERCOM.

Ao analisar o Currículo Lattes[4] do professor nos deparamos com números estrondosos de publicações, que representam sua preocupação e dedicação com a ciência da Comunicação Social, sendo: 140 livros publicados (organizações e publicações); 134 capítulos de livros; 127 artigos; 204 textos publicados em jornais ou revistas; 86 orientações de Mestrado; 42 orientações de Doutorado e seis orientações de Pós-Doutorado.

Com tantas obras produzidas por José Marques de Melo, acredita-se que a academia da Ciência da Comunicação não pode reclamar de conteúdo para orientação e conhecimento da área. E, ainda, estudando suas primeiras obras e comparando-as com as atuais observa-se que os objetivos ainda são os mesmos: regulamentação da profissão do jornalista, melhores faculdades, melhores salários, mais incentivo a pesquisa, profissionais mais qualificados, a desvalorização profissional, péssimas condições de trabalho, a influência do Governo e das empresas estatais, entre tantos outros assuntos que são pautas dos discursos do professor.

Jornalismo no Brasil Contemporâneo

Em seu livro "Jornalismo no Brasil Contemporâneo", organizado com Waldimas Galvão, em 1984, o professor apresenta questionamentos da época, o país saindo da Ditadura Militar, as empresas começando a entender o papel do jornalismo na sociedade e a criação de novas Faculdade de Jornalismo. "Trata-se de uma obra que preserva a estrutura original dos estudos e depoimentos selecionados, refletindo por isso mesma a percepção jornalística que flui dos jornalistas hoje dedicados à formação dos futuros profissionais da nossa imprensa" (MARQUES DE MELO, 1984, p. 14).

Para relatar a situação do jornalismo da época, os organizadores José Marques de Melo e Waldimas Galvão[5], apresentam textos de pesquisadores, professores e profissionais de quase todos os Estados brasileiros, contando as deficiências e as situações vivenciadas pelo jornalismo local.

Já no primeiro capítulo[6], no qual é mostrada a realidade de São Paulo, depara-se

4. Dados retirados do Currículo Lattes do professor Marques de Melo, no dia 18/08/2013, às 00h43. Disponível em: http://lattes.cnpq.br/4271609139942812.

5. Na ocasião, Waldimas Galvão era secretário Editorial da Editora Abril.

6. Capítulo produzido por Eucléa Bruno, professora e chefe do Departamento de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social do Instituto Metodista de Ensino Superior (São Bernardo – SP).

com uma série de problemas. "Ele (o jornalismo) abre um leque de indagações, dúvidas e questionamentos que se transformaram em uma luta constante e se incorporaram ao dia-a-dia do profissional de Imprensa" (BRUNO, 1984, p. 19).

Tais problemas são:

- Queda da receita dos jornais devido à baixa economia (alta inflação). Brasil sai da Ditadura Militar e a economia passava por uma grande crise.

- A desvalorização da categoria, a falta de reconhecimento profissional. Jornalistas mal remunerados, trabalhando muito e ganhando muito pouco.

- O desaparecimento de jornais e revistas com o avanço tecnológico (impressora *off set*). A impressora começava a substituir o trabalho manual do jornalista e, em algumas, empresas causou desemprego.

- Crescimento do *freelancer*. Com baixos salários e falta de espaço nas redações, os jornalistas começaram a trabalhar para vários jornais ao mesmo, sem ter compromissos trabalhistas.

- Intervenção do Governo, que era financeira e censura as empresas de comunicação, e em muitas empresas era a única fonte de renda.

- A necessidade de se criar Faculdades de Jornalismo para formar bons profissionais e profissionais éticos. O mercado estava escasso de profissionais sem conhecimento e com a falta de compromisso com a verdade.

Dentro deste contexto apresentado, analisa-se que a situação do jornalismo não mudou nesses últimos 30 anos. O que mudou foi o cenário, as situações e/ou as novas tecnologias. O profissional continua sendo desvalorizado, com baixos salários e remunerações, e, ainda, enfrenta-se a situação do não reconhecimento do diploma (hoje, qualquer um pode ser jornalista!), E a situação de precariedade chega a piorar no interior do país.

Muitos jornais e revistas estão desaparecendo por perderem espaço para a internet e não conseguirem acompanhar as novas tecnologias, sem contar os altos custos de se manter o jornal e não ter publicidade o suficiente. A internet causa, muitas vezes, pânicos em proprietários de jornais, com o pensamento de que o jornal impresso vai acabar, e, se não acompanharem esta nova dinâmica da sociedade, o risco de acabar é grande.

Com o mercado saturado e as grandes empresas de comunicação fazendo cortes de despesas e demitindo funcionários, muitas vezes, o que resta é tornar-se um profissional autônomo, ou seja, virar *freelancer*, e prestar serviços para as mais diversas empresas e instituições.

O Governo, tanto Municipal, Estadual ou Federal, continua comprando os jornais para sempre estarem de bem com a população, vendem notícias mentirosas, e são as principais rendas dos jornais, principalmente em jornais pequenos e do interior.

Já os cursos de Jornalismo têm evoluído. Hoje, temos aproximadamente 240 faculdades no país, de acordo com a FENAJ (Federação Nacional dos Jornalistas), mas ainda é preciso avaliar a qualidade do ensino, como os profissionais saem para o mercado de trabalho, se há incentivo à pesquisa e, também, se os professores estão capacitados a lecionar e a construir bons jornalistas. Acredita-se, que aqui fica uma reflexão.

Um segundo ponto do livro que se pode destacar é o avanço das revistas, como fonte de informação para sociedade, dando espaço as revistas especializadas, como Isto É e Cláudia. Claro, que por se tratar de um livro organizado pelo professor Marques de Melo, na ocasião foi apresentado um estudo de Gênero Jornalístico nas revistas, destacando o gênero informativo.

A partir da terceira parte do livro começa-se a destacar região por região do Brasil, cada uma com sua peculiaridade, dificuldade e novidade. No Norte e Nordeste, os autores destacam a falta de estrutura de trabalho, empresas que não oferecem condições de trabalho, e a influência do Governo devido aos investimentos financeiros. No Amazonas, o jornalismo foi caracterizado como do século passado, ano de 1900. No Pará o regime político de intervenção, as matérias só eram publicadas com autorização do Estado e muitos jornais estavam desaparecendo por isso. No Maranhão ainda era o regime do Colonialismo e sem ética, em 1984 a família Sarney já mandava e desmandava nos meios de comunicação do Estado. Em João Pessoa, quem reinava ainda era o Coronelismo, com censura e dependência financeira. Sergipe era totalmente escasso de trabalho e não havia formação para jornalistas.

Já o Ceará tinha uma característica diferente, pois tinha uma tradição literária da Confederação do Equador, a informação era mais livre e as pessoas tinham interesse por ela. Além disso, era o Estado que se destacava no ensino do jornalismo.

No Sudeste, encontrava-se uma situação complicada, pois havia uma única empresa de comunicação que dominavas as informações e estava a favor do Governo. No Rio de Janeiro, especificamente a cidade de Petrópolis, produzia um jornalismo elitista, cansativo e redundante, no qual a população mais simples não tinha acesso, sendo também, um jornalismo sensacionalista. O que destacou Petrópolis foi o surgimento de novas escolas de Jornalismo, que ajudou a formar outro perfil de profissionais.

O jornalismo Mineiro era uma repetição do Governo e das empresas privadas que bancavam o jornalismo. E o interior de São Paulo, que sofria com

salários baixos, sem condições de trabalho e com informações manipuladas, mas tinha grandes faculdades de Jornalismo, como a PUCAMP.

O jornalismo de Brasília era uma referência para época, pois é de onde surgiam (e ainda surgem) as principais notícias políticas do país, um jornalismo crescente e com ascensão. A região Sul também apresentava uma situação de ascensão devido ao turismo, principalmente nas Serras Gaúchas, e as faculdades que investiam no ensino do jornalista. Abriu mais espaço a função do assessor de imprensa e não faltava empresa, mas sim profissionais para a demanda de trabalho.

Como já citado no texto, observa-se que as dificuldades do jornalismo vêm ao longo da sua história, em cada época ou século com sua situação política e tecnológica. E observamos que após quase 30 anos a história se repete nos dias atuais, porém em um novo contexto histórico, político e social. E, agora, cabe aos novos profissionais ou os antigos mudarem a história: buscar uma sólida formação acadêmica aos profissionais que irão surgir, incentivar novas pesquisas e acompanhar as novas tecnologias, tentando ao máximo adequá-las e não se perderem no tempo e, o principal, juntar-se a classe e buscar o reconhecimento da profissão.

Temos como exemplo toda a trajetória do professor José Marques de Melo, que lutar pelo reconhecimento, incentiva a pesquisa e idealiza os melhor cursos de graduação e pós-graduação na área de Comunicação Social.

Referências

ARAGÃO, Iury Parente; MORAIS, Osvando J.; JACONI, Sônia. **Fortuna Crítica de José Marques de Melo** – Teoria e Pedagogia da Comunicação. São Paulo: INTERCOM, 2013.

GOOBI, Maria Cristina; MARQUES DE MELO, José. **Grande Nomes da Comunicação** – José Marques de Melo. Recife: UNICAP: Centro de Estudos das Imprensa e Cidadania, 2011.

GURGEL, Eduardo Amaral. **Trilhas Pedagógicas:** Herança Beltraniana. In: ARAGÃO, Iury Parente; MORAIS, Osvando J.; JACONI, Sônia. Fortuna Crítica de José Marques de Melo – Teoria e Pedagogia da Comunicação. São Paulo: INTERCOM, 2013.

MARQUES DE MELO, José & GALVÃO, Waldimas. (Orgs.). **Jornalismo no Brasil Contemporâneo.** São Paulo: ECA-USP, 1984.

Cátedra UNESCO e a defesa das identidades culturais

Luís Erlin Gomes Gordo[1]

4.4 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José (Coord.**). Identidades Culturais Latino Americanas – Em Tempos de Comunicação Global**. São Bernardo do Campo: Cátedra UNESCO, 1996. 160 p.

O livro, citado acima, coordenado pelo professor José Marques de Melo, é o resultado de um seminário internacional promovido em parceria pela UNESCO e pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social do Instituto Metodista de Ensino Superior (IMS). Este evento teve o apoio da Secretaria de Cultura do Município de São Paulo e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Os detalhes históricos desse evento constam na apresentação feita pelo professor Marques de Melo, que na época coordenava o programa de Pós em Comunicação da Universidade Metodista. O Seminário Internacional aconteceu no ano de 1995, Marques de Melo (1996, p 11) escreve:

1. Filósofo, teólogo e jornalista, atualmente é mestrando em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, tendo como orientador o Professor José Marques de Melo.

> O evento foi realizado no auditório Adoniran Barbosa, do Centro Cultural São Paulo, nos dias 12, 13 e 14 de junho de 1995, nos períodos da manhã e da tarde, contando com assistência de mais de 200 pessoas, principalmente estudantes, mas incluindo também professores, pesquisadores, jornalistas, escritores e empresários.

Ao explicar a dinâmica do evento, Marques de Melo (1996, p. 12) resalta duas propostas culturais do seminário:

> a) Embora o processo de globalização econômica constitua uma evidencia irreversível, acentua-se cada vez mais o sentimento de pertinência dos cidadãos aos territórios que habitam, desencadeando movimentos genuínos de expressão das respectivas identidades cultuais; b) a globalização comunicacional ensejada pelas novas tecnologias tem se mostrado não apenas veiculadora de um padrão mundializado de cultura, mas abre espaços para difusão de valores de valores regionais ou nacionais em escala planetária, antecipando assim as possibilidades de construção de uma sociedades autenticamente multicultural.

É inegável a grande contribuição científica do Professor Marques de Melo para o estudo da Cultura latino-americana como fonte de riqueza comunicacional, são dezenas de livros e artigos científicos escritos por ele, tornando-se assim uma referência nacional e internacional do pensar a Comunicação Social mais além do limite pré-estabelecido. A Identidade Cultural de nosso continente Americano abaixo da "Grande América de língua inglesa" expõe que nós latino-americanos temos uma forma única de pensar e, sobretudo, de nos expressarmos, o que faz de nossa vertente cultural uma maneira de nos situarmos no mundo "do nosso jeito" mesmo em tempos de comunicação global.

O pesquisador mexicano José A. González (2013, p. 155) em um capítulo do livro: "EntreNações e Inter-Relações", publicado em homenagens aos 70 anos de vida do Professor Marques de Melo, resalta a importância do pensamento de Marques na América Latina: "Enquanto muitos colegas aspiram legitimamente a se destacar no 'primeiro mundo' da produção científica, reconheço em JMM uma longa trajetória advogando por uma *ciência latino-americana* da comunicação."

O Seminário Internacional coordenado por Marques de Melo e que resultou no livro "Identidades Culturais latino-Americanas", adquire assim real significado e importância uma vez que os temas estudados neste evento estão em plena sintonia com o engajamento e luta do professor Marques de dar visibilidade a essa corrente teórica que pensa a comunicação partindo da cultura de nosso continente.

A metodologia do seminário se deu sob a forma de painéis, seis ao todo, nos quais participaram inúmeros estudiosos expondo e comentando os temas propostos.

Painel 1- Contribuições da UNESCO para o desenvolvimento das Comunicações e da Cultura na América Latina.

Painel 2- O Impacto da Midialização nas Culturas Latino-Americanas: identidades Globais, Nacionais, Regionais, Locais.

Painel 3- As Potencialidades Multiculturais do Mercado Global: Projeção das Culturas Latino-Americanas no Novo Mapa do Mundo.

Painel 4- Os Fluxos Inter-culturais na América Latina: Exportação e importação de Produtos regionais.

Painel 5- As Cátedras UNESCO de Comunicação e as possibilidades de Cooperação Internacional: A Experiência Pioneira de Barcelona.

Painel 6- As Cátedras UNESCO de Comunicação na América Latina: Desafios da Coorperação Inter-universidades na Área do MERCOSUL.

A primeira parte do livro traz três artigos dentro de um capítulo intitulado: "Comunicação Global e Identidade Cultural". O professor Marques de Melo assina o primeiro artigo (apresentação) onde ele descreve o histórico do Seminário e o desenvolvimento em si de todas as atividades deste evento elencando alguns pontos que são considerados "o foco dos debates":

1) A diversidade da América latina, antes mesmo de Colombo e Cabral; a colonização europeia; e o tráfego negreiro.

2) As experiências de descolonização no século dezenove e a formação de estados nações com identidades próprias.

3) Os traços comuns (culturais) nos países latinos.

4) A desagregação cultural devido às comunicações globais.

5) Quais as chances de sobrevivência da cultura Latino-americana no contexto de "aldeia global"? O professor termina a apresentação salientando o papel das Cátedras UNESCO na defesa da cultura de nosso continente.

Outro artigo desta primeira parte do livro é assinado por Manoel Parés i Macaias[2]: "Considerações sobre a identidade Cultural". O autor relaciona a identidade cultura com a identidade nacional, ou seja, uma pode preservar a outra.

2. Diretor da Cátedra UNESCO de Comunicação da Universidade Autônoma de Barcelona.

O terceiro artigo é de Thérèse Pasquet-Sevigny[3] na qual escreve sobre a "Comunicação Midiática, uma relação privilegiada entre a tradição e a modernidade".

O livro, na segunda parte, é composto por diferentes artigos compondo um bloco intitulado: "Fluxos interculturais Latino-Americanos"; destacarei cada um dos artigos.

"A Unesco e a comunicação para o desenvolvimento na América Latina" – escrito por Alejandro Alfonzo[4]. O autor no início de seu artigo fala da transversalidade social e integralidade conceitual da comunicação e contribuição fundamental da UNESCO na proteção cultural e comunicacional das nações, neste caso, em especial na América Latina. Outro assunto destacado por Alfonso é a defesa e promoção da liberdade de expressão, e novamente a UNESCO surge como uma bandeira de luta contra todo tipo de censura. Com relação às novas tecnologias, o autor defende a ideia de a UNESCO colocar como meta a formulação e execução de políticas destinadas a otimizar o acesso de todos à informação e à sua ampla utilização social. Embora o texto tenha sido escrito em 1996, é perceptível a atualidade do tema ainda em nossos dias, bem como o grande desafio de acabarmos com os "analfabetos digitais". Alejandro Alfonzo (1996, p. 45, tradução nossa) termina falando do papel da UNESCO em ações específicas de comunicação na América latina:

> A Unesco, por sua parte, há dado e mantém um importante apoio aos programas de comunicação na América Latina e muitos dos logros alcançados são produto de tais gestões em relação a institutos de formação; agencias de notícias; estações de radiodifusão; canais de televisão; financiamento de vários estudos e investigações; formulação e apoio econômico a projetos de comunicação para a educação, a cultura, a saúde, o desenvolvimento urbano, o meio ambiente, a promoção da mulher, o desenvolvimento rural; organização de inúmeros congressos, seminários, cursos e colóquios; publicação de livros e documentos especializados; produção de vídeo e filmes; rádios e estações de televisão comunitárias legalmente constituídas, etc.

"América Latina na televisão via satélite – primeiro caminho a partir da Argentina" – A autora é Nora Mazziotti[5]. Tendo a realidade Argentina como

3. Cátedra UNESCO de Comunicação de Montreal, Canadá.

4. Conselheiro Regional da UNESCO em Comunicação para América Latina.

5. Universidade de Buenos Aires.

base de análise, a professora Mazziotti afirma que a realidade audiovisual se transformou completamente, e continuará se transformando, sobretudo pela forte influência da televisão via satélite, acarretando fortes rupturas culturais, aumentando o fluxo comunicacional latino-americano. O grande risco, segundo a autora, é a hegemonia de "uma" outra cultura interferindo e anulando a cultura dos povos locais.

"A televisão como mediadora cultural – o caso das telenovelas brasileiras" – artigo elaborado por Thomas Tufte[6], onde ele observa a forte influência da vida cotidiana nas obras de ficção, de modo especial nas novelas que o Brasil produz, consome e exporta. A base teórica do autor, para esse artigo, é o antropólogo brasileiro Roberto Da Matta. Alguns pontos que Tufte observa na teledramaturgia brasileira e que, segundo ele, insere o cotidiano na ficção são: o discurso de classes; a humilhação e o sofrimento e a questão da raça. Todos esses elementos são construídos a partir do simbólico, atribuídos ao imaginário que criamos sobre esses temas sempre recorrentes na ficção e tão presentes em nossas discussões diárias.

"Fluxos interculturais na América Latina: Exportação e importação de produtos regionais – informe sobre a comunicação no Paraguai" – escrito por Vicente Brunetti[7]. O teor do texto gira em torno da análise da realidade comunicacional e social do Paraguai: "A população é servida tangencialmente pelos meios de propagação massiva, pois estes não estruturam a mensagem com relação às necessidades sociais, nem adéquam seu código de uso aos mesmos que são utilizados pelas pessoas, desperdiçando, assim, a possibilidade de unir seus recursos e coadjuvar no desenvolvimento da sociedade" (1996, p. 72, tradução nossa).

"O Mercosul e a perspectiva uruguaia" – de Carmem Rico de Sotelo[8], que defende que o MERCOSUL, sendo um território sem fronteiras comerciais, é noticiado pela imprensa como algo meramente econômico, porém existe a possibilidade de extrapolarmos também as fronteiras da cultura, inclusive academicamente falando.

"Fluxos intercomunicacionais latino-americanos: produtos ou processos" – Carlos Eduardo Cortés[9], que apresenta a ideia que mesmo em um cenário aparentemente apocalíptico da chamada pós-modernidade e do neoliberalismo, que reduz a cultura a um assunto de produtos onde o mais forte vence, podemos sim pensar uma nova forma de comunicação destinada à defesa e conservação

6. Sociólogo Cultural da Universidade de Copenhague.

7. Universidade Nacional de Assunção.

8. Universidade Católica do Uruguai.

9. Serviço Conjunto de Comunicação (UCLAP, Unda-AL, OCIC-AL).

da vida. Em seu argumento, Cortés (1996, p.101) apresenta o papel da Igreja Católica e sua ação cultural e comunicacional.

O terceiro bloco de textos, ou se preferirmos chamar capítulo, tem como título "Cátedras Unesco: A globalização das comunicações", e possui três artigos que têm como pano de fundo o papel central da Cátedra UNESCO de pensar a cultura como identidade cultural, mesmo em meio à comunicação global.

"As Cátedras Unesco e o desenvolvimento da comunicação na era da globalização" – texto escrito pelo professor Marco Antonio Rodrigues Dias[10], no qual constata a globalização da comunicação, sobretudo com o advento da internet, transformando nosso mundo em uma "aldeia eletrônica" e com isso influenciando todos os aspectos da vida de qualquer pessoa. Embora o "desenvolvimento" tecnológico nos coloque em um ambiente ilimitado de possibilidades, ainda temos de lidar com situações inumanas. Podemos até concluir que evoluímos, mas não tanto, pois certos problemas parecem ter se agravados. As bases para uma sociedade nova, segundo Dias (1996, p. 110), pode estar nos projetos das cátedras UNESCO, e "no papel das universidades em relação à sociedade em geral e em relação à comunicação em particular".

Dias aponta a função das Universidades no desenvolvimento igualitário, porém para isso, vê a necessidade de três conjuntos: qualidade dos docentes e dos programas; a relevância dos vínculos da universidade com a sociedade e a cooperação internacional. Neste ponto entra a UNESCO, que não impõe soluções, mas busca definir princípios que sejam válidos para todos. A cooperação internacional dever ser norteada pela solidariedade que permita a transferência de conhecimento entre as universidades do mundo todo. Entre as possibilidades está a rede ORBICOM[11], da UNESCO:

> [...] limito-me a dizer que a rede visa reunir instituições ligadas à formação e à pesquisa em comunicação interessadas em um trabalho conjunto nos campos do desenvolvimento de culturas democráticas e do respeito

10. UNESCO de Paris.

11. "A Rede Orbicom foi criada pela UNESCO e pela "Université du Québec à Montréal" em 1994. Entre seus objetivos podemos destacar: os trabalhos de intercâmbio de conhecimentos entre os setores acadêmico, empresarial e governamental para a pesquisa e aplicações na área das comunicações. Inclua-se a elaboração de projetos conjuntos sobre comunicação e desenvolvimento, políticas e direito de comunicações, acesso, transferência e uso de novas tecnologias; estudos de relações públicas e publicidade, bem como ética e formação profissional." (http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista6/entrevista%206-1.htm)

> aos direitos humanos, do pluralismo no tratamento da informação e da ética no exercício das atividades comunicacionais assim como na utilização plena de novas tecnologias ligadas ao respeito da dinâmica das culturas nacionais (DIAS, 1996, p. 113).

E por fim, o autor propõe as bases do programa da UNESCO para a América Latina.

"A Cátedra Unesco da Universidade Autônoma de Barcelona" – texto escrito por Manuel pares i Maicas[12]. A Universidade de Barcelona foi a primeira que solicitou a concessão da Cátedra UNESCO de Comunicação, isso no ano de 1989. Depois desse pioneirismo, e do sucesso dessa iniciativa, muitas outras universidades do mundo solicitaram também essa concessão. A Cátedra de Barcelona também faz parte da Orbicom.

"Cátedras Unesco de comunicação na América Latina: Desafios da cooperação interuniversidades na área do Mercosul" – artigo de Juan Días Bordenave[13] (1996, p. 124, tradução nossa):

> No Mercosul existe, pois, um marco institucional para a cooperação interuniversitária, com a qual a Cátedra Unesco de Comunicação poderia colaborar. Essa colaboração seria facilitada pela criação de Núcleos da Rede Interuniversitária em um país membro do Mercosul ou ainda novas Cátedras Unesco de Comunicação na Argentina ou no Brasil.

Outro aspecto defendido por Bordenave é a necessidade urgente da reformulação dos currículos acadêmicos, pois nossas Universidades do Cone Sul, com raras exceções, provêm da era da comunicação como informação e persuasão e não da comunicação como relacionamento:

> Muitos comunicadores atuais, com efeito, saem das escolas com um relativo domínio da tecnologia da mensagem e do meio, porém sem o suficiente conhecimento das forças que atuam no contexto social e cultural, conhecimento do qual depende em alto grau a adequação ou inadequação das mensagens. É evidente que tais forças só podem ser conhecidas convivendo diretamente com a realidade e tratando de entendê-la com a ajuda das ciências sociais tais como a antropologia cultural, sociologia, psicologia social, história, econo-

12. Diretor da Cátedra UNESCO de Comunicação de Barcelona.

13. Consultor Internacional em Comunicação e Educação.

> mia, administração, etc. ainda que o campo da comunicação é por natureza interdisciplinar, os currículos atuais não prestam suficiente atenção às ciências do contexto (BORDENAVE, 1996, p. 127, tradução nossa).

Mesmo diante desse cenário, o autor conclui seu texto acreditando positivamente no papel das faculdades de comunicação na formação de uma nova consciência tanto em seus alunos quanto na sociedade.

O quarto e último bloco do livro, traz dois anexos:

1. Memória da reunião técnica preparatória para a implantação da Cátedra UNESCO de comunicação para o desenvolvimento regional.
2. Diretrizes da Cátedra UNESCO de Comunicação para o desenvolvimento regional.

Considerações finais

Embora essa coletânea coordenada pelo professor Marques de Melo date de 1996, vejo a atualidade desses temas ainda hoje em que a comunicação midiática digital, eletrônica e tecnológica através de rede deu um salto gigantesco tornando a comunicação global ainda mais desafiadora e sem limites. A preocupação do seminário internacional "Identidades Culturais Latino-americanas em tempo de comunicação global" em defender a identidade de nossa cultura não pode ser calada. Hoje esse profetismo deveria ser uma preocupação constante de nossos centros acadêmicos que formam profissionais de comunicação. Pois, como vimos no decorrer dos capítulos desse livro, a universidade tem papel fundamental na "defesa" de nossa identidade cultural que rege nossa forma de pensar, agir e conceber o mundo. Reitero a importância das Cátedras UNESCO em seu papel de garantir a dignidade humana em sua forma mais sublime: a identidade de um povo.

Referências

GONZÁLEZ, Jorge A. Cenas de trajetória dentro do cenário da comunicação na América Latina. In: MORAES, Orlando de; LAURINDO, Roseméri; JACONI, Sônia (Orgs.). **EntreNações e Inter-Relações: Marques de Melo e a Comunicação em Diálogos**. São Paulo: INTERCOM, 2013. p. 151-165.

MARQUES DE MELO , José (Coord.). **Identidades Culturais Latino-Americanas em tempo de Comunicação Global**. São Bernardo do Campo: Cátedra UNESCO, 1996. 160 p.

YVES, Claude. Orbicom busca perspectiva participativa para artigo modelo de comunicação e desenvolvimento**. Rev. PCLA.** v. 2, n. 2: janeiro / fevereiro / março 2001**.** Disponível em: http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista6/entrevista%206-1.htm. Acesso em: 13 de novembro de 2013.

A mídia em debate pelo Brasil afora

Eduardo Amaral Gurgel[1]

5.4
CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José; GOBBI, Maria Cristina; SANCHES, Conceição; PARISOTO, Gilson João. (Orgs.). **Mídia em debate:** da história midiática às mediações da ciência. Universidade Metodista de São Paulo, Cátedra UNESCO/UMESP de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, Faculdades Adamantinenses Integradas, Adamantina: São Paulo, 2002.

Antes de discorrer sobre a obra supracitada é pertinente uma digressão que permita elucidar a história, os fatos que corroboraram a feitura de seus textos e, por fim, sua publicação.
O percurso diacrônico inicia-se no ano de 1999 quando as Faculdades Adamantinenses Integradas – FAI – firmam uma parceria institucional com a Universidade Metodista de São

1. Doutorando e Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (2013/2012) sob a orientação do Professor Doutor José Marques de Melo. Especialização em Comunicação Empresarial pela Unitoledo Araçatuba (2011) e graduação em Comunicação Social - Jornalismo - Faculdades Adamantinenses Integradas (2007). Pesquisador Colaborador da Cátedra da UNESCO/UMESP de Comunicação para o Desenvolvimento Regional. Tem mais de 17 anos de experiência na área de Comunicação, com ênfase em Jornalismo - jornal impresso e revistas. Email: xagurgel@yahoo.com.br

Paulo – UMESP. Os protagonistas deste ato foram José Marques de Melo, pela Cátedra UNESCO/UMESP de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, e o então Diretor Geral da FAI, Gilson João Parisoto.

Mas é com justiça que cabe aqui registrar que o elo entre as instituições e seus representantes sempre foi o Prof. Ms. Sérgio Carlos Francisco Barbosa, à época colaborador/pesquisador da Cátedra UNESCO/UMESP e docente da FAI.

A parceria entre a Metodista e a FAI, com o dinamismo de Marques de Melo, o entusiasmo e comprometimento de Sérgio Barbosa e o apoio de Gilson Parisoto, rendeu frutos traduzidos em eventos quase sempre acompanhados de publicações de importantes obras que configuram a bibliografia do campo da comunicação.

A associação entre as instituições de ensino foi logo após um período frutífero para o então Instituto Metodista de Ensino Superior que, pelo prestígio de seu Curso de Mestrado em Comunicação desde 1978 e, ainda, por conta dos eventos, acaba sendo reconhecido como Universidade pelo Ministério da Educação.

> Em 1993, a instituição assumiu o compromisso de fortalecer a pesquisa das ciências da comunicação, criando o Curso de Doutorado em comunicação Social. Ao mesmo tempo, decidiu pleitear uma das Cátedras de Comunicação previstas para a América Latina pela UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura. O Doutorado foi estruturado durante o ano de 1994, iniciando-se em 1995. A Cátedra UNESCO foi conquistada nessa mesma conjuntura, instalando-se em 1996 (MARQUES DE MELO *et al*, 2001, p.17).

Institucionalizada a vida universitária no Campus de Rudge Ramos, Marques de Melo tratou de fortalecer a pesquisa com o Grupo Comunicacional de São Bernardo do Campo e a extensão com projetos e parcerias. Este trabalho encontra respaldo na Cátedra UNESCO/UMESP de Comunicação para o Desenvolvimento Regional por meio do Projeto Comunicação Científica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo.

À época, Marques de Melo (2001, p.19) anota que a "Cátedra brasileira fez opção clara pela variável **Saúde**[2] como requisito para transformar a comunicação

2. Nesta ocasião José Marques de Melo convidou Isaac Epstein para a linha de pesquisa "Mídia e Saúde" e a assumir uma das Diretorias-Adjuntas da Cátedra UNESCO/UMESP criando um grupo de estudos no âmbito do doutorado. Desde então, Isaac Epstein liderou os eventos COMSAÚDE.

de massa em alavanca essencial ao desenvolvimento das regiões incrustadas no território nacional".

Com essa visão, a Cátedra UNESCO/UMESP realiza no campus da Universidade Metodista de São Paulo, entre os dias 21 e 23 de outubro de 1998, A I COMSAÚDE[3] – Conferência Brasileira de Comunicação e Saúde com o tema Mídia e Saúde Pública.

A partir daí, Marques de Melo e Isaac Epstein procuravam uma instituição para sediar o II COMSAÚDE. Como já havia participado da primeira edição do evento, o Prof. Ms. Sérgio Barbosa se ofereceu para intermediar uma parceria com as Faculdades Adamantinenses Integradas – FAI.

A parceria se efetivou e a II COMSAÚDE, com o tema Comunicação e Saúde Comunitária realizou-se, entre os dias 10 e 12 de Novembro de 1999 com a promoção e execução da FAI em Adamantina, distante 600 km da capital do estado de São Paulo com resultados além dos esperados pela Cátedra UNESCO/UMESP. O público participante do primeiro evento restrito a cinquenta comunicólogos sofreu uma diversificação e um salto quantitativo expressivo.

> A II COMSAÚDE (1999) traduziu a estratégia da Cátedra UNESCO/UMESP de promover a interiorização do debate sobre Comunicação e Saúde. Para tanto, realizou parceria com as Faculdades Adamantinenses Integradas (FAI), em cujo campus foi organizada a conferência. A grande surpresa foi o número de participantes. Inscreveram-se aproximadamente 5.000 pessoas, universo constituído basicamente por estudantes de medicina, odontologia, farmácia e nutrição das cidades do noroeste paulista. Concentrou-se ali uma multidão jovem, curiosa por desvendar as potencialidades dos suportes comunicacionais, especialmente da mídia digital. Eles aspiravam melhorar o desempenho dos profissionais de saúde e das autoridades locais na gestão de programas comunitários preventivos (MARQUES DE MELO *et al*, 2001, p.21).

3. O projeto COMSAÚDE teve início com a realização da I COMSAÚDE, no campus da UMESP-Universidade Metodista de São Paulo, entre os dias 21 e 23 de outubro de 1998, como resultado de uma pesquisa executada em 1997, tendo como apoio a OPAS Organização Pan-Americana de Saúde, cujo objetivo inicial era a investigação do papel da mídia frente aos desafios da saúde neste novo tempo para os países latino-americanos. Neste contexto de investigação midiática, a pesquisa foi apresentada como Proyeto Comsalud, dinamizando desta forma, os trabalhos da pesquisa e arrolando nesta proposta 12 instituições de ensino superior, entre as quais, a UMESP, tendo como coordenador da pesquisa o professor doutor Isaac Epstein da referida instituição (BARBOSA, on-line).

Devido ao grande sucesso, no ano seguinte, durante os dias 6, 7 e 8 de Novembro de 2000, o evento aconteceu novamente no campus da FAI. Na oportunidade, a III COMSAÚDE[4] teve como tema principal a Comunicação e Promoção da Saúde. Desta feita não foi o número de 1.200 participantes, porém, conforme relata o pesquisador Arquimedes Pessoni (2007, p.188), "o evento teve como destaque um convidado que construiu a história da pesquisa na temática Comunicação para a Saúde na América Latina: o Prof. Dr. Luis Ramiro Beltrán, da Universidad Johns Hopkins (Bolívia)".

A parceria institucional UMESP/FAI prosseguiu nos anos seguintes com a realização de duas jornadas temáticas denominadas Mídia em Debate, realizadas em 2001 e 2002, do V Colóquio Internacional Sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação – CELACOM[5] 2002, do Ciclo Luiz Beltrão em 2006 e também do Ciclo de Estudos Preparativos ao Centenário de Luiz Beltrão com as oficinas do evento "Beltrão 90, FAI 40".

A abertura propiciada por Marques de Melo permitindo a realização e a execução desses eventos em instituições localizadas no interior do país colaborou com a descentralização do ensino, da pesquisa e da extensão e, prioritariamente, a transferência dos conhecimentos estocados na Cátedra UNESCO/UMESP de Comunicação.

---

4. O fato mais importante da III Comsaúde foi a redação da Declaração de Adamantina, uma moção aprovada pela XI Conferência Nacional de Saúde, realizada em Brasília, de 16 a 19 de dezembro de 2000. O documento levanta algumas proposições importantes no que se refere ao ensino da Comunicação e sua relação com Saúde. O conteúdo completo da declaração encontra-se no artigo III Comsaúde - Conferência Brasileira de Comunicação e Saúde de Marcia B. Velasques e Cristiane Ueda disponível em: http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista6/res%20eventos%206-5.htm.

5. Nos dias 1º e 2 de outubro de 2002, a cidade de Adamantina (SP) foi palco do VI Colóquio Internacional sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação (CELACOM) com o tema A participação da mulher nos estudos comunicacionais latino-americanos. Com o prestígio de José Marques de Melo, o VI CELACOM foi marcado pela presente de pesquisadores de renome nacional e internacional. Estiveram em Adamantina: Margarida Kunsch (presidente da ALAIC - Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación), Sonia Virginia Moreira (presidente da INTERCOM - Sociedade Brasileira De Estudos Interdisciplinares da Comunicação), Patrícia Maldonado (presidente da AMIC - Asociación Mexicana de Investigadores de la Comunicación e do IPN – Instituto Politécnico Nacional do México), Maria Cristina Gobbi, Elizabeth Gonçalves, Graça Caldas, Sonia Luyten e Joseph Maria Luyten, Arquimedes Pessoni, Gisely Hime, Betania Maciel, entre outros.

Ao abrir picadas no interior do Brasil disseminando o conhecimento, Marques de Melo também consolidou uma prática que se converteu em sua qualidade indelével: a de incentivador da produção científica. A socialização do conhecimento sempre foi uma preocupação de José Marque de Melo.

Compartilhando o saber com seus discípulos, Marques de Melo organizou mais de uma centena de livros dando oportunidade àqueles que se propusessem à produção do conhecimento. Com esse feito, a contribuição de Marques de Melo para a ampliação do debate e das reflexões dentro e fora da comunidade acadêmica das ciências da comunicação é incontestável.

Na outra ponta, inconteste também são os benefícios para os discípulos que participaram desse compartilhamento do saber, visto que muitos deles ocupam hoje lugar de destaque na academia e continuam dando valorosas contribuições à produção científica do campo comunicacional.

Não é por acaso que, fazendo deferência ao Professor José Marques de Melo, a pesquisadora e ex-presidente da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – INTERCOM –, Sonia Virgínia Moreira (2013, p.11), disse que "uma coisa é certa: a produção científica no campo da Comunicação no Brasil e na América Latina certamente seria bem mais pobre sem o diligente trabalho de pesquisa – e de incentivo à pesquisa – do Professor".

É justamente exercitando sua qualidade de incentivador da pesquisa científica que encontramos José Marques de Melo na organização da obra que este estudo contempla no intuito de contextualizá-la à luz do pensamento dos pesquisadores e da visão do organizador.

O livro "Mídia em Debate: da História Midiática às Mediações da Ciência" é um conjunto das comunicações científicas apresentadas na primeira jornada temática comunicacional: Mídia em Debate, realizada em parceria UMESP/FAI entre os dias 22 e 25 de agosto de 2001, em Adamantina, Estado de São Paulo.

A realização das jornadas Mídia em Debate foi uma proposta da Cátedra UNESCO/UMESP para dar continuidade ao intercâmbio com a FAI. Pensado para ser um evento anual destinado aos alunos e professores dos cursos de comunicação, o evento Mídia em Debate tinha a finalidade de transmitir os conhecimentos acumulados na Cátedra para a FAI fomentando a discussão nessa entidade.

Neste empreendimento de vanguarda para os estudos de comunicação, Marques de Melo visava a potencializar conhecimentos comunicacionais da região Oeste Paulista fomentando a troca de experiências entre as instituições em prol do crescimento do Interior de São Paulo como polo produtor de conhecimento.

Ao término da jornada, como já havia feito em outros eventos, Marques de Melo vislumbrou no material apresentado a possibilidade da perpetuação do saber através da publicação de um livro. Essa foi e é sua grande luta pela

disseminação/socialização do conhecimento e o incentivo à pesquisa na área da Comunicação.

Assim, um conjunto de comunicações científicas apresentadas na jornada "Mídia em Debate 2001" foi selecionado para a obra homônima que, conforme as palavras de Marques de Melo (2002, p.13), "a generosidade e a eficiência das lideranças da FAI coloca à disposição da comunidade acadêmica das ciências da comunicação".

O pensamento dos pesquisadores transformado em obra

O livro "Mídia em debate: da história midiática às mediações da ciência" foi dividido em dois blocos cognitivos, um de natureza histórica e outro de matiz sociocultural. Os resultados da pesquisa científica apresentados no evento demonstram o conhecimento de especialistas que a FAI sistematizou nesta publicação.

> O primeiro bloco reuniu quatro pesquisadores vinculados ao Núcleo de Estudos de Mídia Massiva da UMESP, que analisaram conjunturas e protagonistas responsáveis pelos fluxos midiáticos brasileiros. As trajetórias de personalidades como Hipólito da Costa, Assis Chateaubriand e Barbosa Lima Sobrinho são aqui revisitadas, redimensionadas, revalorizadas [...] Da mesma forma, merece destaque o fenômeno do coronelismo midiático perfilado no Nordeste Brasileiro. [...] O segundo bloco diagnostica facetas da divulgação científica. Três estudiosos pertencentes ao Núcleo de Estudos de Mídia Segmentada da UMESP disseminaram conhecimentos sobre as relações entre comunicação e saúde [...], o impacto da propaganda na comercialização do medicamento Viagra [...], e as implicações jornalísticas da inovação científica consubstanciada na produção de alimentos transgênicos. [...] Completa o volume a monografia [...] inventariando as ações desenvolvidas pela Cátedra Unesco de Comunicação [...] (MARQUES DE MELO, 2002, p.13).

A coletânea apresenta as palestras proferidas durante a Jornada Acadêmica "Mídia em Debate" por diversos autores e transformadas em textos. A intenção a seguir é apresentar os autores e seus títulos, bem como a síntese de sua exposição.

- José Marques de Melo – "Incursões pioneiras de Hipólito da Costa no mundo da imprensa". Para relatar a história de Hipólito da Costa na Jornada da Mídia em Debate, Marques de Melo revisita sua tese de Doutorado em Ciências da Comunicação obtida no ano de 1973 na Universidade de São

Paulo, USP, sob o título: "Fatores Socioculturais que retardaram a implantação da imprensa no Brasil". Marques de Melo relata pormenorizadamente a trajetória de Hipólito da Costa que viveu no tempo do império e contestou as ações da Coroa no jornal Correio Braziliense editado em Londres. Com a primeira edição do Correio Braziliense, em 1º de junho de 1808, Hipólito foi considerado o fundador do Jornalismo Brasileiro, pioneirismo contestado por alguns pesquisadores. Para descrever essa história, Marques de Melo contou com o auxílio de Barbosa Lima Sobrinho e do principal biógrafo de Hipólito da Costa, o professor e pesquisador Carlos Rizzini. Tal percurso diacrônico teve o objetivo de, à luz dos registros históricos, apontar que tipo de jornalismo praticava Hipólito da Costa. Entre o Brasil, Portugal e Londres na Inglaterra, a história do político, diplomata e jornalista, Hipólito da Costa, contada por Marques de Melo, reflete um jornalismo informativo, controvertido, enciclopédico e pragmático.

- Rosemary Bars Mendez – "Uma obra coletiva: o Jornalismo segundo Barbosa Lima Sobrinho". A autora faz um resgate histórico da trajetória de vida de Barbosa Lima Sobrinho, considerado por José Marques de Melo um dos pioneiros nos estudos de comunicação de massa no Brasil. Ao perscrutar o pensamento de Barbosa sobre o jornalismo, Mendez tencionou demonstrar sua interface com a política e a Literatura. Mostra também, como Barbosa Lima Sobrinho registrou em sua obra parte da história do jornalismo e da política nacional, em que ele próprio teve intensa participação. O destaque aqui fica por conta da obra "O problema da Imprensa", fruto da pesquisa de Barbosa Lima Sobrinho sobre a atividade jornalística, examinando as relações entre a imprensa e a sociedade destacadas pela autora em sua exposição. Mendez também registra a aproximação entre o Jornalismo e a Literatura defendida por Barbosa Lima Sobrinho. "Segundo ele, existe uma interdependência entre Jornalismo e Literatura e a interação acontece pelos valores opostos: Jornalismo representa o interesse atual, o fato novo; a Literatura se constitui pelo interesse permanente" (MENDEZ, 2002, p.36)

- Patrícia Ozores Polacow – "História da TV no Brasil: Assis Chateaubriand e os acordos Time-life". Relata a posição contrária de Assis Chateaubriand frente aos acordos firmados em 1962 e 1965 entre o grupo norte americano Time-Life e a TV Globo. Ao se debruçar sobre o assunto, Polacow traz à tona parte do período histórico da implantação da TV Globo e a repercussão deste fato na sociedade brasileira. Indissociável do contexto socioeconômico e político que adentrava na ditadura militar pós-golpe de 1964,

essa história envolve os bastidores da política e das grandes corporações midiáticas à época. Para contá-la, Patrícia Polacow analisa e traz à tona artigos escritos por Chateaubriand entre os anos de 1965 e 1968. Também examina e revela textos da Comissão Parlamentar de Inquérito – CPI – instaurada em 1966 para investigar as denúncias de que os acordos eram ilegais e textos referentes aos contratos entre a TV Globo e o grupo Time-Life. O texto acaba também por contar parte da história dos Diários e Emissoras Associados e de seu fundador proprietário, Assis Chateaubriand e de como ele influenciou a política e a mídia brasileira.

- Maria Érica de Oliveira Lima – "Oligarquia, coronelismo e comunicação". À luz de importantes pesquisadores, a autora revisita conceitos como oligarquia, clientelismo e coronelismo para relatar importantes mudanças em suas concepções primárias. Relata a história do coronelismo e sua influência desde os tempos do Brasil colônia, passando pela República e desembocando nos dias atuais para demonstrar as modificações ocorridas. Nesta evolução, a autora traça um percurso diacrônico das relações entre coronéis, oligarcas e o Estado. Retrata a interdependência entre os três atores que exercem poderes nas estruturas sociais e econômicas. Aponta então mudanças nas atitudes e estratégias do coronel frente à sociedade atual. Neste contexto, aponta para os meios de comunicação como uma ferramenta para manter o poder e o domínio do coronelismo, principalmente na Região Nordeste do Brasil. Retrata assim, não o fim do coronelismo tradicional, mas o início do "neocoronelismo".

- Isaac Epstein – "Comunicação e Saúde". Retrata o setor da comunicação que se chama "Comunicação da Ciência". Analisa que a rotatividade de algumas demandas de competências específicas impulsionou o nicho denominado de profissionais divulgadores ou jornalista científico. Demonstra como as unidades de ensino superior estão trabalhando a questão da comunicação da ciência. Explica a comunicação primária e a comunicação secundária deste setor comunicacional. Aponta os problemas do percurso da informação científica e fala sobre a conflituosa relação entre jornalistas e cientistas. Trata de desmistificar a polêmica salientando a diferente cultura de jornalistas e cientistas, notadamente sobre a questão do valor-notícia. Para os primeiros a ideia do fato inesperado e, para os outros, a ideia de um fato que ainda deve ser exaustivamente testado antes de ser divulgado. Trata do aspecto social da divulgação científica.

- Conceição A. Sanches – "Viagra e Mídia". Aborda a questão da relação entre a mídia e os medicamentos com ênfase no produto para tratamento

de disfunção erétil, o Viagra. Destaca o aumento de espaço na mídia como resultado do impacto das notícias sobre novos medicamentos e a possibilidade de cura de doenças. Contesta, porém, o fato da mídia tratar a notícia somente como novidade e, assim, tornar a informação desarticulada por falta de continuidade. Relata então a história do medicamento Viagra que quebrou essa escrita e ainda merece destaque na mídia. Faz um paralelo da marca Viagra com os grandes *cases* da publicidade como o Bombril, a Gillete e a Xérox. A autora então percorre o caminho do ideário em torno das relações sociais, relações de poder que são transmissoras de informações. Traz à luz o Estudo do Comportamento Sexual – ECOS – realizado pela Universidade de São Paulo – USP e a pesquisa realizada pela Fundação Oswaldo Cruz da Bahia sobre como os homens encaram a disfunção erétil. Por fim, retrata a cobertura da mídia para esses casos como superficial.

- Graça Caldas – "Jornalismo Científico: a questão dos transgênicos". Analisa a política da Ciência e da Tecnologia, a disseminação da notícia científica, a complexidade dos temas da área e sua influência na vida das pessoas e as relações de poder nas esferas pública e privada embutidas nos processos. Traz reflexões sobre o jornalismo científico e seu papel frente ao aumento da produção científica e tecnológica em tempos de globalização da economia. Aborda a questão do conhecimento global do sistema de Ciências e Tecnologia – C&T – para o processo de produção científica como essencial ao desempenho do jornalista científico. Retrata e analisa a divulgação científica feita pelos meios de comunicação de massa e pelos organismos não governamentais (ONGs). Analisa as relações entre a academia e as empresas. Aponta mudanças no cenário com o aumento de espaço de notícias científicas e tecnológicas nos meios de comunicação de massa. Relata o envolvimento das agências de fomento CNPq e Fapesp na divulgação da área. Destaca o papel da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) com sua revista Ciência Hoje e o Jornal da Ciência. Faz um resgate histórico sobre a questão dos alimentos transgênicos no Brasil: suas implicações políticas, econômicas, sociais e, principalmente, um retrato sobre a atuação da mídia sobre o assunto.

- Maria Cristina Gobbi – "Cátedra Unesco/Umesp: memória do primeiro quinquênio". Apresenta um balanço dos primeiros cinco anos de funcionamento da Cátedra UNESCO de Comunicação para o Desenvolvimento Regional que, desde 1996, está sediada no campus Rudge Ramos, da Universidade Metodista de São Paulo – UMESP. Relata a composição da

Cátedra UNESCO /Umesp com seu titular o Prof. Dr. José Marques de Melo e suas equipes consultiva e executiva. Traz reflexões sobre a importância da Cátedra para o desenvolvimento de ações que privilegiam o ensino, a pesquisa e a extensão. O objetivo é mostrar a participação efetiva da Cátedra como articuladora e incentivadora dos processos comunicacionais. Apresenta um relato de todas as atividades desenvolvidas pela Cátedra UNESCO/UMESP, bem como de suas publicações que contribuíram para o fortalecimento da pesquisa científica e a disseminação do conhecimento. Destaca a atuação do Grupo Comunicacional de São Bernardo do Campo e as parcerias e convênios efetivados com inúmeras entidades parceiras.

Comentário Final

O resultado maior da I Jornada "Midia em Debate" de Adamantina foi mesmo a sistematização do conhecimento que originou a obra em questão. Ao oferecer o espaço para o debate e reflexões originárias das exposições da pesquisa de especialistas na área da Comunicação, José Marques de Melo já tencionava a perpetuação desse saber.

Visionário por excelência, Marques de Melo não admite que os resultados da pesquisa científica comunicacional fiquem circunscritos somente aos grandes centros ou ao "alto escalão" da academia. Para ele, necessário se faz a disseminação de toda a produção do conhecimento para além dos muros da academia, no seio da sociedade onde se consuma o tripé ensino/pesquisa e extensão. Assim propala o debate da mídia por todos os cantos do Brasil no intuito de melhorar a comunicação.

Essa visão de Marques de Melo permite que ele seja um verdadeiro socializador do conhecimento. Mais do que isso, consegue ainda ser um grande incentivador para aqueles que estão ao seu lado nessa jornada da comunicação. Neste sentido, às vezes, sem nem mesmo perceberem, discípulos de Marques de Melo são envolvidos em seus múltiplos projetos. Muitos deles já entenderam a orientação do mestre e também seguem espalhando o conhecimento aos quatro cantos do Brasil e do mundo.

Mídia em Debate se traduz em pesquisa, reflexão, produção de conhecimentos e, principalmente, o emprego desse conhecimento da comunicação para melhorar a vida.

Referências

BARBOSA, Sérgio Carlos Francisco. **Mídia e Saúde**: II e III Comsaúde (Adamantina, SP, FAI, 1999/2000). Disponível em: http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/0/01/CTA1D_-_Texto_5_-_Sergio_Barbosa.pdf. Acesso em 25/07/2013.

MARQUES DE MELO, José; GOBBI, Maria Cristina; SANCHEZ, Conceição Aparecida; PARISOTO, Gilson João (Orgs.). **Mídia em debate:** Da história midiática às mediações da ciência. Adamantina: Omnia, 2002. 177 p.

MARQUES DE MELO, José; EPSTEIN, Isaac; SANCHES, Conceição; BARBOSA, Sérgio. (Orgs.) **Mídia e saúde**. Adamantina: UNESCO/UMESP/FAI, 2001. 844 p.

MENDEZ, Rosemary Bars. Uma obra coletiva: o Jornalismo segundo Barbosa Lima Sobrinho. In: MARQUES DE MELO, José; GOBBI, Maria Cristina; SANCHEZ, Conceição Aparecida; PARISOTO, Gilson João. (Orgs.). **Mídia em debate:** Da história midiática às mediações da ciência. Adamantina: Omnia, 2002. 177 p.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Sobre a arte de tecer o conhecimento no campo da Comunicação. In: MORAIS, Osvando J.; LAURINDO, Roseméri; JACONI, Sônia Maria. (Orgs.). **EntreNações e inter-relações**: Marques de Melo e a comunicação em diálogos. São Paulo: INTERCOM, 2013. 266 p.

PESSONI, Arquimedes. Comsaúde: espaço de discussão interdisciplinar. **Comunicação & Sociedade**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo. a. 28. nº 47. 1º semestre de 2007, p.183-201.

Mídia regional na era da globalização

Tancy Costa Mavignier[1]

6.4 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José; SOUSA, Cidoval Morais de; GOBBI, Maria Cristina (Orgs.). **Regionalização midiática**. Estudos sobre Comunicação e Desenvolvimento Regional. Rio de Janeiro: Sotese, 2006. 365 p.

"Regionalização Midiática" é uma obra que surgiu da parceria da Cátedra UNESCO de Comunicação para o Desenvolvimento Regional da Universidade Metodista de São Paulo, com o Mestrado de Desenvolvimento Regional e com o Departamento de Comunicação Social, ambos, da Universidade de Taubaté.

Em tempos de globalização, parece importante o interesse pelo desenvolvimento regional. O fenômeno também ocorre com a mídia, pois a globalização consegue despertar o interesse pelo local e o regional. O aumento de jornais, rádios, e redes de televisão regionais, na década de 1990, demonstra a importância de pesquisas sobre o assunto.

Esse tema interessa tanto Marques de Mello que foi ele responsável pela implantação da Cátedra de Comunicação, em

1. Mestre pela Universidade Metodista de São Paulo e graduada em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, pela Universidade de Taubaté.

1996. No mesmo ano, foi criado o Regiocom, que iniciou com caráter de curso e só, em 2003, transformou-se em Colóquio. O professor recebe alunos de diversas regiões do país e já estimulou diversas pesquisas relacionadas à mídia regional.

A obra interessa a professores e universitários que entendem a importância de valorizar o desenvolvimento da mídia regional e o compromisso dos profissionais de produzir conteúdos que interessem a população de determinada localidade. Os leitores têm a oportunidade de conhecer as características das mídias de diferentes regiões, escolhidas pelos autores. A diversidade é uma característica da obra, que junta resultados de pesquisas com o histórico de alguns veículos de comunicação.

O livro que é uma compilação de artigos foi dividido em dois grandes capítulos. O primeiro de caráter mais teórico e metodológico reuniu 11 artigos. Eles aplicam o conceito midiático de região, apresentado por Marques de Melo na abertura do capítulo I. Enquanto no segundo capítulo, os pesquisadores trazem exemplos, nos outros cinco artigos, das práticas da mídia regional seja na televisão, na rádio ou no jornalismo impresso.

No primeiro texto, o professor Marques de Melo cita o interesse da UNESCO no desenvolvimento das nações, o processo de criação da Cátedra de Comunicação e explica o conceito midiático de região. Para construir este conceito, ele afirma que recorreu ao estudo de fenômenos regionais e às disciplinas como Geografia e História.

As categorias criadas foram divididas em dois grandes blocos: Regiões supra-nacionais (junção de nações que têm identidades semelhantes) e Regiões infra-nacionais (divisão do território nacional). Nos textos seguintes, os autores escrevem e aplicam os conceitos propostos pelo professor.

De acordo com ele, nas Regiões supra-nacionais existem subcategorias como: 1) Mega-região (Região Sulamericana); 2) Multi-região (Região Latinoamericana) e 3) Meso-região (Região Amazônica). No outro bloco, as Regiões infra-nacionais são divididas em: 4) Macro-região (Região Norte, Nordeste, etc); 5) Maxi-região: (Região Gaúcha); 6) Midi-região: (Região da Baixada Santista, do Vale do Paraíba, entre outras); 7) Mini-região: (Região Petropolitana, referente a Petrópolis) e 8) Micro-região (Região da Liberdade, bairro paulistano).

No texto, "Comunicação mega-regional: o Mercosul na Imprensa do mercosul", Antonio Andrade, professor da UMESP, explica detalhes do projeto de pesquisa feito com a parceria de pesquisadores de diversos países da América do Sul. A pesquisa foi sediada na Cátedra UNESCO, na Universidade Metodista que estabeleceu os critérios operacionais e metodológicos. Foram pesquisados 33 jornais da Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai para descobrir como os jornais incluem o MERCOSUL em sua agenda temática. Andrade explica toda metodologia e os resultados do projeto.

Em "Comunicação multi-regional. Lusofonia: uma comunidade cultural sem fronteiras físicas ou tecendo a identidade cultural luso-afro-brasileira", Marques de Melo conta a experiência do congresso internacional de jornalismo de língua portuguesa que reuniu, no Rio de Janeiro, jornalistas de sete países em que a língua oficial é a portuguesa. Ao final da assembleia foi criada a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). O pesquisador explica o surgimento da comunidade, suas metas e implicações culturais e políticas.

A autora Marlei Sigrist no texto "Comunicação macro-regional: Folkmídia num espaço transfronteiras (o carnaval pantaneiro)" trata do Carnaval nas regiões de fronteiras do Mato Grosso do Sul com a Bolívia e com o Paraguai, nas cidades de Corumbá, Quijarro, Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. A pesquisadora percebe a influência do global e nacional no Carnaval realizado nas cidades fronteiriças e como a festividade tipicamente brasileira interfere na festa dos países vizinhos.

No artigo "Comunicação maxi-regional: Região Sudeste. Hegemonia na Mídia Televisiva", a pesquisadora Nílcia D´Avila analisa de que forma a televisão interfere no comportamento de jovens e crianças. Como esse meio pode estimular a agressividade, insegurança e violência. Ela cita o desenho Pokémon como exemplo de programa que ínsita a violência e ainda aponta caminhos para melhorar a qualidade dos programas voltados ao público infantil.

Já Maria Érica de Oliveira Lima em "Comunicação Meso-regional Rede Bahia de Comunicação: um exemplo de mídia regional" relata as condições históricas da consolidação da Rede Bahia de Comunicação, maior grupo de comunicação da região Nordeste e Norte e lista quais são os jornais, TVs e rádios que pertencem ao grupo. A pesquisadora explica o processo de implantação da TV Bahia e os interesses políticos nos meios de comunicação como, por exemplo, o "caso NEC" permitiu que Antonio Carlos Magalhães usasse de tráfico de influência para ajudar Roberto Marinho, ganhando a transmissão de sua TV.

No artigo "Comunicação midi-regional: a construção da nova imagem do ABC Paulista", Valdir Aparecido Boffetti cita que apesar da região ter se desenvolvido economicamente, por causa das indústrias, carece de veículos de comunicação. O autor explica que, por isso, o ABC é representado pelas emissoras de São Paulo, este fator estimulou o fenômeno das rádios comunitárias na região. Ele ainda cita a importância da Agência de Desenvolvimento Econômico para conduzir ações de marketing regional.

O pesquisador Daniel Galindo em "Comunicação midi-regional II: a festa do Peão de Baiadeiro – SP" traça um panorama da festividade, do surgimento, caracterizado pela valorização das raízes populares, ao desenvolvimento da festa que apesar de manter as tradições culturais se tornou um megaevento internacional. Ele também explica as interferências do popular, do erudito e massivo

nesta manifestação cultural. O autor ainda trata da influencia da globalização, da cultura norte-americana como, por exemplo, no vestuário.

No texto "Comunicação mini-regional I: Singularidades da Imprensa Regional Paulista", escrito pelos professores José Marques de Melo e Adolpho Queiroz é possível encontrar os resultados dos estudos de jornalismo comparado, realizado com 21 jornais tanto de circulação nacional, como em jornais do interior paulista. No estudo realizado com as primeiras páginas dos jornais, os pesquisadores conseguiram verificar o espaço dado aos acontecimentos internacionais, nacionais e regionais. Eles também investigaram o espaço dado às autoridades, aos cidadãos e à publicidade na amostra colhida.

Esmeralda Villegas em "Comunicação micro-regional I: Sistema de alto-falantes – experiência de comunicação popular na Zona Leste de São Paulo" conta a experiência do serviço de alto-falantes da vila Nossa Senhora Aparecida que funciona como uma rádio popular na Zona Leste de São Paulo. No artigo, a autora, explica todo processo de desenvolvimento do sistema, além de traçar o perfil sociocultural do local e dos moradores. Ela ainda menciona os resultados da implantação do serviço, ao colocar depoimentos dos moradores na comunidade.

No texto "Regiocom: um decênio de Colóquios internacionais", a professora Maria Cristina Gobbi explica o processo de implantação da Cátedra de Comunicação na Universidade Metodista, sua função, as atividades realizadas de pesquisa e extensão, como é o caso do Regiocom. Neste artigo é possível encontrar a lista de publicações produzidas pela Cátedra UNESCO.

A segunda parte inicia com artigo de Cidoval Morais de Sousa, "Televisão Regional e Comunicação da Ciência" que trata do espaço disponibilizado pela mídia para comunicação científica. O pesquisador acredita que a televisão e a comunidade científica deveriam ser parceiras para introduzir a ciência aos telespectadores.

Em "Limites e possibilidades da TV Regional", Robson Bastos da Silva analisa comparativamente a cobertura da TV Tribuna e TV Mar, durante cinco dias, nos assuntos relacionados à região da Baixada Santista. No texto são encontradas tabelas com o número de matérias de cada cidade e editoria, o que facilita ao leitor verificar os resultados da pesquisa.

A professora Letícia Maria Pinto da Costa, no texto "Vozes Dissonantes na Imprensa do Interior" trata da pesquisa que realizou sobre o jornal "A voz do Vale" para descobrir a influência da Prefeitura e Câmara de Vereadores nos conteúdos políticos do periódico. A pesquisadora analisou o conteúdo do jornal, assim como a recepção dos leitores para saber sua opinião do material jornalístico do veículo.

No texto "O lugar do locutor na rádio regional", Vânia Braz aborda, como a performance dos locutores de emissoras de São José dos Campos e as características de entretenimento usada por eles contribuem na audiência dos programas

radiofônicos. A pesquisadora afirma que o entretenimento cativa os ouvintes, que se tornam fieis às emissoras.

Robson Luiz Monteiro, no último artigo, "O poderoso Rádio: sons e palavras nas ondas do Vale do Paraíba", conta sobre a fundação e evolução de importantes rádios e das emissoras pioneiras do Vale do Paraíba. Esse texto tem característica histórica.

Todos os resultados das pesquisas apresentadas no livro são interessantes, pois podem servir de inspiração para novas pesquisas sobre mídia e regionalização. A obra pode ser útil aos pesquisadores que procurem bibliografia específica sobre o assunto.

Os profissionais que atuam na mídia regional, ao lerem "Regionalização midiática", têm a possibilidade de compreender e repensar a prática profissional e a responsabilidade em divulgar características da cultura regional. Este livro cumpre com o papel da Cátedra de estimular o desenvolvimento da ciência e da comunicação regional.

Para entender a nossa sociedade digital

Francisco Machado Filho[1]

7.4 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José; MORAIS, Osvando J. de (Orgs.). **Mercado e comunicação na sociedade digital**. São Paulo: INTERCOM, 2007.

Como começou a trabalhar como jornalista em 1959 e apenas sete anos depois já se dedicava à pesquisa acadêmica, José Marques de Melo é uma das poucas pessoas que testemunharam uma parte significativa da história da Comunicação no Brasil de maneira tão próxima e, em certos casos, fazendo parte dela. E não foram poucos os acontecimentos importantes neste período. Desde a consolidação dos veículos de comunicação em empresas nacionais, à ditadura, da volta à democracia até os dias de hoje, quando experimentamos uma transição do modelo analógico de comunicação para o digital, o "professor Marques" ainda colabora com sua visão e experiência na construção do saber dos processos comunicacionais vigentes em nosso país.

1. Doutor em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo - UMESP - Professor do curso de Jornalismo da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita - UNESP/Bauru-SP. E-mail: fmachado@faac.unesp.br

Por esta razão, o livro "Mercado e Comunicação na Sociedade Digital" é uma peça importante nesta construção, pois é um livro que marca o norte no qual pesquisadores observavam o nascer do novo contexto da comunicação brasileira. O livro editado pela INTERCOM marca o tema do congresso da entidade em 2007, na cidade de Santos/SP, e fora escolhido pela diretoria executiva após consulta a seus sócios. Na apresentação da obra, Marques de Melo nos conta que como forma de organizar o debate de um tema tão amplo e significativo, quatro subtemas foram sugeridos para os convidados que aceitassem participar do congresso:

1. Sociedade Digital: o impacto das novas tecnologias de comunicação na dinâmica sociocultural.

2. Internet, o espaço da convergência midiática: desafios políticos e econômicos.

3. Mercado de trabalho: o fosso entre as demandas profissionais e as ofertas acadêmicas.

4. Gêneros, formatos e conteúdos: inovações, mudanças ou ressurgências.

Assim, esta obra, organizada por Marques de Melo e Osvando J. de Morais é fruto deste intenso debate promovido naquele ano, não apenas no congresso nacional, mas também nos cinco encontros regionais que se pautaram pela mesma temática. É dividida em quatro partes: o estado da questão; olhares regionais; o debate nacional e perspectivas forâneas. Essa divisão, além de retratar o contexto da transformação dos processos e dos agentes da comunicação, chama nossa atenção para o que estava ocorrendo no país devido à introdução de novos dispositivos eletrônicos de recepção de mensagens, popularização das redes sociais e do acesso à internet via banda larga. Em 2007, os smartphones eram dispositivos restritos aos mercados internacionais e os tabletes só foram lançados a partir de 2010, mas os aparelhos comercializados no Brasil, à época já demonstravam que a comunicação estava mudando e ainda está. Por esta razão, compreender os aspectos iniciais das transformações nos processos comunicacionais em nosso país, continental e desigual, é de extrema importância, pois nos mostra como era o mercado e comunicação no Brasil e como este mercado e comunicação vem se estabelecendo atualmente, nos dando mostra do que poderá vir a ser no futuro próximo. Abaixo a síntese dos textos e sua contribuição para a construção de um entendimento do caso brasileiro da sociedade digital.

O ESTADO DA QUESTÃO

Mercado e comunicação no Brasil: os impasses da sociedade digital - José Marques de Melo

Marques de Melo nos apresenta um quadro de nossas raízes históricas até o século XX e como as características da colonização moldaram nossos processos comunicacionais e midiáticos, até mesmo, nos dias de hoje e que foram a base onde se construiu o mercado de comunicação no país, no qual a televisão tem maior penetração e maior carga de investimentos publicitários. Contudo, o texto nos alerta que com a popularização da internet o modelo está se alterando.

O processo de desindustrialização dos EUA, iniciado no início da década de 1970 trouxe uma nova configuração da sociedade e alterou os hábitos e costumes forjados durante o período industrial. A fábrica não ditava mais o ritmo das grandes cidades e seus cidadãos procuraram outras formas de emprego, baseadas em novos contratos sociais[2]. Isto impulsionado pela introdução da tecnologia da informação. Desta forma, a indústria da informação e do entretenimento viu seus números caírem pela primeira vez na história[3]. Aberta essa lacuna e forte demanda, a internet passou a ser utilizada como meio transmissor de mensagens. No início, mensagens pessoais de ponto a ponto, mas com o passar dos anos e aprimoramento tecnológico, a internet se transformou em um meio que proporciona a troca de mensagens entre os indivíduos e consumo de produtos audiovisuais e texto. E esse parece ser um caminho sem volta e que está desafiando os modelos tradicionais de comunicação a se adaptarem, mas por outro lado, também permite a ascensão de vozes que tinham sido suprimidas pela comunicação generalista da comunicação de massa. É o que nos mostra Marques de Melo em seu texto, quando afirma que o "fosso entre os dois fluxos se foi reduzindo lentamente, no correr do século XX". O fosso a que se refere são os dois "Brasis" que ainda convivem. De um lado as comunidades empobrecidas, distantes da internet e que habitam a periferia das grandes cidades e que com o passar dos anos foram criando sua própria mídia cidadã. Do outro, a elite preocupada na manutenção de seu *Status Quo*. Contudo, o acesso à internet, à telefonia celular e à TV paga, tem crescido substancialmente trazendo para o debate nacional as vozes da comunicação marginalizada e alternativa. Entender esse processo é fundamental para poder construir um futuro da comunicação brasileira sem que os erros do passado voltem a ser cometidos.

2. Ver TOFFLER, Alvin. 2007.

3. Ver Dizard Jr., Wilson. 2000.

O impacto das indústrias digitais nos processos de mediação Simbólica - J. B. Pinho

"O mercado e a comunicação experimentam um processo contínuo de mudanças e de transformações, cujo impacto não é mensurável por completo, mas é absolutamente sentido no dia-a-dia das pessoas". Essa afirmação de Pinho, mesmo em 2007, ainda é verdadeira e retrata perfeitamente o momento atual no qual se encontram a comunicação e o mercado brasileiro. Pinho inicia seu texto abordando a inserção do Brasil na Nova Economia, que afirma ser resultado das sociedades digitais, a partir da década de 1990 e cita três paradigmas resultantes desta nova configuração, que são atuais ainda hoje. Apesar de altos e baixos, a partir de 2002 o Brasil vem alcançando bons resultados por meio das políticas sociais, o que resultou no aumento de uma parcela significativa da população no consumo de bens e serviços. Esta situação tem gerado uma conjuntura singular para o mercado de comunicação brasileiro de comunicação. A televisão aberta, a TV paga e o acesso à internet por telefonia móvel e via rede de dados vem obtendo um crescimento constante ao longo desses anos. Se em 2007, época da análise de Pinho, já era possível perceber sinais de mudanças, agora em 2013, as consequências do impacto das indústrias digitais no Brasil são ainda maiores.

Os efeitos da tecnologia na formação profissional e no mercado da comunicação - Sonia Virgínia Moreira

As mudanças que estão afetando o mercado e a comunicação não deixaram de afetar também os profissionais envolvidos. Não só na parte prática, mas também na acadêmica. Moreira faz uma reflexão sobre o ensino da comunicação no país e a necessidade de se adequar os cursos de comunicação e, especificadamente o curso de jornalismo, à nova realidade. "O momento de transição do perfil profissional e o esforço de adaptá-lo à realidade do mercado insinuam a pertinência de uma capacitação múltipla, que harmonize habilidades adequadas a mídias digitais e competências apropriadas a suportes tradicionais". E tudo indica que esta necessidade está sendo atendida com as novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Jornalismo, formuladas por meio de audiências públicas e tendo como presidente da comissão de especialistas constituída pelo Ministério da Educação, o professor José Marques de Melo e que poderão ser utilizadas já a partir de 2013 para balizar os cursos em todo o país.

Metamorfose do comunicador profissional: do saber fazer ao saber conhecer - Nelia Del Bianco

Indo ao encontro da ideia da necessidade de reformulação dos cursos de jornalismo, Bianco faz uma oportuna reflexão em seu texto sobre o propósito e foco da formação dos profissionais de comunicação nas universidades do Brasil baseada nas competências necessárias para a realização profissional. Afirma que em um mercado em transformação também se faz necessário repensar a universidade e seu processo de formação e a urgência em implementar novas concepções de ensino, dentre elas, aplicar "a mudança de visão do processo educacional centrado no professor para uma descentralização, onde o foco está no aluno e na sua autonomia para a auto-aprendizagem". E, ainda, afirma que "seria muito limitado pensar que a formação oferecida se restrinja ao exercício das tarefas rotineiras de uma empresa de comunicação". Segundo a autora, essa nova escola teria como pilar básico a "flexibilização", tanto nos currículos como nas metodologias de ensino. A flexibilização, juntamente com a inovação, são as palavras de ordem que, segundo Castells (1999), condensam todas as fórmulas de adaptação para a sociedade em rede. Portanto, o texto de Bianco é um capítulo que deve ser lido por todos aqueles que se prestam ao ensino da comunicação e aos que se submentem aos cursos de graduação.

OLHARES REGIONAIS

A segunda parte da obra é composta de textos que comprovam que as transformações estão ocorrendo em todas as regiões do país, cada uma com suas variáveis, mas de forma visível e constante. Os textos são sínteses dos congressos regionais da INTERCOM em cada região do país.

- Maria Ataíde Malcher e Rosaly de Seixas Brito: "Amazônia: do oral para ao digital". As autoras apresentam um panorama da comunicação na Amazônia a partir do desenvolvimento impulsionado pelo regime militar e como os veículos de comunicação, principalmente a televisão e o rádio, influenciaram o modo de ser do homem amazônico e como a introdução dos sistemas digitais representa um desafio para um estado com as características culturais e geográficas como o do Amazonas.
- Giovandro Marcus Ferreira e Edson Fernando Dalmonte contribuíram com o texto: "Nordeste: diálogos possíveis e necessários", que apresenta a

hipótese do aprimoramento dos profissionais de comunicação via cursos de Pós-graduação. A proposta do INTERCOM Nordeste de 2007 foi estabelecer um diálogo entre o mercado e o ensino. E os cursos de pós podem contribuir efetivamente nessa interação.

- Centro-oeste: práticas midiáticas e pesquisa acadêmica. Yuji Gushiken e Lúcia Helena Vendrusculo Possari analisam o campo da pesquisa em Comunicação caracterizado pelas práticas culturais e comunicacionais que tomadas como campo de estudo se diferem das pesquisas e disciplinas do campo das Ciências Sociais e Humanas.

- Sudeste: tecnologia e compromisso. Teresa Cristina da Costa Neves alerta para as armadilhas impostas pelo discurso simplista de que a tecnologia e os dispositivos eletrônicos são solução para os males contemporâneos e afirma que cabe a investigação acadêmica ir de encontro a esta ideia. O Sudeste, por ser a região com mais usuários e mais "conectada" os contrastes, problemas e soluções podem ser percebidos com maior evidência, assim como a urgência em encontrar novos modelos de negócios que permitam às indústrias de comunicação subsidiarem seus produtos.

- Sul: o espaço regional na teia multimídia. Bibiana de Paula Friderichs ressalta o esforço realizado por professores e alunos na tentativa de entender a mutação das plataformas de comunicação e seus desdobramentos, centrado na ideia de uma sociedade em rede, apontada por Castells, interconectada e que permite a troca de mensagens em tempo real originando novos fluxos de comunicação e novos comportamentos dos indivíduos. Esta nova rede de relações impacta diretamente a comunicação regional e a configuração do espaço midiático local. "O congresso realizado na região sul do Brasil, revelou, então, a tendência comunicacional de valorizar a riqueza regional, considerando que a digitalização aumenta o número de canais disponíveis para a comunicação", afirma Bibiana.

O DEBATE NACIONAL

A terceira parte do livro os autores Juremir Machado da Silva, Sebastião Squirra, Marcelo Barbosa de Souza e Adisia de Sá, ampliam o debate analisando as transformações da sociedade digital, também na publicidade, na capacitação profissional dos trabalhadores no domínio das tecnologias digitais, no campo das Políticas de Comunicação e no campo econômico. Temas complexos que

atualmente adquiriram ainda mais importância, pois há um limite no qual as transformações são impedidas de avançarem. É neste momento que a revisão das estruturas políticas e econômicas que sustentam a indústria da comunicação devem ser revistas e reformuladas para permitir que continuem avançando e promovendo o bem estar social.

PERSPECTIVAS FORÂNEAS

A quarta parte da obra traz a contribuição e experiência de autores estrangeiros cujas análises são de extrema importância, pois como a transição para a sociedade digital se dá de modo e em velocidade diferente de país para país, os relatos destes acontecimentos em outras sociedades podem apontar caminhos a serem seguidos ou não em nossa própria transição.

Margaripda Ledo Andión, em: "*O malestar da comunicación: sobre a pertinencia de pensar a investigación en comunicación como realizativo",* faz uma análise do processo da globalização retomando as primeiras experiências contribuições do Colóquio Brasil/Espanha, ainda em 1996 em Londrina/PR, que pretendeu consolidar-se com um foro acadêmico que permitisse as comunidades científicas estudar os fenômenos comunicacionais comuns aos dois países.

Gustavo Cimadevilla, com o texto: "*El dualismo digital: entre la tecnofobia y la tecnofilia",* nos alerta para o perigo da radicalização quanto ao uso da tecnologia. A aceitação irrestrita da tecnologia e a incorporação de seus processos acabam gerando uma imposição para que o conteúdo possa ser consumido pelos indivíduos a partir de uma base tecnológica nova, resultando assim, em um aprofundamento das desigualdades entre os que possuem acesso à tecnologia e os que não possuem.

Francisco Sierra Caballero traz em seu texto: "*Cultura latina e sociedad de la información: retos político-culturales de la era digital",* a discussão sobre os aspectos políticos e culturais comuns que devem ser observados na tentativa de se estabelecer parâmetros na projeção dos cenários possíveis para uma sociedade digital justa e própria dos indivíduos latino-americanos.

Em: "O futuro da informação: mudanças na comunicação social devido às redes de dados de alta velocidade", Jorge Pedro Souza apresenta uma visão mais otimista da tecnologia e sua capacidade de expandir as formas de se comunicar e trata de um ponto importante dentro do contexto da convergência midiática: "onde se situam as fronteiras, se existem, entre o jornalismo, publicidade e relações públicas nas sociedades contemporâneas"?

Por fim, Octavio Ilslas com o texto: *"Los ciberconsumidores 2.0: la indispensable "remediación" de la publicidad*", fecha a obra investigando se os hábitos

culturais e novos padrões de consumo dos indivíduos, estão se tornando mais exigentes e mais independentes da mediação publicitária para consumo. Desta forma, a publicidade tradicional também encontra desafios para seduzir e persuadir os integrantes da sociedade digital.

Considerações finais

O livro descrito aqui representa um recorte do que se pode chamar de o início visível das transformações que as tecnologias da informação causaram e ainda estão causando nos processos comunicacionais. Passados seis anos de sua publicação, o tema se expandiu ainda mais, ganhando novos atores, novos players e novos papeis. As redes sociais não foram foco dos textos, pois ainda não possuíam o grau de adesão que hoje são registrados em redes como o Facebook ou Twitter. Assim, a complexidade e urgência de estudos que procurem compreender a sociedade digital e seu impacto no mercado e na comunicação são ainda maiores. Contudo, devemos sempre resgatar os alicerces e as bases que anteriormente se aventuraram a refletir sobre tema um tema ainda em formação para nos auxiliar na elaboração de projetos e cenários futuros que permitam uma comunicação ainda mais democrática e cidadã, na nova sociedade que está sendo forjada, não mais pela Era mecânica e analógica, mas sim pela Era eletrônica e digital. Propósito plenamente alcançado com obra aqui analisada. Boa leitura.

Referências

DIZARD, Wilson. **A nova mídia**. Tradução Antonio Queiroga e Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

TOFFLER, Alvin. **A terceira onda.** Tradução João Távora. 29 ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação**: economia, sociedade e cultura. vol. 3. São Paulo: Paz e terra, 1999, p. 411-439.

O fim da mordaça, da síndrome que a nutriu e do raio que as parta para sempre

José Amaral Argolo[1]

8.4 CAPÍTULO

José Marques de Melo (Org). **Síndrome da Mordaça** – Mídia e Censura no Brasil. São Bernardo do Campo: Editora Metodista, 2007, 303 p.

"Síndrome da Mordaça – Mídia e Censura no Brasil" traduz a memória do IV Encontro Nacional de História da Mídia, organizado pela Rede Alfredo de Carvalho em parceria com a Associação Maranhense de Imprensa. Versa sobre o tema "Trezentos Anos de Censura no Brasil".

Vou assinalar nesse bloco de anotações o balanço do que pude ler e apreciar desse volume. Com apresentação de Sebastião Squirra e introdução de José Marques de Melo, o livro "Síndrome da Mordaça: a Maldição da Censura no Brasil" é dividido em duas partes: 1 - Panorama Nacional e 2

1. Formado em Direito e em Jornalismo é Pós-Graduado em Jornalismo e em Ciência Política. Mestre em Filosofia e Doutor em Comunicação e Cultura. Concluiu, como bolsista do CNPq, pesquisa de Pós-Doutorado em Jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, sob a supervisão do professor José Marques de Melo e intitulada "Vida Paixão e Morte do Jornalismo Policial no eixo Rio de Janeiro-São Paulo".

– Perspectivas Regionais, acrescidas de dois apêndices, um dos quais elaborado pelo próprio José Marques de Melo (Trajetória Singular da Rede Alfredo de Carvalho – Resgatando a Memória da Imprensa para construir a História da Mídia no Brasil).

A primeira parte enfeixa doze ensaios/estudos; a segunda, oito, todos encadeados e elaborados por jovens pesquisadores e/ou docentes com experiência, originários de todo o Brasil. Tenho as minhas preferências, é claro, assuntos que me são caros seja pelo tempo compartilhado, proximidade geográfica, aspectos elucidativos sobre os tópicos focados ou filigranas no quesito abordagem. Mas sou sincero. Há todo um fascínio derivado dos interesses assinalados e das percepções regionais que recomendam a leitura e a discussão.

Para examinar com lupa cada um deles seria necessário escrever outros tantos artigos, aprender um pouco mais a partir das informações contidas no "miolo" de cada e desenvolver (quem sabe?) uma separata interessante e densa a respeito. Mas talvez já esteja sob outros céus, como escreveu o último cavaleiro andante do Século XX.

•••

Antes de abrir espaço para quaisquer conjecturas acadêmicas e/ou jornalísticas sejam elas de confrontos ou aquiescências, felizmente nenhum (a) relacionado (a) aos (às) demais pesquisadores (as) que iluminam esse terceiro volume da "Fortuna Crítica de José Marques de Melo" – empreendimento monumental que totalizará três tomos organizados por Iury Parente Aragão, Osvando J. de Morais e Sônia Jaconi, três valentes na primeira linha da causa da Comunicação e ex-alunos desse Titã e Guerreiro Midiático nascido há setenta anos em Palmeira dos Índios, Alagoas, cabe-me uma reflexão sobre alguns episódios meio desconhecidos que se passaram para além dos idos de março da História Política Brasileira.

De início, porém, as questões pontuais que sobressaem do título da obra:

- Síndrome: (Cf. Aurélio do grego *syndromé* [p. 1590]) Substantivo Feminino: 1. Estado mórbido caracterizado por um conjunto de sinais e sintomas, e que pode ser produzido por mais de uma causa; 2. Fig. Conjunto de características ou de sinais associados a uma condição crítica, suscetíveis de despertar reações de temor e insegurança.

- Mordaça (ver Aurélio [p. 1159]): Substantivo feminino do latim vulgar *Mordacia*. Objeto com que se tapa a boca de alguém a fim de que não fale nem grite. Fig. Repressão da liberdade de escrever ou de falar.

Então, por conta desses dois vocábulos e de outros tão ou mais emblemáticos que se estendem ao longo da História, minhas primeiras impressões recaem de pronto sobre o inicialmente censuradíssimo Albino Maria Pereira Forjaz de Sampaio (Lisboa

19 de janeiro de 1884 – 13 de março de 1949), jornalista, ensaísta e, comentam os estudiosos, profundo conhecedor do submundo lisboeta. Autor de algumas dezenas de obras, dentre as quais "Prosa Vil", "O Homem que deu o seu sangue", "Crônicas Imorais" e "Palavras Cínicas", essa que considero um dos mais significativos libelos de todos os tempos, incluído desde a primeira edição, em 1905, no *Index Prohibitorum,* da Santa Madre Igreja (46 reimpressões até a morte do autor e, hoje, 107 anos depois, disponibilizada online).

Para deleite dos (as) leitores (as) recolho um fragmento da Carta Número 5 (o livro é composto por oito epístolas, cada qual mais devastadora do que a outra):

Segue-se, pois:

> [...] um conhecido disse-me um dia: Tu vais por uma rua com teu pai, teu irmão, qualquer pessoa que seja mais que a luz dos teus olhos. Ao meio-dia há um prédio em construção. Tu separas-te por qualquer motivo do tem pai – seja – e ele vai andando. Quando passa por um prédio, um andaime vem lá de cima despenhado, e esborracha o velhote. Junta-se gente, tu chegas, e quando o vês num lençol de sangue, teu primeiro pensamento será: e se eu venho com ele? Eu concordei

Penso, parodiando o genial escritor lisboeta, como seria interessante a hipótese adiante: toneladas de fardos contendo diários, revistas e semanários alternativos, todos censurados e até então armazenados em depósitos esquecidos, caindo das alturas sobre as cabeças dos ex-integrantes da Censura em pleno Maracanã pré-Copa das Confederações etc., durante a realização de uma convenção em memória dos "bons tempos imediatamente após o dia 13 de dezembro de 1968".

Não, leitores (as) não haveria qualquer vestígio de sangue, nem uma gota. Apenas uma fumaça bolorenta e esverdeada fluindo parcial e lentamente na direção das galerias pluviais. Ou os corpos imaginários se transformando em farelo de celulose e ocupando os intervalos das frases e as entrelinhas dos parágrafos nos diagramas preenchidos, como contrapeso à estupidez dos que pretenderam certa noite encarcerar Sófocles em pleno teatro, dos que (sabe-se lá?) gastaram milhares de canetas do tipo *Pilot* deletando linhas, cortando parágrafos, mutilando capítulos inteiros de livros cujo conteúdo somente traria o benefício da troca de ideias.

Vamos, porém, revisitar alguns cômodos semidestruídos desse castelo cujos salões não dispõem de lustres e lâmpadas:

Episódio Número 1

Eu integrava a equipe do Globo, de plantão na madrugada histórica de 1978, em que aquele diário publicou com exclusividade na primeira página, de alto a baixo no lado direito, a íntegra da Emenda Constitucional Número 11 que, em seu artigo terceiro, revogava todos os Atos Institucionais e Complementares contrários à Constituição Federal, por conseguinte, entre os demais, o Ato Institucional Número 5 (datado de 13 de dezembro de 1968), levando com ele para o limbo perpétuo a Censura Prévia e o trauma acumulado durante anos pelos (as) jornalistas deste País.

Seguindo determinações do Sr. Roberto Marinho, proprietário das Organizações Globo, o secretário gráfico Deodato Maia (encarregado do funcionamento do diário inclusas as unidades industriais) conteve até o limite possível a liberação do segundo Clichê (hoje Segunda Edição), deixando à beira da loucura toda a equipe das oficinas e os motoristas dos caminhões mobilizados para a distribuição do jornal e que precisavam seguir viagem para o interior do Estado do Rio de Janeiro e cidades no eixo de influência daquele diário, inclusive outras unidades da Federação, chegando antes da concorrência.

O fac-símile da Emenda Constitucional Número 11 reproduzido na primeira página simbolizava o grito reprimido ao longo de mais de uma década de cerceamento, ameaças, atos consumados... Esse documento, datado de 18 de outubro de 1978 e elaborado no final da administração Ernesto Geisel, somente entrou em vigor no dia primeiro de janeiro de 1979. Era ministro da Justiça o Sr. Armando Falcão, até então, amigo pessoal do Sr. Roberto Marinho. Essa amizade de mais de trinta anos foi rompida por uma questão de natureza familiar que não cabe nesse texto.

Pois muito bem: naquela madrugada, como num telefilme de suspense, as equipes dos demais diários e emissoras de rádio e televisão não paravam de telefonar; a do Jornal do Brasil principalmente. A resposta era sempre a mesma: "houve uma pane em um dos componentes do controle *master* das unidades impressoras" e até mesmo Peter, o técnico alemão que supervisionava aquela máquina essencial ao setor industrial da empresa (ele próprio desconhecia os motivos), não dispunha de outro recurso senão confirmar o defeito àqueles que conseguiam acessá-lo na barafunda de carrinhos parados com toneladas de bobinas de papel empilhadas e prontas para serem utilizadas, operários cansados, motoristas ansiosos etc.

Comigo na Redação estavam, salvo algum lapso, o repórter Orlando Silva, o já citado Deodato Maia, Affonso Cascon (redator), Paulo (diagramador), o único repórter-fotográfico e dois contínuos. Esse contingente mínimo compunha o pessoal daquele plantão. Quando a "pane foi reparada" e a Segunda Edição começou

a deslizar nas esteiras das unidades impressoras, foi um alívio. O problema técnico não acontecera de fato, para o bem dos (as) leitores (as) e fui um dos primeiros a ler, com o tempo e atenção devidas, o inteiro teor dos exemplares de prova daquela edição histórica, impressa quase às 3h30m no momento em que os caminhões de entrega dos demais diários seguiam viagem e não havia mais tempo para retornar.

Em seguida, como que regidas por um invisível maestro de reputação internacional, a Rádio Globo (hoje CBN) e a TV Globo, no primeiro telejornal, reverberaram aquele furo jornalístico para o qual não haveria contrapontos e sobre cujos detalhes de bastidores somente fui saber pouco tempo depois. Ressalto o notável tino jornalístico de Roberto Marinho mais o suporte financeiro de que dispunha constituíram a base das forças utilizadas para assumir um enorme prejuízo no aspecto logístico. Some-se a disciplina espartana da sua equipe capaz de instrumentalizar aquela manobra. Horas extras foram criteriosamente pagas aos trabalhadores das oficinas e o sentimento de júbilo ajudou a amenizar o cansaço.

O que restou para os diretores das demais corporações noticiosas, foi uma intensa dor-de-cotovelo, editoriais inflamados e a certeza de que as boas fontes são insubstituíveis. Neste caso, o próprio ministro de Estado e um repórter ultra afinado da Diretoria Regional do Globo na Capital Federal, para quem as portas do Gabinete estavam sempre abertas.

Por conta desse episódio, ainda que tenha sido longo e sinuoso o percurso, continuarei testemunha da História. Fractal de um outro tempo e ambiente da Redação de um diário que já não dispõe da sombra tipo peso-pesado de Roberto Marinho, com fôlego suficiente para enfrentar adversários poderosos e sobrepujá-los.

Episódio Número 2

Não demorou muito, o autor dessas linhas e Márcio Bueno, correspondente e dublê de chefe da sucursal do jornal alternativo Movimento, no Rio de Janeiro, passamos algumas horas desconfortáveis, confinados em uma sala minúscula do Quartel General da Polícia Militar na Rua Evaristo da Veiga (Centro da Cidade), em acatamento às ordens do comandante da corporação, coronel do Exército Nilton de Albuquerque Cerqueira, após a publicação, naquele semanário, de uma reportagem assinada por mim sobre a transferência de armamento do (então) Centro de Informações e Segurança da Aeronáutica (Cisa), o Núcleo da Companhia de Operações Especiais daquela corporação, unidade esta sob o comando do major PM Paulo Cesar Amêndola (ex-integrante do Destacamento de Operações e Informações do Centro de Operações de Defesa Interna [Codi-Doi]) do Primeiro Exército.

Naquele momento, dadas as circunstâncias, não éramos dois jornalistas em maus lençóis, mas duas pedras no caminho que demarcava a retirada lenta e gradual principalmente das equipes do Exército (Força de Ocupação) do aparato repressivo das ruas; de dois indivíduos que, além das suas atividades como cidadãos, também utilizavam codinomes publicados na Imprensa. O meu: Daniel La Fère (Daniel, um dos profetas do Antigo Testamento que, entre outras façanhas, conseguiu sair ileso da cova dos leões. *La Fère*, uma homenagem simbólica ao *Conde de La Fère*, melhor dizendo: *Athos*, personagem criado graças ao gênio de Alexandre Dumas (assessorado por seu principal colaborador *Edouard Maquet*), no chamado ciclo dos mosqueteiros: reconhecidamente o mais sábio, ponderado e amargurado pela história do seu casamento com uma ladra e assassina: *Ana de Bueil* ou *Milady de Winter*).

Marcio Bueno usava como pseudônimo Eduardo Laranjeiras: nome comum copiado de um cidadão comum, capaz de agir e se indignar como qualquer indivíduo sem dar na vista. Escolha provavelmente efetuada a partir de um catálogo telefônico, objetivando confundir e embaralhar. Aliás, fato curioso, jamais lhe perguntei se ele dispunha de algum documento com aquele nome.

Ficamos ali, mais de duas horas, quase três. A minha carteira como repórter acreditado junto ao Comando da PM foi confiscada *ad perpetuam*. Nossas identidades (e a minha carteira funcional do Globo) provavelmente passaram pelo crivo dos analistas da PM-2 (Serviço Reservado) e cópias foram enviadas por intermédio de fax ao Centro de Informações do Exército (CIE) tendo em vista as relações muito próximas entre o Coronel Cerqueira e a Comunidade de Inteligência. Nada importante, disseram alguns oficiais, apenas o fato de a publicação supra assinalada levar ao conhecimento da Opinião Pública o NuCOE (essa unidade foi duas vezes rebatizada: COE e Bope).

Fui, portanto, o primeiro jornalista a divulgar o nascimento daquela tropa, hoje subordinada ao Chefe do Estado-Maior da corporação fluminense e reconhecida internacionalmente como a melhor treinada equipe de combate em áreas urbanas do mundo. Inexistem, mesmo nos países do Primeiro Mundo, forças combatentes com tamanho histórico de resultados.

Enfim, o curioso nesse caso é que ali estávamos para repercutir assunto relacionado aos atentados a bomba que vinham sendo perpetrados no Rio de Janeiro. Embora a Censura Prévia tivesse sido abolida, os ex-agentes coatores do Estado não se conformavam. A doença contraída nos porões não lhes saía da cabeça. Queriam agir a qualquer custo.

Nilton Cerqueira era de hábito uma pessoa afável e receptiva ao diálogo. Pagou elevado preço junto a setores da Esquerda pela participação na caçada que resultou na localização, identificação e morte do ex-capitão Carlos Lamarca, em Brotas de

Macaúbas, sertão da Bahia, Mas, como chefe da Segunda Seção (Informações) da 6ª Região Militar, sediada em Salvador, foi exatamente essa a missão que lhe confiaram. A expedição foi compartilhada com uma equipe do Deops de São Paulo sob o comando do delegado Sergio Paranhos Fleury. Existem divergências quando a autoria dos disparos que mataram Lamarca e seu amigo Zequinha.

Cerqueira, no entanto, apesar das maneiras corteses, inclusive com a Imprensa (disse-me certa ocasião: Argolo, eu aprecio você como pessoa, mas detesto o trabalho que faz". Era implacável quando lhe pisavam nos calcanhares. Mesmo, assim, apesar da severidade e disciplina, era muito estimado principalmente pelos soldados e suboficiais.

Foi o único oficial comandante da Polícia Militar do Rio de Janeiro (enquanto sob a tutela direta de um coronel do Exército) a quem vi se despedir da tropa perfilada no pátio do QG PM cumprimentando um por um. Percebi lágrimas tanto nos seus olhos como nos dos soldados, cabos e sargentos que, no transcorrer da sua administração, comprovaram a sua integridade. Deixou o comando após uma série de divergências com o secretário de Segurança, general Waldyr Alves Costa Muniz.

Reconvocado para servir no Primeiro Exército, galgou a primeira etapa do generalato (Brigada), chefiou a Segunda-Seção do Estado-Maior (Informações) e após deixar as fileiras e passar para a Reserva, ingressou na política como deputado. Hoje, está praticamente esquecido da Opinião Pública.

Episódio número 3

Foi numa tarde. O Chefe de Reportagem me convocou à sua mesa. O Editor, Iram Frejat serviu como testemunha. Disse ele:

– Precisamos entrevistar o almirante Cândido Aragão. Ele está preso em uma cela no quartel do Regimento Caetano de Farias (hoje sede do Batalhão de Polícia de Choque da PM), para onde foi conduzido após regressar do exílio. São ordens do Dr. Roberto Marinho e ele quer saber o que o almirante está pensando, não somente a respeito do Globo, mas do momento político brasileiro. Você foi o escolhido. É também advogado e pode se passar como parente ou amigo da família.

Cândido Aragão, enquanto comandante do Corpo de Fuzileiros Navais, determinara a invasão da Redação do Globo antes do Movimento Militar de março de 1964. Por questão de minutos Roberto Marinho não acabou detido pela tropa. Mas os jornalistas e demais funcionários que estavam trabalhando foram colocados diante de uma das paredes, ouviram ameaças etc. Quando os soldados foram embora e Roberto Marinho voltou ao jornal, ficou indignado e nunca o perdoou por causa disso.

Enfim, apesar dos protestos, lá fui eu. Primeiro telefonei para o filho do almirante, pessoa aliás muito gentil, que aceitou a minha presença durante aquela que seria a sua primeira visita ao pai, como se eu fosse um dos sobrinhos do militar a quem devia prestar os meus respeitos. Fui muito bem recebido, apesar do ambiente claustrofóbico, da cela com grades de ferro e do espaço restrito.

O almirante Aragão não somente conversou a respeito dos episódios verificados antes, durante e depois da deposição do presidente João Goulart, como me mostrou alguns álbuns de fotografias dele próprio e de sua esposa, inclusive durante a visita que ambos fizeram ao Vietnam do Norte, usando aqueles chapéus cônicos de palha peculiares aos camponeses e combatentes das forças irregulares do *vietcong*.

Conversamos quase duas horas e, então, pedi licença pra regressar o Globo. Cumprimentei-o, à senhora e ao (filho do almirante) Aragãozinho, como se fora realmente um dos meus tios e caminhei as poucas centenas de metros até o jornal. Recebi ordens imediatas: "tome uma água, um café (nos fundos da Redação havia sempre uma ou duas garrafas térmicas) e 'pau na mula' que o Dr. Roberto quer ler esse material antes de ir embora". Cumpri a missão como se estivesse pilotando uma motocicleta. Com os reflexos acurados e trajeto definido.

Escrevi exatamente cinco laudas seguindo o modelo antigo (72 toques por linha, 30 linhas por lauda). Apenas três cópias e não quatro conforme exigido (uma para o Dr. Roberto, uma cópia de segurança que guardei e mais uma para o editor). Uns quarenta minutos depois recebi como resposta o seguinte:

- O Dr. Roberto leu tudo duas vezes. Agora você já pode ir embora.

Fui para casa pensando que o texto seria publicado naquela edição. Mais de trinta anos se passaram e aquele material inédito sumiu, talvez guardado num dos armários do Arquivo do Globo. De fato foi uma pena, inclusive que eu tenha perdido a minha própria cópia. Senão o conteúdo integral estaria ao alcance dos leitores (as), como anexo a esse fragmento de ideias adiante.

Episódio Número 4

Durante a etapa mais turbulenta dos governos militares, foram difundidas informações confirmadas de que a direção de conhecido diário colaborou abertamente com os órgãos de inteligência, inclusive permitindo que presos políticos e/ou suspeitos de envolvimento com as organizações da Esquerda Armada fossem transportados para as centrais de interrogatório disseminadas na Capital paulista nos furgões disponibilizados para a distribuição dos produtos impressos. Nada aconteceu em consequência disso. Ninguém foi processado e punido. E tudo ficou como dantes no quartel de Abrantes, como diz a gíria.

...

Como em cada país a escrita da História acontece de forma diferente, duas décadas ou pouco mais para trás dos fatos relativos a 1968, precisamente entre 1940 e 1944, o Marechal Philippe Pètain, consagrado como herói da Batalha de *Verdun* (Primeira Guerra Mundial) foi execrado pelo povo francês, tanto pela criação – como após o desembarque das tropas aliadas na Normandia seguido do avanço na direção de Paris – como pelo colapso do Governo de Vichy.

Pètain, foi preso, condenado e, levando-se em consideração a idade avançada, morreu em sua própria casa, amargurado e esquecido das gerações à frente, por tentar à sua maneira e talvez equivocadamente, salvar ao que restara da honra da França, esmagada em poucas semanas diante do poderio militar alemão. Vale ressaltar que o espírito libertário do povo francês jamais esteve comprometido e, sim, uma diminuta quantidade de colaboracionistas bem como fração da *Gendarmerie,* Polícia que, em colaboração com a Gestapa (Geheimestaatspolizeiamt) e o Serviço de Segurança do Reich (SD), entre outras iniciativas, enviou para a morte dez mil crianças judias precariamente recolhidas e abrigadas no *Velódrome* de Drancy, de onde foram embarcadas em trens de carga e levadas para os campos de extermínio na Polônia. Tal atrocidade acabou convenientemente esquecida e que valeu à corporação a outorga da fita da Legião de Honra.

Por sua vez, examinado no interior das engrenagens do rotor da História, Pierre Laval, principal líder colaboracionista, foi preso, levado a julgamento, sentenciado e executado como um réprobo.

...

Vejam, leitores (as) o contraponto brasileiro. Em nosso País, após 21 anos de governos de exceção, ninguém passou por semelhante processo. Nenhum dirigente do patronato jornalístico foi admoestado, punido ou vaporizado pela voz das ruas; ao contrário: todos foram prestigiados pelos cointeressados e/ou partícipes de outro patronato ainda mais forte: o Congresso Nacional. Até mesmo diplomas legais foram oportunisticamente elaborados, votados e continuam em vigor para proteger agentes que atuaram no combate às facções da Esquerda Armada, a exemplo da *Lei Fleury*.

No Brasil, a quase totalidade do patronato jornalístico que, ressalvadas algumas exceções, ousou desafiar o Departamento de Imprensa e Propaganda durante a chamada Era Vargas, chegando mesmo a contribuir para o final patético que todos conhecem, posteriormente, após a revolução dentro da revolução,

(1968, ou seja, catorze anos depois do suicídio de Getúlio no interior do Palácio do Catete) manteve-se discreta e lucrativamente emudecida (beneficiária da publicidade originária das empresas estatais), enquanto jornalistas, parlamentares da oposição, professores (as), artistas e escritores (as) eram perseguidos a partir de falsas premissas e obrigados (as) a se aposentar prematuramente, deixar o solo brasileiro e assegurar a sobrevivência e resistir onde e como fosse possível (Argélia, França, Chile, Suécia, Reino Unido, EUA etc).

•••

Relembro o próprio José Marques de Melo (conforme depoimento prestado por ele à equipe da revista da Adusp, edição número 33, outubro de 2004). Esse Titã sobre o qual a presente e momentosa Fortuna Crítica se debruça e procura enfeixar uma fração da obra qualitativa e imensa também pagou um preço elevado:

Reproduzo um fragmento:

> Marques de Melo passou a sofrer intensa perseguição a partir de 1970. Disse ele: "tudo começou quando coordenei a Segunda Semana de Estudos de Jornalismo, sobre o tema Censura e Liberdade de Imprensa. Vivíamos então a ameaça de Censura Prévia aos livros publicados em território nacional, agravando o controle que o governo impusera aos jornais e revistas, depois da edição do AI-5.

Nesse caso, por sua especificidade, isto é, a nossa proximidade e afeto, é permitido assegurar que somente a nobreza de um cidadão faz com que o desejo de retaliação seja dissipado e substituído pela brasilidade inalterada e sem fim, pelo apreço que sempre dedicou aos seus alunos, orientandos e ex-supervisionados (meu próprio caso, meu privilégio indissociável).

•••

Retomando, pois, à História Recente do País, *leit motiv* desse terceiro volume da Fortuna Crítica. Desde que o marechal-presidente, Arthur da Costa e Silva, pressionado por seu *Darth Vader* tupiniquim e chefe do Gabinete Militar, general-de-brigada, Jayme Portella de Mello, tomara das mãos deste os primeiros rabiscos do que seria a minuta do próprio documento e decidira transformá-lo em algo ainda mais draconiano, os caminhos da liberdade se transmutaram num duto de alambique estreito e afunilado cuja memória é por todos conhecida.

Conto um detalhe, para não fugir àquele instante. Oficiais do Exército que integravam a escolta do general-presidente e viajavam naquela aeronave, asseguram que ele próprio, Costa e Silva, colocara as folhas contendo o primeiro rascunho sobre a pasta-executiva do seu assessor enquanto seguiam para Brasília, e, como se fora um imperador romano redivivo, reescreveu as bases do dispositivo de exceção. Já na Capital Federal o texto foi revisto, aprimorado pelo ministro da Justiça, Luiz Antônio da Gama a Silva, o Gaminha, e entrou em vigor no dia 13 de dezembro de 1968.

O povo amadureceu, tornou-se um gigante ao longo do lento e gradual processo de redemocratização (obra máxima de engenharia política de Ernesto Geisel e seu ministro-chefe da Casa Civil, Golbery do Couto e Silva) e, por três vezes, foi às ruas. A primeira pelas Diretas Já; a segunda no esforço tentativo para depor o presidente Fernando Collor de Mello, acusado de atos incompatíveis com o exercício do cargo (na verdade a queda resultou de outros fatores; como: a) a indignação/pressão da Bancada Ruralista, numerosa e atuante no Congresso Nacional, após uma desfeita ao ministro da Agricultura Antônio Cabrera; b) a dissolução equivocada [meramente para efeito propagandístico] do aparato de inteligência a serviço do Estado e dispersão dos seus quadros para outros órgãos; c) os esforços para criar uma poderosa rede de emissoras de rádio e televisão capaz de emular a quarta *network* do mundo, transmutada a partir desse instante em arquirrival etc).

Nesta última e mais expansiva onda de protestos em todos os níveis, as questões apontadas foram a corrupção instalada em todos os níveis, ausência de investimentos nas áreas de saúde, educação e transportes, manipulação do noticiário e violência policial escalonada e direcionada aos segmentos desassistidos da população. Pela primeira vez, penso, parodiando John Lennon ainda no começo da trajetória estelar e antes de começar uma das apresentações dos Beatles, os (as) cidadãos de todas as classes mexeram os músculos e os (as) integrantes da *jeunesse dorèe* sacudiram as jóias.

Agora os escritórios que serviram aos censores foram desativados (talvez demolidos e/ou reformados) e, talvez, não mais na obscuridade, funcionem seções de atendimento para outros assuntos mais interessantes e menos burocráticos.

Mas há uma grande lacuna a preencher.

O diário O Estado de S. Paulo, no meu entendimento o mais importante do País, continua impedido de noticiar qualquer informação sobre o herdeiro de um dos coronéis do meio-norte ainda em evidência.

...

Notas para ler e pensar

E se o general Jean Andoche Junot (1739-1814) não tivesse entrado com suas tropas (aproximadamente dez soldados de infantaria e alguma cavalaria) em Portugal, chegando, no dia 29 de novembro de 1807, aos arredores de Lugo à orla do Tejo, forçando D. João VI a fugir para o Brasil com sua numerosa comitiva (em torno de mil e quinhentas pessoas) em uma esquadra composta, segundo os historiadores, por oito naus, três fragatas, dois brigues, uma escuna de guerra, uma charrua de mantimentos e outros vinte e nove navios mercantes? Dizem que a única valente em todo o processo foi D. Maria, A Louca. Esta, contida como de hábito à força, gritava diante de todos (as) que preferia ficar e lutar.

Menos de quatro meses antes, a 27 de julho, foi assinado o Tratado de *Fontainebleu*, entre a França e a Espanha, por intermédio do qual Portugal fora declarado inexistente. A Inglaterra, senhora dos mares, enviara uma esquadra para o litoral português e, a partir da orla, as forças napoleônicas ficaram, ironicamente, a ver navios.

Guardem bem esse nome: Sebastião José de Carvalho Melo, o Marquês de Pombal (Lisboa, 13.05.1699 – Pombal, 08.05.1782). Fez poucas e boas. Acabou com a escravidão no território continental português, mas não nas colônias. Expulsou os jesuítas (1759) embora mantivesse as bases da Inquisição, o que, sob certos aspectos, dava no mesmo. Extinguiu a Universidade de Évora (fundada no Século XVI) e reformulou integralmente o ensino na Universidade de Coimbra. Acabou com os chamados Atos de Fé e pôs fim à perseguição direcionada aos chamados Cristãos Novos.

D. João VI, por sua vez, foi provavelmente o grande reformador na Terra *Brasilis*: criou o Arquivo Real, Real *Bibliotheca*, a Academia da Marinha e a Real Academia de Pintura, Desenho, Escultura e Arquitetura Civil, entre outras instituições. E, além disso, (1763) viajou com a Corte para o Rio de Janeiro, deixando a antiga Capital, Salvador.

Pombal instituiu a "derrama" (impostos que passaram a incidir sobre os mineradores a pagar impostos atrasados). Com isso, alimentou o desejo de liberdade materializada depois na Inconfidência Mineira, no qual a principal liderança foi a de Claudio Manoel da Costa.

Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, enforcado no Largo da Lampadosa (onde fica atualmente o prédio da Assembleia Legislativa) e em seguida esquartejado. Passou à História como mártir. "Morreu a 21 de abril" diante de numerosa parcela da população. Mas o fato é que inexiste uma imagem definitiva do seu rosto. O cineasta brasileiro Oswaldo Caldeira ("O Bom Burguês", "Ajuricaba", "O Grande Mentecapto", entre outras obras), dirigiu em 1999 o filme "Tiradentes" do qual conquistou o prêmio de Resgate do Cinema Brasileiro.

Uma última consideração. Dizem que imediatamente após a tragédia derivada do Terremoto de Lisboa (1755, Grau 9 na Escala Richter, segundo informam os sismólogos), seguida por um tsunami, o Marquês de Pombal foi indagado sobre o que fazer. À questão, teria respondido: "salvar os feridos, enterrar os mortos, reconstruir a cidade e enforcar os ladrões". Um ano depois estava tudo praticamente reconstruído.

Enquanto isso, no Brasil...

Um triênio catalisador na história da INTERCOM

José Carlos Marques[1]

9.4 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José & QUEIROZ, Adolpho (Orgs). **Unidade e diversidade na comunicação**. São Paulo: INTERCOM, 2008. 72 p.

A obra "Unidade e diversidade na comunicação", publicada em 2008, é um material organizado pelos professores José Marques de Melo e Adolpho Queiroz, respectivamente Presidente e Vice-presidente da INTERCOM (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação) no triênio 2005-2008. Assinam como coautores do volume outros membros da Diretoria Executiva da entidade pertencentes àquela gestão, a saber: Fernando Almeida (Diretor Financeiro), Luiz Alberto de

1. Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista – UNESP/Campus de Bauru e do Departamento de Ciências Humanas da mesma instituição. Líder do GECEF (Grupo de Estudos em Comunicação Esportiva e Futebol – CNPq) e integrante do LUDENS (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e Modalidades Lúdicas – USP). Diretor Administrativo da INTERCOM (Gestões 2008-2011 e 2011-2014).

Farias (Diretor Administrativo), J. B. Pinho (Diretor Editorial), Marialva Barbosa (Diretora Científica), Raquel Paiva (Diretora Cultural) e Sonia Virginia Moreira (Diretora de Relações Internacionais).

A iniciativa teve como objetivo relatar as diversas ações empreendidas pela INTERCOM durante o mandato da Diretoria que assumira em setembro de 2005 no XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado pela entidade na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), na cidade do Rio de Janeiro (RJ), e que passaria o bastão à Diretoria seguinte em setembro de 2008 no XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), na cidade de Natal (RN). Mais do que um simples relato, entretanto, a obra em questão acabaria por representar um singular testemunho das profundas mudanças por que a entidade viria a passar naquele período, como veremos nas próximas linhas.

Após fundar e presidir a INTERCOM nas três primeiras gestões, de 1977 a 1983 (à época, cada mandato tinha a duração de dois anos), o Prof. José Marques de Melo voltava à Presidência da entidade em novo mandato, fundamentado no lema "unidade na diversidade" e cujo plano de metas baseava-se em cinco principais estratégias:

- Resgatar o protagonismo da INTERCOM no debate sobre as questões comunicacionais, especialmente as que envolvem a formulação de políticas púbicas.

- Promover o diálogo entre a graduação e a pós-graduação, de modo a criar fluxos interativos entre a academia, o mercado e a sociedade.

- Otimizar a cooperação internacional entre a comunidade acadêmica brasileira e os pesquisadores e associações internacionais do campo da comunicação.

- Valorizar as modalidades de pesquisa experimental e laboratorial no âmbito dos cursos de comunicação.

- Fortalecer a participação de novas gerações de pesquisadores, por meio da ampliação de espaços destinados à difusão de trabalhos de iniciação científica.

A partir dessas estratégias, um conjunto de metas foi apresentado pela Diretoria Executiva quando a equipe formalizou a candidatura. A obra "Unidade e diversidade na comunicação", nesse sentido, procura fazer um balanço detalhado e minucioso das ações engendradas ao longo do triênio, as quais, em vez de apenas repeti-las na ordem de aparição no livro, procuraremos condensar aqui em torno de cinco grandes eixos: 1) Patrimônio da entidade; 2) Dinamização dos eventos organizados pela entidade; 3) O campo científico e as publicações; 4) Atividades destinadas aos sócios e à comunidade; 5) Premiações e memória.

1. Patrimônio da entidade

A quarta gestão de José Marques de Melo como Presidente da INTERCOM notabilizou-se, entre outras realizações, pela preservação e ampliação do patrimônio material e imobiliário da entidade. A Diretoria Executiva decidiu-se, ao longo do ano de 2006, pela retomada do escritório situado na Avenida Brigadeiro Luís Antônio, na região da Avenida Paulista, em São Paulo (SP), adquirido durante a gestão da Profa. Cicilia Peruzzo (1999-2002). Formado por dois conjuntos comerciais contíguos, o imóvel foi inteiramente reformado e equipado, passando a contar com uma ampla sala para reuniões e um auditório com capacidade para cerca de 40 pessoas. Conhecida como "Estação Brigadeiro", a nova sede passou a servir como espaço para reuniões, seminários, colóquios e demais atividades organizados pela INTERCOM e seus associados.

Já em 2008, a INTERCOM, por recomendação do Conselho Curador, acabou adquirindo um sobrado na Rua Joaquim Antunes, no bairro de Pinheiros, em São Paulo (SP). O imóvel foi inteiramente reformado e adequado para abrigar os serviços administrativos e de documentação da entidade. Inaugurada em julho daquele ano, a nova sede passou a ser conhecida como "Estação Pinheiros" e abrigou a sede da secretaria da entidade. Nos meses seguintes, já sob a presença da nova Diretoria Executiva, todo o acervo presente na "Estação Butantã" – espaço historicamente ocupado pela INTERCOM numa sala cedida pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA – USP) – acabou sendo transferido para as instalações da Rua Joaquim Antunes. Na sequência, o espaço foi devolvido à Direção da ECA – USP.

Essa readequação e modernização das sedes da INTERCOM foram fundamentais para a concentração e a ampliação das atividades que a Sociedade passou a executar durante a gestão do Prof. Marques de Melo. Se, por um lado, a entidade passou a contar com alguns gastos de manutenção até então diminutos, por outro lado pôde investir na sofisticação de procedimentos e de sistemas informáticos, com um aumento significativo de atividades e eventos destinados aos sócios e à sociedade civil. Tais ações permitiram, inclusive, uma recapitalização da INTERCOM, justificando a decisão pela mudança das atividades secretariais para uma sede própria.

Além dos investimentos nas sedes, a obra que aqui resenhamos procura destacar o empenho que Diretoria Executiva engendrou em torno da informatização das atividades da INTERCOM, no sentido de se reduzir custos operacionais e, ao mesmo tempo, oferecer melhores serviços à comunidade. Além da compra de diversos equipamentos e de infraestrutura informática para a secretaria, adquiriu-se um servidor próprio para o Portcom (Portal de Livre Acesso à

Produção em Ciências da Comunicação) e manteve-se o contrato com a empresa que gerencia a inscrição em todos os congressos organizados pela entidade.

Como meta prevista para o próximo triênio, anunciava-se já àquela altura a necessidade de se criar uma base dados mais bem dimensionada para o recebimento e posterior arquivamento dos diferentes arquivos inscritos no Prêmio Expocom – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação. Até o ano de 2008, os trabalhos submetidos a essa atividade vinculada aos diferentes congressos da INTERCOM ainda era encaminhada pelo correio, sem que houvesse um sistema informático capaz de dar conta da crescente demanda – algo que será melhor explicado no próximo item.

2. Dinamização dos eventos organizados pela entidade

A par dos investimentos material e imobiliário, a outra principal realização da Diretoria Executiva da INTERCOM no triênio 2005-2008, a nosso ver, está relacionada com a dinamização e sofisticação dos eventos que a entidade organizava desde 1978, quanto teve lugar seu primeiro encontro, denominado então de "Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação".

Na obra "Unidade e diversidade na comunicação", tais ações estão descritas especialmente nos tópicos "Sair do gueto acadêmico", "Dinamização da pesquisa", "Inovação e criatividade" e "Relações externas". A saída do "gueto acadêmico" implicava, para a gestão da entidade, ampliar os horizontes e parcerias da INTERCOM, retomando-se o contato com algumas das agências de fomento brasileiro (CAPES, CNPq e FAPESP), com outras instituições e organismos (como a UNESCO e a SBPC) e com corporações profissionais (casos da Fenaj, APP e ABRP). Estreitaram-se ainda convênios com o Canal Futura, a Revista Imprensa e a Rede Globo de Televisão, entidade com a qual, por meio do Programa Globo Universidade, a INTERCOM pôde realizar, nos anos de 2007 e 2008, dois seminários temáticos no Projac, sede dos estúdios da emissora na cidade do Rio de Janeiro.

Paralelamente a essas iniciativas, a entidade organizou nas cidades do Rio de Janeiro (em parceria com a Biblioteca Nacional) e de São Paulo (em parceria com a FNAC) diversas edições do Café INTERCOM – evento em que pesquisadores e autores reuniam-se em torno de alguma temática específica ou do lançamento de algum livro.

Entretanto, a ação de maior relevância promovida pela entidade foi a reorganização dos encontros com os pesquisadores nas diversas regiões brasileiras. Denominados como "Simpósios Regionais", ou simplesmente pela sigla SIPEC, esses eventos, originalmente, não tinham periodicidade e formatos definidos. A

partir de 2006, a entidade passou a promover, a partir de uma diretriz comum, os chamados Congressos Regionais de Ciências da Comunicação – os INTERCOM Regionais. O formato solidificou-se no ano seguinte, quando o Prêmio Expocom passou a ter uma etapa classificatória obrigatória nos Congressos Regionais realizados no primeiro semestre do ano nas cinco regiões do país (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul). Assim, em cada modalidade do prêmio, cada região do Brasil teria a possibilidade de classificar um trabalho para a etapa nacional, realizada no Congresso Nacional da entidade.

A ampliação desses eventos regionais, aliada a uma revisão extensa das Categorias e Modalidades do Prêmio Expocom, foi responsável pela dinamização e ampliação dos encontros da comunidade acadêmica da área da comunicação, permitindo maior participação de estudantes do nível da graduação e maior presença de instituições de ensino antes limitadas a realizar grandes viagens para participar de congressos que eram realizados em áreas muito distantes do seu raio de atuação.

No âmbito internacional, a INTERCOM esteve representada em eventos da Sopcom "Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação", da Associação Galega de Ciências da Comunicação, da *Asociación Española de Investigación de la Comunicación* e da *Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación*. A entidade estreitou laços com a Missão Chinesa em São Paulo, participando do Fórum Brasil-China de Mídia/Educação em São Paulo e promovendo uma visita às cidades chinesas de Pequim, Xangai, Shenzen, Macau e Hong Kong, numa delegação formada por 36 associados. Soma-se a isso o empenho da entidade em propiciar as condições basilares para a criação da SOCICOM (Federação Brasileira de Associações Acadêmicas da Área de Comunicação).

Por último, mas ainda circunscrita à esfera dos eventos organizados pela Sociedade, comparece na obra "Unidade e diversidade na comunicação" o projeto de alteração dos antigos Núcleos de Pesquisa (NPs) da INTERCOM, que seriam implodidos e rearranjados em torno de diferentes categorias. A versão original, complexa e de aplicação pouco prática, acabou sendo reformulada posteriormente pela gestão seguinte da entidade, originando a estrutura de Grupos de Pesquisa (GPs) existente desde 2009, a qual está subordinada às Divisões Temáticas presentes no projeto original.

3. O campo científico e as publicações

A INTERCOM ampliou sobremaneira o espectro de obras que buscaram pensar e repensar o campo da comunicação. Essa dimensão de atuação da entidade comparece, na obra organizada pelos professores José Marques de Melo e

Adolpho Queiroz, em dois tópicos principais: "Fortalecer o campo científico" e "Publicando na era digital".

Alguns dos títulos publicados tiveram como nascedouro os Simpósios Nacionais de Ciências da Comunicação (SINACOM), realizados por três anos consecutivos – em 2005, na UNESP de Bauru; em 2006, na FAPCOM, em São Paulo; e em 2007, no SESC e na FIESP, em São Paulo – num ciclo comemorativo ao 30º aniversário da entidade, completado em 2007. As discussões e reflexões ocorridas nesses encontros motivaram uma dezena de obras, organizadas por diretores e sócios da INTERCOM.

Outra iniciativa que buscou promover o debate, agora em torno do ensino da educação, foi o Fórum em Defesa da Qualidade do Ensino de Comunicação, o Endecom. Houve uma edição em 2006, na ECA-USP, em São Paulo, e outra em 2007, na Universidade de Sorocaba – UNISO, em Sorocaba (SP). Tanto no caso do ENDECOM como no do SINACOM, sua memória ficou preservada pelo repositório do PORTCOM.

Durante o triênio, foram ainda revistas as normas de edição e publicação de livros dentro da coleção dos Grupos de Trabalho (GTs), renomeados posteriormente de Núcleos de Pesquisa (NPs). O projeto da "Revista Brasileira de Ciências da Comunicação – RBCC" foi revisto e reformulado, e duas novas revistas – agora digitais – foram lançadas: a "Iniciacom – Revista Brasileira de Iniciação Científica em Comunicação" e a "Inovcom – Revista Brasileira de Inovações Científicas em Comunicação".

A iniciativa mais original da entidade, no entanto, foi o nascedouro, em 2007, do projeto da "Enciclopédia INTERCOM de Ciências da Comunicação" – obra coletiva concebida a reunir, em três volumes, aproximadamente 3.500 verbetes concernentes a conceitos, autores, obras, instituições e jargões profissionais do campo da comunicação.

4. Atividades destinadas aos sócios e à comunidade

Valorizar o sócio e estimulá-lo a manter-se ativo e participante dentro da entidade. Esse foi um dos principais objetivos da gestão 2005-2008, cujas ações principais estão reunidas na obra aqui resenhada sob os tópicos "Ampliar o quadro social", "Informação auto-sustentada", "Interação com a sociedade" e "Serviços à comunidade".

Inicialmente, a Diretoria Executiva lançou uma campanha para atrair novos sócios e garantir a permanência dos sócios já existentes. Uma mensagem veiculada na Internet procurava desmistificar a imagem da entidade, associada a

algo exclusivista e elitista. Com a mensagem "Faça parte da maior comunidade científica da América Latina e do mundo lusófono no campo da comunicação", a iniciativa buscava mostrar a INTERCOM como uma sociedade inclusiva.

Outros projetos tiveram igualmente o objetivo de oferecer, ao associado e ao público em geral, os conteúdos dos textos publicados nos anais de congressos e nas revistas científicas do campo comunicacional lusófono, como é o caso do Portcom. Originalmente concebido como um "centro de documentação", o portal passou a comportar-se como uma "rede de informação. Nas gestões seguintes, o Portcom ganharia novo formato e ampliação, servindo como grande repositório da documentação que envolve exclusivamente as ações da INTERCOM.

Ao lado do Portcom, a Diretoria Executiva dinamizou também o "Intercom Notícias", que passou a ser denominado "Jornal da Intercom" – um veículo publicado originalmente a cada semana e destinado à divulgação de notícias relacionadas à entidade, bem como eventos, cursos, concursos, e publicações na área da comunicação. Aliás, muitos dos eventos noticiados pelo jornal foram promovidos pela própria INTERCOM, os diversos colóquios binacionais e as edições – já citadas – do Café INTERCOM.

5. Premiações e memória

Por último, a obra "Unidade e diversidade na comunicação", em torno dos tópicos "Premiação" e "Memória e estatuto", apresenta as ações realizada pela INTERCOM no sentido de celebrar efemérides, homenagear associados e participantes dos congressos, e relembrar a história da entidade.

No primeiro caso, destaca-se a promoção do "Ano Luiz Beltrão", em 2006, e do "Ano Barbosa Lima Sobrinho", em 2007. As homenagens aos associados e congressistas deram-se por meio do já tradicional Prêmio Luiz Beltrão de Ciências da Comunicação; dos Prêmios Estudantis (Freitas Nobre, para Doutorado; Francisco Morel, para Mestrado; Ligia Averbuck, para a Pós-Graduação; e Vera Giangrande, para a Iniciação Científica); e da criação das Medalhas Comemorativas INTERCOM'30, cujo objetivo foi reconhecer o mérito de sócios que se notabilizaram pela defesa dos pilares éticos que definiram a INTERCOM desde a sua fundação, em 1977: pluralismo, solidariedade, identidade, liberdade de desenvolvimento.

No caso do tópico "Memória e estatuto", destacam-se a revisão do estatuto da INTERCOM promovida pela Diretoria Executiva e aprovada em Assembleia Geral Extraordinária dos sócios; a criação do Jubileu de Prata – homenagem aos sócios que demonstram "fidelidade associativa" durante 25 anos;

e o acervo reunido pelo sócio Valdenizio Petrolli, que elaborou um projeto de resgate da memória da INTERCOM visando a celebração dos 30 anos da entidade. As peças que compuseram esse acervo participaram de uma exposição, em dezembro de 2007, na sede da Faculdade Cásper Líbero, em São Paulo, e foram posteriormente doadas à INTERCOM.

Ao final da obra organizada pelos professores José Marques de Melo e Adolpho Queiroz, são apresentados a agenda de eventos da INTERCOM durante o período de 2005 a 2008, o Perfil Institucional da entidade (atividades, publicações e nova Diretoria Executiva eleita para o triênio 2008-2011) e duas capas de exemplares da coleção Verde-Amarela.

Como procuramos retratar aqui ao longo destas poucas páginas, a obra "Unidade e diversidade na comunicação", mais do que historiar as ações da Diretoria Executiva da INTERCOM no triênio 2005-2008, acaba por representar um importante documento para a compreensão dos rumos e da grandeza que a sociedade viria a conquistar na década seguinte. Por isso quisemos considerar essa gestão como a responsável por colocar em marcha um triênio catalisador de diferentes projetos e processos da entidade. A despeito de alguns projetos e ações que acabaram sendo abandonados ou aprimorados após a gestão 2005-2008, cabe referir que as iniciativas levadas a cabo pela Diretoria presidida pelo Prof. José Marques de Melo tornaram-se basilares para a compreensão e o desenvolvimento da INTERCOM nas gestões seguintes.

O processo de modernização e de redimensionamento das atividades naquele período foi fundamental para que a entidade completasse seus 35 anos em dezembro de 2012, com a mesma vitalidade seminal presente em sua fundação, nos já longínquos idos de 1977, para que ela continuasse a oferecer um serviço plural à comunidade acadêmica da área de comunicação, no Brasil e no exterior.

Televisão, história e sociedade em perspectiva científica

Roberto Gondo Macedo[1]

10.4 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José; GOBBI, Maria Cristina. **Televisão na América Latina 1950-2010**: pioneirismo, ousadia, inventividade. São Bernardo do Campo: Editora Metodista, 2011.

Caraterísticas da obra

Fruto de pesquisas apresentadas no CELACOM 2010, a obra apresenta um panorama de qualidade ímpar no que tange descrever os 60 anos de Televisão na América Latina. Organizada por José Marques e Melo e Maria Cristina Gobbi, a seleção dos textos e as divisões temáticas da organização fundamentam a temática e permite ao pesquisador leitor acompanhar o exitoso processo de evolução da Televisão nas suas cinco décadas de existência.

1. Doutor em Comunicação Social, com Pós-doutorado em desenvolvimento pela ECA/USP, em Comunicação Política. Docente do Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie e Presidente da Sociedade Brasileira dos Pesquisadores e Profissionais de Comunicação e Marketing Político – POLITICOM. Email: r.gondomacedo@gmail.com

O evento de 2010 reuniu aproximadamente 600 participantes, formado por atores sociais das mais diversas atuações do contexto comunicacional e televisivo: pesquisadores, grupos de pesquisa, representações de Universidades, grupos de mídia, com representantes brasileiros e estrangeiros. O cenário para tal realização não poderia ter sido mais afortunado, o Memorial da América Latina, situado na cidade de São Paulo, que representa de modo glamoroso a essência da integração latino-americana e a importância que a nação brasileira trata acerca de tal temática.

Institucionalmente, as entidades envolvidas na organização já demonstravam a representatividade do evento. Além da Cátedra UNESCO de Comunicação e Universidade Metodista de São Paulo, o programa de Pós-Graduação em Televisão Digital e o departamento de Rádio e Televisão da UNESP foram parceiros no projeto, o Programa Globo Universidade, da Rede Globo de Televisão e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP também foram fundamentais para o bem sucedido CELACOM.

O debate comemorativo dos 60 anos da Televisão na América Latina foi desenvolvido em um esforço coletivo dos múltiplos pares envolvidos na organização, cujo interesse histórico na evolução televisiva sempre foi pauta latente em suas ações e interpretações sociais e midiáticas. O senso natural prevaleceu durante a organização do evento e nas atividades científicas ocorridas nos respectivos dias de atividade. Isso porque o assunto já havia sido pauta em várias discussões durante os anos da Cátedra e dos parceiros apoiadores do projeto.

> A Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional e a Universidade Metodista de São Paulo (Umesp) há muito tempo colocaram a televisão brasileira no foco de diversos estudos, pesquisas e publicações. Do mesmo modo os Colóquios Internacionais de Estudos sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação (Celacom) são iniciativas da Cátedra Unesco, sob a orientação do seu titular, o Prof. Dr. José Marques de Melo, com a apoio da Umesp e objetivaram observar as múltiplas facetas dos estudos comunicativos, no cenário da América Latina (GOBBI, 2011, p.9).

O empenho de José Marques de Melo e Maria Cristina Gobbi nessa organização apenas sintetiza um cenário já desenvolvido há tempos, que mostra determinação contínua de JMM nas articulações de eventos, sociedades de pesquisa e demais atividades nacionais e internacionais, com claro objetivo de fomentar cada vez mais o arcabouço comunicacional.

Não é exagerado salientar que a estruturação da área de comunicação no Brasil somente foi possível por iniciativa de desbravadores como JMM e demais

ícones da comunicação brasileira, que acreditaram em algo mais significativo do que simplesmente produzir sem compartilhar. Marques de Melo prova factualmente pela sua dedicação e vida acadêmica científica que é possível compartilhar, estimular e estruturar uma área de pesquisa, com moderação e equilíbrio sustentável para as próximas gerações de pesquisadores.

JMM e a importância da Cátedra UNESCO de Comunicação

Não é possível versar sobre o papel e importância da Cátedra UNESCO de Comunicação para o Desenvolvimento Regional sem antes retratar o esforço de José Marques de Melo na condução de projetos e eventos para estruturar e difundir o debate acadêmico e científico para o desenvolvimento regional no Brasil e América Latina.

Sua capacidade de moderação e perfil negociador sempre foram corroborativos no fechamento de alianças e parcerias com demais Universidades, Grupos de Pesquisa e Agências de fomento à pesquisa. Com centenas de eventos realizados, a Cátedra sempre cumpriu o seu papel de participar ativamente do debate das ações da comunicação nacional e internacional.

Criada em 1996, tem como sede a Universidade Metodista de São Paulo, situada na região do ABC Paulista. Para Gobbi (2011, p.10) "os diversos projetos e atividades visam criar oportunidades para a disseminação das teorias e da trajetória acadêmica de pesquisadores comunicacionais latino-americanos, reconhecidos e legitimados pela comunidade científica nacional e internacional".

CELACOM 2010 nos 60 anos da televisão na América Latina

A organização é dividida de modo estratégico e didático em sete partes complementares. A primeira delas contém os cinco primeiros textos do livro, considerada com pré-textos. Os autores envolvidos nessa abordagem são: José Marques de Melo, com os "60 anos da televisão na América Latina"; "Colorações tropicais nos folhetins eletrônicos", de Silvia Fiúza. André Barbosa contribui com o texto direcionado com os "Desafios da televisão digital".

"Sobrevivências televisivas no mundo digital" e "Potencial transformador da TV" são os dois últimos artigos que contemplam os pré-textos, de autoria de Guilherme Canela e Adolfo José Melfi, Diretor da Cátedra Memorial da América Latina.

O evento de 2010 representou um desafio ao traçar um panorama discursivo dos 60 anos de Televisão no Brasil. Para Marques (2011, p.20)

> Este é o desafio que motivou a Cátedra UNESCO de Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo a organizar tão emblemático evento, dando continuidade à série de Colóquios internacionais que mobilizam pesquisadores da Escola Latino-americana de Comunicação ou intelectuais a ela associados. Desde 1997, temos realizado cada ano, debates que resgatam o itinerário cognitivo de pensadores latino-americanos, avaliando o desempenho de instituições germinadoras de ideias ou difusoras de teses paradigmáticas, bem como fomentando a polêmica em torno de efemérides ou conjunturas.

O Colóquio Internacional da Escola Latino-americana de Comunicação desde sua criação, sempre objetivou fomentar o debate internacional para integração de conhecimento. Com o compromisso de promover debates de alto nível no contexto comunicacional, contou com conferencistas renomados em suas áreas do conhecimento e pesquisadores provenientes de diversos estados da federação brasileira e demais países do bloco, nas discussões promovidas nos Grupos de Trabalho. Melfi (2011, p.31) afirma a importância do debate de 2010, com temática principal do histórico evolutivo da Televisão na América Latina

> Nestes 60 anos de implantação, de existência, nós podemos dizer que a televisão, mais do que qualquer outro meio de comunicação, trouxe uma contribuição notável para os nossos países. E, certamente, foi responsável por algumas das modificações culturais ou por algumas mudanças do comportamento. Tanto para o bem, quanto para o mal das nossas sociedades.

A segunda parte do livro contou com uma divisão denominada "Marcos Diacrônicos", envolvendo pesquisadores internacionais e hispano hablantes, como Manuel Parés i Maicas, Mario Nieves e Jorge González. Com o texto "Viejos pioneiros, nuevas osadias", Mário Nieves descreve a evolução da Televisão em contexto latino-americano, bem como sua influência no comportamento da sociedade e desenvolvimento das gerações.

Na visão de Nieves (2011) o contexto histórico da América Latina possui suas peculiaridades. Quatro séculos e meio depois da colonização europeia, ainda sobrevivia uma história de pobrezas, frustrações, abismos entre miséria e riqueza, marginalidade, neocolonialismo e ambições sem freios de um capitalismo voraz e imaginativo.

Cacilda Rego, em seu artigo denominado "TV aberta, o futuro já começou", contribui de modo pertinente apresentando a evolução das Organizações Globo nas últimas décadas e sua influência no contexto televisivo nacional. Já Parés i

Maicas (2011), direciona seu texto na evolução da televisão e sua responsabilidade para o serviço público.

Proveniente da cidade de Barcelona, apresentou o texto intitulado "Inovação, diversidade, regionalismo. *Televisión de Catalunya, televisión de servicio público*". Segundo o autor em suas considerações finais da pesquisa, afirma que o canal TV3, fundamentalmente, é uma televisão de serviço público, com uma função de liberdade de expressão e a serviço da identidade cultural e linguística catalã, com uma vocação socializadora no campo.

Nos artigos desenvolvidos e apresentados por JMM, "Percurso cognitivo através do labirinto simbólico da televisão" e de Sandra Reimão, "Ancestralidade e complementaridade na televisão latino-americana", a evolução da televisão na América Latina foi tratada de modo fundamentado, cronológico e com alta profundidade de detalhamento, característico dos pesquisadores. O mesmo ocorre com o texto de Jorge González, denominado "Doce lustros de la televisión en América Latina".

A terceira parte da obra, contendo textos descritos como "Processos Sincrônicos", apresenta olhares contemporâneos da evolução televisiva, seja na composição técnica, como no viés comportamental dos telespectadores. Todos os autores envolvidos nesse prisma direcionam para assuntos que, em muitos casos, também transita no campo das políticas públicas. Cosette Castro explana a importância de diálogos e contribuição da mídia televisiva para o fomento da inclusão social, problema altamente latente na sociedade brasileira e em muitos outros países latino-americanos.

> A passagem da televisão analógica aberta para o modelo digital marca o surgimento de uma televisão híbrida, diferente do que já se viu até então. Essa diferença, representada pela digitalização, pela não linearidade, pela possibilidade de usar recursos interativos e pela gratuidade, é o que define o valor agregado da nova televisão em relação aos demais modelos. Em seus primeiros anos, é possível afirmar que a televisão digital é uma mistura da televisão analógica, de cinema e de computadores com recursos de internet e tende a seguir assim, meio computador na televisão e meio TV analógica, até encontrar sua própria identidade (CASTRO, 2011, p.124).

André Barbosa, com o texto "Televisão Digital Interativa" e o artigo de Maria Cristina Gobbi e Edvaldo Olécio de Souza, "Digitalização e Convergência", seguem a mesma proposta de indagação e explanação nas suas premissas. Já o artigo de Ana Paula Costa e Anamaria Fadul direcionam os seus olhares no senso de recepção em momentos de tecnologia interacionista.

Uma visão mais mercadológica do universo televisivo foi foco do artigo desenvolvido por Rafaela Barbosa e pelo pesquisador Valério Brittos *(in memorian)*.

A exposição do novo cenário de comercialização converge para o novo modelo de compreender a relação de telespectador e programação interativa. Fechando o bloco, Antonio Teixeira Barros, Cristiane Bernardes e Maria Érica de Oliveira Lima versam acerca de gêneros e formatos.

Na sequencia, quatro artigos formam a parte intitulada "Evidências Singulares". Em um dos artigos, escritos pelos autores Elias Said Hung e Alan César Belo Angelucci, é apresentado um estudo comparativo das produções de conteúdos no Brasil e na Coolômbia, com um objetivo de internacionalização.

Maria Cristina Brandão Faria, com o seu texto "Teleteatro ao vivo: seis décadas do experimentalismo brasileiro" e "Todos estão de olho no telejornal nacional", de Guilherme Rezende, apresentam estudos detalhados e profundos no cenário brasileiro e limitações comportamentais e técnicas no país. Marcelo Volpato fecha essa parte com um direcionamento regional, abordando o "Jornalismo preudo-comunitário na televisão regional.

Uma fase do livro explana textos que remetem uma reflexão acerca dos reais desafios das mídias e do contexto televisivo, com objeto de análise e estudo. Alzimar Ramalho analisa a América Latina sob o prisma dos sistemas públicos de televisão.

> No Brasil, vem se fortalecendo o conceito de televisão pública especialmente após a constituição de 1988, cujo texto reconhece o sistema de rádio difusão em público, privado e estatal. Atualmente, o sistema político busca a formação de uma rede nacional que viabilize o intercâmbio de conteúdo de programas produzidos pelos segmentos de TVs educativas, universitárias, comunitárias e legislativas, além das TVs estatais, que constituem o "campo público da televisão" (RAMALHO, 2011, p.264).

Joana Lemos e João Winck direcionaram seu texto para a "Digitalização de produtos televisivos" e alguns pontos de vista foram complementares com o texto desenvolvido por Ana Carolina Temer, com o artigo "Sintonia com as demandas da sociedade". O assunto contemporâneo e desafiador foi explicitado no texto de Daira Renata Botelho e Maria Cristina Gobbi, com "Apropriação da cultura popular".

As duas partes finais da organização versam acerca do Resgaste da Memória histórica e pontos intitulados Construindo a Historia, com abordagens mais cronológicas e estudos representativo para justificar muitos pontos dos atuais cenários comunicacionais, sociais e políticos na América Latina.

No Resgate da Memória, o artigo de Ranielle Leal Moura e Tyciane Cronemberger Viana Vaz, intitulado "Chegada da Televisão no Brasil", aponta detalhes históricos de cada fase da TV brasileira, exposto em outras publicações, porém nesse caso, em caráter de levantamento histórico. "Os primeiros passos

do folhetim eletrônico", de José Eduardo Brum e Mariana Ferraz Musse, também transitam pelo viés histórico, todavia reportando a história recente do olhar e disseminação eletrônica.

O artigo "Trajetória das Telenovelas da Rede Globo" e "Transmissão da cultura popular no audiovisual brasileiro", respectivamente desenvolvidos por Sônia Maria Jaconi, Karina Muller e Andriolli de Brites da Costa, apresentam pontos comuns no sentido de observar o formato cultural brasileiro integrado com os elementos televisivos expostos com o passar dos anos.

Na parte final, dois artigos versam sobre pontos democráticos e políticos, integrados e difundidos pelo sistema televisivo. O artigo de Rose Mara Vidal de Souza, denominado "Democracia e propaganda política na televisão brasileira" e o artigo "Os debates eleitorais na redemocratização brasileira", de minha autoria e de Andréa Firmino de Sá, contribuem sob a égide política e o dinamismo democrático nacional em paralelo com a evolução da televisão. Para Vidal (2011, p.373), "devido a penetração nos lares tupiniquins, a televisão é usada não só para entretenimento, mas para informação, educação e comunicação política".

Fernanda Duarte apresenta resultados específicos na evolução nos videoclipes brasileiros e Ana Daniela Gillone com o texto abordando o fortalecimento da identidade latino-americana. O Posfácio da obra foi desenvolvido por Eduardo Amaral Gurgel e tem como título "Televisão, esfinge latino-americana".

Referências

CASTRO, C. Diálogos possíveis para a inclusão social. In. MELO, J.M.; GOBBI, M.C. **Televisão na América Latina 1950-2010:** pioneirismo, ousadia, inventividade. São Bernardo do Campo: Editora Metodista, 2011.

GOBBI, M. C. Televisão na América Latina: 60 anos de aculturação, mestiçagem, mundialização. In. MELO, J.M.; GOBBI, M.C. **Televisão na América Latina 1950-2010:** pioneirismo, ousadia, inventividade. São Bernardo do Campo: Editora Metodista, 2011.

MARQUES, J.M. 60 anos de televisão na América Latina. In: MARQUES DE MELO, J.; GOBBI, M.C. **Televisão na América Latina 1950-2010:** pioneirismo, ousadia, inventividade. São Bernardo do Campo: Editora Metodista, 2011.

MELFI, A. J. O potencial transformador da televisão. In: MELO, J.M.; GOBBI, M.C. **Televisão na América Latina 1950-2010:** pioneirismo, ousadia, inventividade. São Bernardo do Campo: Editora Metodista, 2011.

NIEVES, M. Viejos pioneiros, nuevas osadías. In: MELO, J.M.; GOBBI, M.C. **Televisão na América Latina 1950-2010:** pioneirismo, ousadia, inventividade. São Bernardo do Campo: Editora Metodista, 2011.

PARÉS I MAICAS, M. Televisión de Catalunya, Televisión e servicio público. In: MELO, J.M.; GOBBI, M.C. **Televisão na América Latina 1950-2010:** pioneirismo, ousadia, inventividade. São Bernardo do Campo: Editora Metodista, 2011.

RAMALHO, A. Pontos convergentes e divergentes de sistemas públicos de televisão em seis países e a proposta brasileira de rede. In: MELO, J.M.; GOBBI, M.C. **Televisão na América Latina 1950-2010:** pioneirismo, ousadia, inventividade. São Bernardo do Campo: Editora Metodista, 2011.

VIDAL, R. Televisão, democracia e propaganda política no Brasil. In: MELO, J.M.; GOBBI, M.C. **Televisão na América Latina 1950-2010:** pioneirismo, ousadia, inventividade. São Bernardo do Campo: Editora Metodista, 2011.

O cenário da comunicação e das telecomunicações no Brasil

Priscila Kalinke da Silva[1]

11.4 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, J.; CASTRO, D.; CASTRO, C. (Orgs). **Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil**. Brasília: IPEA, 2010.

MARQUES DE MELO, J.; CASTRO, D. (Orgs). **Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil**. Brasília: IPEA, 2012.

Introdução

As referências supracitadas são quatro volumes da obra "Panorama da Comunicação e das Telecomunicações no Brasil", projeto este concebido após parceria firmada entre o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e a Federação Brasileira das Sociedades Científicas de Comunicação (SOCICOM). O propósito foi reunir pesquisadores da área e aglutinar estudos que possibilitassem fornecer subsídios para compreender

1. Especialista em Comunicação e Educação (2010) pela Faculdade Cidade Verde, mestre em Educação (2012) pela Universidade Estadual de Maringá e doutoranda em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo.

o campo de forma holística e, sobretudo, tornar acessíveis dados e informações atuais, contribuindo com a construção de políticas públicas para o setor.

Sem dúvida, José Marques de Melo, presidente da SOCICOM, seria o nome mais indicado para emplacar e levar adiante este projeto, haja vista sua trajetória engajada, como pesquisador e profissional da comunicação, e seu desejo de colaborar para o enriquecimento teórico-prático deste campo que luta por constituir-se solidamente. Em conjunto com Daniel Castro[2], Márcio Poschmann[3] e Cosette Castro[4], José Marques de Melo organizou os quatro volumes que revelam o cenário atual do Brasil frente aos desafios do desenvolvimento do setor da Comunicação e das telecomunicações e do acesso distributivo das Tecnologias de Comunicação e Informação às regiões do Brasil.

Nessa medida, o primeiro volume, formado por uma série de artigos, colabora para o debate sobre comunicação e telecomunicações no Brasil, especialmente porque fornece informações sobre as tendências do campo e apresenta o panorama das indústrias criativas e de conteúdos. O segundo volume é composto por uma sucessão de textos que sintetizam reflexões elaboradas no ambiente acadêmico, apresentando-nos as discussões socializadas em fóruns nacionais e internacionais, além de expor parte do trabalho desenvolvido pela SOCICOM no seu primeiro quinquênio. O terceiro fascículo possui um número menor de capítulos, se comparado aos outros volumes, porém divulga resultados ricos de pesquisa, pois nos apresenta um mapeamento detalhado do quadro das comunicações e telecomunicações no país, acompanhado de um exame criterioso realizado pelos pesquisadores. O quarto e último dá continuidade a alguns estudos publicados no volume anterior e "fecha" as discussões indicando-nos as tendências do campo no Brasil. Embora não seja possível detalhar minuciosamente cada volume neste texto, na sequência versaremos sobre o contexto geral dos fascículos que compõem a obra "Panorama das Comunicações e Telecomunicações no Brasil".

Colaborações para o debate sobre telecomunicações e Comunicação

O primeiro volume da obra foi pensado com propósito de refletir a conjuntura contemporânea que envolve a comunicação e as telecomunicações, mediante

2. Assessor-chefe de Imprensa e Comunicação do IPEA.

3. Presidente do IPEA.

4. Atuou como pesquisadora no IPEA.

olhares oriundos de diversos campos do saber, cuja finalidade foi oferecer subsídios para a criação de políticas públicas para estes setores no país.

Em um dos textos introdutórios, intitulado "Indústrias criativas e de conteúdo: o dilema brasileiro para integração do massivo ao popular", José Marques de Melo discorre sobre a complexidade entre a integração do massivo ao popular, considerando os aspectos históricos e culturais do Brasil. Na sequência, faz uma síntese sobre o comportamento do Estado em relação às políticas públicas que possuem interface à comunicação no país e uma analogia entre a "Tradição do Impasse", de José Veríssimo, e a estrutura da Comunicação no Brasil, mais precisamente as expressões massivas e folkcomunicacionais.

Ainda, à guisa de introdução, outros dois textos foram inclusos na obra: "Suco de Pitomba", redigido por Daniel Castro, no qual reforça a importância desse diálogo entre os pesquisadores em Comunicação e os técnicos de planejamento e pesquisa do IPEA, bem como o reconhecimento da relevância em se iniciar um planejamento estratégico que alavancasse a pesquisa no setor; e "Comunicação Digital – diálogos possíveis para a inclusão social", de Cosette Castro, cujo debate se concentra, sinteticamente, na significativa contribuição que a interface entre diferentes áreas da ciência e a comunicação digital – proporcionada pela abertura a outros campos na produção, antes restrita apenas ao profissional da comunicação -, possibilita à inclusão digital.

Didaticamente, o Volume 1 foi dividido em três partes, a saber: 1ª Parte – "Tendências Econômicas"; 2ª Parte – "Tendências nas telecomunicações"; e 3ª Parte – "Panorama da Comunicação". Em "Tendências Econômicas", integra o capítulo de Márcio Pochmann, "A hora e a vez dos países-baleias", no qual apresenta o cenário econômico brasileiro atual, e o seu reflexo para as questões sociais, comparativamente a outras nações.

A seção destinada às "Tendências nas telecomunicações" foi dividida em sete capítulos dos quais analisam aspectos operacionais e, sobretudo, reflexões centradas nas perspectivas sociais, econômicas e políticas do campo. Os textos que compõem esta parte foram distribuídos na seguinte sequência: "Neutralidade de redes na internet: democracia ou economia", de Marcio Wohlers; "Efeitos da convergência sobre a aplicação de políticas públicas para o fomento dos serviços de informação e comunicação", de Rodrigo Abdalla Filgueiras de Sousa, João Maria de Oliveira e Luis Cláudio Kubota; "Tendências tecnológicas mundiais em telecomunicações", de Fernanda De Negri e Leonardo Costa Ribeiro; "Capacitações científicas do Brasil em telecomunicações", de Paulo Meyer Nascimento; "Diferenças de escala no mercado de equipamentos de telecomunicações", de Luis Claudio Kubota, Edson Domingues e Daniele Nogueira Milani; "Compras governamentais: análise de aspectos da demanda pública por equipamentos

de telecomunicações", de Rodrigo Abdalla Filgueiras de Sousa e João Maria de Oliveira; "Balança comercial de equipamentos de telecomunicações", de Lucas Ferraz Vasconcelos.

A terceira parte, "Panorama da Comunicação", é formada pelo conjunto de seis capítulos que contribuem para o pensamento no campo da comunicação, mediante reflexões sobre o cenário das indústrias criativas e de conteúdo, assim dispostos: "Aspectos técnicos e econômicos da implantação da TV Digital Interativa como um modelo internacional de inclusão", de André Barbosa Filho; "Estado, Cinema e Indústrias Criativas e de Conteúdos", de Anita Simis; "Comunicações na América Latina: progresso tecnológico, difusão e concentração de capital (1870-2008)", de Gilberto Maringoni; "Comunicação institucional do poder público", de Antonio Lassance; "Números impressionantes e diversidade marcam a mídia dos Brics", de Marina Nery; "Novos desafios ao direito autoral no jornalismo", de João Cláudio Garcia.

Flagrantes

O segundo volume da obra "Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil" teve como intuito "flagrar" as pesquisas desenvolvidas e difundidas pela comunidade acadêmica. A divisão dos capítulos foi pensada após seleção de três núcleos: "Flagrantes da comunidade internacional"; "Flagrantes da comunidade nacional"; e "Flagrantes da SOCICOM".

Na apresentação do primeiro núcleo, Margarida Kunsch explica o papel relevante da SOCICOM como articuladora entre as pesquisas em comunicação produzidas no Brasil e as pesquisas realizadas na área por associações internacionais. Com a finalidade de tornar mais conhecida esta articulação, a primeira parte inclui uma síntese das comunicações científicas apresentadas em congressos nacionais e internacionais, com foco especial nas contribuições brasileiras dos pesquisadores ibero-americanos. Além disso, Kunsch acredita que este espaço pode contribuir para debate sobre a importância da socialização de estudos em congressos dessa natureza e incentivar a participação de estudiosos de modo a democratizar as pesquisas e a produção científica elaboradas no campo.

Deste modo, foram redigidos dez artigos, separados por quatro seções. A primeira, intitulada "Espaço anglófono", inclui os capítulos: "Boston, ICA", de Edgar Rebouças; e "Istambul, IAMCR", de Sônia Virgínia Moreira. A segunda seção, "Espaço Ibero-americano", apresenta os seguintes estudos: "Sistemas e processos", de Margarida M. Krohling Kunsch, "Disciplinas e fluxos", de Valério Cruz Brittos e Anderson David Gomes dos Santos; e "Ciência e Tecnologia",

de Marialva Barbosa e Nélia Del Bianco. Outra seção, com foco no "Espaço latino-americano", foram inclusos dois textos: "Tendências gerais", de César Bolaño; e "Debates Setoriais", de Fernando Oliveira Paulino. A última seção, "Espaço lusófono", integram outros dois capítulos: "Tendências gerais", de Antônio Holfeldt; e "Debates Setoriais", de Antônio Adami.

O segundo núcleo apresentado por Ana Sílvia Médola e Anita Simis, diz respeito ao cenário nacional referente às pesquisas em comunicação e a possibilidade que este campo possui de diálogo com outras áreas. A saber, foram travadas reflexões sobre: o panorama das pesquisas apresentadas no XXXIV Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM); os estudos da Cibecultura; o conjunto de textos socializados no Fórum Brasileiro de Ensino de Cinema e Audiovisual (FORCINE) e na Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (Socine); o relato de debates acerca da Economia Política da Comunicação (EPC); as pesquisas de folkcomunicação por intermédio, sobretudo, da Rede Folkcom; as publicações sobre a história da mídia; os estudos que envolvem o ensino e a pesquisa em Jornalismo; a conjuntura atual referente às áreas de Relações Públicas, Propaganda e Marketing; e, finalmente, as teorias semióticas mediante artigos publicados em congressos nacionais.

Esta segunda parte foi dividida em nove seções que contemplam os assuntos supracitados, assim ordenados: Seção 1 – "Ciências da Comunicação", redigido por Antonio Hohlfeldt e Marialva Barbosa; Seção 2 – "Cibercultura", de Eugênio Trivinho; Seção 3, destinada a discussão sobre Cinema e Audiovisual, incluindo textos sobre "Ensino de Cinema e Audiovisual", de Aída Marques, Luciana Rodrigues e Bernardo Santos e "Pesquisa em Cinema e Audiovisual", de Anelise R. Corseuil e Maria Dora G. Mourão; Seção 4 – "Economia Política da Comunicação", de Ruy S. Lopes; Seção 5 – "Folkcomunicação", de Marcelo Pires de Oliveira; Seção 6 – "História da Mídia", de Maria Berenice da Costa Machado; Seção 7, com dois textos sobre Jornalismo, o primeiro "Ensino de Jornalismo", escrito por Maria Tonus e Sérgio Luiz Gadini, e "Pesquisa em Jornalismo", de Carlos Eduardo Franciscato; Seção 8, cujas análises tratam de Relações Públicas, Propaganda e Marketing, a partir dos textos "Relações Públicas e Comunicação Organizacional", de Ivone de Lourdes Oliveira, "Marketing Político", de Roberto Gondo Macedo e Adolpho Queiroz, e "Publicidade e Propaganda", de Eneus Trindade; e Seção 9 – "Semiótica", de Ana Claudia Mei Alves de Oiveira.

O terceiro núcleo apresenta Flagrantes da SOCICOM, no qual registra, historicamente, as atividades empreendidas pela SOCICOM. Focado neste propósito, esta parte foi dividida em três capítulos: "O fortalecimento da comunidade acadêmica da comunicação", de Francisco de Assis; "Cronologia da SOCICOM (2007-2012)"; e "Calendário das Ciências da Comunicação: Brasil, 2012".

Evidências

O terceiro volume desta série de estudos se dedica a revelar-nos dados quantitativos e qualitativos do cenário das comunicações e telecomunicações no Brasil, bem como análise aprofundada das informações e sustentada por fundamentação teórica coerente às pesquisas, a fim de mostrar-nos "evidências". Além do IPEA e da SOCICOM, esta publicação contou com o apoio institucional da Presidência da República por intermédio do Programa Nacional de Banda Larga (PNBL). A seguir, versaremos sobre os quatro capítulos que integram este volume.

No primeiro capítulo, Maria Cristina Gobbi discorre sobre o "Panorama da produção de conhecimento em comunicação no Brasil", sobretudo realiza um diagnóstico do campo no país, na primeira década dos anos 2000, mediante análise criteriosa de instituições e pesquisadores em Comunicação. Neste ensejo, a autora apurou o Estado do Conhecimento contemporâneo, destacando as diferenças e aproximações quanto às produções científicas e as trajetórias acadêmicas dos pesquisadores por região, tornando possível compreender a concentração de profissionais mestres e doutores em comunicação, bem como conhecer algumas características demográficas dos pesquisadores.

O capítulo 2 deste volume, "Tendências ocupacionais e profissionais", redigido por Andrea Ferraz Fernandez, é resultado de pesquisa sobre o contexto profissional em comunicação no Brasil, com aplicação *online* de questionário a 348 pessoas que trabalhavam na área, em 2010. Os dados da pesquisa permitiram destacar algumas conclusões sobre as tendências profissionais, das quais ressaltamos: a ampliação do número de profissões relacionadas à Comunicação Digital; a concentração de profissionais da comunicação na região sudeste; a formação universitária nem sempre é compatível com a denominação dada para a própria profissão; o índice de profissionais com pós-graduação é elevado; a maior parte dos pesquisados são formados em Jornalismo e Publicidade e Propaganda; a maioria trabalha com carteira assinada e atua na área há mais de 10 anos; a maior parte do conteúdo produzido é para a WEB; entre outras. Na sequência, a autora discorre sobre temáticas concernentes à obrigatoriedade de diploma, estágios para as profissões da Comunicação Social, as controvérsias sobre quem deve assumir a profissão de assessor de imprensa, e a convergência tecnológica.

No terceiro capítulo, Alexandre Kieling, no texto intitulado "A digitalização nas indústrias criativas e de conteúdos digitais", faz um levantamento referente às mudanças quanto aos processos comunicacionais doravante a ampliação da produção e distribuição de conteúdos em meios digitais. Nesta conjuntura, o autor nos apresenta dados valiosos sobre o período de transição, sobretudo a respeito do acesso e do consumo de mídias analógicas e digitais no Brasil, além

da participação no mercado publicitário em diversas mídias, em meados da primeira década dos anos 2000.

Finalmente, o quarto capítulo destina-se ao desenho do panorama da comunicação por meio de experiências internacionais. Com o título "Panorama da comunicação em 11 países da comunidade ibero-americana", Silvado Pereira da Silva e Viviam Peron Vieira selecionaram os seguintes países para o estudo: Brasil, Argentina, Venezuela, Colômbia, Chile, México, Paraguai, Uruguai, Equador, Portugal e Espanha. A pesquisa foi desenvolvida apropriando-se de oito indicadores: existência de garantias constitucionais sobre a liberdade de expressão ou princípios correlatos; existência de pelo menos dois modelos de radiodifusão; implantação do sistema de TV digital; implantação de rádio digital; número de usuários de internet; leitura de jornal impresso; número de instituições de ensino em graduação; e número de instituições de ensino em pós-graduação.

Tendências

O último volume da obra possui seis capítulos dedicados a nos apresentar as tendências da comunicação e das telecomunicações no Brasil. Em prosseguimento à pesquisa publicada no terceiro capítulo do terceiro volume, Alexandre Kieling atualiza os dados, em 2011. Intitulado "Indústrias criativas e de conteúdos digitais – 2011", o texto do pesquisador nos revela informações sobre o contexto contemporâneo das mídias analógicas e, sobretudo, digitais, no Brasil. Para tanto, divulgou dados sobre acesso, consumo e mercado publicitário de diversas mídias, revelando a tendência apresentada pelo estudo anterior, isto é, o cenário de um ambiente de convergências das mídias.

No segundo capítulo, Cosette Castro estudou sobre "Serviços, aplicativos e conteúdos digitais multiplataformas – avanços no campo público de televisão digital", texto fruto de pesquisa realizada em 2011 cujo levantamento resultou em sete seções que buscaram explicar o delineamento do estudo, os conceitos e, especialmente, destacar o que a autora compreende por campo público e suas possibilidades dentro do espaço televisivo digital e das multiplataformas. Para além das descrições dos problemas encontrados no decorrer da pesquisa, Cosette Castro apresentou exemplos e sugestões para melhor empreendimento das propostas postas pela pesquisadora.

Em continuidade às "Evidências" presentadas por Maria Cristina Gobbi, no volume anterior, o capítulo 3 deste volume, sob o título "Mapa cognitivo: ensino de comunicação no Brasil", se encarrega de avançar a pesquisa por meio da reflexão sobre o cenário atual da graduação e da pós-graduação em

Comunicação, e da inclusão de metas e indicadores para cada uma destas etapas acadêmicas para o período de 2011 a 2020. Os dados revelam os desafios a serem superados no que tange às prioridades do Estado, ao olhar mais atento às diferenças regionais, às dificuldades de acesso a informação, à qualificação do corpo docente, dentre outros.

Andrea Ferraz Fernandez também avança a pesquisa publicada no volume 3 e divulga novos dados e considerações que possibilitam demonstrar, no capítulo 4 do quarto volume, as "Perspectivas e análises das tendências profissionais e ocupacionais para área de Comunicação no Brasil". O texto versa a respeito das tendências profissionais da área e questões contemporâneas correlacionadas à atuação da profissão, além de traçar evidências sobre a composição do mundo do trabalho.

O quinto capítulo, escrito por Monique Menezes, pretendeu investigar "A regulamentação do setor de telecomunicações e comunicação no Brasil". Com análise de conteúdo da produção normativa deste setor, a pesquisadora concluiu que o país precisa modificar o marco regulatório, tendo em vista que os avanços tecnológicos exigem o direcionamento para uma legislação ampla que abarque as tecnologias convergentes.

No sexto e último capítulo do quarto volume da obra, a pesquisadora Irene Cristina Gurgel do Amaral, em "Comunicação e telecomunicações nos países BRICS e MERCOSUL", destaca aspectos positivos e negativos do posicionamento dos países estudados frente aos desafios das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs). Nos países do MERCOSUL, os resultados da pesquisa revelaram que o Paraguai é o que está mais aquém no enfrentamento a este desafio. A pesquisadora ainda conclui que alguns fatores críticos devem ser observados com mais atenção, como, por exemplo, o respeito às diferenças culturais e regionais, sobretudo um olhar atencioso à distribuição e preço dos serviços. No decorrer do texto, diversas tabelas apresentam dados comparativos entre os países, cujas relações fornecem informações fundamentais para entender o quadro atual da comunicação e das telecomunicações nos países analisados.

Comentário Final

É relevante destacar à contribuição valiosa de José Marques de Melo ao conseguir reunir, juntamente com os demais organizadores e colaboradores do projeto, uma quantia significativa de pesquisas e reflexões que podem servir como auxílio ao governo federal para a criação de políticas públicas para o setor.

Esta é uma iniciativa inédita que precisa de continuidade para que tais políticas sejam sempre coerentes ao contexto em que o país atravessa no que tange

à comunicação e telecomunicações, setor este que apresenta mudanças constantes, haja vista o desenvolvimento acelerado das novas tecnologias da comunicação e informação.

Referências

BARBOSA, João Alexandre. **A tradição do impasse**. São Paulo: Ática, 1974.

MARQUES DE MELO, J.; CASTRO, D.; CASTRO, C. (Orgs). **Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil**. V. 1. Brasília: IPEA, 2010.

MARQUES DE MELO, J.; CASTRO, D. (Orgs). **Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil**. V. 2. Brasília: IPEA, 2012.

MARQUES DE MELO, J.; CASTRO, D.; CASTRO, C. (Orgs). **Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil**. V. 3. Brasília: IPEA, 2010.

MARQUES DE MELO, J.; CASTRO, D.(Orgs). **Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil**. V. 4. Brasília: IPEA, 2012.

Por que estudar os gêneros jornalísticos?[1]

Janine Marques Passini Lucht[2]

12.4 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José; LAURINDO, Roseméri; ASSIS, Francisco (Org.). **Gêneros jornalísticos**: teoria e práxis. Blumenau: Edifurb, 2012.

O professor Marques de Melo tem sido incansável na disseminação do ensino e da pesquisa de jornalismo nas últimas décadas no Brasil, sendo sua presença marcante inclusive no exterior. Isso todo mundo sabe. O que pode ser novidade é que o trabalho dele vai mais além, sendo uma pessoa capaz de orientar, motivar e descobrir nos alunos potencialidades que, muitas vezes, eles próprios desconhecem. O resultado disso é

1. Título inspirado no artigo da professora Irene Machado, publicado em 2001, conforme referência.

2. Doutora em Comunicação pela UMESP (2009). É jornalista pela UFSM (1999), possui mestrado em Comunicação Social pela PUC-RS (2005) e MBA em Comunicação pela ESPM-RS (2001). É membro do Conselho Editorial da Revista Alterjor da Eca- USP/SP, sócia da INTERCOM filiada ao GP Gêneros Jornalísticos. Atualmente, é Diretora do Curso de Jornalismo da ESPM-Sul, onde atua como professora adjunta e integrante do Núcleo de Estudos em Jornalismo. Email: janine@espm.br

que já não podemos dizer que os estudos sobre os gêneros jornalísticos são escassos. Muito do que foi produzido até o momento é fruto do incentivo de Marques de Melo, nos programas pelos quais passou, principalmente, na USP e UMESP. São anos de mobilizações, com o foco na testagem empírica dos fenômenos, e que hoje agrupam dezenas de pesquisadores com este objetivo: o de teorizar sobre os gêneros jornalísticos. A maioria de seus alunos partiu da sua já consagrada classificação dos gêneros para aplicá-la em outros suportes. Muitos a validaram na imprensa regional e nacional ou em comparativos com outros países, mas também conseguiram ir além, identificando novos formatos ou até criando suas próprias classificações.

A releitura deste trabalho pretende apresentar a obra àqueles interessados, tanto professores, pesquisadores, estudantes de graduação e pós, e profissionais atuantes no mercado. Isso por que podemos sintetizar a importância de se estudar os gêneros jornalísticos, pelo menos, em três âmbitos:

> Os gêneros são fundamentais para o exercício da prática jornalística, do ensino/aprendizagem das técnicas e da fruição, à medida que uma classificação dos gêneros proporciona uma mesma linguagem, um mesmo código com os quais tanto o produtor quanto o receptor possam se entender (LUCHT, 2009, p. 27-28).

O livro é uma coletânea de artigos publicados no triênio 2009-2011 no Grupo de Pesquisa (GP) de Gêneros Jornalísticos da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM), realizados em Curitiba, Caxias do Sul e Recife respectivamente. São 17 textos ao todo, oriundos de mais de dez universidades, de diferentes estados brasileiros, reunidos em "três vertentes essenciais para o estatuto científico", conforme apresentação de Roseméri Laurindo: parte 1- Teoria: o estado da questão, parte 2 – Práxis: rotinas e processos, e parte 3 – Empiria: evidências e tendências. A importância dos trabalhos apresentados você confere a seguir.

Teoria: o estado da questão

A primeira parte da obra reúne cinco artigos, concentrado no trabalho de pesquisadores da UMESP, UFBA e FURB. No texto de abertura, José Marques de Melo traça o "Panorama diacrônico dos gêneros jornalísticos", onde enfatiza, naturalmente, as mudanças que os mesmos sofreram ao longo dos séculos.

Embora os estudos sobre a temática refiram-se à metade do século XX, com o francês Jacques Kayser, o jornalismo propriamente dito é muito anterior: "os

indícios do jornalismo referencial remontam ao século XVII, quando o gênero informativo desponta no universo da florescente imprensa diária" (MARQUES DE MELO; LAURINDO; ASSIS, 2012, p.22). Já no século seguinte, o jornalismo argumentativo ganha força, dando origem ao gênero opinativo. Conforme Marques de Melo (2012), os processos de natureza anticolonial (USA, 1776) e antiabsolutista (França, 1789) transformam a imprensa em arena de combate, episódio descrito no livro organizado por Robert Darnton e Daniel Roche, intitulado "Revolução impressa: a imprensa na França (1775-1800)", publicado em 1996.

Nos países de língua inglesa, o jornalismo do tipo argumentativo/opinativo assume três formas:

> O rótulo abrangente de comentário (*comment*); o artigo (*citizen comment*), que difunde opinião pessoal, assinada pelo autor; e o editorial (p*ublisher comment*), veiculando a opinião institucionalizada, anônima, porém chancelada pela empresa-editora do jornal (OLSON, 1966, apud MARQUES DE MELO, 2012, p.23).

Na França, o jornalismo era essencialmente panfletário, com manifestações anônimas (consideradas pornográficas ou difamatórias) e autorais (subdivididas em ensaios, comentários e polêmicas) (BACQUE, 1996 apud MARQUES DE MELO; LAURINDO; ASSIS, 2012, p.23).

Já no século XX, surgem gêneros complementares, como o analítico (interpretativo), o de entretenimento ou literário (diversional) e o de serviço (utilitário). Este último é apontado por Marques de Melo como a tábua de salvação para o jornalismo impresso, que "está em apuros".

Por fim, o professor deixa uma mensagem animadora e instigante, sugerindo que os pesquisadores devam se nutrir do momento de crise para analisar, refletir, melhorar, enfim, progredir, revitalizando e reinventando o jornalismo atual.

O segundo texto é de autoria de Lia Seixas, tendo sido apresentado no 32º Congresso da INTERCOM (2009). Nele, a pesquisadora aborda os "Gêneros jornalísticos: partindo do discurso para chegar à finalidade". É o resultado de sua tese de doutorado, em que defendeu quatro principais critérios de definição de gênero para a formação discursiva jornalística, que são: lógica argumentativa, força argumentativa, identidade discursiva e potencialidade dos *médium*. Seixas levantou que a finalidade é o principal critério de classificação dos gêneros jornalísticos em toda a história dos estudos de jornalismo, independente do suporte, de 1950 até 2012. Em suas palavras:

> [...] parte-se da finalidade para dividir unidades discursivas, em vez de partir-se das unidades discursivas, levando-se em conta as dimensões do

> discurso, para compreender e definir os critérios de uma divisão destas unidades (SEIXAS, 2012, p. 27).

Ao concluir, a pesquisadora, que fez um exaustivo levantamento, reconhece, pelo menos, três finalidades da instituição jornalística: mediação, informação e opinião.

As imbricações nem sempre desejáveis entre o jornalismo e a publicidade são o tema de Roseméri Laurindo no texto "Posição de autor e gênero na interface entre o jornalismo e a publicidade", apresentado no 33º Congresso da INTERCOM em Caxias do Sul (2010). No artigo, Laurindo percorre a literatura existente sobre o tema e procura oferecer se não uma solução pelo menos um caminho para dirimir a situação. Ao propor os conceitos de autor-jornalista e autor-marca, a pesquisadora busca:

> [...] mecanismos para refletir sobre o jornalismo e a publicidade, por abrirem a perspectiva para relações individuais e coletivas sintetizadas em sujeitos que elevam a algum grau de universalidade os seus pensares e práticas, que se expressam neste ou naquele gênero. (LAURINDO, 2012, 50).

Clóvis Reis, por seu turno, busca a "Identificação dos gêneros jornalísticos no rádio a partir das características da linguagem radiofônica", originariamente apresentado no 33º Congresso da INTERCOM em 2010. O autor observa que os estudos sobre os gêneros no rádio pouco têm avançado. No Brasil, segundo levantamento realizado por Reis, Marangoni (1998), Barbosa Filho (2003) e Lucht (2010) aliam a revisão de literatura à análise empírica de estudos de caso, descrevendo os gêneros e formatos mais frequentes na programação das emissoras de rádio. Porém, segundo o autor, Barbosa Filho (2003) agrupou em uma mesma categoria tanto estruturas classificadas como gêneros quanto produtos definidos como programas. Para suprir tal lacuna, Reis propõe-se a identificar os gêneros jornalísticos a partir de uma abordagem que:

> [...] a) Contemple as várias modalidades de construção do texto jornalístico no rádio; b-) explique a função/intencionalidade das diferentes classes de estrutura, e c) descreva os gêneros jornalísticos levando em conta os elementos da linguagem radiofônica empregados na elaboração das mensagens (REIS, 2012, p.58).

Por ser um meio essencialmente sensorial, estudos prévios de Clóvis Reis (2004; 2008) apontaram uma série de peculiaridades da linguagem radiofônica que poderiam contribuir no avanço da identificação dos gêneros jornalísticos do rádio:

> As diferentes vozes que intervêm na emissão da mensagem (repórter, entrevistado, apresentador etc.); as técnicas narrativas empregadas na construção do texto; finalidade da mensagem; características gerais de estilo; a utilização de fundos musicais; o emprego de efeitos sonoros; pausas, entonações e silêncios; modo de emissão; tipo de inserção; contexto de difusão; condições de uso/percurso sócio-histórico do gênero; tempo de duração da mensagem e outras características técnicas (REIS, 2012, p.60).

Por fim, Eduardo Amaral Gurgel resgata "Os gêneros jornalísticos na ótica beltraniana". No texto, apresentado no GP em 2011, Gurgel resgata a trajetória do primeiro doutor em Ciências da Comunicação do Brasil, Luiz Beltrão de Andrade Lima, nascido em oito de agosto de 1918. Pioneiro dos estudos em jornalismo publicou vinte livros ao todo, sendo o primeiro "Iniciação à filosofia do jornalismo" (1960), que já trazia as ideias que mais tarde seriam ampliadas na trilogia sobre os gêneros: A "Imprensa Informativa" (1969), "Jornalismo Interpretativo" (1976) e "Jornalismo Opinativo" (1980).

A seguir, os seis textos selecionados que trazem especificações conceituais sobre as rotinas e processos observados nos gêneros jornalísticos.

Práxis: rotinas e processos

A parte II é composta por seis artigos, oriundos da ESPM-SP, Unisc, UFSC, UnB, UFJF e UFMT. O primeiro deles trata da "Dimensão técnica dos gêneros jornalísticos: tipologias e procedimentos em manuais de redação", apresentado por Francisco de Assis no 34º Congresso da INTERCOM em Recife (2011).

Ao lembrar que a atividade jornalística engloba três dimensões: teoria, técnica e prática, Assis (2012) afirma que:

> [...] nem tudo o que se pensa a respeito do trabalho jornalístico é executivo à risca, assim como estamos convencidos de que a produção dos jornalistas não está totalmente aprisionada a determinações e a padronizações impostas pelos guias da área (ASSIS, 2012, p.81).

Desta forma, o autor propõe um levantamento comparativo dos três principais manuais de redação brasileiros, a saber, "Folha de S. Paulo", "O Estado de S. Paulo" e "O Globo", quanto aos gêneros jornalísticos.

No caso do Manual da Folha de S. Paulo, Assis encontrou dois gêneros: opinativos e interpretativos, agrupando os seguintes formatos: análise, artigo, editorial,

crítica, crônica, *feature*, resenha, reportagem. Já no Manual d'O Estado de S. Paulo não há menção ao termo "gênero" em nenhum verbete. No entanto, o autor deste artigo buscou um a um os 23 termos que configuram os formatos identificados por Marques de Melo (apud COSTA, 2010) e encontrou apenas a ocorrência de quatro deles: notícia, reportagem, entrevista e cronologia. O verbete "opiniões" apenas dá dicas sobre o que a empresa aceita e estimula como prática opinativa.

Assim como n'O Estado, o Manual d'O Globo também não traz referências aos termos "gêneros" e "formatos". No entanto, há um tópico que apresenta os "tipos de textos" passíveis de utilização por parte dos profissionais do jornal. São eles: matéria original ou suíte, reportagem, perfil, declaração, *off de record*, entrevista, documentos, interpretação, matéria leve, opinião, investigação, legenda, texto-legenda, título e chamada. O problema aqui, apontado por Francisco de Assis é a confusão entre formatos, procedimentos de apuração, tipos de matéria e elementos jornalísticos.

O "Jornalismo diversional e jornalismo interpretativo: diferenças que estabelecem diferenças" é o tema de artigo publicado em conjunto por Demétrio Soster, Fabiana Piccinin, Joel Haas, Pedro Garcia e Vanessa Kannenberb no 33º Congresso da INTERCOM em Caxias do Sul (2010). No texto, os autores afirmam que "[...] o atual momento evolutivo do jornalismo, marcado por uma profunda imersão tecnológica da sociedade, reconfigura o fazer jornalístico em suas mais diversas instâncias" (SOSTER et al., 2012, p.95). Os autores recuperam a definição dos gêneros diversional e interpretativo e concluem que "[...] em um cenário marcado pela multiplicação de dispositivos, o fortalecimento da identidade passa por um caminho que privilegia antes a originalidade, relevância e capacidade interpretativa do conteúdo que sua factualidade" (SOSTER et al., 2012, p.104-105).

Jorge Kanehide Ijuim busca o "Jornalismo além da fórmula: a supervalorização do referencial estrangeiro e o desprezo às experiências brasileiras", no qual defende que a inspiração do jornalismo literário brasileiro tem raízes no trabalho de Raul Pompéia (1863-1895) e João Paulo Barreto – o João do Rio – (1881-1921) e não do Novo Jornalismo como apregoa a maioria dos pesquisadores do país.

"O enigma como categoria estruturante do jornalismo investigativo" foi o tema trazido por Eduardo Luiz Correia ao 33º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, em Caxias do Sul (2010). No artigo, tem-se que a narrativa jornalística investigativa se estrutura a partir de enquadramentos que seguem uma lógica em torno do binômio enigma/suspense no texto escrito:

> No processo de construção do real, o jornalismo, por ser uma narrativa de característica referencial, não consegue dar conta do acontecimento em sua totalidade. Deixa lacunas, brechas e versões em aberto que

> funcionam como espaços de interpretação que serão negociados com o leitor/receptor das fragmentadas notícias, num processo dialógico de formação de sentidos (CORREIA, 2012, 117).

Com isso, o autor afirma que o leitor-receptor acompanha a cobertura dos acontecimentos em seu dia a dia, montando seu próprio quebra-cabeça e formando seu juízo sobre os casos, contados a partir de fragmentos noticiosos das páginas dos jornais.

Já "A questão da objetividade jornalística e suas implicações na construção dos gêneros fotojornalísticos" ganhou espaço no texto de Jorge Carlos Felz Ferreira, durante o 33º Congresso da INTERCOM em Caxias do Sul (2010). Não se pode mais imaginar um jornal impresso sem imagens. Mas, ao mesmo tempo, não se tinha uma classificação dos gêneros jornalísticos que abarcasse esses elementos visuais. Por serem "elementos privilegiados que permitem a fixação de conteúdos e de informação na imaginação do leitor, com um enorme poder de persuasão", o autor propõe uma nova classificação levando em conta as características discursivas particulares e a finalidade a que se propõe cada repórter fotográfico. O resultado está dividido em três propósitos: informativo (foto-notícia e fotorreportagem), propósito de opinião (fotorreportagem profunda, ensaio fotojornalístico) e gênero híbrido (retrato fotojornalístico).

Para finalizar a parte II, um novo formato jornalístico que flerta com a arte é apresentado em "Jornalismo em quadrinhos: território de linguagens". A abordagem foi realizada por Iuri Barbosa Gomes, em Curitiba (2009) e faz um retrospecto deste formato, primeiramente experimentado pelo jornalista maltês Joe Sacco, cuja proposta é apresentar uma notícia (leia-se grande reportagem) pensada na prática, nos traços e na apuração, convergindo "diferentes linguagens em favor da informação".

Empiria: evidências e tendências

A terceira e última parte do livro engloba seis artigos, de pesquisadores oriundos das seguintes instituições de ensino: UMESP, PUCRS, UFJF, UFG e UnB.

O questionamento sobre o tipo de jornalismo praticado pela Revista "O Cruzeiro" (1928-1975) motivou Ranielle Leal Moura no artigo "Os gêneros jornalísticos na revista *O Cruzeiro*", apresentado no Recife, em 2011. Como a própria autora salienta, a revista – ainda hoje – é considerada a maior e mais importante do país. O objetivo da pesquisa foi identificar os gêneros jornalísticos praticados na revista. Para tanto, Moura analisou 51 exemplares, percorrendo os três períodos pela qual a publicação passou: 1928-1943, 1944-1963 e 1963-

1975. Como resultado, descobriu que o semanário valorizava os gêneros informativo e opinativo e foi "[...] a mais completa, variada e abrangente descrição do século XX [...]" (MOURA, 2012, 176)).

Fábio Rausch apresentou "O jornalismo sensacionalista na imprensa sul-rio-grandense: uma proposta de codificação de gênero", no 34º Congresso da INTERCOM, em 2011, no Recife. O trabalho é resultado de sua dissertação defendida no mesmo ano, que analisou o Caso Dautd, deputado estadual assassinado em um bairro de Porto Alegre, sob a ótica do jornalismo sensacionalista. O autor conclui que não se pode falar no jornalismo sensacionalista deste ou daquele jornal, mas sim, em níveis de sensacionalização.

A identificação de diálogos em programas de entrevista na TV, que tenham em sua essência, a interação dialógica, da construção dos saberes, da escuta, da discussão e da pluralidade de ideias é o foco principal do texto apresentado por Raul Mourão Ruela ao 34º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Recife, PE, 2011): "Sócrates vai ao programa de entrevista na TV: análise de técnicas de diálogo no 'Roda Viva'". O autor analisou duas entrevistas concedidas pelo ministro das relações exteriores Celso Amorim, em 2008 e 2010, ao programa da TV Cultura, e buscou verificar se o método socrático, por meio da maiêutica[3], estava sendo utilizado. A conclusão foi a de que nos dois momentos o método socrático foi aplicado de forma semelhante, propiciando o debate, esclarecendo ideias, trazendo o assunto da política externa para a mídia, em especial a televisão.

O Carnaval é a maior festa popular do Brasil e, por isso, mobiliza grande número de recursos e indivíduos durante o período em que ocorre. A cobertura jornalística também é afetada, invertendo, inclusive, a lógica dos critérios de noticiabilidade, conforme Ana Carolina Rocha Pessôa Temer, autora de "Notícias do Carnaval ou carnaval de notícias: um estudo sobre os gêneros na cobertura telejornalísticas do Carnaval". O texto foi apresentado em Recife, PE, em 2011, durante 34º Congresso da INTERCOM. O estudo baseia-se em análise de conteúdo das inserções jornalísticas da Rede Globo de Televisão, em seus telejornais veiculados nacionalmente ("Bom Dia Brasil", "Jornal Hoje", "Jornal Nacional" e "Jornal da Globo") e nos espaços de inserção dos boletins ao vivo. Temer indica como deve ser uma cobertura jornalística:

3. [a maiêutica] consiste em extrair ideias por meio de perguntas, supondo que as tais ideias já existem na mente "grávida" do sujeito, mas precisam de um "parto" para se tornarem manifestas (BLACKBURN, 1997, p.332 apud MARQUES DE MELO; LAURINDO; ASSIS, 2012).

> [...] deve abordar uma questão a partir de diferentes aspectos, seja procurando diferentes ângulos relacionados sobre o tema e às questões que, não fazendo parte do tema em si, são afetadas pelo seu desenvolvimento, seja enfocando aspectos históricos, pessoais, econômicos, estatísticos, sociais, curiosidades, e outros eventos relacionados ao tema, buscando apresentar a maior diversidade de informações possíveis (TEMER, 2012, p.210).

Ao executar uma cobertura jornalística, que foge aos padrões diários, os profissionais priorizam os gêneros utilitários e diversionais. Este gênero "procura atender a um público ávido por emoções, prazer, entretenimento, espetáculo, e resistente ao esforço, à profundidade e à paciência", enquanto o utilitário, ou jornalismo de serviços, pretende "servir de guia aos leitores, preparando-os para agir como consumidores racionais de produtos, serviços e direitos sociais" (EIDE apud TEMER, 2012, p.213).

A prestação de serviços tem sido fundamental na pauta dos meios de comunicação, independente do suporte (jornal, rádio, TV, revista, internet). Informações como a previsão meteorológica, a cotação de moedas e do mercado, esclarecem as dúvidas dos cidadãos e os auxiliam na tomada de decisão diária por parte do público. Desta forma, Tyciane Cronemberg Viana Vaz vem pesquisando o tema desde a dissertação defendida em 2009, na Universidade Metodista de São Paulo. Neste trabalho, a autora realizou um estudo comparativo entre dois portais da internet, sendo um brasileiro (Terra) e outro português (Sapo), tendo como amostra a editoria de saúde. O resultado está em "Gênero utilitário na internet: o jornalismo de serviço em portais do Brasil e de Portugal". A pesquisa apontou que 80% das unidades de informação pesquisadas no Terra pertencem ao gênero informativo, sendo o restante de serviço. Já no Sapo, o serviço prepondera, sendo 65% ante os 35% do informativo. Apesar disso, os resultados apontam que as funções se mesclam para oferecer não só informação sobre um fato, mas também servir de guia, garantindo, assim, elementos norteadores ao receptor.

Por fim, "Gêneros opinativos e internet: mais espaço para o leitor", de Zélia Leal Adghirni e Jurema Baesse, aborda o uso e crescimento da participação do público no jornalismo, principalmente no formato "Carta do leitor". O texto apresenta o resumo da análise de mais de duas mil cartas de leitor, encaminhadas às redações de 10 jornais (Folha de S. Paulo, O Globo, O Estado de S. Paulo, Zero Hora, Jornal do Brasil, Correio Braziliense, A Tarde, Diário de Pernambuco, O Liberal e A Crítica), realizada na dissertação de mestrado de Baesse (2004). Conforme as autoras, "antigamente considerada quase um passatempo de leitores aposentados, a coluna do leitor adquiriu um novo *status* e ganhou mais respeito por parte do próprio jornal" (ADGHIRNI; BAESSE,

2012, p.238). Porém, elas mesmas observam que os espaços destinados ao público leitor ainda não condizem com a real importância que os leitores têm no processo de produção jornalística. Em resumo, o levantamento mostrou que os leitores querem "emitir opiniões sobre o que está em discussão na sociedade, sobre segurança pública, sobre a correlação entre drogas e violência; querem discutir a necessidade de uma política eficaz no controle da natalidade, o papel do governo, do poder legislativo e do poder judiciário" (MARQUES DE MELO; LAURINDO; ASSIS, 2012, p.245).

Considerações finais

O trabalho incansável do professor e pesquisador José Marques de Melo vem contribuindo para os estudos de jornalismo e, em especial, dos gêneros jornalísticos há várias décadas. Ao incentivar seus alunos, ajuda a construir uma rede de pesquisa que tem colaborado – e muito – para a prática do jornalismo, além do ensino e da pesquisa.

O livro "Gêneros Jornalísticos: teoria e práxis" reflete isso. Como motivador principal, tem conseguido que, desde 2009, o grupo de pesquisas sobre o tema no Congresso Nacional da INTERCOM tenha se mantido ativo e participativo. A obra reúne os principais textos apresentados ao GT durante os três primeiros anos, deixando claro que o campo da comunicação, em especial os estudos sobre os gêneros, ressurgiram com força. E que os jovens pesquisadores já conseguem trilhar seu próprio caminho, sem deixar de lado as históricas referências do pioneiro Beltrão e seu mais importante discípulo, o próprio José Marques de Melo.

Daqui para frente, esperamos que iniciativas como essa possam progredir e que nossos alunos, professores, pesquisadores e profissionais passem a dialogar com mais tranquilidade e firmeza, contribuindo para o fortalecimento do jornalismo como um todo.

Referências

BAESSE, Jurema. **A voz das ruas manifesta na seção Carta do Leitor**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de Brasília, 2007.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros Radiofônicos**: os formatos e os programas em áudio. São Paulo, Paulinas, 2003.

COSTA, Lailton. Gêneros jornalísticos. IN: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco (Org.). **Gêneros jornalísticos no Brasil.** São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

LUCHT, Janine Marques Passini. Gêneros no Radiojornalismo. IN: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco (Org.). **Gêneros jornalísticos no Brasil.** São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

LUCHT, Janine Marques Passini**. Gêneros Jornalísticos no rádio Brasileiro**: A análise da rádio Eldorado de São Paulo. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2009.

MACHADO, Irene. Por que se ocupar dos gêneros? **Revista Symposium**: publicação da Universidade Católica de Pernambuco, Recife, ano 5, n.1, p. 5-13, jan./jun. 2001.

MARANGONI, Nivaldo. **Programação jornalística vinte e quatro horas por dia**: o pioneirismo da CBN – Central Brasileira de Notícias. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 1998.

MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco (Org.). **Gêneros jornalísticos no Brasil.** São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MARQUES DE MELO, José; LAURINDO, Roseméri; ASSIS, Francisco (Org.). **Gêneros jornalísticos**: teoria e práxis. Blumenau: Edifurb, 2012.

REIS, Clóvis. **La publicidade radiofônica**: los formatos de anuncio y el mercado de la radio de Brasil. Tese (Doutorado Comunicação) – Universidade de Navarra, Pamplona, 2004.

_____. **Propaganda no rádio**: os formatos de anúncio. Blumenau: Edifurb, 2008.

O campo comunicacional brasileiro em rede

Juliano Ferreira do Carmo[1]

13.4 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José & ASSIS, Francisco de (Orgs.). **Anuário Brasileiro das Ciências da Comunicação**. São Paulo: SOCICOM, 2012.

A obra "Anuário Brasileiro das Ciências da Comunicação" é uma coletânea organizada por José Marques de Melo e Francisco Assis e tece um amplo panorama das Ciências da Comunicação no Brasil, facilitando o acesso a informações dispersas e fragmentárias, cujo acesso seria mais complicado sem este trabalho de sistematização dos saberes que permeiam as associações do campo comunicacional no Brasil.
A obra é dividida em quatro partes. Na primeira, apresenta as associações científicas e acadêmicas que compõem a SOCICOM (Federação Brasileira das Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação). Em seguida, os periódicos em Comunicação, vinculados a ampla rede liderada por Marques de Melo. Na terceira parte, há um calendário de eventos dos

1. Graduando em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo em Multimeios pela Universidade do Estado da Bahia, UNEB e bolsista de Iniciação Científica pela Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado da Bahia, Fapesb.

anos de 2012/2013 e finalmente, uma memória institucional da SOCICOM.

No prefácio, a presidente do Conselho Deliberativo da SOCICOM, biênio 2010-2012, Ana Claudia Mei Alves de Oliveira, enfatiza a relevância da entidade para a construção de ações conjuntas, colocando as associações científicas e acadêmicas lado a lado na realização de reuniões, seminários e congressos científicos visando uma integração mais orgânica do campo comunicacional do país, desde 2 de setembro de 2008, quando a entidade foi fundada.

Desse modo, temos a oportunidade de olhar uns para os outros, fortalecendo a multiplicidade e abrangência das temáticas pesquisadas dentro do saber comunicacional, sem perder de vista as fronteiras, ainda dispersas, do nosso dinâmico estatuto epistemológico.

O prólogo da obra é magistralmente escrito pelo fundador e presidente da SOCICOM, José Marques de Melo, que retoma a gênese dos estudos de Comunicação no país e a articulação para criar a SOCICOM.

Marques de Melo (2012, p.9-10) defende que "a vocação estatutária [da SOCICOM] é claramente representativa e necessariamente agregadora. Desempenhando papel estratégico no diálogo com os gestores de C&T, mantém fluxos contínuos e transparentes na interlocução com o Estado". Portanto, para além de aglutinar estudiosos e pesquisadores em uma ampla rede que tende a legitimar cada vez mais a Comunicação enquanto área do conhecimento, Marques de Melo também pensa a Comunicação como possibilidade de gerar inovação ao país e manter permanente diálogo com o Estado.

A seguir, apontaremos, resumidamente, o conteúdo do anuário, mostrando as sociedades científicas associadas a SOCICOM.

Parte 1 – Sociedades Científicas

A Associação Brasileira de Estudos Semióticos[2] (ABES), fundada em 2001, objetiva estabelecer intercâmbios interinstitucionais nacionais e internacionais para a pesquisa em semiótica, identificando o lugar da semiótica no quadro das áreas de conhecimento do país, bem como mapear o ensino da semiótica nas graduações e pós-graduações do país.

2. A entidade até o momento não disponibiliza de website próprio. Informações em: http://www.socicom.org.br

A Associação Brasileira de Jornalismo Científico[3] (ABJC), fundada em 1977, tem por objetivo contribuir para a divulgação científica, educativa e tecnológica no país, auxiliando na formação dos jornalistas de ciência e fomentando a criação de um ambiente propício às reflexões permanentes dos jornalistas brasileiros de ciência sobre seu próprio ofício e sobre seu papel vital na consolidação de uma verdadeira cultura científica dentro da sociedade brasileira.

A Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia[4] (ALCAR), fundada em 2008, nasceu da Rede Alfredo de Carvalho para o Resgate da Memória da Imprensa e a Construção da História da Mídia no Brasil (Rede Alcar), constituída em 2001. Percebendo a lacuna na historiografia da mídia brasileira, José Marques de Melo lançou o desafio para que pesquisadores da área se reunissem para suprir esta demanda. O próprio Marques de Melo foi o primeiro presidente da rede, cujo nome é uma homenagem ao historiador pernambucano Alfredo de Carvalho, responsável pelo inventário do primeiro centenário da imprensa brasileira, celebrado em 1908. A Alcar procura cumprir seu principal objetivo que é promover estudos avançados sobre os processos históricos da Comunicação mediante quatro programas básicos: estudos, cursos, eventos e publicações.

A Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura[5] (ABCiber), fundada em 2006 organiza, anualmente, duas reuniões científicas e o Simpósio Nacional de Pesquisadores em Cibercultura, de forma itinerante, além de publicações de material científico online (livros).

A Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação Organizacional e Relações Públicas[6] (ABRAPCORP), fundada em 2006, tem por objetivo, de acordo com seu estatuto, congregar pesquisadores de qualquer área do conhecimento, vinculados ou não a organizações acadêmicas, científicas e profissionais, que tenham por objeto de estudo a comunicação sob todas as suas perspectivas e aplicações, em especial aqueles que se dedicam as temáticas da comunicação organizacional e das relações públicas.

A Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo[7] (SBPJor), fundada em 2003, busca agregar pesquisadores em jornalismo e tem como propósito

3. Website: http://www.abjc.org.br
4. Website: http://www.ufrgs.br/alcar
5. Website: http://www.abciber.org
6. Website: www.abrapcorp.org.br
7. Website: http://www.sbpjor.org.br

atuar em conjunto com todas as demais associações científicas, acadêmicas ou profissionais já existentes em âmbito internacional.

A Associação Brasileira de Pesquisadores em Publicidade[8] (ABP2), fundada em 2010, objetiva fortalecer a Comunicação e a publicidade como campos do saber, desenvolvendo ações para sua consolidação, como grande área e área de conhecimento, perante à comunidade acadêmica e aos órgãos gestores de ciência e tecnologia, bem como desenvolver ações destinadas a melhorar a qualidade e a diversificação dos aspectos profissionais, ensino e da pesquisa de graduação e pós-graduação na área, contribuindo para assegurar as condições para o seu funcionamento em todo o território nacional.

A Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação[9] (COMPÓS), fundada em 1991, visa ao fortalecimento e à qualificação crescentes da pós-graduação em Comunicação no país; à integração e ao intercâmbio entre os programas existentes, bem como ao apoio à implantação de novos programas; ao diálogo com instituições afins nacionais e internacionais; ao estímulo à participação da comunidade acadêmica em Comunicação nas políticas do país para a área, defendendo o aperfeiçoamento profissional; ao desenvolvimento teórico, cultural, científico e tecnológico no campo da Comunicação. Realiza encontros anuais, publica livros e estabelece constante diálogo com órgãos reguladores e associações congêneres.

O Capítulo Brasil da União Latina de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura[10] (ULEPICC-BR), fundado em 2004, se constitui como uma seção nacional da *Unión Latina de Economia Política de la Comunicación, la Información y La Cultura* (ULEPICC-Federação), criada em Sevilha, Espanha, em 2002, para agregar pesquisadores do mundo latino, com nacionalidade, dentre outras, brasileira, espanhola, francesa, argentina, canadense, moçambicana, portuguesa, mexicana e chilena. A ULEPICC-Federação e seus capítulos têm como objetivo contribuir para a reflexão pluralista sobre os problemas emergentes da comunicação, para o aperfeiçoamento e para a revitalização intelectual dos sócios, mediante o intercâmbio de experiências entre os pesquisadores da área, bem como alcançar os objetivos da carta de Buenos

8. A entidade até o momento não disponibiliza de website próprio. Informações em: http://www.socicom.org.br

9. Website: http://www.compos.org.br

10. Website: http://www.ulepicc.org.br

Aires[11], que demarca as bases de atuação da Economia Política da Comunicação.

O Fórum Brasileiro de Ensino de Cinema e Audiovisual[12] (FORCINE), fundado no ano de 2000, promove de forma permanente o fomento, o intercâmbio e a cooperação entre as instituições dedicadas ao ensino de cinema e audiovisual, tanto de nível superior quanto de nível técnico, compreendendo as atividades de formação, capacitação e pesquisa, assim como entre seus professores e estudantes. Procura contribuir de forma sistemática para o desenvolvimento de atividades de formação e capacitação, por meio da realização e da difusão de estudos, pesquisas, metodologias e programas de ensino, encontros, simpósios, congressos, seminários e outras ações que sirvam a uma melhor qualificação de professores e de profissionais para o setor audiovisual, incluídos a edição e o intercâmbio de publicações em formatos e suportes diversos, bem como a produção e a coprodução de obras audiovisuais entre seus membros.

O Fórum Nacional de Professores de Jornalismo[13] (FNPJ), fundado em 1995, reúne profissionais (docentes) da área de Jornalismo, na intenção de realizar debates e encaminhar propostas sobre aspectos de demandas que dizem respeito à formação profissional (universitária) dos jornalistas.

A Rede de Estudos e Pesquisas em Folkcomunicação[14] (REDE FOLKCOM), fundada em 2004, realiza congressos, seminários, encontros, conferências e ciclos de estudos em Folkcomunicação, com uma abordagem interdisciplinar. Desenvolve e promove pesquisas que representam uma contribuição para o progresso da ciência, da cultura, da arte e da informação. Realiza acordos e convênios com entidades congêneres, institutos e órgãos de fomento à pesquisa, do país e do exterior, para o intercâmbio de informações e experiências entre especialistas da Folkcomunicação. Mais uma vez, percebe-se a vanguardista articulação do professor José Marques de Melo para a criação da Rede Folkcom.

A Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual[15] (SOCINE), fundada em 1996, tem como objetivo promover a realização e o intercâmbio de pesquisas e estudos sobre cinema em suas mais diferentes manifestações,

11. A Carta de Buenos Aires foi escrita em 2001, por ocasião do encontro da entidade realizada na Argentina.

12. Website: http://www.forcine.org.br

13. Website: http://www.fnpj.org.br

14. Website: http://www.redefolkcom.org

15. Website: http://www.socine.org.br

incentivando assim a reflexão e a troca de ideias sobre cinema e audiovisual. A entidade promove a difusão de pesquisas científicas sobre cinema e audiovisual. Organiza encontros anuais com debates que frutificam livros de acesso livre.

A Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação[16] (INTERCOM), fundada em 1977, é a mais antiga associação científica representante da área da Comunicação no Brasil. As atividades desempenhadas pela INTERCOM se organizam em, pelo menos, sete frentes: 1) realização de eventos (congressos, colóquios, simpósios, seminários e o Café INTERCOM, destinado a lançamentos de livros de associados); 2) pesquisas (realizadas em parceria com instituições de ensino ou institutos e divulgadas pelos canais propiciados pela entidade, como os grupos de pesquisa, os quais se reúnem, anualmente, por ocasião do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação); 3) o Portal de Livre Acesso à Produção em Ciências da Comunicação (Portcom), repositório institucional que permite o acesso gratuito a textos, papers apresentados em congressos, capítulos de livros, e-books e revistas científicas publicadas pela INTERCOM; 4) publicações (revistas e livros avulsos ou coleções); 5) cursos do Programa INTERCOM Jovem, que objetivam estimular alunos e profissionais da Comunicação a prosseguir com estudos de capacitação por meio de cursos, seminários e oficinas, em três linhas: formação continuada, formação avançada e formação cidadã; 6) parcerias com instituições nacionais e internacionais, acadêmicas e ligadas diretamente ao mercado da comunicação e da mídia; e 7) premiações.

A Sociedade Brasileira dos Pesquisadores e Profissionais de Comunicação e Marketing Político[17] (POLITICOM), fundada em 2002, congrega pesquisadores e profissionais das áreas de comunicação e marketing político. A entidade realiza um congresso anual e estimula publicação de livros (impressos e digitais). Mantém, ainda, a *Revista Politicom*, em versão impressa.

A segunda parte do anuário, dedicada aos periódicos acadêmicos, descreve o perfil da *BJR – Brazilian Journalism Research*, publicação da SBPJor e lançada em 2005; "Bibliocom", ligada a INTERCOM, cujo objetivo é ser uma revista de divulgação, análise e crítica da produção bibliográfica, hemerográfica e reprográfica em Ciências da Comunicação; E-Compós, publicação vinculada a COMPÓS; "Iniciacom – Revista Brasileira de Iniciação Científica em Comunicação", empreendimento da INTERCOM voltada para estudantes de

16. Website: http://www.portalintercom.org.br

17. Website: http://www.politicom.com.br

graduação que desenvolvem iniciação científica na área; "Inovcom – Revista Brasileira de Inovação Científica em Comunicação"; a "INTERCOM – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação", lançada em 1978 como "Boletim Intercom", transformado, em 1983, em "Caderno Intercom" e em seu número 51, em 1984, começou a ser editada como revista científica, contribuindo para a difusão dos estudos em Comunicação no país; A "Organicom – Revista Brasileira de Comunicação Organizacional e Relações Públicas", publicada pela ABRAPCORP desde 2004; "RBHM – Revista Brasileira de História da Mídia", publicação da ALCAR; "Rebeca – Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual", publicada pela SOCINE; "Rebej – Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo", publicação do FNPJ; e a "Revista Internacional de Folkcomunicação", publicação da Rede Folkcom.

A terceira parte do anuário mostra, de forma sistematizada, um calendário de eventos anual das diversas sociedades científicas ligadas ao campo comunicacional, do ano de 2012 e 2013, permitindo que estudantes, professores e pesquisadores tenham amplo acesso ao que vem acontecendo na comunidade científica.

A quarta parte da obra, dedicada a memória institucional, Ana Silvia Lopes Davi Médola, vice-presidente da SOCICOM, tece um histórico da instituição; a conjuntura para a realização de parcerias institucionais também é explicitada por Anita Simis, Diretora Administrativa da SOCICOM; coube a diretora de relações internacionais da SOCICOM, Margarida M. Krohling Kunsch, abordar sobre o protagonismo internacional da entidade e como ela vem se estabelecendo diante dos organismos internacionais do campo. Por fim, Francisco de Assis, editor do Anuário Brasileiro das Ciências da Comunicação, discute as metas e perspectivas da entidade e o presidente do conselho deliberativo da SOCICOM (Biênio 2008-2010), César Bolaño tece um panorama nacional e internacional da Comunicação, tendo a SOCICOM como referência.

É importante ressaltar o inestimável valor que a obra tem para a sistematização dos estudos em Comunicação no Brasil, principalmente para os estudantes de graduação, que encontram enormes dificuldades para estabelecer vínculos entre a prática jornalística e o ambiente acadêmico.

Desse modo, a SOCICOM, cumpre o seu papel de mobilizar estudantes, professores e pesquisadores em uma ampla e complexa rede de redes, projetando os estudos comunicacionais na comunidade internacional e consolidando o Brasil enquanto liderança na América Latina.

Por fim, agradecer ao legado que o professor José Marques de Melo tem deixado para as Ciências da Comunicação. Nas ementas, nos projetos políticos

pedagógicos, nas matrizes curriculares de cursos de graduação e pós graduação em Comunicação e mais especificamente em Jornalismo, a presença da vasta obra de Marques de Melo é obrigatória. Parafraseando Euclides da Cunha, é possível constatar, Marques de Melo é antes de tudo, um forte, sendo ele próprio a personificação do sertanejo.

Panorama comunicacional do Brasil e do Cone Sul

André Luiz Vasconcelos [1]

14.4 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José; LIMA, João Cláudio. 4 v. **Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil.** Brasília: IPEA, 2013.

É inegável que as comunicações estão em um profundo momento de transição jamais visto em sua história. Todo o aparato tecnológico atual exige adequação, criação e estudos aprofundados para compreender a evolução e as possibilidades dos processos comunicacionais. As tecnologias mexem com toda a estrutura política, econômica, social, cultural, a tal ponto de gerar possibilidades inúmeras de direcionar condutas e comportamentos dos indivíduos inseridos na sociedade hodierna. Neste contexto, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) em parceria com a Federação Brasileira das Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação (SOCICOM) lançaram a obra "Panorama da Comunicação e das Telecomunicações no Brasil 2012/2013". Esta aborda não somente a realidade do Brasil, mas também faz um comparativo com o Cone Sul (composto por Argentina, Chile, Paraguai e Uruguai).

1. Graduado em Comunicação Social com ênfase em Jornalismo pelo Centro Universitário da Grande de Dourados (UNIGRAN).

Na organização dessa iniciativa está o conceituado professor José Marques de Melo, conhecido por ser o primeiro doutor em jornalismo do Brasil e João Cláudio Garcia, assessor-chefe de Imprensa e Comunicação do IPEA. Os temas foram desenvolvidos por bolsistas, pesquisadores convidados e por servidores do Instituto.

O recente estudo é composto por quatro volumes e, tal como é exposto na apresentação da obra, "procura conhecer melhor os hábitos brasileiros de utilização dos meios de comunicação neste histórico período de transição para as mídias digitais, assim como nossa capacidade de adoção das tecnologias mais inovadoras" (2013, p.7).

Ao ler o volume I, podemos formular um certo raciocínio: Uma pessoa quando vive em determinada cidade/país possui um ponto de vista de acordo com a sua vivência, suas experiências. Conhece ou pelo menos procura conhecer as ruas, as características culturais, sociais, econômicas, políticas de seu ambiente. Essa pessoa vive em uma realidade. Da mesma forma, quem mora em outra região possui suas características e vivências próprias. O que há em comum entre essas duas pessoas? O que as diferencia? Qual ou quais os fatores que as ligam ou que as distanciam?

Tais questionamentos podemos implantá-los na área da comunicação e o volume I faz isso. Descreve sobre a formação em comunicação no Brasil e no Cone Sul, traz dados sobre as instituições de ensino, cursos disponíveis, áreas mais requisitadas e as tendências, desafios e o perfil de consumo de mídias.

O volume I é dividido em duas partes. A primeira, com três capítulos, analisa as tendências em comunicação e telecomunicação no Brasil e no Cone Sul. A segunda parte - composta por dez capítulos - apresenta uma pesquisa aprofundada sobre a comunicação pública com ricas informações delineadas em bons textos, tabelas e gráficos.

Em sequência, o volume II consegue enriquecer ainda mais a obra e traz uma abordagem muito interessante ainda com indicadores e tendências comunicacionais. Ela complementa a primeira parte do volume I e acrescenta dados e estudos comparativos entre o Brasil e os países citados, mais diretamente relacionados à circulação de conteúdos culturais e simbólicos.

Com três capítulos, o volume II faz com que o leitor tenha informações atualizadas sobre o Brasil e a respeito de nossos vizinhos, nos mostrando dados que geram algumas identificações e outros nem tanto assim. Já na introdução podemos constatar que o Uruguai, por exemplo, é o maior exportador de software *per capita* da região, e ao aprofundar a leitura podemos extrair dados detalhados, como em relação às operadoras de telefonia brasileiras - as quais estão entre as que mais faturam no mundo.

Com essa pesquisa podemos quebrar estereótipos de toda essa região e constatarmos os pontos que representam avanços das telecomunicações e os entraves, que seguram o desenvolvimento democrático. Assim como afirma o presidente do IPEA, Marcelo Côrtes Néri, na apresentação da obra,

> A popularização das novas mídias, acelerada pelo desenvolvimento inclusivo recente, traz oportunidades e desafios para um país que busca aprofundar direitos e deveres inerentes à democracia, combinando liberdade de expressão e iniciativa com ampliação do acesso à produção e ao consumo de informação em todas as suas formas (2013, p.8).

Diante desse cenário, é impossível não deixar de remeter todos esses dados a vários outros pontos atuais de nossa sociedade como, por exemplo, as crescentes manifestações no Brasil, mostrando que o processo comunicacional está associado a esse processo histórico ao qual vivemos.

Já o volume III é dedicado à análise da comunidade acadêmica, pois o Brasil celebra, em 2013, 50 anos de ciências da comunicação. Esse volume possui também duas partes: a primeira faz um apanhado geral internacional sobre a evolução da sociedade científica do campo comunicacional. Já a segunda parte menciona o cinquentenário das ciências da comunicação em nosso país, com olhares atentos no jornalismo, na publicidade e propaganda, nas relações públicas, no cinema e audiovisual, na cibercultura, na economia política, nos estudos semióticos, na história da mídia, na Folkcomunicação, entre outros.

Além disso, no final, acrescenta um calendário de eventos nacionais e internacionais e traz um posfácio com uma análise sobre o amadurecimento das ciências da comunicação no Brasil.

E, para finalizar, o conjunto de artigos que compõem a obra "Panorama da Comunicação e das Telecomunicações no Brasil 2012/2013", o volume IV trata do campo teórico com variados ângulos, contribuindo, assim, de forma significativa com a compilação de estudos que configuram um grande avanço em pesquisas nessa área.

Com tal iniciativa, o projeto "Panorama da Comunicação e das Telecomunicações no Brasil" está em sua terceira edição e garantiu ao IPEA o Prêmio Luiz Beltrão de Ciências da Comunicação 2012 (promovido pela INTERCOM e Globo Universidade), na categoria Instituição Paradigmática. Algo muito importante desta coleção é o fato dela estar completamente disponível no ambiente digital, todos os volumes podem ser visualizados na íntegra no site do IPEA.

Somado a tudo isso, é oportuno destacar que a obra completa representa aquilo que a atualidade dos meios de comunicação exige: atualização contínua para não se tornar obsoleto.

Volume 1: Jornalismo e Midiologia

Seção I - Jornalismo

1.1 Teoria

Fundamentos de uma trajetória
Sérgio Mattos..... *p.15*
MARQUES DE MELO, José. **Da responsabilidade social no jornalismo.** Recife: INCIFORM, 1965.

Jornalismo e sensacionalismo: velhos dilemas, novos debates
Clarissa Josgrilberg Pereira..... *p.23*
MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo sensacionalista.** São Paulo: Editora Comunicação e Artes, 1969.

Os estudos do jornalismo comparado: dos ensaios às pesquisas empíricas
Giovandro Marcus Ferreira *p.35*
MARQUES DE MELO, José. **Estudos de Jornalismo Comparado**. São Paulo: Editora Pioneira, 1972.

Imprensa e desenvolvimento em tempo sombrio
Jairo Faria Mendes..... *p.45*
MARQUES DE MELO, José (Org.). **Imprensa e Desenvolvimento**. São Paulo: Editora CJE – ECA/ USP, 1984. 222p

A imprensa em questão retratada no nascimento do Labjor/Unicamp: cenário da mídia nos anos 1990
Vera Regina Toledo Camargo..... *p.53*
MARQUES DE MELO, José; DINES, Alberto; VOGT, Carlos (Org.). **A imprensa em questão.** Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

Jornais paulistas no final do século XX
Aline Maria Grego Lins..... *p.67*
MARQUES DE MELO, José; QUEIROZ, Adolpho (Orgs.). **Identidade da Imprensa Brasileira no Final do Século** – das estratégias comunicacionais aos enraizamentos e às ancoragens culturais. São Bernardo do Campo, SP: UNESCO/UMESP, 1998.

Recortes e itinerários do jornalismo brasileiro
Sérgio Luiz Gadini..... *p.79*
MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo Brasileiro**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

Percurso da atividade jornalística no Brasil
Elza Oliveira Filha..... *p.87*
MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo**: Compreensão e Reinvenção. Editora Saraiva: São Paulo, 2009. 256 p.

Para além das formas e conteúdos
Ana Carolina Pêssoa Temer..... *p.101*
MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo**: Forma e Conteúdo. Difusão: São Caetano do Sul, 2009.

Paralelos para pensar o futuro
Roseméri Laurindo..... *p.113*
MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo made in USA**: olhar brasileiro: (100 anos de pós graduação e pesquisa). 1. ed. São Paulo: INTERCOM, 2012. v. 1. 316p.

1.2 História

Vocação, idealismo e sabedoria
Moacir Pereira..... *p.125*
MARQUES DE MELO, José. (Org.). **Transformações do Jornalismo Brasileiro**: Ética e Técnica. São Paulo: INTERCOM, 1994.

40 anos de liderança no Grupo Folha
Elizete de Azevedo Kreutz *p.139*
MARQUES DE MELO, José (Org.); CASTELO BRANCO, Samantha (Org.). **Octavio Frias de Oliveira** – 40 anos de liderança no Grupo Folha. São Paulo: Uni- FIAM FAAM, 2002. 149p.

Densidade histórica e atualidade analítica
Marcos Paulo da Silva *p.145*
MARQUES DE MELO, José. **História Social da Imprensa:** fatores socioculturais que retardaram a implantação da imprensa no Brasil. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

Homens que marcaram grandes acontecimentos
Ana Regina Rêgo..... *p.161*
MARQUES DE MELO, José (Org.). **Imprensa Brasileira**: personagens que fizeram nossa história. Vol. 3. São Paulo: Imprensa Oficial. São Bernardo do Campo, SP: Metodista. 2008.

Uma travessia, uma obra e os vestígios de suas circunstâncias
Marli dos Santos.....*p. 175*
MARQUES DE MELO, José**. Vestígios da Travessia** – da imprensa à internet, 50 anos de jornalismo. Summus: 2009.

Demandas sociais do jornalismo
Tyciane Cronemberger Viana Vaz..... *p.183*
MARQUES DE MELO, José. **História do Jornalismo:** Itinerário crítico, mosaico contextual. São Paulo: Paulus, 2012.

1.3 Gênero

Meio século de pesquisa sobre revistas semanais ilustradas
Mônica Martinez *p.191*
MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo semanal ilustrado**. In: Não Informado. (Org.). Faculdade de Jornalismo Cásper Libero - Centro de Pesquisas da Comunicação Social. 1ed.São Paulo: Não Informado, 1968.

A opinião na folha de são paulo
Tancy Costa Mavignier..... *p.205*
MARQUES DE MELO, José. **Gêneros Jornalísticos na Folha de São Paulo**. São Paulo: FTD, 1992.

Reflexões sobre a opinião no jornalismo brasileiro
Samantha Castelo Branco..... *p.211*
MARQUES DE MELO, José. **A opinião no jornalismo brasileiro**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

Gêneros opinativos no jornalismo brasileiro
Maria de Lourdes Crespan *p.223*
MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo Opinativo.** Campos do Jordão: Editora Mantiqueira, 2003, p.239.

Diagnóstico sobre os gêneros jornalísticos
Maria de Jesus Daiane Rufino Leal..... *p.235*
MARQUES DE MELO, José; Assis, Francisco de (Orgs.). **Gêneros Jornalísticos no Brasil.** São Bernardo do Campo: Editora Metodista, 2010. 331p.

Seção II - Midiologia

2.1 Sincrônica

Gênero latino-americano
Ofelia Elisa Torres Morales .....*p. 247*
MARQUES DE MELO, José. **As Telenovelas da Globo:** Produção e Exportação. São Paulo, Summus Editorial, 1988.

Estetoscópio comunicacional
Arquimedes Pessoni *p.271*
MARQUES DE MELO, José; EPSTEIN, Isaac; SANCHES, Conceição (Orgs.); BARBOSA, Sérgio (Org.). **Mídia e Saúde**. Adamantina: FAI, 2001.

Na terra dos bandeirantes
Marília Saveri .....*p. 283*
MARQUES DE MELO, José; ADAMI, Antônio (Orgs.). **São Paulo na idade mídia**. São Paulo: Arte e Ciência, 2005. 380 p.

Uma anatomia das religiões no Brasil
Sandra Pereira Tosta.....*p. 293*
MARQUES DE MELO, José. GOBBI, Maria Cristina. ENDO, Ana Claudia Braun (Orgs.). **Mídia e Religião na sociedade do espetáculo**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2007. 302p.

2.2 Diacrônica

Olhares plurais
Severino Alves Lucena Filho; Suelly Maux *p.301*
MARQUES DE MELO, José; PERUZZO, Cicilia M. Krohling; KUNSCH, Waldemar Luiz (Orgs.). **Mídia, regionalismo e cultura.** São Bernardo do Campo: UMESP; Passo Fundo: UFP, 2003.

As origens da comunicação paulista
Gisely Valentim Vaz Coelho Hime.....*p. 307*
MARQUES DE MELO, José (Org.). **Os Bandeirantes da Idade Mídia**, São Paulo: INTERCOM e Editora Angelara, 2007.

O olhar inaugural
Ana Silva Lopes Davi Médola .....*p. 317*
MARQUES DE MELO. José. **Televisão brasileira**: 60 anos de astúcia, ousadia, reinvenção. São Bernardo do Campo: Cátedra UNESCO/Metodista, 2010.

Diálogo possível
Fernando Oliveira Paulino..... *p.331*
MARQUES DE MELO, José**. Brasil democrático:** Comunicação e Desenvolvimento. Brasília: IPEA, 2011. 210p

Idade mídia nas Alagoas
Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros *p.337*
MARQUES DE MELO, José. **Alagoas na idade mídia**. Maceió, VIVA Editora e Livraria, 2013.

2.3 Comparada

Um filão de ouro para pesquisa
Sonia M. Bibe Luyten ..... *p. 341*
CENTRO DE PESQUISAS DA COMUNICAÇÃO SOCIAL. Conteúdo das revistas em Quadrinhos no Brasil. **Revista Vozes**. Petrópolis: Vozes, nº 7. julho de 1969.

Caminhos percorridos
Maria Alice Campagnoli Otre *p.353*
MARQUES DE MELO, José; GOBBI, Maria Cristina; BRUM, Eron; LINHARES, Gladis; BRITTO, Cláudia (Orgs). **Comunicação, Região & Desenvolvimento**.
Campo Grande: UNIDERP, 2004. 250p.

Um guia para estudantes de graduação
Aline Strelow *p.365*
MARQUES DE MELO, José. **Midiologia para iniciantes:** uma viagem coloquial ao planeta mídia. Caxias do Sul: Educs, 2005.

Sete mulheres do campo da comunicação: inspiradoras da sabedoria e do conhecimento
Ivone de Lourdes Oliveira ..... *p. 377*
MARQUES DE MELO, José; Assis, Francisco de (Orgs.). **Valquírias Midiática**: Saga de sete Amazonas, Ícones da Vanguarda Brasileira no Campo Acadêmico da Comunicação. São Paulo: Arte & Ciência, 2010.

O mapa da mídia cidadã
Cristina Schmidt ..... *p. 383*
MARQUES DE MELO, José (Org.). **Mídia Cidadã**: Utopia Brasileira. São Bernardo do Campo: Editora UMESP, 2006. 247p.

Para entender o caráter comunicacional (e multicultural) Ibero-americano
Cosette Castro; Fernanda Andrade ..... *p. 401*
MARQUES DE MELO, José. **Comunicación Multiculturalm en Iberoamérica** – Historia contextual y teoria comparada**.** São Paulo: Cátedra da Comunicação da UNESCO/Metodista, 2010. 137 p. *Ebook*.

Sinais da maturidade: diálogo construtivo
Adriana Cristina Omena dos Santos;
Gerson de Sousa;
Mirna Tonus *p.411*
MARQUES DE MELO, José e KUNSCH, Margarida Maria Krohling**. Comunicação Ibero-americana**: sistemas midiáticos, diversidade cultural, pesquisa e pós-graduação. São Paulo: CONFIBERCOM, ECA/ USP, SOCICOM, 2012.

Volume 2: Teoria e Pedagogia da Comunicação

Seção I – Teoria da Comunicação

1.1 Processos

No princípio era a pesquisa em comunicação
Dimas A. Künsch *p.17*
MARQUES DE MELO, José. **A pesquisa em comunicação**: origens, evolução, tendências. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 1968.

Comunicação e participação social
Cibele Buoro *p.29*
MARQUES DE MELO, José. **Subdesenvolvimento, urbanização e comunicação**. Petrópolis: Vozes, 1976.

Registrando as raízes
Pedro Gilberto Gomes..... *p.*41
MARQUES DE MELO, José (Org.). **Comunicação/ Incomunicação no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1976. 207p

Universo em três dimensões
Maria das Graças Targino..... *p.47*
MARQUES DE MELO, José. **Comunicação, opinião, desenvolvimento**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1979. 82 p.

A pesquisa em comunicação no Brasil não tem olhos azuis
Filomena Maria Avelina Bomfim *p.55*
MARQUES DE MELO, José (Org.). **Pesquisa em Comunicação no Brasil**: Tendências e Perspectivas. São Paulo: Editora Cortez/CNPQ, 1983.

Os processos da comunicação e a conjuntura política
Cristina Giacomo..... *p.73*
MARQUES DE MELO, José (Coord.). **Teoria e pesquisa em Comunicação**: panorama latino-americano. São Paulo: Cortez e INTERCOM; Brasília: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, 1983.

A mediação comunicacional nos espaços políticos
Rose Mara Vidal de Souza *p.83*
MARQUES DE MELO, José. **Comunicação:** teoria e política. São Paulo: Summus, 1985.

Comunicação em tempos de transição
Antonio de Andrade *p.89*
MARQUES DE MELO, José (Org.). **Comunicação e Transição Democrática**. 1ª. ed. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1985. 280p

Para um sistema democrático de comunicação
Paula Casari Cundari..... *p.101*
MARQUES DE MELO, José. **Comunicação**: Direito à Informação. Campinas: Editora Papirus, 1986, p. 152.

Olhar perspicaz de um ator participante
Graça Caldas *p.109*
MARQUES DE MELO, José. **História Política das Ciências da Comunicação.** Rio de Janeiro: Ed. Mauad X, 2008. 221p.

Relatos verdadeiros emocionam e fazem pensar
Osvando J. de Morais ..... *p. 121*
MELO, José Marques de. **A batalha da comunicação**. Sorocaba, SP: EDUNISO; PROVOCARE, 2008.

Capitalismo, comunicação e democracia no Brasil
Anita Simis *p.127*
MARQUES DE MELO, José. **Os Caminhos Cruzados da Comunicação**: política, economia e cultura. Paulus: São Paulo, 2010.

Guardando o que merece ser salvo
Juliano Domingues-da-Silva *p.131*
MARQUES DE MELO, José (Org.); MORAIS, O. J. (Org.). **Vozes da democratização e cidadania**: A polêmica global-local. São Paulo: INTERCOM, 2011.

1.2 Métodos

Comunicação social – teoria e pesquisa: quase meio século de uma obra pioneira1
Waldemar Luiz Kunsch *p.141*
MARQUES DE MELO, José. **Comunicação social** – teoria e pesquisa. Petrópolis: Vozes, 1970. 318 p.

Transitando entre ambientes: acadêmico e de mercado
Fábio Gonçalves Ferreira..... *p.157*
MARQUES DE MELO, José. **Reflexões sobre temas de comunicação.** Série Comunicações. São Paulo: EDUSP, 1972.

Comunicação e difusão de inovações no Brasil
Raquel Paiva..... *p.163*
MARQUES DE MELO, José (Org.). **Comunicação, Modernização e Difusão de Inovações no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 1978. 252p.

Conhecendo e trilhando o caminho da comunicação
Joana T. Puntel *p.175*
MARQUES DE MELO, José. **Comunicação & Libertação**. Petrópolis: Vozes, 1981.

Necessidade de comunicar com um público mais amplo
Guilherme Moreira Fernandes..... *p.183*
MARQUES DE MELO, José. **Telemania, anestésico social**. São Paulo: Loyola, 1981. 95p.

Desconstruir o mito e seguir em frente
Eliane Mergulhão Dias..... *p.191*
MARQUES DE MELO, José. (Org.). **Ideologia, Cultura e Comunicação no Brasil**. São Bernardo do Campo: Instituto Metodista de Ensino Superior: Cortez, 1982.

Inquietações, provocações e reflexões
Ieda Cistina Borges *p.201*
MARQUES DE MELO, José. **Para uma Leitura Crítica da Comunicação**. São Paulo: Edições Paulinas, 1985. 123 p.

A vida espanhola no ano de 1988
Ruth Vianna *p.213*
MARQUES DE MELO, José. **Espanha:** Sociedade e Comunicação de Massa. São Paulo: Editora Summus, 1989. 124 p.7

Ideias, conceitos e ideais
Marinalva Carlos Barbosa..... *p.221*
MARQUES DE MELO, José (Org.). **Fontes para o estudo da comunicação**. São Paulo: INTERCOM, 1995.

Conhecer a história da comunicação sem regionalismos reducionistas
Rosa Maria Cardoso Dalla Costa *p.229*
Marques de Melo, José. **Teoria da comunicação**: paradigmas latino-americanos. Petrópolis, RJ: editora Vozes, 1998.

Entre homens e mitos: um olhar sobre Jesús Martín-Barbero
Simone Tuzzo.....*p. 243*
MARQUES DE MELO, José; DIAS, Paulo da Rocha (Org.). **Comunicação,**

cultura, mediações: o percurso intelectual de Jesús Martín-Barbero. São Bernardo do Campo: UMESP – Cátedra UNESCO de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 1999. 216p.

Sonhar e ousar
Magali do Nascimento Cunha *p.251*
MARQUES DE MELO, José; GOBBI, Maria Cristina; KUNSCH, W. (Orgs.). **Matrizes Comunicacionais Latino-Americanas - Marxismo e Cristianismo**. São Bernardo do Campo: EdiUMESP, 2002. 271p.

Utopia e realidade
Elizeu C. Lira *p.261*
MARQUES DE MELO, José. **Comunicação Eclesial**: Utopia e Realidade. São Paulo: Paulinas, 2005. 159p.

1.3 Pensamento

Personagens que marcaram a trajetória da midiologia
Karina Janz Woitowicz.....*p. 271*
MARQUES DE MELO, José. **História do pensamento comunicacional.** São Paulo: Paulus, 2003.

Denúncia, ação: pensamento e crítica
Márcia FurtadoAvanza *p.287*
MARQUES DE MELO, José; Gobbi, Maria Cristina (Org.). **Pensamento Comunicacional Latino-Americano**: da pesquisa-denúncia ao pragmatismo utópico. São Paulo: UMESP, 2003. 352p.

Para desvendar os enigmas do nosso tempo
Francisco de Assis .....*p. 299*
MARQUES DE MELO, José. **A esfinge midiática**. São Paulo: Paulus, 2004.

Utopias 'reais'
Maria Cristina Gobbi..... *p.311*
MARQUES DE MELO, José. **Entre el saber y el poder**: pensamiento comunicacional Latinoamericano. México: UNESCO, 2007. 386 p.

Complexidade, mobilidade e criatividade
Betânia Maciel *p.327*
MARQUES DE MELO, José (Org.); GOBBI, Maria Cristina (Org.); HEBERLÊ, Antônio Luiz Oliveira (Org.). **A Diáspora Comunicacional que se fez escola Latino-Americana**. São Bernardo do Campo: Editora UMESP, 2008.

Avanços folkcomunicacionais na sociedade midiatizada
Osvaldo Meira Trigueiro..... *p.333*
MARQUES DE MELO, José; TRIGUEIRO, Osvaldo Meira (Orgs.). **Luiz Beltrão:** pioneiro das ciências da comunicação no Brasil. João Pessoa: Editor Universitária da UFPB; INTERCOM, 2008.

Pilares para uma comunicação de qualidade
Clarissa Josgrilberg Pereira..... *p.347*
MARQUES DE MELO, José. **A metamorfose da comunicação do século XXI.** São Paulo: INTERCOM, 2011

Marques de Melo & Jorge Fernandez: ciudadanos del mundo
Esmeralda Villegas.....*p. 359*
MARQUES DE MELO, José. **Jorge Fernández:** Artífice del Pensamiento Comunicacional Latinoamericano. Quito: Editorial "Quipus"- CIESPAL, 2012. 278p.

"Em algum lugar do futuro": comunicação e desenvolvimento: para quem?
Antonio Adami .....*p. 369*
MARQUES DE MELO, José; GONÇALVES, Elizabeth; BIZELLI, José Luis (Orgs.). **Comunicação para o desenvolvimento** – pensamento e ação. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. 344 p.

O incansável militante da comunicação Brasileira
Joaquim Sucena Lannes.....*p. 389*

Seção II – Pedagogia da Comunicação

2.1 Estratégias

Trilhas Pedagógicas: Herança Beltraniana
Eduardo Amaral Gurgel.....*p. 399*
MARQUES DE MELO, José. **Contribuições para uma pedagogia da comunicação**. São Paulo: Paulinas, 1974.

Contribuir para as mutações educativas
Juçara Brittes.....*p. 415*
MARQUES DE MELO, José. **Comunicação e Modernidade**: O Ensino e a Pesquisa nas Escolas de Comunicação. São Paulo: Loyola, 1991.

2.2 Modelos

Pedagogia da diversidade
Maria do Socorro Veloso.....*p. 425*
MARQUES DE MELO, José (Org.). **Pedagogia da comunicação:** Matrizes brasileiras. 1. ed. São Paulo: Angellara, 2006. 312p

Cartografia de um campo polarizado
Iluska Coutinho *p.435*
MARQUES DE MELO, José. (Org.) **O campo da comunicação no Brasil.** Rio de Janeiro: Vozes: 2008.

Aprender, refletir, discutir, prosseguir
Daniela Otta *p.447*
MARQUES DE MELO, José (Org.); MORAIS, O. J. (Org.). **Vozes de Resistência e Combate**: O Legado Crítico da Comunidade Acadêmica. São Paulo: INTERCOM, 2010.

"O sertanejo é, antes de tudo, um forte"
Maria Érica de Oliveira Lima.....*p. 453*
MARQUES DE MELO, José. **Cidadania Glocal – identidade Nordestina**: Ética da Comunicação na era da Internet. Campina Grande: Latus, 2011. 108 p.

2.3 Paradigmas

Pensamento comunicacional latino-americano: pioneirismo e contribuições
Ranielle Leal Moura.....*p. 463*
MARQUES DE MELO, José; GOBBI, Maria Cristina; MARÇOLA, Rosangela (Orgs.). **Do jornalismo à comunicação**: 50 anos de estudos midiáticos na América Latina. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

Pertinente, possível e oportuno
Valquíria Aparecida Passos Kneipp .....*p. 473*
MARQUES DE MELO, José. (Org.). **Pensamento Comunicacional Uspiano:** Raízes Ibero-americanas da Escola de Comunicações Culturais (1966-1972). Volume 1. São Paulo: ECA/USP; SOCICOM, 2011.

Vozes rebeldes nos anos de chumbo
Sônia Jaconi.....*p. 495*
MARQUES DE MELO, José. **Pensamento Comunicacional Uspiano**: ideias que abalaram os alicerces da ECA-USP. São Paulo: INTERCOM, 2011. 360p.

Um legado às gerações futuras
Virgínia Salomão.....*p. 501*
MARQUES DE MELO, José (Org.); DALLA COSTA, R.M (Org.); FONSECA, J. (Org.). **Paradigmas brasileiros em ciências da comunicação**. São Paulo: INTERCOM, 2012. v. 5. 588p.

Seção III - Folkcomunicação

3.1 Ideias

Abre-alas folkcomunicacional
Iury Parente Aragão..... *p.513*
MARQUES DE MELO, José (Org.). **Folkcomunicação.** São Paulo: ECA/USP, 1971. n.p.

Comunicação e classes subalternas nos anos 1970/80: não tínhamos papas na língua
Cicilia M. Krohling Peruzzo *p.521*
MARQUES DE MELO, José (Coord.). **Comunicação e classes subalternas**. São Paulo: Cortez, 1980. 203 p.

Mídia e cultura popular: fonte contemporânea
Iury Parente Aragão *p.533*
MARQUES DE MELO, José. **Mídia e cultura popular**: história, taxionomia e metodologia da Folkcomunicação. São Paulo: Paulus, 2008.

3.2 Lugares

O natal na mídia
Rosa Nava..... *p.543*
MARQUES DE MELO, José (Org.). **De Belém a Bagé:** imagens midiáticas do Natal Brasileiro. São Bernardo do Campo: Editora UMESP, 1998.

Novos caminhos e perspectivas
Maria Isabel Amphilo *p.557*
MACIEL, Betânia; MARQUES DE MELO José; OLIVEIRA LIMA, Maria Érica de (Org.). **Território da folkcomunicação**. Natal: UFRN, Departamento de Comunicação Social, 2001.

Mediações comunicacionais
Sérgio Barbosa .....*p. 565*
MARQUES DE MELO, José. (Org.). **Mídia e folclore:** o estudo da folkcomunicação segundo Luiz Beltrão. Paraná: Faculdades Maringá/ Cátedra UNESCO/UMESP, 2001.

Nunca silenciar o compromisso
Orlando Maurício de Carvalho Berti..... *p.569*
MARQUES DE MELO, José; JACONI, Sonia. (Org.). **Luitgarde – Uma Voz dos Silenciados.** São Paulo: INTERCOM, 2011.

Volume 3: Comunicação, Universidade e Sociedade

Seção I – Disseminação científica

Iniciação científica em Jornalismo: o trabalho pioneiro
Fátima Feliciano..... *p.17*
MARQUES DE MELO, José. **A crônica policial na imprensa do Recife.** Recife: ICINFORM, 1965.

Ideologia e poder no ensino de Comunicação
Adriana C. Omena Santos; Mirna Tonus..... *p.25*
FADUL, Anamaria; MARQUES DE MELO, José; LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. **Ideologia e poder no ensino de comunicação**. São Paulo: Editora Cortez & Moraes, 1979, 294p.

Retratos de jornalistas: da convicção à ação
Alexandra Fante Nishiyama..... *p.33*
MARQUES DE MELO, José; SILVA, Carlos Eduardo L. da. **Perfis de Jornalistas**. São Paulo: FTD, 1981. 150p.

O intervalo radical
Francisco Rüdiger *p.45*
MARQUES DE MELO, José. **Populismo e comunicação.** São Paulo: Cortez, 1982. 218p.

Impasses e desafios mais atuais do que nunca
Nair Prata..... *p.53*
MARQUES DE MELO, José (Org.). **Ensino de comunicação no Brasil**: impasses e desafios. São Paulo: ECA-USP, 1987. 113p.

Cal e canto: O papel da comunicação para a integração Ibero-Americana
Ruth Penha Alves Vianna..... *p.61*
MARQUES DE MELO, José. **Ibero-América, integração e Comunicação - Extremadura Enclave 92**. São Paulo: ECA/USP. 1990, 77p.

Comunicação Mundo: Semelhanças e Diferenças na Midiologia
Betania Maciel *p.75*
MARQUES DE MELO, José. **Comunicação Comparada:** Brasil e Espanha, São Paulo: Loyola, 1990.

Propaganda e Sociedade: uma relação em construção
Maria Helena Almeida de Oliveira *p.83*
MARQUES DE MELO, José. **Propaganda e sociedade**: o positivo e o negativo. São Paulo: ESPM/IAEC, 1991. 47p.

Comunicação brasileira no contexto da América Latina
Ofelia Elisa Torres Morales *p.95*
MARQUES DE MELO, José. **Comunicación latinoamericana, desafíos de la investigación para el siglo XXI**. São Paulo: ALAIC, 1992. 351p.

O pensamento comunicacional brasileiro no contexto da comunidade científica internacional
Monica Martinez. *p.105*
MARQUES DE MELO, José (Ed.). **Communication and Democracy:** Brazilian Perspectives**.** São Paulo: ECA/USP, 1991 248p.
MARQUES DE MELO, José (Ed.). **Communication for a New World:** Brazilian Perspectives**.** São Paulo: ECA/USP, 1993. 383p**.**

Diálogos entre teoria e prática da Divulgação Científica
Danielle Tavares Teixeira..... *p.115*
MARQUES DE MELO, José. **Teoria da Divulgação Científica.** São Paulo: ECA-USP, 1992.

Incentivo aos novos pesquisadores e preocupação com o resgate histórico
Doris Fagundes Haussen *p.125*
MARQUES DE MELO, José; RAHDE, Maria Beatriz F. (Org.). **Memória das Ciências da Comunicação no Brasil** - o grupo gaúcho. Porto Alegre: Edipucrs, 1997, 286p.

Comunicação e América Latina: o protagonismo das instituições pioneiras
Sônia R. Schena Bertol..... *p.129*
MARQUES DE MELO, José; GOBBI, Maria Cristina (Organizadores). **Gênese do pensamento comunicacional latino-americano:** o protagonismo das instituições pioneiras CIESPAL, ICINFORM, ININCO. São Bernardo

do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, Cátedra UNESCO de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 1999, 304p.

A Comunicação pela perspectiva do Centro-Oeste Brasileiro
Simone Antoniaci Tuzzo *p.137*
MARQUES DE MELO, José & DUARTE, Jorge (Orgs.). **Memórias das Ciências da Comunicação no Brasil:** os grupos do Centro-Oeste.Brasília: UniCEUB, 2001. 352p.

Educomunicação: abordagem dos estudos de Mário Kaplún
Milena de Jesus Cardinal *p.145*
MARQUES DE MELO, José et al. (Org.). **Educomídia alavanca da cidadania**: o legado utópico de Mario Kaplún. São Bernardo do Campo: Cátedra UNESCO: Universidade Metodista de São Paulo, 2006. 247p.

Referência teórica na prática diária da generosidade
Felipe Pena *p.153*
MARQUES DE MELO, José. **Teoria do jornalismo:** identidades brasileiras. São Paulo: Paulus, 2006. 278p.

Mídia & Educação: espaços de cidadania
Helena Corazza *p.157*
MARQUES DE MELO, José; TOSTA, Sandra Pereira. **Mídia & Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 112 p.

Do Sertão para o Mundo ao Mundo no Sertão
Rodrigo Gabrioti *p.167*
MARQUES DE MELO, José; GAIA, Rossana. (Orgs.). **Sertão Glocal – Um mar de ideia brota às margens do Ipanema**. Maceió: EDUFAL, 2010. 389 p.

Sobre liberdade, segurança, fragmentos e pluralidade
Marcos Paulo da Silva *p.175*
MELO, José Marques de (Org.). **Pensamento Comunicacional Uspiano:** impasses mundializadores na Escola de Comunicações e Artes (1973-2011). Volume 2. São Paulo: SOCICOM e ECA-USP, 2011.

Uma (re)visitada ao legado Beltraniano
Lawrenberg Advíncula da Silva *p.185*
MELO, José Marques de (Org). **Fortuna crítica de Luiz Beltrão – Dicionário**

Bibliográfico / São Paulo: INTERCOM, 2012. Coleção Beltranianas; vol.1. 274p

Uma obra de fôlego para a Disciplina Folkcomunicação
Guilherme Moreira Fernandes; Júnia Martins..... p.199
MARQUES DE MELO, José; FERNANDES, Guilherme Moreira (Orgs.). **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013. 1100p.

Percepções acerca do livro Pensar e Comunicar a América Latina
Ricardo José Oliveira Ferro p.211
GOBBI, Maria Cristina; MARQUES DE MELO, José; VENTURA, M. S. (Orgs.). **Pensar e Comunicar a América Latina.** São Paulo: INTERCOM/ UNESCO/UMESP (PPGCOM), 2013. 406 p.

Seção II - Gestão acadêmica

Para além das Formas e Conteúdos: a percepção do Jornalismo na análise de um estudioso pioneiro
Ana Carolina Rocha Pessôa Temer..... p.221
MARQUES DE MELO, José. Temas e conceitos básicos do livro **Relatórios do Departamento de Jornalismo e Editoração/Catálogo de Editoração dos Textos 1972.** Escola de Comunicação e Artes/USP-SP. São Paulo: USP, 1968- 1972.

Pioneirismo no jornalismo laboratorial
Clarissa Josgrilberg Pereira..... p.231
MARQUES DE MELO, José; LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. **Jornalismo laboratorial na Universidade de São Paulo:** projetos pioneiros. Série Ensino – Comunicação Jornalística e Editorial. São Paulo: 1987.

Alicerçando o Jornalismo para edificar a Comunicação
Eduardo Meditsch..... p.239
USP. Escola de Comunicações Culturais. **Boletim do Departamento de Jornalismo**. Ano I, nos. 1 a 3/1968; Ano II, nos. 4 a 6/1969.
USP. Escola de Comunicações e Artes. **Guia Departamento de Jornalismo e Editoração.** 1971.
USP. Escola de Comunicação e Artes. **Catálogo de Pós-Graduação: Mestrado e Doutorado Jornalismo**.1992.

Desafio na década 'perdida': reconstruir – ECA-USP (1989)
Maria Cristina Gobbi..... *p.249*
MARQUES DE MELO, José. **Reconstruir a ECA-USP-89**. São Paulo: ECA-USP, 1989.

Ensino e mercado: uma união possível na formação jornalística
Mirella Arruda Pessoa..... *p.257*
MARQUES DE MELO, José; COELHO SOBRINHO, José (Orgs.). **Formação dos Jornalistas na Universidade**: desafios para a década de 90. São Paulo: ECA/USP, 1990. 56 p.

Freitas Nobre: o homem dos sete instrumentos
Paulo da Rocha Dias..... *p.267*
MARQUES DE MELO, José (Org). **Freitas Nobre.** São Paulo: ECA-USP, 1991. 62p.

Caminhos cruzados: ECA-USP e Marques de Melo
Maria Cristina Gobbi..... *p.275*
MARQUES DE MELO, José. **Balanço de uma gestão** – ECA-USP – 1989-1992. São Paulo: ECA-USP, 1992.

Nuvens em remoto mês de agosto
Victor Aquino..... *p.283*
MARQUES DE MELO, José (Org.). **ECA/USP**: transição para a modernidade. São Paulo: ECNUSP, 1992.

Seção III - Organização didática

Perspectivas teórico-metodológicas dos estudos em jornalismo nos anos de 1960/70
Janete de Páscoa Rodrigues..... *p.295*
MARQUES DE MELO, José. (Coord.). **Curso de jornalismo comparado.** Série jornalismo e editoração. Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo - Circulação restrita, São Paulo, 1970. 300 p.

E o que vai ficar na fotografia?
Ariadne Bianchi..... *p.303*
MARQUES DE MELO, José. **Fotografia e Jornalismo.** São Paulo: ECA-USP, 1971.

A leitura de um povo, de um tempo
Kleber Mazziero de Souza *p.311*
MARQUES DE MELO, José. **Normas de redação de cinco jornais brasileiros**. São Paulo: ECA-USP, 1972. 96p.

A Igreja rumo à vida, e vida com comunicação
José de Sá..... *p.319*
MARQUES DE MELO, José. **Igreja, Empresa e Comunicação**. São Bernardo do Campo: IMS, 1984.

O papel social do jornalismo na democracia contemporânea
Tyciane Cronemberger Viana Vaz..... *p.329*
MARQUES DE MELO, José; GOLDENBERG, José (Orgs). **Direito à Informação, Direito de Opinião.** São Paulo. ECA-SUP, 1990.

Um mestre, perguntas inquietantes, uma obra nascida em sala de aula
Maria Ataide Malcher;
Fernanda Chocron Miranda;
Suzana Cunha Lopes *p.339*
MARQUES DE MELO, José (Org.). **Desafios da Pesquisa Latino-Americana de Comunicação**. São Paulo: ECA-USP, 1990. 56p.

A integração das pesquisas em Comunicação na América Latina
Alfredo Dias D'Almeida..... *p.349*
MARQUES DE MELO, José. **Comunicación en Brasil:** global, nacional y regional. Ciudad de México: Cátedra Unesco de Telecomunicaciones y Sociedade/ Universidad Iberoamericana, 1996.

Uma Comunicação para todos: revisitando o MERCOSUL dos anos 90
Maria Amélia Miranda Pirolo..... *p.359*
MARQUES DE MELO, José; LOPES, Maria Immacolata V. de (Orgs.). **Políticas regionais de comunicação**: os desafios do MERCOSUL. Londrina: Editora da UEL, 1997. 351p.

Desafios do diálogo panamericano
Maria Alice Campagnoli Otre..... *p.367*
MARQUES DE MELO, José, NAVA, Rosa Maria (Orgs.). Comunicação nas Américas: o diálogo Sul - Norte. Edição especial de Leopoldianum - **Revista de Estudos e Comunicações da Universidade Católica de Santos**. Santos: Unisantos, a.1, n.1, set. 1998.

Estratégias de escolha: a primeira pós-graduação em Comunicação Social de Mato Grosso do Sul
Cristina Ramos; Oswaldo Ribeiro *p.377*
MARQUES DE MELO, José (Org.). **Introdução às Ciências da Comunicação** (Compilação de Textos/Apostila/Disciplina). Campo Grande: UCDB, 1997.

Entusiasta e guerreiro da construção do pensamento comunicacional brasileiro
Ariane Pereira *p.387*
MARQUES DE MELO, José; CASTELO BRANCO, Samantha (Orgs.). **Pensamento comunicacional brasileiro –** O grupo de São Bernando. São Bernardo do Campo: UMESP, 1998. 636 p.

Vanguarda no Pensamento Comunicacional
Andréa Cristiana Santos *p.395*
MARQUES DE MELO, José; CASTELO BRANCO, Samantha (Orgs.). **Pensamento Comunicacional Brasileiro**: o Grupo de São Bernardo. São Bernardo do Campo: UMESP, 1998.

Beltrán e a democracia através da comunicação
Lana Cristina Nascimento Santos *p.403*
MARQUES DE MELO, José; BRITTES, Juçara (Orgs.). **A trajetória comunicacional de Luis Ramiro Beltrán.** São Bernardo do Campo: UMESP, 1998.

O cenário paulista das pesquisas em comunicação no ano de 2004
Marcos Corrêa *p.407*
MARQUES DE MELO, José; ADAMI, Antônio (Orgs.). **São Paulo na idade mídia**. São Paulo: Arte & Ciência Editora, 2004, 378p.

Para construir uma Sociedade da Informação menos mercantilizada e mais cidadã
Virgínia Salomão..... *p.415*
MARQUES DE MELO, José, SATHLER; Luciano (Orgs.). **Direitos à Comunicação, Direitos da Informação.** São Bernardo do Campo: UMESP, 2005.

Pensamento comunicacional latino-americano na sociedade do conhecimento
Marília Saveri *p.423*
GOBBI, Maria Cristina; MARQUES DE MELO, José; TARSITANO,

Paulo Rogério; SATHLER, Luciano, (Orgs.). **Sociedade do Conhecimento:** aportes latino-a**mericanos**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2005. 250p.

Produções multiplicadas, saberes compartilhados
Luiz Alberto de Farias *p.431*
MARQUES DE MELO, José; PAIVA, Raquel (Orgs.). **Ícones da Sociedade Midiática** – da aldeia de McLuhan ao planeta de Bill Gates. São Paulo: INTERCOM/Mauad X, 2007.189p.

Comunicação e Educação: o diálogo das gentes
Maria Tereza Mazziero de Souza *p.437*
MARQUES DE MELO, José. **Unescom - Comunicação sem fronteiras:** Paulo Freire. São Paulo: Editora Metodista, 2007.

Camarões e lulas gigantes
Daniel Castro *p.447*
MARQUES DE MELO, José (Org). **Caleidoscópio chinês:** comunicação, educação e turismo na Nova China. INTERCOM; Sorocaba: Eduniso / Provocare, 2008. 265p.

Farol beltraniano para o ensino do jornalismo no Brasil
Francisco Rolfsen Belda *p.457*
MARQUES DE MELO, José; VIDAL, Rose; AMARAL, Eduardo (Orgs). **Metodologia do ensino de jornalismo Luiz Beltrão**. Coleção Beltranianas. v.3. São Paulo: INTERCOM, 2012. 185p.

Seção IV – Supervisão Editorial

A diversão como gênero jornalístico
Francisco de Assis *p.469*
MARQUES DE MELO, José (Ed.). **Jornalismo diversional**. São Paulo: ECA-USP, 1971.

Jornalismo no início da década de 70: reflexões pela renovação do ensino e da pesquisa acadêmica
Patricia Bieging..... *p.485*
MARQUES DE MELO, José (Coord.). **O Ensino de Jornalismo**: documentos da IV Semana de Estudos de Jornalismo. São Paulo: Editora Comunicação e Artes ECA/USP, 1972. 244 p.

O Jornalismo de hoje, é o jornalismo de ontem adaptado
Tatiane E. M. de Carvalho *p.495*
MARQUES DE MELO, José; GALVÃO, Waldimas (Orgs.). Jornalismo no Brasil Contemporâneo. São Paulo: ECA-USP, 1984.

Cátedra UNESCO e a defesa das identidades culturais
Luís Erlin Gomes Gordo *p.501*
MARQUES DE MELO, José (Coord**.). Identidades Culturais Latino Americanas – Em Tempos de Comunicação Global**. São Bernardo do Campo: Cátedra UNESCO, 1996. 160 p.

A mídia em debate pelo Brasil afora
Eduardo Amaral Gurgel..... *p.511*
MARQUES DE MELO, José; GOBBI, Maria Cristina; SANCHES, Conceição; PARISOTO, Gilson João. (Orgs.). **Mídia em debate:** da história midiática às mediações da ciência. Universidade Metodista de São Paulo, Cátedra UNESCO/UMESP de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, Faculdades Adamantinenses Integradas, Adamantina: São Paulo, 2002.

Mídia regional na era da globalização
Tancy Costa Mavignier..... *p.523*
MARQUES DE MELO, José; SOUSA, Cidoval Morais de; GOBBI, Maria Cristina (Orgs.). **Regionalização midiática**. Estudos sobre Comunicação e Desenvolvimento Regional. Rio de Janeiro: Sotese, 2006. 365 p.

Para entender a nossa sociedade digital
Francisco Machado Filho..... *p.529*
MARQUES DE MELO, José; MORAIS, Osvando J. de (Orgs.). **Mercado e comunicação na sociedade digital**. São Paulo: INTERCOM, 2007.

O fim da mordaça, da síndrome que a nutriu e do raio que as parta para sempre
José Amaral Argolo *p.537*
José Marques de Melo (Org). **Síndrome da Mordaça** – Mídia e Censura no Brasil. São Bernardo do Campo: Editora Metodista, 2007, 303 p.

Um triênio catalisador na história da INTERCOM
José Carlos Marques *p.551*
MARQUES DE MELO, José & QUEIROZ, Adolpho (Orgs). **Unidade e diversidade na comunicação**. São Paulo: INTERCOM, 2008. 72 p.

Televisão, história e sociedade em perspectiva científica
Roberto Gondo Macedo *p.559*
MARQUES DE MELO, José; GOBBI, Maria Cristina. **Televisão na América Latina 1950-2010**: pioneirismo, ousadia, inventividade. São Bernardo do Campo: Editora Metodista, 2011.

O cenário da comunicação e das telecomunicações no Brasil
Priscila Kalinke da Silva..... *p.567*
MARQUES DE MELO, J.; CASTRO, D.; CASTRO, C. (Orgs). **Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil**. Brasília: IPEA, 2010.
MARQUES DE MELO, J.; CASTRO, D. (Orgs). **Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil**. Brasília: IPEA, 2012.

Por que estudar os gêneros jornalísticos?
Janine Marques Passini Lucht *p.577*
MARQUES DE MELO, José; LAURINDO, Roseméri; ASSIS, Francisco (Org.). **Gêneros jornalís**

O campo comunicacional brasileiro em rede
Juliano Ferreira do Carmo..... *p.589*
MARQUES DE MELO, José & ASSIS, Francisco de (Orgs.). **Anuário Brasileiro das Ciências da Comunicação**. São Paulo: SOCICOM, 2012.
ticos: teoria e práxis. Blumenau: Edifurb, 2012.

Panorama comunicacional do Brasil e do Cone Sul
André Luiz Vasconcelos..... *p.597*
MARQUES DE MELO, José; LIMA, João Cláudio. 4 v. **Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil.** Brasília: IPEA, 2013.